OBRAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

PRECEDIDAS DE UM ENSAIO BIOGRAPHICO

NO QUAL SE RELATAM

ALGUNS FACTOS NÃO CONHECIDOS DA SUA VIDA

PELO

VISCONDE DE JUROMENHA

VOLUME I

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1860

OBRAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

Lisboa, le 14 Janvier 01

Messieurs James Parker & Cie.
Oxford.

Le portrait de Camões faisant partie de la collection de Juromenha, est épuisé. — L'Imprimerie Nationale nous informe qu'il n'est pas possible de trouver un exemplaire de ce portrait, il manquant en tous ses exemplaires.

Agréez, Messieurs, nos salutations empressées.

P. J. Vve Bertrand & Cie
succrs Carvalho & Cie
J. Nobre França

UNION POSTALE UNIVERSELLE

CARTE POSTALE

Messieurs James Parker & Co

Libraires

Oxford.

Côté réservé à l'adresse.

15 JAN. LISBOA

OBRAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

OBRAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

PRECEDIDAS DE UM ENSAIO BIOGRAPHICO

NO QUAL SE RELATAM

ALGUNS FACTOS NÃO CONHECIDOS DA SUA VIDA

AUGMENTADAS

COM ALGUMAS COMPOSIÇÕES INEDITAS DO POETA

PELO

VISCONDE DE JUROMENHA

VOLUME I

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1860

Á NAÇÃO PORTUGUEZA

Adspicite o cives..................
Hic vostrum panxit maxima facta patrum
ENNIUS.

Nunca escriptor algum portuguez se apresentou com tanto direito ao reconhecimento e amor nacional como aquelle que na fórma a mais sublime enfeixou todos os trophéus da gloria portugueza, para lhe levantar o mais colossal monumento. Inspirado por esse livro divino, electrisado por esse evangelho de patriotismo que dimanou d'aquella alma tão portugueza, eu aprendi a amar a minha patria; e aqui protesto com toda a energia que póde prestar a verdade a uma asserção, que não me accusa a consciencia de me ter jámais desviado de um desinteressado culto. E que rasões não temos sobre todos os outros povos da terra para amarmos este nosso querido Portugal? Alimenta-nos uma terra feracissima e vecejante, cobre-nos um céu risonho, um sol vivificante nos aquece e agita a nossa imaginação, e um passado glorioso, que, por excessivamente sublime, quer transpor os limites da verosimilhança, satisfaz o nosso orgulho nacional. Predilectos da Providencia Divina, quantas graças lhe deveriamos

sempre dar por tão multiplicados dons e beneficios, e qual deveria ter sido o nosso empenho em nos amarmos como irmãos os filhos da mesma terra!

No meio das rajadas politicas que têem requeimado as esperanças da patria e lhe têem exhaurido a seiva, separado inteiramente da vida publica, mas devorando-me ao mesmo tempo o desejo de me não tornar inteiramente um cidadão inutil e esteril na sociedade onde nasci, procurei como allivio, ou antes emprego muito agradavel, fazer a autopsia d'esse coração tão portuguez, que ahi exponho ao publico tão palpitante ainda de patriotismo. Possa sempre aquelle fogo sagrado do amor da patria que o abrasou em vida, inflammar os meus prezados conterraneos a acções tão nobres e generosas como aquellas das quaes elle foi tão elevado pregoeiro.

Emquanto a mim, entrado já no outono da vida, alquebrado por affecções physicas e moraes, tenho visto caír uma a uma todas as folhas da esperança: bate-me á porta o inverno, que sepulta em seus regelos todas as illusões da vida; mas no curto horisonte que já se antolha no occaso da existencia, ainda um raio consolador e luminoso vem visitar e esclarecer as trevas que enlutam o coração que ainda bate pela patria, e trazer ahi o derradeiro e suave goso de poder baixar á sepultura com a consciencia de haver consagrado ao meu paiz, com este trabalho tão nacional, o sincero tributo do meu affectuoso amor e dedicação, e poder, guardadas as proporções devidas, repetir com o nosso Poeta:

Eu d'esta gloria só fico contente
Que a minha terra amei e a minha gente.

ADVERTENCIA PRELIMINAR

Entre o copioso numero de nomes historicos e esclarecidos que illustraram Portugal sobresae, com particular brilho e esplendor, o de Luiz de Camões. Como soldado serviu a patria com a espada, apresentando em seu rosto honrosas cicatrizes que abonam o seu valor; como poeta, em cantos inimitaveis, inspirados de ardente patriotismo, e de magestosa, arrebatada e grandiloqua poesia, legou á posteridade as heroicas e gloriosas façanhas dos nossos antepassados, fazendo reflectir sobre a terra que lhe deu o nascimento uma aureola de gloria que eclipsou tudo quanto à historia dos povos apresentava de mais grandioso, e que os seculos futuros nunca poderão extinguir. E na verdade, a quem, se um pouco de sangue portuguez lhe gira pelas veias, deixará de lhe bater o coração com um nobre amor de patria á leitura do seu poema? Quem, ao ler em suas poesias o seu amor mallogrado e infortunios, não dará sequer uma lagrima ao vate infeliz? Quem deixará pois, até onde chegarem as suas forças, de concorrer para illustrar o nome do Poeta extraordinario que, no meio dos maiores revezes e contratempos da vida, emprehendeu e levou ao cabo levantar o monumento da nossa gloria

nacional? É divida sagrada que cabe a todo o portuguez solver, a todo aquelle a quem não é indifferente a honra da patria; paguemos pois nós tambem o nosso feudo de gratidão, e junte-se este nosso pequeno brado ao pregão universal.

Desde os mais verdes annos que as suas poesias foram para nós a mais suave e deleitosa leitura; e este gosto se avivou com a idade, quando nos reputámos mais aptos para poder avaliar as innumeraveis bellezas que as adornam. Cousa alguma reputámos desde logo alheia que podesse ter relação com o grande Poeta, e dobrámos a nossa solicitude e cuidado em inquirir e estudar o maior numero de escriptos que sobre a sua vida e composições se têem emprehendido. Sentindo porém ver quão poucas memorias se tinham offerecido áquelles que se haviam empregado n'estes trabalhos, a nós mesmo fizemos esta interrogativa: «E não será possivel alcançar mais?»—a resposta foi mui simples: experimente-se.

Acobardava-nos entretanto o pouco fructo que haviam colhido os escriptores que nos tinham precedido, e a esterilidade de noticias que haviam encontrado por culpa d'aquelles a quem em tempo opportuno cabia o transmitti-las. Embaraçava-nos ainda mais o trabalho litterario e critico, executado pelo fallecido Bispo de Vizeu, digno ornamento da Igreja Lusitana, do illustre prelado, que, tambem foragido em terra alheia, quiz que o sol da sua patria lhe áquecesse os regelos dos ultimos dias da velhice, e, a exemplo do Poeta, de cuja vida foi historiador, se não contentou sem vir morrer n'ella. Dava-nos não obstante alento, no meio d'estas difficuldades que se nos apresentavam, o empenho e boa vontade de que nos sentiamos animados; incitava-nos um vehemente enthusiasmo, e mais que tudo o desejo de acertar despido de toda a vaidade. E tão isentos d'ella nos sentiamos, que, se fosse vivo o illustre prelado biographo do Poeta, era tenção nossa não só submetter á sua censura este *Ensaio*, porém, se os seus annos e fadigas lhe permittissem refundir o seu antigo trabalho, e elle o quizesse, de boa vontade fariamos sacrificio de qualquer pequena gloria que nos cabe d'estas indagações, para que o publico fosse melhor servido, e o Poeta tivesse

melhor obreiro para lhe levantar mais perduravel e acabado monumento.

A certeza porém de que este nosso trabalho poderia offerecer algum interesse pela novidade de alguns documentos até hoje occultos, e a lembrança de que fariamos algum serviço á litteratura portugueza se com'elles aclarassemos algumas particularidades da vida do Poeta, nos deu afouteza para o publicar, aproveitando ao mesmo tempo este ensejo para darmos tambem o nosso contingente de conjecturas, de que tem de compor-se em parte as biographias do Poeta.

É na verdade muito para lastimar que a maior parte dos seus contemporaneos, e entre estes especialmente Manuel Correia e Diogo do Couto, guardem um tão reprehensivel e ingrato silencio sobre o illustre Poeta seu contemporaneo. Os Commentarios do primeiro nem preenchem litterariamente a expectação do que se esperava do correspondente de Justo Lipsio, nem satisfazem a curiosidade publica pelas noticias que havia direito a exigir de um homem que tratou de tão perto o nosso Poeta, e a quem elle mesmo havia instigado a imprimir o seu Commentario. O Tasso foi mais feliz com o seu Manso, pois não se póde ser mais laconico com as noticias que o commentador portuguez deixou do seu amigo, podendo-as subministrar interessantissimas, especialmente da publicação dos seus Lusiadas e dos ultimos tempos da sua vida, pois era Cura na mesma freguezia onde residiam seus paes. Ainda assim aquellas poucas que nos deixou as reputámos interessantes, e as aproveitámos para desembrulhar as confusas asserções sobre a perseguição que dizem que o Poeta experimentou na India, e que tão confusamente têem tratado quasi todos os biographos.

Diogo do Couto foi, como elle diz, o companheiro[1], mata-

[1] Não posso explicar o laconismo de Diogo do Couto relativamente a Camões, senão porque se dispunha a dar-nos a biographia completa do Poeta nos *Commentarios* que escreveu aos Lusiadas; eis tudo quanto nos diz na Decada VIII sobre o Poeta:

«Em Moçambique achamos aquelle Principe dos Poetas do seu tempo, meo matalote e amigo Luis de Camões, tão pobre que comia de amigos, e para se embarcar para o Reino lhe ajuntamos os amigos toda a roupa que houve mister, e não faltou quem lhe desse de comer, e aquelle inverno que esteve em Moçambique acabou de aperfeiçoar as suas Lusiadas para as imprimir, e foy

lote e amigo de Camões na India; comtudo, sendo ás vezes tão minucioso em narrar as acções de homens vulgares, nada nos diz nas suas Decadas dos feitos militares praticados pelo Poeta nos dezeseis annos que militou na Asia, dando-nos apenas informação, na Decada VIII, do estado de miseria e abandono em que o foi encontrar em Moçambique, do seu regresso para o reino, e da perda do seu Parnaso, reservando-se sem duvida para nos dar noticias mais circumstanciadas nos Commentarios que escreveu sobre os seus Lusiadas.

Pedro de Mariz, Guarda-mór da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, escreveu as noticias que precedem o Commento do Licenciado Manuel Correia, que saíu a publico no anno de 1613, em demasia escassas comtudo para quem escrevia tão proximo do tempo em que floresceu o Poeta, de quem devia ser ainda contemporaneo, pois quatorze annos depois da sua morte, isto é, no de 1594, já publicava pela imprensa os seus Dialogos de Varia Historia. Este escriptor, em rasão da sua naturalidade e relações, era o mais apto para nos dar conta do tempo da frequencia do Poeta na Universidade de Coimbra, onde não só, em rasão do emprego que exercia, poderia extractar a certidão da sua matricula e formatura, mas ainda haver outras noticias de seu proprio pae Antonio de Mariz, que na mesma Universidade exercitava o officio de impressor. Estes documentos biographicos[2] se procuraram a pedido nosso em Coimbra, mas não se poderam já encontrar.

Manuel Severim de Faria, pouco tempo depois, no anno de 1624, publicou uma nova biographia, escripta com melhor critica; mas é forçoso notar-lhe a mesma pouca diligencia

escrevendo muito em hum livro que hia fasendo que intitulava *Parnasso de Luis de Camões,* livro de muita erudição, doutrina e filosofia, o qual lhe furtarão, e nunca pude saber no Reino delle, por muito que o inqueri, e foi furto notavel, e em Portugal morreo este excellente Poeta em pura pobreza.»

[2] Consta-nos que no Archivo da Universidade de Coimbra existem matriculas muito antigas que vão ao tempo da trasladação e registos das formaturas; porém tendo-se ali procurado a do nosso Poeta não se encontrou: parece-me que a publicação d'estes, por ordem chronologica, seriam documentos preciosos para a Bio-bibliographia Nacional. Devem tambem existir no mesmo Archivo theses impressas antigas, pois umas tivemos nas mãos relativas ao anno de 1549: tambem a sua publicação seria bastante interessante para a historia litteraria da Universidade.

nas investigações, em tempo ainda para se fazerem tão opportuno. O seu principal merecimento consiste em ter-se aproveitado das poesias de Camões para derivar a sua biographia, e addiciona-la com alguns novos factos e melhor critica. Podia, principalmente sobre o melhoramento da sepultura, dizer-nos mais alguma cousa, quando estava ainda viva na lembrança de todos a memoria do pequeno tributo de amisade que ás cinzas do amigo consagrára D. Gonçalo Coutinho; porém nem ao menos a visitou, e por isso, fiando-se em Pedro de Mariz, errou o epitaphio, que na edição das Rythmas do anno de 1614, um anno posterior ao Commentario do Licenciado Manuel Correia, saíu correcto, seguindo comtudo o primeiro erro todos os biographos do Poeta. Admira mesmo como um escriptor estimavel, como sem duvida é Manuel Severim de Faria, e que bastante explorou as noticias patrias, se contentou com tão pouco. Poucas esperanças se podem conceber, aindaque appareçam as notas que tinha escripto sobre os Lusiadas, que estas revelem mais alguma cousa, porquanto não foram desconhecidas a Faria e Sousa, que d'ellas se teria aproveitado. Do mesmo auctor existem uns tres tomos de documentos genealogicos, extrahidos da antiga Torre do Tombo antes da sua trasladação; mas infelizmente, vindo ali apontada a familia do Poeta, as paginas onde devia tratar d'elle se encontram em branco.

Manuel de Faria e Sousa quiz preencher a lacuna que deixaram os seus antecessores, e ás suas curiosas investigações devemos muito do que sabemos da vida e escriptos do Poeta. Elle foi, conforme o juizo de um sabio portuguez, muito sagaz nas suas conjecturas, aindaque um pouco preguiçoso em desatar as difficuldades que se lhe offereciam. Ás suas indagações na Casa da India se deve o saber-se ao certo o anno do nascimento de Camões e a epocha em que se alistou para o serviço da India, e á descoberta da Egloga XV o nome da amante. Se tivesse porém solicitado da repartição competente de Goa[3] a fé de officio do Poeta, documento que

[3] Se os biographos que me precederam tivessem recorrido a este meio, teriamos desembrulhada a parte mais interessante da vida do Poeta, o que me parece que estava ao seu alcance, pois tenho lembrança de ver uma fé de officio

hoje não existe ou pelo menos não apparece, teriamos a descripção official de toda a sua vida militar na Asia.

É de todos sem duvida este commentador o mais interessante para se consultar, não só porque traz o que os outros já escreveram, mas pelo assiduo trabalho a que se deu em colligir noticias, tanto escriptas como tradicionaes, de pessoas que conheceram o Poeta: deve-se comtudo examinar com summa cautela, principalmente quando se enthusiasma pelo seu mestre; ou se agasta contra aquelles que reputou seus zoilos e inimigos.

Poucos annos depois, a instancias do Conde da Vidigueira, Embaixador portuguez na côrte de París, verteu novamente para latim os Lusiadas o celebre Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, e lhe addicionou[1] uma biographia em portuguez, que não acrescenta novidade ao anteriormente já escripto.

Do mesmo descuido e negligencia devem ser taxados os editores e traductores coevos, ou que escreveram proximamente á morte do Poeta. O Bispo de Targa Fr. Thomé de Faria, da Ordem dos Carmelitas, que verteu os Lusiadas para latim, e publicou a traducção no anno de 1622, limitou-se a juntar ao seu trabalho algumas breves notas historicas e mythologicas; podendo comtudo ter-nos dado interessantes particularidades, porquanto tinha a provecta idade

de um militar antigo da India, tirada por um seu descendente no reinado de El-Rei D. Pedro II. A do nosso Poeta a fizemos ali procurar, de que se encarregou o Sr. Antonio Julio Taveira, que serviu na magistratura n'aquella possessão portugueza, e hoje fallecido, mas sem resultado. No Archivo da Torre do Tombo existe uma remessa feita do de Goa, mas começa no tempo dos Filippes: tenho idéa (cito de memoria) de ter lido em uma memoria escripta pelo Secretario que foi d'aquelle estado, Claudio Lagrange, que anteriormente a esta remessa tinha sido feita outra de papeis mais antigos, mas que havia a tradição que o navio em que vinham naufragára; seria bom o examinar se estarão em algum canto em alguma administração publica, e procurar com mais certeza que fim tiveram estes interessantes documentos para a historia da Asia. A sua perda nos faz sentir mais a dos *Commentarios* tambem perdidos de Diogo do Couto, pois sendo o fundador e Guarda-mór d'este Archivo, e tendo compulsado os seus documentos, nos daria noticia circumstanciada d'aquelles que se referiam á vida do Poeta seu amigo e companheiro, e de cujo Poema era commentador.

[1] O padre Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo escreveu uma resumida biographia do Poeta em portuguez: pertenceu este manuscripto ao nosso bem conhecido escriptor Antonio Ribeiro dos Santos, e hoje se conserva na Bibliotheca Publica d'esta cidade. Não offerece novidade nem aponta factos novos.

de 82 annos quando publicou a sua traducção, e fôra contemporaneo e testemunha por muitos annos das acções do nosso Poeta, pois tinha nascido no anno de 1542.

Os dois traductores das versões castelhanas, que saíram ambas no anno da morte de Camões (1580), seguiram o mesmo caminho.

A perda de alguns Commentarios e criticas da mesma epocha e do seculo XVII se torna muito sensivel, pois dariam mais luminosa claridade a alguns factos obscuros da vida de Camões. Entre estes se podem contar os Commentarios de Diogo do Couto, que ainda no fim do seculo XVII se conservavam em Evora, os do Prior do Santo Milagre de Santarem, Luiz da Silva de Brito, os de Manuel do Valle de Moura, e as criticas de D. Francisco Rolin de Moura, Senhor da Azambuja, e de Manuel Pires de Almeida. Mas é mais que tudo para deplorar a falta da collecção das Cartas do nosso Poeta, que juntamente com as de Fernão Cardoso se conservavam na escolhida livraria do Conde de Vimieiro, que o fatal terremoto de 1755 reduziu a cinzas, collecção preciosa, e que julgo que, como as do Tasso, versavam sobre a analyse do seu Poema; parecendo incrivel que a Academia de Historia Portugueza se não apressasse a publicar pela imprensa um tão importante descobrimento litterario. Tive algumas esperanças de poder alcançar algumas d'estas Cartas, por me dizer o Sr. Alexandre Herculano que na Bibliotheca Real da Ajuda existia uma collecção de Cartas d'este Fernão Cardoso; porém, indo ali, e tendo elle tido a bondade de me franquear o manuscripto, não pude encontrar nenhuma das do nosso Poeta, vindo aliás algumas de contemporaneos, como de Diogo Sigeo, pae das duas celebres senhoras Luiza e Angela Sigea. Manuel Severim de Faria as viu tambem, mas provavelmente depois da publicação da sua biographia, porque se as conhecêra antes, se teria aproveitado d'este auxilio para o seu trabalho. É possivel que tirasse copia d'ellas, que se conservaria na collecção dos seus manuscriptos; porém, como parte d'esta collecção se perdeu, poucas esperanças se podem conceber de virem a encontrar-se. Parece que estas Cartas não foram desconhecidas ao antigo traductor francez

Duperron de Casterà[5], pois parece alludir a ellas no Prefacio da sua traducção.

O editor da edição vulgarmente chamada jesuitica, de 1584[6], é o primeiro a dar-nos a noticia do naufragio nas poucas e ridiculas notas de que é acompanhada esta mais ridicula edição.

A primeira das Poesias varias ou Rythmas[7], coordenada pelo Licenciado Fernão Rodrigues Lobo Surrupita (1595), só toca de passagem no melhoramento da sepultura do Poeta, ordenado por D. Gonçalo Coutinho. Estas são pouco mais ou menos as noticias que mais se avisinham da epocha em que elle viveu: passemos agora aos biographos do nosso tempo.

O Sr. Bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo, despertado pela publicação da nitida edição do Morgado de Matheus D. José Maria de Sousa Botelho (1817), escreveu uma memoria critica, que se encontra na collecção das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, sobre a vida e escriptos do Poeta, a qual leva a palma a quanto sobre o mesmo assumpto se tinha escripto, pela perspicacia das conjecturas, polido do estylo e boa critica; porém o seu trabalho

[5] Mr. Duperron de Casterà no prefacio da sua traducção se exprime por esta fórma, referindo-se á allegoria do Poema: «Peut-être me reprochera-t-on qu'en voulant denouer le fil de l'allégorie qui regne dans la Lusiade j'ai donné au Camöens des idées qu'il n'a jamais eues; j'avoue que c'est là le défaut ordinaire des commentateurs; mais je puis dire hardiment, que je n'ai pas même couru risque d'y tomber; le Poëte nous a devoilé l'esprit de ses fictions en jettant dans son ouvrage et surtout à la fin du neuvième chant, plusieurs traits de lumière, qui ne laissent aucun doute sur cet article; d'ailleurs il s'en est encore expliqué plus clairement dans quelques unes de ses lettres; ainsi l'on n'a qu'à le suivre pas à pas, et l'on verra que je ne lui prête rien.»

[6] É a primeira parte onde achámos noticia do naufragio do Poeta, por esta fórma em uma nota a estancia 80.ª do canto VII. Isto dizia porque o Camões andando na India, começando a fortuna a favorece-lo, e tendo algum fato já de seu perdeo-se na viagem que fez pera a China, d'onde elle compoz aquelle Cancioneiro que diz:

Sobre os rios que vão por Babylonia, etc.

O editor escrevia quatro annos depois da morte do Poeta.

[7] Estevão Lopes, editor das Rymas de 1595, é o primeiro que falla na trasladação dos ossos do Poeta. Assim se exprime dirigindo-se a D. Gonçalo Coutinho, a quem a edição é dedicada: «Mas como não hei de exalçar até o céu a magnifica e mui heroica obra que V. M.ce fez em dar sepultura honrada aos ossos d'este veneravel varão, que pobre e plebeiamente jaziam no mosteiro de Santa Anna?»

não é completo nem o podia ser, porque faltavam os documentos necessarios onde superabundava a erudição e merecimento do auctor. Com toda a diligencia — diz o nosso illustre biographo — não posso porém lisonjear-me nem me lisonjeio de offerecer aqui uma relação completa e clara em todos os pontos, e desembaraçada de qualquer duvida. Onde guardam silencio os documentos, ou se envolvem em sombra impenetravel, o que póde referir a historia se não quer degenerar em romance?

Este prelado tem sido com bastante injustiça taxado de pouco affeiçoado a Camões; quem ler com reflexão a sua Memoria se convencerá do contrario. O que tem dado logar a esta opinião, abraçada por alguns, tem sido o elle defender ao Governador Francisco Barreto. Se isto é assim, confessâmo-nos desde já co-réus no mesmo crime; mas n'isto temos por companheiro o proprio Camões, que no fim da vida, de quem se queixava era dos falsos amigos que o *tinham mexericado* com o Governador. Mais adiante mostraremos como elle foi favoravel ao Poeta no principio do seu governo, e qual era a probidade do seu caracter[8] e genio pouco vinga-

[8] Custa ver que a reputação de um fidalgo como Francisco Barreto, de tanta consideração, que na Africa e na India militou com tanto credito e se mostrou sempre tão liberal, affavel e cavalheiro, se apresente tão injustamente denegrida. Diogo do Couto nos dá d'elle o retrato mais lisonjeiro: Vêmo-lo temerario nos perigos mais do que convinha á sua posição; liberal, camarada officioso, e sempre propenso a perdoar as offensas recebidas. Tendo tido desavenças no tempo do seu antecessor, o Vice-Rei D. Pedro Mascarenhas, com Martim Affonso de Miranda, ao ponto de os apartarem, logoque tomou posse do governo foi de todos os fidalgos aquelle de quem se mostrou mais amigo, porque não se cuidasse que pelos desgostos passados lhe ficára má vontade. Uma anecdota conta o mesmo historiador, que mais claramente dá a conhecer a bondade do seu coração: Tendo um fidalgo por nome Antonio Pereira Brandão, que El-Rei mandára degradado por toda a vida para Africa, obtido de El-Rei, por intervenção de Francisco Barreto, a commutação da pena para o acompanhar á Mina, e tendo-o logo deixado por Capitão da fortaleza de Moçambique, este, em paga de tantos beneficios, lhe urdiu uma traição forjando uns capitulos falsos que mandára para o reino. Francisco Barreto, indignado de tão feia ingratidão, tendo acabado de ouvir missa, disse aos fidalgos que o acompanhavam que se ficassem, e levando só comsigo a Antonio Pereira Brandão, com tenção, ao que se suppõe, de vir a vias de facto, porque o viram concertar um punhal que levava á cinta, lhe mostrou os capitulos que houvera á mão e que elle mandava para o reino: ao vê-los, aquelle ingrato fidalgo se lhe lançou aos pés, abraçando-o pelas pernas, rebentou em lagrimas pedindo-lhe misericordia com grandes soluços que ouviram os que estavam mais afastados. O Governador (diz Diogo do Couto), que tinha um coração muito mavioso e as entranhas cheias de brandura, voltou as costas e foi andando para a fortaleza com os olhos arrasados em lagrimas.

tivo, á vista de factos da sua vida, e pelo testemunho de um dos amigos mais intimos do nosso Poeta, o filho do Conde da Sortelha D. Alvaro da Silveira.

como se elle fosse o culpado, e tão affrontado que parecia vinha de algum grande trabalho. É verdade que o chronista da India no seu *Soldado Pratico*, fallando d'este Governador, diz que d'elle *dicant Paduani;* pois vejamos como um amigo o mais intimo do nosso Poeta, D. Alvaro da Silveira, e por isso nada suspeito, descreve as excellentes qualidades d'este excellente Governador, em uma carta que escreve a El-Rei, datada de 24 de dezembro de 1555.

«O viso rei D. Pedro levou nosso Senhor para si bespora de Sam João, governou nove mezes, e pois he morto nam ha hi que fallar em cousas do seu tempo senão que nosso Senhor lhe dê o paraiso e mais descanço do que elle leixou a esta terra. Çocedeo francisco barreto que prazerá a nosso Senhor que o ajudará no serviço de Vossa alteza como elle tem os desejos e os poem por obra, e pois V. A. tão bem escolheo quem era para o seo serviço, Sirva se delle e lembre lhe que huma das cousas que distruhe esta terra são novidades, e homens novos nella; huma só cousa direi dele porque as outras velas ha V. A. em sua fazenda e serviço, mas crea V. A. que esta terra e povo sentirá muito em quanto elle servir V. A. como elle até qui tem servido serem governados nem mandados por outrem porque nunca homem tão amado foi do povo nem desejado.»

Esta carta é escripta a 24 de dezembro de 1555, e em 10 de janeiro do anno seguinte apparece uma carta do Governador Francisco Barreto para El-Rei, recommendando este fidalgo para o cargo de Capitão-mór do mar, porém de uma maneira tão desinteressada, que faz o elogio do Governador, pois começa por dizer que o cargo é escusado, porquanto elle Governador tem 40 annos de idade e disposição para o escusar; porém que no caso de S. A. ser servido de crear este cargo, ninguem é mais apto por todos os motivos para o servir que D. Alvaro da Silveira. Desejoso de conhecer a fundo o caracter de Francisco Barreto, li uma carta de um Christovão Lopes de Sá para o Secretario Pedro de Alcaçova Carneiro, seu parente, na qual se queixa do pouco caso que o Governador fizera de uma carta de recommendação sua, e que Francisco Barreto governava a India com proveito dos seus creados, e de o não attender tendo elle servido muitos annos, e de attender outros com menos annos de serviço: no entanto, para o remediar, diz que recebêra do seu Secretario alguns pardáus. Quem não vê n'esta carta a sordidez de quem a escreve, e o elogio o mais frisante do Governador, que despreza a valiosa recommendação de Pedro de Alcaçova para com um parente proximo, por isso que talvez o reputa pouco digno das mercês reaes? O certo é que os grandes serviços d'este antagonista de Francisco Barreto não apparecem narrados por Diogo do Couto. O mesmo Camões, no fim da vida, não se queixava do Governador, mas dos falsos amigos que o *tinham mexericado* com elle, como nos diz o seu amigo e commentador Manuel Correia: «Os mayores amigos que tinha o mexericarão com o Viso Rei da India, como elle me disse contando os enfadamentos que na India tivera, que foi causa de o prenderem e enfadarem.» Se a isto juntarmos que o Poeta, depois da sua volta para o reino, conviveu com intimidade com D. Francisca de Aragão, com quem se carteava, sobrinha de Francisco Barreto, que ficou sua herdeira e dos seus serviços, vemos que o resentimento pessoal de Camões estava de todo extincto; mas se o não estava, perdoe-me o nosso illustre Poeta: *Amicus Plato sed magis amica veritas*. Não serei eu por certo que queime o incenso da lisonja perante um idolo, embora tão sympathico, e da veneração de nós todos os portuguezes, quando o seu fumo possa escurecer a fama de um homem que tambem, filho de Portugal, foi um bom servidor do estado. Demorámo-nos sobre este assumpto mais do que parecerá a alguns conveniente, porque não reputâmos inutil gastar algumas palavras quando estas podem servir para reivindicar a memoria de um nome illustre.

A biographia que precede a edição do Morgado de Matheus D. José Maria de Sousa Botelho pouco mais adianta a não ser dar-nos a noticia da nota do exemplar dos Lusiadas que pertenceu a Fr. José Indio, e hoje possue Lord Holland: no mais é a reproducção do que escreveram os outros (fallo na parte biographica); e nem podia ser de outra maneira, porque faltavam os fundamentos para novas revelações. É muito louvavel todavia o enthusiasmo que levou o illustre editor a levantar ao seu Poeta um monumento tão glorioso como é a sua sumptuosa edição dos Lusiadas.

O mesmo enthusiasmo animou os editores da biographia que precede a edição das obras do Poeta dada á luz em Hamburgo no anno de 1834. Escrevendo fóra da patria, poucas mais noticias se lhes poderìam offerecer para darem mais estendido desenvolvimento ao seu desejo pela justa veneração que sabemos professavam pelo nosso Auctor.

Dos estrangeiros trataram em nossos dias este assumpto, entre outros a celebre M.^me^ de Stael, Mr. Adamson, Mr. Ferdinand Denis, Mr. Aubert e Mr. Magnin. Não é nosso intento analysar aqui as suas obras, pela brevidade a que somos obrigados a cingir-nos, o que faremos porém mais largamente em outra parte d'este nosso trabalho: só temos, como portuguezes, a agradecer-lhes a solicitude com que se deram a trabalhos tão alheios da litteratura da sua patria. É mais uma prova do grande merecimento do nosso Poeta, que attrahe tão poderosamente a attenção dos mesmos estrangeiros, pela excellencia das suas poesias e pelo romantico da sua vida.

Sobre o nosso opusculo seja-nos permittido o dizêr que explorámos com alguma attenção differentes archivos d'esta cidade, e mui especialmente o rico deposito da Torre do Tombo, prestando-se tambem na Asia algumas pessoas a fazerem pesquizas, aindaque infructuosas, nos de Goa e Macau. As bibliothecas d'esta côrte, a Publica, as Reaes das Necessidades e da Ajuda, a da Academia Real das Sciencias, foram por nós directamente examinadas, bem comó por interposta pessoa as do Porto, Coimbra e Evora, fazendo-se iguaes indagações fóra de Portugal nas principaes bibliothecas da

Europa, e nas de algumas academias, como em seu logar advertimos. Repetidas vezes lemos e confrontámos as poesias de Camões, tanto as impressas como as manuscriptas, as quaes nos serviram de grande auxilio, pois, apesar da confusão que encerram, são elementos essencialissimos para quem tiver de escrever a sua vida. Estas nos levaram ás vezes a fazer novas conjecturas, desviando-nos em algumas occasiões do caminho já trilhado, quando a isso rasões plausiveis nos persuadiram.

São as obras dos poetas quasi sempre o espelho da sua vida, nas quaes ordinariamente se reflectem as suas mais intimas inclinações, e ficam consignados os factos mais notaveis da sua existencia. Não são poucos os exemplos que poderiamos apontar, e sirva por todos, para os não buscarmos do nosso Poeta, as poesias de Horacio, sobre as quaes se póde, quasi sem outro auxilio, formar a sua auto-biographia, começando pela sua educação que, por uma maneira tão interessante e filial, descreve na sua Satyra VI. As mais pequenas cousas não se devem desprezar; a um acrostico devemos nós o saber quem era a Sylvia de Diogo Bernardes, ou, para melhor dizer, sua mulher, como diremos mais largamente na vida que temos encetado d'este Poeta.

Mofava Pascal d'aquelles que diziam o meu livro o meu commentario; se um homem de tão profundos conhecimentos apresentava este pensamento sobre a genuina propriedade de qualquer producção litteraria, que farei eu? Seria sem duvida vestir-me com as pennas do pavão se eu não confessasse publicamente o grande auxilio que recebi de muitas pessoas doutas, das quaes espero no fim d'este meu trabalho dar noticia mais circumstanciada. Não posso comtudo deixar de agradecer antecipadamente ao Sr. José Manuel Severo Aureliano Basto, digno Official Maior do Archivo Nacional da Torre do Tombo (a cuja casa quasi que me reputo pertencer, se não officialmente, por adopção e frequencia de vinte e seis annos) por me haver proporcionado o exame dos documentos que fazem a parte principal do meu trabalho, e onde nasceu a idéa pela acquisição do Alvará da tença, primeira descoberta que ahi fizemos. Aceite pois o Sr. Official Maior e os mais

empregados d'este importante estabelecimento publico, dós quaes recebi sempre o mais benevolo acolhimento, os meus agradecimentos.

Ao nosso eximio escriptor o Sr. Alexandre Herculano devi o franquear-me o accesso ás duas bibliothecas reaes, sendo de grande interesse a acquisição de algumas noticias extrahidas da rica Bibliotheca das Necessidades, outr'ora dos Padres Congregados de S. Filippe Nery.

A mesma benevola cooperação recebi dos Srs. Bibliothecarios móres da Bibliotheca Nacional de Lisboa, desde o Sr. Visconde de Balsemão até o Sr. José da Silva Mendes Leal Junior, e dos mais empregados os Srs. F. Martins de Andrade, J. J. Barbosa Marreca, A. S. Tulio, F. Cassassa e Jacob F. Dinkelaker.

Com o Sr. João Pedro da Costa Basto, mancebo que a muita erudição reune a mais singular modestia, comecei a revisão d'este trabalho; porém tendo infelizmente adoecido, o Sr. José Gomes Goes, Official da Bibliotheca Nacional, actualmente em commissão no Archivo Nacional, me fez o obsequio de o substituir, e aos conselhos e coadjuvação de um e outro me confesso extremamente grato.

Tendo-se por Portaria do Ministerio do Reino, em virtude de uma verba votada em Côrtes, ordenado que na Imprensa Nacional se estampasse esta edição, devendo ficar metade para encontrar o desembolso da impressão, o Sr. Conselheiro Administrador Geral Firmo Augusto Pereira Marécos, que com infatigavel zêlo tem elevado aquelle estabelecimento á altura das mais bellas typographias, poz a peito com animo patriotico que a edição fosse digna do Poeta e da casa que tão dignamente administra. Este sentimento se communicou aos mais empregados seus subalternos, que todos se têem empenhado em me auxiliar n'este pequeno monumento que pretendo levantar á memoria do nosso Poeta, emquanto a nação lhe não levanta no bronze outro mais grandioso, o que agora esperâmos será levado a effeito. Cumpre porém fazer uma observação, e é esta; que se alguns erros se encontrarem, devem estes ser postos a cargo a mim e não á casa, em resultado da situação excepcional em que puz a

minha obra no prelo, distrahido por negocios domesticos que affluiram e pouca saude.

Ao Sr. J. C. Figanière, Official e Chefe de Repartição da Secretaria dos Negocios Estrangeiros, devi o pôr-me em communicação com os nossos Consules, os quaes delicadamente se prestaram a algumas indagações nos paizes onde residiam.

Aos Srs. Bertrands, que, no que toca especialmente a litteratura nacional, podemos reputar os nossos Aldos, mais de uma vez consultei, aproveitando da sua bem conhecida intelligencia litteraria e pratica.

Da interessante obra com que o Sr. Innocencio Francisco da Silva brindou a litteratura nacional, o seu *Diccionario Bibliographico,* em que salvou do esquecimento tanto nome illustre portuguez, á qual já se faz a devida justiça e mais tarde se lhe fará mais, me vali por differentes vezes, principalmente no que toca aos auctores contemporaneos. Desejava, e era para mim gostosa tarefa, continuar com a enumeração das pessoas a quem devi favor durante este trabalho, porém sou forçado a pôr atalho, reservando-me para o fazer em occasião mais opportuna.

Fechâmos esta advertencia preliminar com uma observação necessaria, isto é, que apesar de nos acharmos devidamente possuidos de exaltado enthusiasmo pelo Poeta, nunca perdemos de vista a verdade, e procurámos abafar este sentimento de admiração quanto em nós foi possivel, para não faltar ao primeiro e mais essencial preceito de quem escreve a historia. Assim não nos importou incorrer na censura do publico confessando qualquer erro do Poeta—e tão debeis são elles, e apagados com tanto merecimento real, que este sempre sobresáe—e o que mais nos ajudou n'este proposito, foi a lembrança de que, se fosse possivel resuscita-lo, elle seria o primeiro a rasgar a pagina onde intentassemos exaltar-lhe a fama a troco de uma falsidade.

Julgâmos pois apresentar como escudo estas reflexões contra os golpes de qualquer critica demasiadamente rigorosa. Quem se deu a tão minucioso trabalho como este, não foi senão animado de sentimentos de cordialidade e admiração; porém persuadiu-se de que, apresentando os factos taes e

quaes, faria melhor serviço á memoria do Poeta, por isso que nada tinha a receiar da verdade. A nacionalidade de Camões está tão arreigada, e a parte mais saliente do seu caracter tão definida—de amor pela patria que lhe deu o ser—e o seu merecimento litterario tão altamente apregoado entre nacionaes e estranhos, que cousa alguma póde abalar a sua fama, quer seja como cidadão benemerito ou poeta excellente.

Para se avaliar bem o Poeta e o Poema basta que se apontem aqui dois exemplos: no cerco de Columbo, para se alliviarem dos incommodos trabalhos e fomes do assedio, repetiam os nossos soldados em côro estancias inteiras do seu Poema; e na guerra peninsular, n'este ultimo relampago da gloria portugueza [9], alguns versos do Poema nacional, escriptos nas bandeiras de alguns regimentos, eram premio honroso para os nossos valorosos soldados. Tal era a magia de seus versos patrioticos!

[9] Ás brigadas 3.ª e 4.ª, compostas dos regimentos n.os 9 e 21, 11 e 23, foram dadas bandeiras, por Decreto de 13 de Novembro de 1813, com estes versos n'ellas inscriptos do nosso Poeta:

> E vereis qual é mais excellente
> Se ser do mundo Rei se de tal gente.

em recompensa do seu distincto comportamento na batalha de Victoria.

VIDA DE LUIZ DE CAMÕES

I

A obra maravilhosa da creação do globo que pisâmos foi por muito tempo desconhecida á maior parte dos seus habitadores, isolados, dispersos e separados por diversas regiões; até que uma nação, tão pequena em territorio como grande pela gentileza das suas façanhas, pelo ultimo quartel do seculo xv, deu ao mundo o espectaculo mais grandioso, abrindo por entre mares procellosos não conhecidos, povoados não só de perigos reaes, mas ainda de phantasmas fabulosos que a imaginação do homem tinha creado, uma nova estrada para o Oriente, para o abrilhantar com os mais heroicos feitos, levando a luz do Evangelho até os confins da terra, arvorando a Cruz sobre as ruinas da mais barbara e estupida idolatria, estendendo a escala de um vastissimo e dilatadissimo commercio, e ligando os povos por novos e mutuos laços de concordia e civilisação. Se o primeiro homem pasmou absorto ao contemplar as obras da creação dos sete dias, não foi menor o assombro de uma grande parte de seus descendentes, quando rasgando-se o véu que cobria tantas ignorancias viram de subito alargar-se o mundo, e apparecerem novos astros, novos climas, novas raças, nova vegetação, novos usos, novos costumes; mas tambem, triste fatalidade das cousas humanas, novas precisões, novas enfermidades e novos elementos para a morte!

Do alto do Vaticano abençoou logo o Pae commum dos fieis os nobres esforços e ousadia dos soldados de Christo e da civilisação, e as bôcas mais eloquentes dos estrangeiros[1] se abriram voluntarias para victoriarem a acção estupenda da nação grandiosa, instrumento do mais glorioso acontecimento que jamais se inscreveu nos annaes dos povos.

O celebre Frascator[2] dá como uma prova da clemencia divina não ter de todo abandonado a Europa no meio de todos os revezes de que o Poeta foi espectador no seu tempo (tempestades, guerras, pestilencias, cidades incendiadas e arrazadas, inundações e todos os mais generos de castigos e flagellos) o complemento d'esta importantissima descoberta; e escriptor estrangeiro houve tão enthusiasta[3] que julgou que só nos astros podia ser escripta, pondo os nomes de D. Manuel, Vasco da Gama e mais portuguezes, aos promontorios e estreitos que pretendeu descobrir no planeta de Venus.

Podendo acontecer que este meu trabalho, pela importancia do assumpto, transponha os limites da patria, permitta-se-me que reuna o que em o mais elevado estylo melhores pennas disseram em louvor da nação que executou tão portentosas conquistas. Seja o primeiro o nosso célebre Pedro Nunes que a ellas assistiu, e creou discipulos que munidos da sciencia e do valor foram n'ellas com as mais gloriosas acções immortalisar os seus nomes; o segundo, um estrangeiro que escolheu por patria adoptiva esta terra, que illustrou com os mais proveitosos trabalhos litterarios; e remate este pregão da gloria portugueza um escriptor contemporaneo, que embora adversario do Poeta, cuja vida escrevemos, expiou a sacrilega audacia que lhe soprou o amor proprio, exaltando na prosa a mais sublime o valor e sabedoria da nação, cujos altos feitos ousou cantar em competencia com o archi-Poeta portuguez.

«Não ha duvida (diz Pedro Nunes) que as navegaçoens deste reino de cem annos a esta parte são as mayores: mais maravilhosas: de mais altas e mais discretas conjeyturas que as de nenhuma outra gente do mundo. Os Portuguezes ousarão cometer o grande mar occeano: entrarão por elle sem nenhum risco: discobrirão novas ylhas, nova terra, novos mares, novos povos e o que mais he: novo ceo e novas estrellas e perderão lhe tanto o medo que nem a quentura da torrada Zona: nem o descompassado frio da extrema parte do Sul com que os antigos es-

[1] Vide nota 1.ª
[2] Vide nota 2.ª
[3] Vide nota 3.ª

criptores nos ameaçavão, lhes poude estorvar: que perdendo a estrella do Norte, e tornando a a cobrar: discobrindo, e passando o temeroso Cabo da Boa Esperança: o mar de Ethiopia: de Arabia: de Persia poderão chegar a India. Passarão o rio Ganges tão nomeado: a grande Taprobana e as ylhas mais orientaes. Tirarão nos muitas ignorancias: e amostrarão nos ser a terra mor que o mar: e aver hi Antipodas: que ate os Santos duvidarão: e que não ha região que nem por quente, nem por fria se deixe de abitar. E que em hum mesmo clima e igual distancia do Equinocial ha homens brancos e pretos e de mui diferentes calidades. E feserão o mar tão cham que não ha quem hoje ouse dizer que achasse novamente alguma pequena ylha: alguns baixos: si quer algum penedo que por nossas navegaçoens não seja ja descuberto.»

O padre D. Rafael Bluteau, na sua Oração funebre de El-Rei D. Manuel, descreve de uma maneira não menos energica que engenhosa a sublimidade e importancia das conquistas emprehendidas e executadas pelos seus compatriotas adoptivos, com o mesmo fogo e enthusiasmo como se entre nós tivesse tido o nascimento. Ouçâmo-lo: «Na opinião de Ptolomeo, e dos mais celebres Cosmografos, nam contem o Globo da terra mais que sete mil, e quinhentas legoas de circuito, e se bem lançarmos as contas, nam menos que sete mil, e quinhentas legoas de costa grangearão as Conquistas d'elRey D. Manoel ao Reino de Portugal; desde o Cabo da Boa Esperança na Cafraria, ate o cabo de Liampó na China quatro mil legoas, no que rodeão as prayas de Ormuz, e do mar vermelho mil, e duzentas legoas; no Brazil começando da boca do Rio das Amazonas, ate a entrada do Rio da prata, mil e quarenta legoas; na Africa, toda a vastidão daquella grande Provincia que contem as Comarcas de Xerquia, Gerabia, e Dabida, e outros Senhorios, Cidades, Emporios e Castellos, que nam cabendo na memoria por inumeraveis, so cabem na admiraçam por conquistados, pello que, se conforme testemunha Santo Isidoro, concederão os Romanos a Octaviano Cesar o titulo de Augusto, por augmentar o Imperio, razam he, que ajuntemos o nome de Augusto ao de Manoel, não só, por que augmentou o Reino de Portugal, senão tambem porque acrecentou o Imperio de Christo.»

E mais adiante continua o illustre e sabio Theatino, narrando a maneira com que este pequeno povo de heroes abroquelou impavido a Europa das invasões do islamismo, emquanto as nações cegas se debatiam em guerras fratricidas e infructiferas. «No mesmo seculo, e quasi ao mesmo tempo, (prosegue o panegyrista) deram principio as suas con-

quistas, Mahamet, e elRey D. Manoel; Mahamet no anno de 1447, e elRey D. Manoel no anno 1497, ambos de dous com forças tão iguaes, e com successos tam semelhantes, que quanto tirou Mahamet ao Reino de Christo, tanto tirou elRey D. Manoel ao Imperio de Mafoma; Rende Mahamet ao poder das suas armas a irmaa de Roma, e a Metropoli do Oriente, Constantinopla, rendem se tam bem á victoriosa espada d'elRey D. Manoel as Rainhas do mar Oriental, e as Emperadoras dos Imperios, Goa, e Malaca; recebe Goa com os primeiros rayos da fee, as luzes de hum melhor Oriente, e as tres mil peças de artilharia, que vomitavam incendios para a defensa de Malaca infiel, publicão com bocas de fogo os triumfos de Malaca Catholica; Entra Mahamet no Peloponeso, entra elRey Dom Manoel em Ceilão, que desconhecendo os seus thesouros, adora entre matas de Canela, o madeiro da Cruz; entre mares de Aljofar as agoas do Bautismo, e entre serras de Cristal as Chagas de Christo. Apodera-se Mahamet da Natolia, e da Grecia, avasalla elRey Dom Manoel o grande Imperio do Abexin, sojuga o Reino de Ormuz, e dilata a fee, ate nas angustias do estreito Persiano; sogeita-se ao Cetro de Mahamet a Albania, a Jarza, o Negroponto com as duas ilhas de Lemno e Metilene, conquista elRey Dom Manoel o Reino de Mombaça, e de Quiloa, toma as duas famosas ilhas de Moçambique no mar Atlantico, e de Zocotorá no mar vermelho, e arvorando os estandartes da fee nas immensas Provincias do Brasil, somete ao dominio da Igreja hum novo mundo: finalmente pelejou o nosso invictissimo Monarca, com tão grandes perdas do Paganismo, e com tão prodigiosos augmentos da Religião, que não sei determinar, se forão mais as fortalezas que derrubou, ou os Templos que eregio, os Exercitos que passou ao fio da espada, ou os Imperios que reduzio a fee de Christo.»

Mas é sobretudo na eloquentissima prosa de um dos mais celebres oradores do nosso seculo, que o valor da nação portugueza é levado aos astros de uma maneira tão sublime, que não duvidâmos dizer que n'esta parte da dedicatoria do seu poema (embora na poesia fosse vencido por tão nervoso athleta como o grande Poeta portuguez) elle leva a palma a quanto na prosa a mais elevada se podia dizer sobre o assumpto. Eis como se expressa o auctor do *Oriente* na sua dedicatoria á Nação portugueza: «E porque não direi eu, que sobre estes fundamentos se deve erguer immortal e perenne a tua memoria, ó grande, ó respeitavel Nação portugueza? Nasceste e cresceste por armas, e conquistas; dilataste com tua espada os confins de teu desmedido Imperio, e com ella te foste lavrar a coroa de finissimo ouro, que ainda até hoje

sem se debotar te cinge a frente na Europa, na Asia, na Africa e na America, e t'a cingiria n'outros mundos se mais houvera onde levasses, como levaste ao conhecido, a fama do teu nome e a victoriosa marcha das tuas armas. Não adiantou tanto suas conquistas a Macedonia, não sahirão do Mediterraneo as navegações de Athenas, nem poderão voar alem dos Tropicos as tuas orgulhosas, e devastadoras aguias, ó soberba Roma. Teu Scipião conquistou Carthago, teu Mario os Cimbros, teu Cezar as Gallias, teu Pompeo o Egypto, teu Crasso não passou da Persia, e teu Germanico não chegou ás ribeiras do Elba: e tu, grande Nação, chegaste aos lemites e confins da Terra. Onde se aperta o Erithreo, onde se empola, e se arrebata o Indo, onde se esconde o Nilo, onde se espraia o Ganges, onde se precipita o Mecon, onde espuma, e soa o Camboja, onde se dilata o Amazonas, onde se accende o Equador, onde se congela o Antartico, onde se tempéra, e amacia o Cancro, onde se ferteliza o Indostão, onde se embalsama Ceilão, onde ardem os Volcoens de Ternate, onde arranca os diamantes Visapur; onde os Andes sobem ás nuvens, onde referve o Congo, onde em ouro se coalhão os campos de Sofala; ahi vive o teu nome, e se temem (se ainda se lhes escuta o estrepito) as tuas armas. Tanta grandeza, tão vasta dominação, tão espantoso circulo de Imperio tu o deves ao esforço e militares virtudes daquelles verdadeiros Heroes, que entre os mais afamados invejára, e cubiçára Roma para seus filhos, e que em quanto no Mundo se der preço á virtude, serão nelle estimados, e nomeados, conservando na memoria, e na tradição dos seculos o pedestal firmissimo da estatua da tua fama.»

Sim, com rasão o diz o eloquente orador, foi ao valor e virtudes patrioticas dos seus monarchas; á nobre ambição em estender os limites do acanhado terreno que herdaram; á illustrada educação, amor da patria, e espirito de cavallaria de seus principes; aos nobres estimulos de uma aristocracia illustre pelo valor e sciencia; á intrepidez, dedicação e perseverança na empreza do mais nobre povo do universo: foi a todos os filhos de Portugal, nobres e peões, que á porfia misturavam o seu sangue com nobre emulação para o engrandecimento da patria, que esta nação deveu o primar entre todas as da terra, sendo outr'ora o pasmo e admiração dos estrangeiros. E quem recusaria admirar um povo tão pequeno, collocado em um canto da Europa, libertado pelas suas mãos dos sarracenos, e ultimamente obrigado a defender a sua independencia de uma nação visinha e poderosa, atrever-se a emprehender e executar tão grandes e maravilhosas cousas? Quem deixaria

de admirar esse sabio Infante D. Henrique interrogando os astros, e ameaçando o mar de o avassallar todo para a corôa portugueza, e a louvavel tenacidade com que o pensamento civilisador do Principe é abraçado e seguido por um tão longo espaço pelos Reis que se succedem, até que felizmente é executado pelo Capitão audacioso, escolhido para uma tão arriscada e aventurosa empreza!?

Um acontecimento de uma tal magnitude não podia deixar de dilatar a alma, exaltar a imaginação, e augmentar os brios da nação por quem permittiu o Supremo Dispensador dos reinos que fosse posto por obra. O contentamento e nobre orgulho do Rei, em cujo reinado a fortuna coroou com feliz resultado as reiteradas tentativas de seus antecessores, respira no preambulo do diploma [1], com que generosamente recompensou o Capitão atrevido, que rematou esta bemaventurada façanha. N'elle resumidamente se substancía o começo, progresso, fim e importancia da descoberta; e tão extensa foi a munificencia, com que o soberano galardoou os que escaparam, que aos proprios calafates deu as franquezas e liberdades de fidalgo.

Quiz mais a sua piedade que um sumptuoso templo se erguesse logo no mesmo logar aonde tinha sido o embarque, para perpetuar a memoria da navegação; e que nos mais ricos panos [2] se tecessem os acontecimentos da viagem, os quaes serviram por muito tempo de adorno na capella real, e n'ella se viam no reinado de seu bisneto El-Rei D. Sebastião.

Seguiu-se uma embaixada ao Pontifice [3], na qual um elefante ricamente ajaezado passeou em triumpho as ruas de Roma como o emblema da Asia, que curvava os joelhos diante da verdadeira religião. Haverá quem queira reputar isto como um acto de servilismo fanatico; porém se nos lembrarmos qual era a Roma de Leão X, o olharemos como a ovação brilhante do poder, gloria e illustração dos portuguezes na capital do orbe catholico, n'aquelle tempo centro da civilisação e das letras. Os panegyricos de todos os embaixadores ali presentes, a concorrencia de tantas pessoas ali reunidas eminentemente illustres, pela sua nobreza e sciencia, exaltando unisonas a magnificencia do soberano, e o valor e excellencia da nação, tornavam este acto mais glorioso do que os triumphos da antiga Roma, quando os Reis manietados seguiam o carro do vencedor ao Capitolio: e com rasão escrevia um dos

[1] Vide nota 4.ª
[2] Vide nota 5.ª
[3] Vide nota 6.ª

da comitiva da embaixada, que n'aquelle dia tinha sua Alteza triumphado da India em Roma, e que não era aquillo obediencia, mas sim triumpho.

Se não faltaram guerreiros illustres que fossem estendendo logo o dominio e gloria do nome portuguez, tambem appareceram promptamente historiadores que se encarregassem de transmittir aos vindouros os seus brilhantes e heroicos feitos. Surgiram os Correias[1], Castanhedas, Barros, Osorios e Coutos para narrarem as proezas gentis dos Almeidas, Albuquerques, Pachecos, Castros e Ataides. O theatro que nascia pelo mesmo tempo se resentia do acontecimento; o auto largou por vezes a fórma da egloga dramatica para tomar um tom mais elevado e n'elle exaltar a gloria portugueza. Gil Vicente é naturalmente grande[2] quando celebra e engrandece a fama de Portugal e a põe acima da de todas as outras nações; trechos ha de suas composições dramaticas, que se os descosessemos d'ellas formariam estrophes da ode mais sublime inspirada pelo mais exaltado patriotismo. Nós hoje, que, ainda mal, temos afrouxado um pouco no amor da patria, somos maus juizes para avaliarmos o verdadeiro enthusiasmo no meio do qual eram representados estes seus dramas; e não sabemos dar o devido valor á expansão de sentimentos, que estes despertavam nos espectadores, que mais de uma vez acabavam por hymnos marciaes, em os quaes as vozes de — ávante Portugal — resoavam unisonas pelas abobadas do paço onde mais de uma vez tinham logar estas representações.

II

Quando pois o escopro começava a lavrar a sua epopéa na pedra, a historia abria o seu livro aos mais conspicuos escriptores, quando emfim as artes e sciencias simultaneamente concorriam para dar todo o realce e esplendor aos esclarecidos feitos que tinham levado uma nação generosa ao apogéu da fama; a poesia, esta arte sublime que tira as suas mais elevadas inspirações do amór e da gloria, não podia ficar muda: mas quão ardua empreza se lhe apresentava! Se é verdade que a epopéa, pela sublimidade da sua alta composição, pareceu sempre de todos os poemas o mais accommodado para se cantarem as acções

[1] Vide nota 7.ª
[2] Vide nota 8.ª

heroiças dos grandes Capitães, ou os acontecimentos mais famosos das nações, por isso mesmo quão escabrosa não é a execução, e quão poucos têem sido os entes privilegiados a quem o deus da poesia soprou alento divino para embocarem condignamente a tuba heroica. Se nos lembrarmos do intervallo que medeou de Homero a Virgilio [1], e d'este ultimo até o vate predestinado para cantar a heroica navegação dos portuguezes, veremos quão extraordinarios esforços faz a natureza para procrear estes astros da poesia, e quaes deviam ser aquelles, quando mais grandioso assumpto, quando *um valor mais alto se levantava* para ser cantado. Comtudo a providencia divina, que outr'ora sorria sobre os destinos de Portugal, permittiu que depois de tantos seculos devolvidos, se reproduzisse mais uma vez um d'estes phenomenos na pessoa de *Luiz de Camões,* engenho raro que a uma alma enthusiastica reuniu estro sublime, e uma intelligencia superior, apurada por uma vastissima e não vulgar erudição.

Por uma coincidencia assás notavel, aquelle mesmo anno (1524) em que baixava á sepultura Vasco da Gama, viu nascer tambem o nosso Poeta, permittindo a fortuna, que foi sempre tão fiel companheira do grande navegador portuguez na vida, bemfadar-lhe a morte com o nascimento do illustre Poeta que, tambem atrevido explorador na poesia, seria o primeiro a resuscitar a epopéa na Europa, para n'ella cantar a sua aventurosa derrota.

O mesmo anno deu tambem nascimento a um poeta (Ronsard)[2] que no reino de França devia ser saudado, bem como o nosso Poeta, com o epitheto de Principe dos poetas do seu tempo. Mas se ambos nasceram no mesmo anno foi debaixo de signos mui differentes: a estima e generosidade de quatro Reis successivos, a graciosa dadiva da infeliz e espirituosa rainha de Escocia Maria Stuart, o enthusiasmo que manifestava pelas suas poesias, bem como o consenso geral dos contemporaneos em o exaltarem, deviam não só tornar-lhe a vida agradavel pela saciedade do amor proprio, mas ainda com todos os confortos e gosos d'ella. E o que até é notavel é que no mesmo anno em que o nosso Poeta saia com o seu Poema á luz, se expedia ao poeta francez, a pedido de Carlos IX, a mercê do habito da ordem de Christo, emquanto o nosso Poeta deveu talvez a algum amigo poderoso o poder apresentar o seu poema immortal ao monarcha portuguez.

[1] Vide nota 9.ª

[2] Vide nota 10.ª

Postoque hoje é apurado ter sido o anno de 1524 o que deu o nascimento ao Poeta, nem sempre houve a mesma concordancia de opiniões entre os seus biographos. O Licenceado Manuel Correia, seu commentador e amigo, o faz nascido pelo anno de 1517 pouco mais ou menos. Do pouco porém que elle sabia nos continua a dar prova no decurso do seu commentario, fallando do Poeta depois do seu regresso á patria. «O Poeta via-se em idade de quarenta annos e mais» diz elle: se houvera nascido no anno de 1517 não teria sómente quarenta annos, mas passaria ainda alem dos cincoenta; e um documento por nós descoberto, e que pertence ao anno de 1553[1], declara positivamente que elle era n'este anno um mancebo.

Manuel de Faria e Sousa, que na primeira vida que escrevêra do Poeta, e que precede o seu commentario aos Lusiadas, seguira o Licenceado Manuel Correia, collocando o nascimento de Camões no anno de 1517, foi quem mais tarde pôde fixar definitivamente este acontecimento acabando com as incertezas e tirando o motivo ás contestações. Percorrendo em 1643 o cartorio da Casa da India, teve a fortuna de encontrar no registo das pessoas que de Lisboa passaram a servir na India desde o anno de 1550 até o tempo em que escrevia, e em o titulo de homens de armas o assento seguinte: —«Luis de Camões filho de Simão Vaz e Anna de Sá, moradores em Lisboa a Mouraria Escudeiro de 25 annos barbiruivo trouxe por fiador a seu pai vai na náo dos Burgalezes.»— Este documento infallivel, esta declaração da idade na presença de seu proprio pae, e em uma estação publica, equivale bem a uma certidão de baptismo em tempo em que não havia registros ecclesiasticos, e é prova irrecusavel para fixarmos no citado anno de 1524 o nascimento de Camões.

Qual fosse a terra que lhe deu o nascimento, esteve tambem por algum tempo indeterminado postoque sem motivo: entre Coimbra, Lisbôa, Santarem e Alemquer variavam as opiniões. O soneto c, mal entendido por alguns; o ter sido seu terceiro avô Vasco Pires de Camões, alcaide mór de Alemquer; o nome de uma quinta nas immediações d'esta villa, que ainda no seculo passado conservava o nome de quinta de Camões; e a maneira com que o Poeta se deleita em descrever a mesma villa[2], como quem n'ella residiu por algum tempo, na estancia LXI do canto III dos seus Lusiadas, foram talvez a causa de a julgarem pa-

[1] Vide nota 11.ª
[2] Vide nota 12.ª

tria de Camões: a naturalidade ou procedencia da mãe a de Santarem. Faria e Sousa presume ser natural de Lisboa, fundando-se em serem seus paes moradores d'esta cidade, no dialecto proprio da côrte de que usa, e em chamar repetidas vezes ao Tejo patrio. Outros o fizeram natural de Coimbra, fundando-se na residencia de seu pae n'aquella cidade d'onde era oriundo João Vaz de Camões seu bisavô. Domingos Fernandes, na dedicatoria das rimas á Universidade de Coimbra, que publicou no anno de 1607, o assevera. As rasões que se apresentavam dos dois lados poriam a balança em perfeito equilibrio, se Manuel Correia tão positivamente não declarasse ser nascido em Lisboa. O auctor d'este livro —diz elle no principio dos seus commentarios— é Luiz de Camões, portuguez de nação, nascido e creado na cidade de Lisboa, de paes nobres e conhecidos. E note-se que Pedro de Mariz, que foi o editor d'estes commentarios e era natural de Coimbra, não emendou o commentador, reivindicando esta honra para a sua patria. Assim podemos dizer, que era oriundo de Coimbra pelos ascendentes, mas nascido na cidade de Lisboa, á qual cabe não menos gloria que a Mantua, por ter dado nascimento ao Virgilio portuguez.

III

Que Luiz de Camões fosse filho de um plebeu ou de um nobre pouco importava para a sua fama, porque ella é toda sua, e de tão alto preço que não precisa valer-se do merecimento alheio: a reputação e gloria de Cicero, Virgilio e Horacio (se é verdade que o primeiro não diminuia o lustre do nascimento para adular o povo romano) chegaram até nós; e apesar do seu obscuro nascimento, os seus nomes brilham entre os mais famosos da antiga Roma. Reputâmos em muito a nobreza do merecimento, e por certo o homem novo que se illustra e ennobrece, lançando os fundamentos d'onde deve florir uma raça illustre a quem deixa o seu nome como honroso estimulo, é digno de consideração igual á que se presta áquelle que a recebe transmittida; mas se isto é assim, tambem não é duvidoso, que aquelle que ao merecimento proprio junta os serviços feitos á patria por uma esclarecida e heroica serie de avós distinctos não o é menos, porventura mais, da estima publica; por isso não julgo ocioso dar aqui noticia da illustre ascendencia do nosso Poeta, no que sigo o caminho dos mais biographos que me precederam.

A familia dos Camaños[1] é uma das mais antigas do reino de Galliza, onde desde tempo immemorial tem o seu solar no antigo castello de Camaños, cuja etymologia os amigos do maravilhoso e de novellas fazem derivar de ter uma senhora d'esta casa recorrido, sendo calumniada na sua honra, á prova do passaro que chamam Camão, cujo destino é morrer, quando dentro da casa de seu dono se commette a mais pequena infracção contra as leis da fidelidade conjugal. Restituida a honra da dama, acrescenta a fabula, quiz o marido em memoria d'este caso conservar o nome do passaro; a esta propriedade singular da ave[2] allude o Poeta n'aquellas suas redondilhas:

> Experimentou-se algum'hora,
> Da ave, que chamão Camão,
> Que se da casa onde mora,
> Vê adultera a senhora,
> Morre de pura paixão.

Se fosse possivel dar credito a exagerações genealogicas, desde o v seculo tinham os Camões ou Camaños assento n'aquelle reino. O bispo de Lugo D. Ordonho affirma que Sandia de Camaño acompanhára a D. Pelaio, e se achára com elle em Covadonga, onde fôra um dos principaes cabos que o acclamára rei, e assistíra á sua coroação. Porém abandonando estes tempos tão remotos, e avisinhando-nos a uma epocha, em que os documentos se tornam mais claros, e a critica encontra menos dureza em acreditar, diremos que no principio do seculo XI (1002) apparece um Camaño (Camaño Batez testis) confirmando uma escriptura do antigo mosteiro de Cella nova. No começo do seculo seguinte (1129) dois cavalleiros d'este mesmo appellido fundaram o convento de Tojosoutos, e se metteram monges n'elle, onde esta familia tinha jazigo sumptuoso.

Ruy Garcia de Camaño, que se deve reputar a origem da casa, florecia por este tempo, e se achou no anno 1147 na tomada de Almeria, e foi morto no sitio de Baeza, sendo cercado por um esquadrão de mouros. Foi um dos mais esforçados e poderosos senhores da Galliza; senhor da villa de Rianjo, do estado de Rubianes, Couto de Orocoulo; de dezesete freguezias chamadas as Camoeiras em terra de Salnez e

[1] Vide nota 13.ª
[2] Vide nota 14.ª

de Barcala, com todas as suas jurisdicções e senhorios. Era casado com D. Ilduara Fernandes de Castro, neta do Infante D. Fernando de Navarra, e cunhada de D. Estephania, filha do Imperador e Rei D. Affonso. D'este foi terceiro neto Fernam Garcia de Camaño, que teve dois filhos. O primeiro, Garcia Fernandes de Camaño, seguiu o partido de D. Henrique, e estando na Corunha, e sendo mandado prender por El-Rei D. Pedro, se fortificou em casa, e se defendeu valorosamente: n'elle continuou em Hespanha a varonia d'esta casa, de que são hoje representantes os Senhores de Rubianes, Marquezes de Villa Garcia e Viscondes de Barantes. O segundo filho, Vasco Fernandes ou Pires de Camões, seguiu o partido do Infante D. Pedro, e se passou a Portugal no anno de 1370 com o desgraçado Conde D. Andeiro e outros fidalgos gallegos, e deu principio n'este reino á familia dos Camões; outros dizem que uma desavença com outro fidalgo poderoso, que custou a vida ao adversario, deu logar á sua expatriação.

Pela qualidade das doações que lhe fez o soberano portuguez se conhece bem quanto lhe foi aceito, e qual era a valia do novo vassallo, pois no anno de 1373 lhe fez El-Rei D. Fernando mercê das villas do Sardoal, Punhete, Marvão, Villa nova de Anços, e das terras e herdades em Extremoz, Aviz e Evora que foram da Infante D. Beatriz, e juntamente lhe deu a quinta do Judeu em Santarem, e mais as Alcaidarias de Portalegre e Alemquer, e os senhorios do concelho de Gestaço, e do castello de Alcanede, mercês todas que se acham registadas nos livros da Chancellaria de El-Rei D. Fernando; e sua mulher a Rainha D. Leonor Telles o deu por aio a seu sobrinho D. Affonso, Conde de Barcellos.

Seguiu primeiro o partido de El-Rei D. Fernando contra D. Henrique II, em o que fez grandes serviços á corôa de Portugal, e por morte de D. Fernando abraçou o partido de sua viuva a Rainha D. Leonor e sua filha D. Beatriz, e ficando prisioneiro na celebre batalha de Aljubarrota, perdeu o senhorio de todas as terras, alcaidarias e castellos, conservando apenas, por benignidade real, as herdades que tinha em Evora, Extremoz e Aviz, e outros bens que possuia em Alemquer e Lisboa, dos quaes seus descendentes fizeram morgados de rendimento, principalmente em Evora e Aviz, onde possuia muitas fazendas, a que chamaram as Camoeiras em memoria de seu primeiro possuidor.

Mas não foi só pela nobreza de sangue e animo valoroso, que se distinguiu o ascendente do nosso Poeta, mas pela cultura das letras, e estro poetico de que era dotado, pois conforme uma carta do Marquez

de Santilhana, citada por Sarmiento, consta ter sido um dos melhores poetas do seculo XIV, e de quem se conservavam poesias manuscriptas em um Cancioneiro que pertencia a D. Maria de Cisneiros, avó do dito Marquez, as quaes não chegaram ao nosso tempo. Um fragmento d'estas poesias [1] nos persuadimos que o leitor póde ver nos dois sonetos escriptos em lingua gallega, que se encontram entre os do nosso Poeta, e que os compiladores provavelmente introduziram entre os outros por os acharem debaixo do mesmo cognome, attribuindo ao neto o que pertencia ao avô.

Esta veia poetica de familia se tornou extensiva a mais de um membro d'ella, pois alem do nosso eximio Poeta, florescia no mesmo tempo e na mesma arte o seu parente o padre Simão Vaz de Camões [2], da Companhia de Jesus.

Casou Vasco Pires de Camões com Francisca, ou Maria Tenreiro, filha herdeira de Gonçalo Tenreiro, que se appellidou Capitão mór das armadas de Portugal, e teve filhos

Gonçalo Vaz de Camões,
João Vaz de Camões,
D. Constança Pires de Camões.

Do primogenito, Gonçalo Vaz de Camões, descendem muitas familias illustres d'este reino, e entre estas a do Visconde de Villa Nova de Souto de El-Rei, chefe do primeiro ramo, e a casa dos Marquezes de Angeja, hoje incorporada na dos Condes de Peniche.

De Constança Pires provem os Severins, a cuja familia parece que pertencia Gaspar Severim de Faria e Manuel Severim, aos quaes devemos, a um, possuir o primeiro retrato do Poeta, e ao outro, uma biographia.

João Vaz de Camões, segundo genito de Vasco Pires de Camões, foi vassallo de El-Rei D. Affonso V, a quem serviu nas guerras de Africa e Castella: viveu em Coimbra e foi Corregedor da comarca da Beira, cargo que houve em recompensa dos seus serviços. Jazia em uma sepultura rica no claustro da Sé velha de Coimbra, e n'ella se lia um epitaphio que fazia menção dos varios successos da sua vida [3]. Casou com Ignez Gomes da Silva, filha natural de Jorge da Silva, de quem houve Antão Vaz de Camões, casado com D. Guiomar da Gama, dos Gamas do Algarve. D'estes foi filho Simão Vaz de Camões, casado com Anna de Sá de Macedo, e d'elles nasceu o nosso Poeta.

[1] Vide nota 15.ª
[2] Vide nota 16.ª
[3] Vide nota 17.ª

O que se tem referido de seu pae, Simão Vaz de Camões, é pouco ou para melhor dizer, quasi nada. Sabemos officialmente que tinha o foro de Cavalleiro fidalgo, e que parte da vida a viveu em Coimbra, d'onde parece que era natural, e a outra parte em Lisboa no sitio da Mouraria. Pedro Mariz conta que indo por capitão de uma nau para a India, naufragára á vista de Goa, salvando-se em uma tábua, e que por fim por lá morrêra; porém o seu nome não se encontrou com tal emprego nos historiadores da India, nem em uma relação que percorremos de todas as armadas e seus respectivos capitães que saíram para a India desde o principio da descoberta.

Manuel de Faria e Sousa, seguindo o primeiro biographo do Poeta, affirmou o mesmo erro na sua primeira biographia; o assento, porém, que depois encontrou da Casa da India o fez emendar aquelle erro, em o qual têem laborado a maior parte dos biographos, alguns mesmo ainda depois da descoberta do registro official encontrado por Faria e Sousa. Mr. de Magnin, membro do Instituto de França, em uma biographia sua que precede a traducção dos Lusiadas de Millié, ultimamente retocada e emendada por Mr. Dubeux, querendo conservar a tradição, conciliando-a com a probabilidade, assevera ter acontecido ao avô do nosso Poeta o naufragio de que se dizia ter sido victima o pae. É verdade que um certo Antão Vaz assistiu com Affonso de Albuquerque á tomada de Goa, porém se pertencia á familia dos Camões, é o que absolutamente ignorâmos. O que de Simão Vaz de Camões sabemos, é que elle era morador na Mouraria, onde residiu no anno de 1550; que se passou depois a viver em Coimbra; e que em 15 de Junho de 1553 o enviava preso para Lisboa o Corregedor de Coimbra com uma devassa por ter entrado no convento das religiosas de Sant'Anna d'aquella cidade[1]; e que a 10 de Dezembro de 1563 ainda era vivo e morador na mesma cidade, pois d'esta data achámos um alvará passado a pedido de Fr. Martinho de Ledesma, reitor do collegio de S. Thomás de Coimbra, da Ordem de S. Domingos, pelo qual El-Rei faz mercê ao dito collegio de S. Thomás de Coimbra, para que Simão Vaz de Camões, cavalleiro fidalgo da sua Casa, e morador na cidade de Coimbra, seja isento de servir o cargo de almotacé ou outro officio publico, por espaço de dez annos contados da feitura do dito, servindo a esse tempo de procurador e recebedor do dito convento, como dizia que o fazia[2].

[1] Documento *A*.
[2] Documento *B*.

Longe pois de deixar seu filho orphão, como erradamente se tem dito, se achava Simão Vaz de Camões, postoque de setenta annos de idade, pelo menos, ainda com bastante vigor de saude para exercer um cargo, para o qual era necessario actividade, e promettendo ainda annos de vida; e assim poderia talvez assistir á publicação dos Lusiadas de seu filho, pois sete annos antes ainda era vivo.

Como nas obras de Cicero, debalde nas do nosso Poeta procurâmos noticias ou referencias á casa paterna, ou porque se perderam aquellas onde poderiamos beber estas noticias, ou porque a sua musa recuasse timida perante a austeridade dos paes, que julgam sempre o exercicio da poesia passatempo ocioso que afasta os filhos da vida real e activa, procurando quasi sempre cortar as azas ao estro poetico que os faz divagar por uma região esteril e sem fructo. A primeira e ultima vez que Simão Vaz apparece conjuntamente com o filho é no anno de 1550, servindo-lhe de fiador para o embarque para a India: nada mais sabemos das mutuas relações do pae e do filho, só podemos asseverar que se a educação é o mais caro e certo penhor de amizade, o mais rico legado com que um pae póde dotar a seu filho, foi sem duvida Simão Vaz de Camões pae o mais amante, pois não lh'a podia dar mais esmerada.

IV

As relações que Simão Vaz de Camões tinha com os padres de S. Domingos, que n'aquelle tempo gosavam de bastante reputação litteraria; a proximidade da casa com o convento; a docilidade com que o Poeta, a seu rogo, emendou e riscou alguns logares do seu Poema; o recreio que mostrava, e a consolação que sentia com a companhia d'estes religiosos, nos ultimos e desgraçados tempos da sua vida, arrastando-se, encostado a umas muletas, para ouvir as lições de theologia que se davam n'este convento, me faz acreditar que fossem estes religiosos os primeiros preceptores do nosso Poeta, frequentando elle as suas aulas, que n'aquelle tempo eram concorridas pelas principaes pessoas da côrte.

Na Universidade de Lisboa devia o Poeta continuar os seus estudos, onde ainda alcançou o lente Garcia de Orta, que n'aquella Universidade leu philosophia no anno de 1533, e no de 1534 se despediu da Universidade para acompanhar para a India Martim Affonso de Sousa. Dizemos isto como uma conjectura, porém mui approximada da verdade, poisque na ode VIII, endereçada ao Vice-Rei D. Francisco Cou-

tinho, Conde de Redondo, para o tornar propicio para conceder licença para o privilegio e impressão do livro que aquelle Doutor queria imprimir sobre as drogas do Oriente, está evidentemente sobresaíndo o reconhecimento e amizade do discipulo para com o mestre, como elle diz, carregado de annos: o exemplo que aponta para convencer o Conde é a gratidão de Achilles para com o mestre, podendo talvez inferir-se pela provecta idade do auctor do livro e pelo final d'esta poesia, que tivesse Garcia d'Orta sido mestre do Conde, e depois ainda do Poeta.

Não temos noticias positivas e circumstanciadas do tirocinio litterario do nosso Poeta, porém das suas poesias se deprehende já em idade tão tenra aquella rara penetração, que quasi sempre é a percursora do genio; o soneto XXI, talvez o primeiro adejo poetico do nosso Vate, no qual, alem de boa poesia, se revela o seu aproveitamento na historia universal, é prova convincente. Quantas vezes o leitor terá passado com indifferença este soneto que nos mostra a epocha tão prematura das precoces composições do Poeta, dando-nos uma prova de que de onze annos, ou menos, já poetava e fazia um soneto como aquelle! É este soneto dirigido ao Duque de Bragança D. Theodosio, e n'elle lhe chama grão successor e novo herdeiro do Bragançăo estado; ora o Duque D. Jaime, seu pae, falleceu a 20 de Setembro de 1532, em consequencia, n'este anno herdou seu filho D. Theodosio a sua casa e estado. Admittindo que o Poeta escreveu este soneto tres annos depois, praso mais lato que se póde dar, porque aliás caberia mal o titulo de novo herdeiro, temos o soneto escripto aos onze annos da vida do Poeta ou antes; provavelmente o foi no anno de 1535, no qual intentou acompanhar o Infante D. Luiz á expedição da Goleta, ou quando o Duque D. Theodosio veiu hospedar-se em Coimbra no convento de Santa Cruz, onde os conegos regrantes lhe fizeram sumptuosa hospedagem, e onde o Poeta se deveria achar, pois por esta epocha residia na cidade de Coimbra.

A Universidade de Coimbra, fundada primeiro em Lisboa por El-Rei D. Diniz, a instancias do abbade de Alcobaça, prior de Santa Cruz e outros reitores de igrejas parochiaes, e mais pessoas, tanto ecclesiasticas como seculares, que se offereceram a pagar aos lentes pelas suas rendas, depois de varias mudanças de uma para outra cidade, acabava emfim definitivamente de se trasladar para Coimbra no anno de 1537, apesar da opposição dos seus lentes, por determinação de El-Rei D. João III, desprezando-se a lembrança de a remover para Torres Vedras, contra o que representavam a Camara e povos d'esta villa.

N'esta Academia, que então começava a brilhar com o ensino de illustres mestres nacionaes e estrangeiros, foi o Poeta concluir os estudos encetados em Lisboa, como temos a certeza pela canção IV e outras suas poesias das quaes consta a sua residencia n'esta cidade:

> Vão as serenas agoas
> Do Mondego descendo,
> E mansamente ate o mar não param:
> ....
>
> Nesta florida terra
> Leda, fresca e serena
> Ledo, e contente, para mi vivia;

Não sei, nem consta das suas poesias, qual era a carreira litteraria a que se destinava, e a vida que preferia escolher, porém inclino-me a acreditar, que foram os primeiros estudos os de theologia, não só pela distracção que tomava no fim da vida com estas materias, mas porque correndo a sua educação debaixo dos auspicios de um tio seu, Superior de uma ordem religiosa, poderia bem acontecer que descortinando este no sobrinho talento tão prodigioso, occorresse a idéa de o attrahir para a sua corporação. A perplexidade que o Poeta mostrava na escolha de uma vida, apparece em um paragrapho inedito de uma das suas cartas impressas, e se encontra em um manuscripto que possuo onde esta carta vem por integra. «Tomei o pulso a todos os estados da vida e nenhum achei em perfeita saude, porque a dos clerigos para remedio a vejo tomar maes da vida que salvação da alma; a dos frades inda que por baxo dos abitos tem huns pontinhos que quem tudo deixa por Deos nada avia de querer do mundo *(sic)*; a dos casados é boa de tomar e roim de sustentar e peor de deixar; a dos solteiros barca de vidro sem leme que he bem roim navegação: hora temperai me lá esta gaita, que nem asi, nem asi, acharas meo real de descanso nesta vida, etc.» Em o mesmo manuscripto segue outra carta que pelo estylo parece do nosso Poeta, onde se encontram estas expressões: «Novas minhas estava por não escrever por que não ousava confessar que temia deixar hum estado por outro que maes me emfadasse; pois nesta parte me vencião dous receios, a huma largar a côm que tanto ha me enguanei, outro de não saber o como me averia no que não tinha provado, mas aqui entrou a razão dizendo me que do que tinha me bas-

tava o desengano, e para o que buscava me servisse o conselho no qual estou resoluto de hir este anno a Coimbra restituirme aos ares em que me criei parte do tempo que perdido tenho, entretanto que eu mais de perto não posso corar estas oppinioens com que ás duvidas respondo se lembre V. M.e que he obrigado a honrallas como minhas e defendellas como suas.»

Seria longo para aqui, e por certo tarefa mui superior ás nossas forças, o descrever o movimento litterario da Academia portugueza, no tempo em que foi cursada pelo nosso Poeta: parece que penna mui douta [1], pela analyse do seu Poema, se encarregou já de demonstrar os variados conhecimentos em os differentes ramos das sciencias que n'ella devia ter bebido, quem concebeu e poz por obra um poema tão maravilhoso; e de certo, se não tivesse outro padrão de gloria, bastava o ter creado tão distincto alumno, e nós não podemos dar do seu esplendor mais valioso testemunho que o do proprio Poeta:

> Quanto pode de Athenas desejar-se
> Tudo o soberbo Apollo aqui reserva,
> Aqui as capellas dá tecidas d'ouro
> Do Bacaro e do sempre verde louro.

Sem entrar comtudo no exame do movimento scientifico e no systema litterario que regia a Universidade n'aquelle periodo da sua existencia, para se mostrar qual era o profundo estudo que se fazia das linguas mortas, tocaremos em um estylo que achâmos consignado nos estatutos do collegio de Santa Cruz (1536) onde vem descriptos os exames dos que se graduavam nas differentes faculdades, isto é, que pelos ditos estatutos era não só prohibido, mas tinha-se como opprobrio a qualquer escolar communicar-se n'outra lingua que não fosse a grega ou latina, pelo menos dentro da Universidade. Fazemos menção d'este costume academico, porque estamos persuadidos de que concorreu não pouco para o solido conhecimento das sciencias, para as quaes estas duas linguas eram a chave, e para o aperfeiçoamento da lingua poetica, que o Poeta formou e enriqueceu de novos vocabulos e elegantes locuções, e fixou de todo. Em uma descripção contemporanea (1550) do mosteiro de Santa Cruz, se faz menção não só d'este uso, mas de outros costumes escolasticos; e porque descreve com cores assás vivas

[1] Vide nota 18.ª

a vida academica d'aquella epocha, nos parece de algum interesse extractar a parte em que allude aos ditos usos. «Sobre este terreiro (diz a descripção) em altura de quatro degráos está hum tavoleiro ladrilhado de pedras quadradas, e cercado de grades de ferro, sobre o qual estão fundadas as bazes do soberbo portal de magestade, torres e igreja d'este mosteiro. Em este tavoleiro ha grande concurso de estudantes que continuamente conferem entre si, huns em gramatica, outros em rethorica, outros em logica e philosophia, outros em santa theologia, outros em medicina da vida e saude humana reparadora; e a todos he oprobrio fallar, salvo em a lingoa latina ou grega. Estes estudantes sahem como enxame de abelhas de dous polidos e concertados collegios, o primeiro se diz de Santo Agostinho, e o segundo de S. João Baptista, são as aulas ou geraes em elles ladrilhados e forrados e providos de cathedras mui arteficiosas.» Cheio de todo o viço e florescencia da mocidade, de toda a superioridade do talento, se nos figura estar vendo o nosso Poeta no meio d'este enxame de estudantes discutindo, e admirando a todos os seus condiscipulos e mestres pela vastidão de seus profundos conhecimentos.

Nenhum pastor cantando me vencia,
A barba então nas faces me apontava;
Na luta, na carreira em qualquer manha
Sempre a palma entre todos alcançava,

exclama elle em uma das suas composições, aprazendo-se no gabo de si mesmo, e com toda a consciencia do proprio merecimento.

No primeiro Capitulo, que se celebrou em Santa Cruz a 3 de Maio de 1537, saíu eleito primeiro geral d'aquella congregação D. Bento de Camões [1], tio do Poeta e irmão de seu pae, e por carta passada a 15 de Dezembro do mesmo anno, primeiro cancelario da Universidade, cargo o mais principal d'aquella Academia. Debaixo dos auspicios, tutella e discrição de tão proximo parente, cursou o Poeta os seus estudos, de sorte que durante esse tempo, nem lhe faltou direcção na sua carreira litteraria, nem protecção valiosa. Foi por esta occasião que escreveu, segundo elle diz, á sombra de um freixo de um valle ameno a sua elegia (inedita) a Sexta feira Maior, a qual pelo soneto dedicatorio que a acompanha se conhece ser dedicada ao tio e mentor:

[1] Vide nota 19.ª

A ti Senhor a quem as sacras Musas
Nutrem e cibão de porção Divina,
Não as da fonte Delia Caballina
Que são Medeas, Circes e Medusas,

Mas aquellas em cujo peito infusas
As estão, que as leis da Graça ensinão,
Benignas no amor e na doutrina
E não soberbas cegas e confusas,

Este pequeno fruto produsido
Do meo saber e fraco entendimento
Huma vontade grande te offerece.

Se for de ti notado de atrevido
Daqui peço perdão do atrevimento
O qual esta vontade te offerece.

A elegia a que precede este soneto, um dos primeiros ensaios da musa juvenil do Poeta, se caracterisa, bem como o soneto XXI, por um lado por aquella vaidade de erudição, tão conhecida em um mancebo que sáe dos estudos; mas é ao mesmo tempo apreciavel por este mesmo defeito, para devidamente avaliarmos o progresso intellectual do Poeta. Por elle vemos o porfiado estudo que fazia dos auctores gregos e latinos, que por assim dizer lhe fervem na cabeça, como em um vaso o confuso tumulto e fermentação de particulas, que mais tarde hão de formar o mais suave e generoso licor. É invocado Apollo; as Musas Daphne, Doris, Panopêa, Thetis, Galathea dão tambem o seu contingente; o Pelio, Emmo, Ossa, Pindo e Atlante, são outra vez amontoados, não para escalar de novo o céu, mas para chorar a mais triste das scenas, passada em um pequeno monte, grande porém porque n'elle se arvorou o signal da nossa Redempção; os Thracios, a Grecia, Colchos, a Scythia, Sparta, os Phrygios incultos, são tambem incommodados; Ptolomeu e Strabo foram tirados da estante pulverulenta; e não houve coisa que esquecesse da antiga mythologia.

No meio comtudo d'esta abundancia extravagante e affectação escolastica, examine-se com cuidado este aliás diffuso poema, e n'elle encontraremos já os caracteristicos precursores de um grande Poeta. Note-se a tendencia que tinha de inventar vozes novas, e a felicidade na appro-

priação dos epithetos; examine-se principalmente o final d'esta precoce tentativa poetica depois que o Poeta gastou todo o fogo da erudição, e ficou elle só, e encontraremos verdadeira poesia, pensamentos felizes e as mais bellas imagens. Quem póde recusar-se a admirar como rasgos de mestre, alguns pensamentos e imagens felicissimas: —O lyrio branco decomposto derrubado pelo ferro homicida — a branca rosa trespassada do frio — o cisne que na ribeira umbrosa enternece brando a selva circumstante com voz melodiosa — os anjos que como enxame de abelhas leves e ligeiros pressurosos trabalham por aligeirar os martyrios do Salvador? Mas o que é mais notavel, é a maneira com que termina, a exclamação de enthusiasmo por Homero e Virgilio, com quem em tão verdes annos já deseja hombrear:

> Tomara ser Virgilio ou ser Homero
> Somente no saber que foi divino,
> Que ser o que elles forão não no quero.

Camões leu os dois poetas certamente divinos, e exclamou: —Eu tambem sou poeta—; e desde esse tempo traçou talvez as primeiras linhas d'aquelle Poema immortal que, mais tarde, o devia emparelhar com os dois eximios Epicos da Grecia e do Lacio.

A famosa expedição de Vasco da Gama [1], postoque conservada em memorias, algumas dos proprios navegadores, não tinha ainda entrado para o corpo das nossas chronicas, nem Castanheda, Osorio ou Barros tinham ainda publicado as suas historias ao tempo que o nosso Poeta frequentava a Universidade; comtudo parece, que já João de Barros propunha á mocidade o abandonar a brandura efeminada das poesias eroticas, apresentando-lhe, como programma, o resuscitar a poesia heroica para cantar os altos feitos dos portuguezes. No anno 1533 (tinha então Camões nove annos), no discurso panegyrico de D. João III, recitado perante o mesmo monarcha pelo historiador da India, fallando da poesia heroica, se expressa por esta maneira: «Com este fundamento ás mesas dos Principes e grandes Senhores se cantavão antigamente em metro os feitos notaveis dos grandes homens donde primeiro naceo a poesia heroica, e segundo eu tenho ouvido ainda neste tempo os Turcos em suas cantigas louvão os feitos d'armas e cavallarias de seos Capitaens, o que se fosse usado em Hespanha e toda a Europa, se me eu não en-

[1] Vide nota 20.ª

gano mais proveito de tal musica naceria, do que nace de saudosas cantigas e trovas namoradas.» Aceitou poucos annos depois o convite o nosso joven Poeta; mas pôde João de Barros ver o seu desejo preenchido? Poucos mais dias de vida lhe eram sufficientes; ao mesmo tempo que chegava a Lisboa o Poeta, fallecia o historiador da Asia portugueza.

Se o primeiro pensamento dos Lusiadas não foi este convite, o que não póde absolutamente asseverar-se, não padece duvida comtudo que o Poeta foi principalmente influido pela leitura das Decadas da Asia, na narrativa do seu Poema (oxalá as não seguíra tanto á risca!), bem como na urdidura poetica pela de Homero, e mais que tudo pela de Virgilio, pois não era do numero d'aquelles de quem escreve o nosso Garção, que só conhecem o portico de Athenas em caixas opticas pintado.

Mas se das linguas mortas tinha um cabal conhecimento, não cultivára com menos desvelo as vivas, isto é, a franceza, ingleza, castelhana e italiana, e mesmo a provençal, como affirma lord Strangford [1], dizendo-se conhecedor, e as suas respectivas litteraturas. O grande numero de portuguezes graduados pela Universidade de Paris [2], e de francezes que já residia entre nós, e outros que concorreram depois a chamamento d'El-Rei D. João III, em cujo numero se contava Nicolau Grouchy, que verteu para francez a Castro do nosso Ferreira, devia tornar muito vulgar o conhecimento da lingua franceza em Portugal; e a analogia que se nota em certo trecho dos Lusiadas com um logar da Franciada [3] parece denotar que ao Poeta não foi desconhecido o poema de Ronsard.

A residencia tambem de alguns escocezes e inglezes entre nós; a grande reputação de Buchanan; o elogio ouvido talvez da bôca d'este, do seu poeta Chaucer, poderia talvez incitar o nosso Poeta ao desejo de ler na lingua propria o patriarcha dos poetas inglezes, para o conhecimento da qual tinha aberto as portas a celebre Paula Vicente, com a sua grammatica ingleza. A similhança de pensamento (se não foi um d'estes encontros do genio) de um logar das poesias do poeta inglez [4], com a ficção da ilha de Venus, faz de alguma maneira acreditar que ao Poeta não foi igualmente desconhecido o Poema inglez. Porém nem uma, nem outra d'estas linguas offerecia n'aquella epocha modelos tanto a seguir na poesia, como a castelhana, e mui especialmente a italiana.

[1] Vide nota 21.ª
[2] Vide nota 22.ª
[3] Vide nota 23.ª
[4] Vide nota 24.ª

Á estada de André Navagero na Hespanha, como embaixador á côrte de Carlos V, alem das relações e guerras da Italia, se deve a introducção do estylo italiano na poesia castelhana. O amigo de Pedro Bembo, durante a sua embaixada, tinha persuadido a Boscan, com quem contrahíra amizade, a preferir a fórma poetica usada na sua patria, abandonando a antiga, conselho que foi facilmente aceitado pelo poeta castelhano, e seguido igualmente por Garcilasso. O infante D. Luiz tinha concorrido na expedição de Africa com este ultimo, e como poeta que era, não deixaria de trazer para a sua patria, e vulgarisar o Cancioneiro das suas poesias e de seu amigo Boscan, que o nosso Camões tinha em tanto apreço, que fazendo a comparação de uma senhora, diz que era mais branda que um soneto de Garcilasso, e em uma ode sua o emparelha com o seu predilecto Petrarcha.

Que as poesias de Garcilasso eram conhecidas em Portugal antes da sua morte se colhe com evidencia da egloga v, escripta por Sá de Miranda por occasião do seu fallecimento occorrido no anno de 1536, oito annos antes da impressão das suas rimas (1544), que se imprimiram posthumas. A exemplo dos dois poetas castelhanos, tratava Sá de Miranda de introduzir na sua patria, depois da sua viagem de Italia, o gosto pela poesia do paiz que tinha percorrido, accommodando a phrase a novas combinações harmonicas, e sujeitando-a a novas ou desusadas leis metricas. O hendecasyllabo já conhecido em Portugal, mas pouco seguido, foi por elle definitivamente introduzido [1], desviando-se do uso commum e quasi exclusivo do verso octonario e redondilha maior, mostrando com regras praticas que elle devia fazer o principal fundamento da harmonia metrica na lingua portugueza, assim como trouxe para a nossa poesia o verso septenario ou heroico quebrado.

Tal foi o instrumento já muito melhorado, mas ainda imperfeito, que o Poeta encontrou no seu tempo, que elle montou de novas e variadas cordas, e levou á perfeição para d'elle tirar sons inspirados da mais arrebatada e melodiosa harmonia poetica. Uma das provas porém do fino tacto litterario e superioridade do nosso Poeta, é que devendo necessariamente achar-se a republica das letras dividida em differentes fracções, de petrarchistas ou italianos, nacionaes ou trovistas, latinos e classicos, elle não se alistou exclusivamente em nenhum dos campos, antes applicou a metrificação conforme lhe pareceu conveniente ao assumpto que tratava. Classico, especialmente na urdidura do seu Poema,

[1] Vide nota 25.ª

tendo sempre em vista a Homero e Virgilio, elle não desprezou comtudo a feliz imitação dos poetas modernos; cultor e apreciador da lingua do Lacio, diremos antes latino com excesso na phrase, julgou porém antes transportar para a lingua poetica vocabulos d'aquelle idioma, mas vasados em fórma portugueza, do que, seguindo o exemplo de ingratidão de alguns compatriotas, usar de linguagem estranha; admirador do Dante, Ariosto, Bernardo Tasso, Pedro Bembo, e mais do que todos de Petrarcha, não seguiu com tanto servilismo a nova fórma metrica italiana de pouco introduzida (apesar de a seguir quasi sempre) que abandonasse inteiramente a antiga redondilha nacional, na qual não só compoz (e já no outono da vida) uma das suas mais gabadas poesias[1], mas todas as suas peças dramaticas, em uma das quaes (os Amphitriões) foi em parte classico e imitador dos latinos, como vamos expor.

Jorge Buchanan, que leccionou em Coimbra poucos annos depois da saída do nosso Poeta d'aquella Universidade, nos dá noticia do costume escolastico que existia nas academias de seu tempo, de se comporem peças dramaticas expressamente em latim para exercitar e desembaraçar os estudantes n'aquella lingua; e faz menção na sua auto-biographia das differentes peças que compoz para serem representadas nas academias onde leu cursos. A comedia de Plauto os Amphitriões, já traduzida em castelhano (1505), e accommodada á representação por Villalobos, reputado por um dos campeões da escola dos classicos, tinha tido e gosava de grande voga no reino visinho. Desejoso o Poeta de brilhar em uma peça que agradava, e adherindo a este uso academico, mas com espirito reaccionario, me persuado que compoz durante o seu curso a sua imitação dos Amphytriões de Plauto, mas na lingua materna, resolução, ou antes revolução, em que teve por companheiro a Ferreira. O estylo classico da peça, a escolha do assumpto tratado por differentes, e entre estes, mais tarde, pelo grande Molière, me faz inteiramente acreditar que esta sua composição foi expressamente feita para ser representada perante uma assembléa de litteratos. Se isto é assim, ella foi contemporanea, se não antecedeu aos Estrangeiros de Francisco de Sá de Miranda; não usou elle comtudo sacudir o jugo do verso, e n'isto pôde mais para com elle o exemplo de Gil Vicente, do que o do Seneca portuguez.

Taes me parece que foram as primeiras tendencias litterarias do nosso Poeta, e algumas outras poesias á sua amante no principio dos seus

[1] Vide nota 26.ª

amores, durante o tempo que cursou a Universidade, epocha que o sr. bispo de Viseu marca entre os annos de 1539 a 1544, pouco mais ou menos, isto é, desde os quinze aos vinte annos de idade: agora veremos, quão provavel, melhor disseramos é verdadeira esta sua conjectura. Diz o Poeta na sua carta primeira que em Lisboa passára elle tres mil dias de más linguas, peiores tenções; isto é, oito annos e oito dias, tempo que se deve entender depois do seu regresso de Coimbra. No anno de 1553 saiu o Poeta para a India: se subtrahirmos oito annos teremos o anno de 1545, e tirando mais tres annos para os dois degredos do Tejo e de Africa, pois de dois nos parece que temos a certeza no praso marcado para o segundo na carta (inedita) escripta de Ceuta [1], em que diz

> Senão vindo aquelle dia
> Que hade ser fim de dous annos

teremos que concluiu os seus estudos em 1542, e regressou a Lisboa n'este mesmo anno ou no seguinte.

Se pela salubridade da terra, amenidade de seus ares, tranquilla quietação do sitio, é Coimbra terra aptissima para a mais seria applicação dos estudos, não são de menos incentivo para a imaginação do amante apaixonado as bellezas da natureza que circumdam a cidade ridente. Oh! e quanto estas não influem para exaltar a phantasia do amante e poeta, repassar o coração d'esta doce melancolia que arroba a existencia e se transvasa em caudalosa poesia! E que poesia e encantos topographicos não encerra a terra onde repousam as cinzas do fundador da monarchia! Galas da natureza, tradições historicas, tudo ali concorre para tornar este sitio o mais romantico e encantador. Ali se espreguiça o rio transparente, acolá, em suas aguas, se espelha a lapa mysteriosa, os valles sombrios serpenteiam por entre os montes, enxerga-se ali o penedo da Saudade, aqui nos sentâmos junto á fonte dos amores (onde já choraram olhos reaes) com seus annosos cedros de triste recordação, que attestam o feroz sacrificio executado em uma pomba de amor; acolá um filho seu ha de, pouco tempo depois, renovar a mais sanguinolenta tragedia, immolando a um inconsiderado ciume a esposa infeliz. E por que não havemos juntar ás curiosidades topographicas d'esta cidade o freixo de Camões [2]? Mocidade estudiosa que cursaes a nobre carreira

[1] Vide nota 27.ª
[2] Vide nota 28.ª

das letras, a quem inflamma o fogo sagrado da poesia, procurae-o, percorrei esses campos, descei ao valle, e quando virdes uma arvore secular, se á sua sombra sentirdes que a vossa alma se agita áquelle

Est Deus in nobis, agitante calescimus illo,

que as idéas borbulham, o estro toma o vôo arrojado da aguia, tende a certeza que haveis encontrado a arvore do Poeta.

V

Achava-se o Poeta n'aquella quadra da vida do homem, na qual se torna uma necessidade o amar; no ardente estio da mocidade, quando o coração limpo de todas as outras paixões do interesse ou de ambição, que mais tarde, no outono da vida, se lhe arreigam, se abre todo a receber esta paixão violenta e doce, reflectindo-se n'elle as impressões que lhe pintou uma escaldada imaginação. Uma sede impetuosa nos abraza, e esta ou se refrigera em varias fontes, e eis o amor physico e corrompido, ou se concentra em um só objecto, e fórma esta voluptuosa e suave paixão que acha lenitivo na mesma pena, e eis o amor platonico, romantico e apaixonado de um Mancias, um Petrarcha, um Bernardim Ribeiro. Isento d'este amor puro passou o Poeta algum tempo, em continuada inconstancia, em entreter damas com bons ditos, engana-las com falsos galanteios, e até em despreza-las; ao que lhe dava azo e o afoutava o muito apreço que d'elle faziam, pela excellencia do seu engenho que agradava e começava a scintillar em suas poesias.

Tão sacrilega esquivança não podia deixar de chamar uma pena igual ao delicto: não tardou muito que o amor se vingasse tomando-o nas suas redes, cujos nós, conforme o Poeta latino, tão difficeis são de se romperem. E como podia o Poeta, como elle mesmo diz, livrar-se porventura

Dos laços que amor arma brandamente?

Dotado de um coração sensivel, uma alma enthusiastica, como podia ser indifferente a tanta formosura, discrição e virtude, como nos deixou encarecido nas suas poesias? Era preciso não ter olhos para ver, nem coração para amar. Se o Poeta porém foi tão feliz que soube subir com o pensamento a tanta altura, é tambem não pequeno documento

do bom juizo da dama a preferencia que soube dar a um homem de um merito tão singular e de qualidades tão raras.

No dia o mais solemne do anno, em o qual a Igreja vestida de luto celebra o anniversario da morte do Homem-Deus, foi que o Poeta viu no Templo o objecto encantador dos seus amores, em o que se encontrou em uma perfeita coincidencia com o mesmo começo que teve a inclinação de Petrarcha com a celebre Laura.

O soneto LXXVII, que é quasi uma traducção do III do Poeta de Ferrara, fez duvidar a alguem d'este accidente da vida do Poeta, julgando que elle se tinha limitado a traduzi-lo sem o referir a si proprio; o seguinte soneto porém (inedito), escripto ao mesmo assumpto, o testifica com toda a evidencia.

Todas as almas tristes se mostravão
   Pela piedade do Feitor Divino,
   Onde ante o seu aspecto benigno
   O devido tributo lhe pagavão.
Meus sentidos então livres estavão
   Que ate hi foi contente o seu destino,
   Quando huns olhos de que eu não era dino
   A furto da razão me salteavão.
A nova vista me cegou de todo,
   Naceo do descostume a estranheza
   Da suave e angelica presença.
Para remediar-me não ha hi modo.
   Oh porque fez a humana natureza
   Entre os nascidos tanta differença!

Foi ao ver esses olhos formosos levantados ao céu em fervorosa supplica, essas mãos de alabastro erguidas ante o throno do Eterno, que elle, quando menos pensava, foi ferido d'esse amor romantico e apaixonado que depois tanto influiu na sua agitada e tormentosa vida. Mas se alguma vez vistes uma formosa dama orando com os olhos erguidos ao céu, com que o ar serena, ou já em recolhida e meditativa contemplação, e o vosso coração vos disse alguma cousa, por certo desculpareis este desvio do nosso Poeta no templo, esta adoração do Creador na creatura.

O supracitado soneto, em o qual o Poeta nos revela o principio das suas relações amorosas, termina com uma exclamação contra a desigualdade entre os nascidos, porém não explica se allude á differença de um

nome illustre, se á falta de meios pecuniarios. Não faltavam a Camões avós illustres, como temos visto; porém se a nobreza se abate pela ausencia dos bens da fortuna, descendente de um ramo segundo da familia, não poderia sustentar o esplendor de seus ascendentes; por isso como sempre acontece, devia ser reputado como inferior pelos paes da senhora a quem tributava a homenagem do seu amor. Restava-lhe comtudo uma esperança, a de buscar com honra uma fortuna honesta, para sustentar o lustre de seus antepassados —era a sua espada. Um mancebo que depois mostrou disposições tão generosas, não podia ser indifferente em quinhoar a gloria e perigos de seus compatriotas, e com este intento, terminados os seus estudos, regressou de Coimbra a Lisboa. Nos sonetos CXI e CXXXIII, em os quaes o Poeta se despede de Coimbra e da sua amante, positivamente dá a entender o pensamento e resolução em que estava ao chegar a Lisboa de encetar a sua carreira militar.

Na sua chegada á côrte encontrou o mais benevolo acolhimento; a primeira sociedade lhe abriu as portas, e o Poeta contou por amigos ou protectores, entre outros, o duque de Bragança e seu irmão D. Constantino, o duque de Aveiro, o marquez de Villa Real, o de Cascaes, o conde de Redondo e o da Sortelha, com quem parece que tinha relações de parentesco, D. Manuel de Portugal, a quem celebrou como o seu Mecenas, o joven D. Antonio de Noronha e outros muitos senhores; e é a esta epocha que o Poeta allude quando diz que se achava farto, querido, estimado e cheio de muitos favores, e mercês de amigos e de damas.

Aindaque não tivessemos a certeza, pela mesma bôca do Poeta, da consideração e estima que houve logo na côrte por elle, uma carta em verso dirigida a Francisco de Sá de Miranda por seu cunhado Manuel Machado de Azevedo, que se lê na vida d'este escripta por seu bisneto o marquez de Montebello, nos declara o enthusiasmo que havia por elle nos circulos da boa sociedade, equiparando-o a João de Mena. A carta é a seguinte:

Respondendo á vossa digo
Amigo, senhor e hirmão,
Que entre tanta confusão
Não ha carta sem perigo.

Em que corra avesso tudo,
Tudo correrá direito
Se lhe sabe andar ao geito
O prudente e o sesudo.

Quando deem couce os planetas
Tem mais altos poderios
Aquele que o mar e os rios
Enfrea e pica os Poetas.

Fez o homem diferente
De qualquer outro animal,
Se elle do bem husa mal
E do mal bem elle o sente.

Deu-lhe livre a eleição
Que outros chamão escolhimento;
Pos na mão do homem o tento
Do seu ganho ou perdição.

Vos quereis com discripçois
E com vossas letras grandes
Que em Italia, Espanha e Frandes
Vos reconheção as naçois.

Eu quisera que os Salloyos
Vos estimassem somente,
Por que da nossa semente
Sempre colhereis mais moyos.

Ha de desenfrear sua pena
Como hum potro desatado
Quem quizer ser mais medrado
Que Camoens e João de Mena.

Não encontrou provavelmente Camões a Sá de Miranda, que é natural se tivesse ausentado da côrte para o seu retiro; Gil Vicente devia ser fallecido de proximo, porém é possivel que o Poeta, sendo menino, assistisse ainda a alguma das suas representações; Bernardim Ribeiro ainda era vivo, porém, mergulhado na mais profunda melancolia, chorava no seu romantico retiro da serra de Cintra a morte da infeliz Princeza, objecto dos seus amores; Camões não só o conheceu, mas cultivou a sua amizade, e porventura, mais de uma vez, os dois amantes infelizes trocaram entre si mutuas consolações. Assim como Sá de

Miranda foi o mentor litterario de Diogo Bernardes, e João de Barros de Damião de Goes (de quem era compadre), nos persuadimos que Bernardim Ribeiro o foi de Camões, a quem o Poeta chamava o seu Ennio, e que lhe communicou o romance da Menina e Moça. Confirma-se isto com algumas imitações salientes de Bernardim, que apparecem nas obras de Camões[1], escriptas na sua mocidade antes da sua partida para a India, e quando ainda não estava impresso o romance d'aquelle poeta, que devia ser vedado ao maior numero de pessoas, e apenas confiado a amigo intimo pelo alto assumpto a que pretendem que dizia respeito. Estas relações que se contrahem com o ancião que por longos annos se curvou sobre os livros, e folga com a ambição de fazer desenvolver um talento que, sem ser guiado, se tornaria talvez esteril, assim como o desejo do mancebo que respeitoso anhela por beber as lições da experiencia, são bem conhecidos de todos aquelles que prezam a carreira das letras.

Era o paço o ponto de reunião onde concorriam aos saraus os fidalgos, para ostentarem a sua galantaria e talento nos versos que dirigiam ás damas, capitaneando-os n'estes certames poeticos e amorosos o infante D. Luiz. D. Manuel de Portugal, o Mecenas do Poeta, era n'aquelle tempo um dos mais brilhantes adornos d'este circulo, e como lhe chama Francisco de Sá de Miranda, o lume do paço; e D. Francisco de Portugal, seu parente, nos assevera o mesmo, dando-nos na sua Arte de Galantaria, noticia da etiqueta que se seguia na côrte quando um cavalheiro dirigia versos a uma dama. N'estes ajuntamentos, não só pela qualidade de seu nascimento, como, provavelmente, por intervenção do seu Mecenas, teve accesso o nosso joven Poeta, e ahi pela jovialidade de seu genio, e pela superioridade do talento e conhecimentos, devia dar um contingente não escasso de amabilidade e illustração, para estes passatempos recreativos em os quaes os nossos reis antigos se deleitavam em companhia de seus subditos.

Mas qual era o distincto areopago feminino, o tribunal de Amor que devia julgar do merecimento scientifico, e devia distribuir a corôa de louro ao poeta mais insigne, é o que não será fóra de proposito fazer conhecer, dando aqui noticia de algumas das damas que n'aquelle tempo abrilhantavam a côrte da Rainha D. Catharina.

Resplandecia como sol luminoso entre estes astros a princeza D. Maria, que por conselho da Rainha D. Leonor se tinha dado ao estudo da

[1] Vide nota 29.ª

lingua latina; e com quanta graça e elegancia escrevia n'ella póde ver-se em uma carta sua que a mesma Rainha escrevia para França. Reunia no paço uma academia de senhoras illustres pelo seu saber, com quem se occupava em exercicios litterarios, e eram suas inseparaveis companheiras as duas Sigéas, Angela e Luiza Sigéa; esta ultima, não só versada na lingua latina, mas ainda na grega e hebraica, mereceu do papa Paulo III uma carta em agradecimento á offerta do seu poema latino da descripção de Cintra.

D'esta senhora e da celebre Joanna Vaz, achámos assentamento acrescentado, no livro das moradias da casa da Rainha D. Catharina, com mais 6$000 réis de ordenado com as verbas de *Latinas*, isto é, provavelmente mestras das outras damas. D. Leonor de Noronha, filha do marquez de Villa Real, traduzia do latim a Marco Sabelico; Paula Vicente, filha do celebre comico Gil Vicente, ahi apparece com o assentamento de *tangedora*, ao que se deprehende mestra das donzellas, bem como se encontra outra verba a um certo Antonio do Valle, como mestre de dansa. Não só pois com o seu exemplo procurava a Rainha que as donzellas e damas, estas mimosas flores que medravam no seu palacio, fossem o modelo de uma educação catholica e virtuosa, mas que esta fosse alem d'isto polida e viçosa com o esmalte das sciencias e prendas delicadas. Não admira pois que o Poeta no outono da vida as invocasse no seu poema, na falta de protecção que encontrava n'aquelles que andava cantando, e que tinham os ouvidos surdos para escutarem a sua melodiosa poesia, se alentasse com tão precioso valimento, e lhe fosse tão penoso o abandona-lo, como consta das suas despedidas; custando-lhe tanto a acostumar-se a essas damas da India, ás quaes se lhes fallava alguns amores de Petrarcha ou Boscan, respondiam, como o Poeta diz metaphoricamente, n'uma linguagem mesclada de hervilhaca que travava na garganta do entendimento. Nada d'isto admira, se nos lembrarmos especialmente que no côro d'estas damas se achava a sua amante, que o inflammava e servia de vehemente despertador ao seu estro maravilhoso.

O primeiro que nos dá noticia d'estes amores do Poeta no paço é Pedro Mariz no prologo biographico que precede a edição dos Lusiadas de 1613, asseverando, que alguns diziam que o Poeta se víra homisiado ou desterrado por uns amores no paço da Rainha: comtudo alguns biographos têem querido, a nosso ver, sem fundamento algum, duvidar da existencia d'estes amores. Em escriptor quasi contemporaneo, nos commentarios manuscriptos de D. Marcos de S. Lourenço, achámos ultimamente a noticia d'estas relações do Poeta no paço, pois commentando

a est. xvi do canto iii dos Lusiadas, diz: «Estas Naiades erão as damas do Paço, as quaes se hião recrear áquellas florestas (de Cintra) com as Rainhas de Portugal em quanto Deus quiz que elle gosasse destes mimos dos quaes por que não soube uzar veio a carecer delles.» A egloga xv, descoberta por Faria e Sousa, nos deu a conhecer o nome d'esta senhora, quando apenas sabiamos pela tradição e memoria de Pedro Mariz, que era uma dama do paço; traz este titulo no manuscripto descoberto pelo commentador: «Egloga de Luiz de Camões, á morte de D. Catherina dama da Rainha;» e com o mesmo nome vem no outro manuscripto contemporaneo de Luiz Franco; e mais claramente o Poeta o revela em uma poesia sua acrostica (inedita) onde o seu nome se encontra associado com o da amante.

MOTE

Lume desta vida
Veja-me esse lume
Ia que se presume
Sem o ver perdida.

VOLTA

Concedei luz tal
A quem vos cegaste,
Toda me tiraste
E essa só me val:
Rasão he querida
Ia vir do alto cume
Norte de tal lume
A alma tão perdida.

Desatando hide
Esta treva escura
Aurora onde pura
Toda luz reside:
Ay que atada a vida
Ia com esse lume
Deixa o seu queixume
Estima-se por perdida:

Do que fica dito, alem de uma memoria contemporanea de um frade [1], que foi o proprio confessor de uma senhora que assim se nomeava e appellidava, e pelo qual consta que existia o rumor, não só d'estes amores, mas do desterro por sua causa, nos parece não poder já pôr-se em duvida, sem risco de scepticismo, a existencia d'esta inclinação amorosa do nosso Poeta. Mas como existiam duas senhoras do mesmo nome e appellido, servindo ambas no emprego de damas da Rainha D. Catharina, ao mesmo tempo que o Poeta frequentava a côrte e o paço, cumpre distinguir qual d'estas senhoras foi a amante do Poeta. Era uma d'ellas D. Catharina de Athaide, filha de Alvaro de Sousa, terceiro filho de Diogo de Sousa Castellano de Arronches, Senhor de Vagos, Eixo, Requeixo e outros logares no termo de Aveiro, mordomo-mór da Rainha D. Catharina, e casado com D. Filippa de Athaide, filha de Christovão Correia, commendador de Alvalade, de quem teve, alem de outros filhos, esta D. Catharina de Athaide, que foi dama da Rainha D. Catharina e morreu moça, pouco tempo depois de haver casado com Ruy Pereira de Miranda Borges, senhor de Carvalhaes, e jaz sepultada na capella mór do extincto convento de S. Domingos de Aveiro, onde tem um epitaphio pelo qual consta que fallecêra aos 28 de Setembro de 1551. Em uns apontamentos manuscriptos contemporaneos, datados do anno de 1573, que existiam entre os papeis d'este convento, e escriptos por um frade por nome Fr. João do Rosario, havido em grande credito, conforme a tradição do convento, e que se diz ter sido confessor d'esta senhora nos ultimos tempos em que vivêra, se lêem estas palavras:

«E toda las vezes que no Poeta desterrado por ssa rasão lhe falava, sempre em reposta havia que assim não era, e que fora aquela alma grande, que para emprezas grandes, e a regioens tão apartadas o levara.»

Como pois á vista de expressões tão terminantes póde duvidar-se que na terra vogava a noticia confusa da catastrophe amorosa do Poeta que despertou a curiosidade do confessor a fazer preguntas, e quiz talvez, sem offensa do proximo, deixar n'esta memoria illibada a reputação da dama, da mais ligeira suspeita a este respeito? Pela delicada negativa que esta faz, se vê, que abstrahindo de si a imputação que se lhe fazia, se absteve de nomear a outra senhora, não só por amizade e deferencia com a companheira, mas porque talvez rasões mais fortes a impelliam a guardar o segredo exigido, pois é natural que para o procedi-

[1] Vide nota 30.ª

mento que houve para com o Poeta, se procurasse disfarce e pretexto como mais de uma vez acontece em casos taes, o que se póde mesmo suppor da benignidade da Rainha D. Catharina. Mas da mesma resposta se vê que se esta senhora não era a amante do Poeta, ella foi a amiga sincera e enthusiasta, e do numero d'aquellas senhoras a quem o Poeta se confessava grato, e cheio de muitas mercês e favores.

Não sendo portanto esta, cumpre averiguar qual era a verdadeira amante do Poeta. D. Antonio de Lima, no seu livro das linhagens, nos diz quem eram os seus paes; o qual mencionando os outros filhos de D. Antonio de Lima, diz: «...e a D. Catherina de Ataide que sendo dama da mesma Rainha D. Catherina, morreu moça no paço.» Era esta senhora pois filha de D. Antonio de Lima, que foi mordomo-mór do Infante D. Duarte, filho d'El-Rei D. Manuel, e depois camareiro-mór do Duque de Guimarães seu filho, e commendador de Cocujaens da Ordem de Christo, e era quarta neta do Visconde de Villa Nova da Cerveira D. João de Lima, que foi casado com D. Catharina de Athaide, filha de Gonçalo de Athaide, senhor do morgado de Gajão em Santarem. Foi esta senhora, filha de D. Antonio de Lima, a dama que morreu no paço, como consta, não só da asserção do genealogico, mas do epitaphio seguinte feito por Pedro de Andrade Caminha.

Á Sr.ª DONA CATHERINA D'ATAIDE

FILHA DE DOM ANTONIO DE LIMA

DAMA DA RAINHA

EPITAFIO XII

Aqui jaz escondida aquella Dama
  Fermosissima e rara Catherina:
Que no mundo terá gloriosa fama,
  De cuja vista a terra foi indina.
Aqui chorou o Amor, e daqui chama
  Que nesta pedra, de tod'honra dina,
Cantem immortais versos, e louvores
  A Fermosura, as Graças, e os Amores.

Não sei pois o motivo por que os biographos até hoje se têem obstinado em a fazerem filha do Conde da Castanheira, erro que facilmente teriam emendado, se se quizessem dar ao trabalho de examinarem o

livro de Linhagens de D. Antonio de Lima. Acertou Faria e Sousa, graças ás suas investigações e descobertas, com o nome da senhora; porém não lhe succedeu o mesmo emquanto á epocha em que a faz fallecida. O ter morrido moça, e o julgar que o Poeta desgostoso pela sua morte se alistou para a India, foi motivo para pensar que esta tivesse occorrido, pouco mais ou menos, no anno de 1545; comtudo força lhe fazia em contrario o ver muitas de suas poesias escriptas a ausencias e despedidas, e ainda da India, nas quaes suspirava por tornar a ver a amante, de sorte que tendo estabelecido esta hypothese, a maior parte das vezes a despreza nos seus commentarios. N'estas contrariedades não caíria, se tivesse a certeza, como nós temos, que no anno de 1556 ainda era viva.

No livro das moradias da casa da Rainha D. Catharina, apparece o seu assentamento, assignando ella quasi sempre os recibos do ordenado, aindaque algumas vezes por procuração, até o ultimo quartel de 1555 que ainda assigna. No fim porém do anno de 1556 apparece o assentamento de dama de uma irmã d'esta senhora, por esta fórma: «D. Joana de Lima hade haver todo o quartel a razão de 10$000 rs. por anno, Etc.ª recebeu por si em Lisboa a 30 de Dezembro de 1556. —D. Joana de Lima— Descontou-se 600 rs. de registo do Alvará e 21 rs. de direitos.» Não torna mais a apparecer o assentamento de D. Catharina de Athaide, por onde se collige claramente, e ousâmos dizer sem perigo de errar que por morte d'esta senhora pôde seu pae, pela sua vagatura no paço, obter da Rainha fazer entrar no seu logar est'outra sua filha.

Se D. Catharina falleceu, como conjecturo, entre o segundo e terceiro quartel do anno de 1556, as naus que partiram este anno do reino não podiam levar ao Poeta a noticia de que as sombras da morte tinham escurecido de todo aquelle astro luminoso, que era para elle ainda pharol onde constantemente tinha a mira, na procellosa vida em que se agitava; mas é de toda a probabilidade, e quasi certeza, que o Poeta recebeu esta tristissima nova no caminho, no seu regresso da China, e talvez já em Goa. No anno de 1559 parece já alludir a ella, quando na elegia (inedita) feita á morte de seu intimo amigo D. Alvaro da Silveira [1], que teve logar na infeliz empreza de Baharem, exclama:

> Foi-se d'aquesta vida o meu Silveira
> Tudo o que é bom na outra se ha de achar.

[1] Vide nota 31.ª

Quem não vê n'esta expressão de dor o profundo sentimento de uma alma extremamente mortificada por uma calamidade recente, que veiu aggravar uma ferida tambem ainda fresca, e que aquelle *tudo* se referia tanto á morte da amante, como á do amigo? Como se dissera: vou perdendo tudo que tenho de mais caro n'este mundo, que mais tenho n'elle que desejar!

A certeza da epocha do fallecimento d'esta senhora mais alguma claridade lança sobre as poesias do nosso auctor, e as torna mais em harmonia entre si; comtudo difficil empreza é o seguir o labyrinto do enredo amoroso. Assim como sobre os outros factos da sua vida, tão estereis foram as noticias que nos deixaram os antigos biographos sobre esta sua inclinação, que não temos outra fonte a que recorrer, senão ás suas poesias, para formarmos um romance conjectural, procurando approxima-lo por uma analyse escrutinadora a certo grau de verdade. Como porém n'ellas incensou outras damas, e em differentes epochas da sua vida, acresce a confusão, e só d'ellas podemos, com difficuldade, tirar illações — á maneira de um pintor habituado e pratico em distinguir os quadros de um artista, por certas especialidades, — tambem por um certo colorido proprio, toque particular e expressão quando trata d'estes amores. Quem ler pois com attenção as suas poesias, poderá extremar aquellas que são dirigidas a este feiticeiro objecto do seu elevado amor, pelo enthusiasmo com que retrata, pela verdade do sentimento, por uma melancholia que traspassa, e por um relevo que as faz sobresaír ás outras suas composições.

Vejamos agora até que ponto estas nos podem illucidar sobre esta materia. Depois do que havemos dito, inutil cousa é o insistirmos na duvida sobre a identidade da dama; acrescentaremos comtudo, que debaixo do nome de Natercia, que é o anagramma de Catharina, a achâmos designada nas poesias do Poeta. Que era uma paixão sublime, se patenteia pelo enthusiasmo com que a exalta em as suas poesias, nas quaes differentes vezes se apraz em a comparar com a Laura de Petrarcha, a quem o Poeta tomou por modelo em muitas partes das suas poesias lyricas. Se não tivessemos a mais evidente certeza da alta jerarchia da dama, as eglogas II e III nos dariam, não só a certeza d'esta qualidade, mas de que no principio dos amores era de facil accesso, e de trato familiar do Poeta. O mesmo estylo das suas poesias denuncia sempre quando se dirige a uma senhora de elevada posição social, ou de inferior nascimento. Que vivia em ajuntamento de outras donzellas, consta da mesma egloga

> Vós me tiraste do meu peito isento,
> O pensamento honesto, e repousado,
> Ja dedicado ao coro de Diana.

Ainda n'outras poesias a vemos associada a diversas companheiras; umas vezes se dirige o Poeta a umas damas, pedindo-lhes para serem terceiras para com a amante, outras a descreve em um batel que dividia as aguas do Tejo em companhia de

> Bellas estrellas, e hum sol no meio.

Em outra occasião é instado, provavelmente, por estas damas, para representar o papel de Paris, e distribuir o pomo á mais formosa.

Atraz fica demonstrado qual era a polidez, encantos, illustração litteraria e fino trato da côrte feminina da Rainha D. Catharina. Damas de um tão raro merecimento não podiam deixar de ser avidamente cortejadas, e adoradas por cavalleiros de uma educação fina e delicada, e em tempos em que o serviço das damas era uma das principaes leis da boa e nobre cavallaria. Os amigos mais intimos de Camões se occupavam em entretenimentos amorosos no paço: D. Manuel de Portugal cortejava a D. Francisca de Aragão, que os poetas d'aquelle tempo nos pintam como um esmero de perfeição, de dotes do espirito e de belleza; João Lopes Leitão dedicava o seu culto amoroso a uma dama do palacio, e pelo soneto CCXXXIV do nosso Poeta, vemos que elle era confidente d'estes amores; D. Alvaro da Silveira ainda na India nutria uma paixão amorosa por uma senhora que deixára em Lisboa, e assim como estes senhores, outros muitos tributavam a homenagem do mais exaltado amor ás damas da côrte, e é provavel que uns aos outros se ajudassem nas suas emprezas amorosas.

Requeriam todavia estes amores grande recato, segredo e discrição, pela severidade das leis que prohibiam o ultrapassar os limites de um honesto trato; mas nem sempre a rasão era mais forte que a violencia do amor, e assim finos amadores se aventuravam os cavalleiros ás mais arriscadas emprezas, para gosarem a doce presença das damas que idolatravam. De um se conta que, tendo por costume entrar por uma torre altissima para fallar á sua dama, e encontrando Carlos V, que sabedor d'esta infracção da policia do paço o esperava, irado lhe perguntou por onde sairia; elle lhe respondeu, que por onde tinha entrado, arrojando-se d'aquella altura. Ao seu valido mandou El-Rei D. João I

executar, por entrar de noite no paço, e Diogo de Sousa ordenou El-Rei D. Affonso V que fosse degolado pelo mesmo motivo; e tal éra o melindre a este respeito, que a João Lopes Leitão, amigo do nosso Poeta, só por entrar contra vontade do porteiro das damas para as ver, mandou El-Rei D. João III prender em sua casa:

> Mas isto tem o amor, que não se escreve
> Senão donde he illicito, e custoso;
> E donde he mais o risco mais se atreve.

Apesar pois das difficuldades que offerecia uma inclinação tão perigosa, tinham os dois amantes arte de se fallarem, como sempre acontece. Por horas de sesta ou lá por alta noite, quando não ha outras testemunhas mais que as estrellas, ella apparecia a uma janella qual assoma no céu a lua mysteriosa:

> E como te não lembras do perigo,
> A que só por me ouvir te aventuravas,
> Buscando horas de sesta, horas de abrigo?

E quantas vezes não invocou elle essa janella tão tardia em descortinar essa visão do céu! quantas vezes não desejou abraza-la com uma chamma, das que resplendeciam no seu coração!

> Ventana venturosa do amañece, etc.

Outras, mais feliz, pôde elle junto á sua dama beijar-lhe a mão nevada, requeimar-lh'a com ardentes beijos, e aperta-la contra o coração abrazado de amor

> Fermosa mão que o coração me aperta, etc.

Enlevado no enthusiasmo do mais apaixonado amor, e com tão doces contentamentos lhe corria a vida, feliz se podesse assim continuar; porém tanta ventura não podia durar muito: a fortuna adversa e varia, que lhe foi sempre tão importuna companheira, deitou por terra tão grande gloria. Vicissitudes as mais agras succederam a tanta doçura de vida; quaes estas foram, se colhe da canção II, eglogas II e III e outras

suas poesias. Na egloga III se queixa a sua dama da sua ousadia, falta de segredo e da doudice com que a amára:

> Mas teu sobejo e livre atrevimento,
> E teu pouco segredo, discuidando,
> Foi causa deste longo apartamento.
> . . . .
> E pois de teus descuidos, e ousadia,
> Naceo tão dura e aspera mudança,
> Folgo, que muitas vezes to dizia.

Pretenções que não se casavam com o decoro e castidade da dama, indiscrição no fallar, parece que foram as culpas do Poeta, que o lançaram d'este paraizo para o mais triste abysmo, e a que acresceram causas estranhas.

N'esta mesma egloga, na qual de alguma maneira imita o triumpho da morte de Petrarcha, com a differença que aqui metamorphoseia a sua dama, conjuntamente com a accusação que esta lhe faz, o Poeta apresenta a sua justificação:

> Não es tu de saber tão falto e rudo,
> Que tão sem siso amasses, como amaste.
>
> ALMENO
>
> Onde viste tu Ninfa amor sesudo?
> . . . .
> Se mas tençoens poserão nodoa fea
> Em nosso amor, de inveja pura,
> Porque pagarei eu a culpa alhea?

Como vemos pois, alem do pouco disfarce, e cautela que houve por parte do Poeta, a inveja e murmuração deram publicidade a estes amores, o que parece ter sido mal soffrido por elle, dando logar a alguma desavença que mais serviria a aggravar-lhe a sorte e accelerar-lhe o fim.

VI

Publicados estes amores, foi necessario á dama quebrar uma relação que lhe era tão cara, ou porque o decoro e reputação o exigia, ou para

o desenganar de um amor sem fructo, e porventura mesmo para se escudar contra as suas ousadias e apaixonadas exigencias, vistoque a sua pouca fortuna lhe não permittia levar a um fim honesto os seus amores. Qual era porém a violencia que fazia aó seu coração, e que esta quebra era sómente apparente, se vê dos versos que o Poeta lhe põe na bôca:

Mal conheces, Almeno, huma affeição,
 Que se eu desse amor tenho esquecimento,
 Meus olhos magoados to dirão.
 . . . .
Hum so segredo meu te manifesto,
 Que te quiz muito em quanto Deus queria,
 Mas de pura affeição, d'amor honesto.
E pois de teus descuidos, e ousadia,
 Nasceo tão dura e aspera mudança,
 Folgo, que muitas vezes to dizia.

É de suppor que o Poeta desaffrontou a honra maculada da sua dama, e fez arrepender o maldizente que ousou pôr nodoa no seu honesto procedimento. Aquelle que soube tão bem manejar a espada como a penna, que vira tantas vezes as solas dos pés a seus adversarios, consentiria que alguem dissesse uma só palavra em desabono d'aquella que adorava? D'estes versos, onde o Poeta como em epilogo transcreve a tumultuosa agitação d'estes amores, se manifesta com evidencia o contrario:

Amor não será amor, se não vier
 Com doudices, deshonras, dissençoens,
 Pazes, guerras, prazer, e desprazer.
Perigos, lingoas más, murmuraçoens,
 Ciumes, arruidos, competencias,
 Temores, nojos, mortes, perdiçoens.

Ou o Poeta ferisse o seu adversario em duello, ou fosse surprehendido nos seus amores, diz-se que os parentes poderosos da dama invocaram a severidade da lei contra elle, que, aindaque de um nascimento illustre, não reputavam partido vantajoso, pela sua pouca fortuna, e conseguiram faze-lo sair da côrte por meio de um degredo,

que teve logar em uma povoação, sobre as margens do Tejo [1], em sitio onde as aguas correm doces, e onde se estreita este rio tão soberbo na sua foz. Talvez a mesma rainha, e isto me parece o mais provavel, a quem D. Catharina era tão bem aceita, que em attenção ao seu bom serviço e á amisade que lhe tinha, deixou no seu testamento um legado de 50$000 rs. a sua mãe D. Maria Bocanegra [2], sabendo d'esta inclinação tratou de desviar para longe o objecto que lh'a fazia nutrir, e isto por conselho das pessoas que a cercavam. A estas parecé o Poeta alludir na comedia de Filodemo quando se queixa dos inquisidores de amor, que lhe defenderão a vista para não emprenhar o desejo; e á Rainha D. Catharina na ode III, em a qual, comparando-a com Proserpina, a reputa mais cruel que a deusa infernal, a qual ao menos se rendeu aos rogos e doce canto de Orpheu, para lhe restituir a amante. Cumpre porém advertir que esta ode, não só pela invocação das ninphas do mar, mas pela analogia com a elegia II, parece com grande probabilidade ter sido escripta indo de viagem para o segundo degredo.

A duas leguas de Abrantes para o poente na encosta de um monte cuja base é banhada pelo Tejo, pela parte do sul, e pelo occidente pelo Zezere, está situada a villa de Punhete a que os romanos deram o nome de Pugna Tagi (combate do Tejo), porque entrando ali com arrebatada corrente o Zezere, e cortando as aguas cristalinas do Tejo, parece que entra com ellas em combate. N'esta povoação, então logar do termo de Abrantes, e a que El-Rei D. Sebastião fez villa, parece ter sido o logar do seu desterro por uma certa analogia de descripção que se nota em algumas das suas poesias, principalmente se é sua a canção XII, e pela tradição que me dizem que ali existe. Na elegia III, escripta n'este sitio, se compara a Ovidio, que com a sua musa mitigava o exilio em terra estranha. N'ella se queixa da injustiça e dureza de seu degredo, e sentado em um monte d'onde avista as barcas que vão nadando, pede ás ondas em saudosos versos que, já que o não levam na sua companhia, ao menos levem as suas lagrimas á parte onde tem posto o pensamento, isto é, a Lisboa. N'esta elegia nos descreve com as côres as mais verdadeiras como, preoccupado pelo amor e pela saudade, discorria por estes sitios; sejam as expressões do mesmo Poeta que nos apresentem este estado amargurado do seu coração:

[1] Vide nota 32.ª
[2] Vide nota 33.ª

Quando a roxa manhãa, dourada, e bella,
Abre as portas ao sol, e cae o orvalho,
E torna a seus queixumes Filomela;
Este cuidado que co' o sono atalho,
Em sonhos me parece, que o que a gente
Por seu descanso tem me dá trabalho:
E depois de acordado, cegamente
(Ou por melhor dizer desacordado
Què pouco acordo logra hum descontente)
De aqui me vou com passo carregado
A hum outeiro erguido, e ali me assento,
Soltando toda a redea a meu cuidado.
Depois de farto ja de meu tormento
Estendo estes meus olhos saudosos
A parte onde tinha o pensamento.
Não vejo senão montes pedregosos,
E sem graça, e sem flor os campos vejo
Que ja floridos vira e graciosos.

Vejo o puro, suave, e rico Tejo,
Com as concavas barcas, que nadando
Vão pondo em doce effeito o seu desejo,
Humas com brando vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As cristalinas aguas apartando.
De alli fallo com a agua que não sente,
Com cujo sentimento esta alma say
Em lagrimas desfeita claramente.
Oh! fugitivas ondas, esperay;
Que pois me não levais em companhia,
Ao menos estas lagrimas levay.

Á vista d'esta composição não póde duvidar-se do degredo do Poeta, e a comparação que faz de si com o poeta Sulmonense, desterrado em uma cidade do mar negro, segundo se julga pelos seus amores com a filha de Augusto, dá bem a ver que a culpa do nosso Poeta êra da mesma natureza, isto é, pelos seus amores no paço. N'esta poesia se manifesta a transição do goso o mais puro do amor, para a privação forçada e immerecida da vista do objecto que lh'a fazia nutrir.

Desta arte me figura a fantezia
  A vida com que morro, desterrado
  Do bem que em outro tempo possuia.

....

Aqui me representa esta lembrança
  Quão pouca culpa tenho, e me intristece
  Ver sem rasão a pena que me alcança.

A aspereza com que representa um sitio aliás tão ameno e encantador, e a inveja com que se dirige ás barcas que vão nadando rio abaixo, mostra quão violentado aqui residia; e qué aguardava com impaciencia um praso, determinado ou indeterminado, para pôr termo a este degredo, consta igualmente d'esta composição:

Ate que venha aquelle alegre dia
  Que eu vá onde vós ides, livre, e ledo;
  Mas tanto tempo quem o passaria!
Não pode tanto bem chegar tão cedo:
  Porque primeiro a vida acabará,
  Que se acabe tão aspero degredo.

Chegou com effeito esse dia desejado com tanta ancia pelo nosso Poeta, e pôde elle dirigir-se novamente a Lisboa, e gosar da vista e convivencia da sua amante; mas ou porque recaísse na mesma culpa, ou por outra que nos é occulta, incorreu na pena de um novo degredo para sitio mais afastado, em uma das praças d'Africa que estavam debaixo do dominio da corôa portugueza, e onde a mocidade ia baptisar as suas espadas, antes de se passar ás longinquas conquistas do Oriente.

Ja quieto me achava com a tristeza,
  E alli não me faltava hum brando engano,
  Que tirasse desejos da fraqueza.
Mas vendo-me enganado, estar ufano,
  Deu á roda a fortuna, e deu comigo
  Onde de novo choro o novo dano.

Esta epocha da vida do Poeta, se deve calcular entre os annos de 1546 a 1549. Da elegia II, consta ter sido Ceuta o logar do seu exilio, e pela canção XII, vemos que o navio ou armada em que ia, tocára no porto

de Villa-nova de Portimão ou Lagos, porque n'ella descreve a ribeira de Boina. Partiu provavelmente o Poeta no anno de 1546 para Ceuta; e como o Mediterraneo andava então infestado de corsarios, e por isso os nossos navios cruzavam n'aquelles mares, talvez em algum recontro d'estes perdesse o olho direito: pelo menos essa é a tradição. Da carta I consta indubitavelmente ter-lhe acontecido este desastre, antes da sua partida para a India, pois fallando de um certo Manuel Serrão, diz que *sicut et nos manqueja de um olho,* sinistro este que lhe afeou o rosto, e deu logar aos motejos das damas, que lhe chamavam cara sem olhos. Da canção XI se deduz ter sido este ferimento resultado de combate, que pela descripção que o Poeta faz, se vê que fôra sanguinolento, e onde elle encetou a sua carreira militar.

Fez me deixar o patrio ninho amado
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes me esteve a vida cara,
Agora experimentando a furia rara
De Marte, que nos olhos quiz que logo
Visse e tocasse o acerbo fruto seu:
E neste escudo meu
A pintura veram do infesto fogo.

Temos á vista uma carta sua (inedita) escripta de Ceuta, a um cavalheiro seu amigo, depois de chegar áquella praça, que mostra a ambição e desejo em que estava de experimentar a sua espada, e que reputava em pouca conta as escaramuças que então se tinham com os mouros. N'esta mesma carta lhe dá novas da terra, e se a pintura é exacta, não eram muito lisonjeiras. Queixa-se do pouco valor de alguns dos seus camaradas; da sua maledicencia, e da pouca fortuna e recompensa que tinham aquelles que mais se arriscavam; do pouco respeito que os mouros tinham ás nossas armas, e de outros desconcertos. Este abandono em que começavam a estar algumas praças de Africa, combina alguma cousa com a correspondencia official d'aquella epocha. N'esta mesma carta se desculpa com a pessoa a quem é dirigida, que era confidente dos seus amores, de lhe não ter escripto, porque ainda não tinha tido logar de tornar sobre si. N'ella lhe pinta o estado apaixonado em que ficava, e lhe pede a sua protecção sobre a qual funda-

menta toda a sua ventura, e lhe inveja a dita de estar em Lisboa, onde então residia a sua amante:

O mesmo digo eu tambem,
Porque o mal que eu la passava
Com ver a quem m'o causava
Se me convertia em bem;
E por isso perdoai me,
Se eu brado noute e dia
Venid ora e llevad me.

Como poderá porém pôr em effeito o seu desejo, se uma ordem tyrannica o separa d'ella? se o praso do degredo não será terminado

Senão vindo aquelle dia
Que ha de ser fim de dous annos.

Forçoso é comtudo, emquanto não chega esse dia tão desejado, soffrer com toda a resignação o seu tormento

Pues que suffrir e callar
Conviene a mi pensamiento.

Em uma segunda carta falla de uma refrega com os mouros com aquella mesma indifferença e singeleza com que mais tarde nos descreve a sua primeira expedição na India, mas pelo estylo da descripção se vê que, apesar de ser com pequeno numero de combatentes, foi crespa e soffrivelmente ferida. N'esta carta, depois de pintar a melancholia e saudade que o domina longe da amante, passa a descrever esta escaramuça:

. . . .
E pois que ja comecei,
Darvos hei conta comprida
De como passo a vida
Nesta vida que tomei;
Vou me ao longo da praia
Sem outros ricos petrechos,
Una adarga ate os pechos
Yen la mano una zagaia.

. . . .
Vejo o mar embravecer,
Vejo que depois melhora,
Mil cousas vejo cada ora,
Huma só não posso ver:
Assim vou passando o dia
Ńesta saudade tamanha,
Mirando la mar d'Espana
Como mengoava e crecia.

. . . .
Andando só, como digo,
Apartado da manada
Fazendo contas comigo,
Qu' em fim não fundem nada.
Querendo buscar atalho
Para vir ao que desejo,
Vi venir pendon bremejo
Con tresientos de caballo.

Vinhão d'esporas douradas,
E vestidos de alegria,
Com adargas embraçadas
La flor de la Berberia;
Com gritos e altas vozes
Vinhão a redeas tendidas,
Ricos aljubas vestidas,
Em cima sus albernoses.

Gentes de muitas maneiras
E de diversas naçoens,
Corrião a estas tranqueiras
Como a ganhar perdoens;
Mas porque vos não engane
Cousas que outros vos escrevão,
Los bordones que elles llevan
Lanças vos parecerane.

Tudo anda de levanto
Era o campo todo cheo,
Em tudo punhão espanto,
De nada tinhão receo;
Com grandes vozes e festas
Vinhão bradando de lá,
Cavalleros de Alcalá
No os allabareis d'aquesta.

Comigo mesmo fallando
Como s' a outrem fallasse,
Dizia, quem me lembrasse
Do em que andava cuidando;
E porque tamanho dote
Não se alcança por cuidar,
A las armas Mouriscote
S' en ellas quereis entrar.

Contar feitos esquecidos
He muito contra minh'arte,
Houve mortos e feridos,
Houve mal de parte a parte,
Houve homem que dezia
Na força do moor receo,
Donde estás que no te veo
Qu' es de ti esperança mia.

Pois fallo em tão fraca guerra,
Sinal he de vosso amigo,
Visto como estais em terra
Que ha outras de moor perigo:
E pois por vos mais fisera
Quem faz isto que aqui vedes;
Y que nuevas me traedes
Del mi amor que alla era?

Na elegia II a linguagem muda, as badaladas de que falla na primeira carta tinham-se trocado em viva guerra; porém nem a nova terra, nem o novo trato das gentes, nem as armas tão continuadas o podiam

distrahir da sua profunda melancholia. Umas vezes ao longo de uma praia saudosa, esparzia a saudade; outras subia ao monte Abila, e d'ahi considerava a instabilidade do mar, tão analoga á da vida humana: porém nenhuma distracção podia mitigar-lhe a pena, que o coração voava á terra da patria.

Não é aqui logar de descrever os successos militares que se passaram na Africa, no tempo em que o Poeta militou n'estas partes; mas é de suppor que campeava sempre como brioso e denodado cavalleiro n'estas lustrosas cavalgadas e escaramuças, que umas vezes por galhardia, outras por necessidade, diariamente se tinham no campo, ou quando os nossos guerreiros sequiosos de aventuras desciam a talar-lhes os campos e aduares, ou quando os arabes, que não eram menos guapos cavalleiros, se apresentavam a desafia-los nas suas almogaravias e assaltos com que ameaçavam as nossas praças.

Estes combates tão continuados, de que nos falla o Poeta n'esta mesma elegia, não eram só os que nasciam da necessidade de repellir as incessantes aggressões dos mouros, que não se descuidavam de incommodar os portuguezes; frequentes vezes tinham tambem que montear os leões que vinham mesmo debaixo das muralhas das praças saltear-lhes os bois e cavallos. É curioso ler na brilhante e animada prosa de Fr. Luiz de Sousa a descripção de duas d'estas montarias em Arzilla, nas quaes o conde de Borba, sendo capitão d'esta praça, matou dois leões, mandando um d'estes á condeça, que muito aborrecia taes presentes. Mas se nos deleita tanto a pintura fiel do insigne prosador dominicano, ainda mais bello é ver como o nosso Poeta descreve, no canto IV do seu poema, uma d'estas caçadas, nas quaes mais de uma vez tomou parte, quando assemelha o famoso condestavel D. Nuno Alvares Pereira, derrubando os inimigos em Aljubarota, ao leão accossado pelos cavalleiros nos campos de Tetuão:

XXXIV

. . . .
Está ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tetuão;
Perseguem no co' as lanças, e elle iroso
Turvado hum pouco está, mas não medroso.

XXXV

Com torva vista os ve, mas a natura
Ferina, e a ira, não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem.

Alem da elegia II já citada, e das duas cartas ineditas, em outras composições do nosso Poeta se encontram referencias a este degredo, especialmente na canção II, ode III e elegia XVI. A canção II e a ode III, poesias onde conjuntamente, como na elegia II, reina a mesma allegoria dos tormentos do inferno pagão, e feitas sem duvida por este accidente da vida do Poeta, servem para nos explicar esta phase infeliz dos seus amores, e especialmente uma variante da elegia II em um manuscripto que eu possuo, e que o Poeta cortou depois n'esta composição. Na canção, o Poeta descrevendo aquella dor tartarea, como elle chama ao ciume que mais de uma vez lhe corroeu o coração, o assemelha aos tormentos que soffrem os condemnados no reino escuro; e pelos exemplos que escolhe de Tantalo, Ixion e Sysipho, se vê que por intentar, como o primeiro, levar o seu baixo pensamento á altura de uma deusa, abraçou como o segundo a nuvem, e como o terceiro foi condemnado a um duro e eterno supplicio. Na ode III, feita no mar por occasião em que se dirigia a este degredo, porque n'ella como na elegia I, composta sobre o mesmo elemento vario das ondas do mar, se dirige ás nymphas maritimas para ouvirem as suas queixas, continua com a mesma allegoria:

XV

Mas que digo, coitado,
E de quem fio em vão minhas querellas?
Só vós (ó do salgado
Humido Reyno) bellas
E claras Nymphas, condoeyvos dellas.

XVI

E de ouro guarnecidas
Vossas louras cabeças levantando,
Sobre as ondas erguidas
As tranças gotejando,
Sahindo, vinde a ver qual ando.

No ramo VIII d'esta ode prorompe com uma affectuosissima apostrophe a Orpheu, que foi mais afortunado conseguindo mover o fero Radamante, e ver a sua Euridice.

O bem afortunado
Tu, que alcançaste com lira soante
Orfeo, ser escutado
Do fero Radamante,
E co' os teus olhos ver a doce amante.

E depois de descrever os effeitos que produziu no lago Estygio a harmonia da musica do cantor da Thracia, rompe em uma exclamação, dirigindo-se á deusa que reina na estancia tenebrosa, onde não podemos deixar de encontrar uma referencia á ama da sua querida Natercia, a Rainha D. Catharina. Quem no seu poema dos Lusiadas não teve duvida em vituperar o comportamento de duas rainhas portuguezas, D. Thereza e D. Leonor, não a teria para se queixar d'aquella que lhe fazia soffrer tão duro tormento, e o contrariava nos seus amores:

XII

De todo ja admirada
A Rainha infernal, e commovida,
Te deu a desejada
Esposa, que perdida
De tantos dias ja tivera a vida.

XIII

Pois minha desventura
Como ja não abranda hũa alma humana,
Que he contra mim mais dura,
E ainda mais deshumana,
Que o furor de Caliroe profana?

Na elegia II protesta o Poeta, se acabar no seu desterro, descer a cantar á sombra do Cocyto as perfeições da sua amada, conservando a mesma allegoria d'esta ode.

O tratamento de senhor que se dá n'esta poesia á pessoa, a quem é dirigida, deixa ver bem que o confidente do Poeta era da mais qualificada nobreza. Nas edições das suas obras se diz ser D. Antonio de Noronha, ao que eu me não inclino; isto é, que seja aquelle a cuja morte é dirigida a egloga I, porque n'este tempo seria de bem poucos annos, e por isso nada affeito para estas confidencias. Fosse porém quem quer que fosse, era amigo seguro e fiel, e em cuja discrição confiava. A elle se dirige o Poeta na variante da elegia, pedindo-lhe, como na carta que já publicámos, novas da amante, revelando-nos por esta occasião o ciume que o atormentava na ausencia, julgando-se preferido por um rival:

Mas o vos charo fiel e doce amigo
   Que de amor fero livre e seus errores
   Nunqua vistes as maguas que aqui digo
Assi nunqua as vejais nem seus ardores
   Abrazem nem congelem vosso peito
   Com desejo com supitos temores.
Não passeis nunqua aquelle passo estreito
   De serdes desamado e mal querido
   Vendo vos sem remedio ser sogeito,
Que a este antiguo vosso amiguo fido
   Não negueis um papel que o todo seja
   Mais cheio de antre linhas que polido,
No qual só da minha alma novas veja
   Que la ficou vaguando nessa terra
   Com quem mais que a mi ama e mais deseja.

No anno de 1549, antes de chegarem as naus de viagem da India, chegou em um navio D. Paio de Noronha, que trouxe a noticia da morte do Vice-Rei D. João de Castro e da successão de D. Garcia de Sá, que era já de avançada idade; e querendo El-Rei prover a India de pessoa de respeito que a governasse, nomeou por Vice-Rei, com grandes mercês e auctoridade, a D. Affonso de Noronha, que então estava de volta do Seinal em Ceuta, o qual, logoque recebeu a carta d'El-Rei, se fez prestes para partir com a maior brevidade, deixando a capitania d'aquella praça a seu sobrinho D. Antam de Noronha. Com elle veiu o Poeta com tenção de se alistar para a India, como com effeito o fez no anno de 1550; porém não foi n'este anno, não sabemos o motivo, mas tres annos depois, como mais adiante veremos.

Foi no intervallo d'esta sua demora no reino, que lhe aconteceu uma nova aventura que o lançou em uma prisão. Se com a aspereza do desterro tinha expiado a culpa de uma paixão infeliz, victima agora de um sentimento igualmente nobre, pagava entre os ferros de uma prisão os excessos da dedicação da amizade.

É a festa de Corpus Christi uma d'aquellas que se celebra com mais pompa em toda a Igreja Catholica. Alem da procissão e mais actos religiosos com que era celebrada, e é na nossa terra, seguiam-se divertimentos, e toda a casta de folgares, em que os nobres e o povo tomavam parte. Passeava n'este dia no Rocio um certo Gonçalo Borges, creado d'El-Rei, e passando pela rua de Santo Antão por trás do convento de S. Domingos, junto ás casas de Pero Vaz, dois homens mascarados, e a cavallo se pozeram a passear e investir com zombarias ao dito Gonçalo Borges, do que se seguiram brigas e arrancar de armas; e presenceando o Poeta o conflicto, acudiu em soccorro dos ditos mascarados, por serem seus amigos, e levando da espada, feriu Gonçalo Borges no pescoço. Culpado por este ferimento, foi preso no tronco da cidade; porém passado algum tempo, estando são da ferida sem aleijão, nem desformidade o offendido, obteve o perdão d'El-Rei, attendendo a ser um homem mancebo pobre, e que o ía servir á India aquelle mesmo anno de 1553, o que tudo consta da carta de perdão, que lhe foi passada aos 13 de março do dito anno [1]. Esta carta foi mandada executar pelo Chanceller da Ordem de Christo o Dr. João Monteiro, e D. Gonçalo Pinheiro, proximamente elevado á dignidade de bispo de Viseu, e ambos desembargadores do paço. O soneto CLXXX, em o qual, debaixo da allegoria de um pinheiro, se dirige o Poeta a uma pessoa de elevada posição social d'este mesmo appellido, dá rasão para acreditar que o bispo, que antes o tinha sido de Tanger na Africa, e que talvez tivesse ali conhecido o Poeta, aproveitasse a sua recente nomeação, para impetrar por esta occasião, como graça especial do soberano, a soltura do Poeta. Se isto é assim, louvores ao illustre prelado, que soube aproveitar a sua influencia para uma obra tão meritoria. Os dois ultimos tercetos são tão claros, que eu, pela minha parte, não ponho grande duvida em acreditar na boa obra do bispo; pois se no primeiro se refere ao alto cargo de que acabava de ser revestido, no segundo o Poeta reconhecido se dispõe a cantar á sombra da sua protecção os seus encomios:

[1] Documento C.

Mais lhe concede o filho poderoso
  Que crescendo as estrellas tocar possa
  Vendo os segredos la do Ceo superno.
Oh! ditoso Pinheiro! oh mais ditoso
  Quem se vir coroar da rama vossa
  Cantando á vossa sombra verso eterno!

Em todo o caso, o certo é que a nomeação do bispo, e a saída do Poeta da prisão, foram successos que ambos tiveram logar no mesmo mez e anno de 1553, e esta coincidencia dá toda a probabilidade á nossa conjectura.

VII

Do dia em que se lhe abriram as portas da prisão áquelle em que se embarcou para a India, mediaram apenas uns onze dias. Estava então de partida a armada que n'este anno saiu a 24 de Março, levando por capitão mór Fernão Alvares Cabral, com quem o Poeta provavelmente tinha militado na Africa, como deixâmos dito. Tal era o empenho que tinha de abandonar a patria, que se alistou logo trocando com Fernando Casado, e indo nos homens de armas, como consta d'este registro da Casa da India descoberto por Faria e Sousa. «Fernando Casado filho de Manuel Casado e de Branca Queimada, moradores em Lisboa, Escudeiro. Foi em seu logar Luis de Camões, filho de Simão Vaz e Anna de Sá Escudeiro, e recebeu 2$400 como os mais.» O padre D. Flaminio, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, profundo indagador de noticias genealogicas, em uns apontamentos seus, traz a copia de um registro da mesma Casa da India, pelo qual consta que fôra fiador do Poeta Belchior Barreto, que julgo que era seu tio, casado com uma irmã de sua mãe, que provavelmente o soccorria na prisão. Comparando os dois assentos da Casa da India que reproduz Faria e Sousa, isto é, o de 1550 com este de 1553, se adverte que vindo no primeiro indicada a residencia dos paes n'está cidade á Mouraria, não vem no segundo assento, d'onde infiro que teriam já provavelmente trasladado a sua residencia para Coimbra, onde encontrâmos Simão Vaz no anno de 1556.

Não achâmos em Diogo do Couto informações circumstanciadas da derrota d'esta armada, mas em uma relação do naufragio que soffreu a nau S. Bento ao voltar para o reino, escripta por Manuel de Mesquita

Perestrello[1], que se achou no dito naufragio, encontrâmos algumas noticias. Compunha-se de umas cinco naus, e d'estas, estando ainda no porto e á carga, ardeu a nau Santo Antonio.

O resto da armada partiu um domingo de Ramos, 24 de Março, indo o capitão mór na nau S. Bento, a maior e melhor das que navegavam na carreira da India, na qual se embarcou o nosso Poeta. Conservou-se a armada alguns dias reunida, até que, turvando-se os ares, carregaram tão espantosos temporaes, que foi forçoso apartarem-se uns dos outros ajudando-se cada um do caminho que melhor lhe parecia segundo a paragem em que se achavam. A nau do capitão mór, que ía servida de piloto muito habil e muito bem equipada, e na qual ía o Poeta, sobrepujando todos os contrastes que lhe sobrevieram, dobrou o cabo da Boa Esperança, em tempo em que não podia já ir por Moçambique, e lançando-se por fóra da ilha de S. Lourenço, conseguiu surgir aquelle mesmo anno na barra de Goa.

Em varias poesias suas, e especialmente em alguns dos sonetos, o Poeta nos pinta os combates em que lutava o seu coração, nas vesperas da partida de mais tempo meditada e por estorvos impedida, fazendo á sua dama affectuosos protestos de firmeza, nos maiores perigos e na ausencia:

Gentil senhora, se a fortuna imiga,
  Que contra mi com todo o ceo conspira,
  Os olhos meus de ver os vossos tira,
  Porque em mais graves casos me persiga.
Comigo levo esta alma, que se obriga
  Na mór pressa de mar, de fogo, e d'ira,
  A dar-vos a memoria, que suspira
  Só por fazer comvosco eterna liga.
Nesta alma, onde a fortuna póde pouco,
  Tão viva vos terei, que frio e fome
  Vos não possão tirar, nem mais perigos.
Antes com som de voz tremulo, e rouco,
  Por vós chamando, só com vosso nome
  Farei fugir os ventos, e os imigos.

No soneto XXIV temos a descripção da ultima despedida, na qual os dois amantes juntaram as suas lagrimas pela ultima vez na vida:

[1] Vide nota 34.

Aquella triste e leda madrugada,
Chea toda de magua e de piedade,
Em quanto ouver no mundo saudade
Quero que seja sempre celebrada.
Ella só, quando amena, e marchetada
Saía, dando á terra claridade,
Vio apartar-se de huma outra vontade,
Que nunca poderá ver-se apartada.
Ella só vio as lagrimas em fio,
Que de hũs e de outros olhos derivadas,
Juntando-se formarão largo rio.
Ella ouvio as palavras magoadas,
Que poderão tornar o fogo frio,
E dar descanço ás almas condemnadas.

Cavalheiro delicado, não esquece tambem ao Poeta despedir-se das damas lisbonenses, a quem deveu tantos favores na côrte, e de quem se confessa tão saudoso na carta que escreveu ao chegar á India; isto pois faz o Poeta no seguinte soneto, que é o CLVIII das suas rimas:

Eu me aparto de vós, Nymphas do Tejo,
Quando menos temia essa partida:
E se a minha alma vai entristecida,
Nos olhos o vereis com que vos vejo.
Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade que rasão leva vencida,
Presto verão o fim á triste vida,
Se vos não torno a ver como desejo.
Nunca a noite entretanto, nunca o dia,
Verão partir de mi vossa lembrança,
Amor, que vai comigo o certifica:
Por mais que no tornar haja tardança,
Me farão sempre triste companhia
Saudades do bem que em vós me fica.

Tão doces enleios, tão suaves prisões como os encantos da amante, poderiam quebrantar e prender um coração que não estivesse tão escarmentado, uma alma que tivesse sido menos avezada ao infortunio; mas tudo rompe o Poeta com animo decidido. Vejamos com que

energia nos dá o conhecimento d'esta sua irrevogavel decisão no soneto CXXXIX:

> Por cima d'estas aguas forte, e firme
> Irei aonde os fados o ordenaram,
> Pois por cima de quantos derramaram
> Aquelles claros olhos pude vir-me.
> Já chegado era o fim de despedir-me;
> Já mil impedimentos se acabaram,
> Quando rios de amor se atravessaram
> A me impedir o passo de partir-me.
> Passei-os eu com animo obstinado,
> Com que a morte forçada e gloriosa,
> Faz o vencido já desesperado.
> Em qual figura, ou gesto desusado,
> Póde já fazer medo á morte irosa,
> A quem tem a seus pés rendido e atado?

Na elegia II, o Poeta descreve esta sua partida. Que um pensamento amoroso exclusivamente o occupava, que uma paixão violenta o dominava ao abandonar a patria, é o que não admitte duvida, porque elle claramente o refere nas suas amorosas despedidas, e n'esta mesma composição. Quando por ella lançámos os olhos, se nos figura estar vendo ainda o Poeta repassado da mais profunda melancholia,

> E com hum gesto immoto e descontente,
> C'um profundo suspiro mal ouvido,
> Por não mostrar seu mal a toda a gente,

saudar com o ultimo adeus de saudade a terra em que lhe ficava a amante. Se o Poeta porém partiu com a idéa de se expatriar, como quem o fazia, segundo elle diz, para o outro mundo, este arranco devia ser o mais doloroso. É verdade que fugia a murmurações que punham nodoa na sua fama, a tenções damnadas, emfim aos laços que lhe armavam os acontecimentos, mas deixava em compensação pae e mãe, e a amante, e emfim amigos, que os teve, devendo assim a dor ser igual á força do sacrificio.

Com animo obstinado, como vimos, como o vencido que se lança desesperado sobre as armas do inimigo, forte e firme rompeu todos os impedimentos e obstaculos, que se lhe offereciam, estes rios de amor,

como elle diz, que se lhe atravessavam para impedir-lhe o passo ao partir; e tal era a força dos trabalhos já padecidos que as derradeiras palavras que disse na nau, foram aquellas de Scipião Africano: ***Ingrata patria non possidebis ossa mea.*** E quantas vezes ainda mal esteve para se cumprir a terrivel ameaça!

Apesar de uma resolução que parecia tão decidida por cortar por tudo, e do desejo que as aguas do mar fossem as do Lethes, não pôde mergulhar nas ondas as suas lembranças amorosas. Quanto mais se afastava do logar da bemaventurança já gosada, mais estas recresciam, e o acompanhavam. Ainda as torres da cidade se divisavam, e já elle pedia ás Nereidas, para me servir das suas proprias expressões, que fossem delatar á sua amante o sentimento de tristeza em que o viam, e ellas

Nos meneos das ondas lhe mostravam
Que em quanto lhes pedia consentiam.

Mas seja o Poeta mais fiel interprete para revelar esta borrasca de affectos que lhe opprimiam e despedaçavam o coração em momento tão critico; e d'aqui pedimos já desculpas ao leitor pela liberdade que tomâmos n'estas frequentes citações, pela convicção em que estamos do muito que ganha a biographia quando se transforma em auto-biographia.

. . . .

Soltava Eolo a redea e liberdade,
Ao manso Favonio brandamente,
E eu a tinha já solta á saudade.
Neptuno tinha posto o seu tridente,
A proa a branca espuma dividia,
Com a gente maritima contente.
O coro das Nereidas nos seguia,
Os ventos, namorada Galatéa,
Comsigo socegados os movia.

VI

Das argenteas conchinhas Panopéa,
Andava por o mar fazendo molhos,
Melanto, Dinamene com Ligea.
Eu trazendo lembranças por antolhos,
Trazia os olhos na agoa socegada,
E a agoa sem socego nos meus olhos.

A bemaventurança já passada,
Diante de mi tinha tão presente,
Como se não mudasse o tempo nada.

VII

E com o gesto immoto, e descontente,
Co' hum suspiro profundo e mal ouvido,
Por não mostrar meu mal a toda a gente,
Dizia: oh claras Nymphas! se o sentido
Em puro amor tivestes, e inda agora
Da memoria o não tendes esquecido;
Se por ventura fordes algum' hora
Adonde entra o grão Tejo a dar tributo
A Thetys, que vós tendes por senhora;
Ou já por ver o verde prado enxuto,
Ou já por colher ouro rutilante,
Das Tagicas arêas rico fructo;
Nelles, em verso erotico, e elegante,
Escrevei co' huma concha o que em mi vistes;
Póde ser que algum peito se quebrante.
E contando de mi memorias tristes,
Os Pastores do Tejo, que me ouviam,
Oução de vós as magoas, que me ouvistes.

VIII

Ellas que já no gesto me entendiam
Nos meneos das ondas me mostravam
Que em quanto lhes pedia consentiam.

Possuido da mais profunda tristeza seguia o Poeta a sua derrota, e postoque saísse de uma prisão para sulcar essas ondas livres, quantas vezes não teria saudades dos seus ferros, vistoque esses ferros o prendiam na mesma terra onde existia o objecto dos seus amores.

Estas lembranças, que me acompanhavam
Por a tranquillidade da bonança,
Nem na tormenta triste me deixavam.

Mas ei-lo chegado a esse cabo da Boa Esperança

Começo da saudade que renova;

e é logo recebido por uma tempestade horrivel, d'aquellas com que este cabo vingativo, theatro de tantas tragedias maritimas, costumava mimosear os nossos navegantes. No meio porém de tão grande perigo nunca o abandonava, como vemos, a lembrança da sua dama, e com a morte ante os olhos, o unico pensamento que lhe occorria e que o occupava era se ella se lembraria d'elle. A parte d'esta elegia, que continuâmos a transcrever, na qual, lutando com Virgilio na belleza da fórma e na verdade da narrativa, nos descreve esta tormenta, já nos faz adivinhar o grande poeta épico. A esta tempestade devemos talvez a sua inimitavel ficção do Adamastor, em que foi tão excellente e elevado pintor, porque copiou do original.

IX

Porque chegando a Cabo da Esperança,
Começo da saudade que renova,
Lembrando a longa e aspera mudança:
Debaixo estando já da estrella nova
Que no novo Hemispherio resplandece,
Dando do segundo axe certa prova;
Eis a noute com nuvẽes se escurece,
Do ar subitamente foge o dia,
E todo o largo Oceano se embravece.
A machina do mundo parecia,
Que em tormentas se vinha desfazendo;
Em serras todo o mar se convertia.

X

Lutando Boreas fero, e Noto horrendo,
Sonoras tempestades levantavam,
Das náos as velas concavas rompendo.
As cordas co' o ruido assoviavam;
Os marinheiros, já desesperados,
Com gritos para o Ceo o ar coalhavam.

Os raios por Vulcano fabricados,
Vibrava o fero e aspero Tonante,
Tremendo os Polos ambos de assombrados.

XI

Amor ali, mostrando-se possante,
E que por algum medo não fugia,
Mas quanto mais trabalho mais constante;
Vendo a morte presente, em mi dizia:
Se algum' hora, Senhora, vos lembrasse,
Nada do que passei me lembraria.
Em fim nunca houve cousa, que mudasse
O firme amor intrinseco de aquelle,
Em quem alguma vez de siso entrasse.
Huma cousa, Senhor, por certo asselle,
Que nunca Amor se afina, nem se apura,
Em quanto está presente a causa delle.

VIII

Tendo escapado de ser victima das ondas n'estas paragens, onde mezes antes havia naufragado Manuel de Sousa e Sepulveda [1] e sua malfadada e linda esposa; e onde poucos mezes depois se perderia o capitão mór da armada que o levou á India, Fernão Alvares Cabral, na mesma nau S. Bento, no seu regresso para o reino, chegou por fim o Poeta a Goa

A essa desejada, e longa terra,
De todo o pobre honrado sepultura,

pelos principios de Setembro, com seis mezes de uma trabalhosa navegação.

Ao principio alvoroçou-se com o bom recebimento dos amigos, e talvez dos parentes, pois me consta que n'este tempo militavam n'estas partes Gonçalo Vaz de Camões, que depois foi capitão de Damão, e um certo João de Camões; de modo que escrevia para o reino que vivia ali

[1] Vide nota 35.ª

mais venerado que os touros de Merceana, e mais quieto que a cella de um padre prégador. Valoroso e agradavel no trato, não podia deixar de ser festejada a sua chegada pelos seus camaradas, por um dos quaes, Manuel Serrão, foi logo tomado por juiz ou padrinho em um duello; mas esta quietação não devia durar muito, nem o genio lh'o permittia. Esta alegria era passageira como o sol que transparece momentaneamente por entre as nuvens de uma borrasca; pois na mesma carta, que felizmente nos foi conservada, onde o Poeta conta a um amigo a sua chegada á India, e que por documento biographico interessantissimo não nos podemos dispensar de copiar, já se revela o desgosto da terra e o vaticinio de trabalhos futuros. A carta, que é a primeira na collecção das rimas do Poeta, é a seguinte:

«Desejei huma vossa, cuido que pela desejar a nam vi, porque este he o mais certo costume da Fortuna, consentir, que mais se deseje o que mais presto se hade negar. Mas porque outras náos me nam fação tamanha offensa como he fazer-me suspeitar, que vos nam lembro: determinei de vos obrigar agora com esta, na qual pouco mais ou menos vereis o que quero que me escrevais dessa terra, em pago do qual dante mão vos pago com novas desta, que nam serão más no fundo de huma arca, para aviso de alguns aventureiros, que cuidão que todo o mato he ouregãos, e nam sabem que cá e lá más fadas ha.

«Depois que dessa terra parti como quem o fazia para o outro mundo, mandei enforcar a quantas esperanças dera de comer ate então, com pregão publico por falsificadoras de moeda. E desenganei estes pensamentos, que por caza trazia, porque em mim nam ficasse pedra sobre pedra. E assim posto em estado, que me nam via se nam por entre lusco e fusco as derradeiras palavras que na náo disse, foram as de Scipião Africano. *Ingrata patria non possidebis ossa mea.* Porque quando cuido que sem pecado, que me obrigasse a tres dias de Purgatorio, passei tres mil de más lingoas, peores tençoens, danadas vontades, nascidas de pura inveja, de veren su amada yedra de de si arrancada y en otro muro asida, da qual tambem amizades mais brandas que cera, se acendião em odios, que desesperavão, e lume que me deitava mais pingos na fama, que nos couros de hum leitão. Então ajuntou-se a isto acharem-me sempre na pelle a virtude de Achilles, que nam podia ser cortado senam pelas solas dos pes; as quaes de mas nam verem nunqua, me fez ver as de muitos, e nam engeitar conversaçoens da mesma impressão, a quem fracos punhão máo nome, vingando com a lingoa o que não podião com o braço. Em fim, Senhor, eu nam sei com que me pa-

gue saber tam bem fugir a quantos laços nessa terra me armavão os acontecimentos, senam com me vir, para esta onde vivo mais venerado, que os touros da Merciana, e mais quieto que a cella de hum frade pregador. Da terra vos sei dizer, que he mãi dos viloens ruins, e madrasta de homens honrados. Porque os que se ca lanção a buscar dinheiro, sempre se sustentão sobre agoa como bexigas; mas os que sua opinião deita a las armas Mouriscote, como maré corpos mortos a praya, sabei que antes que amadureção, se secão. Ja estes que tomavão esta opinião de valentes ás costas, crede, que nunqua riberas de Duero cavalgarán Çamoranos, que roncas de tal soberbia entre si fuessen hablando; e quando vem ao effeito da obra, salvão-se com dizer, que se nam podem fazer tamanhas duas cousas como he prometer e dar. Informado disto veyo a esta terra João Toscano, que como se achasse em algum magusto de rufiaens, verdadeiramente, que ali era su comer las carnes crudas, su beber la viva sangre. Calisto de Sequeira se veio cá mais humanamente, porque assim o prometeo em huma tormenta grande em que se vio. Mas hum Manoel Serrão, que *sicut et nos*, manqueja de hum olho se tem ca provado arrezoadamente, porque fui tomado por Juiz de certas palavras, de que elle fez desdizer a hum soldado, o qual pela postura de sua pessoa era ca tido em boa conta. Se das damas da terra quereis novas, as quaes são obrigatorias a huma carta, como marinheiros a festa de S. Pero Gonsalves, sabei que as Portuguezas todas cahem de maduras, que nam ha cabo que lhes tenha os pontos, se lhe quizerem lançar pedaço. Pois as que a terra dá, alem de serem de rala, fazei-me merce, que lhe faleis alguns amores de Petrarcha, ou de Boscão, respondem-vos n'huma lingoagem meada de hervilhaca, que trava na garganta do entendimento, a qual vos lança agoa na fervura da mor quentura do mundo. Hora julgai, Senhor, o que sentirá hum estamago costumado a resistir as falsidades de rostinho de tauxia de huma dama lisbonense, que chia, como pucarinho novo com agoa, vendo-se agora entre esta carne de Salé, que nenhum amor dá de si, como nam chorará las memorias de in illo tempore? por amor de mim, que ás mulheres dessa terra digais de minha parte, que se querem absolutamente ter alçada com baraço, e pregão, que nam receem seis mezes de má vida por mar que eu as espero com procisão, e paleo, revestido em pontifical, adonde est'outras senhoras lhe irão entregar as chaves da cidade e reconhecerão toda a obdiencia a que por sua muita idade são obrigadas. Por agora nam mais, senão que este Soneto que aqui vai, que fiz á morte de Dom Antonio de Noronha, vos mando em sinal de quanto della me pezou.

Huma Egloga fiz sobre a mesma materia, a qual tambem trata alguma cousa da morte do Princepe, que me parece melhor, que quantas fiz. Tambem vola mandara para a mostrardes lá a Miguel Dias, que pela muita amizade de Dom Antonio, folgaria de a ver, mas occupação de escrever muitas cartas para o Reyno, me nam deo lugar. Tambem lá escrevo a Luis de Lemos, em resposta d'outra, que vi sua, se lha nam derão saiba que he culpa da viagem na qual tudo se perde —Vale.»

Preparava-se o Vice-Rei D. Affonso de Noronha, com quem o Poeta se tinha primeiro alistado no anno de 1550, para ir em soccorro do rei de Cochim, a quem o de Pimenta tinha tomado as ilhas alagadas; e desejoso o Poeta de se estrear acompanhou o Vice-Rei, que partiu pelos fins de Novembro, mez e meio depois da chegada do Poeta á India. Esta expedição descreve elle com toda a singeleza na já citada elegia:

Vi quanta vaidade em nós se encerra,
  E nos proprios quão pouca, contra quem
  Foi logo necessario termos guerra.
Huma ilha que o Rei de Porcá tem,
  E que o Rei de Pimenta lhe tomara,
  Fomos tomar-lha, e succedeo-nos bem.
Com huma grossa armada, que juntara
  O Vice-Rei, de Goa nos partimos,
  Com toda a gente de armas que se achara.
E com pouco trabalho destruimos
  A gente no curvo arco exercitada;
  Com mortes, com incendios, os punimos.
Era a ilha com agoas alagada,
  De modo que se andava em almadias,
  Em fim, outra Veneza trasladada.
Nella nos detivemos só dous dias,
  Que forão para alguns os derradeiros,
  Pois passarão de Estyge as ondas frias.
Que estes são os remedios verdadeiros,
  Que para a vida estão aparelhados
  Aos que a querem ter por cavalleiros.

Camões addiciona a narração de Diogo do Couto, dizendo que morreram alguns durante o tempo que ali se demoraram. Consistiu esta expedição em devastar aquellas ilhas, o que obrigou o Rei a pedir a paz.

Recolhido o Vice-Rei a Goa, tratou logo de despachar e preparar uma lusida armada para seu filho D. Fernando de Menezes ir ao estreito de Meca, e de lá ir a invernar a Ormuz para esperar as galés que saíssem de Baçorá, para cuja expedição mandou pagar a mil e duzentos homens. Partida a armada de Goa, foi seguindo sua derrota até o Monte Felix, onde esteve esperando pelas naus do Achem e Cambaia, e d'ali deitou algumas fustas ligeiras ás partes do Estreito a tomar falla das galés. Como era entrado o mez de Abril, e era necessario recolherem-se a Ormuz, deu a armada á véla e foi correndo a costa da Arabia, e chegando á fortaleza de Dofar surgiu toda, porque D. Fernando levava em regimento de seu pae, que lançasse d'ella os fartaquins. Desembarcou em terra a gente, e depois de uma refrega com aquelles que saíram da fortaleza, e em que os nossos fizeram grande estrago, tornaram a embarcar por se assentar em conselho de se não cometter a fortaleza, por se não poder desembarcar a artilheria.

Embarcados deram á véla e foram correndo toda a costa, até dobrarem o cabo de Rosalgate. D'ali foram a Mascate, onde entrou a armada, e D. Fernando de Menezes a entregou a Manuel de Vasconcellos, fidalgo experimentado que o Vice-Rei tinha posto ao lado do filho para o guiar, e elle se passou a Ormuz d'onde veiu depois a Mascate metter-se novamente na armada.

N'esta julgo eu, e não n'aquella em que partiu o anno seguinte o mesmo Manuel de Vasconcellos para o mesmo cruzeiro, se embarcou Camões, ficando em Màscate com aquelle capitão. Se n'isto me afasto do resto dos seus biographos não é em tudo, mas simplesmente no anno, pois foi com o mesmo Manuel de Vasconcellos que fez este cruzeiro. Não me parece natural que Camões ambicioso de gloria esperdiçasse uma occasião tão favoravel de empregar o seu ardor militar como aquella em que o Vice-Rei armava uma expedição para seu filho, e se não contentaria com lhe fazer um soneto, isto é, o IV, que Faria e Sousa não pôde descobrir a que pessoa da familia dos Menezes se dirigia. O resultado da expedição de D. Fernando foi a tomada de sete galés com trinta e seis peças de artilheria grossa com seus apparelhos. É para ver o enthusiasmo com que o velho Vice-Rei, em uma carta escripta da bahia d'Angra, que se conserva no archivo da Torre do Tombo, relata a El-Rei a victoria do filho.

Na canção X, uma das mais interessantes e patheticas composições do nosso Poeta, na qual pinta com toda a exactidão topographica a aridez do cabo de Guardafú, mostrando-se como sempre habilissimo pin-

tor tanto das scenas maritimas como terrestres, descreve este seu cruzeiro passado em sitio tão pouco favorecido da natureza:

Junto de hum secco, duro, esteril monte,
Inutil, e despido, calvo, e informe,
Da natureza em tudo aborrecido,
Onde nem ave voa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido;
Cujo nome do vulgo introduzido
He Felix, por antifrase infelice;
O qual a natureza
Situou junto á parte
Aonde hum braço de alto mar reparte
A Abassia, da Arabica aspereza,
Em que fundada já foi Berenice,
Ficando á parte, donde
O sol que nella ferve, se lhe esconde;

O Cabo se descobre, com que a Costa
Africana, que do Austro vem correndo,
Limite faz, Arómata chamado:
Arómata outro tempo, que volvendo
A roda, á ruda lingua mal composta
Dos proprios, outro nome lhe tem dado.
Aqui, no mar, que quer apressurado
Entrar por a garganta deste braço,
Me trouxe hum tempo, e teve
Minha fera ventura.
Aqui nesta remota, aspera, e dura
Parte do mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deixasse hum breve espaço:
Porque ficasse a vida
Por o Mundo em pedaços repartida.

Aqui me achei gastando huns tristes dias,
Tristes, forçados, máos, e solitarios,
De trabalho, de dor, de ira cheios:
Não tendo não sómente por contrarios

A vida, o sol ardente, as aguas frias,
Os ares grossos, fervidos, e feios,
Mas os meus pensamentos, que são meios
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi, etc.

Com a alma chagada e em carne viva, como diz, continua desafogando com toda a vehemencia da dor contra o destino que o vexa com tão duro e aspero soffrimento:

Oh que este irado mar gemendo amanso!
Estes ventos da voz importunados,
Parece que se enfream:
Somente o ceo severo,
As estrellas, e o fado sempre fero,
Com meu perpetuo dano se recream,
Mostrando-se potentes, e indignados
Contra hum corpo terreno,
Bicho da terra vil, e tão pequeno.

Porém se de tantos trabalhos padecidos e buscados pela sua amante, tirasse o saber que alguma hora lhe lembrava, e que estas suas queixas tocavam as suas angelicas orelhas, isto só que soubesse seria descanso para a vida que lhe ficava:

Ah Senhora! Ah Senhora! E que tão rica
Estais, que cá tão longe de alegria
Me sustentais com doce fingimento!
Logo que vos figura o pensamento,
Foge todo o trabalho, e toda a pena, etc.

Com a lembrança da amante se acha forte para arrostar a morte, e os seus tormentos se tornam em saudades suaves. Com ellas de tão longe, e em tão remoto sitio, interroga os ares que sopram do lado da patria, as aves que ali voam, que lhe dêem novas da sua amante adorada:

Ali a vida cansada se melhora,
Toma espiritos novos, com que vença
A fortuna, e trabalho,

Só por tornar a ver-vos,
Só por ir a servir-vos, e querer-vos;
Diz-me o tempo que a tudo dará talho:
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreu, sem tento
Me abre as chagas de novo ao soffrimento.

Interessantissima, sem duvida, e maviosa poesia é esta, talvez a ultima que viu D. Catharina de Athaide, da qual consta que o Poeta ainda affagava a esperança lisonjeira de tornar a ver e possuir aquella que lhe inspirava tão exaltado sentimento de amor e da mais pungente saudade. Mas como o desejo do homem é ás vezes vão! Como a esperança, este fogo fatuo que nos luz ante os olhos e nos arrasta, alentando-nos, de tormento em tormento, se evapora rapidamente no momento em que mais a seguimos! Quando o Poeta lançava no papel estas linhas entre os baloiços das ondas do mar, a infeliz dama tinha os seus dias quasi contados; talvez o mesmo fogo ardente á abrasava, mas concentrado, a cortava lentamente a febre, definhava como mimosa flor cercada de cardos e abandonada da mão do cultor cuidadoso.

VIII

Mas é tempo de reconduzirmos o Poeta d'este aspero e enfadonho cruzeiro á barra de Goa, onde a armada de D. Fernando de Menezes chegou achando já por novo Vice-Rei a D. Pedro de Menezes, que ali tinha entrado a 16 de Setembro, e não a 23, como erradamente disse Diogo de Couto. Tristissimas noticias levou a armada que este anno partiu de Lisboa: a morte do Principe herdeiro D. João e a de D. Antonio de Noronha, que nos campos de Ceuta [1] morrêra ás lançadas dos mouros. Uma e outra affectaram vivamente o nosso Poeta: a primeira pelo interesse publico, vendo que de nove filhos varões d'El-Rei D. Manuel, e seis d'El-Rei D. João III, apenas ficava pendente do delgado e precario fio do nascimento de um menino a successão e independencia da patria; a segunda pelo interesse e amisade que consagrava a D. Antonio. Esta despertou a Musa do Poeta, que na egloga I chorou a morte do amigo e do Principe. Era D. Antonio galhardo mancebo, a quem o

[1] Vide nota 36.

pae, para desviar de certos amores, tinha mandado servir na praça de Ceuta, e ali foi victima da embuscada que os mouros armaram ao seu valoroso e imprudente tio D. Pedro de Menezes. Tinha sido parceiro no celebre torneio de Xabregas com o dito Principe, e agora a ambos de dezesete annos os tomava a morte ao mesmo tempo, na madrugada da vida. É uma observação para não ser omittida, que as notas mais profundas, tocantes, maviosas e enternecidas d'este canto funebre são dirigidas á falta do amigo, e n'elle lhe é reservado o primeiro logar. Não admira que quem era tão pouco cortezão, não medrasse muito entre as lisonjas do Paço.

Ao voltar a Goa do seu cruzeiro nos mares da Arabia devia o Poeta escrever tambem a sua canção VI, n'esta cidade, começando já a ser combatido dos vaivens da sorte adversa n'este longinquo exilio a que se tinha condemnado para tão longe da patria, talvez por obediencia áquella que, mau grado do coração, lhe impunha por circumstancias pena tão severa; mas que póde influir a mudança do corpo quando com elle vae a alma? a traça do coração não ha ares que a sacudam, não ha distancia que a extinga. Assim acontecia ao nosso Poeta; a saudade, a viva imagem da amante que continuamente se lhe apresentava, a lembrança do bem já passado se avivavam, á proporção que o desalento, o infortunio e a desesperação lhe rasgavam o coração a tão grande distancia do sitio onde gosára tanta ventura; e se alguma vez a esperança adejava algum vôo rasteiro, logo baqueava opprimida com todo o peso da miseria e do infortunio.

Esta fluctuação de tão oppostos sentimentos descreve o Poeta em todas as suas poesias escriptas n'estes sitios e n'esta sua canção; por ella vemos que obedecia a um preceito da sua dama, que usando de um rigor necessario punha os mares de permeio, ao mesmo tempo que compadecida o alentava com esperanças. Isto nos parece expressar no VI ramo d'esta poesia, quando diz que como ao enfermo abandonado dos medicos

O amor lhe consentia
Esperanças, desejos e ousadia.

Mas qual é o cumulo de desventura do Poeta desgraçado! Se a indigencia, se a sorte adversa lhe abafam a esperança, tambem não póde desesperar, nem arrancar do coração um amor que tem n'elle raizes tão fortes; são estes os sentimentos que o Poeta expressa n'esta sua composição, da qual copiâmos parte:

Com força desusada
Aquenta o fogo eterno
Huma ilha nas partes do Oriente,
De estranhos habitada,
Aonde o duro inverno
Os campos reverdece alegremente.
A lusitana gente
Por armas sanguinosas,
Tem della o senhorio.
Cercada está de hum rio
De maritimas agoas saudosas:
Das hervas que aqui nascem
Os gados juntamente e os olhos pascem.

Aqui minha ventura
Quiz que huma grande parte
Da vida, que eu não tinha, se passasse,
Para que a sepultura,
Nas mãos do fero Marte,
De sangue, e lembranças matizasse.
Se amor determinasse
Que a troco desta vida,
De mi qualquer memoria
Ficasse como historia,
Que de huns fermosos olhos fosse lida,
A vida e a alegria
Por tão doce memoria trocaria.

Vejamos agora como ao Poeta era imposta uma penitencia severa:

E agora venho a dar
Conta do bem passado
A esta triste vida, e longa ausencia.
Quem póde imaginar
Que houvesse em mi peccado
Digno de huma tão grande penitencia?
Olhai que he consciencia
Por tão pequeno erro,
Senhora, tanta pena.

Não vedes que he onzena?
Mas, se tão longo e misero desterro
Vos dá contentamento,
Nunca me acabe nelle o meu tormento.

Dissemos que D. Pedro Mascarenhas tinha chegado a Goa pelo meado de Setembro de 1554. Era D. Pedro pessoa de grande auctoridade, independencia pela riqueza que possuia, e saber e habilidade como havia mostrado nas embaixadas a que fôra á Allemanha e Roma, d'onde trouxe os padres da Companhia. Por estes motivos desejava El-Rei manda-lo por Vice-Rei á India, para reformar todos os abusos que se haviam introduzido n'aquellas conquistas; escusou-se porém elle com a sua avançada idade, até que por fim, instado pelo Infante D. Luiz, de quem era amigo, que o apertou dizendo-lhe que um dos dois havia de ir á India, cedeu, dizendo-lhe que elle tomaria por si todos os trabalhos, e iria acabar por esse mar para não inquietar-se Sua Alteza. Não falleceu no mar como dizia, mas como era de idade tão avançada, pouco foi o tempo que administrou aquelle Estado, pois logo no anno seguinte de 1555, voltando de installar o Mealcão, falleceu em Goa.

IX

Succedeu-lhe no governo Francisco Barreto, homem por todos os respeitos mui digno de occupar um logar tão elevado e muito bemquisto de toda a gente da India. Houve por esta occasião banquetes, jogos e passatempos que se estenderam pelo inverno dentro, e para abrilhanta-los concorreu o nosso Poeta escrevendo o seu Auto de Filodemo, que foi por esta occasião representado na presença do Governador. Quem bem reflectir n'esta composição observará que o Poeta estava ainda ferido das offensas recebidas em Lisboa, por certo desafogo que apparece em alguns logares d'este Auto. Por occasião d'estas mesmas festas é tradição que escrevêra uma satyra a uns jogos de cannas, de que nos ficou um fragmento, na qual offendia pungentemente alguns fidalgos da India que tinham celebrado aquelle divertimento em honra do Governador. A embriaguez, o jogo, a estupidez eram as qualidades caracteristicas que denunciava d'estes cavalleiros, os quaes apresentava como uma amostra do que eram os homens da India. Talvez por esta occasião compoz outra satyra intitulada *Labyrinto,* queixando-se do

mundo, de muito menos força, e o soneto cxxxxiv, no qual, debaixo da allegoria de Babylonia e Sião, descreve os vicios que reinavam na cidade de Goa, saudoso da sua querida Sião, a cidade de Lisboa. E com effeito, se é veridica a descripção que faz d'esta cidade um viajante estrangeiro (Lindscot), que a visitou poucos annos depois, era uma nova Sodoma. A satyra intitulada *Disparates da India,* julgo eu que foi escripta posteriormente á sua prisão, depois que regressou de Macau, não só porque se refere a uns certos senhores que deixam os amigos nos perigos, mas porque um dos golpes mais profundos é contra pessoa da magistratura, que talvez tivesse intervenção juridica no negocio da Provedoria da China. O talento do Poeta era tão variado que não ha duvida que, se quizesse empunhar o açoute de Juvenal, fustigaria o vicio com não menos energica indignação do que o poeta romano; n'estas duas amostras de satyra violenta, a atrabilis do Poeta vasou todo o azedume de que em nossos dias vimos eivado um bardo inglez (lord Byron), com a differença que ao nosso o inspirava a aversão ao vicio, e áquelle o orgulho e aborrecimento da humanidade. Mas era n'esta satyra amavel da sociedade, que só fere ao de leve, sem penetrar no fundo do coração, na qual occupou em nosso tempo um logar tão brilhante o celebre Nicolau Tolentino, que o nosso Poeta podia tambem disputar a primazia aos poetas do seu tempo. Alguns epigrammas cheios de uma graça natural, feitos ao Duque de Aveiro, a D. Antonio, Senhor de Cascaes, aquelle feito a Miguel Rodrigues Coutinho (o Fios Seccos) e outros, nos fazem sentir que tão poucos d'esta natureza chegassem até nós, e nos attesta de quão agradavel e entretida leitura seria uma collecção mais copiosa. Se esta critica porém é admittida na boa sociedade e entre amigos, e agrada mesmo ás vezes ao satyrisado de quem provoca tambem jocosas represalias, o mesmo não podemos dizer da satyra seria, picante e mordaz que devia offender os atacados. Tendo porém attenção aos acontecimentos de uma vida tão martyrisada, póde relevar-se este desafogo de mau humor, nem imparcialmente podemos absolver ou culpar o Poeta, vistoque as qualidades boas ou más dos invectivados não chegaram ao nosso conhecimento, e não sabemos se houve uma provocação.

X

Para o pôr ao abrigo dos offendidos e não por espirito de vingança, como alguns pretendem, ou antes simplesmente com o pensamento de

o melhorar de fortuna, enviou o Governador a Luiz de Camões para a China, com o officio de Provedor dos defuntos e ausentes. Se foi vingança, como querem, é força confessar que foi mui adoçada, porquanto lhe conferia um emprego lucrativo, do numero d'aquelles com que os Vice-Reis agraciavam os seus mais favorecidos, e em o qual, segundo affirmam, pôde grangear uma certa independencia. Comtudo, se foi degredo, o que eu duvido, é preciso convirem os que o asseveram, que se o Governador não teve a generosidade de Cesar para com Catullo, a quem convidou para uma esplendida ceia, por certos versos que viu feitos contra elle, este degredo do Poeta foi modificado, com conveniencias e representação, a exemplo do que se praticou com o satyrico romano (Juvenal) desterrado com o pretexto de ir para as fronteiras do Egypto e da Lybia com um cargo honroso no exercito. Alguem houve que quiz attribuir o procedimento de Francisco Barreto a um resentimento de familia, pelas relações que tinha com os Castanheiras por sua mulher D. Brites de Athaide [1], porém isto decae de todo o fundamento uma vez que se sabe que a amante do Poeta não pertencia áquella familia.

Depois que Affonso de Albuquerque visitou Malaca, attrahidos os portuguezes com o grande lucro que faziam com o commercio da China, começaram a explorar os seus portos, e a pouco e pouco se foram estabelecendo n'aquellas paragens. O primeiro que parece as visitou foi um Rafael Perestrello, com o qual El-Rei D. João III, em um regimento que deu a Duarte Rodrigues, feitor que foi na armada da China, de que era Capitão mór Jorge de Albuquerque, ordenou se aconselhasse sobre o commercio d'este imperio. Na cidade de Liampó fizeram principal assentada os portuguezes, e ahi tinham povoação de mil e duzentos visinhos, e estavam tão seguros, diz Fernão Mendes Pinto, como se estivessem entre Santarem e Lisboa; tinham todos os cargos da governança, e só lhes faltava terem forca e pelourinho, acrescenta fr. Gaspar da Cruz no seu Tratado da China. Aqui se conservaram fazendo um grosso e lucrativo trato, até o anno de 1542, no qual, em rasão de grandes malfeitorias que fizeram, foram lançados fóra pelos chinas com grande mortandade; e dois annos depois, intentando estabelecer-se de novo no porto de Chincheo, foram novamente expulsos pelos mesmos motivos. Desde esse anno, apesar de uma sentença que os portuguezes obtiveram do Imperador, se fez sempre o commercio com difficuldades

[1] Vide nota 37.ª

e perigos nos differentes portos da China, até o anno de 1554, no qual sendo Capitão mór Leonel de Sousa [1], se entabolaram negociações amigaveis com os chinas, correndo desde esse tempo o trato de boa paz entre as duas nações, indo os nossos trocar as suas mercadorias, principalmente a Cantão, e mudando-se o justificado odio antigo dos naturaes em boa hospitalidade, e folgando já com o trato dos portuguezes.

Tal era o estado do nosso commercio e relações na China, quando Camões partiu com o emprego de Provedor dos defuntos e ausentes d'aquelle imperio, cargo que já existia quando os nossos tinham o estabelecimento de Liampó, e devia partir na armada de que ía por Capitão mór um Francisco Martins [2], feitura do governador Francisco Barreto, e que se compunha de umas seis vêlas. No porto de Lampacao, que era então a estação dos portuguezes, e onde o Poeta se demorou algum tempo, se devia encontrar pelo meado de Maio d'este anno com Fernão Mendes Pinto, que vinha de volta para Goa. Tão longe da sua patria se encontravam os dois escriptores portuguezes em tão agitadas circumstancias da vida; um que vinha procurar o descanso, pondo termo á sua aventurosa Odyssea, e o outro que ía igualmente animado do desejo de independencia pôr o peito aos varios lances da fortuna.

Eram estas costas avexadas por uma immensidade de piratas, que incitados pelo valioso das presas, corriam os mares infestando-os com as suas depredações com grave prejuizo do commercio. Em o porto de Macau, situado no golpho de Tonkim, se acoutava um famoso corsario, e d'ali atterrava com o seu nome e piratarias toda a costa circumvisinha. Convidados os nossos pelos chinas, ou por deliberação espontanea, cáem sobre elle, e o desapossam do covil d'onde saia a inquietar os que navegavam n'estas paragens, e por este serviço conseguem os nossos, por consentimento dos chinas, estabelecerem-se n'este pequeno espaço de territorio onde logo fundam a cidade de Macau. O numero de vélas de que se compunha a armada de Francisco Martins, e a epocha em que se achava estacionada no porto de Lampacao induzem-me a acreditar que ao nosso Poeta coube a ventura de partilhar a gloria d'este feito militar.

Passou-se logo á fundação da nova cidade, e o Poeta foi um dos primeiros moradores e empregados que teve a nascente colonia, onde residiu por algum tempo, aproveitando este ensejo de melhorar de for-

[1] Vide nota 38.ª
[2] Vide nota 39.ª

tuna com as vantagens de um commercio que offerecia avultadissimos interesses. As Musas, que fogem espavoridas na presença dos algarismos e da arithmetica, o não abandonaram, antes o inspiraram, aproveitando elle o tempo que estacionou n'esta solidão para retocar e continuar o seu Poema.

Ao norte da cidade de Macau, está situada a pequena aldeia de Patane em um monte em cuja base pedregosa bate o mar, e a meia encosta do monte se vê uma gruta, hoje conhecida e consagrada pela denominação de gruta de Camões[1], e visitada com a maior curiosidade pelo forasteiro, logo que chega a esta cidade. Encontra-se esta gruta logo adiante do convento de Santo Antonio e na sua proximidade; compõe-se de dois rochedos collocados verticalmente, que parece que originariamente formaram um só, porém hoje divididos no espaço de alguns pés, por algum capricho da natureza; uma massa de granito sobrepõe estes dois rochedos, servindo-lhe de cobertura e formando uma especie de gruta. O sitio é romantico e aprazivel e largos os horisontes; para o nascente avista-se o mar e o perfil azulado de Lintáo e outras ilhas; para o sul e para o poente Typa e o ancoradouro portuguez, e para o norte a linha de demarcação que divide a colonia portugueza do celeste imperio. Se o Poeta no soneto CLXXXI, no qual talvez descreve este sitio, desejava um logar o mais apartado do trato humano, algum bosque medonho e carregado, desfavorecido dos encantos da natureza, onde sepultado em vida nas entranhas dos penedos podesse queixar-se livremente e dar desafogo á sua dor, elle não o podia encontrar mais apropriado.

Onde acharei lugar tão apartado,
  E tão isento em tudo da ventura,
  Que, não digo eu de humana creatura,
  Mas nem de feras seja frequentado?
Algum bosque medonho, e carregado,
  Ou selva solitaria, triste, e escura,
  Sem fonte clara ou placida verdura,
  Emfim, lugar conforme a meu cuidado?
Porque ali nas entranhas dos penedos,
  Em vida morto, sepultado em vida,
  Me queixe copiosa, e livremente.

[1] Vide nota 40.

Que pois minha pena he sem medida,
Ali não serei triste em dias ledos,
E dias tristes me farão contente.

É proprio da natureza humana, conforme o temperamento do individuo, quando a dor nimiamente nos afflige, fugir á conversação e trato dos homens, repellindo as consolações, embora extremosas, da mais pura e disvelada amizade. Então em um accesso de misanthropia confiâmos aos seres inanimados as nossas queixas, e procurâmos solidões e retiros, onde em perfeito desafogo demos largas ao sentimento profundo que nos punge o coração. Assim acontecia ao nosso Poeta aqui n'esta selva sombria e triste, n'este antro se recolhia, ou já ao alvorecer do dia em que a alma se eleva toda ao Creador, n'esta hora sublime em que as sombras dispersadas pela luz do dia desenrolam aos nossos olhos a scena de uma nova creação, os montes sobem ao céu, as flores, humedecidas do orvalho da noite, acordam por essas veigas floridas, os mares se prolongam no espaço; ou quando o sol no seu zenith fazia reclamar em um clima tão abrazador o refrigerio das sombras contra a intensidade dos seus raios; ou na hora do crepusculo em que o mesmo astrò se ía mergulhar para as partes da patria, para onde lhe voava a alma. Sequestrado do resto do mundo n'este retiro, a saudade o pungia com a lembrança que quanto mais ausente nunca o abandonava, da vida passada, e na sangria do coração magoado, que são as lagrimas, procurava dar desafogo a tão aspero e duro tormento. Outras vezes visitava-o o estro, e inspirado de um arrebatado enthusiasmo repetia ás ondas do mar da China as proezas do pequeno povo do Occidente que o havia devassado. Era espectaculo grandioso, e quasi por si sómente uma epopéa viva, ver um poeta entre tantos perigos da vida, e em tão remoto clima, proseguir na continuação de um poema encetado na patria a tanta distancia, e escripto a pedaços nos differentes logares longinquos que discorria com a espada sempre na mão; nem era sem duvida com indifferença que elle compunha e escrevia aquelles tão soberbos como simples versos:

Os portuguezes somos do Occidente,
Himos buscando as partes do Oriente.

Não somos nós em geral da opinião d'aquelles que fazem do infortunio e da desgraça uma forçosa necessidade do genio; todavia esta-

mos persuadidos de que, se o Poema portuguez não fosse escripto entre as rajadas do vento e os inhospitos embates das ondas do cabo proceloso, sobre os reparos de uma peça, junto ás baterias de uma fortaleza, ou no campo sobre o broquel do homem de armas, e tinto com o sangue do auctor, molhado pelas ondas do naufragio, crestado com os suspiros ardentes do amante ausente, não offereceria rasgos tão magistraes, nem um colorido tão verdadeiro. E como são tocantes e melancholicos estes lamentos que o Poeta solta pelo decurso do seu Poema! perdoem-me os criticos, acho-lhe um certo interesse que diz perfeitamente com o todo da epopéa. De certo, dadas iguaes circumstancias, sempre levará a palma o Poeta aventureiro ao paralytico de gabinete, como com bastante propriedade lhe chama um auctor estrangeiro.

Dois annos, pouco mais ou menos, se demorou o Poeta no exercicio do seu emprego, sendo removido provavelmente antes de tempo, e vindo preso por intrigas, que lhe teceram alguns, que reputava seus amigos, com o Governador Francisco Barreto[1]. Voltando de Macau, a nau em que vinha embarcado naufragou na costa de Camboja na Cochinchina. Na correspondencia dos padres jesuitas, em uma carta escripta do Japão, datada do anno de 1559, e dirigida pelo padre Balthasar Gago aos irmãos do Collegio de Goa, achâmos por noticia que a nau se perdeu. A este naufragio allude o Poeta na est. CXXVIII do Canto X.

Este receberá placido e brando
No seu regaço o Canto que molhado
Vem do naufragio triste e miserando
Dos procelosos baixos escapado;
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja lyra sonorosa
Será mais affamada que ditosa.

D'estes versos se vê que o Poeta vinha preso e antes do tempo acabado, pois diz que n'elle se executava o injusto mando do Governador, isto é, a ordem pela qual vinha preso responder ás accusações que lhe faziam os seus inimigos e os falsos amigos. A este procedimento do Governador Francisco Barreto allude o Poeta na canção X, e mais amargamente se queixa nas oitavas dirigidas a D. Constantino de Bragança.

[1] Vide nota 41.ª

E depois de tomar a redea dura
Na mão do povo indomito, que estava
Costumado á largueza e á soltura
Do pesado governo que acabava,
Quem não terá por santa e justa cura,
Qual de vosso conceito se esperava,
A tão desenfreada infermidade
Applicar-lhe contraria qualidade?

Lemos em memorias officiaes do tempo que estas administrações se achavam no maior desarranjo, sendo excessivamente lesados os interessados [1]. Para dar remedio a estes males, mandou El-Rei D. João III Regimento no anno de 1556, com grandes recommendações ao Governador para fiscalisar sobre os abusos e dilapidações que se faziam. Entendeu Francisco Barreto logo em pôr em execução as ordens da côrte, procedendo a reformas que não podiam deixar de ser feitas com certa severidade e rigor; e não haviam de faltar delatores invejosos, que com accusações verdadeiras ou falsas, como sempre acontece, armassem aos logares dos então empregados para os substituirem. D'estes foi o nosso Poeta victima, e a isto e não a outros motivos se deve attribuir a sua perseguição.

No naufragio que padeceu perdeu a fortuna que tinha adquirido, ao que se refere no soneto CLXXII que nas edições antigas encontrámos com o titulo de suas perdições; isto nos corrobora mais na opinião que emittimos de ter o Poeta recebido em Macau, ou no seu regresso para Goa a nova da perda da sua amante, pois n'este soneto chora a outra para elle mais lamentavel catastrophe, a morte d'ella:

A cordeira gentil que eu tantó amava,
Perpetua saudade d'alma minha.

Emquanto se reparava do naufragio na bahia de Camboja, escreveu aquellas maravilhosas redondilhas, como lhe chama Lope da Vega, paraphrase pathetica e lastimosa do psalmo CXXXVI, *Super flumina,* que começam:

Sobolos rios que vão
Por Babylonia, me achei, etc.

[1] Vide nota 42.ª

ou mais algumas poesias do mesmo genero, pois em escriptor contemporaneo se encontram citadas com o titulo de Cancioneiro[1], titulo que parece referir-se a uma mais copiosa collecção de que estas poesias faziam parte. Esta composição, na qual o Poeta se mostra tão atribulado pelos trabalhos padecidos e compungido das culpas passadas, tem sido e é de uma difficil interpretação: procuraremos dar-lhe aquella que nos parece mais rasoavel cingindo-nos ao texto. O Poeta, depois de uma grande calamidade e perigo, acha-se em um combate de amor profano, que não póde desarreigar do coração, e do divino, e n'esta occasião não captivo como os hebreus, mas arrojado pelas ondas em terra estranha, faz o protesto de uma reticencia na sua lyra, d'estas muito costumadas, e que os poetas usam fazer e cumprir tanto, como as promessas dos jogadores, reservando-se sómente a tirar d'ellas cantos divinos. O vate que agora era excitado e inspirado de um estylo biblico, acabava de escapar de beber a morte nas ondas do mar; é n'estas occasiões que lembra o Céu, ao incredulo porque duvida, e ao crente porque a esperança sempre consoladora lhe adoça as bordas do vaso negro da morte; e assim como os braços se apegam á tábua que boia sobre as aguas, a alma por crença, medo, ou duvida procura segurar-se á ancora da religião. Os religiosos que andavam nas armadas para soccorro espiritual dos marinheiros e soldados, ou os que em terra missionavam, exerciam com o maior zêlo, energia e devoção christã o ministerio do sacerdocio; e se mais de um louro cresceu regado com o sangue do soldado portuguez nas nossas conquistas, tambem a palma que sobe ao céu floriu regada com o sangue de mais de um virtuoso sacerdote, em toda a parte onde arvorámos a cruz, e á sua sombra a civilisação. Aproveitavam elles estas occasiões, nas quaes a persuasiva cala mais no coração e este se acha mais disposto para abraçar a verdade, em missionarem e confessarem, e era debaixo d'esta influencia que o Poeta escreveu estas redondilhas, nas quaes do modo o mais orthodoxo faz o elogio da confissão auricular, desejando ver-se sempre lustrado das suas culpas como unico e verdadeiro meio com as graças d'este Sacramento. Debaixo da allegoria de Babylonia e Sião, significando esta a terra e aquella o céu, joga este poema feito sem duvida ou antes ou depois de uma confissão, quando teve logar este perigoso episodio da sua vida.

Os versos d'esta paraphrase, em os quaes o Poeta exprime o desejo que a pena d'este desterro seja insculpida em pedra ou no ferro duro,

[1] Vide nota 43.ª

tem feito insistir a alguns, não attendendo a que o naufragio foi na volta da China, que a ida do Poeta para aquelles sitios fôra em resultado de um degredo. Mas se aqui a palavra desterro não é usada em sentido figurado, significando a terra em contraposição á terra bemaventurada que exprime o céu, no primeiro verso d'esta redondilha, como supponho, parece-me que a estes versos se não póde dar n'este caso outra interpretação a não ser, que ao Poeta constou por ordem transmittida, ou outra qualquer via, que ao chegar a Goa se lhe destinava um degredo, postoque a esta determinação me parece que devia preceder sentença da auctoridade judicial d'esta cidade. O que me faz vacillar e inclinar, postoque muito pouco, a esta opinião, é ver que o Poeta larga aqui o thema do psalmo, e se soccorre do livro de Job (Cap. XIX) manifestando os desejos d'aquelle paciente varão, quando se dirige aos amigos que o affligiam injustamente, e enxergar-se n'esta comparação uma paridade com a pouca lealdade que experimentou da parte de homens que falsamente se diziam seus amigos.

A intensidade e dureza do combate que o Poeta experimentava n'esta situação critica da vida revela-se n'estas celebres redondilhas; na II o Poeta faz o protesto da violencia com que deixa por Deus os seus amores:

Mas deixar nesta espessura
O canto da mocidade,
Não cuide a gente futura,
Que será obra da idade
O que he força da ventura.
Que idade, tempo e espanto,
De ver quão ligeiro passe,
Nunca em mi poderam tanto,
Que, posto que deixo o canto,
A causa delle deixasse.

Na redondilha que se segue, na qual ratifica a constancia dos seus amores, nos dá a entender quão violento era o sacrificio, pois, como se deprehende de uns versos do poeta Boscan n'ella inseridos, reputava ainda viva aquella que era já um frio cadaver.

Mas em tristezas e nojos,
Em gosto e contentamento,
Por sol, por neve, por vento,

Tendrė presente a los ojos
Por quien muero tan contento.

Nas redondilhas xxii, xxiii e xxiv se manifesta toda a violencia da luta do coração; e quantas vezes temos visto estes combates irem morrer entre os muros de um mosteiro, estas chammas absorvidas por mais intenso fogo, o do amor divino! A luta do corpo e do espirito é ardua, é violenta, é difficultosa, mas o triumpho é sublime! Amava o Poeta, sim, o mais intensamente, porém o que era aquella humana figura que o captivava, senão um raio da formosura divina? que eram aquelles olhos e a luz que vibravam, senão sombra baça d'aquella idéa que em Deus é mais perfeita? que eram esses olhos senão sophistas que o guiavam por maus caminhos, e obrigavam a cantar em versos de amor divino, cantares de amor profano? mas ouçâmos antes o Poeta:

Não he logo a saudade
Das terras, onde nasceo
A carne, mas he do ceo,
Daquella santa cidade,
Donde esta alma descendeo.
E aquella humana figura,
Que cá me pode alterar,
Nam he quem se ha de buscar,
He raio da formosura,
Que só se deve amar.

Que os olhos e a luz, que atea
O fogo que cá sujeita,
Nam do sol, mas da candea,
He sombra daquella idéa
Que em Deus está mais perfeita.
E os que cá me captivaram,
São poderosos affeitos
Que os corações tem sujeitos;
Sophistas que me ensinaram
Maos caminhos por direitos.

Destes o mando tyrano
Me obriga com desatino,

A cantar ao som do dano,
Cantares de amor profano
Por versos de amor divino:
Mas eu lustrado c' o santo
Raio na terra de dor,
De confusão, e de espanto,
Como hei de cantar o Canto
Que só se deve ao Senhor?

Ao chegar a Goa, pelos fins do governo de D. Francisco Barreto, foi logo recolhido a uma prisão. Por este tempo era já fallecida D. Catharina de Athaide, como já vimos, e foi então que, estando encarcerado, escreveu o lindo e enternecido soneto LXXVI, inspirado talvez por algum passarinho que, inconsolavel pela morte da companheira, esvoaçando veiu pousar nas grades do carcere, poesia em que o Poeta lhe inveja a sorte desejando acompanha-lo para se consolarem mutuamente. Ditosa ave a quem se a natureza lhe roubou o seu primeiro bem, dá-lhe o ser triste a seu contentamento, mas não como a elle

Que para respirar lhe falta o vento,
E para tudo em fim lhe falta o mundo.

XI

Nos principios de Setembro de 1558 chegou de Lisboa, para substituir a D. Francisco Barreto, o Vice-Rei D. Constantino de Bragança, irmão do Duque D. Theodosio, que o Poeta em Portugal tinha celebrado em seus versos. Facil lhe foi então repellir as injustas accusações que lhe forjavam, e com a protecção do Vice-Rei foi posto em liberdade. Achava-se agora mais alentado de esperanças com o favor do Vice-Rei e com a amizade de D. Alvaro da Silveira, filho do Conde da Sortelha, que vinha despachado com a Capitania de Ormuz, sobre o qual, segundo vemos em uma composição (inedita), se firmavam os seus castellos de vento[1].

Libertado da prisão, é natural que acompanhasse o Vice-Rei á expedição de Damão, e de lá o seu amigo D. Alvaro da Silveira novamente

[1] Vide nota 44.ª

á costa da Arabia, e se o Poeta não ía no navio de Alvaro Pires de Tavora, que com a força da tempestade veiu tomar Goa em Maio, foi talvez ser testemunha da triste derrota e desastrosa morte do amigo.

No ultimo tempo do governo de D. Constantino se achava o Poeta em Goa, e foi por esta occasião que lhe dirigiu aquella epistola, que na ordem das suas oitavas é a II, na qual imita no principio a epistola de Horacio dirigida a Augusto:

Cum tot sustineas et tanta negotia solus,

e consola o Vice-Rei pela injustiça com que era tratado pelo povo

Costumado á largueza e soltura
Do pesado governo que acabava.

Se o Poeta lyrico antigo estranhava ao povo romano o preferir a antiga legislação das XII tábuas dos Decemviros á legislação de Augusto, a censura que o Poeta portuguez fazia ao povo de Goa era de uma natureza mais grave, pois com maligna perversidade ousou calumniar o Vice-Rei de concussionario. O Poeta lhe diz n'esta epistola, que em o louvar se afasta do vulgo, que levou a audacia a vir mesmo debaixo das janellas do seu palacio parodiar-lhe o romance antigo

Mira Nero de Tarpeia
A Roma como ardía,

em

Mira Nero da janella
La nave como se hazia,

e isto porque defronte do palacio, por ordem sua e despeza, se construia uma nau para regressar ao reino. Eram porém sem o menor fundamento estas murmurações (seguimos a Diogo do Couto), porque nem no Vice-Rei concorriam partes que o podessem equiparar áquelle monstro, nem a nau foi feita com o dinheiro do Estado, que o Vice-Rei sempre zelou; mas com a economia dos seus ordenados e com emprestimos de amigos, que depois pagou. Se não havia porém rasão para remorder na honra de D. Constantino, muito menos a havia para a censura que o Poeta faz ao governo de D. Francisco Barreto; e pede a justiça que se diga que falla como apaixonado, pois foi este um dos

mais esforçados Governadores da India, e tão querido de todos, que quando naufrago e de arribada voltou a Goa, foi tal o concurso de gente que saiu a recebe-lo, que fez exclamar a D. Constantino: «Quantas graças deve dar Francisco Barreto a Deus de o fazer tão bemquisto!» Nem tinha o novo Vice-Rei opinião alguma desfavoravel a respeito do seu antecessor, antes pelo contrario os sete mezes que ali se demorou depois da sua volta sempre correu bem com elle, presenteando-o e mandando-o visitar.

XII

Em Setembro d'este mesmo anno chegou a Goa D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, para substituir o Vice-Rei. Do tempo de D. Constantino, como consta da carta que lhe escreveu, na qual se queixa da miseria injusta que padece, achava-se o Poeta preso, dizem uns que por certas travessuras, outros que ainda por calumnias, que lhe levantavam tocantes ao officio que exercêra de Provedor dos defuntos e ausentes. Pôde elle justificar-se e obter do Conde, a quem era bem aceito, a sua soltura; e cumpre que se diga em sua apologia, que em carta do mesmo Conde achámos que despachava as causas do Estado com o Provedor mór dos defuntos da India [1]; assim se a accusação do Poeta versava sobre erros do officio, foi julgado innocente pela auctoridade superior, a cujo cargo especial estava o tomar-lhe as contas e fiscalisar dos abusos de que era accusado.

Estando já para saír da prisão o embargava um fidalgo por nome Miguel Rodrigues Coutinho [2], de alcunha o Fios seccos, por uma certa quantia que lhe havia emprestado. Foi então que dirigiu ao Vice-Rei aquelle celebre memorial, no qual em um estylo jocoso ridicularisava o seu perseguidor, e pedia ao Conde, que estava de partida para ir assentar pazes com o Çamorim, que antes de embarcar o mandasse desembargar com a tenção de o acompanhar na expedição, como parece que o Conde lhe havia promettido:

Que diabo ha tão damnado,
Que não tema as cutiladas
Dos fios seccos da espada
Do fero Miguel armado?

[1] Vide nota 45.ª
[2] Vide nota 46.ª

Libertado da prisão devia o Poeta acompanhar o Vice-Rei na apparatosa armada com que foi a Calecut assentar as pazes com o Çamorim. Estabelecida a paz, voltou com o Vice-Rei, que se fez de véla para Cochim, para despachar a carga das naus e escrever para o reino. Durante o tempo que a armada se demorou n'este porto, se travaram entre a gente d'ella brigas e desafios de que morreram para cima de cincoenta homens, sendo uma das victimas D. Tello de Menezes, fidalgo mancebo, muito bom cavalleiro e grande amigo do Poeta, que por este triste acontecimento escreveu a elegia xx, que mandou para o reino, na qual deplora a morte do amigo, e intenta consolar a mãe e irmã. Áquella nova Hecuba que pranteia o filho amado, procura mitigar-lhe a dor com exemplos e consolações moraes, e á filha pede que não maltrate a sua formosura, e procure consolar com os seus affagos a mãe inconsolavel por esta tristissima catastrophe. Recolhida a armada a Goa, continuou o Poeta a gosar a privança do Vice-Rei, servindo de medianeiro, e empregando o seu valimento a favor do velho Garcia de Horta, medico e naturalista, quando imprimiu o seu livro dos *Colloquios dos simples e drogas da India;* e do seu amigo Heitor da Silveira, quando este, tambem, como o Poeta, soldado e pobre, dirigiu um memorial ao Vice-Rei, pedindo-lhe auxilio contra a falta de meios pecuniarios que o opprimia. Estas relações de Camões com o Conde de Redondo eram já do reino, pois nas suas poesias encontrâmos um soneto a que deu assumpto o queimar-se no rosto com uma véla accesa sua filha D. Guiomar de Blasfet.

Por occasião da sua soltura, ou na volta a Goa, é que teve logar o celebre convite, que fez a uns fidalgos que então andavam na India, para uma ceia, cujas iguarias não estavam pintadas nos pratos como as de Heliogabalo, mas descriptas em jocosas trovas; sendo todavia dé suppor que a segunda coberta era mais nutriente. Os fidalgos que assistiram a este convite foram D. Vasco de Athaide, D. Francisco de Almeida, Heitor da Silveira, João Lopes Leitão e Francisco de Mello (o manuscripto que possuo acrescenta Jorge de Moura), todos fidalgos mui illustres. Mas esta fugitiva alegria que lhe raiava pela convivencia e agradavel trato dos amigos tinha de converter-se em breve em uma apagada tristeza pela perda dos mesmos.

Se é triste cousa o morrer, não o é menos uma vida mui prolongada: de todos os flagellos que acompanham a velhice insupportavel, como lhe chama Shakspeare, de todos o mais acerbo, a meu ver, é o isolamento. Agora vemos estalar como vidro o mancebo que vimos nascer; paes, mulher, filhos, parentes e amigos, abandonam-nos deixando apoz de

si o vacuo irreparavel da saudade; cáe como pomo maduro o velho de quem fomos companheiro na infancia; desapparece a geração que nos viu nascer; a que vem não a comprehendemos, e incommoda-se com o nosso commercio: sós, isolados, vegetâmos uma vida incommoda, e como tronco carcomido, que escapou por inutil ao machado na vasta destruição da floresta, aguardâmos o mais pequeno sopro que desarreigue as ultimas raizes que ainda nos prendem á terra. Entrava o Poeta apenas no outono da vida, e já se via cercado de todos os incommodos de uma velhice prematura, aggravados ainda pela magua que lhe causava o desastroso fim dos seus mais intimos amigos.

Havia apenas dois annos (1559), que o seu tão querido amigo D. Alvaro da Silveira terminava a vida com uma morte tão cruel, degolado pelos turcos, quando seu irmão, o jesuita Gonçalo da Silveira, não menos estimado do Poeta, acabava a vida recebendo a corôa do martyrio nas terras do Monomotapa (1561), n'esses mesmos sitios que poucos annos depois tinham de receber o ultimo suspiro d'esse tão falsamente preconisado inimigo do Poeta, o valoroso D. Francisco Barreto. Era D. Gonçalo da Silveira o decimo filho do Conde da Sortelha, Doutor em theologia e o sexto Provincial da India, um dos apostolos d'aquelle estado o mais ardente nas missões; orçava pela idade do Poeta, e foi para a India no anno de 1556, d'onde mais tarde passára a missionar em Africa (1560), onde, depois de haver feito grandes conversões, foi martyrisado pelos cafres, os quaes, receiosos que o seu corpo contaminasse as terras, por o julgarem feiticeiro, o lançaram ao lago d'onde nasce o rio Mossenguese. D'ahi, indo pelo rio abaixo, acrescenta a lenda, que é assás poetica, o levaram uns leões e tigres, que o guardam em um sitio despovoado, para onde ninguem se approxima com medo d'estas feras, e onde formosas aves entoam de continuo melodiosos cantos, vendo-se ali bruxelear luzes.

Tal era a intima amisade que existia entre o Poeta e o missionario, que sendo elle no seu poema tão parco em fazer o elogio dos contemporaneos, e que passa mesmo pelas missões do Japão sem fazer expressa menção de S. Francisco Xavier, reserva dois versos para consignar o martyrio do amigo:

> Onde Gonçalo morte e vituperio
> Receberá pela fé santa sua.

Ainda as lagrimas do Poeta não estavam bem enxutas pela perda do

amigo, e já as ondas do mar tragavam e recebiam no seu seio outro, não menos prezado, seu companheiro e camarada e como elle poeta, um dos convidados da ceia, João Lopes Leitão, que, como se deprehende de alguns versos de auctores contemporaneos, morreu afogado longe da patria. Por este tempo, em Fevereiro de 1564, teve logar tambem a morte do Vice-Rei, que o Poeta muito amava, e a quem deveu obrigações e uma posição melhorada.

XIII

Fallecido o Vice-Rei se abriu a primeira successão e se achou por successor D. Antão de Noronha, que no anno de 1562 tinha vindo para o reino; e como estava ausente se abriu a segunda, e se achou João de Mendonça, que estava presente, e tinha acabado de servir o cargo de Capitão de Malaca, o qual tomou posse do governo na ausencia de D. Antão de Noronha, que a 3 de Setembro do mesmo anno chegou á India. A morte do Vice-Rei, juntamente com os outros desgostos, devia causar ao Poeta uma impressão bem dolorosa, e aggravar a sua má situação, privando-o dos recursos e protecção que podia esperar do valimento d'aquelle fidalgo.

Poucas mais noticias se podem adiantar sobre o resto do tempo que se demorou na India: consta comtudo das suas poesias que cultivou uns novos amores, e foi objecto d'elles uma dama que celebrou debaixo do anagramma de Dinamene, e que morreu afogada indo de viagem; mas isto não nos deve admirar, pois sabemos que o Poeta, apesar de o abrasar o mais intenso fogo pela sua Natercia, se chamuscou em varias chammas. Comtudo esta nova impressão parece ter sido passageira, e como um Oasis que se apresentava na aridez do infortunio, pois nas suas composições, onde desafoga com tanta côr de verdade (principalmente nas canções), e expõe com tanta poesia e verdadeiro sentimento a desesperada situação da sua existencia, sempre se encontra associada a saudade dos antigos amores.

Ignorâmos tambem quaes foram as outras expedições militares em que serviu; mas pelas suas poesias sabemos que discorreu a India por todas as partes regando-a com o seu sangue;

> Porque ficasse a vida
> Por o mundo em pedaços repartida.

Uma tradição constante, ajudada de bom fundamento, dá o Poeta residindo algum tempo em Malaca e nas Molucas. Basta lançar os olhos pelo Canto x dos Lusiadas para se conhecer pelo vigor do pincel e exactidão das tintas, que quem debuxou o quadro d'estas paragens, as pizou com os seus pés. Uma incisão, que parece observar-se n'este Canto desde a estancia CXXXII, denota que elle não foi feito de um só jacto, porém elaborado desde esta estancia depois que o Poeta visitou de novo estes sitios, ou por conveniencia de interesses, ou no exercicio das armas nas expedições militares. A verdade da descripção ocular é tão clara que até nos pinta a differença dos dois vulcões, do de Ternate que *lança* do fervente cume chammas ondeadas, e do de Sumatra que *vapora* tremulas chammas. Tendo começado a sua descripção pela costa da Africa, costeando a da India, fazendo algumas excursões ideaes ao interior, e penetrando no mar Roxo e golpho Persico, segue sempre costeando até o Japão; terminando a primeira derrota, começa de novo por Ternate, Borneo e as outras Molucas, repete a descripção de Sumatra, descreve Ceylão, as Maldivas, e termina a descripção pela ilha de Madagascar defronte de Moçambique, ultima terra da Africa que o Poeta tocou em sua volta para o reino.

Que elle esteve n'estes sitios não nos parece duvidoso, antes o temos por certo; porém no que não podemos concordar é na epocha que assignalam os differentes biographos, porque vae de encontro a toda a chronologia rasoavel da vida do Poeta. Até o seu despacho, ou, como querem alguns, degredo para a China, as expedições militares do Poeta foram para mui opposto sitio; durante a sua estada em Macau não soffre tão pouco tempo de residencia uma tão larga navegação; alem d'isto, como temos observado, assim como a primeira parte d'esta descripção é feita debaixo das impressões das primeiras viagens, a segunda o é com a memoria ainda fresca da ultima visita que fez áquellas remotas partes da Asia. Depois da sua volta da China para Goa, temos a certeza, derivada das suas poesias, que o Poeta todos os annos residiu em Goa, durante o tempo que não militava nas armadas até o anno de 1564, como é evidente da chronologia de algumas das suas poesias, que aqui apresentâmos para mais perfeita demonstração do que se assevera.

Por fins do anno de 1558 estava o Poeta em Goa, onde o veiu encontrar preso por ordem do Governador Francisco Barreto o Vice-Rei D. Constantino de Bragança. O começo do anno seguinte de 1559 provavelmente o passou ainda na prisão; no fim d'este anno, ou antes no

de 1560, escreveu a elegia á morte do seu amigo D. Alvaro da Silveira, acontecida no malogrado conflicto do Baharem. As oitavas a D. Constantino de Bragança foram feitas depois do anno de 1560, porque já se refere ao successo de Jafanapatão, que teve logar n'aquelle mesmo anno: deviam ser feitas entre Março, em que saíu a expedição, e Setembro de 1561, em que o Vice-Rei acabou o governo. Em Dezembro de 1562 partiu o Conde de Redondo D. Francisco para assentar pazes com o Çamorim; estava então o Poeta preso, como consta do memorial, no qual pede ao Vice-Rei o mande soltar antes de partir. Em Janeiro de 1563 estava o Vice-Rei de volta do Çamorim em Cochim, e foi n'esta cidade e por esta occasião que teve logar a morte de D. Tello de Menezes, amigo do Poeta, em um duello, que deu assumpto á elegia XX. Por entrada de Setembro d'este mesmo anno é que o Vice-Rei determinava partir para o Achem, o que não poz em pratica, diz Diogo do Couto, que não sabe o motivo, talvez por lhe vir novo Regimento por fim de Janeiro de 1564. Depois de mandar as naus para o reino, é que o Vice-Rei mandou Domingos de Mesquita esperar e abrazar uns oitenta pagueis que vinham de Cambaia; isto foi poucos dias antes da morte do Vice-Rei, que teve logar a 19 de Fevereiro d'este anno. Por este tempo estava em Goa, como consta da ode VIII, impressa pela primeira vez no Livro dos *Colloquios dos simples e drogas da India* do medico Garcia de Horta, impresso em Goa no anno de 1563. É n'esta mesma ode que o Poeta se refere a estas emprezas militares em que se achava empenhado o Vice-Rei:

> Posto que o pensamento
> Occupado tenhais na guerra infesta,
> Ou com o sanguinolento
> Taprobano, ou Achem que o mar molesta,
> Ou co' o Cambayco, occulto imigo nosso,
> Que qualquer delles teme o nome vosso.

Nos ultimos annos porém da estada do Poeta na India se nota o mais profundo silencio, não só da parte dos biographos que dão um salto até á chegada a Moçambique, mas nem uma das suas poesias dá o mais ligeiro indicio ou prova da sua assistencia em Goa, durante o governo de um Vice-Rei que lhe era affeiçoado, como foi D. Antão de Noronha, com quem o Poeta tinha militado em Ceuta.

Antes de chegar do reino o Vice-Rei, tinha o Governador João de Mendonça tratado de despachar os Capitães que haviam de ir para fóra,

e quando era entrada de Agosto tinha uma nau prestes para fazer a viagem do Japão, em que havia de ir Simão de Mendonça, e pretendia tambem embarcar-se D. Leoniz Pereira para ir entrar na capitania de Malaca, para que estava provido. Se D. Leoniz foi esforçado alumno de Marte, não o foi menos fervoroso de Apollo, do que nos dá testemunho o proprio Poeta na sua elegia IV. Por esta composição, que serviu para recommendar o auctor da *Historia do Brazil*, Pedro de Magalhães Gandavo, ao heroe de Malaca, e pelo soneto CCXXVIII se conhece quanto este era affeiçoado ao nosso Poeta, e assim supponho que elle, encostado á protecção d'este fidalgo, se dispoz, com a idéa talvez de recuperar a fortuna perdida, a acompanha-lo ao seu governo, centro de um rico e florescente commercio. Antes de partir a nau que se achava prompta para seguir viagem, chegou em Setembro (1564) o Vice-Rei D. Antão de Noronha e com elle D. Diogo de Menezes, o proto-martyr da liberdade portugueza, aquelle mesmo que annos depois, sendo governador de Cascaes, Filippe II mandou degolar por lhe resistir, seguindo o partido do Prior do Crato. Estava este fidalgo provido em primeiro logar com esta capitania; e assim o Vice-Rei D. Antão de Noronha apenas chegou o despachou logo para ir na nau que estava apparelhada, e com elle foi o nosso Poeta obrigado pela disciplina militar, ou por conveniencias, e de lá se passou ás Molucas e talvez ao Japão, onde devia discorrer desde o anno de 1564, em que partiu, até o de 1566 ou 1567 em que regressou a Goa. D'estes sitios devia trazer o seu Jau, que tão poeticamente figura como companheiro fiel na adversidade, desfazendo-se por este modo o fraco reparo de Garcez, que objecta dever perder-se o escravo se o naufragio da China fosse na volta, como se o escravo, segundo adverte o sr. Bispo de Viseu, não podéra tambem salvar-se, ou o Poeta mesmo toma-lo em Goa.

XIV

Largou o Poeta estas paragens, theatro da ferocidade de alguns dos nossos Capitães, e que no tempo da sua residencia começavam a encruecer com sanguinolenta guerra, e se dirigiu pelo começo ou meado do anno de 1567 a Goa. Ao chegar a esta cidade o Vice-Rei, que lhe era inclinado [1], e desde Africa testemunha ocular da sua carreira militar, lhe fez um bom acolhimento; e apreciador da boa poesia pediu-lhe os

[1] Vide nota 48.ª

seus versos, ao que o Poeta satisfez, remettendo-os com a ode (inedita) que começa:

Fora conveniente
Ser eu outro Petrarcha ou Garcilasso, etc.

na qual se notam os seguintes versos, em os quaes mostra o alto apreço que fazia da pessoa do Vice-Rei, a quem reputa juiz mui competente, como Poeta distincto.

Não he de confiàdo
Mostrar-vos minhas cousas, pois conhéço
Que tendes alcançado
Nisto o mais alto preço,
E quanto em mostra-las desmereço.
Mas he de desejoso
De vos obedècer, por que estou vendo
Que a nome tão honroso,
Mais ganho obedecendo,
Que perco em demonstrar quão pouco intendo.

Mas não se limitaram a cumprimentos banaes as boas graças do protector e antigo camarada; fez justiça aos seus longos serviços, agraciando-o com a sobrevivencia da Feitoria de Chaul [1], logar onde podia recuperar a fortuna perdida, e que reunia representação, pois alem do ordenado de 100$000 réis annuaes e mais propinas, lhe andavam annexos os cargos de Alcaide mór, Provedor dos defuntos e Védor das obras.

Começava a faltar ao Poeta a resignação e o alento para supportar o seu longo exilio, e a imagem cara da patria continuamente se lhe apresentava aos olhos da imaginação; encurtava-se-lhe a vida, e com a mingua d'esta o desejo mais vivo de a tornar a ver.

Cumpre acabe a vida n'estes ermos,

exclama o Poeta com a maior violencia da dor em um dos seus sonetos (ineditos), e em outro igualmente (inedito):

Bem sei que heide morrer nesta saudade,
Em que meu esperar he todo vento,
Pois nada espero ao que desejo.

[1] Vide nota 49.ª

Abandonado da esperança, via o Poeta a inutilidade da persistencia em um sitio onde sómente o soffrimento lhe consumia a vida sem proveito ou interesse proprio, e que apenas aguardava consumir-lhe os ossos. Este triste desengano expressa o Poeta no soneto LXXXIX:

> Mudando andei, costume, terra, estado,
> Por ver se se mudava a sorte dura,
> A vida pus nas mãos de hum leve lenho,
> Mas segundo o que o ceo me tem mostrado,
> Ja sei que deste meu buscar ventura
> Achado tenho já, que não a tenho.

Mas é principalmente na bellissima canção x, que o Poeta nos apresenta o sudario de todas as infelicidades que experimentava longe da patria nos ultimos tempos da sua residencia na India:

> ....
> Agora peregrino, vago, e errante,
> Vendo nações, lingoagens e costumes,
> Ceos varios, qualidades differentes,
> Só por seguir com passos deligentes
> A ti, Fortuna injusta, que consumes
> As idades, levando-lhes diante
> Huma esperança em vista de diamante:
> Mas quando das mãos cae, se conhece
> Que he fragil vidro aquillo que aparece.
>
> A piedade humana me faltava,
> A gente amiga ja contraria via
> No perigo primeiro; e no segundo
> Terra em que pôr os pes me falecia,
> Ar para respirar se me negava,
> E faltava-me em fim o tempo e o mundo;
> Que segredo tão arduo e tão profundo,
> Nascer para viver, e para a vida
> Faltar-me quanto o mundo tem para ella!
> Em fim não houve trance de fortuna,
> Nem perigos, nem casos duvidosos,
> (Injustiças daquelles que o confuso

Regimento do mundo, antigo abuso,
Faz sobre os outros homens poderosos)
Que eu não passasse atado á fiel coluna
Do sofrimento meu, que a importuna
Perseguição de males em pedaços
Mil vezes fez á força de seus braços.

Não conto tantos males como aquelle,
Que depois da tormenta procelosa,
Os casos della conta em porto ledo,
Que inda agora a fortuna fluctuosa
A tamanhas miserias me compelle,
Que de dar hum só passo tenho medo.
Ja de mal que me venha não me arredo,
Nem bem que me falleça, ja pertendo,
Que para mim não vale astucia humana;
Da força soberana
Da Providencia, em fim, divina pendo.

Tal era o desalento do Poeta no meio de tantas desventuras. No soneto XLIX nos descreve com as mais tristes cores toda a dureza d'esta tão cançada peregrinação, que cada vez se lhe tornava mais insupportavel e aborrecida.

Ó como se me alonga, de anno em anno,
A perigrinação cançada minha,
Como se encúrta, e como ao fim caminha
Este meu breve, e vão discurso humano!
Mingoando a idade, vai crecendo o dano, etc.

Uma tão longa, pois, e trabalhosa peregrinação, o trazia de todo descoroçoado. A idéa que havia de acabar n'este desterro, ou n'esta saudade, como elle lhe chama, o attribulava, fazendo-lhe crescer de dia para dia o desejo de regressar á patria, desejo pelo qual almejava o seu coração patriotico, julgando que n'ella vinha achar o repouso e o premio devido, depois de dezeseis annos de serviços, fadigas e desgostos. Offereceu-se-lhe uma occasião de se vir approximando a ella, e promptamente a abraçou, abandonando o esperar pela vagatura do logar para que tinha sido despachado. Por morte de Fernão Martins Freire (1567),

succedeu na capitania de Moçambique Pedro Barreto [1], e offerecendo-lhe passagem, com elle se embarcou com o pensamento de esperar nau que o trouxesse ao reino, ou ainda enganado com a esperança e promessas do proprio Pedro Barreto, de o melhorar de fortuna.

N'este inverno, que se demorou em Moçambique, se empregou em rever e aperfeiçoar os seus Lusiadas, unico thesouro que trazia da India para apresentar a El-Rei D. Sebastião.

XV

Em Setembro de 1569 partiu de Goa a armada para o reino, e n'ella vinha o Vice-Rei D. Antão de Noronha, que antes de chegar a Moçambique falleceu. Vinham com elle varios fidalgos, e n'este numero Heitor da Silveira o Drago, e o celebre historiador da India Diogo do Couto, ambos intimos amigos do Poeta, a quem foram achar, indo de arribada a Moçambique, tão pobre que comia de amigos, e para vir para o reino lhe juntaram estes o que houve mister, não faltando quem lhe desse de comer; e porque Pedro Barreto o embargava, segundo dizem, por duzentos cruzados, que com elle havia gastado com a passagem de Goa, se fintaram os fidalgos que ali vinham e pagaram aquella quantia, de maneira, exclama Faria e Sousa, que a pessoa de Luiz de Camões e a gloria de Pedro Barreto foram vendidas por duzentos cruzados! E por que não é justo, se o facto é verdadeiro, que fiquem estes illustres cavalleiros esquecidos, que provavelmente concorreram todos para uma tão louvavel acção, porei aqui os seus nomes: Heitor da Silveira, que devia ser o principal instigador, D. João Pereira, cunhado do Vice-Rei, D. Pedro da Guerra, Ayres de Sousa de Santarem, Manuel de Mello, filho de Ruy de Mello, o da Mina, Gaspar de Brito, Fernão Gomes da Gran, que depois foi Guarda mór do reino, Lourenço Vaz Pegado, Antonio Cabral, Luiz da Veiga, Duarte de Abreu, Antonio Ferrão e Diogo do Couto.

Antes de saír a armada de Moçambique, chegou Vasco Fernandes Homem, em uma nau que tinha saído do reino em companhia de Francisco Barreto, que El-Rei mandava por conquistador das minas de Monomotapa, do que affrontado seu parente Pedro Barreto, largou o governo, tendo ainda um anno que servir aquella Capitania, e embarcando na armada que partiu para o reino, falleceu na viagem.

[1] Vide nota 50.ª

A fortuna que foi sempre tão contraria ao nosso Poeta, parecia ao menos favorece-lo n'esta occasião, trazendo ali opportunamente aquelles fidalgos, sem a protecção dos quaes talvez não podesse regressar ao reino; e a idéa de ficar novamente debaixo do governo e auctoridade de um homem que elle tinha offendido, e de quem reputava ter recebido tambem offensa, devia ser para elle bem afflictiva e capaz de quebrantar de todo um animo já prostrado com todo o peso da desventura e pobreza, postoque se póde conjecturar dos elevados sentimentos do Poeta, e do cavalheirismo d'aquelle fidalgo, que o resentimento desappareceria, e se renovariam as antigas relações de amizade. Em Novembro se fez a armada de véla para o reino, e n'ella se embarcou o Poeta, aproveitando todo o tempo da viagem em escrever em um livro que intitulava *Parnaso de Luiz de Camões* [1], que lhe furtaram em Moçambique. Diogo de Couto fez depois reiteradas, mas infructiferas diligencias para descobrir este livro, que, segundo elle mesmo diz, encerrava muita erudição, doutrina e philosophia. Este roubo o quizeram attribuir a Fernão Alvares do Oriente, mas com a maior injustiça; o roubo foi feito em Portugal, e Fernão Alvares do Oriente no anno de 1576 ainda militava na India, d'onde veiu já nò fim da vida do Poeta. O que deu motivo a este falso testemunho foi o exaltado enthusiasmo d'este amigo do Poeta, que o levou, não só a imitar-lhe o estylo, mas ainda a matizar e enxerir com versos seus as suas poesias.

A protecção dos amigos que em Moçambique deram as mãos ao nosso Poeta parecia apontar-lhe uma aurora de dias mais ledos e serenos; porém a má sorte que sempre o perseguia cerrou de novo com tenebrosas e carregadas nuvens esse arrebol de prosperidade que divisava ao longe, convertendo-se em dias de amargura esses poucos que lhe restavam de uma vida cansada e trabalhosa.

Por um d'estes jogos da fortuna, a que uns chamarão mau fado, e a que eu não sei dar o nome, o Poeta, ao saír a barra de Lisboa, perdia um amigo que ao menos ás mãos dos mouros morria uma morte gloriosa; agora á vista dos pincaros e penedos da serra de Cintra, ao entrar esse Tejo seu, tão cantado, perdia outro amigo como elle pobre, poeta e guerreiro, o seu Heitor da Silveira [2], e com tão ruim agouro se avisinhava da patria. Vós só que tendes atravessado as aguas do mar, que haveis experimentado esse prazer indefinivel que pullula no semblante

[1] Vide nota 51.ª
[2] Vide nota 52.ª

de todos, esse anhelo do coração que anceia por se lançar nos braços de um pae, uma mãe, da amante, da esposa ou do amigo, esquecendo em um momento os perigos e incommodos de uma trabalhosa navegação, podeis bem avaliar a justa dor que devia atormentar aquelle cujo destino era velar o cadaver do amigo, quando todos abriam o coração á alegria. Tão doces impressões do momento não estavam reservadas para o nosso Poeta! Depois de dezeseis annos de ausencia, quantas vidas caras tinham desapparecido, e o íam tornando isolado no mundo! Seu pae pela sua provecta idade provavelmente não existia; a amante era igualmente fallecida, e apenas lhe restava para beijar a lóisa fria que cobria essa bôca de rosa e cecem, tantas vezes debuxada em suas poesias; o seu amigo mais caro acabava a morte de lh'o roubar; esposa, outra não tinha que não fosse a patria, e essa arquejava nas ancias da morte. Restava-lhe comtudo uma velha decrepita para o receber em seus braços mirrados, e esta velha era sua mãe; mas com que desgostos era aguado este unico prazer! E quem diria que ella havia ainda sobreviver-lhe [1], e que se sentaria junto ao leito do Poeta moribundo, para que houvesse ao menos uma alma piedosa que lhe recebesse o ultimo alento e lhe cerrasse os olhos!

Não era mais risonho o aspecto dos negocios publicos. A nau do estado, compêllida por varios e desabridos ventos, nutava entre cachopos escabrosos. A côrte de D. João III, essa côrte de muita gloria e algumas miserias, já não existia; as redeas do Estado tinham passado das mãos femininas da Rainha viuva, para as de um Principe idoso, mais proprio para empunhar o baculo do que o sceptro, e d'estas para as de um joven a quem um excesso de valor induzia á sua ruina. Acrescia á isto que um d'estes horriveis flagellos, com que Deus visita os povos na sua ira, uma mortifera e espantosa peste assolava o reino com tanta intensidade, que um historiador contemporaneo computa em sessenta mil as victimas de um tão horroroso castigo [2].

Com tão aziagas circumstancias dava fundo na bahia de Cascaes a nau Santa Clara, em Abril do anno de 1570, nau a mais rica que tinha vindo da carreira da India, pois trazia a seu bordo Luiz de Camões e Diogo do Couto. E na verdade, se o poeta de Venuza fazia votos para que o navio que levava Virgilio a Athenas, fosse a salvamento, não deviam os portuguezes faze-los menos ardentes, para que a nau Santa Clara

[1] Vide nota 53.ª
[2] Vide nota 54.ª

chegasse com prospera viagem á patria, a qual trazia o nosso Poeta, e vinha pejada com o maior brasão da gloria de Portugal. Tinha El-Rei ordenado, por a cidade estar ainda de peste, que surgissem fóra as naus, e logoque chegassem lhe mandassem um creado seu a Almeirim, onde então estava, para saber novas da India; foi Diogo do Couto, e por ordem que trouxe d'El-Rei, por os medicos assentarem que a cidade estava livre do mal, entraram as naus a barra, e a cidade abriu de todo as portas no mez de Junho. Tão ancioso desembarcou o Poeta, tão sofrego de pizar as praias do seu Tejo, outr'ora tão festivo, e agora mudo e triste pelos effeitos do contagio, que esquecido o antigo resentimento, em uma carta dirigida a um amigo do Porto, com o maior alvoroço lhe dizia que não acabava de crer que havia conseguido o achar-se na sua patria, carta preciosissima, que segundo nos diz Faria e Sousa conservava o amigo a quem havia sido escripta, com respeitoso culto ricamente moldurada.

XVI

Por mais que um homem se veja offendido da terra onde nasceu, as expressões de despeito que solta são, permitta-se-me a comparação, arrufos de amante que patenteiam mais acalorado e intrinseco amor; a indifferença não rompe em expressões de resentimento. E quem póde deixar de amar a terra onde descansam as cinzas de nossos maiores, que ouviu os nossos primeiros vagidos, onde pullulou a mocidade, onde tiveram logar as nossas mais caras affeições, e onde a amizade ou o amor virá mais tarde orvalhar com uma lagrima de saudade a terra que cobrir os nossos restos mortaes? Transplantae uma arvore dos tropicos, e apesar de dobrado esmero e cultura, ella vive no nosso clima, porém vegeta uma vida rachitica; do mesmo modo em terra estranha, ainda que nos embriaguem prazeres artificiaes, attenções delicadas e de mimosa cortezia dos hospedes, na ultima hora, no leito da morte, os nossos olhos se volvem involuntariamente á patria, como a bussola procura o norte, o ultimo sentimento é pela terra que nos viu nascer: *dulce moriens reminiscitur Argos.*

Mas como devia ser doce ao nosso Poeta o bafo da patria, depois das asperas rajadas e tormentas da vida, após o exilio, o carcere, o naufragio, o sangue desparzido nas batalhas, a fome, a mendicidade, essas ingratidões de amigos, e tantos acontecimentos infelizes da vida, que faziam romper o nosso Poeta n'estes versos tão patheticos:

No mar, tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde póde acolher-se hum fraco humano,
Onde terá segura a curta vida?
Que não se arme, e indigne o Ceo sereno
Contra hum bicho da terra tão pequeno.

E se esta terra cobrir metade da nossa existencia, aquella que no mundo sobre todas as cousas mais amámos, quem póde resistir á saudosa attracção que nos chama á beira da sepultura que contém despojos tão preciosos? Se a cinco mil leguas o Poeta, em um enfadonho cruzeiro nas costas da Arabia, conversava os ventos que vinham do lado da patria, e lhes pedia novas da amante, agora vinha elle proprio carpir sobre a sua sepultura e immortalisar o seu nome. Se o vimos, logo ao chegar, ao pizar as praias da patria, acompanhando o cadaver do amigo, sigâmo-lo tambem, com os olhos da imaginação, ao templo que encerra os despojos mortaes da sua Natercia, da sua querida D. Catharina de Athaide. Vede-o ajoelhado sobre a campa, extatico, immovel, com os olhos arrazados de lagrimas! Que sensações agitam aquelle coração! Aquelle corpo tão airoso, que se movia com um caminhar de deusa, ahi jaz sem movimento sobre a terra fria! emmudeceu a voz que vibrava no coração; os olhos onde se revia, que o inflammavam e o reprimiam, já não têem luz em si; o peito que arfava de amor parou, nem ha já um sorriso para o Poeta; e aquellas orelhas angelicas não podem ouvir os seus prantos, que tudo é extincto, e cobre uma pedra dura e importuna tanta formosura! Tal é a omnipotencia da morte!

Mas eis-lo acordado do seu lethargo, e que balbucia, murmura umas palavras; ouçâmo-lo:

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Ceo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.
Se lá no assento Ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueças daquelle amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires, que póde merecer-te
   Algũa cousa a dor que me ficou
   Da magoa, sem remedio, de perder-te;
Roga a Deus que teus annos encurtou,
   Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
   Quão cedo de meus olhos te levou.

Tal se me representa o Poeta n'estas sentidissimas vozes, bem como n'outras patheticas composições, e especialmente na egloga XV[1], a exemplo do Dante e Petrarcha, carpir a morte da sua amante. E se os nomes de Beatriz e Laura, que não passariam de umas senhoras italianas, ignoradas sem o amor d'aquelles dois poetas, foram levados á posteridade pelos seus cantos immortaes, ao nosso Poeta que punha a sua D. Catharina acima das duas damas,

E que toda a toscana poesia,
Que mais Febo restaura,
Em Beatriz, nem Laura nunca via,

dominava o pensamento mais sublime de a immortalisar, immortalisando ao mesmo tempo a sua patria, essa terra que ella, anjo caído do céu, pizára de passagem com as delicadas plantas, e que fazia florir de verdura no ephemero trajecto com que a havia percorrido.

Pois se o desejo afina
Huma alma accesa tanto,
Que por vós use as partes de divina,
Por vós levantarei não visto canto,
Que o Betys me ouça, o Tibre me levante,
Que o nosso claro Tejo
Envolto hum pouco o vejo e dissonante.

Era pois este, repito, o sentimento duplicado, nobre e magnanimo que devorava aquella alma longe da patria, o immortalisar aquella que adorava e a terra que lhe deu o ser, que mais que tudo com desinteressado amor elle amava. Que ancias, que torturas deviam macerar aquelle coração em um terreno inhospito, inclemente e doentio, tendo

[1] Vide nota 55.ª

que atravessar, apoz tão multiplicadas vicessitudes da vida, tantas leguas do mar com esses Cantos já molhados de um naufragio; quaes estas fossem ouvi-o da bôca do mesmo Poeta:

Esta he a ditosa patria minha amada,
Á qual se o Ceo me dá, que eu sem perigo
Torne, com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz aqui comigo.

São interessantes as estancias nas quaes, especialmente nos cantos VII e X, nos descreve os trabalhos padecidos durante a composição do seu poema, e os perigos por que passou este thesouro nacional.

Hum ramo na mão tinha... Mas ó cego,
Eu que commetto insano, e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo, e do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo, e vario!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento tão contrario,
Que se não me ajudais, hei grande medo,
Que o meu fraco batel se allague cedo.

Olhai que ha tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo, e os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, e novos danos:
Agora o mar, agora experimentando
Os perigos mavorcios inhumanos;
Qual Canace, que á morte se condena,
N'uma mão sempre a espada, e n'outra a pena.

Agora com pobreza aborrecida,
Por hospicios alheios degradado;
Agora da esperança já adquirida,
De novo mais que nunca derribado:
Agora ás costas escapando a vida,
Que de hum fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o Rey Judáico acrescentar-se.

E ainda, nymphas minhas, não bastava
Que tamanhas miserias me cercassem;
Senão que aquelles que eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem:
A troco dos descanços que esperava,
Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.

Vede Nymphas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assim sabem prezar com taes favores
A quem os faz, cantando, gloriosos!
Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para porem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!

Pois logo em tantos males he forçado,
Que só vosso favor me não faleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça:
Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado,
Que não no empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

XVII

Apesar de tanta indigencia e privações, como aqui vemos, a lisonja não sáe da bôca do Poeta para engrandecer os poderosos, antes põe á luz os seus defeitos com demasiada liberdade. Não era este sem duvida o caminho de medrar.

Eu teria comtudo de censurar Camões, por ter feito coro com todos os outros poetas e mais pessoas, que, com os seus conselhos, levaram El-Rei D. Sebastião á sua perdição, se elle ao mesmo tempo, como soldado veterano, lhe não aconselhasse, que ouvisse os homens da arte e experimentados, como indigitando-lhe os D. Luiz de Athaide, Leoniz

Pereira, D. João de Mascarenhas e outros, azados aos combates da Africa e da Asia. Os jesuitas carregam com todo o peso d'esta accusação, que póde muito bem ser repartido pelas outras classes da sociedade, pois todos tomaram parte nas intrigas que se moveram para se apoderarem da influencia na minoridade do joven Principe; mas em todos existia o mesmo pensamento de educarem o Soberano em principios excessivamente religiosos, o que se deve imputar não só a erros seus, mas a necessidade da epocha, em que appareciam novidades religiosas que abalavam a unidade catholica. O exemplo da Allemanha e Inglaterra, e mais que tudo a crise por que passava o reino de França, e os insultos que soffria a nossa bandeira dos discolos em religião n'aquelle reino, aliás com titulo de Christianissimo, já nos mares, passando á espada a nossa frota que vinha do Brazil, já incendiando e talando a perola do Oceano [1], a viçosa ilha da Madeira, os mouros ousados ao ponto de virem fazer desembarques na nossa costa do Algarve [2], tudo tornava de assisada politica radicar no joven Rei, não sómente principios religiosos, mas ainda cavalheirosos que o incitassem a imitar os Reis seus antecessores, que animados dos mesmos sentimentos conquistaram este reino e o dilataram até os confins do mundo. Os jesuitas, que eram n'aquelle tempo a guarda real do Catholicismo, e que eram especialmente destinados para a sua propagação nas terras dos infieis, e a quem se deve, n'isto faça-se-lhe justiça, a Europa não ter tantas religiões como cabeças, deviam ser exagerados nos principios religiosos, e não ha duvida que educaram o Principe portuguez incutindo-lhe a idéa de conquistas sobre os infieis, apresentando-lhe até esta idéa nos proprios treslados da escripta, o que fez dizer a um fidalgo, mostrando-lhe o valido Martim Gonçalves aquelle treslado: Sim, mas nunca El-Rei o fará emquanto eu tiver vida, sem nos deixar cinco a seis filhos. Não ha duvida que os jesuitas incutiram no seu real discipulo, permitta-se-me a expressão, este quixotismo guerreiro, que achando materia disposta em um mancebo ardido, o levou á sua ruina; mas nos ultimos tempos, quando se resolveu a funesta expedição, já Martim Gonçalves da Camará [3] não estava no agrado real, mas sim havia occupado a direcção dos negocios Pedro de Alcaçova Carneiro, que, habil cortezão e estadista, procurava, não deixando de lisonjear a vontade do Soberano, dilatar a expedição;

[1] Vide nota 56.ª
[2] Vide nota 57.ª
[3] Vide nota 58.ª

mas nada póde ter mão no fogoso mancebo que dava ouvidos aos moços em preferencia dos experimentados.

É notavel o sermão pregado pelo celebre Jesuita o padre Luiz Alvares [1], nas exequias que se celebraram em Lisboa por occasião do desbarate do Rei em Africa, pelo qual se vê que na Companhia havia ao menos divergencia, ou não se approvava a saída do Rei para aquella expedição; n'este sermão se queixa das meninices e loucuras que a precederam, appella para o seu auditorio; a quem chama por testemunha de quanto elle a desapprovava, e pregava contra ella, tendo-o então todos por doido, e no seu discurso se notam estas palavras dirigindo-se ao Rei já defuncto: «Nam morreste vos meu Rei como Judas, nem como covarde, vossas mãos não forão atadas como cativo, vossos pés não trouxerão braga, nem vos ferirão por detràz como quem fugiu, nam dissestes meu Rei, nam me mateis, estimastes mais a honra que não a vida, deste la em sacrificio pela fée em serviço de vosso Deus, em remedio de vosso povo; que ainda que tinheis condiçam autorizada, porém com grandes desculpas, Rei, de menino criado em vontade, com fumos de Emperador de Marrocos, levantado com authoridades de muitas mentiras, entonadas com tantos capellos, assopradas com tantas letras e tanta nobreza, nam era muito que vos levassem onde vimos; e sobre tudo nenhuma culpa tendes meu Rei, porque vossos avessos, se o eram, correndo a edade poderam ter emenda: pois quem vos matou meu fremoso? matou-vos o Bispo, matou-vos o clerigo, matou-vos a freira, matou-vos o grande, matou-vos o privado, matou-vos o baxo, matei-vos eu, matamos-vos todos, pois entre nós nam ouve hum tanoeiro que lhe tirasse a mão pela redea como se fez a outro Rei deste reino.»

Não querendo comtudo, com isto, de maneira alguma desculpar os jesuitas pela ambição que mostravam, desviando-se do seu instituto de pobreza, direi que n'este caso foram arrastados como todos, uns com mais reflexão, outros com menos, por este pensamento politico, que era e com muita rasão o da epocha.

Resta fazer uma observação, e é esta, que se os jesuitas não estivessem ao lado do Principe, as suas idéas teriam mudado? Eu estou persuadido que não. Como temos visto, que se devia fazer a guerra aos infieis, era um axioma politico; se se devia escolher a Africa ou a Asia, era um problema a resolver. Já El-Rei D. Manuel tinha pensado em

[1] Vide nota 59.ª

passar á Africa, e no reinado de seu successor El-Rei D. João III, se escrevia d'ali que mandasse Sua Alteza um filho, para ser coroado em Marrocos, e se debateu em conselho se o proprio Rei deveria passar áquellas possessões. Desde o reinado d'El-Rei D. João II, que a espada dos nossos Reis se tinha mettido na bainha, não só pela longinquidade das conquistas, mas porque as que tinham mais ao pé da porta não se reputavam empreza sufficiente para um Rei; e assim creou-se novamente o pensamento de estender a monarchia onde a falsa politica, ou antes a difficuldade de meios que se apresentavam para sustentar tão vastas possessões uma nação tão pequena, tinha anteriormente feito abandonar algumas praças. Creando-se o Rei n'estes principios, quem quer que fosse que dirigisse a sua educação, lh'os faria abraçar.

Quando se tratava d'este ponto delicado, foram varios os alvitres. Seu aio D. Aleixo de Menezes e o Conde de Vimioso opinaram que se entregasse a sua educação a um clerigo fidalgo a quem se remunerasse com uma mitra, outros, que de fóra viesse o mestre; mas sobretudo, no que versou mais a contestação, foi se seria da Ordem dos jesuitas, dos dominicanos ou dos eremitas de Santo Agostinho, indigitando-se por parte dos dominicanos o celebre Fr. Luiz de Granada, e dos eremitas de Santo Agostinho o padre Montoja, que por algum tempo, conjuntamente com o padre Luiz Alvares, deu a lição a El-Rei. Ora perguntarei eu se prevalecessem os segundos, isto é, os dominicanos, seriam estes mais moderados, e as idéas do Principe menos exaltadas? O leitor que decida.

Mas voltemos ao nosso Poeta, a quem parece que temos esquecido, e que deixámos desembarcado e regressando á patria. Parte do anno em que chegou e do seguinte de 1571, levou o Poeta em apromptar para a imprensa o seu poema dos Lusiadas, traçado talvez em Portugal, continuado na India e Macau e já começado a limar em Moçambique, e publicado com admiração geral no principio do anno de 1572, tendo-se-lhe concedido o privilegio para sua impressão[1] a 4 de Setembro de 1571. Não sabemos se o Poeta foi o proprio que publicou o seu poema, ou se o vendeu a algum editor; no privilegio attende-se á eventualidade da graça passar do proprietario para outro possuidor, que talvez fosse o impressor Antonio Gonçalves, em cuja officina se imprimiu. Havia Camões, desde a sua estada na India, tencionado offertar o seu poema a

[1] Documento D.

El-Rei D. Sebastião; porém como havia de chegar á presença do mancebo Real, que comquanto tivesse recebido uma educação litteraria só tratava a dureza das armas, o Poeta pobre, desvalido e desconhecido do Soberano como elle mesmo diz:

> Mas eu que fallo humilde, baxo e rudo
> De vós não conhecido nem sonhado.

Recorreu o Poeta ao seu antigo amigo D. Manuel de Portugal [1], fidalgo pertencente a uma familia a quem deveu favores, e por ultimo a mortalha, fazendo-lhe ver o seu poema, e elle tambem poeta se declarou o seu protector, como o nosso Vate manifesta na ode VII que lhe dirigiu, na qual lhe pinta a miseria que o opprime entre os applausos geraes, que recebia pela composição do seu poema.

> Sempre foram engenhos peregrinos
> Da fortuna invejados,
> Que quanto levantados
> Por hum braço nas azas são da fama,
> Co' o pezo e gravidade
> Os oprime da vil necessidade.

Não posso resistir a transcrever aqui os tres ramos d'esta ode, em os quaes o Poeta se expressa grato pelos favores recebidos d'este fidalgo; consistiram estes, a meu ver, não só na simples apresentação no Paço, mas em tomar a si e promover a publicação do poema, esmagando com a sua auctoridade qualquer caballa que a inveja ousasse erguer contra o merecimento do Poeta, a qual com vergonha temos a confessar, que existiu por parte de alguns poetas seus contemporaneos.

> Imitando os espiritos já passados,
> Gentis, altos, Reaes,
> Honra benigna dais
> A meu tão baixo quão zeloso engenho,
> Por Mecenas a vós celebro e tenho,
> E sacro o nome vosso
> Farei, se alguma cousa em verso posso.

[1] Vide nota 60.ª

O rudo canto meu que resucita
As honras sepultadas,
As palmas já passadas
Dos belicosos nossos Lusitanos,
Para thesouro dos futuros annos
Comvosco se defende
Da ley Lethea á qual tudo se rende.

Na vossa arvore ornada de honra, e gloria
Achou tronco excellente
A hera florecente,
Para a minha até aqui de baxa estima,
E n'ella subireis
Tão alto quanto os ramos estendeis.

O bello episodio do nosso insigne poeta Visconde de Almeida Garrett, no seu poema intitulado *Camões,* em que representa o Poeta lendo em Cintra *os seus Lusiadas* ao joven Soberano, não me parece uma simples ficção; eu estou persuadido que elle teve accesso junto ao Monarcha, e pôde fazer-lhe a leitura do seu poema. E como não havia excitar-se a imaginação guerreira do Principe ao ver tão altamente apregoadas as façanhas de seus maiores? que desejo de as exceder? como não seria agradavelmente preoccupado durante todo o tempo da leitura? Porém se alguma vez se aborreceu ao ouvir as verdades duras e amargas, que por mal dos Reis sempre lhes desagradam, ou os ministros e validos se resentiram de alguns tiros penetrantes; que parecem disparados pelo corpo do poema, o enthusiasmo novamente recobrado do Rei, os applausos dos ouvintes, e a auctoridade do Mecenas deviam soffrear a malquerença, isto é, sejamos francos, se a houve da parte dos offendidos.

XVIII

Não podemos dissimular que o Poeta se achou pouco satisfeito com a recompensa, e parece queixar-se de uma personagem que

Razoens aprende, e cuida que he prudente,
Para taxar com mão rapace e escassa
Os trabalhos alheos que não passa.

A satyra de André Falcão de Resende [1], dirigida e dedicada ao nosso Poeta, é mui importante para que aqui deixemos de dar a parte d'ella que diz respeito a este assumptó. N'esta satyra, na qual o poeta reprehende aquelles que desprezando os doutos, gastam o seu com truães, dirigindo-se especialmente ao Paço e aos fidalgos, dão a bobos e chocarreiros aquillo que deviam dar ao merecimento e saber, começa notando uma tão estupida barbaridade que grassava:

Quantos annos ha já que a policia
Trabalha em vão em sua fragóa ardente
De apurar huma grossa barbaria!
Quanto engrossou, e se apossou da gente
De esp'rito vil, que para adelgaça-la
De todo não ha fogo sufficiente!
Esta he, Camões, que quem escreve ou fala
Em numeroso verso, ou segue e usa
A poetica prosa, e quer orna-la:
E o natural engenho applica á Musa,
Alguma hora do pó se levantando,
Logo algum vil esp'rito o nota e accusa.
Vedes o triste (diz aos de seu bando),
Que he bacharel latino, e nada presta,
É poeta o coitado, é monstro nefando.

Indignava-o, talvez, ver o bobo do joven Rei, com a cruz de uma Ordem tão antiga como a de S. Thiago, e gosando de outras commodidades em companhia de outros do mesmo estofo.

Ande o pobre poeta hum doudo feito,
Mendicando o comer e os consoantes,
Compondo seus poemas sem proveito.
Bem tenho eu (diz o vil) por mais galantes
Os truhães chocarreiros com guitarras,
Que aplazem aos reis, aos principes e infantes.
Estes alegres com c'roas de parras
Festejam Bacho e a Ceres todo o anno,
E o prazer tem seguro a quatro amarras.

[1] Vide nota 61.ª

Nunca lhes falta o pão, calçado e o panno,
Seja hum doudo, é Dom Felix, Dom Briando,
E bem que parvo, é ciceroniano,
Bem que frio; assim basta o ir alçando
Não só casas e quintã, farto e quente,
Mas seu nome com Dom e dões se honrando.
Ó la curiosidad del eloquente
Grão poeta, grammatico facundo,
Faminto, pobre e nú, pique no dente.

Depois de haver notado este desvio da boa rasão, faz o elogio da poesia notando que os Livros Sagrados e a Santa Igreja falla sempre n'esta fórma aos fieis, sendo desde os mais remotos tempos prezada esta arte sublime. Continua o auctor com a mesma queixa da pouca protecção que recebiam os homens de letras, que, com mais affinco e assiduidade, se entregavam nas suas vigilias a exercicios litterarios:

Dão barbaros cada hora mil combates
Aos doutos, e a ferro e fogo os seguem;
Não os socorre Augusto, ou Mecenates.
Mas assim perseguidos, só soceguem
Em sua Musa, e d'agua de Aganippe
A terra inculta, secca e dura reguem.
E bem que aveia esteril se antecipe
Pera afogar a boa semente, e tolha
Que o juizo Real a partecipe;
Não poderá tolher que se não colha
Alguma hora o bom fructo, e o bom esp'rito
Em seguro celeiro, que o recolha.

Transcrevendo estes versos, não podemos deixar de notar que André Falcão de Resende, usando quasi da mesma metaphora de Camões, parece querer aqui alludir aos conselheiros e validos do Rei; e trazendo como exemplo a José do Egypto, pede ao nosso Poeta que solte o sonho, e erga a sua voz, a qual chegando aos affaveis ouvidos do Monarcha, fará com que os bons engenhos e a poesia sejam estimados, d'onde não podemos deixar de inferir que o Poeta, apesar de pouco generosamente galardoado, era comtudo estimado do Soberano, e a sua voz gosava de certa auctoridade.

Camões, bem te confesso, e bem conheço,
Que entre o joio infelice e ma zizania
De tanto máo costume, e em tempo avesso,
Engenhos nascem bons na Lusitania,
E ha copia delles, que he menoscabada
Dos máos, e nomeada por insania.
Porisso, como preso em tua pousada,
Solta este sonho, e esperta o adormecido
Tempo com tua voz bem entoada;
Qual ella he, clara e pura, em som devido,
Decente, honesto e grave, até que chegue
Áquelle affable e real ouvido.
Farás que estime, que honre, e que a si chegue
Os que bebem na fonte Pegasêa;
Que seu favor lhes mostre, e não lh'o negue:
Como o bom Rei da patria da Sereia
Aquelle inclyto Affonso, que amou tanto
Os doutos e avisados d'alta veia.
Então teu celebrado e efficaz Canto
Do estreito do mar Roxo ao nosso estreito,
Aos estranhos será piedade e espanto
Se a ti e aos teus não for honra e proveito.

Mas apesar d'estas queixas que se apresentam por parte de Camões e do seu amigo, apparecem os dois ministros e validos que estiveram ao lado do Rei como enthusiastas pessoaes do Poeta. Pedro de Alcaçova Carneiro, um dos homens mais abalizados em conhecimentos que teve Portugal, e que desde o reinado de D. João III tinha parte principal no governo, perguntando-lhe o Poeta se havia encontrado muitos erros no seu poema, lhe deu em resposta; que um achára muito grande, o qual era, que devia ser tão breve que se retivesse todo na memoria, ou tão longo que nunca se acabasse; e Martim Gonçalves da Camara o vemos apresentar um testemunho publico do seu apreço com o epitaphio que lhe mandou gravar na sepultura, e assim a nossa opinião não póde deixar de ficar perplexa; e principalmente, como mostraremos, a avareza no premio para com o auctor foi devida a rasões mais imperiosas. Em todo o caso se os tiros de Camões se dirigiam ao valido, eu combino perfeitamente com Faria e Sousa, que façanha herculea foi depondo a paixão da chaga recebida, honrar a virtude de quem *a* recebeu. Com-

parando os versos do VI ramo da ode VII, em os quaes o Poeta fallando da sua reputação diz:

Para a minha até aqui de baxa estima,

com o verso da ultima estancia do poema nos Lusiadas, dirigido ao mesmo Rei D. Sebastião

A minha já estimada e leda musa,

se vê bem que o Poeta depois da publicação do seu poema havia subido ao mais alto cume da fama. E na verdade não póde negar-se, apesar da distracção em que os negocios politicos e calamidades do anno traziam os animos occupados, que o poema foi aceito com o maior enthusiasmo, e tão avidamente procurado que no mesmo anno se publicaram duas edições, ou o excessivo gasto da primeira deu logar á contrafacção, e não obstante a severidade da censura, elle saíu intacto, e apenas com aquellas correcções que o auctor, de combinação com os padres de S. Domingos, julgou opportuno fazer-lhe. Tal foi o respeito e veneração que desde logo se prestou a um poema tão maravilhoso e nacional!

Embora se diga o contrario, esta é a verdade; não nego porém que o Poeta poderia ser estorvado na escolha do maravilhoso, se escolhesse como o Tasso a magia, não só porque, pela Regra IX que vem no primeiro indice do Santo Officio, todos os livros que tratam de Geomancia, Hydromancia, Aeromancia, Pyromancia, Onomancia, Nigromancia, ou todos aquelles nos quaes se contam adivinhações por sortes, feitiçarias, agouros, prognosticos por modos illicitos e outros quaesquer encantamentos por arte magica são reprovados; mas porque mesmo pelas justiças seculares se procedia contra as pessoas incursas no crime de feitiçaria, e tanto assim que as mesmas justiças tinham entregado ás chammas seis infelizes mulheres, accusadas d'este crime na regencia da Rainha D. Catharina. Tivemos occasião de ver este processo, e n'elle ha uma parte muito analoga com os encantamentos do Tasso na sua *Jerusalem liberata;* mas não é muito que então se désse credito a estes embustes, se nós ainda na nossa infancia os acreditámos. Todavia estou persuadido de que, aindaque o Poeta tivesse livre escolha, não preferiria outro maravilhoso para o seu poema, porquanto estava inteiramente impressionado pelos seus dois modelos Homero e Virgilio.

O Qualificador do Santo Officio, o padre Fr. Bartholomeu Ferreira, no seu parecer para a impressão dos Lusiadas [1], que precede a primeira edição (1572), diz que n'elles não achou cousa alguma escandalosa, nem contraria á fé e bons costumes, sómente lhe pareceu que era necessario advertir os leitores, que o auctor, para encarecer a difficuldade da navegação e entrada dos portuguezes na India, usa de uma ficção de deuses dos gentios. Permitte que a dita fabula dos deuses vá na obra, salva a verdade da Santa fé, que todos os deuses dos gentios são demonios; e termina com um elogio ao auctor e á obra. —E por isso me pareceu o livro digno de se imprimir, e o auctor mostra n'elle muito engenho e muita erudição nas sciencias humanas.— Eu tive occasião de cotejar um manuscripto contemporaneo do I canto dos Lusiadas, e não encontrei cousa que indicasse uma mutilação. Longe pois de se fazer a mais pequena alteração aos Lusiadas, houve para com este thesouro nacional todo o respeito e excepção como será facil convencer o leitor. Pela Regra VII do Indice expurgatorio prohibem-se todos os livros que contam ou ensinam cousas deshonestas, mas os antigos que são escriptos pelos gentios, permittem-se pela elegancia e propriedade da lingua, mas por nenhum modo se leiam aos moços. E não estaria o Canto IX dos Lusiadas, e mais alguns logares do poema, no caso de parecerem a algum escrupuloso que deveriam ser cortados, ao mesmo tempo que a Menina e Moça de Bernardim Ribeiro, as obras de Jorge de Montemayor, e a Eufrosina e o Ulissipo de Jorge Ferreira eram defezos? Quem não vê que o censor, aqui n'esta excepção, emparelhou o nosso Poeta com os primeiros classicos latinos, cuja leitura, apesar de lasciva e deshonesta, se permitte pela propriedade da lingua? E note-se que ao mesmo tempo que se apresenta esta judiciosa tolerancia com o nosso Poeta, o Ariosto não é poupado. Nos Avisos e lembranças assignados pelo mesmo censor dos Lusiadas, o padre Fr. Bartholomeu Ferreira, para a reformação dos livros, que acompanha o Indice expurgatorio de 1581, se encontra esta advertencia a respeito do poeta italiano.

«Do *Orlando furioso* se hão de riscar algumas cousas que tem escandalosas e desonestas, como se póde ver no Canto setimo, e decimo quarto e vigessimo.»

Quem póde negar, com imparcialidade, que os Lusiadas do nosso Poeta não estavam nas mesmas circumstancias do *Orlando* de Ariosto, para soffrerem córtes severos em alguns logares, principalmente execu-

[1] Documento E.

tados por velhos a quem o gelo da velhice tinha esfriado o fogo da mocidade? Comtudo é muito para suppor, ou para melhor dizer, certo, pois o affirma o seu commentador e amigo, que o Poeta, previamente á publicação do seu poema, aceitou muito espontaneamente os conselhos de alguns frades de S. Domingos de Lisboa [1], com quem tinha amizade estreita e convivia; se isto não fosse assim como se explica a continuação d'esta amizade, sendo a sua companhia a unica cousa que lhe distrahia a melancholia que o minava em os ultimos dias da sua existencia? Com toda a rasão não existiria no coração do Poeta um justo resentimento, contra aquelle que deturpava o trabalho de tantas vigilias, feito na peregrinação do exilio, conscio que era a obra que devia immortalisar o seu nome, e o que era ainda mais para o Poeta, o da sua querida patria? Dizei-me, se uma mão brutal ousasse passar a broxa sobre a ascensão de Rafael, ou despedisse o camartello contra a obra prima de Canova, não desejariam aquelles dois genios da pintura e esculptura decepar aquella mão impia e sacrilega? Mas para bem comprehendermos como isto se passou, é preciso saber que o padre Fr. Bartholomeu Ferreira era não só o censor ex officio [2], mas o Aristarcho e amigo dos poetas seus contemporaneos, a quem sujeitavam as suas obras não só para a approvação, mas para soffrerem a lima imparcial de uma critica conscienciosa como tive occasião de ver nas poesias autographas de Pedro de Andrade Caminha. Os logares onde o Poeta se conformou com as suas advertencias me parecem claros no poema: a chaga chronica do coração do Poeta era a injusta perseguição que experimentou pelos seus amores, de modo que em casos analogos, tende sempre para desculpar aquelles que se entregaram, ainda que desordenadamente, a esta paixão. Assim não poupa o mesmo Affonso de Albuquerque, pela morte que mandou dar ao soldado Rui Dias por o encontrar com uma escrava que trazia para a Rainha; e depois de haver culpado a El-Rei D. Fernando pelos seus amores com a Rainha D. Leonor roubada a seu marido, termina com estes versos:

> Desculpado por certo está Fernando
> Para quem tem de amor experiencia,
> Mas antes tendo livre a phantesia
> Por muito mais culpado o julgaria.

[1] Vide nota 62.ª
[2] Vide nota 63.ª

Emquanto a mim estes dois ultimos versos foram ali postos para attenuar as asserções do Poeta, por conselho do censor. Parece que o censor lhe pediu igualmente que explicasse por alguma fórma a allegoria do poema, o que elle, condescendendo com a vontade d'aquelle religioso, faz n'esta estancia (LXXXII do Canto X.)

> Aqui só verdadeiros gloriosos
> Divos estão; porque eu Saturno, e Jano,
> Jupiter, Juno, fomos fabulosos,
> Fingidos de mortal, e cego engano:
> Só para fazer versos deleitosos
> Servimos; e se mais o trato humano
> Nos póde dar, he só que o nome nosso
> Nestas estrellas poz o engenho vosso.

Pediu-se mais ao Poeta, que désse a verdadeira significação do vocabulo Fado, o que igualmente faz na estancia XXXVIII do Canto X:

> As gentes vãas que não os entenderam,
> Chamaram-lhe fado mau, fortuna escura,
> Sendo só providencia de Deus pura.

E parece-me tão exacta esta minha asserção, que estas duas estancias são adduzidas pelo censor da edição de 1597 (uma das amputadas) para se desculpar de não ter borrado alguns vocabulos de que o auctor muitas vezes usa, e que *já alguns lhe notaram,* como é fallar em deuses e em fado. Se nos transportarmos ao tempo em o qual o Poeta escreveu o seu poema, não nos admiraremos tanto que se apresentassem certos escrupulos no meio de novidades e subtilezas theologicas que ensanguentavam a Europa; e alguem houve tão excessivo a este respeito, que intentou fazer mudar a technologia astronomica[1], convertendo para nomes de santos os dos planetas e estrellas, para o que compoz uns versos latinos, para mais facilmente se confiarem á memoria, e se fabricou um planispherio celeste no mesmo sentido. Alem d'isto os poetas catholicos faziam espontaneamente as suas declarações e protestações de fé; já antes do nosso Poeta, o Dante a havia feito n'estes versos:

[1] Vide nota 64.ª

Cosí parlar convensi a vostro engegno
A vostra facultade, e piede et mano,
Atribuirce a Dio, et altro intende
E Santa Chieza con aspetto humano
Gabriel e Michael vi representa.

O Tasso, não só explicou a allegoria do seu poema em um discurso preliminar, mas tratando do mesmo vocabulo, fado, se expressa ao mesmo modo do nosso Poeta:

Demonio li chiama angelica favella,
Ma il pazzo mondo lui fortuna apella.

Parece-me pois sufficientemente provado que o poema dos Lusiadas saiu em vida do auctor como elle o concebêra, e sómente depois da sua morte se tentou fazer-lhe algumas alterações; mas note-se que estas se tentaram subrepticiamente, dizendo-se até que a edição onde se faziam algumas ridiculas amputações e emendas [1], ía conforme a primeira (1572). Já não podemos dizer o mesmo das suas poesias lyricas, que temos toda a certeza que soffreram córtes; da comedia de Filodemo se cortaram, entre outras cousas, umas redondilhas, e na egloga VII, intitulada *dos Faunos*, temos a lamentar a falta das estancias em que descrevia Diana no banho.

É pois pouço exacta e infundada a asserção, ao menos pelo lado honorifico, do pouco apreço que da pessoa de Luiz de Camões fizeram seus contemporaneos: elles o coroaram com o titulo de Principe dos Poetas, e affirma mais Faria e Sousa, que quando elle apparecia na rua, todos paravam até que desapparecia. Na côrte não foi menos estimado. No soneto LXIV da centuria I, feito ao grande D. Luiz de Athaide, por occasião dos festejos e distincções que El-Rei D. Sebastião lhe fez á sua volta de Goa, no qual encarece como objecto de maior fama o vencer no reino amigo as ingratidões e inveja, do que no Oriente os reis inimigos; e no soneto LIX, recitado sobre as cinzas d'El-Rei D. João III, por occasião da sua trasladação para Belem, successos que ambos tiveram logar n'aquelle mesmo anno, temos prova de que elle acompanhava a côrte, onde era bem aceito.

Logoque saiu o seu poema, ou talvez antes, isto é, a 28 de Julho

[1] Vide nota 65.

de 1572, o galardoava o joven Rei com a pensão de 15$000 réis[1] pelos seus serviços militares, e pelo engenho, sufficiencia e habilidade que mostrou no livro das cousas da India; e parece que tão grande era a estimação que se fazia do Poeta, que a pensão é dada com a clausula de residencia na côrte. Taxam os biographos do Poeta de pouco generosa esta mercê do Soberano, e Manuel de Faria e Sousa affirma que costumava elle dizer, que pediria a El-Rei que mandasse dar mil e quinhentos açoutes, a quem tão mal a pagava. Este escriptor, aliás estimavel, quando apaixonado é tão propenso a exagerar, que assim como com elle não acreditâmos que Francisco Rodrigues Lobo fosse plagiario, Bernardes um versificador pouco limado, e Francisco de Sá de Miranda um engenho trivial, nos não achâmos dispostos a acredita-lo n'esta occasião, quando das apostillas da tença se collige o contrario.

XIX

Mesquinho foi sem duvida o premio, para quem tão grande brado deu aos illustres feitos da gente portugueza; porém se attendermos á pouca idade do Rei, e que só de guerras a cabeça trazia preoccupada, de algum modo desculparemos um mancebo, que não soube agraciar mais generosamente um engenho tão singular, e não nos admiraremos tanto que o alaúde poetico fosse mal ouvido entre o estrepitoso som dos instrumentos de guerra.

Não busquemos pois na injustiça dos homens a origem da pouca fortuna do Poeta, mas sim, forçoso é dize-lo, porque elle proprio o confessa, em alguns erros, e em circumstancias accidentaes que tão poderosamente attenuaram no fim da sua vida a gloria portugueza. Se é verdade, como temos visto, que elle deveu os seus primeiros infortunios a uns amores do Paço; se nos lembrarmos das barreiras que o decoro tinha posto ás galantarias d'aquellas portas a dentro; poderemos alvez imputar a falta de protecção que encontrou junto da pessoa de um Soberano, que aos proprios estrangeiros attrahiu com mercês, a esse passo não criminoso, antes filho de um coração sensivel e da verdura dos annos. Se teve perseguições, durante o tempo que esteve na India, de um Miguel Rodrigues Coutinho, e dos dois Barretos, encontrou protecção em um D. Constantino de Bragança, em um Conde de Redondo,

[1] Documentos F, G e I.

D. Antão de Noronha, e mais amigos alem d'aquelles que o trouxeram em sua companhia á patria. Exerceu o officio de Provedor dos defuntos na China, onde parece ter grangeado alguma fortuna; e que culpa tiveram os homens de que as ondas do mar, com implacavel sanha e voracidade, lh'a absorvessem? agradeçamos-lhe, ainda benignas, terem-lhe poupado a vida e com ella, a nós, o seu Poema immortal. Elle mesmo confessa por sua propria bôca não lhe faltar o necessario na idade florente, na sua resposta a Ruy Dias da Camara, o qual havendo-lhe pedido que traduzisse os *Psalmos penitenciaes,* e queixando-se este fidalgo que passado tempo e instancias suas o não tivesse feito, tendo elle escripto tantos e tão singulares poemas, respondeu: «Senhor, quando eu os fazia achava-me na idade florente, favorecido das damas, e tinha o necessario, e agora me falta tudo, que ahi está o meu Antonio, pedindo-me quatro maravedis para carvão, e não tenho para lh'os dar.»

Este favor das damas, uma independencia de caracter quasi sempre inherente a um espirito superior, certa liberdade de dizer pouco aceita a cortezãos, alguns tiros satyricos contra os homens em poder, foram sem duvida as causas da pouca fortuna do Poeta. Camões, como o Tasso, tinha em si um germen de infelicidade irresistivel; esse genio sublime que despedia, como a aguia, arrojados vôos ao céu, não podia rastejar como um verme desprezivel debaixo dos pés da dependencia. Não admira alem d'isto que o auctor das Rimas, pouco divulgadas nas mãos de um ou outro amigo, tendo que manter o passo a um Sá de Miranda, em grande voga, a um Bernardes, todo cortezão, e outros, fosse pouco apreciado até o seu regresso á patria. Foi então que o Poeta nacional foi inteiramente conhecido pelo seu Poema, que dos estranhos deveu, entre outros elogios, o do seu emulo em gloria e desventura o celebre Tasso, e entre os nacionaes, alem da exaltada veneração que desde logo lhe tributaram, o parco premio pecuniario da tença de que lhe fez mercê o Soberano, primicias talvez de outros maiores. Digo primicias, porque se a fortuna caprichosa tivesse de outra maneira favorecido o joven monarcha, o nosso Poeta se destinava a cantar a sua expedição, e bem natural é que este Principe, em cujo peito, por fatalidade nossa, ardia tão exagerado incentivo de gloria, não deixaria morrer á mingua o seu Homero; porém a sorte, sempre inconstante, arrojou na mesma sepultura a nação, o Poeta e o Monarcha que o devia galardoar.

Assevera Faria e Sousa que os pezares do Poeta augmentaram com a escolha que, com exclusão d'elle, se fez de Diogo Bernardes para cantar em verso heroico o assumpto da expedição do Rei, e isto por lem-

brança e instigações do Cardeal. Pede comtudo a justiça, apesar do pouco que prezâmos a memoria d'este Rei pela cobardia e egoismo com que preparou a nossa desgraça, que demos pouco credito á asserção do commentador. Como se podia offerecer competidor a Camões, depois da publicação dos seus Lusiadas? Alem d'isto, quebrantado pelas enfermidades, encostado a umas muletas, como no-lo representa o mesmo Faria e Sousa, como podia elle seguir os seus companheiros de armas a uma empreza, onde tão necessario era que o vigor do corpo se juntasse ao ardimento do coração?

XX

Se não foi permittido ao Poeta seguir o Monarcha portuguez na sua mallograda empreza, e succumbir em companhia de tantos valorosos soldados, persuadimo-nos, e com boa rasão para o acreditar, que elle o acompanhou na sua primeira expedição á Africa, e que a espada do soldado veterano da Asia se desenferrujou ainda em uma pequena escaramuça. Uma interrupção que se nota n'este anno no pagamento da tença, por não estar assentada no Livro da Fazenda [1], não podendo attribuir-se a descuido da parte de quem tinha tão vivo despertador como a miseria, denota ausencia. A elegia XIX, dirigida ao joven D. Pedro da Silva, que n'este tempo governava Tanger, na qual refere uma entrada em terra dos mouros, e a tomada de um celebre capitão por nome Alafe, parece ser escripta sobre o local; pois narrando este feito de armas do joven guerreiro portuguez, e referindo-se ao mouro aprisionado, diz:

Este que toda a grande Berberia
Tinha por mui prudente, e animoso,
Agora o tens na tua estrebaria.

Acresce a estas, emquanto a nós, quasi provas, o genio e propensão do Poeta, que achando-se com soffrivel disposição de saude, lhe não soffreria o animo ser simples expectador de uma expedição militar que era tanto do agrado do Rei. Mais tarde só lhe restava o desejo de o acompanhar; o braço forte e robusto, que outr'ora tinha empunhado a espada tão pesada contra os inimigos da sua patria, apenas podia me-

[1] Documento H.

near a penna ligeira para cantar as, ainda mal, tão falsamente preconisadas victorias, com que o valoroso Principe lisonjeava a sua imaginação guerreira a tal ponto, que ía o sermão de graças encommendado e a corôa com que devia ser coroado Imperador em Marrocos.

Que o Poeta se destinava a cantar esta empreza, na dedicatoria do seu poema dos Lusiadas, o declara, e mais que tudo se manifesta no privilegio que se lhe concedeu para a publicação do seu livro, em o qual se faz menção dos novos cantos que acrescentasse, e n'isto parece que quiz seguir a Virgilio, que a Eneida, dizem, quiz estender a vinte e quatro. E que outros podiam ser estes em um poema completo como o do nosso Poeta, senão talvez o acrescentamento do III, com as victorias africanas do joven Rei D. Sebastião? Camões muito bem podia delinear e compor expressamente um Poema sobre o ousado feito que esperava cantar, porém acertadamente julgou que mais ía para a fama do Rei que pretendia exaltar, dar-lhe entrada no grandioso templo da gloria lusitana, que bem assim podemos chamar á maravilhosa fabrica da sua epopéa.

Esta foi talvez a primeira idéa do Poeta, porém vemos que depois variou o pensamento; pois apenas El-Rei D. Sebastião saíu o porto de Lisboa, esperançado o Poeta que voltaria com a victoria, começou a traçar e escrever em um poema sobre o assumpto [1], e tinha já muitas estancias escriptas, quando veiu a noticia da sua perda. Foi tal o sentimento que experimentou com a nova d'aquelle successo, que logo queimou o que tinha escripto d'este poema, o qual, segundo a opinião de Bernardo Rodrigues, seu amigo e tambem poeta, que o tinha visto, e a Faria e Sousa o affirmou, excedia os Lusiadas, e andava o Poeta como assombrado; e acrescentava o mesmo, e Manuel Ribeiro e Alvaro de Mesquita seus amigos, que perdeu logo o furor poetico e nunca mais tomára a penna para escrever versos.

Com quanto pezar temos a lamentar, e por tantos motivos, que o Poeta não tivesse occasião de celebrar esta expedição militar! Se ainda hoje nos agradam tanto os capitulos do delicado e elegante monge Fr. Luiz de Sousa, em os quaes conta os combates da Africa, e nos parece que o frade quer largar o habito para pegar ainda na espada, com que gosto leriamos um poema, escripto por um poeta tão superior e conhecedor das cousas da Africa! Que bellezas não devia apresentar este excellente poema! Que interesse no bem trabalhado das descripções locaes! no

[1] Vide nota 66.ª

descrever das batalhas, costumes, crenças e tradições mouriscas! de que sabor africano não deveria ser repassado! Que predicções sobre os successos futuros da Africa! Quem sabe se a politica teria tanto a ganhar como a poesia! Com que energia o Poeta, que primeiro ergueu a voz a favor da Grecia opprimida, a não levantaria chamando os povos a concorrerem pàra a civilisação da Africa, e com que arte não expenderia as suas opiniões politicas sobre esta parte do mundo, as quaes põe na bôca do velho, que no canto IV dos Lusiadas vocifera contra os nossos, que íam tão longe buscar o inimigo, tendo-o ás portas para o combater!

XXI

Mas voltemos a um assumpto de que nos temos desviado, isto é, sobre a ingratidão nacional para com o Poeta, e em que convem demorarmo-nos mais alguma cousa, para completa defeza d'esta nossa nação tão abocanhada, como digna de melhor sorte. Já temos visto quaes foram em parte as causas da pouca fortuna do Poeta em varios periodos da sua vida, e até á publicação dos seus Lusiadas; vieram depois as calamidades publicas augmentar-lhe o infortunio, desviar a lembrança, e afrouxar a vontade de galardoar o grande Cantor portuguez, fazendo-lhe beber pelo mesmo calix de amargura por onde bebia uma nação inteira. Na sua volta á patria, mal acabava de se extinguir a peste, que fôra começo da serie inaudita de desgraças, que precederam a fatal catastrophe de Alcacer-kibir, e duraram até os ultimos momentos de Camões. Quaes estas foram, preferiria eu descreve-las com as palavras do illustre Prelado de Viseu, na biographia do nosso Poeta; porém faltaram-lhe as cores onde molhasse o seu rasgado pincel, deixando-nos apenas o esboceto de tão amarguradas desventuras; levanta-lo-hemos nós com mão menos experiente, mas com novas cores para terminar o quadro que o habil escriptor deixou incompleto. «Póde ser que se não achem na nossa historia, diz o Sr. Bispo, sete ou oito annos mais desgraçados, excluindo os sessenta em que estivemos privados da liberdade, e os que principiaram no memoravel Novembro de 1807, do que os que correram de 1572 a 1579, epocha do fallecimento do Poeta.» E na verdade, calamitosos foram elles! porém quando o biographo escrevia aquellas regras, ainda o sangue portuguez não tinha sido vertido a jorros por essas campinas, que só deveriam ser regadas pelas crystallinas aguas de seus rios; mas cerremos os olhos sobre males proximos

que presenceámos, para expor outros, aindaque mais ao longe passados, não menos graves.

O anno de 1572, se houve a distracção das festas e jogos de cannas, a que El-Rei assistiu com a Infanta D. Maria e damas em Santo Amaro pela chegada do Vice-Rei D. Luiz de Athaide, victorioso dos reis da India, nem por isso deixou de se apresentar medonho. A mais horrivel tempestade carregou sobre o porto de Lisboa, começando a 13 de Outubro á meia noite a soprar um vento do sul, que desabou em furioso vendaval, destroçando não só a armada surta no Tejo, que estava apparelhada para a liga contra o Turco, e que parece devia acudir a Carlos IX, no caso de ser perseguido pelos huguenotes, mas todos os outros navios ancorados no rio. A descripção d'esta tormenta feita por testemunha ocular, d'onde extrahimos esta noticia, é espantosa; uma das mais bellas naus veiu dar em terra, e se despedaçou na praia do Corpo Santo, junto ás casas de Manuel Côrte Real; outra varou no Caes da Rainha, que levou comsigo com a furia do embate, fazendo-se a nau em pedaços; o mesmo aconteceu a outras que foram dar com os outros caes e na praia; e só na da Boa Vista deram em terra quinze naus, quasi todas da armada; viam-se as praias cheias de mortos e destroços, estendendo-se os estragos do temporal, em terra, aos edificios. N'este mesmo anno chegou a nova de França da cruel matança, mandada executar por Carlos IX, nos herejes, em o dia 24 de Agosto da invocação de S. Bartholomeu.

A noticia d'aquelle triste successo, tal é a cegueira quando somos dominados de paixões violentas, aindaque se siga a mais santa das causas, foi recebida em Lisboa com repiques de sinos e luminarias, e na Igreja de S. Domingos se fez uma festa em que prégou o celebre fr. Luiz de Granada, e leu ao povo o despacho do embaixador portuguez em París, em o qual este sanguinolento acto era narrado com todas as circumstancias. Ás calamidades publicas veiu juntar-se um acontecimento particular que devia affectar o nosso Poeta: D. Antonio, senhor de Cascaes, seu amigo, fidalgo mui rico e poderoso, foi repentinamente preso com grande apparato e levado ao castello, onde esteve com guardas á vista, de dia e noite, e sua mulher igualmente presa entregue a seu irmão D. Alvaro de Castro, sem que se soubesse o motivo de uma tal resolução, e foi este uma falsa denuncia de um criado, de querer o dito D. Antonio entregar Portugal aos lutheranos, e dar-lhe entrada por Cascaes: porém conhecida a innocencia de D. António lhe deu El-Rei toda a satisfação, e ao creado, pelo aleive, mandou prender, e

saiu a enforcar; porém a pedido de D. Antonio lhe perdoou El-Rei a culpa.

N'este anno se avivaram as desavenças da Rainha D. Catharina com seu neto El-Rei D. Sebastião, mostrando esta a resolução de se ir para Castella apoiada por seu sobrinho Filippe II; e um dos motivos que dava era a recusa do casamento, por parte d'El-Rei, e a influencia que os jesuitas, apoiados pelo Cardeal D. Henrique, exerciam sobre o Monarcha. Attribuia-se a estes a politica de conservarem El-Rei no celibato, para assim se conservarem mais na influencia; porém esta imputação póde ser modificada á vista das instrucções dadas pelos ministros do Rei ao seu embaixador em França, nas quaes se presta ao casamento, sendo o dote d'El-Rei de França ajudar com tropas a liga de que o Principe desejava ser o capitão, e cessarem as piratarias que se faziam ás possessões portuguezas, fazendo-se as competentes demarcações nas nossas colonias; mas este casamento não teve effeito, por casar a Princeza com Henrique IV. Podia tambem influir para a frieza e recusa que o Rei mostrava um facto que os historiadores não contam, isto é, uma inclinação que parecia domina-lo por uma dama do Paço [1], chegando ao ponto, alguns que o cercavam, de o aconselharem de se ligar a ella pelos laços do matrimonio. Cerrou-se o anno com espantosos frios, que caíram na derradeira semana de Dezembro, cobrindo-se tudo de gelo e coalhando-se o Tejo em Alcochete, ao longo da terra. Tal foi o anno do apparecimento dos Lusiadas!

O anno que se seguiu de 1573 não raiou mais risonho; no primeiro de Março começou a chover tão grossa quantidade de agua, com fortes tormentas, que produziu grandes cheias; e no primeiro de Abril foi esta tão grande, que chegou o mar a cobrir toda a rua da Misericordia até ao Ver o Peso, por onde nadavam grandes barcas, e durou este estado tempestuoso até 12 de Maio, que choveu consecutivamente. N'este mesmo anno falleceu a Rainha mãe, de quem se esperava que, junto com a Rainha D. Catharina, desviasse El-Rei de seus projectos de perdição.

No anno de 1574 houve no reino uma grande esterilidade, principalmente nas provincias do Minho e Traz os Montes. N'este mesmo anno partiu El-Rei, pela primeira vez, para a Africa, tendo de antemão mandado o Sr. D. Antonio, prior do Crato, e filho do Infante D. Luiz, que levou mil e duzentos homens e quatrocentos de cavallo, tendo El-Rei

[1] Vide nota 67.ª

assistido em Belem á benção das bandeiras, prégando o Bispo D. Antonio Pinheiro, e animando na sua prégação os soldados.

Saíu El-Rei, com grande sobresalto e susto de todos que conheciam quão grande perigo corria a sua vida e a segurança da monarchia; desde esse momento começaram as preces publicas e supplicas em todos os mosteiros, pela boa sorte do Rei e tranquillidade do seu povo, saíndo procissões de penitencia, e entre estas foi a mais solemne a da Misericordia, em que prégou o nosso escriptor Diogo de Paiva.

Se nos annos antecedentes as aguas tinham trazido graves calamidades ao reino, veiu n'este de 1575 outro elemento, o fogo, causar na cidade uma grandissima perda: a 18 de Fevereiro se ateiou o fogo á uma hora depois do meio dia, na rua dos Algibebes, a que chamavam tambem rua do Principe, e ardeu toda a banda do mar, que caía sobre as louceiras, deitando-se as mulheres e meninos pelas janellas, que aparavam em baixo, em colchões e outras cousas, e não foi a mais o fogo por ser a taes horas e pela diligencia com que se lhe acudiu.

Logo em Março começaram a apparecer doenças graves, de sangue e mortes repentinas, que os medicos attribuiram á muita gente que havia affluido da Beira a esta cidade, por causa da fome e esterilidade que ali reinava, que enchiam e entulhavam as ruas, macilentos e esfomeados, como espectros ambulantes. Acudiu El-Rei a esta miseria, mandando-os recolher ao hospital, onde lhes dava salario para seu sustento; mas não podendo este estabelecimento receber nem a decima parte, os distribuiu pelas casas dos mercadores ricos, que os tratavam com muita caridade, distinguindo-se n'esta occasião o coração magnanimo da Infanta D. Maria, que mandou, no caes da madeira, construir um hospital provisorio onde eram recebidos e agasalhados.

A 7 de Junho tremeu a terra com grande abalo, levantando a uns do chão, e a outros das cadeiras, deixando a todos atemorisados.

Pelo S. João d'este mesmo anno deu treguas a estas tristezas um sumptuoso divertimento de touros Reaes e foram estas talvez as ultimas alegrias de Portugal, e com que a cidade queria attrahir a si o seu Rei, que se esquivava, e preferia as brenhas dos matos ás delicias da côrte. Armou-se para este effeito, defronte dos paços de Xabregas, um grande terreiro em que trabalhavam, por dia, trezentos homens, cercado de palanques riquissimos de tres sobrados, não só da Rainha D. Catharina e Infanta D. Maria, mas da Casa da India, Tribunaes e mais Senhores da côrte que affluiram com ricos vestuarios, e cavallos sumptuosamente ajaezados. El-Rei jogou cannas primeiro de uma parte, e

da outra o Senhor D. Antonio, com outros tantos fidalgos, e depois de corridas começaram os touros, não querendo El-Rei que ninguem mais os picasse senão elle, o Senhor D. Antonio e o Duque de Aveiro, sendo os touros mui bravos, e correndo-se mui galantes sortes, que eram applaudidas pelos instrumentos que tinham trazido, em obsequio d'El-Rei, as pessoas que estavam nos palanques. Assistia a esta festa a Rainha D. Catharina e a Infanta D. Maria com as suas damas, que incitavam com a sua presença os cavalleiros que tomaram parte no divertimento real. Mas para o nosso Poeta, quão triste era a sua situação no mèio de todas estas alegrias; n'aquelle palanque real, ornado de tão bellas damas, faltava a sua amante, a sua D. Catharina de Athaide; faltava uma estrella n'aquelle firmamento!

No ultimo quartel do anno, aos 3 de Outubro, começou novamente a chover dia e noite, até o fim do mez, verificando-se o ditado que *nadando vem a fome a Portugal*, e houve grandes perdas, não só na cidade, mas em todo o reino, alagando-se o Rocio todo e a rua Nova, e foi a causa entupirem-se os cannos e arrebentarem; logo em Dezembro houve nova cheia ainda maior, e vinham pelo rio abaixo muitos bois, bestas e outros animaes e pessoas mortas. No anno de 1576 saíu El-Rei em direcção a Sagres nas galés, com grande acompanhamento de fidalgos, com a armada toda embandeirada, indo primeiro dar vista d'ella a sua avó a Rainha D. Catharina, que se achava nos Paços de Xabregas; e tendo entrado de volta no Tejo, com as galés armadas, e muitas alegrias e tangeres, participando-lhe a Rainha com muita pressa como era fallecida a Infanta D. Izabel, mandou amainar tudo, e se recolheu a Belem. Não tardou muito, pois não medearam dois mezes, que o Infante D. Duarte, filho d'esta Princeza, Duque de Guimarães e Condestavel do Reino, fosse acompanhar a sua mãe na sepultura, e com a morte d'este Principe desabou o ultimo esteio á successão varonil d'estes reinos, deixando os direitos de successão de sua irmã, a Duqueza de Bragança D. Catharina, entregues á feminil fraqueza de uma senhora pouco apta para lutar com as insidiosas tramas e sillogismos de aço do astucioso Filippe II.

N'este mesmo anno teve principal incremento a nossa desventura, vindo Mulei-Hamet pedir soccorro contra a usurpação de seu tio; aceitou El-Rei gostoso a proposta, e com este pretexto se começou a apparelhar para a expedição d'Africa. Tendo mandado a seu tio Filippe II por embaixador Pedro de Alcaçova Carneiro, logo depois da sua chegada houve a entrevista de Guadalupe, a qual não correspondeu a tão

intimo parentesco, que mais se esperava estreitar n'esta visita real. Durante a sua estada em Castella teve logar, dia de Santa Luzia, o horrivel fogo das tercenas de Santos, onde estava recolhida a polvora e grande quantidade de trigos; foi tal a força da explosão, que a cidade se abalou, e arruinaram-se casas, arrojando pedras e alastrando-se o largo de Alcantara com o trigo que ali estava recolhido.

Em Março de 1577 falleceu a Infanta D. Maria, Princeza muito illustrada, protectora das sciencias, e muito estimada dos portuguezes. Aos 10 de Novembro d'este mesmo anno appareceu um cometa, que excitou em todos grande susto e apprehensões, pretendendo ver n'este signal do céu, que durou pouco mais de um mez, um prognostico da perda d'El-Rei e da ruina do reino; por este tempo mándou o Papa a El-Rei um vaticinio feito, conforme assevera o auctor d'onde transcrevo esta memoria, que o teve na sua mão, pelo mais celebre astrologo do seu tempo Hercules Bellemene de Revore, em que, ponto por ponto, estava escripta a sua perdição, morte e captiveiro dos que o acompanhavam, e nada d'isto bastou para desviar El-Rei do seu intento.

Chegou emfim o fatal anno de 1578, e El-Rei a activar os aprestos da armada. Os emprestimos, quasi forçados, multiplicavam-se, mercadejando concessões e isenções com os christãos novos, a troco de dinheiro que davam, e não havendo respeito aos cofres dos orphãos, defuntos e ausentes, e do resgate dos captivos, que de todo o reino se recolheram á cidade, que tudo era pouco para as despezas de uma tão lusida armada.

Por este tempo falleceu a Rainha D. Catharina, que do seu leito de morte clamava: Não passe El-Rei á Africa. Mas nada pôde embargar a decidida vontade do arrojado mancebo, cuja sorte estava já escripta no livro da Providencia. Aos 14 de Junho benzeu na Sé o Arcebispo, em pontifical, a bandeira real, em que, como prognostico de victorias, ía pela primeira vez a coroa cerrada de Imperador sobre as quinas, bandeira que, no combate, já perdidas as esperanças, D. Sebastião tanto desejou que lhe servisse de mortalha! Saíram da cathedral na mesma ordem em que tinham ido, até o paço da Ribeira, onde El-Rei não entrou, e se foi logo metter na galé, tratando d'ali de apressar a partida, e aos 25 de Junho saíu pela barra fóra com novecentas quarenta e tantas vélas, e vinte e quatro mil homens, em que entravam seis a sete mil estrangeiros. Surgiu o agourado dia 4 de Agosto, e n'elle perdemos, com um Principe extremamente cavalleiro, a nossa independencia, e um futuro glorioso que, sem duvida, estava reservado a Por-

tugal, quando a madureza dos annos tivesse temperado as demazias de cavalheirismo guerreiro de um Principe que havia tomado por divisa: *Un bel morir tute la vita honora.* Ocioso seria gastar palavras em descrever esta horrivel catastrophe, de que ainda hoje sentimos os effeitos, mas muito mais os sentiam aquelles que, entre clamores e lagrimas, choravam os parentes e apparelhavam os pulsos para a escravidão do estrangeiro.

XXII

Não nos demoraremos tambem muito em expor por miudo o quebrantamento geral que se apoderou da nação, quando Diogo Lopes de Siqueira entrou o Tejo com as reliquias de tão infausta batalha, porque os escriptores do tempo trasladam, com as mais tristes cores, o sentimento da desgraça que lhe repassava o coração, e de que foram victimas, e os poetas nas mais dolorosas endechas. Acclamou-se o Cardeal entre choros, gemidos e prantos, e a sua acclamação foi mais o espectaculo de um saimento funebre, do que das festivas alegrias, com que os portuguezes costumavam acompanhar os seus Reis n'estes solemnes autos. Quando Portugal precisava mais de um braço robusto para o defender, subia ao throno um velho caduco, de tanta debilidade que para a harmonisar com o alimento, e conservar essa pouca vida que lhe restava, se amamentava aos peitos de uma mulher. A energia moral estava, como era de esperar, como a physica; o egoismo, fructa maligna da idade provecta, tinha penetrado as entranhas do velho Soberano. Indeciso, timido, perseguindo D. Antonio, sem dar comtudo apoio ao legitimo herdeiro, accusado como parcial de Filippe II, deixou por decidir a grave questão da successão com a sua morte, que teve logar pouco mais de um anno depois, e no mesmo dia em que contava sessenta e oito de idade. Esvaíu-se a vida do velho Rei, como uma alampada que ardia em longa noite de inverno; apagando-se em sombria tristeza, pela morte do filho, toda a gloria portugueza, que havia attingido ao seu zenith na vida do pae. O seu corpo foi dado á terra psalmeado com as imprecações do povo, e com o epigramma com que elle, desde os tempos mais remotos, desafoga os seus odios e antipathias[1]. A providencia, que ás vezes costuma manifestar-se em phenomenos os mais extraordinarios, pareceu ainda apresentar-se por

[1] Vide nota 68.ª

esta fórma á imaginação e espirito publico, fazendo com que a purpura real se convertesse em vestes sacerdotaes, na pessoa do ultimo Rei portuguez, que parecia o destinado para celebrar as exequias da patria. Um eclipse fazia-se tambem observar no mesmo momento em que o Rei se finava, fatidica revelação de que se ía eclipsar, com a morte do ultimo Rei portuguez, a gloria e a independencia de Portugal.

Os seis mezes que se seguiram á morte do Cardeal, epocha que na nossa historia se designa pelo *tempo das alterações,* foram os ultimos paroxismos do paiz, do qual se havia apoderado a gangrena. A corrupção da Asia tinha pervertido os antigos costumes dos portuguezes; a uns acareou o oiro e promessas de Castella, a outros tinha intimidado o seu grande poder, não faltando quem por força de inercia e de egoismo, olhasse com indifferença os males da patria; aquella mesma espada de um D. João de Mascarenhas, que tinha brilhado com tanto fulgor por cima das ameias de Diu, se embaciava com o halito pestifero da traição. Ainda porém uma centelha do antigo valor portuguez pretendeu atear-se n'esta derradeira hora, e patriotas decididos correram após a unica voz que lhes bradava: liberdade e patria. Mas nem o Principe que os capitaneava, postoque apparentasse similhança no defeito do nascimento e na ambição com o Mestre de Aviz, tinha a aptidão d'este para levar a cabo uma tão santa empreza, nem desgraçadamente as vontades se achavam accordes, para resistir a forças tão desiguaes. A hora fatal marcada pela Divina Providencia, que na sua alta sabedoria ergue ou abate os imperios, era chegada; mais de um pretendente, como aves de rapina, miravam o cadaver; mas a presa devia pertencer áquelle que á astucia da rapoza juntava a força do leão.

No numero d'aquelles que pretendiam ainda oppor uma resistencia, por isso que debil, mais generosa, ás forças de Castella, folgâmos de contar os amigos mais intimos do Poeta; D. Manuel de Portugal, o seu Mecenas; o conde de Vimioso, caudilho principal das forças patrioticas[1]; D. Francisco de Almeida, que na comarca de Lamego andava juntando gente para resistir a Castella, e outros. Figura-se-nos ver o leito do Poeta moribundo, cercado de soldados bisonhos a quem proclamava, e de antigos camaradas a quem dava conselhos patrioticos e experimentados. Era este o ultimo esforço de patriotismo que restava áquelle que desesperando da patria, e tolhido em um leito, não podia cumprir a vontade de se arremessar por entre as lanças do inimigo.

[1] Vide nota 69.ª

XXIII

Esmagado com tanta infelicidade, e com tão pouca esperança do futuro andava o Poeta, e a unica diversão e allivio, que tinha aos seus soffrimentos em os ultimos tempos da vida, os encontrava, como o Tasso, com quem podemos comparar em mais de uma occasião o nosso Poeta, em o retiro de um convento. «Fiz-me transportar (escrevia aquelle ao seu intimo amigo Constantino, despedindo-se d'elle poucos dias antes de morrer) a este mosteiro de Santo Onofre, não só porque os medicos julgam estes ares mais sadios, do que os outros bairros de Roma; mas para começar de alguma maneira, d'este logar elevado, e com as conversações d'estes santos religiosos, as minhas conversações com o céu. Rogae a Deus por mim, e estae certo que se n'esta vida vos hei sempre amado e honrado com tanto extremo, farei por vós na outra, que é a verdadeira, tudo aquillo que convem a uma verdadeira e sincera caridade. Recommendo-vos á graça divina, em cujas mãos piedosas eu mesmo me entrego.» O nosso Poeta, do mesmo modo se arrastava ao convento de S. Domingos de Lisboa[1], e ahi se distrahia com a pratica dos padres, assistindo ás suas prelecções de theologia, e assim procurava algum allivio aos seus continuos dissabores e infortunios. Para mais calamidade, é fama que lhe faltára o Jau, o seu Antonio, que dizem que da caridade publica lhe mendigava o sustento. Tantos soffrimentos de espirito e de corpo, que, como duendes malfazejos, lhe circumdavam o leito de angustias, de pobreza e molestias, não podiam deixar de ser precursores de uma morte proxima. Elle a esperava, ou para melhor dizer a desejava, como se infere da carta que pouco antes escrevia a D. Francisco de Almeida[2], que na comarca de Lamego andava juntando gente para resistir a Castella, na qual, depois de fazer a triste pintura das facções que dividiam o paiz, lhe diz estas palavras: «Em fim acabarei a vida, e verão todos que fui tão affeiçoado á minha patria que, não só me contentei de morrer n'ella, mas com ella!» Commove e parte o coração, como em outra carta descreve o estado de desdita e extrema miseria, em que lutava n'estes ultimos dias da vida, entregue á adversidade, á fome, dores do corpo e impressões moraes extremamente dolorosas: «Quem ouviu dizer que em tão pequeno theatro, como o de

[1] Vide nota 70.ª
[2] Vide nota 71.ª

um pobre leito, quizesse a fortuna representar tão grandes desventuras! E eu, como se ellas não bastassem, me ponho ainda da sua parte, porque procurar resistir a tantos males, pareceria especie de desvergonhamento.»

Foi n'este estado de extrema miseria, que na presença de uma epidemia que picava novamente na cidade, em um pobre leito, cruciado pelas enfermidades, apoquentado talvez por credores, o Poeta escreveu o soneto CCXXXIV, em que invoca a morte para o libertar de tão graves torturas:

Oh! quanto melhor he o supremo dia
Da mansa morte, que o do nascimento!
Oh! quanto melhor he hum só momento
Que livra de annos tantos de agonia!
De alcançar outro bem cesse a porfia,
Cesse todo aplicado pensamento
De tudo quanto dá contentamento,
Pois só contenta ao corpo a terra fria.
O que do seu fez Deus o despenseiro,
Tem mais estreita conta que lhe dar,
Então parece rico o ovelheiro.
Triste de quem ao dia derradeiro
Tem o suor alheio por pagar,
Pois a alma-hade vender pelo dinheiro.

No meio de tantos desgostos não podia deixar de sentir o mais vivo desejo de trocar os trabalhos mortaes, que tão pungentemente o dilaceravam, pelo descanso de uma vida infinita e sem dor, nutrindo no coração, como verdadeiro catholico, o sentimento do Apostolo: *Cupio dissolvi et esse cum Christo.* Comtudo, parece que foi porfiada a luta da vida e da morte; o dia, talvez pela ultima vez, que na revolução do tempo marcava a epocha em que havia sido lançado na voragem do mundo, surgia mais uma vez no horisonte, não radioso de esperança, rico de illusões e de sensações agradaveis, porém carregado e pejado com todo o peso do desengano e do infortunio.

É n'estas circumstancias que a dor arranca ao Poeta do fundo d'alma um intimo e profundo gemido, e, em uma de suas poesias (ineditas), pragueja esse dia, que um uso ou abuso da sociedade nos faz festejar, e que só denota que entrámos n'um mundo onde o primeiro acto da vida é o chorar:

O dia em que eu nasci morra e pereça,
Não o queira jámais o tempo dar,
Não torne mais ao mundo, e se tornar
Eclipse, nesse passo, o sol padeça.
A luz lhe falte, o sol se escureça,
Mostre o mundo sinaes de se acabar,
Nação-lhe monstros, sangue chova o ar,
A mãi ao proprio filho não conheça.
As pessoas pasmadas de ignorantes,
As lagrimas no rosto, a cor perdida,
Cuidem que o mundo já se destruio.
Oh gente temerosa, não te espantes,
Que este dia deitou ao mundo a vida
Mais desgraçada que jámais se vio!

Que soffrimentos eram necessarios para arrancar de um homem da tempera do nosso Poeta, avezado aos trabalhos mais asperos do corpo, e a desgostos os mais profundos, expressões de tanta amargura!

Mas n'esta hora solemne e fatal, na qual cáem todas as decepções, e em que as flores da vida, se alguma houve, se tornam em pungentes abrolhos, em que ainda a saudade do nada que deixâmos nos affecta, comquanto se antolhe já a eternidade, se a morte nos tomou de subito ainda no meio da carreira, e a apathica insensibilidade da velhice nos não annuviou os olhos para não vermos o escabroso do transito, nos não embotou o paladar para não saborearmos o amargor das ultimas fezes da vida que se escoa, uma consideração importante e consoladora deve acudir para allivio ao christão moribundo, e é esta, que se a Providencia Divina permitte na sua alta sabedoria que a mais bella alma seja agitada no mundo pelos maiores revezes da fortuna, é porque lhe reserva mais vantajoso quinhão na gloria dos justos.

Era o Poeta mortal, e por isso sujeito ás fraquezas humanas; e assim, se na maior força da amargura da vida lhe resvalava dos labios alguma imprecação irreflectida, logo se acoutava á religião, e mais de uma vez nos Livros Santos, no livro de Job, n'este exemplar da paciencia na adversidade, procurava remedio e resignação para o soffrimento. Agora porém mais suave balsamo buscava, como conforto, nos Sacramentos que a Igreja, como mãe carinhosa, administra aos seus filhos; é isto não só conjectura assentada em bom fundamento, nos principios religiosos do Poeta, mas ainda o assevera um escriptor da sua vida.

Mas era já tempo que aquelle corpo, mutilado pela espada do inimigo, alquebrado pelas ondas do mar, requeimado pelos ardores do sol da Africa e da Asia, opprimido pelas molestias que trazem os trabalhos do corpo e do espirito, repousasse; recebeu-o a terra em seu seio benefico, onde se acabam as fadigas d'esta vida transitoria e começa outra de paz e infinita. Os exercitos de Castella íam invadir Portugal, já estavam proximos á nossa fronteira, quando o Poeta lutava entre a vida e a morte; uma catastrophe como esta, maior de quantas tinha experimentado em vida, não podia deixar de levar a ultima ferida mortal áquelle coração portuguez, cheio de amor por aquella sua outr'ora *ditosa patria*. Succumbiu cumprindo-se-lhe o desejo de morrer n'ella e com ella, aos cincoenta e seis annos de idade, no dia 10 de Junho de 1580[1]. Este anno, nefasto nos annaes portuguezes pela perda da independencia nacional, e que marca aquelle em que teve fim tão atormentada existencia, foi fatal para o genio; ao mesmo tempo, que agonisava Camões, e se lhe não cabia na terra a brilhante ovação do Capitolio, ía receber no céu este excellente Poeta e melhor cidadão mais gloriosa corôa, jazia encerrado em um hospital de doidos o Tasso, arrastava pesados grilhões em uma masmorra da Africa Miguel Cervantes, e exercia o vil officio de magarefe Shakspeare. Este anno nos arrebatou tambem o Cicero portuguez, o Bispo Jeronymo Osorio, e o grande D. Luiz de Athaide, esse ultimo gigante da gloria portugueza, que poucos momentos antes acabava de arcar com todo o poder da Asia, colligado contra os nossos dominios. Feliz o heroe da India que preferiu talvez, como o nosso Poeta, estalar de dor, ao assistir ás exequias da sua patria!

Pouco tempo depois, quando Filippe II deu a sua entrada em Lisboa, procurando pelo Cantor dos Lusiadas, e dizendo-se-lhe que era fallecido, se mostrou pezaroso; porém temos toda a rasão para acreditar, pelos precedentes do Poeta, que elle preferiria a sua pobreza honrada a receber o oiro envilecido das mãos do tyranno da patria. Comtudo exige a imparcialidade que se diga que conservou 6$000 réis dos 15$000 réis que elle recebia[2], a sua mãe Anna de Sá, attendendo aos serviços do filho, feitos na India e no reino, e não lhe ficar outro herdeiro, e ser ella muito pobre e velha, inteirando-lhe depois a pensão dos 15$000 réis[3] no anno de 1584, epocha em que ainda era viva.

[1] Documento K.
[2] Documento J.
[3] Documento L.

XXIV

Foi Luiz de Camões, diz Manuel Severim de Faria, de mediana estatura, cheio de rosto, algum tanto carregado de fronte, nariz comprido, levantado no meio e grosso na ponta; cabello loiro quasi açafroado, gentil e engraçado na apparencia quando era moço e antes de perder o olho direito. O mais antigo retrato, ou o primeiro, que possuimos do nosso auctor, é o que foi publicado no anno de 1624 no elogio que lhe fez Manuel Severim, e havia sido mandado gravar por seu sobrinho Gaspar Severim de Faria dois annos antes. N'esta gravura subscripta por *A. Paulus,* é representado o Poeta em meio corpo e em vestuario militar, pousando uma mão sobre os Lusiadas, e com a outra pegando na penna, e no alto do quadro se vêem as armas da familia, lendo-se embaixo esta subscripção:

MUSIS ET POSTERITATI S.

LUDOVICO DE CAMÕES, EQUITI LUSITANO,
POETÆ CELEBERRIMO, MUSARUM DELITIIS GRATIARUM ALUMNO,
HUMANARUM LITTERARUM ENCYCLOPEDICO,
NECNON ARMATÆ PALADIS EGREGIO SECTATORI.
IN QUO FELICISSIMUM INGENIUM ET ADVERSA FORTUNA DECERTARUNT.
GASPAR SEVERIM DE FARIA VERAM EFFIGIEM ENEA TABULA INCISAM,
UT QUI ORBEM JAM FAMA OCCUPAVIT PRESENTIA EXORNAT.

D. D. Q.

Manuel de Faria e Sousa juntou tambem ao commentario dos seus Lusiadas um retrato representando um busto; e na base as armas, e o emblema das palmas e da espada, que julgo foi escolhido por João Franco Barreto. Nos commentarios autographos aos Lusiadas do mesmo Faria e Sousa, que se conservam na real bibliotheca das Necessidades, vimos um retrato em uma portada que serve de frontespicio ao livro, feito por mão de Faria e Sousa —es hecho de mano de Faria e Sousa— e com a declaração de ter sido tirado aos quarenta annos do Poeta; o mesmo commentador preparava em Roma uma estatua para ser depositada junto á sua sepultura, porém não pôde traze-la concluida.

Com melhor buril e pouca differença no vestuario se vê outro retrato seu na Apologia com que saiu João Soares de Brito, no anno de 1641. O retrato está em uma elliptica que se encaixa em um parallelogrammo, e junto aos angulos superiores d'este parallelogrammo, pela parte interna se vêem duas figuras embocando cada uma a sua trombeta, e nos angulos inferiores de cada lado uma espada pendente, e em torno da elliptica esta inscripção:

MANSURA PER ŒVUM FATORUM COMITIS.

Na traducção castelhana de Tapia de 1580, na folha do titulo, parece estar o Poeta representado em uma vinheta com a lança em punho, e na acção de querer montar a cavallo.

O seu retrato vemos alem d'isto que ornava as salas e bibliothecas dos curiosos, e a um d'estes encontrámos uns versos em castelhano em um cancioneiro do seculo XVII, que suppomos feitos por D. João de Almeida:

Soi quien los hechos del felice Gama
Engrandeci con tan divino canto,
Que en el soberbio templo de la fama,
Los dos quedamos por eterno espanto,
Alcançando entre aquelles que la rama
Del lauro cinen mi alta pluma tanto,
Que de quanto el mundo estima e nombra
Yo solo soy la luz, y ellos la sombra.

Na edição das obras de Camões, por Manuel Lopes Ferreira (1720), apparece um novo retrato em corpo inteiro, que me parece tirado de algum retrato antigo, e vê-se o Poeta representado na acção de compor, sentado junto a uma banca em uma sala, cujas paredes estão ornadas com dois quadros de batalhas. Conheço tambem um pequeno busto executado em madeira, com olhos azues, cabello ruivo, que serviu de gastão a uma bengala muito antiga que tinha em volta um anel de prata, onde se lia o anno do nascimento e fallecimento do Poeta. Eu tenho tambem um retrato a oleo que me parece antigo, que apresenta certa expressão de melancholia no rosto e alguma differença dos outros retratos.

Possuia um em ponto pequeno a sua amante D. Catharina de Athaide, que costumava trazer no seio, o que deu logar ao Poeta, vendo o seu transumpto collocado em sitio tão privilegiado, e logar de tanta gloria,

romper n'estes lindos versos, em que manifesta o desejo de dar sentidos e vida áquella copia; versos que, postoque correm nas suas poesias, por desconhecidos, principalmente dos estrangeiros, peço licença ao leitor para aqui os trasladar:

Retrato, vós não sois meu
Retrataram-vos mui mal,
Que a sereis meu natural
Foreis mofino como eu.

GLOSA

Inda que em vós a arte vença
O que o natural tem dado,
Não fostes bem retratado,
Que ha em vós mais differença
Que no vivo do pintado:
Se o lugar se considera
Do alto estado que vos deu
A sorte, que eu mais quisera,
Se he que eu sou quem d'antes era,
Retrato, vós não sois meu.

Vós na minha gloria posto,
Eu na vossa sepultura,
Vós com bens, eu com desgosto
Pareceis-vos ao meu rosto,
E não já á minha ventura.
E pois n'ella e vós erraram
O que em mim he principal,
Muito em ambos se enganaram:
Se por mim vos retrataram
Retrataram-vos mui mal.

Mas se esse rosto fingido
Quisereis representar,
Ouvera por bom partido
Dar-lhe a alma do sentido
Para a gloria do logar.

Vireis posta nessa altura
Que em vós não ha cousa igual,
Que nem a maior mal
Podeis vir, nem mor baixeza
Que serdes meu natural.

Porisso não confesseis
Serdes meu, que he desatino
Com que o lugar perdereis:
Se conservar-vos quereis,
Blasonai que sois divino.
Que se nesta occasião
Conhecessem que ereis meu
Por meu vos derão de mão
. . . .
Foreis mofino como eu.

XXV

Era o Poeta no trato agradavel, alegre e engraçado, como attestam algumas de suas poesias escriptas a damas e amigos; mas esta alegria começou a perder na India, nos ultimos tempos que alí militou, entregando-se á melancholia, sentimento que se apoderou de todo d'elle na sua volta para o reino. Dos seus habitos pouco podemos dizer, nem tratariamos de certas miudezas que só interessam quando dizem respeito aos grandes homens, se não contassemos como predecessores n'estas minuciosas narrativas homens os mais abalisados. Suetonio nos diz que Cesar era molestado dos callos, e Horacio nos diz de si que soffria dos olhos, e seu amigo Virgilio do estomago; o Manso e Chateaubriand não omittiram cousas da mesma natureza nas suas biographias, o primeiro do Tasso, e o segundo de Milton.

Não podemos dizer se, como o Tasso, o Poeta trajava sempre de negro, ou como Milton de panno grosso e alvadio, antes pelo contrario nos parece que na sua mocidade fôra cuidadoso no seu vestuario; o Poeta galanteador das damas, como todos os que por ahi passaram, sabia que apreço aos olhos d'ellas tem um vestuario elegante e fastuoso. Nas suas poesias se encontra um pequeno poema, em que recorda a um fidalgo de uma maneira graciosa e delicada a promessa que lhe

havia feito de uma camiza; objecto do vestuario do homem, n'aquelle tempo, do mais subido valor, como nos attesta Manuel de Faria e Sousa em uma nota (inedita) commentando a esparça, na qual o Poeta se refere á falta da promessa d'aquelle fidalgo. Sabemos porém que elle usava de um chapéu de abas grandes, o que deu logar a um epigramma (inedito) seu, ao ouvir uma senhora que estava a uma janella, chamar outra para ver o *homem das abas grandes*, que começa:

Quem por abas me quer conhecer, etc.

e que eu não termino por ser d'aquelles poucos do nosso Poeta, que peccam algum tanto contra a decencia.

Se Milton ceiava seis azeitonas, e lhe bebia em cima um copo de agua, as refeições do nosso Poeta eram de uma natureza mais substancial. A ceia dada na India aos fidalgos que vieram com D. Constantino de Bragança nos deixa ver quanto elle se deleitava n'estas agradaveis reuniões de amigos, em que a amizade se espraia, e a alegria vem tirar uma can que alveja na cabeça ainda quente, mas que vae em breve cobrir-se com o gelo da velhice. Entre amigos soldados e homens espirituosos, bem educados e cavalheiros, não podiam deixar de ser estes ajuntamentos os mais deleitosos; sem participarem da orgia que nauseia ou do cerimonial que abafa a alegria, eram comtudo mais livres, temperados porém pela cortezia e boa educação dos fidalgos mais illustres que os compunham, do que essas ceias semi-cerimoniaticas do nosso Sá de Miranda, e que elle nos descreve na sua carta II:

Ó ceas do parayso
Que nunca o tempo vos vença
Sem falla trocada ou riso,
Nem carregadas do siso,
Nem danadas da licença:

e assim devia ser; a tenda do soldado, a vida do homem de armas offerece outras liberdades que não se toleram ao magisterio ou á toga do magistrado.

Por alguns epigrammas engraçadissimos nos consta que o Poeta era excessivamente goloso de gallinhas; mais de alguma vez alguns fidalgos com quem tinha amizade, para despertarem a sua musa jocosa lhe faziam promessa, em troco de versos, de algumas aves d'esta especie,

fingindo faltar-lhe ás vezes com o promettido para lhe arrancar ditos espirituosos e chistosos; Faria e Sousa tira d'aqui pretexto para arguir aquelles fidalgos, que diz que tinham alma de gallinha; longe porém de ser da opinião do commentador, eu só encontro n'estes brinquedos uma prova de estimação e de intimo trato dos ditos fidalgos com o nosso auctor, o qual sem duvida ao serio não soffreria tão ridicula paga pelos seus versos divinos. Indo o Duque de Aveiro ouvir missa a Nossa Senhora do Amparo, ahi encontrou o Poeta, e perguntando-lhe o que queria da sua mesa, respondeu-lhe logo que bastava que lhe mandasse uma gallinha; esqueceu-se o Duque, ou fingiu esquecer-se, e depois de haver jantado, quando já não havia outra cousa, lhe mandou uma peça de carneiro, e o Poeta pelo mesmo creado lhe remetteu estes versos:

Já eu vi a taverneiro
Vender vacca por carneiro,
Mas não vi por vida minha
Vender vacca por gallinha,
Se não ao Duque de Aveiro.

D. Antonio, senhor de Cascaes, por uns versos lhe havia promettido seis gallinhas recheadas, e por gracejo lhe mandou por principio de paga só meia gallinha; accudiu logo o Poeta com esta copla:

Cinco gallinhas e meia
Deve o senhor de Cascaes,
E a meia vinha cheia
De appetite para as mais.

Outro por uma carta de amores lhe mandou quatro frangãos, sem duvida em logar de gallinhas; o Poeta não lhe perdoou, e juntamente com a carta lhe enviou estes versos:

Moscas, abelhas e zangãos
Me comam bofes, e baço,
Se outra como esta faço
A troco de quatro frangãos.

A virtude quando passa ao excesso degenera em vicio; ninguem dirá que um bem calculado equilibrio da receita e despeza não seja uma

condição necessaria para o bem estar da existencia; mas se de economia passa ao desejo hydropico de amontoar e enthesourar riqueza inutil, produz o vicio mais sordido e desprezivel, o da avareza. Do mesmo modo se o coração magnanimo e generoso acha uma agradavel voluptuosidade em repartir a fortuna adquirida, se isto é feito com mãos largas produz o vicio opposto, o da prodigalidade, e se é cabeça de familia o que o pratica, são victimas os dependentes, e se é isolado o proprio individuo. D'este vicio, que aliás tem a maior parte das vezes uma origem nobre, foi o nosso Poeta tocado, e a elle attribue Pedro de Mariz os seus embaraços e infortunios, dizendo que como era grande gastador mui liberal e magnifico, pouco lhe duravam os bens temporaes.

Foi mais o Poeta fragueiro de corpo e de um animo esforçado, como attestam as honrosas cicatrizes que apresentava no seu rosto.

> Agora experimentando a furia rara
> De Marte, que nos olhos quiz que logo
> Visse e trocasse o acerbo fruto seu,
> E neste escudo meu
> A pintura verão do infesto fogo.

Em o seu poema se abona a El-Rei D. Sebastião, como soldado valoroso e affeito ás armas.

> Para servir-vos braço ás armas feito.

E na carta I, escripta da India, passa em revista alguns valentões que ali militavam, e n'este numero menciona a Calisto de Siqueira, que Diogo do Couto nos diz que era o maior espingardeiro do mundo, e de quem conta bravuras; a maneira ironica como o Poeta falla n'elle, dizendo que promettêra em uma tormenta conduzir-se mais humanamente, dá a crer que entre ambos se travaram rasões. N'esta mesma carta nos diz, que antes da sua partida de Lisboa, vira as solas dos pés a muitos, mas que nenhum lhe vira as suas. Esta opinião, embora justificada, do seu valor, não só o lançou em rixas, ás vezes involuntarias, e embaraços, mas dava logar, ao que parece, a que os amigos e camaradas o apodassem com a alcunha do *Trinca-fortes*, como se deprehende de um epigramma do seu amigo Antonio Ribeiro Chiado, em um certame poetico e gracioso, sendo o premio, posto por um fidalgo, uns melões que tinha em uma giga uma regateira:

Luiza tu te avisa
Que taes meloens lhe não des,
Por que esse que ahi ves
Trinca fortes mala guisa.

Algum Catão severo não perdoará ao Poeta o ter ás vezes sacrificado a Venus; nós porém lembrando-nos que todos somos filhos de Adam, pedimos alguma indulgencia para com elle, quando temos a confessar uma aberração sua, isto é, os seus amores com a escrava Luiza Barbara. Debalde o Poeta se esforça em responder[1] á critica que experimentava por este motivo, na bella ode x, trazendo em seu favor os exemplos de Achilles, Salomão e Aristoteles; não colhe o exemplo do primeiro, pois no mesmo Horacio (ode iv, liv. ii), d'onde o Poeta tirou o pensamento d'esta ode, se encontra a differença da côr do objecto amado.

Ne sit ancillæ tibi amor pudori
Xanthia Phoceu; prius insolentem
Serva Briseis *niveo colore,*
Movit Achillem.

Podiamos adduzir em defeza do Poeta, o verso do seu collega epico e admirador, o grande Tasso:

.... la Regia moglie
Che bruna e si, ma il bruno il bel non toglie:

e se em objecto de tal natureza podessemos citar os Livros Sagrados o

Nigra sum sed formosa.

Porém a verdade e imparcialidade que havemos tomado a peito desde o principio d'esta memoria, só nos permitte attenuar, mas não justificar um erro. Diremos pois em sua defeza que se o porco de Epicuro se incarnou passageiramente no corpo do Poeta, a sua alma divagou quasi sempre em uma região etherea e platonica, e que esta distracção parece que só teve logar depois que a morte apagou aquella luz radiante que o vivificava, e que ficando solitario, e em trevas no mundo,

[1] Vide nota 72.ª

parece que tambem *nas trevas* quereria viver: que a escrava talvez fosse d'estas pardas asiaticas, que apresentam ás vezes fórmas esbeltas e feições regulares, pois aliás me parece que a poesia do nosso Poeta, descrevendo os cabellos, apesar de poderosa, não teria mais força do que o pente em uma rebelde carapinha. Talvez a alma mais candida habitasse um corpo negro, principalmente se é verdade o que se diz que ella saía a mendigar-lhe o sustento, lhe amansasse os tormentos da vida, lhe adoçasse as amarguras, e assim a gratidão ultrapassase os limites da amizade.

Presença serena
Que a tormenta amansa,
Nella emfim descança
Toda a minha pena.
Esta he a captiva
Que me tem captivo,
E pois nella vivo
He força que viva.

Diremos finalmente com o mesmo Poeta:

Fraquezas são do corpo que he da terra,
Mas não do pensamento que he divino.

Porém se o censor severo ainda assim se não inclinar a desculpar esta fragilidade, leia os lindos versos feitos á mesma escrava, que deveram a honra de uma traducção de Chateaubriand; e, tal é o poder do genio! talvez o mesmo leitor se enamore da escrava.

Mas apesar de algumas fragilidades, e quem as não tem, como avultam virtudes tão reaes? Que incendido enthusiasmo e amor pela patria! Como o devora o desejo de exaltar e fazer sobresaír o elogio da sua querida patria, especialmente nos cantos III e VII, quando descreve a Europa, e na invectiva que dirige ás nações poderosas que se guerreiam em logar de converter os seus esforços contra o inimigo commum! Como é minado pela saudade, longe da terra natal!

Esta he a ditosa patria amada
Á qual se o ceo me dá que eu sem perigo
Torne com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo.

Note-se que o Poeta não profere uma só vez o nome da patria, que não seja revestido de um epitheto amoroso e de ardente patriotismo.

Que bellas maximas! que lições tão moraes apresenta o seu Poema, que nobre liberdade em exprimir os seus sentimentos! É a um rei a quem se dirige, e não receia tocar na injustiça e ingratidão de seu bisavô, nos erros de seus antepassados, e o que é mais ainda, nos do proprio monarcha e d'aquelles que o cercavam.

> Via Acteon na caça tão austero
> De cego na alegria bruta insana,
> Que por seguir hum feo animal fero,
> Foge da gente e bella forma humana.
> ....
> Ve que esses que frequentam os reaes
> Pàços, por verdadeira e sãa doutrina,
> Vendem adulação que mal consente
> Mondar-se o novo trigo florecente.

Ao mesmo tempo que elle deseja ver os religiosos afastados das temporalidades, elle os quer ver circumscriptos no seu santo instituto. O final do seu poema é um verdadeiro cathecismo de reis, que os nossos deviam trazer sempre na memoria, como expressões saídas de um coração portuguez, de um homem honrado e de um verdadeiro amante da sua patria. Mas se se apresenta como um advogado do povo opprimido e ousa com nobre ousadia dizer perante o mesmo rei:

> Leis em favor do Rey se estabelecem,
> As em favor do povo só perecem;

elle não vem como vil adulador captar a benevolencia inconstante d'esse mesmo povo, tão facil em embriagar-se nos seus amores e odios, antes pelo contrario o não poupa quando consola a D. Constantino de Bragança, apontando-lhe os exemplos de ingratidão para com Themistocles, Cimon, Aristoteles e Demosthenes.

> Demosthenes lançado das tormentas
> Populares, a Pallas foi disendo,
> Que de tres monstros grandes te contentas,
> Do Drago, e moucho, e do vil povo horrendo.

Mas ai d'aquelle que ousou no campo de batalha voltar costas ao inimigo, quando se tratava de defender os interesses da patria; a disciplina militar não podia infligir-lhe mais severa pena do que a exprobração de um camarada e companheiro nos perigos que, como elle diz de si, nunca os inimigos lhe viram as solas dos pés. Lede a elegia (inedita) á morte de seu amigo D. Alvaro da Silveira, lede a x á de D. Miguel de Menezes, em a qual se encontram estes bellos versos que pela sua energia não posso resistir a transcreve-los:

Mas ai! qual terror subito occupou
O vosso claro peito ó portuguezes?
Qual pavido temor vos congelou?
Que lançadas, que mortes, que revezes
Vos fizeram fazer tamanha injuria
Aos fortes luzitanicos arnezes!
Ou já de Capitam sobeja incuria,
Ou fraqueza? Não: que elle sustentava
Com seu peito, dos barbaros a furia.
Ou já do ferreo cano a força brava
Com estrondos que atroam mar e terra,
E os corações ardentes congelava?
Ah! Quem vos fez que os impetos da guerra
Não sustentasseis com valor ousado,
Desprezando o furor que a vida encerra?
A vida por a patria e por o estado
Pondo vossos avós, a nós deixaram
Em terra e mar exemplo sublimado.
Elles a desprezar nos ensinaram
Todo o temor. Pois como agora os netos
Subitamente assi degeneraram?
Não podem por certo, não, viver quietos
Com fea infamia peitos generosos,
Já em publicos lugares, já em secretos.
Mortos de Espartha os heroes valerosos
Da fera multidão, fazendo extremos
Taes epitaphios tinham gloriosos:
Dirás Hospede, tu, que aqui jazemos
Passados do inimigo ferro em quanto
Ás santas leis da patria obedecemos.

Fugindo os persas vão com frio espanto,
Mas acham as mulheres no caminho
Mostrando-lhes o ventre em furor tanto.
Pois do dano fugis vendo o visinho,
Fracos, vinde a esconder-vos (lhes diziam)
Outra vez no materno, e escuro ninho.
Vede quaes com mais gloria ficariam,
Se aquelles que morreram pelo estado,
Se estes a quem mulheres injuriam?

Que nobreza de sentimentos, e que energia de invectiva respira toda esta poesia!

A mesma emprega na elegia (inedita) em que chora a morte do seu querido amigo D. Alvaro da Silveira, na malfadada empreza de Baharem em que este Capitão foi victima, a acreditarmos o Poeta, do pouco esfôrço com que foi auxiliado pelos seus soldados que vergonhosamente o abandonaram.

Más gentes que não tem de natureza
Esforço, espirito, sangue e condição,
O seu natural he mostrar fraqueza.
Deixam morrer seu proprio Capitão,
Deixam perder as forças que os sostem,
E tudo lhes consente o coração.
Não tratam da gloria deste bem
Deste viver na fama sempre e vida,
O que lhe dizem desta não o creem.

Resumindo diremos pois que o Poeta, destituido de todos os meios da fortuna, se apresenta censor imparcial dos erros em todas as classes da sociedade, começando pelo Rei e terminando no povo, desejando para todos uma justiça distributiva e igual, nos seus respectivos circulos; e compare-se este modo de proceder com a lisonja dos seus contemporaneos, e veremos quão nobre era a alma d'aquelle que no meio da maior indigencia, não curvou o joelho á mentira e á adulação, e concluiremos, examinando os preceitos moraes do seu Poema, reflexo do seu coração, que a mais bella alma habitou aquelle corpo que nunca se poupou em servir a patria que adorava, e que ainda hoje nos faz amar.

XXVI

Não deixa de ser curioso, tambem, o examinar o alcance das vistas politicas do nosso Poeta. Havia elle militado na Africa e na Asia, e como soldado pratico conhecia que, postoque o coração de Portugal era grandioso, as forças physicas do paiz não eram sufficientes para tão gigantescas e dilatadas emprezas; assim julgava que se devia robustecer com conquistas mais ao pé da porta, d'onde derivasse força e não se enfraquecesse a população: esta opinião manifesta, pela bôca do velho que na despedida da esquadra de Vasco da Gama, se dirige aos navegantes:

> Não tens junto comtigo o Ismaelita
> Com quem sempre terás guerras sobejas,
> Não segue elle do Arabio a lei maldita
> Se tu pela de Christo só pelejas?
> Não tem cidades mil, terra infinita,
> Se terras e riquezas mais desejas?
> Não he elle por armas esforçado
> Se queres por victorias ser louvado?
>
> Deixas criar ás portas o inimigo,
> Por ires buscar outro de tão longe
> Por quem se despovoe o reino antigo,
> Se enfraqueça, e se va deitando a longe!
> Buscas o incerto, e incognito perigo,
> Porque a fama te exalte e te lisonge,
> Chamando-te senhor, com larga copia
> Da India, Persia, Arabia e de Ethiopia.

Mas é sobretudo, quando Camões trata do vasto plano europeu de aniquilar o imperio ottomano, que a sua imaginação se inspira de uma nobre e eloquente poesia, e que o pensamento politico do Poeta e estadista avulta. Leão X, este nome que não póde ser pronunciado sem respeito e acatamento por todo o homem que preza as sciencias e as artes, presidia á Igreja Universal no principio do seculo XVI, havendo-se completado na ultima metade do seculo que findava dois grandes acontecimentos politicos da maior importancia, a quéda do imperio grego (1453) e a descoberta da India (1497): e postoque os esforços

dos portuguezes na Africa e na Asia [1] cortavam as azas aos vencedores de Constantinopla, não eram sufficientes para de todo livrar a Europa do jugo que a ameaçava e dos vexames que soffria a sua navegação. É n'esta conjunctura que o Pontifice medita uma liga entre todos os Principes Catholicos, para apagar da carta da Europa essa mancha de barbarismo e vergonha da christandade; envia por emissarios aos differentes Soberanos da Europa os Cardeaes mais distinctos pelo seu talento; proclama uma tregua de cinco annos entre todos os principes, fulminando o raio da excommunhão contra aquelle que a romper; e para dar toda a solemnidade a este acto, e impetrar o favor divino, assiste a procissões com a cabeça descoberta e pés descalços, celebra o officio divino, distribue esmolas, procurando por todos os meios conciliar o favor do céu. Feitas as mais judiciosas pesquisas sobre as forças e os lados fracos para o ataque do imperio ottomano, ouvidas as pessoas mais competentes da arte, traça o plano com o qual devia succumbir este poder que engrossava e que ameaçava a Europa de a sepultar nas trevas da ignorancia. O Imperador da Allemanha devia fornecer um numeroso exercito, e seguido pela cavallaria hungara e polaca, depois de ter passado o Danubio, entraria na Bohemia, atravessaria a Thracia para atacar Constantinopla. O Rei de França com todas as suas forças, acompanhado dos exercitos venezianos e dos Principes da Italia, e de um corpo formidavel de infanteria suissa, devia passar de Brindes ao Adriatico, e occupar a Grecia habitada por muitos christãos que anhelavam por sacudir o jugo musulmano. As frotas de Hespanha, Portugal e Inglaterra reunir-se-iam em Carthagena, e unidas velejariam para os Dardanellos para atacar por mar a capital do imperio ottomano. Mas tão energicos e catholicos esforços só deram em resultado uma liga defensiva, e esta mesma quebrada e aniquilada por successos posteriores que tiveram logar. Que futuro aguardava o mundo se este pensamento grandioso de tão illustrado Pontifice tivesse sido levado a effeito! Mas o genio do mal não o consentiu; appareceu Luthero [2], e as suas perniciosas doutrinas acharam echo no coração, digo na sensualidade e cobiça de alguns Principes; e as armas que se deviam converter contra o inimigo commum, foram romper o seio do pae, do irmão e do amigo em lutas crueis e intestinas. Não seria difficultoso o provar que o protestantismo atrasou a civilisação da Europa

[1] Vide nota 73.ª
[2] Vide nota 74.ª

seculos, e cortou para sempre a lisonjeira idéa de ver o mundo, pelo menos a Europa, constituindo uma só communidade, e adorando unisona pela mesma bôca e nas mesmas aras o mesmo Deus. Com a quéda do imperio ottomano, a Africa estaria hoje civilisada [1], e é bem natural que a sua conquista, tão galhardamente por nós intentada, como infelizmente depois malograda por mau conselho, teria sido efficazmente auxiliada não só pela assistencia dos principes confederados, mas ainda com o apoio moral do Pontifice, convidando as nações catholicas para nos coadjuvarem n'esta empreza para a qual medimos mais o nosso coração, do que as nossas forças. A Polonia e a Hungria, augmentando-se provavelmente a segunda até á foz do Danubio, existiriam como nações poderosas, cabendo-lhes a gloria de serem as fronteiras da Europa; o imperio grego resuscitado, rico das suas tradições e memorias antigas, formaria uma nação commerciante, rica, poderosa e illustrada pertencendo á communhão europea, e o scisma grego teria desapparecido [2] no meio do enthusiasmo, dos poderosos exercitos que acabavam de os libertar, e por gratidão para com o Pontifice illustrado, causa efficiente de verem as cadeias que os opprimiam quebradas; pequenas modificações e concessões, uma pouca de prudencia e juizo era sufficiente para dar este grande dia de jubilo á Igreja. O equilibrio europeu, pela ordem natural das cousas, tenderia a basear-se mais solidamente, para o que concorreria não pouco o resurgimento do imperio grego e a existencia das duas hoje defuntas nações, a Polonia e a Hungria, tão hypocritamente choradas, equilibrando-se o poder então colossal da Casa d'Austria, ainda nascente por judiciosas resistencias. Pelo interesse da Italia, o Papa procuraria afastar a França e a Austria da Italia, e ambas abandonando uma guerra infructifera e aborrecida aos povos conquistados de costumes diversos, teriam achado equivalentes compensações, a primeira estendendo as suas fronteiras até o Rheno, e a segunda na mesma Allemanha, dando logar a outras combinações monarchicas homogeneas pela crença, que estabelecessem a unidade da familia allemã, tendo-se cortado as rivalidades que produziram tanto sangue inutilmente derramado, e as quaes são ainda hoje um cancro que as devora. A Italia, sempre infeliz, se fosse possivel mudar a sua fórma de pequenos governos, poderia ter formado uma confederação monarchica sobre bases solidas, e não teria nadado em sangue, sendo

[1] Vide nota 75.ª
[2] Vide nota 76.ª

o theatro onde se disputassem interesses heterogeneos á sua existencia como nação.

O poder da Inglaterra não existiria pesando sobre as outras nações[1], sendo necessaria a ruina e discordia d'ellas para o seu engrandecimento e conservação; porém não adivinhando ainda o alto logar onde a collocou a ignorancia e descuido dos povos, especialmente dos seus alliados, seria pela sua posição, industria e intelligencia a alliada sincera do Occidente, e quasi metade de seus habitantes não jazeriam na mais vergonhosa escravidão pelo espaço de tres seculos. A Hespanha tinha nas suas conquistas do novo mundo sufficiente emprego para exercer a sua energia, e Portugal, fortalecido com a acquisição da Barberia, sobeja força para sustentar a sua independencia e conquistas; e na Asia os restos do islamismo acossado succumbiriam aos fios da sua espada sempre vencedora. A Russia[2], este colosso que assusta a Europa, não teria existido, ou, sepultada na sua barbaridade, não poderia lutar com a civilisação do Occidente, tendo alem d'isto ás portas nações guerreiras e poderosas; ou abandonaria, a exemplo da Grecia, o scisma e seria temperada pela influencia civilisadora do Pontifice, ou teria a combater-se com a Suecia, então catholica, que a conteria nos seus justos limites. As artes e sciencias teriam tido um espantoso incremento: a Grecia, debaixo da influencia de uma religião eminentemente civilisadora, patria antiga das artes e sciencias, nutriria mais um Homero, um Appelles e um Phidias, que fraternisassem com o Tasso, Raphael e Miguel Angelo, e o estreito contacto dos dois antigos focos das artes e sciencias allumiariam o mundo com duplicada luz. As reformas sociaes seriam operadas successivamente pela acção do tempo, pela lima da civilisação, pela força suave e persuasiva do Evangelho e pela justa reacção dos opprimidos, procurando-se resolver o problema difficil, de uma justa administração quanto o comporta a imperfeição do genero humano. Tal era o futuro que á minha imaginação parece que aguardavam, ou pelo menos podiam aguardar as gerações futuras, e de que hoje colheriamos o fructo. Mas o genio da discordia soprou as suas iras entre os Principes e povos catholicos, ficando sem effeito os generosos esforços do Pontifice: Henrique VIII nega a obediencia ao Papa, a Allemanha nada em sangue para sustentar os erros de um frade apostata, succedem-se as guerras de Francisco I e Carlos V, auxiliando-se o pri-

[1] Vide nota 77.ª
[2] Vide nota 78.ª

meiro do mesmo turco, e só Portugal fica em campo combatendo o inimigo commum na Africa e na Asia. Este estado de cousas aguilhoava a alma religiosa do Poeta, e o seu coração se commovia ao ver o duro captiveiro que experimentavam os povos cultos dominados por vencedores brutaes, e o digno emulo de Homero não podia deixar de lamentar a barbaridade que abrasava a patria das sciencias, outr'ora tão fecunda em grandes genios, e descripta com tanto enthusiasmo no canto III dos seus Lusiadas:

> E vós tambem, ó terras excellentes,
> Nos costumes, engenho e ousadia,
> Que criastes os peitos eloquentes
> E os juizos de alta fantezia,
> Com que tu clara Grecia o ceo penetras
> Não menos nas armas que nas lettras.

Rompe em uma acalorada invectiva contra o desleixo, indifferença e crimes das outras nações, tomando d'aqui pretexto para exaltar a sua; invectiva que occupa no seu Poema umas quatorze estancias, e são estas de uma tal belleza e tão sublime eloquencia que não posso deixar de transcrever as ultimas:

> Os miseros Christãos, pela ventura:
> Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
> Que huns aos outros se dão a morte dura,
> Sendo todos de hum ventre produzido?
> Não vedes a divina sepultura
> Possuida de cães, que sempre unidos
> Vos vem tomar a vossa antiga terra,
> Fazendo-se famosos pela guerra?

> Vedes que tem por uso, e por decreto,
> Do qual são tão inteiros observantes,
> Ajuntarem o exercito inquieto,
> Contra os povos que são de Christo amantes:
> Entre vós nunca deixa a fera Aleto
> De semear cizanias repugnantes:
> Olhai se estais seguros de perigos,
> Que elles e vós, sois vossos inimigos.

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheas,
Não vedes que Pactolo e Hermo rios,
Ambos volvem auriferas areas?
Em Lydia, Assyria lavram de ouro os fios;
Africa esconde em si luzentes veas:
Mova-vos já se quer riqueza tanta,
Pois mover-vos não póde a causa santa.

Aquellas invençoens feras, e novas,
De instrumentos mortaes da artilheria,
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Bysancio, e de Turquia;
Fazei que torne lá ás sylvestres covas
Dos Carpios montes, e da Scythia fria,
A turca geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos,
Bradando-vos estão, que o povo bruto
Lhe obriga os charos filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão: duro tributo!
Em castigar os peitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte, e astuto;
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

Mas em tanto que cegos, e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltarão Christãos atrevimentos
Nesta pequena caza Lusitana.
De Africa tem maritimos assentos;
He na Azia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E se mais mundo houvera lá chegára.

Para dar todo o valor a esta apostrophe, è preciso que se saiba que quando o Poeta a escrevia se preparava em Lisboa uma lusida armada para a liga contra o turco a instancias do Papa, e que uma horrivel

tempestade destroçou no Tejo. Hoje (1854) que eu escrevo estas regras, os mares se acham coalhados de esquadras, movem-se os exercitos, multiplicam-se os instrumentos da morte, e a atmosphera se acha toldada e pejada com os futuros destinos do mundo, que vão decidir-se junto aos muros da antiga Bysancio. Calcará aos pés a thiara do Pontifice o czar vencedor e resurgirá uma sociedade nova, ou abroquelada a Europa de uma invasão do Norte, pelo broquel do novo czar do Occidente, será sopeada e enfreada temporariamente a anarchia para mais tarde, como corsel indomado, calcar aos pés a ordem e a propriedade e repetirem-se as scenas de 1790 e 1848? Trará a excessiva civilisação, sceptica, sem fé nem esperança e materialista, concebida no ventre a barbaridade futura? É este, digo, o terrivel problema que talvez aponta na aurora nebulosa do futuro, legado pelos desvarios, desunião e falsa politica de nossos antepassados, e pelos crimes e indifferentismo dos Reis e povos em os seus mutuos e verdadeiros interesses.

XXVII

Mas voltando ao nosso Poeta que deixámos fallecido: quaes foram as paredes que foram confidentes das suas ultimas maguas, que ouviram os seus ultimos suspiros, que presencearam scenas de tanta dor e amargura, e escutaram, com voz sumida entre o estertor da morte, aquellas suas palavras patrioticas —morro com a patria— é o que não podemos perfeitamente dizer. Alguns affirmam que acabou os seus dias no hospital; Manuel Correia nada diz a este respeito, antes pelo contrario, commentando a estancia XXIII do canto X, na qual o nosso Poeta allude a Duarte Pacheco que morreu no hospital, fazendo menção da triste sorte d'aquelle valoroso Capitão que foi expirar em uma casa d'estas de caridade, diz que o mesmo tem succedido a outros muitos excellentes varões de que os lidos nas historias sabem: parece que seria esta a occasião de emparelhar aqui na similhança do infortunio o do nosso Poeta. O que dá mais força a esta tradição da morte no hospital é a citação á margem do antigo exemplar dos Lusiadas. «Que cosa mas lastimosa que ver un tan grande ingenio mal logrado! Yo lo bi morir en un hospital en Lisboa sin tener una savana con que cobrir-se despues de aver triunfado en la India Oriental, de aver navegado 5:500 leguas por mar: que aviso tan grande para los que de noche y dia se cançan estudiando sin provecho como la arana en urdir tellas para cazar mos-

cas!» Assim se expressa fr. José Indio, monge carmelita do convento de Guadalaxara, que escreveu esta noticia n'aquelle exemplar; comtudo objecção é tambem de alguma força não ser o logar da sua sepultura no cemiterio proprio d'aquella casa, e ter-se pedido a mortalha á casa do Conde de Vimioso. Na verdade bem apropriada coincidencia, que da mesma casa d'onde saía a espada que queria arremedar os brios da do Condestavel, saísse tambem a mortalha para o Poeta! No hospital real de S. José procurámos com todo o cuidado apurar a verdade do facto nos registos d'aquella casa; porém não o podémos conseguir, porque os assentamentos da entrada dos enfermos não chegam á epocha em que o Poeta falleceu. É possivel que o Poeta morresse em uma d'estas casas de asylo, que a caridade portugueza tinha semeado n'esta nossa terra; alguma albergaria, mesmo talvez a de Sant'Anna, que n'outro tempo estava situada no mesmo sitio onde está hoje o convento d'esta invocação, que n'elle se edificou por cessão que os confrades fizeram do terreno no anno de 1564, por comprazer com a Rainha D. Catharina. Não obstante a cessão continuaram comtudo os irmãos da confraria a fazer a festa do orago e seus enterramentos, no mesmo convento; talvez a devoção natural da mãe pela Santa do seu nome, faria com que o Poeta de tenros annos entrasse na confraria, e se explicaria como veiu a enterrar a este convento, que n'aquelle tempo servia tambem de parochia.

Comtudo no tempo de Faria e Sousa era a opinião mais seguida que fallecêra em uma pobre casa na rua de Sant'Anna. «Alguns dizen que el P. murio en un Hospital. Pero los mas dizen que el murio en una pobre casita en que vivia cerca del Convento de Monjas Franciscas y vocacion de Santa Anna.» O padre Francisco de Santo Agostinho de Macedo, em uma biographia manuscripta, affirma que morrêra em uma *casa humilde* na dita rua junto ao arco de Sant'Anna, e casa da Encarnação e pegada com a ermida do Senhor Jesus da Salvação e Paz. Acrescenta Faria e Sousa, que esta casa da sua residencia nunca mais fôra habitada; é notavel que ainda hoje pesa o mesmo mau destino sobre esta habitação. Se alguma vez o leitor subir esta ingreme calçada, e fatigado parar no meio d'ella, observe á sua mão esquerda uma casa em ruinas sem habitador, que faz frente para a rua e para o becco de S. Luiz, e tem o numero de policia de 52 a 54 [1], e saiba que debaixo d'aquelles telhados porventura curtiu a mais cruel e acerba desven-

[1] Vide nota 79.ª

tura o Cantor immortal da gloria dos portuguezes. Exhalasse porém o ultimo suspiro em uma casa de caridade, ou na pobrissima pousada onde residia, o certo é que lhe faltava no fim da vida tudo quanto para ella era necessario, e em tanto apuro de miseria vivia que escrevendo-lhe Ruy Dias da Camara[1] para que lhe traduzisse os *Psalmos Penitenciaes* que lhe havia encommendado, lhe deu a resposta que já mencionámos n'esta biographia, em que lhe expunha o desalento e quebramento de espirito, a que o reduziam tão graves e dolorosas angustias.

Morto em tanta miseria, levaram o seu cadaver á igreja das freiras Franciscanas da invocação de Sant'Anna, que então servia de freguezia, e estava proximo da sua casa, e ahi foi dado á sepultura *pobre e plebeiamente,* diz Pedro de Mariz, logo ao entrar da porta principal ao lado esquerdo. Não nos devemos admirar da frieza com que o trataram então os seus compatriotas, se nos lembrarmos que morreu em uma epocha em que todas as lagrimas eram poucas para chorar as desgraças da patria; não obstante, apenas o tempo deu o allivio possivel, ou para melhor dizer a resignação necessaria para o soffrimento da calamidade publica, dezeseis annos depois o trasladou para outra mais honrada sepultura D. Gonçalo Coutinho[2], cavalheiro illustre da Casa de Marialva e grande amigo do Poeta, e sobre a sua campa lhe mandou gravar este singelo, mas expressivo epitaphio:

AQUI JAZ LUIS DE CAMÕES
PRINCIPE
DOS POETAS DO SEO TEMPO.
MORREO NO ANNO DE 1579.
ESTA CAMPA LHE MANDOU POER D. GONÇALO COUTINHO
NA QUAL SE NÃO ENTERRARÁ NINGUEM.

É para advertir que Pedro de Mariz e Faria e Sousa, e seguindo-os outros muitos, acrescentaram á inscripção as palavras =viveu pobre e miseravelmente= que ali se não encontravam, pois a inscripção, tal qual a apresentâmos, foi trasladada da propria sepultura do Poeta pelo Chronista da Ordem, que por esta occasião rebate[3] o editor das obras do Poeta publicadas no anno de 1772, que novamente repete este mesmo erro; admira-me como Faria e Sousa, que escreveu com tanta in-

[1] Vide nota 80.ª
[2] Vide nota 81.ª
[3] Vide nota 82.ª

vestigação sobre o Poeta, se não deu ao trabalho de visitar a sepultura, n'aquelle tempo ainda não vedada ao publico, para nos dar mais minuciosas informações relativas ao local onde repousam as cinzas do Poeta. Mais abaixo da primeira inscripção, com licença de D. Gonçalo Coutinho, lhe mandou pôr outra mais diffusa e hyperbolica, escripta em versos latinos, Martim Gonçalves da Camara, Escrivão da Puridade d'El-Rei D. Sebastião e seu valido, aquelle mesmo que dizem que em vida do Poeta lhe fôra adverso; foi esta composta pelo padre Matheus Cardoso, da Companhia de Jesus, e dizia assim:

Naso Elegis, Flaccus lyricis, Epigramate Marcus,
Hic jacet Heroso Carmine Virgilius.
Ense simul, calamoque auxit tibi, Lysia famam:
Unam nobilitant Mars et Apollo manum.
Castalium fontem traxit modulamine: at Indo,
Et Gangi telis obstupefecit aquas.
India mirata est, quando aurea carmina lucrum
Ingenii haud gazas, ex Oriente tulit.
Sic bene de patria meruit dum fulminat ense:
At plus dum calamo bellica facta refert.
Hunc Itali, Galli, Hispani, vertere Poëtam:
Quælibet hunc vellet terra vocare suum.
Vertere fas, æquare nefas; æquabilis uni
Est sibi, par nemo, nemo secundus erit.

O Chronista franciscano já citado faz menção de outra memoria que ali mandou collocar o contemporaneo do Poeta, Miguel Leitão de Andrade, o auctor das Miscellaneas, a qual ainda se conservava quando o Chronista escrevia, porém não a descreve. Em um manuscripto do anno de 1638 encontrámos a sua descripção, isto é, no livro de Diogo de Mouro de Sousa [1]. Consistia em uma tarja de azulejo com uma cruz no meio, collocada na parede junto á sepultura, e no pé da dita cruz esta inscripção:

O grão Camões aqui jaz
Em pouca terra enterrado.
Nas terras tão nomeado,
De espada tão efficaz
Quanto na penna afamado.

[1] Vide nota 83.ª

E nas ilhargas do proprio pé da cruz, estes dois epitaphios por esta fórma:

EPITAPHIUM	EPITAPHIUM
MIGUEL LEITÃO D'ANDRADE	ORDINARII SUB CENSURA
GRATITUDINIS ERGO POSUIT.	PERMISSU ET D. PATRONORUM.

e de cada lado da cruz ficava uma figura, uma d'ellas com um ramo verde em uma mão, e a outra sustentava um livro com um tinteiro e penna. Os dois epitaphios que estavam sobre a sua sepultura se achavam em partes gastos, no seculo passado, como testifica um escriptor d'aquella epocha que descreve este mosteiro.

Muitos outros epitaphios, tanto na lingua latina como em outras linguas, foram escriptos em louvor do Poeta por differentes enthusiastas, sem o pensamento comtudo de serem postos na sepultura.

A acquisição da perpetuidade da sepultura obtida por compra aos padroeiros da igreja, que eram os sapateiros da Padaria, feita por D. Gonçalo Coutinho, os testemunhos de veneração ali collocados por elle e pelos outros dois fidalgos, e que n'aquelle local se conservavam ainda pelo terramoto de 1755, a mesma clausura em que ficavam os despojos mortaes do Poeta confiados ás virgens do Senhor, sempre cuidadosas na boa administração interna dos templos confiados á sua guarda, davam logar a esperar que estes pequenos padrões do reconhecimento nacional se conservassem intactos; porém desgraçadamente não aconteceu assim, e antes estivessem expostos ao publico, pois teriam sem duvida mais facilmente despertado a idéa de lhe levantar condigna sepultura, conservando-se incolumes tão preciosos restos mortaes. As religiosas porém, mais occupadas das cousas celestes do que das terrenas, apagaram todos os vestigios apparentes por obras a que procederam no côro inferior onde estes se achavam. Para sobradar o côro, as lages foram arrancadas, porém felizmente não mexeram nas covas, como depois se reconheceu; e os azulejos que estavam na parede foram igualmente arrancados, e esta coberta com retabulos de altares que acompanham as paredes de um lado e outro do côro.

Por zelosa proposta de um dos nossos mais celebres poetas, o Sr. Antonio Feliciano de Castilho, feita perante a sociedade que se installou em Lisboa no anno de 1835 com a denominação dos Amigos das letras, se resolveu a exploração da sepultura do Poeta. Nomeou-se uma commissão, e obtida a competente licença por parte de S. Em.ª o Sr. Patriarcha e a do Governo, a Commissão começou as suas explorações

no dia 7 de Setembro de 1836; porém apenas encetados os seus trabalhos, o rufo do tambor chamou os exploradores, uns a serem actores, outros expectadores de uma d'estas tristes lutas fratricidas, que vae em mais de trinta annos ensanguentam o solo portuguez.

Preparava-me eu pessoalmente a visitar este local, para denunciar ao publico o fructo das minhas observações, á vista das indagações externas a que havia procedido, e S. Em.ª o Sr. Cardeal Patriarcha D. Guilherme Henriques, movido pelo amor das letras patrias, se dignava prestar-se a conceder-me a precisa auctorisação para poder concorrer ao logar determinado, quando o Governo nomeou uma nova Commissão para este fim, de que tive a honra de fazer parte, começando a Commissão desde logo os seus trabalhos, e encarregando especialmente d'aquelles que diziam respeito á arte o seu intelligente collega o Sr. João Maria Feijó, Capitão de Engenheiros e Lente de architectura civil, e curso de construcção na Escola do Exercito. Os archivos que foi conveniente examinar, o foram cuidadosamente, prestando-os aquelles a quem estavam confiados com a maior franqueza ao exame da Commissão. Foram percorridos os documentos do archivo do proprio Mosteiro, onde se suppoz que se poderiam encontrar alguns esclarecimentos que conviessem, auxiliando não só n'este trabalho, mas em tudo o mais que estava ao seu alcance o fallecido confessor das senhoras Religiosas o padre F. Redondo, sacerdote zeloso das letras patrias. Ao senhor Prior da freguezia de Nossa Senhora da Pena, o padre Antonio Francisco Franco, deveu muito a Commissão pela franqueza com que poz á sua disposição o Cartorio d'aquella freguezia; e se o seu obituario, que seria interessantissimo se abrangesse mais nove annos, não deu esclarecimentos importantes, o antigo livro de Visita da freguezia muito serviu para se poder reconstruir mentalmente a antiga Igreja, sem o que talvez se não viessem a resolver duvidas que com este auxilio foram desfeitas.

Nem é menos louvavel a facilidade com que os artistas da classe de sapateiros da Confraria de S. Chrispim facilitaram os fragmentos do seu archivo, que aliás deveria ser muito interessante se se conservasse, porquanto sabemos pelo Livro antigo da Visita da freguezia da Pena, que o Prelado obrigava os confrades como padroeiros da Casa a terem em ordem o Livro dos Covaes, onde deveria estar assentada a transacção feita com D. Gonçalo Coutinho sobre a sepultura: é aqui talvez occasião de consignar, em abono do apreço que esta Confraria fazia do nosso Poeta, o facto de ornarem os seus confrades, alguns mesmo coe-

vos d'elle, o arco triumphal, com que por *ordem superior* festejavam e recebiam um Rei intruso, com os versos do nosso Auctor.

Se a Commissão não pôde juntar e extremar á parte a ossada do nosso Poeta, ella pôde comtudo, pela certeza do local onde repousavam os seus ossos, e de n'elle se não haver mexido, recolher os seus ossos embora reunidos com os de outros compatriotas, preferindo este modo leal de procéder, a alguma fraude, embora no melhor sentido. O Poeta não se queixaria da companhia, estava entre os seus queridos portuguezes; mais uma advertencia, para os fieis que visitarem a sua sepultura se lembrarem que, conjuntamente, ahi estão irmãos que pedem os suffragios da Igreja pela sua alma; e se uma sepultura vazia aguarda em Florença os ossos do Dante, esta, por cheia de mais, não desperta menos respeito pelos despojos preciosos que, conjuntamente com o de outros cidadãos, ali se encerram.

Do resultado dos trabalhos da Commissão, o publico será sufficientemente informado pelo bem elaborado e logico relatorio, redigido pelo erudito Secretario e collega da mesma Commissão o Ex.mo Sr. José Tavares de Macedo.

Fallando da sepultura do Poeta, direi duas palavras sobre uma opinião que voga desde o seculo XVII, que a sua sepultura era uma campa que está ao meio da grade do côro, ficando parte do lado de dentro da Igreja; quem asseverou isto foi Faria e Sousa, que vemos que não visitou esta sepultura, pois traz o epitaphio errado: porém a sua opinião não póde sustentar-se á vista do testemunho de Diogo de Mouro de Sousa, que escrevia pelo mesmo tempo de Faria e Sousa, e o qual trasladou os epitaphios no proprio local, e os dá junto á porta principal á mão esquerda, e mais especialmente o do Chronista franciscano fr. Fernando da Soledade, que escrevia cerca do meado do seculo passado, e em consequencia mui posterior á asserção de Faria e Sousa, dizendo que no anno em que escrevia, de 1739, n'aquelle mesmo local se encontravam as inscripções.

Muito menos póde ter logar a anecdota do Inglez, narrada pelo padre José Agostinho de Macedo, e referida por José Maria da Costa e Silva[1]; porque quem se transferir áquella Igreja verá que não existe tal altar, nem ha por isso a probabilidade de ser espreitado.

Sentimos que estas explorações sobre á sepultura do Poeta não tivessem sido feitas anteriormente, quando dois Ministros d'Estado, um

[1] Vide nota 84.ª

antes da sua entrada no Ministerio, preparava uma nitida edição dos Lusiadas (1802), D. Rodrigo de Sousa Coutinho; e outro, o Conde da Barca, Antonio de Araujo de Azevedo Coutinho (1805), pegava na penna para escrever uma apologia do Poeta; porque não sómente se encontrariam ainda os mesmos officiaes que tinham trabalhado nas obras da reedificação do Mosteiro[1], que só teve logar depois do anno de 1778, mediando assim pouco mais de vinte annos, existindo tambem ainda religiosas antigas, mas porque, pela sua posição como Ministros, tudo que se intentasse em honra do Poeta, seria efficazmente auxiliado pela vontade d'estes; ainda no tempo em que o Morgado de Matheus D. José Maria de Sousa Botelho fez a sua primorosa edição, e o Sr. Bispo de Viseu, D. Francisco Alexandre Lobo, escreveu a biographia de Camões, era tempo idoneo para se vir a um resultado seguro de qualquer trabalho que sobre este fim se intentasse.

XXVIII

O vaticinio que o Poeta fazia de si com aquelle presentimento que o genio sempre concebe de uma fama posthuma, não tardou em verificar-se; quasi todas as nações, como bem prophetisa o epitaphio latino, o quizeram chamar seu, passando as bellezas do seu Poema immortal para as suas respectivas linguas e para as suas litteraturas. Na hebraica, grega, latina, castelhana, franceza, ingleza, italiana, allemã, hollandeza, polaca, sueca, dinamarqueza e russa nos consta que tem sido trasladado, repetindo-se as traducções, o que prova em quanto apreço têem o seu Poema. E se estas nações não sentissem diariamente e a cada momento os effeitos das nossas descobertas e conquistas, com as quaes as trouxemos ao trato e commercio de paizes que não conheciam, e alargámos a escala dos conhecimentos e commodidades da vida, a epopéa portugueza seria sufficiente para entre elles divulgar tão gigantescos feitos.

Fosse porém permittido ao Poeta sobreviver a esta ovação posthuma e universal que o aguardava, e estou persuadido de que, pondo de parte toda a vaidade justificada do homem de genio, se daria por bem pago de ser elle o instrumento, pelo qual eram espalhados por todo o universo os altos feitos da sua nação, e de ser o pregoeiro do seu ninho

[1] Vide nota 85.ª

paterno. Esta pequena consolação devia ser a unica que adoçasse a amargura dos ultimos dias da vida, e esta pôde ainda ter sabendo que na nação visinha se preparavam duas traducções, que ambas saíram no mesmo anno em que falleceu, e que provavelmente na Italia se trabalhava na mesma empreza, e porventura mesmo levada a fama da celebridade do seu Poema a Roma por Jacome Marmita, poeta italiano que residia em Lisboa em vida do Poeta, ou o Cardeal Alexandrino que deu a sua entrada publica em Lisboa no mesmo anno em que estava a saír o seu Poema do prelo, e a quem o Poeta forçosamente seria apresentado [1] pela pessoa encarregada de acompanhar o Cardeal, o seu protector D. Constantino de Bragança, lembrasse ao Prelado ou a outra pessoa de igual categoria, que se preenchesse aquelle logar que na coroação de Petrarcha, com espirito fatidico, deixou vago junto ás Musas na pintura do Parnaso, com que se ornou a sala do Capitolio, o astrologo Barbante Senense para um poeta que havia de nascer nas regiões occidentaes; nem isto é tão temeraria e atrevida conjectura, se a partes mais afastadas do trato portuguez tinha chegado a fama do seu nome a ponto que se diz que de Allemanha um fidalgo d'aquella nação escrevia a um correspondente seu em Lisboa, para que lhe indagasse que sepultura tinha o Poeta, e quando a não tivesse sumptuosa, impetrasse licença para trasladar os seus ossos com toda a veneração, e lhe faria no seu paiz um soberbissimo mausoleu; e se affirma mais que a republica de Veneza offerecia pelos mesmos a quantia de vinte e quatro mil cruzados [2].

Os estrangeiros mais distinctos pelo seu saber, alguns ainda em vida do Poeta, lhe tributaram os mais exaltados elogios; entre estes distinguiremos Herrera que nos seus commentarios a Garcilasso [3] lhe chama divino, e lhe dirige uma das suas poesias; Miguel Cervantes que chamou ao seu Poema dos Lusiadas *tesoro del Luso,* e Lope da Vega, grande admirador do Poeta e que á sua memoria dedicou uma das suas comedias. Mas sobre todos estes elogios, aquelle que mais o devia lisonjear era o de outro poeta, como elle infeliz, e como elle astro radioso que brilhava na sua patria, na terra classica das letras, com resplandecente fulgor; fallo no grande Torquato Tasso, que dizia que só ao nosso Poeta receiava, e o imitou em mais de um logar da sua Jerusalem Liberatta, fazendo alem d'isto publico o seu enthusiasmo em um soneto que lhe

[1] Vide nota 86.ª
[2] Vide nota 87.ª
[3] Vide nota 88.ª

dirigiu. Alem d'essa poesia, o Poeta e o Poema dos Lusiadas era objecto de uma correspondencia que o Tasso entretinha com o Conde de Villa Mediana D. João de Tarsis [1], e ao mesmo poeta seu rival, como lhe chamava, se dirigia com estas encarecidas e affectuosas expressões de eterna gloria para o elogiado e para a nação cujos altos feitos cantou.

«N'este seculo, assim se expressava o poeta italiano, não tenho senão um rival que me possa disputar a palma. —Ah! diz-me, és tão desgraçado como eu, cantor virtuoso do mais alto feito que os da tua nação commetteram? Por cá tem soado que és infeliz: oh! mal aventurado... mas ai! tu não o és tanto como eu. Poderá acontecer que o imperio das Indias saia das mãos dos successores de Manuel, e que a soberba Lisboa não veja mais chegar ao seu porto os thesouros da Africa e da Asia; mas a primeira gloria das suas immensas conquistas viverá sempre resplandecente no Poema de Camões; as nações mais remotas admirarão nos Lusiadas o valor incrivel de um punhado de homens, que, affrontando perigos terriveis, enormes e nunca vistos, e domando populosas nações, levaram ás extremidades do Universo as suas virtudes e a religião de seus paes.»

O cantor da Jerusalem não se enganou, esse immenso poder saiu-nos das mãos; mas o Poema immortal viverá sempre como epitaphio de tanta gloria!

XXIX

Se a gloria e credito litterario do nosso Poeta se dilatava tão longe dos limites da sua patria, não lhe faltaram comtudo n'ella criticos maldizentes que, offuscados por tanto brilho, procurassem deslustra-lo com ridiculas invectivas; mas isto não admira: Virgilio e Horacio não fallam em Cicero, e se a minha memoria me não falha, nem Boileau de La Fontaine. Tanto é verdade que a corôa destinada ao genio é tambem entrelaçada com pungentes espinhos da inveja! É, foi e será sempre a sorte dos homens grandes. Homero teve o seu Zoilo; depois de tantos centos de annos decorridos renovou o ataque o Abbade Bois Robert; seguiu-se-lhe Desmaret de S. Sorlin e depois d'este o Abbade Charles Perault; levantou-se porém o Principe de Conti em defeza do Epico grego, e disse que iria um dia á Academia franceza, notando o silencio de Boileau, escrever no seu logar: «Tu dormes Bruto.» Acordou o satyrico

[1] Vide nota 89.ª

francez, e a questão terminou com riso á custa do antagonista Perault. Veiu novamente a campo Houdart de la Mothe; vieram tambem mais dois Abbades, o de Terrason, e o de Pons, e a disputa se tornou mais interessante, porque o sexo feminino quiz tomar parte na peleja alliando-se a Marqueza de Lambert do lado dos antagonistas e a celebre M.me Dacier, pondo-se á frente dos apologistas. O theatro tomou assumpto da questão, e fez rir a platéa á custa dos combatentes [1]; mas no fim de tudo Homero ficou sempre sendo o mesmo Homero. Virgilio, apesar das liberalidades de Augusto e da sua boa fortuna, lá teve um Carbalio Pictor que deveu á sua censura a alcunha de Eneadomastix, e outros muitos que o accusavam de plagiario da Illiada.

E quereis saber como a Academia de Crusca, por bôca do seu secretario Rossi, ajuizava da *Jerusalem Libertada* do infeliz Torquato Tasso [2]? Na opinião do critico era elle o poeta mais infimo que tinha apparecido até o seu tempo; o seu poema a obra mais inferior que tinha saído á luz; fazia-se ler pela novidade, mas em poucos dias caíria no esquecimento para nunca mais se levantar. Era um poema secco sem proporção, sem invenção, enfadonho e desagradavel; o estylo pouco florido, acanhado, frio e obscuro; as comparações baixas, pedantescas, os versos asperos e de uma cadencia pululante. Tal era o juizo critico que os academicos faziam do mais bello Poema de um dos maiores poetas da Italia! Estes escreviam resentidos, mas o que mais admira é Boileau, o Dictador da litteratura franceza no seculo de Luis XIV, fazer um tão errado conceito do poeta italiano. Ao injusto juizo dos Academicos juntemos ainda a critica de um homem tão celebre como foi Galiléo, e o que é mais um decreto do Parlamento de París (1595) que prohibia a publicação da sua *Jerusalem Conquistada*, como attentatoria dos direitos reaes e da memoria do fallecido rei Henrique III, e que o Procurador geral com alguma ignorancia confundiu com a *Jerusalem Libertada*.

Milton pôde apenas secretamente saborear a fama que o aguardava, porquanto o seu Poema esteve por muito tempo occulto, e pouco ou nada prezado dos seus compatriotas, até que um estrangeiro de um reino visinho lhes veiu denunciar que tinham o mais bello dos poemas epicos. Não faltaram criticos e inimigos ao poeta do Tamisa [3], e entre estes o mais acerrimo o seu compatriota Guilherme Lauder, que sustentou que as comparações, descripções, discursos e ornatos do seu

[1] Vide nota 90.ª
[2] Vide nota 91.ª
[3] Vide nota 92.ª

poema não eram mais que plagiatos extrahidos de differentes poetas; que Milton apenas tinha tido o trabalho de copiar, e traduzir, apropriando-se até dos defeitos dos originaes. O poema do Jesuita Mansenius, a *Sarcothea,* a tragedia de Grotius, o *Exilio de Adam* e o poema a *Guerra dos Anjos,* do professor Saxonio Taubman foram indicados pelo critico inglez como a origem d'onde Milton tirou os differentes membros da sua composição. Juntae ainda outros, Ramsay, Vida, Sannazar, Romæus, Fletcher, Straforst, Adreini, Quintianus, Malapert e Fox; e a estes, diz Mr. de Chateaubriand, poderão tambem acrescentar Santo Avito e Tasso, de quem é provavel que o poeta inglez lesse em Napoles, em companhia do Manso, o seu poema « *Sette giornate del mondo creato.* »

Corneille, o pae do theatro francez [1], o precursor de Racine e Molière, não pôde evitar a critica injusta quando saia a sua bella producção dramatica do Cid, a recompensa foi uma critica da Academia, pondo-se á testa do antagonismo o ferrenho Cardeal de Richelieu; o terno e suave Racine teve o seu Pradon. Mas que é feito dos criticos? passaram como a nuvem perante o sol, e as obras immortaes do genio, depois de tantos seculos devolvidos, são ainda hoje e o serão sempre lidas e relidas pelo homem de bom gosto.

Se o nosso Poeta aconselhava a Duarte Pacheco que se consolasse da ingratidão dos Reis com Belisario, elle podia tambem, pondo os olhos na injustiça praticada com homens tão superiores que o haviam precedido e outros que se lhe haviam de seguir, aprender a desprezar as censuras absurdas feitas a tão solido merecimento. Nem podemos nós absolver aquella parte de seus contemporaneos que em seu peito abrigaram tão baixo sentimento, que ou detractores invejosos procuraram com uma critica erronea diminuir-lhe o merecimento, ou julgaram com o seu silencio fazer emmudecer-lhe a reputação, como se o seu Poema não fallasse de uma maneira tão altisonante, ou fosse necessario passaporte d'elles para entrar no Templo da Deusa das cem bôcas. É na verdade notavel que quasi nenhum dos poetas do seu tempo, d'aquelles que canonisâmos como classicos, lhe endereçasse elogio, ou mesmo d'elle faça menção quando tão liberalmente os prodigalisavam uns aos outros. Nem Sá de Miranda, nem Ferreira, nem Caminha, nem Bernardes se referem ao Poeta nas suas poesias [2]; d'este ultimo me parece mesmo,

[1] Vide nota 93.ª
[2] Vide nota 94.ª

que a descripção na carta IV do mau poeta *que inventa vozes novas,* é allusiva a Camões, e é bem singular que na VII, escripta depois do anno de 1558, em a qual enumera a Pedro de Lemos, para os louvar, tantos nomes dos claros lumes das Musas portuguezas, como lhes chama, o nome de Camões, aindaque ausente, seja omittido, quando por este tempo a sua fama como poeta lyrico devia estar estabelecida; o soneto que depois dirigiu ao Poeta, pelo seu principio dá a entender que fôra convidado a escreve-lo, sendo porém, é preciso confessa-lo, de encarecido louvor. Se não falha a conjectura, Caminha, poeta mediocre, aguçou um feixe de epigrammas que dirigiu contra o peito do Poeta [1], mas que mal podiam roçar-lhe as roupas. É porém singular que todos estes poetas tinham estreito trato com os amigos mais intimos de Camões; o mesmo censor das obras de Caminha era o discreto padre fr. Bartholomeu Ferreira, ao qual devemos possuir os Lusiadas sem amputações nem deturpados. O mesmo silencio relativamente ao Poeta se nota em Pedro Sanches, o qual na sua epistola *ad Ignatium de Moraes,* em a qual faz menção de tantos poetas portuguezes, só o nome de Camões foi esquecido; mas é preciso dizer-se que esta carta é um fragmento, e assim não póde plenamente ser accusado.

D'estes Bavios e Zoilos do Poeta [2] nos dá noticia o seu contemporaneo e amigo Fernão Alvares do Oriente, na prosa X, na qual descreve o Templo da Poesia onde elles jaziam aos pés da estatua do Poeta que pretendiam em vão derrubar. De todos os contemporaneos aquelle que partilhou mais enthusiasmo e predilecção por Camões, foi sem duvida Fernão Alvares; os mesmos sentimentos animaram a João Lopes Leitão e outros. Dos poetas que nos podiam dar mais largas informações perderam-se as obras; das de D. Manuel de Portugal apenas restam algumas asceticas; de João Lopes Leitão o soneto que se lhe attribue em louvor do amigo, uma pequena poesia nas obras de Caminha, e uma carta em prosa, manuscripta, que conhecemos; de Heitor da Silveira apenas conheciamos o memorial que dirigiu na India ao Conde de Redondo, agora algumas poesias nas obras de André Falcão de Resende que se imprimem em Coimbra; e de D. Gonçalo Coutinho uma unica canção tambem manuscripta: as suas obras porém se conservavam na livraria do Duque de Lafões.

D'entre os detractores que appareceram no seculo seguinte aquelle

[1] Vide nota 95.ª
[2] Vide nota 96.ª

em que falleceu o Poeta (xvii), o que mais ousadamente se apresentou em campo foi o licenceado Manuel Pires de Almeida, que escreveu uma critica sobre a visão do Indo e Ganges; porém promptamente achou em João Franco Barreto um denodado campeão que desembainhasse a espada em defeza do seu mestre.

Em nosso tempo um homem, aliás de grande litteratura, o padre José Agostinho de Macedo empregou as armas do sarcasmo e do ridiculo que tão magistralmente sabia exercer para derrubar a fama do nosso Poeta, querendo sobre a sua ruina levantar um novo monumento; porém, baldado na tentativa, veiu quebrar as suas loucas e vaidosas pretenções contra o pedestal onde repousa inabalavel a estatua do Principe dos poetas portuguezes. Na verdade não sei que possa sêr de maior elogio para o primeiro Epico portuguez, do que um homem de tantos conhecimentos ficar tão microscopico ao pé do nosso Poeta.

Elle porém, quaesquer que sejam as criticas, não fallo d'aquellas quando dormita o bom Homero, zomba d'ellas, porque a sua fama passando já através dos seculos não póde ser abalada, e não carece de elogios, porque, como bem o disse depois melhor aconselhado o poeta Bernardes:

Elle só a si se louva em toda a parte.

DOCUMENTOS

A

Carta de Gonçalo de Faria Corregedor da Comarca de Coimbra a El-Rei, em que lhe remette uma devassa, em virtude da qual se achava preso Simão Vaz de Camões, por se dizer que entrára no Mosteiro de Sant'Anna, e assim lhe envia mais outra que tirou o Vigario.

Vossa Alteza me mandou que lhe enuiasse a deuassa que tirey por que he preso Simão Vas de Camões por se diser que entrou no mosteiro de Santa ana desta Cidade e a que tirou o Vigairo pera as mandar ver e prouer no caso como ouuer por seu serviço; envio a V. A. as ditas deuassas que nom enviey ate aguora por ser absente o Viguayro. Nosso Senhor a vida e Real Estado de V. A. por muytos annos acrescente, da Cidade de Coimbra a xv de junho de 1553: — gonçalo de faria.

(Archivo Nacional. Corpo Chronologico, Parte I, maço 84, documento 74.)

B

Alvará isentando de exercer cargos do Concelho a Simão Vaz, como procurador do collegio de S. Thomás de Coimbra.

Eu ElRey faço saber aos que este aluará virem que avendo respeito ao que diz na petição atras escrita o padre frey martinho de ledesma que foy Reytor do colegio de santo tomas da Ordem de São Domingos da Cidade de Coimbra e por fazer merce ao dito Colegio ey por bem e me praz que Simão Vas de Camões Caualleiro fidalgo de minha Caza morador na dita Cidade não seja constrangido a seruir dalmotacée nem outro algum oficio pubrico dela posto que pera iso seja eleyto sem em-

bargo da Ordenação em contrario e isto por espaço de dez annos somente que começarão da feytura deste servindo elle pelo dito tempo o dito colegio de procurador e recebedor como ora diz que serve E mando ao Juis vereadores e officiaes da dita Cidade que pela maneira acima declarada cumprão inteiramente este alvará como se nelle contem o qual ey por bem que valha como se fosse Carta per mym asynada e pasada pela Chancelaria sem embargo da Ordenação do segundo livro titulo xx, que diz que as cousas cujo efeyto ouuer de durar mais de hum ano, pasem por cartas e pasando por Aluarás não valhão. Simão da Costa o fez em Lixboa a dez de dezembro de 1563. Baltezar da Costa a fez escreprever. (Archivo Nacional. Liv. IV de Privilegios de D. Sebastião, fl. 258.)

C

Carta de perdão a Luiz de Camões.

D. Johão Et. A todollos corregedores ouuidores Juizes e Justiças officiaes e pessoas de meus reinos e senhorios a que esta minha carta de perdão for mostrada, e o conhecimento della com dereito pertencer saude faço uos saber que Luis Vaaz de Camões filho de Symão Vaaz Caual.ro fidalguo de minha casa morador em esta cidade de lixboa, me enviou dizer per sua pitiçam que elle estáa preso no tronquo desta cidade por ser culpado em huma deuassa que se tirou sobre o ferimento de gonçallo borges que tinha careguo dos meus arreos por se dizer que andando o dito gonçallo borges passeando a cauallo no recio desta cidade dia de Corpore Xpti na rua de Sancto antão alem de S. dominguos defronte das casas de pero vaaz que dous homens emmascarados a cauallo se poseram a passear e zombar com o dito gonçallo borges, e que na ditta zombaria vieram a haver brigaas d'arrancar e que elle soplicante acudira em fauor dos ditos emmascarados conhecendo os por serem seus amiguos. E que de preposito com huma espada ferira ao dito gonçallo borges de huma ferida no pescoço junto do cabello do toutiço, estando eu nesta cidade com minha corte e caza da supricaçam, e leuando outros em sua companhia. E o dito gonçallo borges he são e sem aleijão nem desformidade, e lhe tem perdoado como se mostra do perdão junto a sua pitiçam, e elle sopricante he hum mancebo e pobre e me vay este anno seruir a India enuiando me elle supricante pedir por merce ouuesse por bem de lhe perdoar a culpa que no dito

caso tem da maneira que diz, e o instrumento de perdão que apresentou parecia ser feito e asynado per antonio vaaz de castelbranco pubrico tabalião das notas em esta cidade de Lixboa e seos termos aos xxiii dias do mes de feuereiro do anno presente de mil quinhentos cinquoenta e tres annos pello qual se mostrava gonçallo borges que tem carreguo dos meos arreos por ser ja são da ferida sem aleijão nem desformidade para que o senhor deus lhe perdoe seos peccados de sua boa liure vontade perdoar ao dito Luis Vaaz de Camões toda sua justiça que contra elle podia ter e o não queria por ello acusar nem demandar crimemente nem ciuelmente e lhe perdoaua toda justiça dano corregimento, e todo o que contra elle per dereito podesse alcançar com tanto que o dito supricante se liure do dito caso a sua custa e despeza e me pedia por merce lhe perdoase minha justiça segundo que todo esto melhor e mais compridamente em o dito instrumento de perdam se conthem. E eu vendo o que me elle sopricante assi dizer e pedir enuiou se asy he como elle diz e hy mais não ha, visto hum parecer com o meu passe, e querendo lhe fazer graça e merce tenho por bem e me praz de lhe perdoar a culpa que tem no caso conteudo em sua pitiçam pelo modo que nella declara visto o perdam da parte que apresenta e paguará quatro mil reis pera piedade. E por quanto loguo pagou os ditos quatro mil reis pera piedade ao bispo de sancthomé do meu conselho e meu esmoler segundo dello fuy certo per hum seu asynado e per outro de alexandre lopez meu capellão e escriuam do dito carguo que os sobre elle carregou em recepta Vos mando que o mandeis soltar se por al não for preso. E daquy em diante o não prendaes nem mandeis prender nem lhe façaes nem consintais ser feito mal nem outro algum desaguisado quanto he por rezão do conteudo em sua pitiçam em esta minha carta declarado por que minha merce e vontade he de lhe asy perdoar pela guisa que dito he. O que asy compry huns e outros e al não façaes. Dada em esta minha cidade de Lixboa aos sete dias do mes de março e feita aos 3 do dito mes. ElRei nosso S.or o mandou per dom gonçallo pinheiro bispo de Viseu e per o doutor Joham Mont.ro chanceler do mestrado de nosso senhor Jesu Christo ambos do seu conselho e seus desembarguadores do paço e pitições, francisco martins a fez por antonio godinho anno do nascimento de nosso Senhor Jesu Christo de mil quinhentos e cincoenta e tres annos e eu antonio godinho a fiz escrever. Concertado, Pedro de Oliveira. Concertado Luis Carualho, Pedro Gomes.

(Archivo Nacional. Liv. XX de Perdões e Legitimações de D. João III, fl. 296 v.º)

D

Alvará de privilegio a Luiz de Camões para a impressão dos Lusiadas.

Eu ElRey faço saber a quantos este Alvara virem que eu ey por bem e me praz dar licença a Luis de Camões para que possa fazer impremir nesta cidade de Lisboa, hũa obra em outava rima chamada os Lusiadas que contem dez cantos perfeitos, na qual por ordem poetica em versos se declarão os principaes feitos dos Portuguezes nas partes da India depois que se descobrio a navegação para ellas por mandado d'ElRey D. Manoel meu visavo que santa gloria aja, e isto com prevelegio pera que em tempo de dez annos que se começarão do dia que se a dita obra acabar de emprimir em diante, se não possa emprimir nem vender em meus reinos e senhorios nem trazer a elles de fora, nem levar aas ditas partes da India pera se vender sem licença do dito Luis de Camões ou da pessoa que pera isso seu poder tiver, sob pena de quem o contrario fizer pagar cincoenta crusados e perder os volumes que impremir ou vender, ametade para o dito Luis de Camões, e a outra metade pera quem os acusar. E antes de se a dita obra vender lhe será posto o preço na mesa do despacho dos meus dezembargadores do paço, o qual se declarará e porá impresso na primeira folha da dita obra pera ser a todos notorio, e antes de se imprimir sera vista e examinada na meza do conselho geral do santo officio da Inquisição pera com sua licença se aver de imprimir, e se o dito Luis de Camões tiver acrescentados mais alguns Cantos, tambem se imprimirão avendo pera isso licença do santo officio, como acima he dito. E este meu Alvará se imprimira outro si no principio da dita obra, o qual ey por bem que valha e tenha força e vigor, como se fosse Carta feita em meu nome por mim assignada e passada por minha chancelaria, sem embargo da Ordenação do segundo livro tit. xx que diz que as cousas cujo effeito ouver de durar mais que hum anno passem por Cartas, e passando por Alvarás não vallião. Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa a xxiii de setembro de M.DLXXI. Jorge da Costa o fiz escrever.

(Impresso na 1.ª edição (1572) dos Lusiadas)

E

Censura da primeira edição (1572) dos Lusiadas.

Vi por mandado da Santa e geral inquisição estes dez Cantos dos Lusiadas de Luis de Camoens, dos valerosos feitos em armas que os Portuguezes fiserão em Azia e Europa, e não achei nelles cousa alguma escandelosa, nem contraria a fé e bons costumes, sómente me pareceo que era necessario advertir os lectores que o author pera encarecer a dificuldade da navegação e entrada dos Portugueses na India, usa de hũa ficção dos Deoses dos Gentios. E ainda que Santo Augustinho nas suas retractaçoens se retracte de ter chamado nos livros que compoz de Ordine as Musas Deoses. Todavia como isto he Poesia e fingimento, e o autor como poeta, não pertende mais que ornar o estilo Poetico não tivemos por inconveniente yr esta fabula dos Deoses na obra, conhecendo a por tal, e ficando sempre salva a verdade de nossa sancta fé, que todos os Deoses dos Gentios sam Demonios. E por isso me pareceo o livro digno de se imprimir, e o author mostra nelle muito engenho, e muita erudição nas sciencias humanas. Em fé do qual assiney aqui.

Fr. Bartholomeu Ferreira.

F

Alvará de 15$000 réis de tença a Luiz de Camões pela publicação dos Lusiadas.

Eu ElRey faço saber aos que este aluará virem que avendo respeito ao seruiço que Luis de Camões caualleiro fidalgo de minha casa me tem feyto nas partes da India por muitos annos e aos que espero que ao diante me fará e a informaçam que tenho de seu engenho e habillidade, e a suficiencia que mostrou no liuro que fez das cousas da India ey por bem e me praz de lhe fazer mercé de quinze mil reis de tença em cada hum anno por tempo de tres annos somente que começarám de doze dias do mês de março deste anno presente de mil quinhentos setenta e dous em diante que lhe fiz esta mercê e lhe serám pagos no meu thesoureiro mor ou em quem seu cargo seruir cada hum dos ditos tres

annos com certidão de francisco de siqueira escriuão da matricola dos moradores de minha casa de como elle Luis de Camões reside em minha corte. E por tanto mando a Dom martinho pireira do meu Conselho vedor de minha fazenda que lhe faça asentar no livro della estes quinze mil reis no titullo do thesoureiro mor para nelle lhe serem pagos cada hum dos ditos tres annos com a certidão acima declarada e este aluara quero que valha como se fosse carta feyta em meu nome sem embargo da Ordenação do 2.º Livro que despoem o contrario. Simão Boralho a fez em Lisboa a XXVIII de Julho de 1572. E eu Duarte Dias a fiz escrever. (Archivo Nacional. Liv. XXXII de D. Sebastião, fl. 86.)

G

Apostilla da tença de 15$000 réis a Luiz de Camões.

Ey por bem fazer merce a Luis de Camões dos quinze mil reis cada anno contheudos neste alluara por tempo de tres annos mais que começarão do tempo em que se acabarão os outros tres annos paguos no meu thesoureiro mor asy e da maneira que se lhe ategora paguarão com certidão do Scripvão da matricolla de como reside em minha corte e com essa declaração se hassentarão no Livro da minha fazenda e se leuarão no caderno do assentamento, e esta apostilla se comprirá posto que o efeyto della aja de durar mais de um anno. Symão Boralho a fez em allmada a II dagosto de M.D.LXXV. E eu Duarte Dias a fiz escrever.

(Archivo Nacional. Liv. XXXIII de Doações de D. Sebastião, fl. 229.)

H

Ementa sobre a tença dos 15$000 réis de Luiz de Camões.

15$000 rs. no thesoureiro mor a Luis de Camões que lhe são deuydos de sua tença do anno pasado de 1575 que lhe não forão leuados no caderno do asentamento do dito janeiro nem paguos em parte alguma por a prouisão da dita tença não estar asentada no Livro da fazenda em Lixboa a 22 de Junho de 1576 pelo dito Miguel Coresma.

(Archivo Nacional. Liv. II de Ementas, fl. 145 v.º)

I

Treslado de uma apostilla que se poz nas costas de um Alvará de Luiz de Camões (o da tença dos 15$000 réis).

Ey por bem de fazer merce a Luis de Camõis contiudo no meu aluará escrito na outra mea folha atraz que elle tenha e aja cada anno por tempo de tres annos mais os quinze mil reis que tem pela postilla que está no dito aluará os quaes tres annos começarão de dous dias do mes dagosto deste anno presente de DLXXVIII em deante e os ditos quinze mil reis lhe serão pagos no meu thesoureiro mor asy e da maneira que ategora se lhe pagaram com certidão dayres de siqueira escriuão da matricola dos moradores de minha casa de como reside em minha corte, e com esa declaração se assentaram no liuro de minha fazenda e se leuarão no caderno do assentamento, e esta apostilla me praz que valha e tenha força e vigor posto que o effeyto della aja de durar mais de hum anno sem embargo da ordenação em contrario. Gaspar de seixas a fez em Lixboa a II de Junho de M.D.LXXVIII. E posto que acima diga que o dito Luis de Camões comece a vencer os ditos quinze mil reis de dous dias do mes dagosto deste anno presente não os vencerá senão de XII dias de março passado do dito anno em diante que he o tempo em que se acabarão os tres annos que lhe foram dados pela dita apostilla. Jorge da costa a fez escrever.

(Archivo Nacional. Liv. XXXIII de Doações de D. Sebastião, fl. 119 v.º)

J

Alvará pelo qual se manda dar a Anna de Sá, mãe de Luiz de Camões, 6$000 réis da tença que vagou por morte de seu filho.

Eu ElRey faço saber a vos João rodrigues de palma caualeiro fidalgo de minha casa Recebedor do dinheiro do hum por cento e obras pias ou a quem o dito cargo seruir que eu ey por bem e me praz fazer merce a ana de Sá mãi de Luis de Camõis seis mil reis cada anno dos quinze mil reis de tença que vagarão pelo dito seu filho, avendo respeito aos seruiços que elle fez na India e no reino, e a ella Ana de sá ser muyto velha e pobre, e delle não ficar outro erdeiro pello que vos mando que

de vinte e dous dias deste mes de mayo do anno presente de D.LXXXII em diante em que fiz esta merce a dita Ana de sá lhe deis e pagueis os ditos seis mil reis em cada anno aos quarteis por este só alluará sem mais outra prouisão e pelo treslado delle que será registado no Livro de vosa despesa pelo escriuão de voso cargo com seus conhecimentos mando que vos sejão leuados em conta, e esto ey por bem que valha etc. na forma. Gonçalo Ribeiro a fez em Lisboa a XXXI de maio de M.D.LXXXII. E eu Diogo Velho a fiz escrever.

(Archivo Nacional. Liv. XLV de Doações de D. Sebastião e D. Henrique, fl. 388.)

K

Ementa pela qual consta se mandou pagar o saldo de 6$765 réis, que se deviam a Luiz de Camões, a sua mãe, por seu fallecimento a 10 de Junho de 1580.

«6765 rs. no thesoureiro da chancelaria da caza do ciuel a Ana de Sá may de Luis de Camões que deos aja por outros tantos que ao dito seu filho erão deuidos do primeiro de janeiro do anno de D.LXXX ate dez de Junho delle em que faleceo a rasão de 15$000 rs. por anno de tença: em Lixboa XIII de novembro de M.D.LXXXII per dom duarte de castelbranco.

(Archivo Nacional. Liv. III de Ementas, fl. 137.)

L

Alvará que mandou dar a tença de 15$000 réis a Anna de Sá mãe de Luiz de Camões.

D. Felippe Et. Faço saber a quantos esta minha carta virem que avendo respeito aos seruiços de Simão Vas de Camões, e aos de Luis de Camõis seu filho Cavalleiro da minha Casa e a não entrar na feytoria de Chaul de que era provido e a vagarem por sua morte quinze mil reis de tença, hei por bem e me praz fazer merce a Anna de Sá sua molher do dito Simão Vas e may do dito Luis de Sá de Camões de nove mil reis de tença em cada um anno e dias de sua vyda alem dos seis mil reis que ja tem de tença pellos ditos respeitos para que tenha quinze mil reis de tença em sua vyda os quaes nove mil reis de tença começará a vencer de desasete dias do mez de novembro do anno passado de

MDLXXXIV em diante em que lhe fiz esta merce e portanto mando aos vedores de minha fazenda que lhe fação assentar os ditos noue mil reis de tença nos livros della e despachar em cada um anno em parte onde haja delles bom pagamento, e por firmeza de todo lhe mandei dar esta minha carta de padrão por mim assignada e asselada com o meu sello pendente. Antonio Pireira a fiz em Lixboa a cinco dias do mez de feuereiro anno do nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de MDLXXXV e eu Manoel de Azevedo a fiz escrever.

(Archivo Nacional. Liv. XI de Doações de Felippe I, fl. 132.)

ELOGIOS

DEDICADOS

A LUIZ DE CAMÕES

POR ALGUNS ESCRIPTORES

EPIGRAMMA

DE MANUEL DE SOUSA COUTINHO

(FR. LUIZ DE SOUSA)

Quod Maro sublimi, quod suavi Pindarus, alto
Quod Sophocles, tristi Naso quod ore canit,
Mœstitiam, casus, horrentia prælia, amores,
Juncta simul, cantu sed graviore damus.
Quisnam Auctor? Camonius. Unde hic? Protulit illum
Lysia in Eoas imperiosa plagas.
Unus tanta dedit? Dedit, et majora daturus,
Ni celeri fato corriperetur, erat.
Ultimus hic choreis Musarum præfuit, illo
Plenior Aonidum est, nobiliorque chorus.
Flos veteris, virtusque novæ fuit ille Camœnæ,
Debita jure sibi sceptra Poësis habet.
In Lusitanos Heliconis culmina tractus
Transtulit antra, lyras, serta, fluenta, deas.
Currere Castalios nostra de rupe liquores
Jussit, ab invito prata virere solo.
Cerne per incultos Tempe meliora recessus,
Cerne satas sterili cespite veris opes.
Omnibus occidui rident tibi floribus horti,
Non ego jam Lysios credo, sed Elysios.
Orpheus attonitas dulci modulamine cautes,
Traxit, et ab stygio squalida monstra foro.
Thessalicos, Lodoice, sacro cum flumine montes
Pieridumque trahis, Cælitumque choros.
Sunt majora tuæ Orphæis miracula vocis,
Attica quid faceres si tibi lingua foret?

INCERTI AUCTORIS

EPIGRAMMA

Laurea Camonium circumdedit: illa virescens
Semper, quemquam œtas prona senescat, erit.

D. THOMÁS TAMAIO DE VARGAS, H. R.

IN EFFIGIEM MAGNI LUD. DE CAMÕES EPICORUM POETARUM IN HISPANIA PRINCIPIS

EPIGRAMMA

Gradia Lysiadum solus celebrare trophœa
Andinâ merui Mæoniâque tubâ.

LUDOVICUS CAMONIUS

MILES ET VATES

EPIGRAMMA

Dextera Camonii gladium tenet, ipsa lyramque:
Et Phœbo, et Marte militat una manus.

INCERTI AUCTORIS

EPITAPHIUM

Hic situs est Lysiis Camonius ille, Camœnis
Qui dedit, et sumpsit nomen, amœnus olor.
Lysiacæ princeps, atque unica gloria Musæ,
Seu cantare lyrâ, sive sonare tubâ.
Dulcibus auritum tenuit qui cantibus Orbem
Dum Lysiæ ad numeros arma, virosque canit.
Mors ipsa argutæ capta est dulcedine vocis,
Nec passa omnino tale perire melos.

Post cineres adeo viva illa silentia cantat:
Linguâ illâ tumulus clamat, et Orbis amat.
Quin etiam variis modulatur carmina Linguis
Italo, et Hispano, Gallico et ore sonat.
Quæ vitam Heroum factis modulamine laudum
Lingua dedit, nunquam debuit illa mori.
Contigit huic uni, quod Musa negavit olori:
Nam sua post etiam funera cantat olor.

JOANNIS SUAREZ DE BRITO

Hospitium vivo, tumulum post fata negavit
Ingrata heu! meritis patria terra tuis.
At vaga sydereum posuit tibi fama sepulchrum
Qua sub non uno nomine terra patet,
Qua celer Euphrates, et qua secat arva Timavus,
Et terra extremo cingitur Occeano.
Vilior in gemis Lodoice auroque jaceres.
Unica fama potest esse tibi tumulus.

TORQUATO TASSO

SONETO

Vasco, le cui felici ardite antenne
In contro al Sol, che ne riporta il giorno,
Spiegar le vele, e fer colà ritorno
Dove egli par, che di cadere accenne:
Non più di te per aspero mar sostenne
Quel, che fece al Ciclope oltraggio et scorno:
Ne chi turbò l'Arpie nel suo soggiorno,
Ne diè piu bel subietto à colte penne
Et hor quella del colto, e buon Luigi
Tant' oltre stende il glorioso volo
Che i tuoi spalmati legni andar men lunge.
Ond' aquelli, a cui s' alza il nostro Polo,
Et a chi ferma incontra i suoi vestigi
Per lui del corso tuo la fama aggiunge.

TRADUCÇÃO DO SR. JOSÉ RAMOS COELHO

Gama audaz e feliz que o mar sulcaste
Por ver o berço donde o sol nascia,
E, affrontando outra vez a equorea via,
Á terra onde elle morre emfim tornaste;

Mais das ondas a furia exp'rimentaste
Do que Ulysses, entregue á sorte impia,
Mais que Enéas assumpto á poesia
Na tua grande empreza tu legaste.

Mas ora de Camões a musa sôa
Tanto em seu alto brado glorioso,
Que inda mais longe que os teus lenhos vôa,

E ás nações o teu nome já famoso
Leva cingido de perpetua c'rôa
No seu canto sublime e sonoroso.

SIR RICHARD FANSHAW

EMBAIXADOR INGLEZ NA CORTE DE LISBOA E TRADUCTOR DOS LUSIADAS

SPAINE *gave me* noble *Birth:* COIMBRA *Arts:*
LISBON a high-plac't love *and* Courtly *parts:*
AFFRICK, *a Refuge when the* Court *did frowne:*
WARRE, *at an* eye's *expence, a fair renowne*
TRAVAYLE, *experience, with noe* short *sight*
Of India, *and the* World; *boot wich I write*
INDIA *a life, wich I gave* there for *Lost*
On Mecons waves *(a wreck and Exile)* tost
To boot, this POEM, *held up in* one hand
Wilst with the other *I swam safe to land:*
TASSO, a sonet, *and (what's greater yit)*
The honour to give Hints to Such a witt
PHILIP a cordial *(the* ill Fortune *see!)*
To cure my Wants when those had new kill'd *mee.*
My Country (Nothingo-yes) Immortall Prayse
(So did I, Her) Beasts cannot browze on Bayes

ESSAY ON EPIC POETRY

BY MR. HAYLE

Tho' fiercest tribes her galling fetters drag
Proud Spain must strike to Lusitania's flag,
Whose ampler folds, in conscious triumph spread,
Wave o'er her NAVAL POET'S laureate head.
Ye Nymphs of Tagus, from your golden cell,
That caught the echo of his tuneful shell,
Rise, and to deck your darling's shrine provide
The richest treasures that the deep may hide:
From every land let grateful Commerce shower
Her tribute to the Bard who sung her power;
As those rich gales, from whence his Gama caught
A pleasing earnest of the prize he sought,
The balmy fragrance of the East dispense,
So steals is song on the delighted sense,
Astonishing with sweets unknown before,
Those who ne'er tasted but of classic lore.
Immortal Bard! thy name wtth Gama vies,
Thou, like thy Hero, with propicious skies
The snil of bold adventure hast unfurl'd,
An in the Epic Ocean found a world.
'Twas thine to blend the Eagle and the Dove,
At once the Bard of Glory and of love:
Thy thankless country heard thy varying lyre
To Petrarch' softness melt, and swell to Homer's fire!
Boast and lament, ingrateful Land, a name
In life, in death, thy glory and thy shame.

ODE

DO CAVALHEIRO RAYNOUARD

SECRETARIO PERPETUO DA ACADEMIA FRANCEZA

I

Habitans des rives du Tage,
Dirigez mes pas incertains:
J'apporte mon pieux hommage
Au Chantre heureux des Lusitains;
Montrez-moi l'auguste retraite
Où repose ce grand Poëte
Comblé d'honneurs et de bienfaits.
Que vois-je? votre indifférence
Dans le bésoin, dans la souffrance
Laisse l'Homère Portugais!

II

Barbares! l'affreuse indigence,
Les noirs chagrins et la douleur
Auraient épuisé sa constance,
S'il ne dominait le malheur.
Dans ce délaissement funeste,
Un ami toutefois lui reste,
Mais ce n'est pas un Lusitain;
Chaque soir sa main charitable
Quête le pain que sur leur table
Ils partagent le lendemain.

TRADUCÇÃO

DE FRANCISCO MANUEL DO NASCIMENTO

(FILINTO ELYSIO)

I

Vós, que as praias trilhais do Tejo aurífero,
    Regei meu passo incerto,
No tributar meu pio rendimento
    Ao Luso feliz Vate.
Mostrai-me o augusto sitio, em que repousa
    Quem troou facção inclita:
Veja eu as honras, veja os grandes premios...
    Que ingrata indifferença!
Dais á penuria, dais ao soffrimento
    O portuguez Homero?

II

A não pôr elle os pés sobre o infortunio,
    Pobreza houvera-lhe horrida
Apurado a constancia; houvera-o, barbaros!
    Atro cuidado, e penas.
No amargo desamparo, que lhe fica?
    Só caridosa dextra,
(Caridosa e não Lusa!) que nocturna,
    Esmola o pão mesquinho
Que tem de apascentar, no sol vindouro,
    O Escravo leal e o Amo.

III

Antonio! ton digne maître
T'aurait célébré dans ses chants...
Les miens t'assurerent peut-être
Des souvenirs non moins touchants.
Apprends, Serviteur magnanime,
Qu'un dévouement aussi sublime,
D'âge en âge, sera cité;
Oui, de mes chants écho fidèle,
L'avenir dira que ton zèle
Ennoblit la mendicité.

IV

Cependant ce zèle pudique,
Durant la nuit, à demi-voix,
Demande à la pitié publique
D'acquitter la dette des rois.
Pourquoi te cacher? Bélisaire,
Étalant sa noble misère,
Ne croyait pas s'humilier,
Lorsque ce casque où la victoire
Ceignit les palmes de la gloire,
Était réduit à mendier.

V

Ose te montrer dans Lisbonne,
Mendie à la clarté du jour,
Impose une pieuse aumône
Et sur le peuple et sur la cour;
Qu' avec toi l'illustre poëme,
Plus hardi que l'auteur lui-même,
Implore ses Concitoyens:
Et les cœurs les plus insensibles
Frémiront à ces mots terribles:
«*Faites l'aumone à Camoens.*»

III

Se o caro nome teu não poude o Vate
Illustrar no seu metro,
No meu te hei pôr segura, alta lembrança
De grão renome, Antonio.
Sabe, que esse sublime sacrificio
Tem de achar, nos meus hymnos,
Echo fiel, oh! Servidor magnanimo,
Nos devolvendos seculos,
Pregoando, que ennobrece esse teu zelo
Da mendiguez o opprobrio.

IV

Pudico zelo, que com voz submissa
Pede á piedade publica,
Com nocturno recato, o que, alto dia
Cumpria aos Reis pagarem.
Oh! não te encubras. —Olha a Belisario,
No marcio capacete
A esmola receber, nobre penuria
Sem pejo assoalhando:
Louros, palmas colhera em cem victorias;
Ei-lo cego e mendigo.

V

Oh! pisa ufano a triunfal Lisboa
De Phebo ao claro lume;
Impõe tributo ao Povo, impõe-no á Côrte,
Tão raro Ingenho o cobre.
Co' Poema nobre em mãos, mais atrevido
Que o Vate mesmo, os peitos
Dos Cidadãos abala: vê quão briosos
Se pejam, se envergonham
Da voz terrivel que pediu na tréva,
Para Camões esmola.

VI

Mais non; digne rival d'Homère,
De son indigence héritier,
Il sait souffrir, il sait se taire,
Il veut le malheur tout entier.
Leur pitié serait un outrage.
Que la gloire le dédommage
Et de sa vie et de sa mort:
Fort de courage et d'espérance,
Il se résigne à la souffrance
Sans orgueil comme sans effort.

VII

J'écoute, il s'explique lui-même:
«Dans les succès de mes héros,
«N'ai-je pas offert un emblême
«Du génie et de ses travaux?
«Pour conquérir aux eaux du Tage
«Les tributs d'un lointain rivage,
«Suffisait-il de la valeur?
«Non, non, il leur fallait encore
«Cette constance qui s'honore
«De lutter contre le malheur.

VIII

«Le géant du cap des tempêtes
«Soudain se dresse devant eux,
«Déploie au dessus de leurs têtes
«Son corps immense, monstrueux.
«D'une main il touche aux nuages
«D'où la foudre et tous les orages
«Seront à l'instant détachés;
«De l'autre il refoule les ondes,
«Ouvrant les cavités profondes
«Où les abîmes sont cachés.

VI

Oh não! Que elle rival de Homero, e herdeiro
De seu mendigo Fado,
Calar sabe soffrido, e sorve inteira
A taça das desditas.
Serôdio premio, a illustre offensa o houvera,
Que perdões escassêa.
Deixai-lhe o pundonor brioso, e irado
Consolar-se em si mesmo
No conceito que á Patria sagrou tudo,
Tudo sagrou a ingratos.

VII

Escutai, escutai. Camões vos falla:
«Digno emblema a mim proprio
«Não dei, dos meus Heroes nos altos feitos,
«Consolador emblema?
«Par' avidos colher d'Eóo tributos,
«Que a foz do Tejo acceita,
«Bastára a valentia? Não. Faltava
«Constancia, que blasona
«Lutar arca por arca, c' o infortunio,
«E lutando aterra-lo.

VIII

«O Gigante do Cabo Tormentorio
«Entona a fronte ao vê-los,
«Médra em vulto, devolve sobranceiro
«Monstruoso o corpo livido;
«Co' a dextra as nuvens préme d'onde rompam
«Seguidas tempestades,
«Estalem os trovões, raios fuzilem;
«Recalca com a esquerda
«Cavadás ondas, que lhe, á vista, rasguem
«Do abismo as profundezas.

IX

«Fuyez, leur dit-il avec rage,
«O téméraires étrangers!
«C'est moi qui fermai ce passage;
«Ici j' amasse les dangers.
«Mais eux au haut du promontoire
«Ont bientôt reconnu la gloire
«Qui les promet à l'univers;
«Soudain ces guerriers magnanimes,
«Bravant la foudre et les abîmes,
«Ravissent le sceptre des mers.

X

«Qui n'applaudit en cette image
«L'homme dont l'intrépidité
«Force le pénible passage
«Qui mène à la postérité?
«Si jusqu'aux palmes immortelles
«Il tente des routes nouvelles,
«Son siècle voudra l'en punir;
«Mais quand l'ignorance et l'envie
«Persécutent sa noble vie,
«Il se jette dans l'avenir.

XI

«Et n'attendez pas qu'il se plaigne
«Ni des hommes ni du destin;
«Qu'on l'oublie ou qu'on le dédaigne,
«Son espoir n'est pas incertain.
«Souvent l'envie inexorable
«S'applaudit d'un essai coupable,
«Elle croit l'avoir insulté;
«Et lui, sans regret ni murmure,
«Expiant la gloire future
«Rêve son immortalité.

IX

«E diz raivoso: —Oh Nautas temerarios,
—Virai de vélas subito;
—Que eu sou quem puz travézes neste passo,
—Puz-lhe os roncos dos p'rigos.—
«Mas Gama, e seus Heroes já lá avistaram,
«Raiar no cimo a gloria,
«Que tem de alardea-los no Universo.
«Magnanimos Guerreiros
«Affrontam raios, e transpondo abismos,
«O azul tridente roubam.

X

«Quem não applaude, n'este quadro, o intrepido
«Que denodado rompe
«O travéz, que lhe embarga o passo franco
«Ao póstero renome?
«Se novas sendas tenta a colhêr fouto
«Immortaes palmas, logo
«Traça a Ignorancia, a Inveja castigar-lhe
«A proficua ousadia.
«Avexam-no? —Elle nobre se abalança
«Ao gremio do Futuro.

XI

«Não spereis, que elle frouxo se lastime
Nem de homens, nem dos Fados.
«N'elle desdem não punge, nem despreso
«Vosso: lançou·elle a anchora
«De esperança. Se Inveja inexoravel,
«De que o insultou se ufana,
«Elle contempla que a expiar o lançam
«Culpas de Heroe virtuoso;
«Fita a gloria immortal, que o aguarda, —e olvida
«Murmurar contra a Inveja.

XII

«Et que nous font les vains hommages
«D'un peuple follement épris,
«Qui tour à tour à nos images
«Porte le culte ou le mépris!
«Écoutons l'instinct magnanime
«Qui nous prédit la longue estime
«Des temps et des lieux ignorés;
«Que le vulgaire nous condamne,
«Autour de nous tout est profane,
«Nous n'en sommes que plus sacrés.»

XIII

Il a dit. Mon respect contemple
Ce vainqueur de l'adversité
À l'univers donnant l'exemple
De souffrir avec dignité.
Imitez cet exemple auguste,
Talens, qu'outrage un sort injuste,
Ou l'ignorance des mortels;
Soutenez cette noble lutte:
Si, vivants, on vous persécute,
Morts, on vous dresse des autels.

XII

«Que nos vale esse obsequio vão, do Povo
«Tonto na affeição sua?
«Que, a revézes dá cultos, dá despresos,
«Á imagem nossa? Ouçâmos
«O que instincto magnanimo nos clama,
«Quão longa e nobre estima
«Em Era, em Clima ignotos, nos espera.
«Condemnam-nos? Desdenham-nos?
«Profano he tudo aqui? —Mais nossos nomes
«Serão, por lá, sagrados.»

XIII

Poz fim Camões. Contemplo com respeito
O Heroe de adversos Fados,
Que exemplo de soffrer com dignidade
Em si brioso o ostenta.
Vós, Talentos, que ultraja a sorte injusta,
Ou de Homens a ignorancia,
Mirai-vos n'esse brio, e firmes sêde
Na luta nobre: —Vivos,
Se perseguidos sois; na Era vindoura,
Mortos, vos erguem aras.

SONETO

DE LEONARDO TURRANO

Celeste Cigno de' gran fatti egregi
  Del popol Lusitano, ardito, e forte,
  Ch' in alto canto, ad onta della morte,
  E del tempo, gli auvivi, e anco infregi.

Se ne gl' alti Elisi, di stellati fregi
  L'Eroico Vasco orna le tempie accorte;
  Per te dal basso Occaso al alte porte
  Del Oriente, ha i più lodati pregi.

A lui la palma; a te il lauro si deve,
  Luigi, degno Apollo, et degno Omero
  Et degno Sol della tua penna stessa

Vive per lei fra mille lingue; e in breve
  Rivolga questo, et quell' altro Emisfero
  In vive carte la tua fama impressa.

LOPE DA VEGA

A CAMÕES

(LAUREL D'APOLLO)

Llegando pues la Fama
A la mayor ciudad que Espana aclama
Por justas causas despertar no quiso
(E fue discreto aviso)
Al gran Sá de Miranda,
Que le dexe Melpomene manda.
Y al divino Camoes
En Indianos aloes
Que riega el Ganges, y produze Hidaspes,
Durmiendo en bronze, porfidos y jaspes

(Fortuna estrana que al ingenio aplico
La vida pobre y el sepulcro rico)
Porque si despertaran,
Y a las Cortes, Parnasides llevaran;
Docto Corte Real, tu nombre solo
Aun no quedara con el suyo Apolo.
Como lo muestran oy vuestras Lusiadas
Postrando Enèydas y venciendo Iliadas.
Que triste suerte, que notables penas
Acabada la vida hallar Mecenas;
Mas no por esso puede
Dexar de ser gloriosa vuestra fama,
Si bien claro Luis la tuya excede
Por quanta luz derrama
El farol Didimeo;
Y mas quando te veo.
Banar pluma de Fenix tinta de oro,
Diziendo com decoro
Y magestad sonora,
Por la lealtad que nunca el tiempo olvida.

DE MANUEL DE FARIA E SOUSA

Si a escrivir tu pluma aspira,
Y si espirando no escriue,
Toda Musa por ti vive,
Y toda contigo espira.
Siempre suena, siempre admira,
Nunca su valor prescrive,
Tu aliento, ò mano, cultive
Ya la tuba, ya la lira.
Bien por el orbe esta llano
Que Apollo en el se escusára
Teniendo-te Apollo Hispano:
Que al Mundo, si se repara,
Cada rasgo de tu mano
Es un rayo de su cara.

EPITAPHIO

DO MESMO AUCTOR

Cierra esta pyra una llama
Que nueva vida recibe:
Porque no muriò quien vive
En las alas de la fama.

Mas no le cierra esta pyra,
Solamente se ausentó;
Porque Apollo le llamó
Para entregarle su lyra.

SATYRA

DE ANDRE FALCÃO DE RESENDE

A LUIZ DE CAMÕES

Reprehende aos que desprezando os doutos gastam o seu com truhães

Quantos annos ha ja que a policia
Trabalha em vão em sua fragoa ardente
De apurar huma grossa barbaria!
Quanto engrossou, e se apossou da gente
De esp'rito vil, que pera adelgaçal-a
De todo não ha fogo sufficiente!
Esta he, Camões, que quem escreve ou fala
Em numeroso verso, ou segue e usa
A poetica prosa, e quer ornal-a:
E o natural engenho applica á Musa,
Alguma hora do pó se levantando,
Logo algum vil esp'rito o nota e accusa.
«Vedes o triste (diz aos de seu bando),
«Que he bacharel Latino, e nada presta,
«É poeta o coitado, he monstro nefando.

«Na noite, que mal dorme, ou ardente sesta
«Compõe sonetos por seu passatempo,
«E sua pequice em versos manifesta.
«Melhor lhe fora aproveitar o tempo
«Em chatinar fazenda, em conta, em caixa,
«Andar tras o dinheiro, andar c' o tempo,
«Gostar mil iguarias, vestir raxa,
«Cheirar, jogar, folgar, seguir pagodes,
«Que mal comer, vestir sempre por taxa.
«Anda como capucho sem bigodes,
«Veste-se sem perfumes, sem abanos,
«De picote e lã vil mais que a de bodes.
«Todo mundo ri delle, e em seus enganos
«Elle só ri do mundo, canta e chora,
«Gastando parvoamente a idade e os annos.
«Heraclito ou Democrito, se agora
«Andaram ca, cada um com sua mania,
«Houveram de apupar-lhe em toda a hora.
«Aos principes tambem da poesia,
«Como cegos tangendo a samphonina,
«Ouvil-os, fora grande semsaboria.
«Melhor philosophia e sã doutrina
«É ja, e segura a torto e a direito,
«Saquiteis d'ouro encher, sem ir á Mina.
«Ande o pobre poeta hum doudo feito,
«Mendicando o comer e os consoantes,
«Compondo seus poemas sem proveito.
«Bem tenho eu (diz o vil) por mais galantes
«Os truhães chocareiros com guitarras,
«Que aplazem aos reis, principes e infantes.
«Estes alegres com c'roas de parras
«Festejam Bacho e a Ceres todo o anno,
«E o prazer tem seguro a quatro amarras.
«Nunca lhes falta o pão, calçado, e o panno,
«Seja hum doudo, he Dom Felix, Dom Briando,
«E bem que parvo, he Ciceroniano,
«Bem que frio; assim basta o ir alçando
«Não só casas e quintã, farto e quente,
«Mas seu nome com Dom e dões se honrando.

«O la curiosidad del eloquente
«*Grão*[1] poeta, gramatico facundo,
«Faminto, pobre e nu, pique no dente.
«Como? e tal tracto he este? ora no mundo
«(Dizem do ganho delle os onzeneiros)
«Ser chocareiro he ganho tão profundo?
«Pois ha de pé e cavallo espingardeiros
«Na militar cohorte, assim na corte
«Sejamos de cavallo chocareiros.
«Vamos provar no paço nossa sorte
«A bel prazer, a bom prato e bom saio,
«Rindo e folgando, e não chorando a morte.
«Em murmurar façamos grande ensaio,
«Comer, beber a pasto sem fastio,
«Palrar mais que em taberna papagaio.
Truhão falso, se folgam c' um bogio,
C' um gaio, ou pega, ou gralha, ou estorninho,
Sem mal tem graça, e tu com danno es frio.
A cabeça, que tem doudice, ou vinho,
Alguma hora tem graça, e move a riso
A mesa de senhor, ou por caminho.
Mas tu, contrafazendo teu juizo,
A vida e o ser, podendo ser sisudo,
Falas com menos sal, que prejuizo
Roubas honra, fazenda, tempo e tudo,
Devendo-se gastar, quanto comtigo
Mal se gasta, em bom uzo e honesto estudo.
O máo do mundo engano, o bom castigo[2]
Aos que o seguem, e em falsa e vã cegueira
Dão fim a vida, e poem a alma em perigo.
Os que ao som do padar, desta maneira.
Alargam sua petrina e a consciencia,
Engordam por seu mal, qual pato em seira

[1] Não se podia ler no MS. o principio d'este verso, por se achar dilacerada a margem. O sr. Freitas na sua copia completou-o com a palavra =Bom=, mas depois substituio com interrogação =Grão=. (Nota do Editor.)

[2] Parece haver algum erro n'este verso que o sr. Freitas notou com ponto marginal; mas não fez emenda alguma. (Nota do Editor.)

Como porcos cevoens, com deligencia
 Que em suja gula e ma fartura trazem,
 Para lhes dar a morte em penitencia.
No Brazil e no Peru dizem que fazem
 Os barbaros crueis tal grangearia,
 Que aos que tem em prizão, cevam e refazem.
Guardam-se de lhes dar melancolia;
 Dão-lhes comer a pasto os carcereiros,
 Ate lhes dar alegre morte um dia.
Oulá, comilões fartos, lisongeiros,
 Que comeis, como ratos, sempre o alheio,
 Fugi dos magarefes carniceiros.
Ao açougue do centro la do meio
 Da terra, a esse confuso e escuro talho,
 Vos, e quem vos engorda, irdes receio.
«Oh (diz hum) quanto tenho tanto valho;
 «O que vejo, so disso he que [1] me curo:
 Ha [2] mais vida que tel-a sem trabalho?»
Coitado! es tu Christão? ou Epicuro?
 Ainda assim te mostra em se Y grego
 Pythagoras caminho mais seguro [3].
Mas tu foges da luz como morcego,
 Torces a vista ao sol com a ophtalmia,
 E em trevas buscas sempre o vão socego.
Buscava com candeia ao meio dia
 Diogenes em terra, d'homens cheia,
 Se algum homem, que o fosse, ali havia.
Tinha (mercê de Deus) natural veia
 Mal empregada, e Deus e homem achara,
 Se o bom lume da fé fora a candeia.
Mas tu, que es já lavado na agua clara,
 Santa e purificada no divino
 Sangue, que ao preso mundo resgatara;

[1] As palavras =he que= não se acham no MS. e foram addicionadas pelo sr. Freitas. (Nota do Editor.)

[2] É emenda do mesmo. No MS. =E mais vida=. (Nota do Editor.)

[3] Vide a Histor. Seraph. de fr. Fernando da Soledade, 3, 3, 14. —S. Jeronymo, Epist. a Leta e outra a Pamanachis— e Lactancio, Div. Inst., 6, 3. (Nota do sr. Freitas.)

Que cegueira, que mal, que desatino
Te encobre a certa via, a vida, o lume,
E na estrada te faz perder o tino?
É o habito do vicio, e máo costume,
E o não querer curar te co' a mezinha
Que dá saude e vida e não consume. [1]
«Quem me bom prato dá, e boa cosinha
«(Diras), me dá saude, e é vida santa;
«Faminta a tua e só, pobre e mesquinha.»
Grão culpa tens em dar tanto á garganta;
Mas quem te dá do seu, e o nega ao pobre,
Dize-me, se tem mais culpa, se tanta?
Comtigo, rico, o hei ja, comtigo nobre:
Quem te deu tanto ser e fidalguia?
Quem tanto ouro enterrado te descobre?
Se Deus dá tudo, e dar-te mais podia,
Porque o não dás por elle ao que perece
Com fome, sem accorro e sem valia?
Se Deos te dá que o rei te favorece,
E tens reputação e auctoridade
Ante elle, e a gente te honra e favorece [2],
Porque não proverás a enfermidade
Do pobre enfermo, nu, desamparado,
Com zelo santo e bom, sem vaidade?
Sim; mas pede mais renda o teu estado,
A tua antiga casa e alta nobreza
Pera pannos de raz, seda, brocado;
Pera estar sempre prestes p'ra dar [3] mesa
Com baixellas de prata bem lavradas,
Vasos ricos da China e de Veneza;

[1] No MS. lê-se este hemistichio =e ta consume.= O sr. Freitas, ao copiar emendou =e não consume= solinhando a palavra =não=. (Nota do Editor.)

[2] No MS. do sr. Seabra lê-se assim este verso =E podes tanto mais do que parece=. Esta variante evita a repetição da palavra =favorece=. (Nota do Editor.)

[3] No MS. =pera dar=. O sr. Freitas para correcção do metro emendou =p'ra dar=. O MS. do sr. Seabra tem =e dar=. (Nota do Editor.)

E a cosinha de tudo preparada[1]
Do luzido almazem de espetos, grelhas,
Tachos, trempens, sertãs, sem faltar nada.
Tambem te convem ter cabras e ovelhas
Pera tantos manjares d'appetito,
Que não cabem no ventre, nem orelhas.
De manteiguilhas, leite e assucar frito,
Beilhos de manjar branco, e de iguarias
De vario gosto e numero infinito.
Cosidas, cruas, seccas, quentes, frias,
De fogareiro, ou forno, ou fogo manso,
De potagens, de mil especiarias;
Leitos, mesas, cadeiras de descanço,
Com todos seos petrechos e ornamentos,
Alfaias, que em contal-as só me canso;
Afora outros diversos provimentos
D'inverno e de verão, conforme ao anno,
E d'um e d'outro tempo os aposentos:
Seguindo mais o tracto e o uso mundano,
Jogar, caçar, pescar, como os senhores
Fazem, seja appetito, ou seja engano:
Com bons falcões, bons cães, e bons açores
D' Irlanda, não terçoes, ou caporeiros,
Quartáos, rocins de caça, e caçadores:
Não viver, como tristes escudeiros,
Que comem couves, nabos e mostarda,
E disto são ás vezes cozinheiros:
Vestem serguilha e çaragoça parda
Com cavar, e suar ao frio, ao vento,
E caminham a pé sempre, ou d'albarda.
Vejamos, rico, pois teu nascimento.
Nasceste bem vestido, e bem forrado
De martas, seda, e com tanto ornamento:

[1] Preferimos esta lição do MS. do sr. Seabra á do antigo MS. que é —E a cosinha de todo bem preparada= por não ser esta compativel com o metro. O sr. Freitas conservou-a na sua copia; mas indicou o erro com o ponto marginal sem fazer emenda alguma. (Nota do Editor.)

Ou foste em immundicias gerado,
Em lagrimas e dores, nu nascido,
Em mingoas e miserias mil criado?
E es tão soberbo e tão descomedido,
Que inda em tanta abastança pobre sejas,
Da ma cubiça em todo o gráo subido;
E em que do mundo uma grão parte rejas,
Julgas tudo por pouco e por pequeno,
E quanto mais possues, mais desejas;
Sem te lembrar, que quem c' um só aceno
Governa o mundo todo, e o fez de nada,
Quiz nascer [1] nu o pobre em palha e feno.
E tanto sempre foi delle louvada
A boa, honesta, humilde e sã pobreza,
Quanto a soberba vã vituperada.
Pois inda quem bem segue a natureza,
Foje a sobejidão, e o mal composto,
Amando a temperança e a sã simpreza:
Nem iguarias mil de vario gosto
Fazem melhor estamago ao guloso,
Mas encruado, triste, e mal disposto.
O comilão e bebado gracioso
Cuida que alonga a vida, e que a grangeia,
Grão mestre de cozinha e curioso,
Se elle so come e bebe n'uma ceia
Mais que sete, com suja preminencia [2],
E cuidando que atalha emfim rodeia:
Porque em taes avantagens a opilencia,
O prioriz, a morte em fim se apressa
Com damno d'honra, d'alma e consciencia.

[1] No MS. lê-se o 1.º verso d'este terceto =Sem te lembrares quem, etc.= e o 3.º verso =Que nasceu nu, etc.= O MS. do sr. Seabra tem no 1.º verso esta variante =Sem te lembrar que quem, etc.= e no 3.º esta =Que nascer quiz, etc.= Aproveitando-nos da lição de ambos, repozemos a que vae no texto que nos parece a verdadeira ou pelo menos a mais exacta. (Nota do Editor.)

[2] No MS. do sr. Seabra lê-se assim este verso: =Mais que sete comendo com decencia= variante que nos parece preferivel, mas que não ousámos substituir á lição do MS. que tambem offerece um sentido, comquanto um pouco forçado. (Nota do Editor.)

Vivendo homem caminha, e nunca cessa,
  Ate chegar a morte, e ou tarde, ou cedo
  Acaba, quando cuida que começa.
A estrada he larga e alegre; mas sem medo
  E com carga o que a erra, des que chega,
  La revolve de Sisypho o penedo.
Que logo tomam conta com entrega,
  E sem mais outra espera, ou orsamento,
  A receita e despesa descarrega.
Quem do Senhor recebeu mais talentos,
  Mais conta tem que dar do seu emprego,
  Dos ganhos, perdas, quebras, crescimentos.
O rico pois, que vive em vão socego,
  E não despende bem os bens dotados
  Ou de 'sp'rito ou de terra, he mais que cego.
As grandes casas, rendas e morgados
  Boamente sustem aos possuidores,
  E juntamente aos mais necessitados;
Não aos falsos truhães, aduladores,
  Nem vãos, desordenados appetitos,
  Da vida e da alma em fim dissipadores.
E o que rico se achar d'altos esp'ritos,
  Seu talento do engenho e 'stilo terso
  Empregue em ditos bons, em bons escriptos;
Sem que o dente invejoso, e o tempo adverso,
  A lingua baixa, ma, vil, indiscreta
  Lhe impida falar bem em rima e verso.
Em versos escreveu el-rei Propheta
  Tudo o que lhe dictava a Divindade;
  Em versos o cantou, qual bom poeta.
Em versos escreveu a santa verdade [1]
  Da santa historia o Capitão da gente
  Hebrêa, que elle poz em liberdade.

[1] São conformes os MSS. antigos e o do sr. Seabra, em que se lê como acima vae escripto. O sr. Freitas poz n'este verso ponto marginal, indicativo de necessidade de emenda, que comtudo não notou. Parece provavel que o auctor escreveria =a sã verdade= até pelo uso frequente que faz do epitheto =são, sã= na accepção em que aqui deve tomar-se. (Nota do Editor.)

E bem se vê que em versos tristemente
Lamentou suas magoas Jeremias,
E o santo Job humilde e paciente.
E quantos versos, hymnos, prophecias,
Metrificados canticos nos canta
Em suas santas festas e alegrias
Nossa querida Mãe [1], a Igreja santa,
A seus filhos, catholicos Doutores,
Que triumphante sempre ella levanta,
Com outros mil poemas, que a cantores
Se ouvem de consonancia e engenho doce,
Por principes compostos e senhores!
E que em tempos dourados isto fosse
Mais prezado que agora, e mais validos
Os poetas, e tidos n'outra posse;
Os premios da virtude merecidos,
Inda que os maos lhe chamem disparates,
Nunca de todo podem ser perdidos.
Dão barbaros cada hora mil combates
Aos doutos, e a ferro e a fogo os seguem,
Não os socorre Augusto, ou Mecenates.
Mas assim perseguidos, so soceguem
Em sua Musa, e d'agua d'Aganippe
A terra inculta, secca e dura reguem.
E bem que aveia esteril se antecipe
Pera afogar a boa semente, e tolha
Que o juizo Real a partecipe;
Não poderá tolher que se não colha
Alguma hora o bom fructo, e o bom esp'rito
Em seguro celleiro, que o recolha.

[1] Preferimos esta lição do MS. do sr. Seabra á do MS. antigo =A nossa Santa Mãe= por causa da repetição do epitheto =santa= duas vezes empregado n'este verso, e uma no antecedente, onde tambem no MS. do sr. Seabra em vez de =santas festas= se lê: =divinas festas=; sobre outras repetições proximas do mesmo epitheto nos versos 245.° e 249.°, e no verso 244.° não se fazendo a emenda indicada acima na nota 1. (Nota do Editor.)

Quando a grande abondança foi no Egypto[1].
O preso e santo moço era estimado
Tão pouco, como o pão era no Egypto[2].
Mas como persuadiu, por Deos guiado,
Com tempo pera a fome ainda futura,
Que fosse o mais do pão encelleirado:
Ao sonho de Pharaó deu boa soltura,
E a si mesmo e aos seus deu honra e preço,
Deu ao faminto povo grão fartura.
Camões, bem te confesso, e bem conheço,
Que entre o joio infelice e ma zizania
De tanto máo costume, e em tempo avesso,
Engenhos nascem bons na Lusitania,
E ha copia delles, que é menoscabada
Dos máos, e nomeada por insania.
Por isso, como preso em tua pousada,
Solta este sonho, e esperta o adormecido
Tempo com tua voz bem entoada;
Qual ella é, clara e pura, em som devido,
Decente, honesto e grave, ate que chegue
Áquelle affable e real ouvido[3].
Farás que estime, que honre, e que a si chegue
Os que bebem na fonte Pegasêa;
Que seu favor lhes mostre, e não lho negue:
Como o bom rei da patria da Sercia[4]
Aquelle inclyto Affonso, que amou tanto
Os doutos e avisados d'alta veia.

[1] Genesis, cap. XVI. (Nota do sr. Freitas.)

[2] A repetição da mesma palavra na rima faz suspeitar n'este verso algum erro de copista. No MS. do sr. Seabra lêem-se estes dois versos assim: =O santo moço era inda estimado=, =E qual captivo servo era prescripto= talvez erro de copia por =proscripto=. (Nota do Editor.)

[3] Na copia do sr. Freitas ha um ponto marginal n'este verso, que indica ter elle julgado haver erro ou falta, que todavia não emendou. Suppre porventura esta falta o MS. do sr. Seabra, no qual se lê: =Aquelle tão affable real ouvido.= (Nota do Editor.)

[4] Imitação de Garcilasso, Elegia a Boscan, verso 37.º (Nota do sr. Freitas.)

Então teu celebrado e efficaz canto
Do estreito do mar Roxo ao nosso estreito
Aos estranhos será piedade e espanto [1],
Se a ti e aos teus não for honra e proveito.

[1] No MS. do sr. Seabra lê-se: =Aos estranhos pasmo causará e espanto=; lição que nos parece melhor quanto ao sentido; e bem que assim fique o verso errado, poderia corrigir-se =A estranhos= ou apenas escrevendo =Aos 'stranhos, etc.= (Nota do Editor.)

SONETO

DE D. LUIZ DE ATHAIDE

A qual perigo o rosto sem escudo
Não porei eu por vós com rosto leve?
Como não seja neste a que se deve
Mais copia, mais engenho, e mais estudo.
Ante sugeito tal, por tosco, e rudo
Contar-se pode o espirito que se atreve:
Mas quem em seu favor o vosso teve,
Não faz muito por vós se não faz tudo.
Eu tudo farei ja, não por que possa,
Mas por que vos não possa dar escusa
De vosso, de obrigado, e de sujeito:
Mas digo-vos que a culpa he minha e vossa,
Vossa, que a tal sugeito a minha Musa;
Minha, em ver vossa Musa em tal sugeito.

SONETO

DE DIOGO BERNARDES

Quem louvará Camões que elle não seja?
Quem não vê, que cansa, em vão, engenho e arte?
Elle se louva a si só, em toda parte,
E toda parte, elle só enche d'enveja.
Quem juntos n'hum sprito ver deseja
Quantos dões, entre mil Phebo reparte
(Quer elle d'amor cante, quer de Marte),
Por mais não desejar, elle só veja.
Honrou a patria em tudo; imiga sorte
A fez com elle só ser encolhida
Em premio d'estender della a memoria.
Mas se lhe foy fortuna escassa em vida,
Não lhe pode tirar depois da morte
Hum rico emparo de sua fama e gloria.

SONETO

DE D. JOÃO DE ALMEIDA

Nesta empresa felice, que tomaste
Alta pyramide a teu nome ergueste,
E a lyra com que os orbes suspendeste,
Em circulo d'estrellas a engastaste.
Déste louvor ao mundo a quem honraste,
A Hespanha, a quem cantando engrandeceste,
Mais rica ainda c' os versos que escreveste
Que co' as Orientaes Indias que cantaste.
Do illustre Gama os feitos celebrados
Tanto de espanto tem por ti escritos,
Como tem de terror por elle obrados.
Descobridores ambos inauditos,
Elle, de mares nunca navegados,
Tu, de conceitos nunca d'outrem ditos.

SONETO

DE DIOGO TABORDA LEITÃO

Spirito, que ao Empyreo ceo voaste,
Das Musas cá na terra tão chorado,
Quanto melhor terás já lá cantado,
Do muito que tão bem cá nos cantaste?
Partiste-te de nós, sós nos deixaste,
A ser lá d'outro lauro laureado,
Differente daquelle que te hão dado
Os que cá com teus versos tanto honraste.
Lá Hymnos, Odes, Cantos mais suaves
Podes cantar na Angelica Hierarchia,
Onde essa voz de Cisne mais se apura.
Nem te podem faltar materias graves,
Em que occupes melhor a fantasia,
Qu' em fim o de cá passa, o de lá dura.

SONETO

DO LICENCIADO GASPAR GOMES PONTINO

Aqui da grã Minerva se descobre
O thesouro qu' os homens mais sublima,
Que quantos Phebo mostra lá de cima,
E a may d'Antheo no seo avaro encobre.
Aqui pode tirar ouro do cobre
Quem de Pallas provar a sotil lima,
E no saber que Apollo mais estima
Por arte virá a ser rico, de pobre.
Aqui da illustre Musa, e heroyca vea
Do inclyto Poeta Lusitano
Que de louvor eterno a patria arrea,
Se pode ver bem claro hum desengano,
Qu' em quanto o sol abraça, e o mar rodea
Nunca subio mais alto engenho humano.

SONETO

DE FRANCISCO LOPES

Está o pintor famoso attento e mudo
Pintando, e recebendo mil louvores,
Pello que retratou de varias cores,
Com engenho sutil, vivo e agudo.
Quem he este que falla e pinta tudo,
O ceo, a terra, o mar, o campo, as flores,
Aves, e animais, Nymphas, pastores,
Co' divino pincel do grande estudo?
O Principe será do gran Parnasso,
Ou o Grego excelente, e soberano,
Ou Torcato tambem qu' em verso canta:
E se não he Virgilio, Homero ou Tasso
E he como parece Lusitano,
He Luis de Camões, qu' o mundo espanta.

SONETO

Á SEPULTURA DE LUIZ DE CAMÕES

TIRADO DE VERSOS DAS SUAS RIMAS

POR JOÃO GOMES DO PEGO

Debaxo desta pedra esta metido
Hum varão sapiente, em quem Thalia,
Nos versos saudosos que escrevia,
Alegra o mundo todo entristecido.
Sempre será famoso, e conhecido:
Que ao juizo das gentes merecia
Da fama eterna, ter perpetuo dia,
Que ja por exercicio lhe he devido.
Musica com voz alta, e mui subida,
Copioso exemplario para a gente,
Onde sua fineza mais se apura.
Huma memoria nova e nunca ouvida,
Hum peito magoado, e descontente,
Jazem debaixo desta sepultura.

SONETO

DE UM AMIGO

Quem he este que na harpa Lusitana,
Abate as Musas Gregas e Latinas?
E faz que ao mundo esqueção as plautinas
Graças, com graça, e alegre lyra ufana?
Luis de Camões he, que a soberana
Potencia lhe influio partes divinas,
Por quem espiram as flores e boninas,
Da Homerica Musa, e Mantuana.
Se tu triumphante Roma este alcançáras
No teu theatro, e scena luminosa,
Nunca do gran Terencio te admiráras,
Mas antes sem contraste, curiosa
Estatua d'ouro ali lhe levantáras,
Contente de ventura tam ditosa.

TRADUCÇÕES

DOS

LUSIADAS E OUTRAS OBRAS

DE

CAMÕES

E

RELAÇÃO DOS AUCTORES ESTRANGEIROS

QUE ESCREVERAM SOBRE O POETA

Me Colchus, et qui dissimulat metum
Marsæ Cohortis Dacus, et ultimi
Noscent Geloni: me peritus
Discet Iber, Rhodanique potor.
(HORAT.—lib. II, ode XX.)

16

TRADUCÇÃO HEBRAICA

MOISÉS CHAIM LUZATTO

TRADUCÇÃO HEBRAICA DOS LUSIADAS DE CAMÕES POR LUZATTO

A primeira parte onde encontrâmos a noticia de uma traducção hebraica dos Lusiadas é em uma nota da traducção ingleza d'este Poema por Mickle, dizendo que o traductor hebraico fallecêra na Terra Santa. «It is translated also in Hebrew, with great elegance and spirit, by one Luzatto, a learned and ingenious Jew, author of several poems in that language, and who about thirty years ago died in the Holy land.» O sabio allemão Mr. Franz Delitzch no seu *Ensaio* (Leipzig, 1836) sobre a historia da poesia judaica, desde a Sagrada Escriptura até os nossos dias, fazendo menção da familia distincta dos Luzattos se recorda têr lido em umas observações sobre Portugal por Ruders, que Luzatto tinha traduzido os Lusiadas de Camões em estancias hebraicas. Se este Luzatto foi o doutor em medicina estabelecido em Londres no seculo passado, seria Efraim; mas Efraim Luzatto, conforme a historia dos judeus por Sost, não morreu em Jerusalem, mas sim em Lauzana. Existia pela mesma epocha outro sabio e poeta d'esta mesma familia chamado Moisés Chaim Luzatto, membro da Seita Mystica e Cabalistica do Sabbataismo, e condemnado em consequencia do seu erro pela Synagoga judaica. Este ultimo Luzatto acabou os seus dias em Jerusalem, e por isso, conforme as indicações, deve ser o auctor da citada traducção.

Dirigindo-me directamente, por conselho de Mr. A.bam des Amorée Vander Hoeven, membro e Secretario perpetuo da segunda classe do Instituto dos Paizes Baixos, ao mui distincto hebreu o sabio Samuel David Luzatto, residente em Padua, pedindo-lhe esclarecimentos sobre

a citada traducção hebraica, e o traductor seu parente, obtive a seguinte resposta:

«Monsieur. —Je n'ai aucune connaissance d'une traduction de Camoens en hebreu. Seulement Franz Delitzch dans son ouvrage sur la poésie des Juifs *(Zur Geschichte des Judischen poesie*. Leipzig, 1836) dit qu'il se souvient avoir lû cette notice dans les lettres de Ruders sur le Portugal. Voilà ses expressions a page 173: «Auch erinere ich wich in Einigen Bemertrungen über Portugall in Briefen von Ruders gelesen zu haben dass Luzatto dei Lusiaden von de Camoens in hebraische stanzen übertrug.»

«Le Médecin Luzatto (dont le frère le médecin Isac Luzatto a épousé une sœur de mon père) dans son long séjour à Londres a écrit quelques ouvrages que je n'ai jamais pû voir. L'an 1792 il se mit en voyage pour revenir en Italie, et mourir auprès de sa famille; mais il mourut à Lausane, où il s'était rendu pour consulter le célèbre Tissot. Ce qu'il avait avec lui est resté à une chrétienne qui l'accompagnait, et qui s'en retourna en Angleterre. Je ne manquerai pas d'écrire à un de mes amis, bibliophile hebreu à Londres, auquel la traduction en question, dans le cas qu'elle existe, ne peut pas être inconnue.

«Quant à Moysès Chaim Luzatto de Padoue, mon ami le savant Joseph Almanzi a fait de longues recherches sur tout ce que reste de ses écrits dans cette ville, mais il n'a rien trouvé de la traduction des Lusiades. Moysès Chaim aurait pu avoir entrepris ce travail pendant son séjour à Amsterdam; mais dans cette dernière ville aussi je connais des gens qui ont fait des recherches sur les écrits de Luzatto, et qui n'ont jamais fait mention d'une traduction de Camoens. Je suis bien faché de ne pouvoir vous donner des renseignements plus positifs sur l'ouvrage en question. Si je pourrai découvrir quelques choses là dessus je ne tarderai pas à vous écrire. Agréez, etc. Padoue, 10 août 1851.»

O escriptor hebreu B. da Costa, membro do Instituto Real dos Paizes Baixos, se quiz tambem dar ao trabalho de indagações sobre a já citada traducção, porém até hoje infructuosamente.

B. da Costa é descendente de uma familia hebrea do Porto, que no começo do seculo XVII se refugiou em Amsterdam, em consequencia de perseguição religiosa. No anno de 1820 abraçou a religião catholica de coração, e os seus estudos versam sobre a historia do povo de Israel, principalmente nos seus differentes exilios e dispersão, devendolhe particular interesse a historia da sua antiga patria e da Peninsula, da qual se occupa hoje, e especialmente tratou na obra que publicou

em lingua hollandeza, e foi traduzida na ingleza no anno de 1849, intitulada *Israel and the Nations.*

TRADUCÇÃO GREGA

TIMOTHEO LECUSSAN VERDIER

OS LUSIADAS DE CAMÕES, TRADUCÇÃO EM GREGO POR TIMOTHEO LECUSSAN VERDIER. MS.

Temos a certeza que o nosso Poeta não está traduzido no grego moderno, apesar de ser conhecido o seu Poema de alguns sabios d'esta nação, como o Director da Bibliotheca Nacional e os professores Assopius e Sapadopulos.

No grego antigo foi começado a traduzir por Timotheo Lecussan Verdier; porém nem esta traducção, nem a copia das notas no exemplar da primeira edição dos Lusiadas de 1572, que pertenceu ao Conde de Vimioso, e annotado, conforme dizia o mesmo Verdier, pelo proprio Camões, appareceu depois da sua morte. Quando o governo portuguez sequestrou os bens dos francezes depois da retirada d'estes pela restauração do governo legitimo, foi elle tambem obrigado a retirar-se, e entregou por esta occasião uma caixa com seus papeis mais preciosos a um amigo; e estando proximo a morrer, indo uma pessoa de sua amizade visita-lo, lhe entregou as chaves do seu escriptorio, para d'elle tirar varios papeis seus e os entregar a outro seu amigo: ambos falleceram e os papeis nunca mais appareceram.

Escreveu mais sobre Camões: —*Version Portugaise de l'Ode à Camoens par Mr. Raynouard, Membre de l'Institut Royal de France (Académie Française et Académie des Inscriptions et Belles-lettres), Sécretaire perpétuel de l'Académie Française, Officier de la Legion d'Honneur, Chevalier de l'Ordre Royale de Saint-Michel, etc. Avec des Notes, etc. du Traducteur.* Paris, MDCCCXXV.

É seguida esta traducção de uma versão entrelinhada de latim seguida do sentido litteral dos versos portuguezes em prosa franceza, e acompanhada de notas.

Tinha a sua viuva um exemplar com algumas emendas; e tambem os *Lusiadas,* escriptos em tinta encarnada pela sua letra e com as suas correcções. Alem d'isto auxiliou o morgado de Matheus, D. José Maria

de Sousa Botelho, na sua edição, e foi debaixo da sua inspecção que se fez a edição de 1819 conforme a primeira do mesmo morgado de Matheus.

Alem d'isto foi o editor da nova edição do *Hyssope* de Antonio Diniz da Cruz e Silva, á qual juntou notas suas, e escreveu outras muitas memorias, ás quaes nunca quiz juntar o seu nome.

Timotheo Lecussan Verdier nasceu em Lisboa a 6 de Outubro de 1762, e foi baptisado na freguezia de S. Nicolau; era filho de Miguel Lecussan Verdier, natural de Anvillac, bispado de Cominges, e sua mãe era D. Antonia Thereza Vieira, natural de Porto de Moz, filha de Domingos de Matos Cardoso e D. Felicia Caetana Vieira. Verdier foi sempre membro da Feitoria franceza; era socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e membro correspondente do Instituto de París. Ajudou o Duque de Lafões na fundação da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e aos Conegos regrantes de S. Vicente no estabelecimento do gabinete de physica, tanto quando os Conegos estiveram em Mafra, como depois do seu regresso. Defendeu, a favor do Sr. D. João VI, a demanda com que Sua Magestade foi atacado pelos parentes da Imperatriz Josephina, mulher de Napoleão, defeza que deve existir no Thesouro Publico.

Estes esclarecimentos me foram dados por sua viuva a Ex.^{ma} Sr.^{a} D. Hellena Frizoni Verdier, senhora octogenaria e de muita instrucção, e por obsequiosa intervenção de seu genro o sr. José Basilio Rademaker.

TRADUCÇÕES LATINAS

ANDRÉ BAYÃO

(16...)

LUSIADÆ INDIÆ ORIENTALIS ARGONAUTÆ, POR ANDRÉ BAYÃO. MS.

Trabalhava n'esta obra no anno de 1607, como consta de uma carta que escreveu ao Arcebispo de Lisboa. Barbosa diz que o original se conservava na Bibliotheca Romana, n.º 25, no Archivo dos manuscriptos da bibliotheca de S. Pedro, como escreve Montfaucon, Bib. MSS., Part. 1.ª pag. 173. Principiava:

Si quá ego jactabam Zephyris; quá surda movebam
Littora, quá sylvas patriis dare questubus auras
Ingenio, studioque volens: nunc quanta Latino
Ore queam repetens longiqui ardentia Martis
Arma, virosque cano Lusos, qui solis ab oris
Occiduis per inacessas maris omnibus undas
Trapobanem venere, super discrimina rerum
Plusquam homines aggressi in Eoo littore regnum
Nobile perpetuis auctum posuère triumphis.

Fizeram-se todas as diligencias por determinação de Monsenhor Molza, bibliothecario mór da bibliotheca do Vaticano, para se descobrir não só n'esta, mas na capitular, isto é, na de S. Pedro, e nos archivos esta traducção, porém infructuosamente. Mr. João Baptista Rossi, encarregado d'esta commissão, e que responde por incommodo de saude de Monsenhor Molza, acrescenta: «Avevo qualche speranza di s'invenir la traductione del Camoens fatta da Andrea Bayão, perche una gran parte dei manoscritti del Cardinal Slusio fu acquitato del Pontifice Inocenso XI, per gli archivi Vaticani, secondo le indicazioni trovate da Monsignor Molza, nella biblioteca Vaticana. Ma Monsignor Marini, Prefetto d'agli archivi mi a assicurato, tra é manoscritti dello Slusio non aver egli potuto affatto ritrovare la desiderata versione. Debbo anche avertire che due MSS. Slusiani segnati del Montfaucon (7. 1. pag. 179 coi numeri 25 e 26) non sono in realtá che un solo numero ed un solo codice come apperisce da un indice manoscritto che conservasi nella biblioteca Vaticana.»

André Bayão nasceu na cidade de Goa no anno de 1566, foi mui versado na lingua grega, na qual traduziu a Eneida de Virgilio; foi mestre de rhetorica no collegio dos gregos em Roma, e depois, a pedido do Cardeal Francisco de Joyosa, Bispo Sabinense, Regente do seminario Manlienense, e depois do de Veletri. Falleceu no anno de 1639 em Roma, na casa de S. Pantaleão dos padres Clerigos regulares das obras pias, onde se tinha recolhido, e cuja communidade deixou herdeira das suas composições. Fazem menção d'este traductor Faria e Sousa, Baillet, Barbosa, Nicolau Antonio e especialmente Allacio, na obra intitulada: «Leonis Allatii Apes Urbanæ, sive de viris illustribus qui ab anno M.DC.XXX per totum M.DC.XXXII. Romæ adfuerunt ac typis aliquid evulgaverunt.»

ANONYMO

POEMA LUDOVICI CAMOENS IN LATINUM CONVERSUM. MS.

É citada esta traducção por Montfaucon, com a numeração 26 da bibliotheca Slusiana. Vide Bibliotheca Bibliotecarum Manuscriptorum Nova, etc. Tom. I, pag. 179. Fiz procura-la na bibliotheca Vaticana onde não se encontra; de um indice antigo MS. da bibliotheca Slusiana consta que esta traducção MS. era a mesma de Bayão.

ANONYMO

(ANTES DE 1609)

LUSIADAS DE CAMÕES TRADUCÇÃO LATINA. MS.

Pedro Mariz faz menção de uma antiga traducção latina por este modo: «E até em latim se começou a fazer outra n'este reino, por um dos maiores Poetas latinos que Portugal teve, que a morte atalhou privando-nos de tamanho bem.» Domingos Fernandes, na dedicatoria a D. Rodrigo da Cunha da edição dos *Lusiadas* de 1609, faz menção d'esta mesma traducção: «Outra que na lingua latina ficou imperfeita pela morte de que seu auctor se viu salteado ao melhor tempo.» Não era a de Bayão, porque este falleceu no anno de 1639.

Suppõe Garcez que fosse o Desembargador João de Mello e Sousa que escreveu em verso hexametro o *Paraphrasis in librum Job*, e que falleceu poucos annos antes que Mariz publicasse o *Commento* de Manuel Correia. Pedro Sanches, que faz menção da *Paraphrase*, não a faz da traducção.

FR. THOMÉ DE FARIA, BISPO DE TARGA

(1622)

LUSIADUM LIBRI DECEM, AUTHORE DOMINO FRATRE THOMA DE FARIA, EPISCOPO TARGENSI REGIOQUE CONSILIARIO ORDINIS VIRGINIS MARIÆ DE MONTE CARMELI, DOCTORE THEOLOGO ULISSIPONENSI. CUM FACULTATE SUPERIORUM. ULISSIPONE. EX OFFICINA GERARDI DE VINEA, ANNO 1622.

Comprehende: —Inclito, invicto ac illustri Portugalliæ Regno prosperitatem maximam exopto.

É uma dedicatoria á nação portugueza, na qual diz que vendo o estado de degradação e de abatimento a que a nação se achava reduzida ha uns cincoenta annos, para alliviar a tristeza se applicára á leitura dos maravilhosos feitos de seus antepassados, e procurára mitiga-la com esta traducção, onde propõe aos seus contemporaneos tantos exemplos para seguirem as pisadas dos seus ascendentes. «Tendes os turcos (lhe diz) que tantas vezes debellastes, os mouros de quem alcançastes tantas victorias, tantas nações de que enfeixastes tropheus, emfim os inimigos da fé contra quem podeis restaurar o nome perdido, e eu cantar-vos em meus versos.»

Ad lectorem. —Desculpa-se com o exemplo de muitas pessoas graves de que, sendo já velho e bispo, se applicasse á poesia.

Seguem-se tres Epigrammas em louvor do traductor; os Cantos são precedidos de uns argumentos em prosa, e termina com algumas notas geographicas e historicas. A traducção termina na est. CXLIV, omittindo as ultimas doze da allocução a El-Rei D. Sebastião.

O padre Antonio de Carvalho da Costa, auctor da *Corographia portugueza,* assevera que o Bispo emprehendêra a traducção instado pelos Jesuitas; o traductor tinha oitenta annos quando a publicou.

Foi reimpressa no quinto volume do *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum qui Latine scripserunt* (1745) do padre Antonio dos Reis, e acompanhada de uma biographia do Bispo, um catalogo das suas obras, e o testemunho de varios auctores que escreveram em louvor da traducção.

D. Fr. Thomé de Faria nasceu em Lisboa no anno de 1542, e professou no convento do Carmo a 25 de Março de 1581. Foi Provincial duas vezes, e nomeado Bispo coadjutor do Arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro, em cuja dignidade foi confirmado com o titulo de Bispo

de Targa por Paulo V, a 2 de Agosto de 1616. Morreu a 3 de Outubro de 1628, e jazia no cemiterio antigo do convento do Carmo com este epitaphio:

AQUI JAZ D. FR. THOMÉ DE FARIA BISPO DE TARGA
E RELIGIOSO DESTA SAGRADA RELIGIÃO
FALECEO A 23 DE OUTUBRO DE 1628

ANTONIO MENDES

(16...)

LUSIADEN CAMONII HISPANORUM VATUM ANTESIGNANI.
POEMA LATINIS VERSIBUS REDITUM. 4.º MS.
POR ANTONIO MENDES PRESBYTERO

Morreu no principio do XVII seculo, e por sua morte desappareceram as suas obras. Escreveu mais *Exequias da India,* obra satyrica pela qual esteve preso, mas em breve foi restituido á liberdade. Vide Bibliotheca Lusitana e Thomás de Aquino.

FR. FRANCISCO DE SANTO AGOSTINHO DE MACEDO

(1648)

LUSIADA DE CAMOENS TRADUSIDA NA LINGOA LATINA. 4.º 2 TOMOS. MS.

Consta esta traducção de quasi dez mil versos, correspondendo um verso latino a um portuguez; foi composta em París em nove mezes, e por insinuação do Marquez de Niza D. Vasco Luiz da Gamà; não a deixou perfeita, como se via de alguns versos que estão por acabar no original. Começa:

Arma cano, celebresque viros qui à littore ponti
Occidui Lysii surgunt ubi mœnia regni
Per maria ante aliis nunquam tentata carinis
Ire vel extremos ultra potuére recessus
Taprobanes: bello egregii, fortesque periclis,
Plusquam humana ferat virtus, quam spondeat ausus,
Et nová regna inter gentes statuére remotas,
Quæ tantum factis sublimia in astra tulêre.

Paggi faz menção d'esta traducção, que era esperada pelo publico litterario, quando appareceu a sua na lingua italiana (1658), e o padre Niceron diz que o original se achava na livraria do Marquez de Niza, e ia ser impresso por ordem do Rei, e debaixo da inspecção do padre Antonio dos Reis na collecção do *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum;* porém o editor decidiu-se a não publicar esta versão por não estar retocada pelo auctor, e por não faltarem documentos do seu engenho poetico.

Os primeiros cantos d'esta traducção paravam em poder do sr. padre Domingos da Soledade Sillos, prégador regio e Prior que foi de villa de Conde, e ultimamente residente em Guimarães, o qual os houve por compra da livraria de um religioso, que intentava imprimir como sua esta traducção. Os ultimos cantos pertencem ao sr. Conselheiro Antonio Correia Caldeira, que teve a bondade de m'os franquear para eu os examinar. João Saraiva de Victoria melhorou ou antes restaurou esta traducção, como se vê de uma nota que está por baixo do argumento do Canto x d'este manuscripto: «*A mole indigesta in lucem edidit Joannis Saraiva de Victoria.*» O padre José Agostinho de Macedo, em carta sua autographa que eu vi dirigida ao morgado de Matheus, D. José de Sousa Botelho, o convidava para publicar esta traducção, offerecendo-se-lhe para a rever e emendar; ahi se diz, se a minha memoria me não engana, que existia uma copia na bibliotheca do Duque de Cadaval. Alguns trechos d'ella se acham no *Propugnaculum Lusit. Gal.* do mesmo auctor, a pag. 102, 109, 118, 158, 159, 161, 174, 195 e 199.

Do mesmo auctor vem um elogio em verso latino na traducção de Paggi, feito ao traductor, com este titulo: «*Illustrissimo Domino Prestantissimo Viro, clarissimo Vàti, Optimi Camonii Lusitani exornatori Optimo.* —Doctor Franciscus de Macedo, etc. Amico charissimo, D. e V.» É seguido tambem este elogio de um epigramma, tambem em versos latinos, ao mesmo traductor.

«*Vida de Luis de Camoens, MS.* 4.º» Encontrámos este manuscripto do mesmo auctor na bibliotheca publica, onde tem esta numeração, B. 3. 78.

Consta de vinte e tres paginas, e começa: «Se a morte deixára rasto da vida e por ella vieramos a dar no logar do nascimento dos varões illustres» etc. O MS. pertencia ao Dr. Antonio Ribeiro dos Santos. D'este manuscripto consta que o Marquez de Niza, a cuja instancia fizera a traducção, o persuadia a que a commentasse em latim. Não acrescenta mais noticias ao já escripto.

Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, tão conhecido no mundo litterario, não só pelos seus vastos talentos encyclopedicos, mas pela facilidade e presteza com que escrevia, nasceu no anno de 1596 e professou a 22 de Maio de 1610 no collegio dos Jesuitas de Coimbra. Deixou a religião da Companhia, depois de sete annos e de ter feito o quarto voto, e abraçou o instituto de Santo Antonio; morreu em Padua no 1.° de Maio de 1681, de idade de oitenta e cinco annos.

MANUEL DE OLIVEIRA FERREIRA

(17...)

LIBER VII LUSIADUM CAMONII, POR MANUEL OLIVEIRA FERREIRA. MS.

Traduziu o Canto VII em verso por emulação com premio:

> Jam prope Lusiadæ conscendere visi
> A tantis fuerat quæque exoptata feroces, etc.

Era natural da cidade do Porto, e nasceu a 31 de Agosto de 1711. No anno de 1754 ainda era vivo. Vide Bib. Lusit. e o Supplemento.

FILIPPE JOSÉ DA GAMA

(17...)

OS LUSIADAS DE CAMÕES EM PROSA EM LATIM. MS.

Esta traducção se perdeu no incendio do terramoto de 1755, como o mesmo auctor asseverou a Thomás José de Aquino.

Filippe José da Gama nasceu em Lisboa em 1713, foi academico da Academia Real de Historia Portugueza, e de outras que se estabeleceram na sua patria, e em Roma na dos Arcades, official de secretaria e censor regio pelo desembargo do paço. O Sr. Innocencio Francisco da Silva, referindo-se a Thomás José de Aquino, o suppõe já fallecido no anno de 1779.

TUSCULANUM CONIMBRICENSE

(16...) MS.

Vem uma Elegia latina sobre o thema o soneto:

Horas breves do meu contentamento.

JOHANNES BUCHARDUS ET FREDERICUS OTTON

(1734)

JOHANNIS BUCHARDI ET FREDERICI OTTONIS
MENECKENORUM PATRIS ET FILII BIBLIOTHECA VIRORUM
MILITIA ÆQUE AC SCRIPTIS ILLUSTRIUM. LIPSIÆ 1734

Vem uma biographia de Camões, extrahida principalmente de Nicolau Antonio.

HENRIQUE SCHERER

(1738)

GEOGRAPHIA UNIVERSALIS ETC. DE HENRIQUE SCHERER. 1738.

Faz menção de Camões: «Ludovicus Camoens, insignis Poeta, dictus Virgilius Lusitanus, sêd malignantis fortunæ lusus; diu namque in orbe circumatus; tandem in patria miseriis immortuus.»

NICOLAU ANTONIO

(1783)

BIBLIOTECA HISPANA NOVA AB ANNO 1500 AD ANNUM 1684.
MATRITI, IBARRA 1783. 2 VOL. FOL.

Traz uma biographia de Camões, e a relação de algumas edições e traducções.

J. F. DAVIS

(1831)

INSCRIPÇÃO LATINA Á GRUTA DE MACAU

Compoz os seguintes versos latinos á gruta de Macau com este titulo:

IN CAVERNAM, UBI CAMOENS FERTUR CARMEN EGREGIUM COMPOSUISSE

Hic, in remotis sol ubi rupibus
Frondes per altas molliùs incidit,
Fervebat in pulchram camœnam
Ingenium Camoentis ardens:

Signum et Poëtæ marmore lucido
Spirabat olim, carminibus sacrum,
Parvumque, quod vivens amavit,
Effigíe decorabat antrum:

Sed jam vetustas, aut manus impia
Prostravit, Eheu! —Triste Silentium
Regnare nunc solum videtur
Per scopulos, virides et umbras!

At fama nobis restat, at inclytum
Restat Poëtæ nomen, at ingenî
Stat carmen exemplum perenne,
Ærea nec monumenta quærit!

Sic usque virtus vincit, ad ultimos
Perducta fines temporis, exitus
Spernens sepulchrorumque inane,
Marmoris ac celerem ruinam!

Macau, 1831. —*J. F. Davis.*

TRADUCÇÕES HESPANHOLAS

BENITO CALDERA

LOS LUSIADAS DE LUYS DE CAMÕES TRADUSIDOS EN OCTAVA RIMA CASTELLAÑA POR BENITO CALDERA RESIDENTE EN ESTA CORTE. DIRIGIDOS AL ILLUSTRISSIMO SEÑOR HERNANDO DE VEGA DE FONCECA, PRESIDENTE DEL CONSEJO DE LA HAZIENDA DE SU M. Y DE LA SANTA Y GENERAL INQUISICION. CON PRIVILEGIO IMPRESSO EN ALCALÁ DE·HENARES POR JUAN GRACIAN, AÑO 1580.

No frontespicio tem uma vinheta que representa um soldado armado, com a lança na mão, e na attitude de montar a cavallo; é bem gravada, e figura-se-me ser o retrato do Poeta.

Segue-se a approvação de Fradique Fiario Ceriol. Diz que a poesia dos Lusiadas é feita á imitação da Eneida de Virgilio, e a traducção tão propria, polida, sonora e numerosa, que corresponde em tudo á grandeza do sujeito. E que a publicação d'este livro póde ser de muito interesse á republica. Vem depois o privilegio do Rei, concedido em Guadalupe a 26 de Março de 1580, ao traductor por espaço de vinte annos, em attenção ao trabalho e despeza que havia feito com a traducção, e ser o dito livro proveitoso para os professores de historia e navegação. Segue-se a dedicatoria a D. Hernando da Vega. Vem depois uma epistola de Pedro Laynez aos leitôres, Sonetos ao traductor pelo licenceado Garay, por um dos seus amigos, por Luys de Montalvo, pelo Mestre Vergara, por um dos seus amigos, e por ultimo pelo dito Pedro Laynez.

Cada Canto é precedido de um argumento, e o livro termina: *En Alcala. En casa de Juan Gracian,* 1580.

O celebre Miguel Cervantes Saavedra faz menção da traducção e traductor n'estes versos na sua *Galatea,* livro VI, *Canto de Caliope.*

Tu que de luso el singular tesoro
Irigiste en nueva forma a la ribera
Del fertil rio, a quien el lecho de oro
Tan famoso le hace adonde quiera;
Con el devido aplauso, i el decoro
Devido a ti, Benito de Caldera,
I a tu ingenio sin par prometo honrarte,
I de lauro, y de yedra coronarte.

É muito possivel que o Camões ainda visse esta traducção que deveria saír por Abril de 1580.

Benito Caldera era portuguez, e não se sabe o anno do seu nascimento, e sómente que era muito moço quando traduziu o Poema dos Lusiadas, como consta da Canção de Pedro da Vega em louvor do outro traductor do mesmo Poema, Luiz Gomes de Tapia, na qual, referindo-se a Benito Caldera, diz que era de *edad tierna*. Foi homem douto e poeta, e por fim tomou ordens no real convento de S. Filippe de Madrid dos Eremitas de Santo Agostinho; não se sabe tambem quando falleceu.

LUIS GOMES DE TAPIA

(1580)

LA LUSIADA DE EL FAMOSO POETA LUYS DE CAMÕES TRADUSIDA EN VERSO CASTELLANO DE PORTUGUES POR EL MAESTRO LUYS GOMES DE TAPIA VESINO DE SEVILLA. DERIGIDA AL ILLUSTRISSIMO SEÑOR ASCANIO CALONA ABBAD DE SANTA SOPHIA. CON PRIVILEGIO. EN SALAMANCA. EN CASA DE JEAN PERIER IMPRESSOR DE LIBROS, AÑO DE M.D.LXXX

Dedicatoria. —*Al Ill.mo Sñr. Ascanio Colona Abbad de Santa Sophia.*— N'esta dedicatoria referindo-se ao Poema, diz: «Pues veniendo a mis manos una tal obra en lengua portuguesa, de los claros hechos que los bellicosos portugueses en el descobrimiento de las Indias Orientales hisieron, escriptos en tã alta poesia que se llega a la Eneyda, vence la Thebayda, e es poco menos de la Iliada e Odyssea de Homero» etc. —*El Maestro Francisco Sanchez Cathedratico de prima de Rhetorica en la Universidad de Salamanca al lector.*— Expõe a reverencia em que sempre foram tidos e se devem ter os bons poetas; a difficuldade e a sciencia que é necessaria para obter este nome, d'onde vem que em um seculo apenas apparecem dois ou tres em cada nação, e ás vezes se passam seculos sem que appareçam. D'aqui nasce uma justa indignação entre os doutos, contra aquelles que não sendo tão doutos, os pretendem reprehender, e que julgam que por elles ignorarem uma cousa, erraram os poetas. Traz alguns exemplos de descuidos notados sem rasão a Virgilio: «Digo esto por la veneracion en que aviamos de tener a los poetas, siendo tales que verdaderamente merescã este nombre. Tal me parece a mi Luys de Camões Lusitano, cuyo subtil ingenio, doctrina intera, cognicion de lenguas e delicada vena, muestran claramente no

faltar nada para la perfeccion de tan alto nombre, y tanto mas lo muestra, quanto la lengua suya natural paresce contrastar para la perfeccion del verso. Tal tesoro como este no era rason que en sola su lengua se leyesse, e assi con mucha razon se deven dar gracias a quien ha querido tomar trabajo de communicarlo a su lengua castellana, etc.» Elogia o traductor e expõe o methodo que seguiu na sua traducção. —*Illustrissimo Domino Ascanio Colona Abbate Sanctæ Sophiæ,* oito dysticos latinos, e um soneto do traductor em hespanhol; *Magister Franciscus Sanctius Brocensis, de Magistro Luisio Gomez de Tapia Carmen,* seis versos latinos; *Alvarus Rodericus Zambranus, de Magistro Luisio Gomez de Tapia,* doze versos latinos; *El doctor Diogo de Vargas al Maestro Luis Gomes de Tapia,* um soneto em italiano; *Don Luis de Gongora al Maestro Luis Gomes de Tapia,* cancion: n'esta canção encarece o valor portuguez e exalta os heroes da India. Soneto ao traductor de Luiz de Valençuela, e outro de Alvaro de Peralta. *Pedro da Vega al libro del Maestro Luis Gomes de Tapia,* canção: n'esta poesia allude á traducção dos *Lusiadas* de Benito Caldera que saiu no mesmo anno, porém mais temporã: diz ao traductor que não mostre paixão pelo apparecimento d'esta traducção, pois com poucas lentilhas comprará a progenitura, e não o espante estar estampada em formato maior, que não receie a victoria, porque escudado com o seu protector é segura a derrota.

Que baxo de tal vandera
No es menester casco e cota
Que no es esta Caldera
Que llaman de Aljubarota.

Segue-se uma relação dos Reis de Portugal, com a origem do Conde D. Henrique. «Catalogo de los Reyes que en Portugal ha avido desd'el primer Conde Don Enrique hasta el año de ochenta, en que la mayor parte de Portugal está subjecta a la Magestad del Rey Don Phelippe nuestro Señor.» Termina em Felippe II por esta maneira: «A Don Henrique succedio el año de ochenta la Sacra Magestad del Rey Don Phelippe II deste nombre Rey de España; assi por ser Reyno que de su corona avia salido, como por ser nieto del Serenissimo Rey D. Manuel, padre de Don Henrique que murio sin herederos.»

É esta traducção escripta em oitava rima; no principio de cada canto tem um argumento em prosa, e no fim de cada um dos ditos cantos umas breves notas mythologicas e historicas, sem referencia alguma ao

Poeta. O exemplar que examinámos é da bibliotheca nacional, e não está completo; termina com a estancia CXLIII, vindo a faltar as ultimas treze estancias.

Tem mais este exemplar, em letra de mão e da epocha, o nome de Luiz de Camões, assignado na primeira folha do rosto, no local onde se costumam collocar as armas, ou a vinheta de que usam as officinas typographicas, o que faria suspeitar que fosse a propria assignatura de Camões e elle o possuidor d'este livro, e a quem o traductor o enviasse, se a declaração que o mesmo traductor faz, que por esta epocha estava quasi todo o Portugal sujeito a Filippe II, não viesse contraditar esta supposição; salvo se o traductor desse já por consummado um facto que se estava preparado, não estava comtudo inteiramente concluido, e só teve logar poucos dias depois da morte do nosso Poeta.

HENRIQUE GARCEZ

(1591)

LOS LUSIADAS DE LUYS DE CAMOENS TRADUZIDOS DE PORTUGUES EN CASTELLANO POR HENRIQUE GARCEZ. DIRIGIDAS A PHILIPPO MONARCHA PRIMERO DE LAS ESPAÑAS Y DE LAS INDIAS. EN MADRID. IMPRESSO CON LICENCIA EN CASA DE GUILERMO DROUY EMPRESSOR DE LIBROS. AÑO 1591

Depois do titulo segue-se o privilegio, licenças e quatro sonetos, dois a Filippe II, outro de Diogo de Aguilar, outro de resposta, e no fim outro soneto. Um vol. de 4.º Tem 186 folhas, sendo a ultima de erratas, e no verso o logar da officina e anno de impressão. Começa:

Las armas e varones señalados
De l'occidental praia Lusitana,
Que por los mares nunca navegados
Passaron mas alla de Taprobana.

Miguel de Cervantes, na sua *Galatea*, liv. VI, *Canto de Caliope*, faz menção d'este auctor alludindo á sua traducção de Petrarcha:

De un Enrique Garcez, que al Peruano
Reino enriquece, pues con dulce rima,
Con sutil, ingeniosa, i facil mano,
A la mas ardua empressa en el dio cima,

Pues en dulce Espanol al gran Toscano
Nuevo lenguage ha dado, i nueva estima;
Quien sera tal que la mayor le quite,
Aunque el mesmo Petrarca resucite?

Henrique Garcez foi natural da cidade do Porto, d'onde passou ás Indias occidentaes, e n'ellas assistiu a maior parte da vida occupado no serviço de Castella, devendo-se á sua industria que no Peru não corresse a prata sem ser cunhada, e se usasse do azougue para beneficio d'este metal. Ficando viuvo obteve um canonicato na Cathedral do Mexico; Agostinho Rebello da Costa, na sua *Descripção topographica do Porto*, citado pelo sr. Innocencio Francisco da Silva, diz que fallecêra em 1591.

Um exemplar d'esta rara traducção, diz o fallecido Visconde de Almeida Garrett, que possuia o seu amigo Mr. James Gooden na sua bibliotheca em Londres; o que vimos pertence ao sr. João José Barbosa Marreca, que teve a bondade de m'o franquear para eu o examinar.

Fazem menção d'este traductor, alem de outros, Manuel de Faria e Sousa na *Vida de Camões*, e o padre Antonio dos Reis, *Enth. Poet.* n.º 150.

FRANCISCO DE AGUILAR

(15...)

OS LUSIADAS TRADUZIDOS EM CASTELHANO
POR FRANCISCO DE AGUILAR. MS.

Faria e Sousa, Comment. ás Rimas, n.º 39, faz menção de duas traducções castelhanas que se seguiram á de Garcez, por esta fórma: «La quarta hizo Manoel Correa Montenegro; y la quinta D. Francisco de Aguilar, ambos con mas de Portugueses que de Castellanos y ambos moradores en Madrid: Estas vi yo manuscritas.» De nenhuma d'ellas faz menção Nicolau Antonio.

Francisco de Aguilar falleceu a 13 de Março de 1613. Vide Nic. Antonio.

MANOEL CORREA MONTENEGRO

(16...)

LUSIADA DE LUIS DE CAMOENS TRADUSIDA EN CASTELLANO POR MANOEL CORREA MONTENEGRO. MS.

Faria e Sousa diz que esta fôra a quarta traducção n'esta lingua, e que não era boa.

D. LAMBERTO GIL

(1818)

LOS LUSIADAS, POEMA EPICO DE LUIS DE CAMOENS QUE TRADUJO AL CASTELLANO DON LAMBERTO GIL, PENITENCIARIO EN EL REAL ORATORIO DEL CABALLERO DE GRACIA DE ESTA CORTE. MADRID 1818. IMPRENTA DE DON MIGUEL DE BURGOS. 8.º 3 VOL.

Tomo I. *Prologo del traductor:* n'este prologo faz menção das traducções do Poema, e n'elle diz que Pedro Martinez e D. Nicolau Antonio accusam uma traducção castelhana de 1609. Segue *Vida de Luiz de Camões:* não é mal escripta, mas sem maior novidade que a dos nacionaes; a fl. 92 faz menção da edição dos Lusiadas do Morgado de Matheus, fazendo os devidos elogios ao editor e á nitidez da edição. *Juizo critico:* elogia muito o Poeta, e transcrevendo a falla de D. Nuno Alvares Pereira, diz: «Si el Nuno Alvarez de la historia fue tan elocuente, tan valiente, tan lleno de celo y de furor como el que nos pinta Camoens, mucha desculpa tiene el pueblo que se dejo cegar, y lo seguio olvidando al rey a quein debia haber obdecido.» Depois de haver notado as bellezas do Poema, toca alguns defeitos por esta fórma: «Verum opere in longo fas est obrepere somno. Estes defectillos y algun otro que se encontrará (y nos otros notamos solo para hacer ver que no respetamos con una veneracion supersticiosa el autor que traducimos, y para que no se extravien con la celebridad de tan classico escritor los jovenes inexpertos), son como las manchas en el sol, que por mas grandes que quieran hacerlas los astronomos, nada lhe quitan de su resplendor y claridad, y siempre lo dejan el padre de la luz, con cuyo auxilio vemos aun las mismas manchas que se descubren en el.» *Viage de Vasco da Gama a la India.* Depois vem os argumentos em prosa dos

cinco cantos que comprehende este primeiro tomo, e logo a traducção do Poema que começa:

> Las armas e varones señalados,
> que dejando la playa Lusitana
> por mares antes nunca navegados
> passaron mas allá de Trapobana;
> y en peligros y guerras esforzados
> mas de lo que promete fuerza humana,
> entre gente remota edificaron
> nuevo reino que tanto sublimaron.

Seguem-se as notas a estes cinco cantos, e depois as erratas.

Tomo II. Os argumentos em prosa, depois a traducção seguida das notas e erratas.

Tomo III. *Poesias varias y Rimas de Luis de Camoens que tradujo al castellano D. Lamberto Gil, Penitenciario en el real Oratorio del Caballero de Gracia de esta Corte. Tomo* III, *Madrid* 1818. *Imprenta de D. Miguel de Burgos.*

Prologo: n'este prologo avalia o merecimento de Camões como poeta lyrico, comparando-o com Petrarcha, ao qual reputa superior o nosso Poeta. As poesias escriptas na lingua hespanhola, pelo poeta portuguez, a qual, na opinião do traductor, elle fallava perfeitamente, foram marcadas n'este volume com um asterisco para se não confundirem com as traduzidas.

Depois da traducção vem umas notas abreviadas, e depois das erratas um indice das poesias contidas no volume.

Apesar de ser uma traducção moderna do seculo actual, comtudo apenas vi um exemplar na Bibliotheca do fallecido advogado Rego Abranches, hoje dos herdeiros de Joaquim Pereira da Costa, e constame que tambem começa a ser rara em Madrid.

D. EMILIO BRAVO

(18...)

POEZIAS DE D. EMILIO BRAVO. HAVANA 18... 1 VOL.

N'esta collecção publicou dois Cantos dos *Lusiadas*, e alguns trechos no *Semanario Pitoresco*. Tem concluidos tres cantos; aindaque con-

tinua lentamente a traducção, tenciona conclui-la. Esta traducção foi começada em Lisboa em 1846.

D. F. ESCOSSURA

(18...)

EPISODIO DO ADAMASTOR DOS LUSIADAS DE CAMÕES
POR F. ESCOSSURA. 18... MS.

O sr. Escossura, ministro de Hespanha em Portugal, traduziu este Episodio no Album da Ex.ma Sr.a Casal Ribeiro.

D. FREDERICO PERES DE MOLINA

(18...)

OBRAS DE LUIZ DE CAMÕES TRADUZIDAS EM CASTELHANO

Tem emprehendido, conjuntamente com D. Emilio Bravo, uma traducção completa das obras de Camões; porém ainda se não acha publicada.

ALONSO JERONYMO DE SALAS BARBADILLO

(1635)

CORONAS DEL PARNAZO Y PLATOS DE LAS MUSAS. MADRID
EN LA IMPRENTA DEL REINO 1635. 8.° 1 VOL.

Introduz Camões na presença de Apollo, o qual ás portas da sua cidade tinha um hospital para recolher e dar esmola aos poetas que vinham de Hespanha, onde jactando-se o castelhano com o brio d'esta nação que não necessitava; «porque (diz o auctor) le dixo Garcilasso la ostentation com que havian entrado e la opulenta posada que havian elegido... y Apollo respondio: Que dizis, divino Garcilasso? poetas de España con opulencia? sin duda deven ser hijos de la bella Italia donde a nuestros estudios se haze todo bueno tratamiento y reverencia; mas quedose la platica en este estado, porque entraran los dos divinos ingenios españoles primeros padres de su poesia, que sacandola de panos

rusticos la vestieron en trage honesto e lusido, Garcilasso castellano y Camões portuguez.» Vide Garcez, nota 224.ª do Canto VII dos Lusiadas.

FRANCISCO DE PAULA CANALLEJAS

(1858)

APERÇUS SOBRE LOS LUSIADAS

Faz menção d'este trabalho a *Revue Contemporaine* do anno de 1858.

Não me foi possivel obter um exemplar d'esta obra.

D. J. VALERA

(18...)

Na *Collecção dos Poetas Hespanhoes*, para a publicação da qual o Governo votou uma somma consideravel (julgo que 20:000 duros) se tencionava publicar excerptos dos Poetas portuguezes, o que não sei se se levou a effeito, e entre estes os *Lusiadas*. O sr. Valera era encarregado da parte que diz respeito ao Poema do nosso Poeta.

SINIBALDO DE MÁS

(1851)

Enviado de Hespanha na China, residiu por alguns annos na cidade de Macau, e escreveu na celebre Gruta uns versos que subscreveu com o anagramma de Libazinde.

FRANCISCO DE CASCALES

(1617)

TABLAS POETICAS, ETC. MURCIA 1617

É uma *Arte Poetica;* põe Camões no numero dos primeiros poetas epicos, e lhe chama divino.

LOPE FELIX DA VEGA CARPIO

(16...)

Foi grande admirador de Camões e intimo amigo do seu Commentador Manuel de Faria e Sousa. Faz menção do nosso Poeta em varias partes das suas obras. Na sua *Arcadia*, pag. 234, no *Laurel de Apollo*, pag. 25, e no *Elogio* ao Commentador Faria e Sousa, que precede a *Vida de Camões* nos Commentarios aos *Lusiadas;* alem d'isto dedicou á sua memoria uma das suas comedias.

TRADUCÇÕES FRANCEZAS

ANONYMO

(15...)

No epitaphio composto pelo padre Matheus Cardoso, e mandado pôr sobre a campa de Camões, se lia o seguinte:

HUNC ITALI *GALLI* HISPANI VERTERE POETAM, ETC.

Em outro epitaphio, tambem do XVI seculo, feito talvez em concorrencia com o do padre Matheus Cardoso, apparece a mesma asserção:

QUIN ETIAM VARIIS MODULATUR CARMINA LINGUIS
ITALO ET HISPANO, *GALLICO* ET ORE SONAT.

Diogo Fernandes na dedicatoria da edição dos Lusiadas de 1609, o affirma mais explicitamente, declarando comtudo que não vira a traducção; são estes os vestigios mais antigos que encontrámos da sua existencia.

Consultando sobre este assumpto Mr. Ferdinand Denis, pessoa a mais apta, pelo grande interesse que tem sempre tomado pela nossa litteratura, a qual tem enriquecido de copiosas e interessantes obras, teve a obsequiosa bondade de me responder o seguinte: «Depuis que j'ai eû l'avantage de vous écrire, j'ai acquis la certitude que Baillet dans ses *Jugements des sçavants,* tom. 4.º pag 442, disait positivement que les

Lusiades avaient été mises en français dans le seizième siècle. L'abbé Gouget, avec son bon sens habituel, s'exprime ainsi: «C'est tout ce qu'il dit de cette traduction que personne ne connaît et que peut-être n'a jamais été imprimée, s'il est vrai même qu'elle ait existé. Bibliotèque Française. T. VIII, pag. 188.» Não podia ser, como bem observa Mr. Ferdinand Denis, Nicolau Grouchy que traduziu a *Castro* do nosso Ferreira, porque este falleceu no anno 1572 na Rochella; conjecturo se existiu esta traducção que fosse feita por Simão Goulart, que traduziu Osorio e Castanheda (1587), e parece que seguiu a *Historia de Portugal* até á perda d'El-Rei D. Sebastião.

Por este ou por alguns dos Mestres francezes que vieram para a reforma da Universidade poderia ser feita esta traducção, devendo presumir-se pelo menos que devia haver conhecimento em França da apparição do Poema, pelas relações litterarias que existiam nos dois paizes, tanto pelos discipulos que se íam formar á Universidade de París, como pelos Mestres que de lá vieram.

João Nicot, Senhor de Villemain, Embaixador de Carlos IX junto a El-Rei D. Sebastião durante a sua menoridade, que tratou em Lisboa com Damião de Goes, de quem recebeu em presente a herva do tabaco (un gentil'home flamand que étoit alors guide des papiers Royaux lui fist présent de ceste plante étrangêre) que mandou para França, e que por este facto tomou o nome da herva do Embaixador ou Nicotiana, escreveu varias obras, e entre estas se occupava das *Conquistas de Portugal*. Seria esta obra alguma traducção de Barros, Castanheda ou Osorio? Dos ultimos não me parece provavel, porque já Simão Goulart se havia occupado d'esta tarefa; e do primeiro não me consta que as suas *Decadas* fossem passadas para a lingua franceza. Podia muito bem ser que esta obra das *Conquistas de Portugal* fosse esta desconhecida traducção do XVI seculo. Não entrou porém este seu trabalho litterario para a bibliotheca nacional, quando ali deu entrada a numerosa collecção reunida pelos irmãos Depuy; talvez se encontre na bibliotheca de S. Petersbourgo, onde existe a correspondencia d'este antigo Diplomata.

Blaise de Vigenere traduzia por esta occasião a *Gerusalemme* do Tasso; não é muito presumivel, que o nosso Poema fizesse menos echo em França do que o do poeta de Sorrento, especialmente quando a Europa admirava absorta o grande acontecimento de que elle era assumpto.

Comtudo não se encontra vestigio algum ou menção official do conhecimento da obra do nosso Poeta em França alem do reinado de Luiz XIII, como em outra carta me assevera Mr. Ferdinand Denis. Na

collecção de manuscriptos da bibliotheca do Instituto existe uma carta de um portuguez chamado Soares de Abreu, datada de 21 de Março de 1641, e que se encontra entre os papeis dos historiographos os irmãos Godfroy, que em má linguagem franceza diz assim: «Monsieur. Je vous prie de vous écrire doresnavant en toute liberté, sur la quelle antecipant Je commencerai le premier, et vous presente ensemble ici deux autres livres de Louis de Camoens, grand poete Portuguais, un pour vous et l'autre pour M. M. de Sainte Marthe; vous me ferez la faveur de le faire tenir en ses mains, avec mes biens humbles remerciments. Le Don est petit, mais Je sais que vous le Jugerez à propos en ceste occasion car *il est un poeme bien fait,* la matiere et suget du quel estant le fondateur de la trez illustre maison de Mr. le Comte da Vidigueira admiral des mers de l'Inde et nostre Ambassadeur.» Até aqui Soares de Abreu, homem extravagante nas suas composições litterarias, conforme o juizo de Mr. Ferdinand Denis, entre as quaes se contam versos francezes na medida portugueza feitos á morte do Cardeal de Richelieu, mas que possuia bastante fundo de instrucção. Vejamos agora o que nos diz o celebre padre Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo na sua biographia manuscripta do nosso Poeta. «A fama he que o traduzirão varias nações. O certo he que na Castelhana se traduzio e na Italiana se começou e não acabou de traduzir. Pela Franceza puxamos muitos curiosos em Pariz pela fama que della havia, mas não a pudemos descobrir.» Entre estes curiosos o mais empenhado em descobrir a traducção devia ser o Conde da Vidigueira, que então se achava em París na qualidade de embaixador e juntamente com o padre Macedo, o qual por certo não queria partilhar o quinhão de censura que o nosso Poeta no fim do Canto VI dos seus *Lusiadas,* lança á estirpe do grande descobridor da India:

> Que elle nem quem na estirpe seu se chama
> Calliope não tem por tão amiga, etc.

antes pelo contrario encommendou ao padre Macedo por esta occasião, não só que trasladasse na lingua latina o Poema, para mais divulgar a fama do Poeta, mas ainda persuadia ao auctor da versão, commentasse igualmente em latim os *Lusiadas* que havia vertido.

Se esta traducção com effeito existiu, o que eu acredito, porque aliás o padre Matheus Cardoso, homem de conhecimentos, o não asseveraria com tanta segurança, o certo é que já no seculo XVII se não descobria.

Estava da minha parte proceder a novas tentativas de indagação, no que fui poderosamente auxiliado pelo desvelo e obsequiosa bondade dos Sr. Visconde de Santarem e Mr. Ferdinand Denis; mas sendo mallogradas as minhas tentativas, não quero comtudo deixar de apresentar as mais antigas referencias que encontrei d'esta traducção, e as minhas conjecturas sobre a sua existencia.

ANONYMO

(1612)

TRADUCÇÃO DOS LUSIADAS,

Em uma nota de Mr. Verdier (referindo-se talvez ao *Jugement des Sçavans)* se diz que o Poema dos *Lusiadas* fôra traduzido na lingua franceza n'este anno. Entre os traductores francezes d'esta epocha de obras portuguezas deparâmos os nomes de J. B. de Glen e Bernardo Figuier, o traductor de Fernão Mendes Pinto. Ignacio Garcez Ferreira diz que fôra traduzido por um Mr. Scharron; se o foi não era o marido de M.me de Maintenon que viveu muito depois, já no fim d'este seculo.

M.LLE M. M.

(1733)

ESSAI D'IMITATION LIBRE DE L'EPISODE D'INEZ DE CASTRO DANS LE POEME DES LUSIADES DE CAMOENS PAR M.LLE M. M. A LA HAYE ET SE VEND A BRUXELLES CHEZ J. VANDEN BERGHEN IMPRIMEUR LIBRAIRE RUE DE LA MAGDELAINE 1733

É a esta senhora que se deve o primeiro *Ensaio* conhecido de traducção franceza do nosso Poeta; o tocante episodio de D. Ignez não podia deixar de commover o bello sexo. Sentimos muito que guardasse o anonymo, e não poder aqui desvendar-lhe o nome aos olhos do publico. Ha um exemplar d'esta traducção na bibliotheca publica.

LOUIS ADRIEN DUPERON DE CASTERA

(1735)

LA LUSIADE DE CAMOENS POEME HEROIQUE SUR LA DECOUVERTE DES INDES ORIENTALES TRADUIT DU PORTUGAIS PAR MR. DUPERON DE CASTERA. AMSTERDAM 1735. 3 VOL. 12.° —2.ª EDIÇÃO, PARÍS 1768. 3 VOL. 12.°

Ha uma dedicatoria ao Principe de Conty, feita em verso, segue-se um prefacio e depois uma *Vida de Camões*, com o epitaphio latino da sepultura e o soneto do Tasso traduzido em versos francezes.

No prefacio se desculpa de ter querido desfiar o fio da allegoria do poema dos Lusiadas, que aliás pretende que o poeta explica no mesmo sentido no Canto IX, *e mais claramente em algumas de suas cartas.* Teria acaso o traductor conhecimento da collecção que n'este tempo existia na livraria do Conde de Vimieiro? No fim de cada canto vêem notas do traductor, nas quaes mostra bastante erudição; n'estas se esforça em rebater a critica que o seu celebre contemporaneo Mr. de Voltaire faz no *Ensaio* do Poema Epico ao nosso poeta.

Daremos agora as noticias biographicas que, por officiosa intervenção do sr. Visconde de Santarem, podémos obter relativas ao traductor.

«Louis Adrien Duperon de Castera. Resident de France à Varsovie, né à Paris, mort le 28 août 1752 dans le 45ᵉ année, a publié plusieurs romans mediocres, et quelques écrits ridicules qui provoquerent la Satyre de l'abbé Desfontaines.»

Cita o biographo as obras de que acima trata, depois acrescenta:

«*La Lusiade* de Camoens, Paris 1735–1768 in 12°, trois vol., precedée d'une vie de cet homme célèbre. Duperon convient dans sa preface qu'il peut être restè souvent au-dessous de son modêle; mais il demande qu'on lui sache gré de la bonne intention, il annonce qu'il a employé une prose poetique et nombreuse qui conserve les traits hardis et les figures de l'original; il n'a pas cependant atteint le but qu'il se proposait, car c'est surtout son style froid, trainant ou boursouflé qui faisait désirer qu'un écrivain plus habile se chargea d'être l'interprète de ce chef d'œuvre du premier des litterateurs portugais. Duperon à sur La Harpe l'avantage d'avoir sû la langue portugaise, mais du reste c'est le seul. Parmi les notes que Duperon a ajouté à la fin de chaque chant, il en est de très singuliers, il s'éfforce d'y justifier le melange si habituel au Camoens des fables du paganisme aux légendes de la Reli-

gion Chrétienne [1]. Pour y parvenir il pretend que Mars est Jesus-Christ, Venus la religion, Cupidon l'Esprit Saint, Bachus les demons, etc. À la bonne heure (disait plaisamment Voltaire), j'y consens, mais j'avoue que je ne m'en étais aperçû.

SULPICE GAUBIER DE BARAULT

(1752)

LA MORT D'INEZ DE CASTRO POUR SERVIR D'ESSAI A UNE TRADUCTION FRANÇAISE EN VERS ET COMPLÊTE DE CE FAMEUX POEME PORTUGAIS. OUVRAGE DEDIÉ ET PRESENTÉ AU ROI LE 6 DE JUIN 1735, JOUR DE LA NAISSANCE DE SA MAJESTÉ PAR SULPICE GAUBIER DE BARAULT, MAJOR DE LA PLACE DE LISBONNE. A LISBONNE, DE L'IMPRIMERIE ROYALE.

A traducção do Episodio de D. Ignez de Castro em versos alexandrinos, e a do Adamastor em oitava rima, ambas precedidas de uma dedicatoria ao Rei.

O auctor se propunha a traduzir o poema por inteiro, como declara na dedicatoria. Thomás d'Aquino elogia muito esta traducção, e diz que se imprimiram muito poucos exemplares, sendo por isso de summa raridade, conservando-se apenas um ou outro em poder de algum curioso.

D. HERMILLY ET I. FR. LA HARPE

(1776)

LA LUSIADE DE LOUIS DE CAMOENS, POEME HEROIQUE EN DIX CHANTS, NOUVELLEMENT TRADUIT DU PORTUGAIS AVEC DES NOTES ET LA VIE DE L'AUTEUR ENRICHI DE FIGURES A CHAQUE CHANT. 2 VOL. 8.º PARIS 1776

Esta traducção é precedida de uma advertencia e uma vida do poeta, no principio de cada canto um argumento em prosa, e é ornada de bellas gravuras com explicações.

[1] Eu acrescentarei que o auctor d'este artigo ignorava que este *Melange* era usual nos auctores da idade media. Nas antigas cartas geographicas anteriores ao tempo de Camões, e que publiquei no meu Atlas, se encontra esta mistura das legendas do Christianismo com as fabulas do paganismo. (Nota do sr. Visconde de Santarem.)

Esta versão foi feita sobre outra litteral do poema, porquanto o traductor ignorava a lingua portugueza. Veja-se sobre esta traducção Thomás José d'Aquino, Mickle, Brunet, Manuel du Libraire, Fournier, Nouv. Dict. part. de Bibliogr., Bibliot. d'un homme de gout. Tom. I, pag. 230, Adamson, Mem. of Cam., Garrett.

MR. I. P. CLARIS. DE FLORIAN

(1784–1807)

EPISODE DE D. IGNEZ DE CASTRO. CHANT III

Esta traducção, que é em oitava rima, vem nas differentes edições das obras de Florian.

VOYAGES IMAGINAIRES, ROMANESQUES, MERVEILLEUX, ALLEGORIQUES, ETC. AMSTERDAM, 1788. 8.°

O volume XXVII começa com: «*L'Isle enchantée, Episode de la Lusiade traduit de Camoens.*» Tem uma bella gravura de Venus, fallando a Cupido.

CARRION-NISAS (MARIE-HENRI-FRANÇOIS ELISABETH MARQUIS DE)

É citado como tendo traduzido fragmentos dos Lusiadas.

Carrion de Nisas, homem politico e litterato francez, nasceu em Montpellier a 17 de Março de 1777, e morreu na mesma cidade no anno de 1841. Seguiu a revolução e o imperio, e sendo encarregado pelo Imperador de levar á Imperatriz o tratado de Tilsit, na audiencia de despedida ousou aconselhar o Imperador de se conservar em principios de paz e estabilidade, apoiando o seu conselho com estes versos do Tasso:

> Giunta é tua gloria al summo; e per l'innanzi
> Fuggir le dubbie guerre a te conviene.

Serviu na guerra Peninsular, e esteve no estado maior de Junot em Portugal, que o encarregou de algumas partes do serviço administra-

tivo do paiz. Na batalha de Vimieiro livrou Junot de caír no poder de um destacamento de cavallaria ingleza; foi elle que levou a Biblia de Belem, que foi buscar por ordem de Junot. Apresentou-se aos Bourbons, porém tendo tornado ao serviço de Napoleão, se occupou o resto da vida em trabalhos litterarios, sendo sempre vigiado pela alta policia. Escreveu varias obras e entre estas duas tragedias: *Pedro Grande* e *Montmorency*.

F. A. PARCEVAL GRANDMAISON

(1812)

LES AMOURS EPIQUES, POEME HEROIQUE EN SIX CHANTS

Esta obra compõe-se de differentes episodios ou imitações dos Epicos (Homero, Virgilio, Ariosto, Milton, Tasso e Camões): o auctor suppõe que estes poetas se reunem nos Campos Elysios, e cercados dos Manes, repetem entre si uns aos outros, os Cantos que n'outro tempo tinham composto sobre o amor. O ultimo Canto, o VI, é reservado a Camões, que o auctor elogia e emparelha com o Ariosto e o Tasso.

Le brillant Camoens, l'Arioste et le Tasse
....
Rivalisant d'éclat, de fraicheur et de grace
Des riches fictions ayant cueilli les fleurs
Partagerent le prix de leurs vers echanteurs;

Esta poesia foi lida a Napoleão no Instituto do Cairo, e applaudida pelo Imperador.

Ainsi je repetois vers l'été de mes jours
Des poëtes fameux les chants remplis d'amour:
Tandis qu'aux bords du Nil, le heros de la France
Des Mameluks altiers foudroyoit la puissance,
Aprivoisoit l'orgueil de ce fleuve domté
Et preparoit au loin son immortalité.
Que dis-je? à ces travaux j'associai moi-même
Mon humble nom, couvert de sa gloire suprème,
Dans mon timide vol il daigna m'enhardir,
A mes faibles essais je le vis applaudir.

DUQUE DE PALMELLA

(1813)

La Lusiade, etc. Começaram-se a imprimir os fragmentos d'esta traducção no *Investigador*, vol. VIII, pag. 426 a 594.; vol. IX, pag. 35, 175 e 590, por offerecimento do illustre auctor aos redactores d'aquelle jornal, e no *Instituto* jornal de Coimbra.

São acompanhados estes fragmentos de uma interessante carta aos mesmos, na qual, alem de tratar das difficuldades que encontra o traductor, especialmente o que tem a servir-se da lingua franceza, e do merecimento do nosso Poeta, nos diz que emprehendêra esta traducção haveria perto de oito annos. É escripta em oitava rima, e nas notas dá noticia de algumas traducções; os argumentos aos *Lusiadas* são igualmente traduzidos.

Copiarei aqui a carta que S. Ex.ª pouco tempo antes de morrer teve a bondade de me dirigir (1850, Junho 22) em que me dá mais ampla noticia da sua traducção, cortando d'ella algumas expressões lisonjeiras de amabilidade em que S. Ex.ª se refére a mim:

«Em resposta á pergunta que v. teve a bondade de dirigir-me, direi que muita satisfação sentiria se podesse contribuir com o meu humilde tributo para enriquecer a Memoria biographica ácerca do nosso primeiro Poeta que v. com louvavel e patriotico empenho está tratando de redigir. Infelizmente porém o trabalho que eu havia encetado em 1806 no verdor da minha mocidade, animado pelos conselhos de alguns litteratos francezes mais eminentes com os quaes me achava ligado de amisade, estimulado principalmente pelas solicitações de M.me de Stael, pouco progresso tem feito desde a epocha, em que as agitações da lide em que tenho vivido me obrigaram a interrompe-lo pouco mais ou menos em metade do poema, de que tenho traduzido quasi inteiramente os cinco primeiros Cantos. Pouca esperança concebo de poder continuar esta empreza que vou reconhecendo cada vez mais superior ás minhas forças, e cujo desempenho com algum grau de perfeição seria agora para mim se não impossivel ao menos de uma difficuldade que me não atrevo a vencer.»

E com effeito pouco tempo sobreviveu, fallecendo a 12 de Outubro de 1850.

MR. COURNAUD

DESCRIPÇÃO DA ILHA DE VENUS, EPISODIO DO CANTO IX DA LUSIADA DE LUIZ DE CAMÕES, TRADUZIDO EM FRANCEZ POR MR. COURNAUD, PROFESSOR DE LITTERATURA FRANCEZA NO COLLEGIO DE FRANÇA

Jornal de Bellas artes ou *Mnemosine Lusitana*. Lisboa, 1817. Tom. II pag. 202.

São dez estancias em oitava rima, e parece continuação de traducção, porque começa com esta numeração LIV e acaba em LXIII.

MR. QUETELET

(1822)

Na sua mocidade emprehendeu a traducção dos *Lusiadas* em versos francezes; porém Mr. Quetelet renunciou a terminar este trabalho que se acha incompleto. Publicou o *Episodio de D. Ignez de Castro, do Adamastor*, e a *Batalha de Ourique;* os dois ultimos fragmentos se encontram nas *Lições de Litteratura* publicadas em Gand em 1822, na officina de MM. de Busscher.

Mr. Quetelet é Secretario perpetuo da Academia Real de Bruxellas.

J. B. MILLIÉ

(1825)

LA LUSIADE OU LES PORTUGAIS, POEME DE CAMOENS EN DIX CHANTS. TRADUCTION NOUVELLE AVEC DES NOTES PAR J. B.TE MILLIÉ. PARIS, DE L'IMPRIMERIE DE FIRMIN DIDOT 1825. 2 VOL. 8.°

É dedicada ao Morgado de Matheus; traz no principio uma abreviada biographia de Camões, com a traducção franceza em verso do soneto do Tasso. É acompanhada de notas no fim de cada Canto, e no volume II depois da traducção vem os differentes juizos feitos sobre os *Lusiadas,* terminando com a biographia e juizo das obras do Poeta pelo Morgado de Matheus. O traductor esteve em Lisboa, e residia n'esta cidade no anno de 1808.

Ao Sr. Visconde de Santarem devo a seguinte noticia biographica do traductor:

«Jean Baptiste Millié, sous-Directeur des Contribuitions indirectes, né vers 1772 à Beaume, mort à Paris en 1826, fut d'abord professeur d'humanités au collège de Jeully, entra vers 1798 au Ministère des Finances et s'y éleva par degrés aux premiers emplois. Il remplit avec distinction plusieurs missions sous l'Empire, et depuis la restauration refusa le portefeuille des Finances du Portugal qui lui fut proposé au nom du souverain de ce royaume [1]. Millié associa toute sa vie les études littéraires aux travaux administratifs. C'est à lui qui est due la meilleure traduction des Lusiades de Camões. Paris, 1825. 2 vol. 8.º»

Diversas pessoas publicaram por occasião da morte de Millié artigos necrologicos que a viuva fez refutar, como se vê no *Moniteur* de 29 de Julho de 1826, pag. 1116.

PIERQUIN DE GENEBLOUX

(1828)

POESIES NOUVELLES. BRUXELLES, 1828

A pag. 237 se encontra um soneto com este titulo: *Les adieux de Camoens*.

O auctor é belga de nação, porém estabelecido em França.

B. BARERE

(1828)

POESIES DE LOUIS DE CAMOENS, TRADUITES DU PORTUGAIS EN VERS ANGLAIS PAR LORD STRANGFORD ET TRADUITES DE L'ANGLAIS EN FRANÇAIS PAR B. BARÈRE, MEMBRE DE PLUSIEURS ACADÉMIES. BRUXELLES, 1828

Traz no principio uma abreviada noticia de Lord Strangford extrahida da biographia geral de Sir Richard Philipps.

A traducção da noticia sobre a vida e obras do auctor pelo Diplomata inglez, precede a traducção das poesias do inglez, que vêem juntas á traducção franceza.

[1] Isto não me parece exacto. Não encontrei nos archivos da Embaixada de Paris documento nem arresto algum a este respeito. (Nota do Sr. Visconde de Santarem.)

O auctor d'esta traducção é o famoso terrorista Bertrand Barère de Vieuzac. Obrigado a abandonar a França por causa da lei de 9 de Janeiro de 1816 sobre os regicidas, fixou a sua residencia em Bruxellas, onde escreveu algumas obras.

MM. ORTAIRE FOURNIER ET DESSAULES

(1841)

LES LUSIADES DE LOUIS DE CAMOENS. TRADUCTION NOUVELLE PAR MM. ORTAIRE FOURNIER ET DESSAULES. REVUE, ANNOTÉE ET SUIVIE DE LA TRADUCTION D'UN CHOIX DES POESIES DIVERSES, AVEC UNE NOTICE BIOGRAPHIQUE ET CRITIQUE SUR CAMOENS PAR FERDINAND DENIS. PARIS, MDCCCXLI.

Mr. Fournier foi Consul de França em Lisboa; traduziu tambem o *Naufragio de Sepulveda* de Jeronymo Corte-Real, e dizem-me se occupa da traducção das *Decadas* de Barros e das de Couto. Traduziu tambem para o *Portugal Artistico* a biographia de Camões pelo Sr. Antonio de Serpa Pimentel.

MR. FERDINAND DENIS

(1841)

SCENES DE LA NATURE SUR LES TROPIQUES ET DE LEUR INFLUENCE SUR LA POESIE, SUIVIÉ DE CAMOENS ET JOSEPH INDIO. PARIS, 1824. 1 VOL. 8.°

RESUMÉ DE L'HISTOIRE LITTERAIRE DU PORTUGAL, SUIVI DU RESUMÉ DE L'HISTOIRE LITTERAIRE DU BRESIL. PARIS, 1826. 1 VOL. 8.°

CAMOENS ET SES CONTEMPORAINS, TRADUCTION DES POESIES DIVERSES DE CAMOENS DANS UNE TRADUCTION DES LUSIADES PUBLIÉE PAR MM. ORTAIRE FOURNIER ET DESSAULES. PARIS, 1841. 1 VOL.

NOUVELLE BIOGRAPHIE UNIVERSELLE DEPUIS LES TEMPS LES PLUS RECULÉS JUSQU'A NOS JOURS, ETC. PUBLIÉ PAR MM. FIRMIN DIDOT FRÈRES SOUS LA DIRECTION DE MR. LE DR. HOEFER. PARIS, 1854

No tomo VIII d'esta ultima biographia, pagina 344, uma *Vida de Camões.*

As muitas e interessantes obras que Mr. Ferdinand Denis tem publicado sobre a nossa litteratura, devem attrahir a sympathia e gratidão

nacional para com o estrangeiro que tanto a peito toma as cousas da nossa patria, e que com tão valiosos trabalhos litterarios a tem illustrado. Alem das obras que publicou, que dizem respeito á nossa historia (entrando n'este numero a sua *Historia de Portugal* na collecção do *Univers Pittoresque)* não posso passar em silencio um livro seu intitulado *Le Génie de la Navigation*, e o que deu logar a esta publicação. Tendo o Governo francez no anno de 1843 decidido que na praça do porto de Toulon se elevasse uma estatua ao Genio da Navegação, e tendo obtido Mr. Alphonse Denis, Maire da cidade de Hyeres, então deputado do Var, que a execução d'esta estatua fundida em bronze fosse confiada ao estatuario Mr. Daumas; Mr. Ferdinand Denis, amigo do artista, e com quem este se havia aconselhado, movido pelo amor pelas nossas cousas portuguezas, fez insculpir no pedestal de bronze da estatua os nomes dos nossos mais famosos navegadores, escrevendo ao mesmo tempo esta memoria explicativa dos nossos mais illustres viajantes e exploradores.

O Sr. Conde de Rackzyscki, no seu *Diccionario Artistico de Portugal*, no artigo que lhe diz respeito, traz um catalogo da maior parte das suas obras; eu possuo um que devo á amabilidade do auctor, bem como esclarecimentos sobre alguns auctores francezes de que faço menção n'este meu trabalho.

Mr. Ferdinand Denis nasceu em Parìs no dia 13 de Agosto de 1798, onde recebeu a sua educação. Sendo mui moço, residiu por espaço de tres annos e meio no Brazil. Foi primeiro nomeado Bibliothecario do Ministerio de Instrucção Publica, e passou depois na qualidade de conservador para a bibliotheca de Santa Genoveva. É condecorado com as Ordens da Legião d'Honra, de Nossa Senhora da Conceição e do Cruzeiro do Brazil; pertence a differentes Sociedades litterarias, e entre estas ao Instituto Historico do Rio de Janeiro, de que é membro honorario, e á Academia Real das Sciencias de Lisboa.

F. RAGON

(1842)

LES LUSIADES, POEME DE CAMOENS, TRADUIT EN VERS PAR F. RAGON. PARIS, 1842. 1 VOL. 8.º

Segunda edição (1850); é em verso, tem um prefacio, e no fim algumas notas. Por occasião do apparecimento d'esta traducção veiu no *Diario do Governo* um artigo sobre a mesma.

Mr. Ragon é professor do collegio de Bourbon. Nasceu em 1795 em Avallon (Yonne). É auctor das obras: *Histoire générale des temps modernes,* 3 vol.; *Analyse et extraîts des Harangues de Demosthenes; Eschines, Lysias, Isocrate,* in 12º; *Précis de l'histoire de Bourgogne et de la Franche Comté; Histoire des Provinces de France.* Traduziu tambem *Horacio* e o *Child-Harold.*

M. M. CH. AUBERT

(1844)

TRADUCTION DES LUSIADES DE CAMOENS PAR M. M. CH. AUBERT. PARIS, 1844

É dedicada a Mr. Villemain. Depois da dedicatoria segue-se uma introducção dividida em tres partes: I, Resumo da expedição de Vasco da Gama; II, Dito da Vida de Camões; III, Dito dos acontecimentos da Historia de Portugal referidos no poema, e uma relação dos Reis de Portugal até D. Sebastião.

A traducção é em verso, e cada canto precedido de um argumento ou summario em prosa. No fim do poema vem as notas, e na ultima agradece ao Sr. Visconde de Santarem que o alentou com as suas exhortações para avaliar com alguma confiança o seu trabalho; iguaes agradecimentos faz a Mr. Dubeux pelos valiosos soccorros que lhe prestou com os seus conselhos para levar ao cabo uma tão difficultosa empreza.

Mr. Aubert é membro da Universidade de París.

MR. M. DUBEUX

(1844)

LES LUSIADES OU LES PORTUGAIS, POÈME EN DIX CHANTS PAR CAMOENS, TRADUCTION DE J. B. J. MILLIÉ REVUE, CORRIGÉE ET ANNOTÉE PAR MR. DUBEUX DE LA BIBLIOTHEQUE ROYALE. PRÉCÉDÉES D'UNE NOTICE SUR LA VIE ET LES OUVRAGES DE CAMOENS PAR CHARLES MAGNIN, MEMBRE DE L'INSTITUT. PARIS, 1844

Mr. Dubeux é um orientalista distincto. Fez os seus estudos de lingua arabe em Lisboa, e foi conservador da bibliotheca real de Paris, logar de que se demittiu no anno de 1848.

É actualmente professor de turco no collegio das linguas orientaes; Membro das sociedades asiaticas de Londres e París, Cavalleiro da Legião d'Honra, e correspondente da Academia das Sciencias de Turim.

EMILE BOULLAUD

(18...)

TRADUCÇÃO DOS LUSIADAS EM VERSO. MS.

Mr. Emile Boullaud traduziu verso por verso o Poema dos *Lusiadas;* seu irmão, a quem ficou por sua morte o manuscripto, pretende imprimi-lo.

MR. LOUIS MORERI

(1674)

LE GRAND DICTIONNAIRE HISTORIQUE, ETC. DE MR. LOUIS MORERI DOCTEUR EN THEOLOGIE. PARIS, 1759

Não offerece mais novidade que as outras biographias: fallando da traducção antiga franceza, diz, citando Baillet, que fôra impressa em París.

Esta biographia foi extrahida de um manuscripto do Conde da Ericeira, o mesmo documento de que se serviu o padre Niceron.

L. M. CHANDON ET A. DELANDINE

(17...)

NOUVEAU DICTIONNAIRE HISTORIQUE OU HISTOIRE ABREGÉE DE TOUS LES HOMMES QUI SE SONT FAIT UN NOM PAR DES TALENS, DES VERTUS, DES FORFAITS, DES ERREURS, ETC. PAR L. M. CHANDON ET A. DELANDINE. 17...

Uma biographia de Camões que não offerece novidade: diz que em uma collecção de epitaphios encontrára o seguinte:

PLUS CÉLÈBRE APRÈS SON TREPAS
QUE FORTUNÉ PENDANT SA VIE
CI GIT QUI NE RECUEILLIT PAS
LES LAURIERS DUS À SON GÉNIE.

LE P.[E] NIC. MALEBRANCHE

(1712)

Cita o *Episodio de D. Ignez de Castro* como exemplo da eloquencia que a natureza presta á victima assaltada pelo punhal do assassino: «Voyez (diz elle) voyez un malheureux sous le poignard d'un assassin; la nature repand alors sur son visage une expression si touchante, qu'elle suffit pour émouvoir l'ame la plus feroce; et si le tigre s'arrète, s'il s'émeut, s'il écoute les supplications de sa victime, c'est dans ce moment d'audience qu'elle trouve l'éloquence et l'accent necessaires pour attendrir. Telle est la situation d'Inez aux pieds d'Alonze et tel doit être le discours dont elle va frapper son cœur.»

ADRIEN BAILLET

(1722)

JUGEMENT DES SÇAVANTS

Cita as *Censuras do Padre Rapin,* e elogia Camões. Fallando da antiga traducção franceza diz: «On le mit en français il y a environ cent ans.»

LE P.[e] NICERON

(1737)

MÉMOIRES POUR SERVIR À L'HISTOIRE DES HOMMES ILLUSTRES
PAR LE R. P. NICERON. PARIS, 1737.

Uma biographia de Camões: não acrescenta nada de novo. No fim traz esta declaração:

«Cet article est tiré d'un memoire qui m'a été envoyé de Portugal par une personne d'esprit et de mérite.» Esta personagem é o Conde da Ericeira.

LOUIS RACINE

(1747)

Nas suas *Reflexions sur la Poesie,* critica o nosso Poeta de se servir da mythologia pagã, para a applicar como alegoria das verdades da religião, como, por exemplo, fazendo representar Venus a religião; Marte, Jesus Christo; e as Nereidas os bens espirituaes que o céu apparelha para as boas obras. Na traducção do *Paraiso Perdido de Milton,* accusa o poeta inglez e o nosso de haverem misturado, com a acção do poema, a historia particular dos seus infortunios.

CH. (BARON DE) MONTESQUIEU

(1767)

Esprit des lois, cap. XVII, diz que o poema dos *Lusiadas* faz sentir os encantos da *Odyssea* e a magnificencia da *Eneida.*

LE CH.[er] DE LANGEAC

(1782)

COLOMB DANS LES FERS, À FERDINAND ET ISABELLE, ÉPITRE.
PARIS, 1782. 1 VOL. 8.° DIDOT AINÉ

Brunet diz que d'esta edição, que é a melhor, apenas se tirou um pequeno numero de exemplares, e que não entrára no commercio; ha uma segunda edição inferior.

A introducção, que occupa mais de metade do volume, encerra uma noticia sobre Colombo e outra sobre Camões, que o auctor conta no numero dos grandes poetas infelizes.

O Sr. Visconde de Santarem, a quem devo o conhecimento de mais este auctor Camõista, diz que não encôntrára noticias biographicas d'elle, e que só tem noções de outro Langeac, Bispo de Limoges, que foi empregado em uma missão a Portugal no reinado de Francisco I, e que talvez o auctor pertencesse a esta familia.

MR. FR. AROUET DE VOLTAIRE

(1785-89)

ESSAI SUR LA POESIE EPIQUE

Critica os *Lusiadas*, louva comtudo o Poeta pela arte com que sabe narrar os Episodios e termina: «Tout cela prouve enfin que l'ouvrage est plein de grandes beautés, puisque depuis plus de deux cent ans, il fait les délices d'une nation spirituelle qui doit en connaître les fautes.»

Alguns refutaram a critica de Voltaire, e entre outros Duperon de Castera e Thomás José d'Aquino; Voltaire não conhecia o Poeta na lingua original, e parece que se serviu da traducção ingleza de Fanshaw.

DUQUE DE CHATELET

(1796)

VOYAGE DU CI-DIVANT DUC DE CHATELET EN PORTUGAL, ETC. REVU, CORRIGÉ SUR LE MANUSCRIT, ET AUGMENTÉ DE NOTES SUR LA SITUATION ACTUELLE DE CE ROYAUME ET DE SES COLONIES. PAR J. FR. BOURGOING, CI-DEVANT MINISTRE PLÉNIPOTENTIAIRE DE LA RÉPUBLIQUE FRANÇAISE EN ESPAGNE, MEMBRE ASSOCIÉ DE L'INSTITUT NATIONAL. PARIS, AN VI DE LA REPUBLIQUE

No tomo II, a pag. 71, 72, 74, 119 e 120, falla de Camões. Faz o seu elogio e traz uma *Vida* resumida. Diz que nas mãos de uma irmã de Mr. Turgot se encontrava uma copia dos *Lusiadas* authenticamente conferida sobre o original, e que o Cavalheiro Araujo (Conde da Barca) andava na pista d'este manuscripto, e que se propunha servir-se d'elle

para dar uma nova edição dos *Lusiadas*, annotada, quando diversos incidentes vieram interromper esta empreza litteraria, que não estava abandonada, mas apenas interrompida até que circumstancias mais auspiciosas que não tardariam viessem favorecer o seu resultado.

LE BARON DE LAHONTAN

DIALOGOS

É citado por Fr. Francisco da Cruz, nos seus *Apparatos*. Vide J. B. de Castro, *Mappa de Portugal*.

P.E RAPIN

REFLEXIONS SUR LA POETIQUE

Censura Camões de escuro, de ter apenas pensado em exprimir o orgulho da sua nação, e de ter, á imitação de Sanazaro, misturado a mythologia com os mysterios da Religião.

BIBLIOTHEQUE D'UN HOMME DE GOUT

(1787)

NOUVELLE BIBLIOTHEQUE D'UN HOMME DE GOUT OU TABLEAU DE LA LITTÉRATURE ANCIENNE ET MODERNE, ÉTRANGÈRE ET NATIONALE, ETC. PARIS, 1787.

Um artigo sobre Camões: o auctor não conhecia a lingua portugueza, como declara na apreciação que faz da traducção dos *Lusiadas* por Duperon de Castera: «Un autre que moi decidera si la traduction est fidèle.»

LE CH.ER DE JAUCOURT

Elogia o nosso Poeta, a quem chama um grande genio, o qual emquanto que na Italia o Tressino seguia com passos timidos os vestigios

dos antigos, abria uma nova estrada creando de novo a Epopea, misturando n'ella com arte a historia da sua patria; nota porém como defeito no Poema a falta de ligação nas suas partes.

VIE DES GRANDS POÈTES MALHEUREUX

Um longo capitulo sobre o nosso Epico.

MILLEVOYE

INVENTION POETIQUE

N'este seu poema dedica estes quatro versos ao elogio de Camões:

> Peintre d'Adamastor, honneur sacré du Tage,
> Un riche palétte est ton brillant partage,
> La noble invention vient broyer tes couleurs
> Et pour ta tendre Inez y mêla quelques pleurs.

JAQUES DELILLE

(1804)

TRADUCTION DE L'ENEIDE DE VIRGILLE

Em uma nota ao Canto IV da sua traducção da *Eneida,* critica Camões pelo emprego da mythologia pagã e pela invenção da ilha do IX Canto.

MR. DUBOIS

(18...)

GRAMMATICA FRANCEZA

Traz no fim uma traducção franceza do *Episodio* de D. Ignez de Castro.

M.me DE STAEL

(1811)

BIOGRAPHIE UNIVERSELLE, ANCIENNE ET MODERNE, ETC. PARIS, MICHAUD 1811

Uma biographia de Camões por esta celebre auctora, que era enthusiasta do nosso poeta, e que reviu talvez a traducção franceza do Duque de Palmella. Analysando os *Lusiadas,* diz que não lhe parece, apesar da critica que fazem ao Poeta, que a alliança das fabulas do paganismo com os mysterios da religião formem uma impressão discordante no Poema; porém é de opinião que não devem misturar-se os elementos dos dois ramos do maravilhoso, de maneira que saia uma mistura monstruosa.

MR. LE VICOMTE DE CHATEAUBRIAND

No *Genio do Christianismo,* louvando o genio de Camões, se admira como não tirára melhor partido do assumpto do seu poema; louva-o pelo tocante e puro e algumas vezes sublime das descripções, sendo de opinião que o *Episodio de D. Ignez de Castro* era susceptivel de mais desenvolvimento.

Desculpa o Poeta por ser o primeiro Epico, e pelos seus infortunios, refutando o sophisma da necessidade de ser infeliz para escrever uma obra de genio; a mistura do paganismo com o christianismo o dispensa de fallar no maravilhoso. Na *Vida de Rancé* falla novamente Mr. de Chateaubaiand em Camões, e cita a biographia de Mr. de Magnin. Traduziu parte do *Episodio do Adamastor,* e nas suas memorias posthumas as redondilhas feitas á Escrava.

MR. RAYNOUARD

ODE Á MEMORIA DE CAMÕES

Publicou-se sobre o autographo confiado pelo auctor nos *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras,* no tomo v que se publicava em Paris.

Foi vertida em portuguez pelo padre Francisco Manuel do Nasci-

mento (Filinto Elysio), Vicente Pedro Nolasco, Timotheo Lecussan Verdier (V.ᵉ Heliodoro Jacinto de Araujo Carneiro) e Dr. Lima Leitão.

Mr. Raynouard era membro do Instituto Real de França, Academia Franceza e Academia das Inscripções e Bellas Letras, Secretario perpetuo da Academia Franceza, Official da Legião de Honra e Cavalleiro da Ordem Real de S. Luiz.

LEMERCIER

CURSO ANALYTICO DE LITTERATURA

Censura Camões pelo mau emprego do maravilhoso de que usa no seu Poema. Critica por um lado o Poeta por fazer narrar mais o seu heroe do que obrar; pelo emprego da mythologia e do maravilhoso, e julga-o inferior a Virgilio e Valerio Flacco; louva-o pelos tocantes episodios do Poema, ricos nas particularidades; reputa o *Episodio do Adamastor*, apesar dos defeitos, como aquelle que mais contribuiu para salvar do esquecimento os *Lusiadas*. *Introduction au Cours*. —No corpo da obra vem uma analyse apologetica do Poeta e da edição, e biographia do Morgado de Matheus, na qual o auctor attenua o rigor das suas observações.

MR. DE MABLIN

LETTRE A L'ACADEMIE ROYALE DES SCIENCES DE LISBONNE SUR LE TEXTE DES LUSIADES. PARIS, 1826. 8.º UM FOLHETO DE 77 PAG.

Um trabalho bem elaborado sobre o texto das duas primeiras edições dos *Lusiadas*: o auctor quando escreveu esta memoria era sub-bibliothecario da bibliotheca da Universidade de París.

MADAME GAUTHIER

(1827)

LES AMOURS DE CAMOENS ET DE CATHERINE DE ATHAIDE. PARIS. 2 VOL. 8.º

É um romance de que são assumpto os amores de Camões, como se vê do titulo: foi traduzido em portuguez.

LOUIS RIENZI

(1827)

Escreveu uns versos francezes, que se acham gravados em uma pedra reintrante no rochedo em continuação da celebre gruta de Macau, para o lado do oriente.

Estes versos começam:

> Pantané, lieu charmant et si chere au Poète, etc.

e acabam:

> Au grand Louis de Camoens, portugais d'origine castillane,
> Soldat religieux, voyageur et Poète exilé,
> L'humble Louis Rienzi, français d'origine romane,
> Voyageur religieux, soldat et Poète expatrié.
>
> 30 mars, 1827.

Alem d'isto Rienzi deu os pensamentos para a inscripção chineza que se collocou na gruta.

O sr. Carlos José Caldeira, na sua obra intitulada *Apontamentos de uma Viagem de Lisboa á China*, etc., refuta a asserção que este viajante fez ao celebre geographo Malte-Brun, de ter elle collocado um busto de Camões na gruta e a inscripção chineza.

Rienzi consagrou varios annos a percorrer a India, a China e a Occeania, e esteve em Macau pelos annos de 1827 a 1829. Os versos de Rienzi foram traduzidos em portuguez.

ANDRE VAN HASSELL

(18...)

Poeta belga: nas suas poesias *Primavères,* encontram-se algumas estrophes em louvor de Camões.

MR. DE A. DE LAMARTINE

ENTRETIENS FAMILIERS, ETC.

É com prazer que transcrevo estas regras, em que o grande poeta francez faz o mais glorioso elogio da nação portugueza e do grande poeta que em verso cantou os seus sublimes e heroicos feitos.

«Le Portugais dont la langue a toutes les magnificences de l'Espagnol sans en avoir les défauts, a la supériorité dans l'aventure et dans l'audace. Il a joué sa fortune sur toutes les vagues de l'Océan. Jamais peuple si peu nombreux ne fit et n'écrivit de si grandes choses. Son Camoens est le poète épique de son histoire, de ses découvertes et de ses conquêtes dans l'Inde. Son empire transbordé en six mois de Lisbonne en Amérique, sera un jour le texte d'en autre Camoens: le Portugais est un grand aventurier, l'aventurier national, héroique et poétique des temps modernes.»

M. CHARLES MAGNIN

(1841)

Mr. Charles Magnin é auctor de uma *Noticia sobre a vida e obras de Luiz de Camões,* que precede a ultima edição de Millié, corregida e annotada por Mr. Dubeux. O sr. Bispo de Viseu, D. Francisco Alexandre Lobo, respondeu a um artigo d'esta biographia que lhe dizia respeito.

Mr. Magnin é um dos conservadores e administradores da bibliotheca nacional (repartição dos livros impressos); é membro do Instituto e um dos redactores do *Journal des Sçavants.*

MR. DE SAINT GEORGE

(1843)

L'ESCLAVE DE CAMOENS: OPERA COMIQUE EN UN ACTE, PAR MR. DE SAINT GEORGE, MUSIQUE DE FLOTAW. PARIS, 1843

MM. VICTOR PIERROT ET ARMAND DUMESNIL

(1845)

CAMOENS, DRAME EN CINQ ACTES ET EN PROSE PAR MM. VICTOR PIERROT ET ARMAND DUMESNIL. REPRESENTÉ POUR LA PREMIÈRE FOIS À PARIS SUR LE THÉATRE ROYAL DE L'ODÉON (SECOND THÉATRE FRANÇAIS) LE 29 AVRIL 1845. PARIS, BEEK ÉDITEUR, 1845

MR. PHILARÈTE CHASLES

(1847)

ÉTUDES SUR L'ANTIQUITÉ, PRÉCÉDÉES D'UN ESSAI SUR LES PHASES DE L'HISTOIRE LITTÉRAIRE ET SUR LES INFLUENCES INTELLECTUELLES DES RACES, PAR MR. PHILARÈTE CHASLES, PROFESSEUR AU COLLÈGE DE FRANCE. PARIS, 1847

A pag. 114 falla com elogio de Camões.

L'ABÉE AUGER

(1850)

RAPPORT SUR LA TRADUCTION EN VERS DES LUSIADES DE CAMOENS, PAR MR. RAGON

Este relatorio é feito pelo Abbade Auger, e vem no jornal do Instituto Historico intitulado o *Investigador*, no caderno de Julho de 1850, a pag. 140.

JULES ZANOLE

(1851)

LA GROTE DE CAMOENS. À MONSIEUR LOURENÇO MARQUES

É uma poesia que consta de uns dezesete ramos ou estrophes, feita em elogio do Poeta, em que se refere á ingratidão com que foi tratado, louvando ao mesmo tempo o actual proprietario da gruta, a quem é dirigida, pelo culto religioso com que cerca o recinto onde o Poeta se abrigava para compor as suas poesias. Vem inserta esta poesia na obra intitulada *Apontamentos de uma viagem de Lisboa á China e da China a Lisboa por C. J. Caldeira.*

L'ABBÉ ROHRBACHER

(1852)

HISTOIRE UNIVERSELLE DE L'ÉGLISE CATHOLIQUE
PAR L'ABBÉ ROHRBACHER, PARIS 1852

No volume XXIV, a pag. 554, falla em Camões. Mr. Rohrbacher é socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

MR. ADOLFE DE CIRCOURT

(1853)

CATHERINE D'ATAYDE. TIRÉ DE LA BIBLIOTHEQUE UNIVERSELLE DE GÉNÈVE: JUILLET, 1853. GÉNÈVE. IMPRIMERIE FERD. HAMBOZ ET C[IE] 1853

Um folheto de trinta e uma folhas. Julgo que é do mesmo Conde de Circourt de quem ha uma *Vida de Camões* inserida na *Revista de Versailles*. Vide *Nouvelle Biographie Universelle*, etc., publiée par MM. Firmin Didot Frères, sous la direction de M. le Dr. Hoeffer.

MAGASIN PITTORESQUE

Camões: —Volume v, fol. 292 e 298.

MR. BERTHOUD

MUSÉE DES FAMILLES. TOMO I, FOL. 369

Um artigo com este titulo: —*Les deux couronnes d'épines.*

G. DE LA LANDELLE

(1859)

LA VIEILLESSE DU POÈTE

Um romance que, bem como quasi todas as obras de imaginação que tomaram por assumpto a vida do nosso Poeta, se afasta inteiramente da verdade historica. Vem no *Journal pour tous.*

Alem d'estes escriptores citam-se como traductores: Boucharlat, H. Lebefure e Gilbert de Merlhiac que eu não tive occasião de consultar. A estes se devem acrescentar outros escriptores francezes que não chegaram ao meu conhecimento, bem como quasi todos os diccionarios biographicos e bibliographicos (Brunet, Fournier, De Bure, etc.), *Viagens a Portugal, Cursos de Litteratura Universal, Jornaes litterarios* e *recreativos*, que mais ou menos tratam do nosso Poeta.

TRADUCÇÕES ITALIANAS

ANONYMO

(15...)

No epitaphio latino que Martim Gonçalves da Camara, com permissão de D. Gonçalo Coutinho, addicionou, e que este fidalgo fez insculpir na campa com que mandou cubrir a sepultura do Poeta, se lia o seguinte verso, em que se faz allusão a uma traducção italiana:

Hunc *Itali*, Galli, Hispani vertere Poetam.

Em outro que encontrámos em um manuscripto se apresenta a mesma referencia:

Lingua illa tumulus clamat et orbis amat,
Quin etiam variis modulatus carmine linguis
Italo et Hispano, Gallico et ore sonat.

O traductor italiano Paggi, transcrevendo o primeiro d'estes dois epitaphios, acrescenta: «Epitaffio solo errato sin'hora nella parole *Italici* quando no sia nel senso de *Latini.*» E na mesma introducção que precede a sua traducção, fallando das traducções estrangeiras que até áquelle tempo tinham saído, estranha que a Italia não tivesse ainda naturalisado este Poema. «Parvemi molto strana cosa, che la nostra Italia dovessi per anco invidiare i trasporti delle altre nationi.» Mas se esta affirmativa do traductor é exacta, emquanto a alguma traducção que saísse impressa, póde comtudo ser duvidosa emquanto a alguma manuscripta de que não tivesse conhecimento.

O livreiro Diogo Fernandes, na sua dedicatoria da edição dos *Lusiadas* de 1609 a D. Rodrigo da Cunha, falla em uma traducção italiana;

e Pedro de Maris na biographia do Poeta (1613) igualmente nos dá noticia de uma traducção n'esta lingua, com um certo grau de certeza e como quem d'ella tinha conhecimento, porquanto fallando da traducção franceza previne o leitor que a não viu, o que não faz a respeito d'esta. Estes são os indicios mais antigos que encontrámos, juntamente com os epitaphios citados, da existencia d'esta antiga traducção, que de alguma maneira se fundamentam com algumas conjecturas rasoaveis.

Os acontecimentos da Asia e a narração d'estes deviam inspirar um vivo interesse á nação de cujas mãos haviamos arrancado o seu rico e lucrativo commercio. Todos sabem que hoje ainda possuimos, traduzidas do italiano, relações de viagens que originariamente foram escriptas na lingua portugueza, e que aquella nação promptamente reproduzia na sua. A primeira e segunda *Decadás* de Barros foram traduzidas logo em Veneza por Affonso de Ulloa, no anno de 1562, e no de 1578 pelo mesmo traductor e na mesma cidade a *Historia do descobrimento da India* de Castanheda.

Não é pois para admirar, antes parece muito provavel que um poema onde estes successos são cantados com tão grandiloqua poesia, e que tinha na mesma Italia por pregoeiro da sua fama o mesmo Torquato Tasso, achasse na terra classica das letras algum poeta, que, encantado da sua leitura no original, procurasse fazer conhecer as bellezas do Poema portuguez aos seus compatriotas, na lingua materna. Comtudo parece que na epocha em que o Tasso escrevia o seu *Discurso sobre a Poesia Heroica* (1587) a sua fama se achava circumscripta a um limitado numero de admiradores, porquanto parece que se fosse mais largamente espalhada, e o seu Poema geralmente divulgado e conhecido na Italia, fazendo o Tasso menção da *Italia Liberatta* do Trissino no seu discurso, não deixaria de alludir ao Poema portuguez; salvo se não lhe agradou o maravilhoso da Epopéa portugueza, por estar em opposição ao que empregou no seu poema, ou porque o não julgou opportuno, para não apresentar os logares que se diz que o Poeta italiano seguiu do nosso, e que por este motivo talvez, apontando-se na edição de Genova de 1590 da *Gerusaleme* do Tasso todos os logares imitados pelo Poeta italiano de outros poetas, se omittiram aquelles em que se assimilhou com alguns dos *Lusiadas*, os quaes depois apontou Manuel de Faria e Sousa, e modernamente Nervi na sua traducção do Poema portuguez, edição de 1821. Mas estas imitações que se fazem de genio a genio, e em que muitas vezes o que imita fica supe-

rior ao imitado, como mais de uma vez aconteceu ao nosso Poeta, não podiam prejudicar a fama do Tasso; era alem d'isto uma justa retribuição recolhendo o roubado á casa paterna, porquanto não são poucos os logares imitados pelo nosso Poeta de Bernardo Tasso, especialmente a sua primeira Ode, que até ao meio é quasi a traducção da terceira do pae do auctor da *Gerusaleme Liberatta*. Digo pois que me inclino a acreditar que se os *Lusiadas* foram traduzidos na lingua italiana no seculo XIV, o que julgo, o foram muito no fim do mesmo seculo, e depois da publicação da *Gerusaleme* do Tasso, pelos motivos acima apontados.

ANONYMO

(CERCA DE 1632)

Faria e Sousa, na *Vida do Poeta* que precede o *Commentario dos Lusiadas*, n.º 30, faz menção de uma antiga traducção n'esta lingua: «En Italiano se començo a hazer una.» Na segunda *Vida do Poeta* nos *Commentarios ás Rimas*, acrescenta esta noticia: «Residiendo yo en Roma despues del año 1632, me dixeron alli que un Portugues le avia empeçado a poner en Italiano; pero esto no pudo constar a Mariz porque sucedió muchos años despues de su muertè.»

Não é pois esta traducção a primeira que se conjectura ter existido e de que fizemos menção.

CARLO ANTONIO PAGGI

(1658)

LUSIADA ITALIANA DI CARLO ANTONIO PAGGI NOBILE GENOVESE. POEMA EROICO DEL GRANDE LUIGI DE CAMOENS PORTOGHESE, PRINCIPE DE POETI DELLE SPAGNE. ALLA SANTITÁ DI NOSTRO SIGNORE PAPA ALESSANDRO SETTIMO. LISBONNA, CON TUTTE LE LICENCE. PER HENRICO VALENTE DE OLIVEIRA 1658. 1 VOL. 12.º

Nicolau Antonio diz que a primeira edição saíra no anno de 1656, mas é engano.

Seconda impressione emendata dagl'errori trascorsi nella prima. Lisbonna. Per Henrico Valente de Oliveira, 1659. Um vol. em 12.º

É precedida de uma estampa que representa Camões coroado de uma

corôa de louro, sustentando os *Lusiadas* nas mãos, conduzido pela Fama. No tôpo da estampa em um rolo ou faxa se lê o titulo: «*Lusiada Italiana di Carlo Ant. Paggi*», e em baixo em outras duas estas legendas: «*Nec sinit acceptum Nec sinit esse meum*»: o resto da estampa é allusivo á fidelidade da traducção, representada pelo emblema do sol que se reflecte em um espelho.

Depois do titulo vem a dedicatoria ao Papa Alexandre VII, e as approvações, em que entra uma de Antonio Barbosa Bacellar.

Seguem-se duas cartas em estylo dedicatorio: uma, All' Illustrissimo e Reverendissimo Signore mio Giacomo Frason, e Tesoriero Generale di Santa Chieza; e a outra, All' Illustrissimo Sig. Gio. Giorge Giustiniano. N'estas duas cartas dá o traductor uma noticia biographica do nosso Poeta, espraiando-se nos seus louvores e lamentando a sua má sorte; declara mais ter emprehendido esta traducção por occasião da sua vinda a Portugal, e ser elle o primeiro que apresenta o Poema portuguez á Italia, pela primeira vez traduzido na lingua italiana. «Io presento all' Italia la famosa, & ammirable *Lusiada de Luigi de Camoens* Principe de Poeti delle Spagne da me transportata nella nostra lingua con l'occasione de mia venuta á Portugallo. La fama, che la mi diede in continente alle mani, non eccedete punto, quanto al mio intendere, il merito di si grand'opra sendo tale, che cominciando a legger-se alleta, leggendo-si innamora, letta i riletta rende, si puo dir, il lettore più famelico, e digiuno, que satio», etc.

Depois das cartas vem differentes poesias do auctor, feitas a alguns fidalgos portuguezes: uma ode ao Duque de Aveiro, e quatro sonetos; o primeiro, ao Marquez de Niza D. Luiz Vasco da Gama; o segundo, ao Conde de Atouguia D. Jeronymo de Athaide; o terceiro, ao Conde de Cantanhede D. Antonio de Menezes; o ultimo, aos Academicos de Perugia.

Seguem-se alguns elogios ao traductor na lingua latina, em prosa e verso; em prosa, do Dr. João Soares de Brito; e em verso, do padre Francisco de Macedo, José da Fonseca, e Henrique do Quental Vieira, medico em Lisboa, e termina com as approvações para a impressão.

Algumas, mas poucas vezes, o traductor alterou e addicionou algumas oitavas do Poema, movido por uma liberdade até certo ponto desculpavel, pois o instigava o zêlo e amor da gloria da sua patria, o que deu logar a inserir a estancia XVI do canto III, em seu elogio:

Liguria i chiude ove il terren declina, etc.

Na estancia 134.ª, canto x, emendou um erro historico do nosso Poeta, apoiado na auctoridade do jesuita o padre Martino Martini, na sua *Historia de Bello Tartarico,* e consistia este na asserção que o Poeta, mal informado, faz de ser electiva a monarchia chineza; Manuel Correia já tinha advertido a má informação que o Poeta obtivera sobre este assumpto, referindo-se o commentador a João de Barros *Decada* III, e ao padre Fr. Gaspar da Cruz no seu *Tràtado da China.*

A estancia 143.ª é destinada a preencher o vacuo que o traductor nota, do nosso Poeta não ter mencionado o heroe genovez Colombo, tratando-se da descoberta da America. «Che si haveva de fare? Trattar-si dello scoprimento delle Indie Occidentali, e non nominare chi la scopri? nome che tutto di penne, tutte le penne ha stancate per celebrar-lo? Potrá forse parere ciò scusabile nel poeta.... ma in penna Genovese sarebbe stata sceleragine publicarne il trasporto, senza rendere il dovuto honore á cosi glorioso, e celebrato Heroe della nostra patria.»

As ultimas seis estancias da traducção são igualmente acrescentadas e se acham traduzidas pelo sr. Garrett; consistem em uma censura ao pouco favor que o Poeta recebeu dos seus naturaes e uma dedicatoria ao Papa Alexandre VII.

Carlos Antonio Paggi foi irmão do Bispo de Brugneto, João Baptista Paggi, e filho do celebre pintor genovez João Paggi, cuja vida se acha impressa com as *Vidas dos Pintores, Esculptores e Architectos Genovezes de Rafael Soprani.* Do Bispo faz menção a *Italia Sacra d'Ughelli,* vol. IV fl. 298, e Giustiniani na sua obra intitulada —*Gli scrittori Liguri*— etc., Roma 1667; e do nosso traductor se lê na citada obra de Giustiniani a seguinte noticia: «Carlo Antonio Paggi, patrizio Genovese, figlio de Gio. Baptista celebre pittore, con infaticabile applicazione se é talmente perfezionato nelle scienze, nell'arti liberali, e nella poesia, como nella varietá delle lingue, anche barbare, che ragionevolmente si puo annoverare fra primi litterati della sua nazione in questo seclo. L'opere que lo manifestano per tale, e che sono parvenute a mia notizia, han questo titulo: —*Lusiada Italiana de Carlo Antonio Paggi, nobile Genovese, Poema heroico del grande Luigi di Camoens Portughese, principe de Poeti della Spagna, seconda impressione etc.* 1659. —*Enchiridion Medico astrochymicum, universalem medicinæ Theoriam complectens, ac Praxim post anatomiam restitutam, Caroli Antonii Paggii Patritii Genuensis.* Ulisipone ex proelo Antonii Craesberich Mello typographia Ser. Infantis 1667.— O *Athenaeum Ligusticum* a fl. 129, fallando do mesmo auctor: «Carolus Antonius,

aliis Carolus Paggius nobilis Genuensis, Jo. Baptistæ filius, in scientiis pluribus versatus, linguis diversis edoctus, Medicus, Pictor, Poeta, anotomicus magni nominis, vixit nostro seculo, ediditque *Lusiadam Italicam, seu Poema heroicum quo explicat facta perclara Aloysii de Camoens Lusitani, et Enchiridion Medico-astrochymicum, universalem medicinæ Theoriam complectens, ac Praxim post anatomiam restitutam»*, etc.

Pelo intervallo da publicação d'estas duas obras (1658 a 1667), ambas publicadas em typographia portugueza, se vê que Paggi residiu por bastante tempo entre nós; porém não sabemos se como simples viajante, ou exercendo o emprego de medico ou pintor. Pelas poesias que precedem a sua traducção, se vê que frequentava a sociedade dos homens doutos e da côrte, sendo, ao que parece, especialmente protegido do Conde de Cantanhede. Ha exemplares da primeira edição: Livraria publica de Lisboa; da segunda, sr. Gomes Monteiro, e em Londres Museu Britannico, livraria de Mr. Heber e de Mr. John Adamson; na venda de livros de Mr. Croft vendeu-se um exemplar por 7 shillings; eu possuo um exemplar da primeira, e dois da segunda edição.

MIGUEL ANTONIO GAZZANO

(1772)

LA LUSIADE O SIA LA SCOPERTA DELLE INDIE ORIENTALI FATTA DA PORTOGHESI DI LUIGI CAMOENS, CHAMATO PER SUA EXCELLENZA IL VIRGILIO DI PORTOGALLO, SCRITTA DA ESSO CELEBRE AUTORE NELLA SUA LINGUA NATURALE IN OTTAVA RIMA ED ORA NELLO STESSO METRO TRADOTTA IN ITALIANO DA N. N. PIEMONTESE. TORINO, M.DCC.LXXII.

Esta traducção julga Thomás de Aquino ter sido feita pelo Conde Lauriani que residiu por algum tempo na côrte de Lisboa, e acrescenta que o exemplar de que se serviu para a sua traducção fôra mal escolhido, o que deu logar a enganar-se em alguns logares do Poema. O auctor d'esta versão é o advogado Miguel Antonio Gazzano, d'Alba. É em oitava rima com os argumentos de João Franco Barreto; antes do frontispicio tem uma estampa que representa a saída da esquadra de Vasco da Gama. Segue-se a dedicatoria ao Marquez D. Salvador Pez de Villa Marina. Vem depois um prologo ao leitor, seguido da vida resumida do Poeta portuguez, traduzida da edição de 1663, da qual parece que se

serviu para a traducção. No fim vem esta advertencia: «Il traduttore disaprova generalmente tutte le espressioni usate dall'autore troppo libere, si politiche, che morali; non ostante che senza offendere la fedeltá della traduzione egli abbia procurato de modificarle.»

Foi auctor de uma historia da Sardenha, a qual, conforme a opinião do cavalleiro Cibrario, perdeu muito da sua reputação, depois que Joseph Manno publicou a sua; foi tambem Secretario d'Estado junto á pessoa do Vice-Rei n'aquella ilha. Na *Bibliotheca Oltremontana,* jornal que se publicava em Turim no fim do seculo passado, vem uma biographia d'este traductor. Outro artigo comprido sobre o mesmo na *Storia della Poezia in Piemonte di Thomazo Vallani,* Torino 1841.

O CONDE BENEVENUTO ROBBIO DE S. RAFFAELE

(1772)

Publicou em Turim no anno de 1772 um volume em oitavo de versos soltos *(versi sciolti),* entre os quaes se encontra uma traducção dos primeiros Cantos dos *Lusiadas.*

É auctor de varias obras em prosa e em verso, no juizo do cavalheiro L. Cibrario, assás mediocres.

ANONYMO

(1804)

TRADUCÇÃO EM PROSA DOS LUSIADAS. ROMA, 1804

Foi publicada na collecção dos poetas mais excellentes e de bom gosto, no tomo XIX. Começa:

«Io me acingo a cantare, e ad affidare alla fama, s'el estro onde sono animato non tradisci a miei tentativi le gesta di quelli eroi famosi, i quali sciogliendo le Vele dalle sponde della Lusitania, e dalle rive dell'occidente, spinsero le prore dilá Taprobana», etc.

Esta traducção é acompanhada de notas: tres volumes em 12.°

ANTONIO NERVI

(1814)

LUSIADA DI CAMOENS TRANSPORTATA IN VERSI ITALIANI DA ANTONIO NERVI. GENOVA, STAMPERIA DELLA MARINA E DELLA GAZZETA, ANNO 1814. 8.° 1 VOL.

Não traz notas.

I LUSIADI DI LUIGI DI CAMOENS, DI ANTONIO NERVI. SECONDA EDIZIONE ILLUSTRATA CON NOTE. DI D. B. MILANO DELLA SOCIETÁ TIPÓG. DEI CLASICI ITALIANI, 1821. —GENOVA .1824 —TURIM... (MR. BERTOLOTI). —GENOVA, 1830. 2 VOL. 32.°

A edição de 1821 (do sr. Bertoloti) tem tres gravuras bem feitas, principalmente a primeira, que é um retrato de corpo inteiro do Poeta, em fórma de estatua, com os *Lusiadas* na mão e um lapis ou ponteiro em acção de compor; são subscriptas por Gallo Gallina.

Segue-se: *Avertimento degli editori Milanese.* —Diz que a edição de Genova fôra em pouco tempo gásta.

Compendio della vita di Luigi Camoens della signora Baronessa di Stael: Giunta del Signor Villenave al compendio della vita del Camoens. —É um appendice que traz o soneto do Tasso, o epitaphio do padre Matheus Cardoso e uma relação de algumas traducções e edições.

Cenni del Seg. Sismondo de Sismondi sopra una nuova edizione (é a do Morgado de Matheus) *dé Lusiadi, e sopra esso poema.*

Giudizio de Giovani Andrés sopra I Lusiadi del Camoens. —Um curto prefacio do traductor que termina por este modo: «... e tornato finalmente a Lisbona mori povero in un ospicio de caritá. Prege che il prototipo no sia un senistro augurio pel traduttore e vive felici.»

Soggeto storico del Poema. —Notas no fim de cada canto com os logares imitados pelo Poeta e os que d'elle imitou o Tasso.

Eis-aqui o que Mr. David Bertoloti me diz em carta sua datada de Turim, relativamente a esta edição:

«Je m'occupai à étudier les *Lusiades* dans la langue originale à Milan, où il y en avait à la Bibliotheque de Brena plusieurs excellentes éditions avec commentaires portugais, lorsque un de mes amis m'apporta de Gênes la traduction de Mr. Nervi, en ajoutant que le traducteur en

était mort. Cette notice qui était fausse, m'engagea à en donner une nouvelle édition avec notes. Cè fut un bonheur pour la traduction de Mr. Nervi, car elle serait peut'être restée presque inconnue, tandis que l'édition Milanaise se répandit rapidement et obtint plusieurs reimpressions dont une à Turin.»

Juntamente com a edição de Milão se imprimiu um pequeno folheto, com os argumentos, variantes e algumas explicações dadas ao traductor. A edição de 1830 traz só a biographia por M.me de Stael, e é precedida de um prefacio do traductor, no qual nos dá noticia da sua traducção, a qual diz que fôra feita no espaço de tres annos durante o tempo que tirava ás occupações do seu cargo, e fôra começada no anno de 1806, e estampada no de 1814; n'este prefacio, respondendo ao editor Milanez com quem diz estar na mais perfeita intimidade e harmonia, reclama contra a asserção de ter sido a sua traducção continuamente retocada pelo padre Solazi, não negando comtudo que algumas vezes lh'a recitára para escutar os seus sabios conselhos.

Antonio Nervi era um empregado subalterno genovez muito modesto ou antes de uma humildade singular, conhecido apenas na sua patria pelo pequeno grupo dos seus amigos. Morreu em Genova no anno de 1834 ou 1835, e deixou algumas poesias de pouca importancia. Esta noticia biographica é dada por Mr. Ricci, Senador do reino da Sardenha, n'outro tempo Syndico de Genova, e que o conheceu pessoalmente.

A. BRICOLANI

(1826)

I LUSIADI DEL CAMOENS, RECATI IN OTTAVA RIMA DA A. BRICOLANI. PARIGI, CO' TIPI DI FIRMINO DIDOT, 1826. 1 VOL. 32.°

Traz uma curta dedicatoria datada de 31 de Maio de 1826: A Sua Alteza Imperiale D. Maria da Gloria Principeza del Brasile.

O auctor emprehendia uma segunda edição, a que tinha feito muitas correcções, e para o que tinha pedido auxilios ao Governo portuguez; morreu antes de a poder imprimir. Veja-se o juizo d'esta traducção em uma nota da obra de Mr. Sismonde de Sismondi, *De la Litt. du Midi*, etc. (Artigo sobre Camões.)

Mr. Bricolani era professor da lingua italiana no collegio du Sacré Cœur em Paris, e falleceu n'esta cidade.

LUIZ CARRER

(1850)

TRADUCÇÃO DOS LUSIADAS

O auctor, conforme o testemunho de Mr. Paravia, professor de litteratura italiana na Universidade de Turim, que o asseverou a Mr. Bertoloti, e este m'o communícou, tinha publicado nos jornaes de Veneza uma grande parte dos *Lusiadas* em oitava rima, e entre estes o *Episodio de Ignez de Castro;* parece que a traducção se publicou completa ultimamente em París.

Luiz Carrer era um dos poetas mais distinctos de Italia, e morreu ultimamente em Veneza.

A. GALEANO RAVARA

(1853)

ALBUM ITALO-PORTUGUEZ. LISBOA, 1853

Vem uma traducção italiana do auctor n'esta collecção, do *Episodio de D. Ignez de Castro.*

LEONARDO TURIANO

(1598)

Compoz o soneto em louvor de Camões que começa:

Celeste signo di gran fatti egregi, etc.

o qual copiâmos na biographia do Poeta.

Leonardo Turiano foi Engenheiro mór do reino, e pae de Fr. João Turiano, monge benedictino que exerceu o mesmo logar de seu pae, e delineou differentes obras n'este reino.

SISMONDE DE SISMONDI

(1813)

DE LA LITTERATURE DU MIDI DE L'EUROPE, PAR SISMONDE DE SISMONDI. PARIS, 1813. 4 VOL. 8.º TROISIÈME ÉDITION REVUE ET CORRIGÉE. PARIS, 1829

Os capitulos XXXVII, XXXVIII e parte do XXXIX do IV volume, de folhas 323 a 449, são destinados á analyse dos *Lusiadas* e das poesias lyricas do Poeta, e acompanha esta analyse uma biographia, e extractos traduzidos dos *Lusiadas* e das outras poesias.

Mr. Sismondi faz encarecido elogio ao Poeta portuguez, e comprehendeu bem o pensamento de Camões sobre a escolha da acção. A edição da obra de Mr. Sismondi, de que me sirvo, é a terceira (1829).

DAVID BERTOLOTI

(1822)

São d'este escriptor as notas que acompanham a edição da *Traducção dos Lusiadas* de 1821 por A. Nervi, estampada em Milão.

David Bertoloti, natural do Piemonte, residiu por algum tempo em Milão, onde redigiu um jornal intitulado *Lo Spettatore Italiano;* tem publicado differentes romances; uma viagem na Saboya e outra na Liguria, e muitas outras obras no genero litterario e historico: é membro da Academia das Sciencias de Turim.

FRANCISCO CHOMEGGIALLI

(1851)

Chomeggialli (Francisco) publicou em Milão, no anno de 1845, um poema sobre Camões em cinco Cantos. O primeiro trata de Lisboa e dos seus primeiros pensamentos; o segundo, de Santarem; o terceiro, do Oriente; o quarto, da gruta de Camões; o quinto, Lisboa e os seus ultimos pensamentos. Devo esta noticia a Mr. Francisco Rossi, Bibliothecario da Bibliotheca Imperial e Real de Milão.

L. TORTIS

(1850)

CAMOENS, O UN POETA ED UN MINISTRO. DRAMA IN CINCO ATTI, DI L. FORTIS. ITALIA DRAMATICA. TORINO, 1851

No theatro de Milão deu-se este drama original d'este auctor com o titulo de *Poeta e Rè:* o assumpto da peça é a historia da vida de Camões, porém toda alterada; não obstante o publico milanez recebeu este drama com bastantes applausos. Veja-se a *Italia Musicale* e o *Spectador* n.º 8 (2.ª serie), onde vem transcripta a descripção do drama extrahida do jornal italiano.

A celebre actriz M.me Ristori representou em Lisboa uma scena d'este drama.

TRADUCÇÕES INGLEZAS

SIR RICHARD FANSHAW

(1655)

THE LUSIAD, OR PORTINGAL'S HISTORICAL POEM WRITEN IN THE PORTINGALL LANGUAGE BY LUIS DE CAMOENS, AND NOW NEWLY PUT INTO ENGLISH BY RICHARD FANSHAW, ETC. LONDON: PRINTED FOR HUMPHREY MOSELEY, AT THE PRINCE'S ARMS IN S.T PAUL'S CHURCH YARD: M.DC.LV. FOLIO.

Esta traducção é dedicada ao Conde de Stratford, e a dedicatoria datada do 1.º de Maio de 1655. Depois da dedicatoria vem uma traducção do mesmo auctor do *Satyricon de Petronio.* É ornada dos retratos, em corpo inteiro, do Infante D. Henrique, Vasco da Gama e o de Camões, que vem no principio junto ao titulo, e todos precedem a traducção. O Infante está vestido com armadura, com a lança em punho, e o escudo embraçado com ar arrogante; ao lado direito do Infante e no topo do quadro se vê uma estante com livros e instrumentos mathematicos e nauticos; vêem-se tambem as armas de Portugal com a legenda da Jarreteira; o fundo do quadro parece representar a tomada de Ceuta. Antes da traducção lê-se o soneto do Tasso em louvor de Camões, traduzido em inglez, e por baixo do retrato do Poeta uns versos allusivos á sua vida aventurosa.

Mickle se refere a esta traducção, e nos diz citando o editor das cartas de Fanshaw, que ella fôra publicada sem consentimento do traductor e sem que este a podesse retocar, o que deve desculpar as imperfeições d'ella; attribue á obscuridade dos versos do traductor o juizo errado que relativamente ao nosso Poeta fizeram Mr. de Voltaire e o padre Rapin.

Postoque a data da dedicatoria (1 de Maio de 1655) ao Conde de Stratford pareça inculcar que esta traducção feita durante a usurpação de Cromwell em Tankersley em Yorkskire, residencia do Conde de Stratford, fôra publicada pelo mesmo Fanshaw, a asserção do editor das cartas, conjuntamente com o titulo de Esquire posposto no titulo do livro ao nome do traductor, torna evidente que esta traducção fôra dada á luz durante a sua ausencia quando acompanhava Carlos II no seu exilio; pois não era natural, nem era proprio da sua lealdade e cavalheirismo, tendo sido nomeado Baronet por Carlos I, durante o cerco de Oxford, designar-se com outro titulo que não fosse aquelle que havia recebido de seu legitimo Soberano.

Southey, enumerando os defeitos de Fanshaw, os quaes consistem em um estylo bombastico, rebaixado da dignidade da epopéa, pela trivialidade e puerilidade das comparações, enxertia de proverbios, o que fez dizer a Mickle que Sancho Pança não era mais fertil em proverbios, conclue comtudo que na sua traducção reina uma animação geral, e uma felicidade de linguagem digna de ser admirada ainda em auctor de mais fama, juntando a isto o merecimento da fidelidade, o que faz que a sua traducção ainda hoje deve ser consultada pelo leitor inglez que deseja pôr-se ao facto do plano e caracter dos *Lusiadas.*

O juizo de Mickle é igualmente pouco favoravel ao primeiro traductor inglez dos *Lusiadas;* o do fallecido Mr. Ed. Quillinan, expressado em carta sua de 16 de Setembro de 1850, é que o traductor é tão requintado, tão prosaico e ás vezes tão extremamente ridiculo, que ainda que nos seus logares mais felizes se approximou mais que os outros traductores do original, a sua versão é pouco lida, e, para melhor dizer, quasi illegivel.

Se depois do juizo dos auctores nacionaes podemos juntar o nosso, diremos, que n'aquelles logares aonde não apparecem os innegaveis defeitos do traductor, encontrâmos ás vezes muita fidelidade, não só em exprimir a idéa do auctor traduzido, mas ainda na fórma metrica, quanto o tolera a dissimilitude de instrumentos tão diversos na sua eufonia, como são as duas linguas.

Sir R. Fanshaw era tambem conhecedor das linguas italiana e hespanhola; da primeira traduziu o *Pastor Fido* de Guarini, e da segunda uma peça dramatica, *Querer por solo querer*. Ambas estas traducções foram, bem como os *Lusiadas*, publicadas sem consentimento do auctor, tendo caido em mãos inhabeis que as publicaram sem serem por elle revistas.

Sir Richard Fanshaw foi o filho mais moço de Sir Henry Fanshaw de Ware-Park em Hertfordshire, e foi creado Baronet pelo Rei Carlos I no cerco de Oxford. Tendo acabado os seus estudos na Universidade de Cambridge, e depois de haver viajado no Continente, foi nomeado Secretario do Principe de Galles. Pela restauração de Carlos II em 1660 gosou da estima e consideração d'este monarcha e obteve varios empregos na sua patria.

A sua residencia nas côrtes estrangeiras, não só durante as suas viagens, porém durante o exilio do ultimo Rei, tendo-o tornado qualificado para a diplomacia, foi mandado como Enviado extraordinario á Côrte de Portugal, e pouco depois nomeado Embaixador. Foi durante a sua embaixada em Lisboa que teve logar o contrato de casamento do seu Soberano com a Infanta D. Catharina filha d'El-Rei D. João IV.

Voltando á sua patria, no anno de 1663, foi logo nomeado membro do Conselho privado, e pouco depois Embaixador á Côrte de Madrid, onde havia sido residente durante o reinado do ultimo Rei. N'esta cidade, sendo atacado de uma febre, falleceu em 1666, tendo de idade cincoenta e nove annos.

«Fanshaw (diz Southey) foi um perfeito litterato, um habil diplomatico e um excellente homem.»

Sua mulher, senhora de muita virtude e de optimas qualidades, que o havia acompanhado na sua embaixada, recolheu os seus ossos á patria, e lhes deu sepultura na parochial igreja de Waze. Nas *Anecdotas* de Seward se encontram interessantes extractos das memorias d'esta Senhora. «Em todos os tempos (diz Southey referindo-se a estas memorias) a pintura fiel das miseraveis consequencias de uma rebellião se torna uma lição bem util, especialmente quando malvados, homens astuciosos e mentecaptos espalham a semente da rebellião com uma industria infatigavel.

Existem exemplares d'esta traducção em Londres, British Musœum, Mr. John Adamson, em New-Castle-upon-Tine. Lisboa, Bibliotheca publica. Eu possuo tambem um exemplar. Porto, sr. J. G. Monteiro.

Sobre o traductor, vide Mickle, *Disertation on the Lusiad*. Southey,

Quarterly Review, april 1822, pag. 26. O sr. John Adamson, *Mem. of. Cam.*, tom. II pag. 222. V. de Almeida Garrett, *Camões*. Sr. J. G. Monteiro, *Echos da Lyra Teutonica*, pag. 234.

WILLIAM JULIUS MICKLE

(1776)

THE LUSIAD OR THE DISCOVERY OF INDIA, AN EPIC POEM TRANSLATED FROM THE ORIGINAL PORTUGUESE OF LUIS DE CAMOENS. BY WILLIAM JULIUS MICKLE. LONDON, OXFORD 1776. 4.° — THE SECOND EDITION, 1778. 4.° — THE THIRD EDITION, 1791. DUBLIN, 2 VOL. 8.° — 1807. 3 VOL. 12.°

Esta penultima edição (1791) traz no principio o retrato do traductor gravado por J. Mannin sobre o desenho de M. Hamphry. Segue a lista dos subscriptores, e não traz a dedicatoria ao Duque de Bucleugh.

Da ultima (1807), ornada de gravuras, se reproduziram as estampas que ornam a edição das obras de Camões de 1815, París, Didot. Esta traducção diz Brunet que fôra impressa varias vezes; porém as edições de que temos noticias são as referidas.

Mr. Adamson, referindo-se á biographia de Mickle pelo R.do João Sim, nos dá noticia das difficuldades com que o traductor lutou por falta de meios pecuniarios para dar ao publico a sua traducção, na qual empregou cinco annos consecutivos de trabalho. Havendo adquirido o conhecimento da lingua portugueza, e sendo bem aceitas as suas poesias, deu pela primeira vez ao publico em Março de 1771 no *Gentleman's Magazine* a traducção do *Adamastor*, e logo no verão seguinte o Canto I, como uma amostra, propondo a publicação completa do *Poema* por meio de uma subscripção. Com este intuito se retirou na primavera do anno de 1772 a uma casa de campo occupada por um lavrador nas immediações de Oxford, e ahi se applicou com tanto empenho ao seu trabalho que no fim do anno de 1775 se publicou em Oxford, acompanhado de um numeroso catalogo de subscriptores respeitaveis. No anno de 1776 acompanhou como Secretario o Comodoro Johnson, mandado ás costas da Hespanha com uma esquadra. Durante este cruzeiro, tendo a esquadra entrado no porto de Lisboa, desembarcou n'esta cidade onde foi recebido pelo Duque de Lafões D. João, tio da Rainha, que o foi esperar ao caes, e lhe deu o seu retrato, mostrando o illustre fundador da Academia Real das Sciencias de Lisboa o grande apreço que fazia

do traductor. Tendo-se por esta occasião, no anno de 1780, aberto a Academia Real das Sciencias, foi admittido Socio correspondente, e durante esta sua estada em Lisboa compoz o seu poema *Almada Hill* (o monte de Almada) que se publicou em 1781. O beneficio que tirou do producto da traducção, da qual se estamparam uns mil exemplares, e tiveram uma prompta venda juntamente com a do manuscripto por quatorze annos, produziram mil libras; no anno de 1778 appareceu a segunda edição.

Antes da pagina do titulo tem uma gravura que representa o auctor offerecendo a sua traducção a Apollo, com esta subscripção: «Published as the Act. directs April 21, 1778. Designed & Etch'd by John Mortimer.» Depois do titulo seguem varios tratados por esta ordem:

I Introducção;

II Historia do descobrimento da India;

III Historia da fundação e da decadencia do Imperio portuguez no Oriente. —Este tratado é acompanhado de uma carta geographica da viagem de Vasco da Gama e das descobertas dos portuguezes;

IV Vida de Camões;

V Dissertação sobre a Lusiada e observações sobre a poesia epica.

Á traducção é acompanhada de notas, e no fim do canto VII traz um *Ensaio* sobre os dogmas religiosos e philosophicos dos Brahmanes. Sendo, como pretende Southey, o fim principal do traductor a especulação, tratou de apresentar aos seus compatriotas o Poema portuguez como o poema epico do commercio, e de adular a companhia das Indias. Paraphraseou e alterou o texto dos *Lusiadas* quando bem lhe pareceu; no *Episodio do Adamastor* e no canto IX levou esta liberdade a tanto excesso que se encontram uns trezentos versos que não correspondem a logar nenhum do texto. No prologo da edição de Camões de 1782 se póde ler uma analyse d'esta traducção feita pelo R.do João Dally. Mr. Adamson e Southey tratam igualmente do traductor. Damos aqui tambem o juizo sobre Mickle de Mr. Ed. Quillinan, communicado em uma carta sua que nos dirigiu. «Mickle, escocez pelo nascimento, homem não falto de talento poetico, nos deu uma paraphrase infiel em vez de uma traducção, e tomou todas as vezes que lhe pareceu a mais lata e intoleravel liberdade para com o seu auctor. É obvio que era bem pouco conhecedor da lingua de Camões, auxiliando-se nos seus embaraços pelo constante recurso da traducção de Castera. Não poucas vezes se soccorreu tambem da traducção de Fanshaw, e igualmente em algumas occasiões, postoque com negligencia e ignorancia, dos com-

mentarios de Faria e Sousa. O seu trabalho comtudo escripto em verso heroico é o unico até hoje recebido entre nós, como uma bella traducção dos *Lusiadas*, e mereceu o elogio de escriptores que estavam no caso de fazerem um juizo mais exacto, como o meu sempre chorado amigo Mr. Southey. Qualquer portuguez que não seja hospede da nossa lingua, e que comparar a traducção de Mickle com o original de Camões, verá logo á primeira vista o erro de se poder reputar Mickle como um bom traductor do vosso Poeta nacional.»

Mickle gosa de reputação poetica entre os seus compatriotas, e diz Southey que elle fôra do numero d'aquelles poetas cuja luz se ateou na alampada immortal de Spencer; seja muito embora, mas como traductor é o mais infiel dos traductores. Conforme o testemunho de Mr. Sim o R.do Dr. Crowe d'Oxford ajudou o traductor na compilação das notas.

J. TALBOT, BARÃO DE DILLON

(17...)

Diz o auctor da *Vida de Camões* que vem na obra *Varões e donas illustres portuguezes*, que emprehendêra traduzir a Camões; é o mesmo que mandou cunhar a medalha em honra do Poeta, de quem era admirador. Lembra-me se seria este o estrangeiro, que o padre José Agostinho asseverava ter ouvido que tinha feito indagações para descobrir a sepultura do Poeta.

LORD STRANGFORD

(1803)

POEMS FROM THE PORTUGUESE OF CAMOENS BY LORD VISCOUNT STRANGFORD 16.° LONDON, 1803. THE SECOND EDITION. LONDON, 1804. LONDON, 1824. 8.°

É dedicada esta traducção a Denham Jephson, Esq. M. P. Traz um retrato do Poeta, e depois umas armas juntamente com a dedicatoria, as quaes não sei se pertencem ao Lord ou á pessoa a quem é dedicada a traducção. Segue-se uma noticia sobre o Poeta e os seus escriptos *(Remarks on the life and writings of Camoens)*, e em seguida a traducção, a qual consta de algumas poesias lyricas, e as estancias XXXVIII a XLIII do canto VI. Termina com algumas notas relativas ás poesias tra-

duzidas. Mr. Quillinan avalia em pouco esta versão, a qual teve comtudo differentes edições. Ha uma traducção franceza feita sobre esta das poesias de Camões por Mr. Barrere. Vide Barrere.

Lord Strangford nasceu em 1780 na Irlanda; foi Secretario da Legação Britannica em Portugal, e depois nomeado Ministro para acompanhar El-Rei D. João VI ao Brazil, onde residiu por algum tempo, e representou depois o seu paiz em Stockolmo, Constantinopla e S. Petersburgo; falleceu na sua casa de residencia de Hastey Street.

D.OR JOHNSON

(1810)

THE ENGLISH POETS, FROM CHAUCER TO COWPER, INCLUDING THE SERIES EDITED WITH PREFACES BIOGRAPHICAL AND CRITICAL BY JOHNSON AND MOST APPROVED TRANSLATIONS. THE WHOLE RE-EDITED, WITH ADDITIONAL LIVES BY ALEX. CHOLMERS. LONDON, 1810. 21 VOL. GR. 8.°

N'esta collecção vem inserida a traducção dos *Lusiadas* por Mickle. O Dr. Johnson era grande admirador de Camões, e intentou traduzir o seu Poema na lingua ingleza; porém não sabemos se começou a pôr em pratica o pensamento que tinha concebido. Eis o que Southey nos diz relativamente a esta projectada traducção. Foi provavelmente sobre esta traducção (a de Fanshaw) que o Dr. Johnson tomou conhecimento dos *Lusiadas;* era de esperar que percebesse os grandes defeitos da estructura d'este poema, e se desgostasse da incongruencia do machinismo; porém Johnson era um homem o qual, postoque dotado de uma grande força de entendimento, gostava e desgostava algumas vezes em poesia por capricho, e sem se regular pelos principios fixos e invariaveis do bom gosto. Elle era admirador dos *Lusiadas,* e emprehendeu por algum tempo traduzi-los na lingua ingleza. O seu trabalho comtudo foi posto de parte por occupações que lhe sobrevieram, para as quaes era mais apto, e esta tarefa ficou reservada para Mickle, melhor poeta, mas o mais infiel dos traductores. Diz-se ter o Dr. Johnson aconselhado a Goldsmith que a emprehendesse.

MRS. FELICIA HEEMANS

(1818)

TRANSLATION FROM CAMOENS AND OTHER POETS BY FELICIA HEEMANS.
8.º OXFORD, 1818

As suas traducções de Camões consistem em quinze sonetos, uma parte da egloga xv, algumas redondilhas e parte do *Episodio do Adamastor*. Estas traducções, conforme o juizo de Mr. Ed. Quillinan, são feitas com sufficiente habilidade, em rasão do pouco uso que a traductora tinha da lingua de Camões. O fragmento do Adamastor é no mesmo verso de Mickle, porém menos infiel e com mais gosto do que a sua traducção.

Mrs. Felicia Heemans escreveu até o anno da sua morte, que foi em 1835, não menos de seis volumes em verso. A desigualdade e a frequente insipidez dos seus escriptos deve-se pôr a cargo de ser compellida pela necessidade a escrever por dinheiro; estava sempre escrevendo e sempre versos. Tinha a sua imaginação a poetica inspiração dos editores de um jornal a tanto por pagina, e por Mecenas os mesmos editores, cujo mote se resume n'esta pergunta e resposta:

«What the value of a thing?»
«But as much as it will bring.»

Quanto vale qualquer cousa? Tanto quanto produz.

Era sem duvida muito honroso para Mrs. Heemans o condemnar-se a uma tal escravidão, porém não podia inspirar a sua Musa esta coacção; coacção mui voluntaria que se tinha imposto a si mesma para sustentar-se a si e seus filhos, independentemente dos seus parentes, postoque tivesse um muito bom e generoso irmão. O conhecimento d'esta traductora devo-o a Mr. A. Parisi, Conservador dos Mss. do Museu Britannico, e a Mr. Ed. Quillinan a apreciação que damos dos seus escriptos e biographia.

MR. COCKLE

(1818)

Traduziu a canção:

Vão as serenas aguas

e a elegia:

O Sulmonense Ovidio desterrado.

Vem inseridas estas traducções nas *Memorias sobre Camões* de Mr. J. Adamson.

MR. HAYLEY

(18...)

Traduziu alguns sonetos de Camões que vem inseridos nas *Memorias sobre Camões* de Mr. J. Adamson. No seu poema *Esays on Epic Poem,* dirige uns versos em louvor de Camões, que já copiámos n'esta *biographia.*

MR. JOHN ADAMSON

(1820)

MEMOIRS OF THE LIFE AND WRITINGS OF LUIZ DE CAMÕES, BY JOHN ADAMSON. F. S. A. LONDON. EDINBOURG AND NEWCASTLE, M.D.CCCXX. 2 VOL. 8.°

Acompanha o primeiro volume, antes da pagina do titulo, o retrato de Camões a meio corpo com as armas do Poeta por baixo da gravura, e na folha do titulo a reproducção na gravura da medalha de Camões dedicadá pelo Barão de Dillon. Segue-se a dedicatoria a Thomás Davidson, Esq.r, e depois um prefacio, e na primeira e ultima parte d'este a copia da medalha do Morgado de Matheus. Vem depois a biographia de Camões, e em seguida uma noticia sobre as Rimas, com a traducção de alguns sonetos do nosso Poeta pelo auctor, Dr. Haley e Southey.

O segundo volume é precedido de um supposto retrato de D. Ignez de Castro, e na pagina do titulo, copia da medalha de Camões mandada cunhar pelo Barão de Dillon. Segue-se o *Ensaio sobre os Lusiadas* traduzido do Morgado de Matheus; um catalogo das traducções dos *Lusiadas* com algumas noticias sobre os traductores; outro sobre as edições; e no fim uma noticia sobre os Commentadores, Apologistas, etc.: o retrato de Faria e Sousa e o de Camões em corpo inteiro, que se encontra em alguns exemplares da edição das suas obras de 1720, em folio, se acham tambem n'este volume.

A obra de Mr. Adamson é um trabalho muito consciencioso e interessante, principalmente na parte que diz respeito ás traducções; é sem duvida feito com muito esmero, tendo á vista os livros que descreve. Publicou alem d'isto outras obras sobre o nosso Poeta e a litteratura portugueza.

O primeiro trabalho litterario de Mr. Adamson relativo á nossa litteratura foi a sua traducção da tragedia de *D. Ignez de Castro,* de Nicolau Luiz.

D. Ignez de Castro, a Tragedy from the Portuguese of Nicola Luis, with Remarcks on the History of that infortunate Lady, by John Adamson. Newcastle, 1808.

Esta traducção é dedicada a Lord Strangford; no prefacio dá noticia do tragico successo de que é assumpto, e as Tragedias a que deu origem.

Escreveu mais o Sr. Adamson: —*Lusitania Illustrata, notices on the History, Antiquities, Litterature, etc. of Portugal, Litterary Depdrtment. Part.* I. *Selection of Sonnets with biografical Sketches of the authors, by John Adamson, M. R. S. L., F. S. A., T. L. S. Corresp. Memb. Royal Acad. of Sciences of Lisbon,* etc. etc. Newcastle upon Tyne, M.D.CCCXLII. —É a traducção de algumas poesias dos nossos poetas antigos e modernos, e entre estas reproduz a de alguns sonetos de Camões que traz nas *Memorias* sobre o Poeta.

Lusitania Illustrata, etc. Part. II, M.DCCCXLVI. —É dedicada ao nosso insigne Poeta Visconde de Almeida Garrett, e precedida de uma dedicatoria e um prefacio; comprehende a traducção dos romances publicados pelo Poeta portuguez: *Bernal Francez, Noite de S. João, Rosalinda* e *O Chapim d'El-Rei ou Parras verdes.*

Reply of Camões, etc. Newcastle. —Finge uma resposta do Poeta dada por elle a Martim Gonçalves da Camara, quando lhe pedia a traducção dos *Psalmos Penitenciaes* que lhe havia encommendado.

Sonnets by John Adamson, K. T. S., K. C., F. S. A., F. L. S., etc. Newcastle upon Tyne, M.DCCCXLV. —É uma collecção de alguns sonetos do auctor, e entre estes se encontra um simulando um epitaphio de Camões na igreja de Sant'Anna, e outros que são imitações do nosso Poeta.

Notes and Queries a medium of inter-communication for Literary Men, Artists, Antiquaries, Genealogists, etc. January 11, 1851. —A fl. 19 vem um mappa das edições e traducções de Camões, das quaes possuia a maior parte; esta relação foi ali inserida por occasião de eu lhe haver pedido a noticia das que possuia na sua collecção e é acompanhada de observações.

Alem d'estas, auxiliou Mr. Strickland na *Vida da Rainha da Gran-Bretanha D. Catharina de Bragança,* a qual se encontra entre as *Vidas das Rainhas de Inglaterra.* Mr. Adamson possuia a mais completa col-

lecção das edições e obras de Camões, a qual constava de uns cento e vinte volumes, e uma collecção iconographica composta de uns trezentos desenhos, gravuras, retratos, medalhas do Barão de Dillon, Morgado de Matheus, correspondencias, etc.; felizmente escapou esta collecção ás chammas que devoraram o resto da sua escolhida livraria, entrando no numero dos livros perdidos uma collecção de obras impressas e manuscriptas relativas a D. Ignez de Castro, que comprehendia oito volumes. Teve alem d'isto o improbo trabalho de verter para inglez a *Historia Genealogica da Casa Real.*

Devo ao sr. Adamson o delicado mimo de um exemplar de todas as suas obras, o que me facilitou poder dar aqui noticia d'ellas. Sou-lhe alem d'isto devedor de valiosas informações sobre o Poeta e suas obras; propunha-se mais passar para a lingua ingleza este meu trabalho sobre o nosso Poeta, conforme m'o participou em uma carta sua.

John Adamson descendia de uma familia respeitavel do Condado de Durham. Foi o ultimo filho do Tenente da Armada Real Cutberth Adamson, e nasceu em Gateshead a 13 de Setembro de 1787. Sendo muito moço foi mandado para Lisboa, onde seu irmão mais velho Mr. Blyth Man Adamson se achava estabelecido, e era um dos principaes negociantes; tendo porém sobrevindo a invasão dos francezes, foi constrangido, depois de uma curta residencia em Portugal, a ausentar-se e regressar á sua patria.

Tendo voltado a ella se destinou ao estudo das Leis, e em 1811 obteve o logar de Sub-Scherife de Newcastle, logar que conservou pelo espaço de vinte e cinco annos até á sua extincção, que teve logar em resultado do Bill da reforma municipal. Tendo exercido outros logares, foi por muitos annos Secretario da Companhia do caminho de ferro de Newcastle e Carlisle, logar que desempenhou com muito interesse e disvelo.

Desde a sua mocidade Mr. Adamson foi mui activo explorador em litteratura, e membro de varias sociedades litterarias e academias, as quaes muitas vezes brindou com donativos litterarios, especialmente a dos Antiquarios de Newcastle, da qual foi um dos fundadores, e seu thesoureiro e secretario.

Desde a sua residencia em Portugal em 1803, tendo adquirido o conhecimento da lingua, conservou sempre uma agradavel impressão do paiz que havia abandonado, pelo qual tinha particular predilecção, e tomando um especial deleite pela sua litteratura que cultivou toda a sua vida. Tendo publicado no anno de 1820 as suas *Memorias sobre*

Camões, a Academia Real das Sciencias o recebeu no seu gremio como Socio correspondente, e mais tarde, por proposta do Duque de Palmella e Visconde de Almeida Garrett, foi agraciado com a ordem de Christo e Torre Espada. Alem das obras já apontadas, encontram-se alguns artigos relativos a Portugal no *Monthly Mirror* e outros periodicos litterarios.

Mr. Adamson casou a 3 de Dezembro de 1812 com sua prima Isabel, filha de Samuel Hutwaste, Esquire, de quem houve quatro filhos e tres filhas.

Falleceu a 27 de Setembro de 1855, e jaz enterrado no cemiterio de Jesmond. Veja-se: —*Obituary Notice of the late John Adamson. Esquire*, etc. *Reprinted from the Gentlemans Magazine for Dec.* 1855. New-Castle upon Tyne, 1856. —Este necrologio foi traduzido no *Diario do Governo.*

THOMAS MOORE MUSGRAVE

(1826)

THE LUSIAD AN EPIC POEM BY LUIS DE CAMOENS, TRANSLATED FROM THE PORTUGUESE BY THOMAS MOORE MUSGRAVE

Primum ego me illorum, dederim quibus esse poetas,
Excerpam numero. Neque enim concludere versum
Dixeris esse satis: neque si quis scribat, uti nos,
Sermoni propiora, putes hunc esse poetam.
Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque os
Magna sonaturum, des nominis hujus honorem.

(Horat. —Sat. L. 1. 4.)

LONDON, JOHN MURRAY, ALBERMALE STREET, 1826

Tem uma dedicatoria ao Conde de Chichester, um prefacio e notas; é escripta em verso solto. Mr. Ed. Quillinan avalia em muito pouco esta traducção. Tivemos um exemplar pouco tempo na nossa mão, do qual apenas nos servimos para tirar este extracto; assim não podemos avaliar o seu merecimento.

O traductor exerceu em Lisboa o officio de Agente de paquetes, e ainda o conhecemos exercendo o seu emprego.

SIR T. LIVINGSTON MITCHELL K.T D. C. L.

(1854)

THE LUSIAD OF LUIS DE CAMOENS CLOSELY TRANSLATED, WITH A PORTRAIT OF THE POET, A COMPENDIUM OF HIS LIFE, AN INDEX OF THE PRINCIPAL PASSAGES OF HIS POEM, A VIEW OF THE « FOUNTAIN OF TEARS » AND MARGINAL AND ANNEXED NOTES, ORIGINAL AND SELECT. —BY L.T COL. SIR T. LIVINGSTON MITCHELL, K.T D. C. L. LONDON. T. & W. BOONE, NEW BOND STREET, 1854

Segue uma dedicatoria ao Conde de Dundonald, Vice-Almirante de bandeira azul, Gran-Cruz da Ordem do Banho, e da do Cruzeiro do Brazil, Cavalleiro da Real Ordem do Salvador da Grecia, e da Ordem do Merito do Chili, etc.

Vem depois um prefacio, em o qual o auctor reputa a escolha do assumpto dos *Lusiadas* superior á da *Illiada, Eneida* e do *Paraiso Perdido;* n'este mesmo prefacio, desviando-se do estylo de alguns de seus compatriotas, tece o elogio da nação portugueza, alludindo não só aos seus antigos feitos, mas áquelles praticados, conjuntamente com a Gran-Bretanha, como os mais fieis e honrados alliados, quando a sua nação, conforme as palavras de Canning que cita, foi o braço que moveu a alavanca, e Portugal o ponto de apoio que abalou da sua base o poder que subjugava o resto da Europa. Parece que o auctor foi testemunha dos feitos de armas dos portuguezes, na guerra peninsular, pois em uma nota, referindo-se á fonte da Quinta das Lagrimas, diz ter visitado este sitio, por occasião que passava em serviço pela cidade de Coimbra. Termina o prefacio pedindo desculpas pelo escabroso e mal talhado da obra, elaborada a maior parte do tempo no limitado recinto de um beliche a bordo, em uma viagem em volta do Cabo d'Horn.

Segue um compendio da *Vida do Poeta,* tendo o auctor seguido as *Memorias* de Mr. Adamson, e não só á obra mas ao auctor se declara pessoalmente devedor de esclarecimentos uteis: as biographias de Figueiredo, *Varões e Donas illustres portuguezes,* etc., e a do Morgado de Matheus foram igualmente consultadas.

EDWARD QUILLINAN

(1853)

THE LUSIAD OF LUIS DE CAMOENS. BOOKS I. TO V. TRANSLATED BY EDWARD QUILLINAN, WITH NOTES BY JOHN ADAMSON, K. T. S. AND K. C. OF PORTUGAL. CORRESP. MEMB. ROY. ACAD. OF SCIENCES OF LISBON. F. L. S. F. R. G. S., ETC. ETC. LONDON, 1853

No principio do livro vem o retrato de Camões. Segue-se uma carta dirigida pelo editor ao sr. José Gomes Monteiro, em que lhe diz que tendo, nos ultimos annos da vida de seu commum amigo Mr. Quillinan, communicado pessoalmente e por carta com elle sobre a sua traducção dos *Lusiadas*, d'elle soubera que era intenção sua dedica-la a ambos. A elle como biographo do Poeta, e como tendo posto á sua disposição a sua copiosa collecção de edições e obras relativas ao Poeta, e ao sr. José Gomes Monteiro, como editor da mais correcta e mais bem accentuada edição das obras de Camões. Sendo pois encarregada ao Sr. Adamson a publicação do manuscripto no intuito de cumprir a vontade do fallecido traductor, julgou opportuno collocar o nome do sr. Gomes Monteiro no começo d'esta carta, e o d'elle editor no fim. Adverte mais que tendo ficado este trabalho pela morte do seu auctor falto de lima, deve a critica ser indulgente; que era tambem do plano do sr. Quillinan juntar uma collecção de valiosas notas, o que não tendo sido levado a effeito, elle editor compozera as que vão juntas á traducção, bem como, apesar de não entrar no programma do traductor, julgára conveniente juntar um mappa das differentes edições e traducções de Camões, para uso de quem se quizer dar a algum trabalho litterario sobre o Poeta ou as suas obras.

Depois d'este mappa, vem o soneto do Tasso a Camões traduzido por Mickle, e em seguida começa a traducção, que é em oitava rima.

Mr. Quillinan, instigado pela imperfeição das traducções inglezas de seus predecessores e por um exaltado enthusiasmo pelo nosso Poeta, emprehendeu uma nova traducção dos *Lusiadas*, da qual em 1850 havia terminado os primeiros cinco cantos; é notavel o desalento e receio que experimentava em um paiz como a Inglaterra, de saír a publico com a sua traducção. «Tenho completado, me escrevia Mr. Quillinan em 16 de Setembro do mesmo anno de 1850, só metade da traducção dos *Lusiadas*, os primeiros cinco cantos, os quaes acompanhados de

notas se acham promptos para a impressão; porém tal é actualmente a indifferença que encontram em Inglaterra obras d'esta natureza, que não me animo a publicar o que tenho concluido. Receio achar-me sobrecarregado com a despeza de uma publicação infructuosa, o que de modo algum me convem. Assim faço pausa, e não continuarei com a outra metade, sem ter a certeza de que a obra me não fica em casa. Até tenho pensado em mandar a minha versão para a America, para ali ser publicada.» A morte inesperada do auctor atalhou de todo um trabalho tão importante, e privou a litteratura ingleza de um fiel interprete das bellezas do nosso Epico. Prefiro aqui apresentar, como mais competente que o meu, o juizo de um compatriota sobre o merito d'esta versão; é este o seguinte, e que foi lançado no jornal semanal ingléz o *Athenæum* de 23 de Abril de 1822. «A traducção de Mr. Quillinan é obra digna de toda a recommendação; e mesmo assim incompleta como é, e sem embargo de mostrar quer na rima, quer na dicção que lhe não lançou por cima a ultima demão o auctor, eleva-se tão perto do nivel de uma boa traducção, que é muito para lamentar que a vida lhe não chegasse para dar á litteratura ingleza um dos seus *disederata,* uma fiel e fluente versão do Epico portuguez. Mr. Quillinan, seguindo a marcha de seu original, e obedecendo á primeira condição de bom traductor, que consiste em reproduzir a propriedade original, maneja as difficuldades da oitava rima em inglez com vigor, e não sem graça; conservando em geral a substancia da phrase de Camões com a devida fidelidade, e vertendo os melhores passos do poema com certo calor proprio de um animo culto e inflammado na admiração de uma nobre obra. Finalmente esta amostra, como agora se publica, quasi que justifica a persuasão de que Mr. Quillinan, se lhe durasse a vida, teria dado uns *Lusiadas* inglezes modelo.»

A litteratura portugueza é ainda crédora ao sr. Ed. Quillinan de um *artigo sobre o nosso comico Gil Vicente,* inserido no *Quarterly Review* de Agosto de 1846; eu lhe devo parte dos esclarecimentos e juizo critico sobre alguns dos escriptores inglezes que se incluem n'este meu catalogo, e o delicado mimo de alguns fragmentos autographos da sua, n'aquelle tempo, inedita traducção dos *Lusiadas* (Specimens of a Translation of the Lusiad by Edward Quillinan of Rydal, 1851), que apresenta algumas variantes e notas.

Eduardo Quillinan nasceu no Porto, no anno de 1791, e ahi foi creado: em 1808, quando rompeu a guerra peninsular, entrou no serviço militar, e n'elle continuou até o anno de 1821. Combinava as occupações

litterarias com os trabalhos da vida militar, e extremamente susceptivel, mais de uma vez teve que brandir a espada ou dar ao gatilho de uma pistola em duello, contra alguns criticos que fizeram censuras ás suas obras. Em 1817 casou com a segunda filha de Sir Egerton Brydges, e em 1821 largou o serviço militar. Tendo por esta occasião feito conhecimento pessoal com o celebre poeta inglez Wordsworth, que anteriormente admirava, se deu de todo á convivencia com outros auctores, e á composição das suas obras, distinguindo-se pelas suas disputas litterarias, principalmente em uma resposta dada a Mr. Walter Savage Lander, por occasião de uma satyra d'este auctor excentrico. Tendo ficado viuvo em 1822, passou a segundas nupcias no anno de 1841 com a filha unica de seu antigo amigo Wordsworth, a qual falleceu no anno de 1847, sobrevivendo-lhe ainda quatro annos, e vindo a fallecer no anno de 1851. Mr. Quillinan era catholico por nascimento. As suas poesias, dispersas em varias publicações, saíram reunidas em um só volume, e acompanhadas de uma memoria de Mr. William Johnston.

Sobre Mr. Quillinan veja-se o *Athenæum* (jornal inglez hebdomadario) de 22 de Abril de 1853; e o artigo do sr. J. H. da Cunha Rivara, *Eduardo Quillinan e a sua traducção ingleza dos Lusiadas de Camões*, inserido no *Panorama*, III serie, vol. II n.º 23, fl. 177.

MR. HARRIS

(1844)

A TRANSLATION OF THE EPISODE OF IGNEZ DE CASTRO.
PORTO, TYP. DA REVISTA. UM FOLHETO EM 8.º 1844

Saiu anonymo, porém é escripto por Mr. Harris negociante britannico residente na cidade do Porto.

SR. PETER WICHE K.T

(1664)

THE LIFE OF DOM JOHN DE CASTRO THE FOURTH VICE-ROY OF INDIA.
BY JACINTO FREIRE DE ANDRADA AND BY SR. PETER WICHE K.T, ETC.
LONDON, 1664

É dedicada esta traducção á Rainha da Gran-Bretanha D. Catharina: o auctor esteve em Portugal, porquanto na dedicatoria diz que o seu

primeiro emprego n'este paiz fôra o transmittir na lingua ingleza aos seus compatriotas a gloria e as grandezas da corôa de Portugal. Á dedicatoria segue-se um prefacio, que consta de uma noticia sobre a historia portugueza até á restauração de D. João IV, elogiando os portuguezes pela maneira com que souberam sustentar a sua independencia, á custa de grandes esforços e combates sobre inimigos poderosos. N'este prefacio, alludindo á apparição de Ourique, cita os versos de Camões a quem chama o Virgilio portuguez: «... from that action also the *Virgil of Portugal* Luiz de Camões (in the 53 and 54 stanzas of his third Canto) derives the bearing of the Arms of the Kingdom, wich are five small shields Azure, in a great shield Argent, left plain by his father.» E logo depois juntando a traducção d'estas estancias por Fanshaw, chama a esta versão excellente, «Wich the Right Honourable Sir *Richard Fanshaw,* late Embassador to Portugal, in his excellent Translation of that Heroique *Poem* thus renders.» Traz pelo corpo da obra estancias do nosso Poeta com a competente traducção de Fanshaw, servindo de notas ao texto.

J. MILTON

(1667)

Milton devia ter conhecimento dos *Lusiadas*, não só pela traducção de Fanshaw que saiu (1655) tres annos antes da morte de Cromwell, mas ainda no original, pois conhecia a lingua hespanhola como consta dos seguintes versos feitos por Antonio Francini, Florentino, ao poeta na sua viagem á Italia:

Nel altera Babelle
Por te il parlar confuse Giove in vano,
....
Ch' ode oltr' alla Anglia il tuo piu degno idioma,
Spagna, Francia, Toscana, e Grecia o Roma.

Alem d'isto um poeta elogiado pelo Tasso, de quem Milton era admirador, e de quem devia haver noticia não só pelas suas obras, mas por intervenção do Manso, amigo do poeta Italiano, com quem communicou na sua estada em Italia, devia despertar a curiosidade de ler o Epico portuguez. Estes dois versos do *Lycidas* de Milton:

Fame is the spur that the clear spirit doth'raise
To scorn delights and live laborious days.

pareceram ao sr. Quillinan expressar exactamente o sentimento de Camões nos dois ultimos versos da est. XCII do canto V:

Quem valorosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta, e incita.

e com os mesmos versos do Epico inglez traduziu o sr. Quillinan os do portuguez.

RICHARD TWISS ESQ. F. R. S.

(1775)

TRAVELS THROUG PORTUGAL AND SPAIN IN 1772 AND 1773 BY RICHARD TWISS ESQ. F. R. S., WITH COPPER-PLATES AND AN APPENDIX. LONDON, 1775: APPENDIX N.º V. SOME ACCOUNT OF THE SPANISH AND PORTUGUESE LITTERATURE.

De folhas 375 a 386 trata de Camões e dos seus *Lusiadas,* servindo-se em parte das noticias, e traducção de Voltaire, e da de Fanshaw; falla na traducção de Mickle que se esperava com brevidade.

R.DO P.E MIGUEL DALLY

(1782)

No prologo da edição das obras de Camões, de Thomás de Aquino, de 1782, vem uma analyse da traducção ingleza de Julio Mickle.

O padre Miguel Dally era irlandez de nação, e muito versado na lingua grega; devia pertencer ao collegio dos Missionarios Irlandezes de Lisboa; foi um dos subscriptores para a publicação dos *Lusiadas* vertidos por Mickle.

HUGO BLAIR

(1783)

HUGO BLAIR, LECTURES ON RHETORIC AND BELLES-LETTRES. LONDON, 1783. 2 VOL.

Citado por Mickle e José Agostinho de Macedo como refutando o emprego do maravilhoso dos *Lusiadas.* Porém se o padre Macedo tivesse

citado, como observa Mr. Quillinan, por integra a Blair, ver-se-ía que apesar d'esta critica, louva encarecidamente Camões. A sua critica porém em Inglaterra tem muito pouco peso, e a sua auctoridade póde dizer-se que é de nenhum valor.

Hugo Blair era natural da Escocia, e foi professor de rhetorica.

JAMES MURPHY

(1795)

TRAVELS IN PORTUGAL IN THE YEARS 1789 AND 1790. LONDON, 1795. 4.°

Descrevendo a sepultura de D. Pedro I e D. Ignez de Castro em Alcobaça traz a traducção do *Episodio de D. Ignez de Castro* de Camões. Ha uma traducção franceza d'esta obra por Lallemand, Paris 1797; a traducção do *Episodio* de que se serve é a de La-Harpe.

GEORGE STAUNTONS

(1792-94)

STAUNTONS (GEORGE) AUTHENTIC ACCOUNT OF LORD MACARTNEY'S EMBASSY FROM THE KING OF GREAT BRITAIN TO THE EMPEROR OF CHINA IN THE YEARS 1792-94. LONDON. 2 VOL.

Faz menção da gruta de Macau e traz uma gravura d'ella; parece-me que é a primeira vez que se reproduz esta estancia hoje tão celebrada.

SIR WM. OUSELEY

(1793)

Uma estampa da gruta de Macau, com uma descripção d'esta seguida por um soneto, feita por Eyles Irwim, Esquire, 1793.

LORD BYRON

(1806)

O satyrico Lord Byron, que com tão ridicula critica tratou os portuguezes, tinha em grande conta Camões como poeta. Conhecia no ori-

ginal não só os *Lusiadas,* mas as poesias lyricas do Poeta, como se vê dos versos dirigidos a uma senhora, a qual brindou com um exemplar das *Obras de Camões.*

DR. JOHN BLACK

(1810)

THE LIFE OF TASSO, WITH AN HISTORICAL AND CRITICAL ACCOUNT OF HIS WRITINGS, BY JOHN BLACK. EDINBOURG, 1810. 2 VOL. 4.°

Na sua vida de Torquato falla em Camões, e pretende provar que o Poeta italiano não foi imitador do Poeta portuguez, e julga que só teve conhecimento do Poema de Camões pela versão hespanhola de 1580. Não me parece esta asserção muito fundamentada, não só porque é de suppor que o Tasso preferisse ler o nosso Poeta no original, sendo-lhe isto tão facil, por saber a lingua hespanhola; mas porque achando-se em París em 1572, onde concorriam bastantes portuguezes, provavelmente devia ter conhecimento do poema dos *Lusiadas,* que n'esse anno se publicára.

MR. SOUTHEY

(1822)

ART. 1.° MEMOIRS OF THE LIFE AND WRITINGS OF LUIS DE CAMOENS, BY JOHN ADAMSON F. S. A. LONDON. EDINBOURG AND NEWCASTLE-UPON-TYNE. 2 VOL. CROWN 8.° 1820. —2.° O ORIENTE, POEMA DE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO. LISBOA. 2 VOL.

Esta memoria de Southey sobre Camões foi inserida no vol. XXVII do *Quarterly Review,* Abril e Julho de 1822, por occasião do apparecimento da obra de Mr. Adamson. Consta este artigo de uma biographia de Camões, a analyse dos *Lusiadas* e das duas traducções inglezas de Fanshaw e de Mickle; aponta as alterações feitas pelo ultimo traductor, e termina com outra analyse do poema *Oriente* de José Agostinho de Macedo.

Southey conhecia, postoque não a fundo, as duas linguas peninsulares, a castelhana e portugueza; da primeira traduziu o romance de *Amadis da Gaulla;* e da segunda alguns sonetos de Camões. Residiu tambem por algum tempo entre nós pelos annos de 1811 a 1812.

O seu juizo critico sobre os *Lusiadas* é pouco favoravel, e pouco mais concede ao Poeta que facilidade de estylo; mas que valor póde este ter, quando avança a idéa disparatada que a traducção liberrima de Mickle é melhor que o original? e que conhecimento tinha da lingua portugueza aquelle que affirma, e muito ao serio, que a melhor obra escripta na nossa lingua era a auto-biographia de Vieira Lusitano, *O Insigne Pintor?* A mesma opinião de pouco enthusiasmo e apreço pelo nosso Poeta emitte em algumas das suas cartas e n'outros artigos inseridos no *Quarterly Review*.

«Uma tal insensibilidade, diz Mr. Quillinan, em um tão distincto e tão bom escriptor como Southey, só se póde attribuir a supposição que lêra, com muita incuria e de corrida, o original, e que em mais verdes annos se tivesse agradado da bombastica traducção de Mickle, a qual teria parecido nauseabunda ao seu gosto se a tornasse a ler em idade mais madura.

«A leitura de Southey era immensa, porém dilatava o seu pensamento sobre uma muito vasta escala; lia com muita rapidez e de relance, por isso precipitava-se em conclusões com muita liberdade e dogmaticamente. Tinha um conhecimento geral das linguas, mas não era, rigorosamente fallando, muito profundo nas linguas grega e latina. Das linguas vivas não conhecia nenhuma radicalmente, nem a sua grammatica respectiva, excepto a propria, da qual innegavelmente era mestre. Na nossa patria, onde ha bem poucas pessoas que tenham um conhecimento litterario das linguas da Peninsula, para seguros avaliadores, seria empreza bem difficultosa o destruir um erro em que se labora julgando Southey um profundo conhecedor das linguas e litteratura portugueza e hespanhola em todo o sentido; porém os nossos litteratos estão bem ao facto do contrario. Elle podia ler livrarias inteiras nas duas linguas, mas poucas vezes conhecia que lia mal os logares intrincados, e assim julgava a lingua muito facil pelo modo leviano com que a lia. E na verdade faltava-lhe o tempo para ler de outra maneira, com as varias e interminaveis emprezas litterarias que havia emprehendido. Assim, com o maior respeito para com o homem com quem fui pessoal e intimamente ligado desde o anno de 1821 até á sua morte, eu não dou o mais pequeno valor ao seu juizo critico sobre Camões, o qual se erguerá sempre por si só bem alto, sem o apoio de Southey ou de qualquer outro, postoque seria agradavel se podessemos enumerar Southey entre os escriptores, que com gosto têem tomado a peito honrar o genio de um Poeta, do qual Portugal com tanta rasão se vangloria.

Southey escreveu muitos poemas epicos, alguns d'elles de grande merecimento, mas eu não os trocaria todos por um só canto dos *Lusiadas,* postoque cada um d'elles, *Joanna d'Arc, Thalabas, Madoc, Kahanna* e *D. Roderigo,* abundam em logares bastante animados. O seu defeito principal é a falta de concisão; bate o seu oiro muito delgado; e finalmente a sua popularidade entre nós como poeta não está de maneira alguma em harmonia com as suas pretenções; não agrada inteiramente ao maior numero, nem satisfaz os poucos. Não posso deixar de attribuir á excessiva vaidade do seu talento poetico o pouco apreço que fazia do de Camões, e de outros dos nossos mais eminentes escriptores (por exemplo Pope), ao mesmo tempo que achava merecimento em auctores muito inferiores; emquanto á sua alma, era candida e generosa, postoque era extraordinariamente estimulado por um exagerado orgulho de si mesmo. Repugna-me o dizer tanto; porém a justiça que eu julgo que se deve á memoria de Camões, para com quem elle foi injusto, me obriga a ser tão explicito.»

SIR ANDREW LJUNGSTED

(1836)

AN HISTORICAL SCKETCH OF THE PORTUGUESE SETTLEMENTS IN CHINA AND OF THE CATHOLIC CHURCH AND MISSION IN CHINA, BY SIR ANDREW LJUNGSTED, KNIGHT OF THE SWEDISH ROYAL ORDER WAZA. BOSTON, JAMES MUNRAE & C.º M.DCCCXXXVI

A folhas 22 falla da gruta de Macau, e no fim do volume traz em appendice os versos latinos de Davis feitos á gruta.

HENRY HALLAM

(1839)

INTRODUCTION TO THE LITTERATURE OF THE FIFTEENTH, SIXTEENTH AND SEVENTEENTH CENTURIES, BY HENRY HALLAM, F. R. A. S. 1839

A folhas 176 falla no poema dos *Lusiadas,* e cita a *Memoria* que Southey escreveu sobre Camões, que foi inserida no jornal litterario *Quarterly Review.*

H. S.

(1840)

CAVE OF CAMOENS IN MACAU: NOTICES OF HIS LIFE AND WORKS, ESPECIALY OF HIS LUSIAD COMMUNICATED FOR THE REPOSITORY BY H. S.

Vem no *Chinese Repository*, volume VIII, março, 1840. N.º 11.

Era de todas às descripções a que melhor me deu a conhecer a gruta, antes dos interessantes esclarecimentos que pude obter d'aquelle local, vindos directamente da cidade de Macau. Traz uma traducção ingleza dos versos latinos de Mr. Davis feitos á gruta, obra do R.do Mr. Taylor, Capellão da fragata Columbia, dos Estados Unidos, que visitou Macau no anno de 1839 (Maio). Esta memoria devo-a ao Ex.mo Bispo de Macau que teve a delicada lembrança de m'a remetter d'aquella cidade, e comprehende, alem da citada descripção, a biographia de Camões, e uma breve analyse sobre o Poema.

G. N. WRIGHT M. A.

(1843)

CHINA IN A SERIES OF VIEWS DISPLAYING THE SCENERY ARCHITECTURE AND SOCIAL HABITS OF THAT ANCIENT EMPIRE, DRAWN FROM ORIGINAL AND AUTHENTICS SKETCHES BY THOMAS ALLOM, ESQUIRE, WITH HISTORICAL AND DISCRIPTIVE NOTICES BY THE REV. G. N. WRIGHT. M. A. 1843, 4 VOL. 4.º

No terceiro volume a folhas 43 vem uma descripção da gruta de Macau e uma biographia do Poeta com algumas inexactidões, acompanhada de uma boa gravura aberta em aço.

DR. BOWRING

(1849)

Um soneto escripto na gruta de Macau, que começa:

Gems of the Orient earth and open sea, etc.

MR. TICKNOR

(1849)

HISTORY OF SPANISH LITTERATURE BY MR. TICKNOR. NEW-YORK, 1849. 3 VOL.

Trata de Camões a pagina 15, tomo III. Ha uma traducção d'esta obra por D. Pascoal Gayangos; não sei se está concluida: vi o primeiro volume com que o auctor tinha brindado o Sr. Alexandre Herculano.

Alem das traducções e obras que deixâmos mencionadas, escriptas na lingua ingleza, devem existir outras publicadas nos Estados Unidos da America, e nas possessões inglezas: dizem-me que existe uma traducção ingleza dos *Lusiadas* publicada na Australia.

TRADUCÇÕES ALLEMÃS

JOÃO NICOLAU MEINHARD

(1762)

Traduziu alguns trechos em verso dos *Lusiadas*, o *Episodio de D. Ignez de Castro* e o do *Adamastor*, que se publicaram no jornal *Gelehrte Beiträge zu den braunschweiger anzeigen*, 1762. St. 25, pag. 193; St. 26, pag. 210.

Meinhard, ou antes João Nicolau Gemeinhard, nasceu em Erlangen em 1727, e morreu em Berlim em 1767.

BARÃO DE SECKENDORF

(1782)

PRIMEIRO CANTO DOS LUSIADAS TRADUZIDO PELO BARÃO DE SECKENDORF, INSERIDO NO VOLUME II DO MAGAZIN DER SPANISCHEN UND PORTUGIESISCHEN LITERATUR, PUBLICADO POR MR. BERTUCH. WEIMAR, 1782.

O Barão Carlos Sigmund de Seckendorf nasceu em Erlangen a 26 de Novembro de 1744, e morreu sendo Enviado da Côrte de Berlim junto aos Principes do Cyclo de Franconia em Ausbach, a 26 de Abril de 1785.

CAMOENS (LUIS DE) PROBEN AUS DEM PORTUGIESISCHEN DICHTER LUIS DE CAMÕENS, IM LYRISCHEN FACHE. — BERTUCH'S. MAG. DER SPANISCHEN UND PORTUG. LIT. 1 B. S. 319-328

Não sei se é o primeiro canto dos *Lusiadas* já citado, traduzido pelo Barão de Seckendorf, inserido no mesmo jornal, ou outra traducção do nosso Poeta.

DR. C. C. HEISE.

(1806-1807)

DIE LUSIADE HELDENGEDICHT VON CAMOENS, AUS DEM PORTUGIESISCHEN ÜBERSETZT VON DR. C. C. HEISE. HAMBURG UND ALTONA BEI GOTTFRIED VOLLMER. 2 VOL. 12.°

Esta traducção sem data julga Mr. Wolf, Secretario da Academia de Vienna e Conservador da Bibliotheca Imperial, ser a primeira que appareceu do poema inteiro, e lhe assigna a epocha de 1806 a 1807.

É em oitava rima, e contém no principio uma dedicatoria a Camões em dez oitavas; os cantos são precedidos de argumentos, e no fim de cada volume notas, variantes, etc.

FRIEDERICH ADOLPH KUHN E CARL THEODOR WINKLER

(1807)

DIE LUSIADEN DES CAMOENS AUS DEM PORTUGIESISCHEN IN DEUTSCHE OTTAVEREIME ÜBERSETZT. LEIPSIG, IN DER WEIDMANNISCHEN BUCHLANDLUNG, 1807. 8.°

É dedicada ao Conde Carlos Bose, Secretario d'Estado d'El-Rei de Saxonia. Na pagina do titulo tem as armas de Portugal, e no prefacio se pretende que seja a primeira traducção feita na lingua allemã, e que só depois d'esta estar no prelo é que appareceu o principio de outra versão na mesma lingua.

Friederich Adolph Kuhn nasceu em Eisleben, 178...

Carlos Godofredo Theodoro Winkler, mais conhecido pelo seu nome poetico Theodoro Hell, auctor de varios romances, novellas, poesias, etc., nasceu em Waldenburg a 9 de Fevereiro de 1775; vive ainda em Dresde onde exerce o logar de Director do theatro real.

ANONYMO

(1808)

PRIMEIRO CANTO DOS LUSIADAS DE CAMOENS COM NOVA VERSÃO ALLEMÃ DE R. HAMBURGO, NA LIVRARIA DE FREDERICO PERTHES. (1808)

Pequeno folheto de setenta e quatro folhas com o texto portuguez ao lado, e na folha opposta ao titulo portuguez o mesmo em allemão: *Probe einer vebersetzug der Lusiade des Camoens.* Hamburg, bey Friederich Perthes.

A. W. SCHLEGEL

(18...).

A. W. Schlegel. Traduziu em allemão o *Episodio dos doze Pares.* Vide nota á carta do Sr. Duque de Palmella que acompanha a sua traducção dos *Lusiadas,* remettida ao *Investigador Portuguez.*

JOÃO GUILHERME CHRISTIANO MULLER

(18...)

TRADUCÇÃO DOS LUSIADAS EM ALLEMÃO. MS.

Nas *Memorias* da Academia Real das Sciencias, tomo IV, se faz menção d'este trabalho litterario de Christiano Muller; ahi se diz que fizera um commentario a Camões, e que o possuia o negociante allemão Lindemberg. Esta obra incompleta possue hoje o Sr. Jacinto da Silva Mengo, Official e Chefe de Repartição da Secretaria dos Negocios Estrangeiros.

J. J. C. DONNER

(1833)

DIE LUSIADEN DES LUIS DE CAMOENS VERDENTSCHT VON J. J. C. DONNER. STUTGART, 1833. 1 VOL. 8.º

É uma bella edição em caracteres romanos.

J. J. C. Donner estudou Theologia em Tübingen, e o prefacio da sua traducção é assignado em Ellwangen pelo Dr. J. J. C. Donner, professor.

LUIS VON ARENTSCHILDT

(1852)

SONETTE VON LUIS CAMOENS, AUS DEM PORTUGIESISCHEN VON LUIS VON ARENTSCHILDT. LEIPZIG, F. A. BROCKHAUS, 1852. 16.°

São os sonetos de Camões traduzidos em numero de 284 sonetos. É precedida esta traducção de uma breve biographia do Poeta, e termina com umas curtas notas em numero de 14.

F. BOOSH-ARKOSSY

(1854)

LOUIS DE CAMÕES. DIE LUSIADEN EPISCHE DICHTUNG. NACH JOSÉ DA FONSECA'S PORTUGIESISCHER AUSGABE IM VERSMAASSE DES ORIGINALS ÜBERTRAGEN VON FR. BOOCH-ARKOSSY MIT DEN BIOGRAPHIEN UND PORTRAETS VON CAMÕES UND VASCO DA GAMA. LEIPZIG, ARNOLD. 16.° 1854

Esta traducção é precedida de uma larga e erudita introducção historica, e ornada com os retratos de Camões e de Vasco da Gama.

No *Panorama* n.° XXIV, vol. IV, serie III, pag. 229, se encontra a seguinte noticia relativa a esta versão: «Consta-nos que á obra do sr. Booch falta a elegancia e o mimo de linguagem e de versificação, que distingue a versão do sr. Donner; em compensação porém é de uma fidelidade e correcção escrupulosa, o que lhe dá sobre aquella uma vantagem immensa.»

FREDERICO BOUTERWEK

(1801)

GESCHICHTE DER POESIE UND BEREDSMAKEIT.
GOTTINGUE, 1801.

D'esta obra escripta no original em allemão, ha tres traducções, uma em francez por M.me de Strech, com um prefacio de Mr. Stapper. París, 1812, 2 vol.; outra em inglez por Fornarina Ross. London, 1823, 8.° gr. 2 vol., e outra em hespanhol por D. José Gomez de la Cortina y D. Ni-

colau Hugalde e Mollinedo, enriquecida de importantes noticias litterarias, biographicas e bibliographicas que a fazem por isso preferivel ao proprio original.

FRIEDERICH SCHLEGEL

(1828)

PHILOSOPHIE DER GESCHICTE. WIEN, 1828. 2 VOL. 8.°

Na sua *Philosophia da Historia,* da qual existe uma traducção franceza pelo Abbade Lechat, fallando de Camões, diz: «Camoens est une littérature toute entière.»

WILHELM VON THERY

(1832)

CAMOENS, TRAVERSPIEL FUNF ACTEN VON WILHELM VON THERY. BAREUTH, 1832

Não tenho noticia do traductor nem da traducção, bem como ignoro se é em verso ou em prosa.

LUDWIG TIECK

(1833)

TOD DES DICHTERS VON LUDWIG TIECK. BERLIN, 1833. 1 VOL. 12.°

Faz parte da serie de publicações annuaes intitulada *Novellenkranz.* É uma interessante obra intitulada *A Morte do Poeta,* e escripta pelo mais celebre poeta da Allemanha. Esta novella se acha no volume XIX das suas obras. Berlin, 1845. 8.°

Ludwig Tieck foi um dos escriptores mais eminentes da Allemanha; nasceu a 31 de Maio de 1773 na cidade de Berlim, e vivia ultimamente na mesma côrte. Era Conselheiro intimo de Sua Magestade o Rei da Prussia, e seu pensionista,

Falleceu de avançada idade no anno de 1853.

BARÃO ELOI DE MUNCH-BELLINGHAUSEN

(1838)

FRIEDERICH HALM, CAMOENS. DRAMATISCHES GEDICHT. WIEN, 1838. 8.°

O auctor d'este interessante poema dramatico, que tem por assumpto a morte de Camões, é o Barão Eloi de Munch-Bellinghausen, que nasceu em Cracovia a 2 de Abril de 1806, e é actualmente Conselheiro aulico e primeiro Conservador da Bibliotheca Imperial de Vienna, muito celebre como poeta dramatico debaixo do nome de Fred. Halm.

UFFO HORN

(1839)

CAMOENS IM EXIL. DRAMATISCHES GEDICHT IN EINEM AKT VON UFFO HORN. WIEN, 1839. 8.°

Uffo Horn é um joven poeta de talento, nascido na Bohemia no anno de 182...

TRADUCÇÕES HOLLANDEZAS

LAMBERTUS STOPPENDAAL PIETERSZOON

(1777)

DE LUSIADE VAN LOUIS CAMOENS HELDENDICHT IN X ZANGEN NAEZ HEL FRANSCH DOOR LAMBERTUS STOPPENDAAL PIETERSZOON. TE MIDDELBURG. BY WILLEM ABRAHAMS IN TE AMSTERDAM, BY G. WARNAZS, 1777. 1 VOL. 8.° FIG. XXIV, ET 406 PP.

O traductor diz no prefacio que os *Lusiadas* foram traduzidos por differentes vezes em francez, dúas em italiano, quatro em hespanhol e que em latim os traduzíra Thomé de Faria, Bispo de Targa na Africa; que muitos escriptores enriqueceram o Poema com commentarios; que os sabios hollandezes têem conhecimento d'elle e o apreciam, e que o eminente poeta Francisco de Haes faz menção do poeta portuguez na sua obra da *Grandeza e Decadencia dos Portuguezes*. Que pois não existia ainda traducção alguma d'este celebre poema na lingua hollan-

deza, elle se lisonjeava que a sua (feita sobre a traducção franceza de 1776) por fraca que fosse, daria prazer aos seus concidadãos.

Esta versão, feita sobre a de Hermilly e La-Harpe, é hoje quasi ignorada. Mr. Ab.am des Amorée Vander Hoeven a avalia por esta fórma: «Esta traducção feita sobre a franceza, publicada em Paris no anno de 1776, não podia de maneira alguma dar uma idéa equivalente das bellezas do original; parece ter sómente aspirado ao merecimento da fidelidade litteral, sem comtudo subir á elevação que em uma lingua como é a hollandeza se podia esperar, mesmo sem o soccorro da rima ou do verso.»

FRANÇOIS DE HAES

(17...)

Na sua obra —*Verhcerlykle en Verneder de Portugal (Grandeza e Decadencia de Portugal)*— faz menção de Camões.

Francisco de Haes era um poeta hollandez muito distincto. Vide prefacio da traducção hollandeza de Stopendaal

GUILLAUME BILDERDYK

(1808)

Traduziu em versos alexandrinos o *Episodio de D. Ignez de Castro,* o qual se encontra nos seus *Mélanges (Mengelinges).*

Guillaume Bilderdyk era um dos poetas mais universaes e de maior reputação na Hollanda; nasceu em 1748, e falleceu em 1831.

N. G. VAN KAMPER

(18...)

Escreveu uma *Memoria* sobre as cinco *Epopéas* modernas, de Camões, Tasso, Milton, Voltaire e Klopstock, na qual faz justiça ao poeta portuguez e á sua *Epopéa,* ao mesmo tempo nacional e europea. Esta *Memoria* foi coroada pela *Sociedade Hollandeza das Bellas Artes e Sciencias,* e publicada por ella no volume III das suas obras. *(Werken van de Hollandscle Montsclappy van Traaye Kanitan en treten sclappen. D. III.)*

Mr. Van Kamper era um dos litteratos mais distinctos e criticos da nação hollandeza; era membro da segunda classe do Institúto Real dos Paizes Baixos em Amsterdam e professor de historia e litteratura no *Atheneo Illustre* da mesma cidade; falleceu no anno de 1839.

TRADUCÇÕES POLACAS

PRZYBYLSKI

(1790)

TRADUCÇÃO DOS LUSIADAS EM POLACO POR PRZYBYLSKI. CRACOVIA, 1790

Esta clareza me foi dada pelo Sr. Barão de Shoeping, Encarregado de Sua Magestade o Autocrata da Russia junto á Côrte de Lisboa.

TRADUCÇÕES DINAMARQUEZAS

H. V. LYNDBYE

(1828)

LUIS DE CAMOEN'S LUSIADE OVERSAT AF OCT PORTUGISISKE VED H. V. LYNDBYE. KOPENENHAGEN, 1828. 2 VOL. 8.°

O auctor era Secretario da legação dinamarqueza em Tunes.

GULDBERG

(18...)

EPISODIO DE D. IGNEZ DE CASTRO

A noticia d'esta traducção foi dada ao sr. J. G. Monteiro pelo Doutor Runkel.

SCHAK STAFFELDT

(1808)

Em uma collecção de poesias dinamarquezas que tem por titulo: *Nye Digte af Schack Stafeldt. Kiel i den academiske Boghandling.* 1808,

um vol. em 8.°, a pagina 175 vem um poemeto intitulado *Camões*, em versos de differentes medidas, e a modo dramatico, sendo interlocutores Camões, um frade, o escravo Jau e vozes de anjos. Contém 24 paginas.

Este poemeto traduziu litteralmente para inglez o Dr. Runkel, para uso do sr. J. G. Monteiro, que sobre esta versão o traduziu para versos portuguezes, e se encontra a folhas 103 da sua obra intitulada: *Echos da Lyra Teutonica* (1848).

TRADUCÇÕES SUECAS

CARLS JULIUS LANSTROM

(1838)

LUSIADERNE HIELDEDIKT AF LUIS DE CAMOENS OVERSATTNING FRAN ORIGINALAT PA DESS VERSLAG AF CARLS JULIUS LANSTROM FROITA SANGEN. UPSALA LEFFLER & SEBELL, 1838.

O primeiro canto dos *Lusiadas;* é em oitava rima e existe um exemplar na bibliotheca publica de Lisboa.

Á Academia Sueca devemos tambem a noticia que damos do traductor.

Carl-Julius Lanstrom, né a Gelfe le 7 Mai 1811; son père Capitaine de navire marchand. Étudiant à Upsala en 1828. Mag. Phil. en 1833. Theol. Cand. en 1834. Docens Historiae Litterarum Humaniorum en 1836. Curé a Westra Lofstad en 1845.

NILS LOVÉN

(1839)

LUSIADERNE HJELTEDICKT AF LUIS DE CAMOENS OFVERSAT FRAN.° PORTUGESISKEN I ORIGINALETS VERSFORM AF NILS LOVÉN. STOCKOLM. TRYCKT HOS L. J. HUERTA, 1839

Esta traducção é em oitava rima, e tem umas breves notas no fim. Ha um exemplar na bibliotheca publica de Lisboa.

Em seguida damos as noticias biographicas do auctor, obtidas da

Academia Sueca de bellas lettras, por intervenção obsequiosa do nosso Consul em Stockolmo.

Né a Reng le 18 Juin 1796, son père prévôt et Curé (d'église). Étudiant 1811. Bachelier aux lettres en 1817. Amanuensis extraord. à la Biblioteque Royale le 24 Avril 1817. Docens Hist. Litt. le 20 Juillet 1820. Ordonné prêtre le 11 Juin 1821. Adjunct. E. O. Aestet le 31 Mars 1822; préposé à un professorat aestetique la même année. Curé au Regiment Royal d'artillerie de Vondes le 10 Juin 1823. Curé de la paroisse de Wemmenhog le 26 Août 1830. Prévot d'église en 1837.

TRADUCÇÕES RUSSAS

ALEXANDER DMITRIEFF

(1788)

LUSIADA EM DEZ CANTOS, OBRA DE CAMÕES, TRADUZIDA DO FRANCEZ NA LINGUA RUSSA POR ALEXANDER DMITRIEFF. MOSCOW. 2 VOL. 8.º

Foi feita sobre a traducção de La-Harpe. O mesmo auctor traduziu tambem em russo as *Cartas de Abeillard e Heloisa*. Moscou, 1783.

A sua traducção dos *Lusiadas* devia ser feita sobre a traducção franceza de Duperon de Castera. Julgo que será a mesma de que Joaquim Ferreira Borges, sendo Consul portuguez em S. Petersbourg, enviou um exemplar ao sr. José Gomes Monteiro, e que não chegou ao seu destino; sendo a mesma, era acompanhada de commentarios. Vide *Echos da Lyra Teutonica*, pag. 235.

MR. MERZLIAKOFF

(1833)

Traduziu em verso alguns fragmentos dos *Lusiadas*, e entre estes o *Episodio de D. Ignez de Castro*. Moskow, 1833.

Mr. Merzliakoff era um professor mui distincto da Universidade de Moskow, e falleceu no anno de 1833. Alem da traducção d'estas poesias do nosso Poeta, que é feita em vêrso, traduziu tambem muitas poesias de Horacio, Virgilio e de alguns poetas gregos.

LINGUA CHINEZA

PADRE LAMIOT

(1827)

INSCRIPÇÃO NA LINGUA CHINEZA QUE SE ACHA NAS PILASTRAS DA GRUTA DE MACAU

Este Missionario francez traduziu para a lingua chineza esta inscripção, para a qual subministrou os pensamentos o celebre viajante Luiz Rienzi.

GAI-TANG

(1840)

INSCRIPÇÃO NA LINGUA CHINEZA QUE SE ACHA NAS PILASTRAS DA GRUTA DE MACAU

Este litterato chinez reduziu a estylo sublime esta inscripção chineza. A traducção em portuguez é a seguinte: «As qualidades do espirito o elevaram acima da maior parte dos homens. Os litteratos sabios o honraram e veneraram; mas a inveja o reduziu á miseria. Seus sublimes versos estão espalhados por todo o mundo. Este monumento foi erigido para transmittir a sua memoria á posteridade.»

«O celebre estadista chinez (diz o sr. C. Caldeira) a visitou varias vezes (a gruta) emquanto esteve em Macau no anno de 1845, sendo então vice-rei de Cantão e commissario imperial; e a melhor idéa que se lhe póde dar do genio raro que ali se recorda, foi dizer-lhe que era o Confucio portuguez: então Ki-ing saudava constantemente o busto do Poeta com as zumbaias proprias do seu paiz.»

ESCRIPTORES PORTUGUEZES

PEDRO DE MAGALHÃES GANDAVO

(1574)

REGRAS QUE ENSINAM A MANEIRA DE ESCREVER A ORTHOGRAPHIA DA LINGUA PORTUGUEZA, COM UM DIALOGO, QUE ADIANTE SE SEGUE EM DEFENSÃO DA MESMA LINGUA. DEDICADO A EL-REI D. SEBASTIÃO. LISBOA, POR ANTONIO GONÇALVES, 1574

Em um dialogo em que são interlocutores um castelhano *Falencio*, e um portuguez *Petronio*, entre outras rasões para prova da preferencia da lingua castelhana, diz Falencio que os grandes engenhos portuguezes preferiram escrever as suas obras n'aquella lingua, por a julgarem mais aprazivel, doce e sonora. Redargue Petronio, dando a rasão por que assim o fizeram, e para prova da excellencia da lingua portugueza, passa em resenha os differentes escriptores portuguezes que em muitas e variadas materias n'ella escreveram em verso e em prosa. Fallando de Camões diz: «Pois se no verso heroico vos parece que a vossa vos póde fazer vantagem: vede as obras do nosso famoso poeta Luiz de Camões, de cuja fama o tempo nunca triumphará; vêde a brandura d'aquelle raro espirito de Diogo Bernardes,» etc.

Historia da Provincia de Santa Cruz a que vulgarmente chamam Brazil. Dirigida ao mui illustre senhor D. Leoniz Pereira, Governador que foi de Malaca, e das mais partes do sul na India por Antonio Gonsalves. 1576.

No principio da obra vem a elegia de Camões, e o soneto CCXXVIII. Na bibliotheca do Escurial existe um manuscripto contemporaneo, do seculo XVI; ao sr. D. José Quevedo, Bibliothecario d'aquella bibliotheca, devo a seguinte noticia d'este manuscripto: «En quanto al MS. de Magalhaens de Gandavo, es un tomo en 4.° escrito en papel de letra muy

clara e buena de fines del siglo XVI, y la portada adornada con una ligera portadita hecha de pluma y pintada de colores, como lo estan tambien unos targitonitos que hay al principio de los capitulos y que contienen el titulo de cada uno de ellos. Alfin del capítulo VIII cuya rubryca es: *Do monstro marinho que se matou na Capitania de Sam Vicente no año de* 61; trae el deseño del dicho monstruo. En el fol. 12.rto tiene el mapa de la provincia de Santa Cruz y en el targeton que tiene se lee: *Discripção da provincia de Santa Cruz a que vulgarmente chamam Brazil.* Por lo demas no tiene señal ninguno de donde ni por quien se escrevio, ni si este MS. pertenecia al autor.

«Al principio y antes de la portada tiene los tercetos que cita D. Nicoláo Antonio con referencia a Cardoso, compuestos en alabanza de este libro por el famoso Camões, de los quales, por si no han llegado a manos de v. , copiaré la primera y la ultima estrofa, son asi:

Depois que Magalhaens teve tecida
a breve historia sua que illustrasse
A terra Santa Cruz pouco sabida,

y concluyen

Porque só de não ser favorecido
hum claro sprito, fica baxo, e escuro
E seja elle comvosco favorecido
Como o foy de Malaca o fraco muro.

«Sigue a estos un soneto del mismo Camões con el titulo: *Soneto do mesmo autor ao snor. Dom Leoniz acerca da victoria que ouve contra el-Rey do Achem en Malaca:*

Vos Nymphas da Gangetica espessura, etc.

«El MS. consta de 81 folios utiles y algunos en blanco al principio y fin, y un poco queimada la cubierta, aunque el escrito no ha padecido. Nota. El encabezamiento de los tercetos dice: *Ao muito illustre snor. Dom Leoniz Pereira sobre o livro que lhe offerece Pero de Magalhaens —Tercetos de Luiz de Camões.*»

Pedro de Magalhães Gandavo foi natural da cidade de Braga, e filho de pae flamengo. Foi humanista e excellente latino, de que abriu escola publica entre Douro e Minho onde foi casado. Assistiu alguns annos no Brazil, cuja historia escreveu.

DIOGO DO COUTO

(15...)

COMMENTARIO AOS LUSIADAS DE LUIZ DE CAMÕES, POR DIOGO DO COUTO. MS.

Em uma carta que escrevia em 1611 a um amigo seu, diz que o Camões lhe communicára os seus *Lusiadas*, e lhe pedíra que os commentasse.

Manuel Severim de Faria, que escreveu a sua biographia, nos dá noticia d'estes commentarios por esta fórma: «Teve particular amisade com o nosso excellente poeta Luiz de Camões, o qual o consultou muitas vezes, e tomou seu parecer em alguns logares dos seus *Lusiadas*, e a seu rogo commentou Diogo do Couto este seu heroico poema, chegando com os commentarios até o quinto canto, o qual não acabou de todo por outros impedimentos que lhe occorreram. Porém nem por isso deixam de ser mui estimados estes seus fragmentos, e em poder de D. Fernando, Conego de Evora, está o volume original d'elles que foi de seu tio D. Fernando Pereira a quem Diogo do Couto o enviou, por ser particular amigo seu.»

No prologo do poema epico a *Henriqueida* do Conde da Ericeira, assevera o Conde que o original d'estes Commentarios existia na livraria do Duque de Lafões.

Diogo do Couto, Chronista e Guarda-mór do Archivo do Estado da India, nasceu em Lisboa no anno de 1542, e foi filho de Gaspar do Couto e Izabel Serrãa de Calvos. Embarcou para a India no anno de 1556, onde militou oito annos; voltou a ella no exercicio do emprego, e tendo regressado á patria, falleceu em Lisboa a 10 de Dezembro de 1616.

MANUEL LUIZ FREIRE

(1583)

FESTAS BACHANAES, CONVERSÃO DO PRIMEIRO CANTO DOS LUSIADAS DO GRANDE LUIZ DE CAMÕES VERTIDOS DO HUMANO EM O DE-VINHO POR UNS CAPRICHOSOS AUCTORES .S.: O DR. MANUEL DO VALLE; BARTHOLOMEU VARELLA; LUIZ MENDES DE VASCONSELLOS; O LICENCEADO MANUEL LUIS.

Esta obra corria manuscripta, e d'ella existiam differentes copias. Foi ha poucos annos impressa no Porto no jornal litterario intitulado: *Miscellanea Historica e Litteraria*. Porto, 1845.

Francisco Soares Toscano, na noticia que precede este poema heroi-comico, nos dá a seguinte informação do auctor: «O quarto e principal auctor foi o Licenceado Manuel Luiz Bacharel; e este anno de 1619 vive com o Priorado de Terena.» Este foi o promovedor d'esta obra, e fez quasi toda a melhor parte d'ella. É citado tambem por João Baptista de Castro no seu *Mappa de Portugal*, referindo-se ao padre Fr. Francisco da Cruz.

MANUEL DO VALLE DE MOURA

(1587)

ILLUSTRAÇÃO Á PRIMEIRA ODE DE LUIZ DE CAMÕES, COM UM DISCURSO SOBRE O POEMA HEROICO POR MANUEL DO VALLE DE MOURA. MS.

Conservava-se na livraria do Conde de Vimieiro.

Parodia do primeiro Canto dos Lusiadas. Foi um dos quatro estudantes da Universidade de Evora que fizeram esta parodia com o titulo de *Festas Bachanaes*, etc.

Manuel do Valle de Moura nasceu em Arrayolos em 1564, e foi filho de Francisco do Valle, Escrivão da Camara da mesma villa, e de Victoria Caldeira, senhora mui versada nas letras, de que faz menção Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portugal*, pag. 607. Foi Doutor em Theologia, Prior da igreja de Santa Christina de Barroso, e Mestre de D. Alexandre, filho dos Duques de Bragança D. João e D. Catharina; deputado da Inquisição de Evora em 1603. O Editor da *Parodia* que se publicou no Porto, diz no prefacio que a precede que fôra Arcebispo de Evora e Inquisidor geral. No fim da vida cegou, e morreu de oitenta e seis annos de idade em Evora a 18 de Maio de 1650. Fazem menção do auctor Nicolau Antonio, Bib. Hisp., Tom. I, pag. 274; Francisco da Fonseca, Evora Gloriosa, pag. 305; João Soares de Brito, *Theat. Lus. Litt.*, Letra E n.º 84.

BARTHOLOMEU VARELLA

(1587)

PRIMEIRO CANTO DOS LUSIADAS DE LUIZ DE CAMÕES, CONTRAFEITO Á BEBEDICE, POR BARTHOLOMEU VARELLA

É a mesma parodia que se imprimiu no Porto com o titulo de *Festas Bachanaes*. No fim de um manuscripto d'este poema vem uma nota

com esta noticia do auctor: «Ao auctor d'esta tão bem cantada bebedice chamaram Bartholomeu Varella, homem em Evora em trage de estudante, que fôra já juiz, por vezes, na confraria de Bacho, do qual licenceado se conta que estando em um cadafalso em Evora, e molestando-lhe a calma grandemente os bofes cosidos em vinho, o soccorreram com um pucaro de agua, e bebendo o dito licenceado, accudiu uma voz de fóra: «Ah! senhor Varella isso é penitencia!» Na mesma nota se diz que o auctor era Prior de Oriola.

LUIZ MENDES DE VASCONCELLOS

(1587)

PARODIA DO PRIMEIRO CANTO DOS LUSIADAS

Foi um dos quatro que parodiaram este canto dos *Lusiadas*, concorrendo com um unico verso para esta parodia. Era estudante na Universidade de Evora, e foi creado do Arcebispo D. Theotonio. É citado por Francisco Soares Toscano na noticia que precede este poema heroi-comico, e por João Baptista de Castro no seu *Mappa de Portugal.*

Esta parodia foi continuada até o segundo canto, como deixâmos dito, por Antonio de Magalhães e Menezes; vimos mais outra parte do poema parodiada por um dos poetas da Arcadia, porém não me recordo qual d'elles.

FR. AYRES CORREA

(15...)

COMMENTARIO A CAMÕES. MS.

D. Francisco Manuel, no Hospital das Letras, menciona este escriptor como tendo commentado Camões; porém não declara se os *Lusiadas*, se as *Rimas*.

Foi filho de Balthazar Correia e Izabel de Siqueira; professou na ordem dos Prégadores, foi Qualificador do Santo Officio e Prior do Convento de Aveiro no anno de 1581, e depois do de Lisboa.

É para sentir a perda d'este *Commentario*, não só por ter sido o auctor contemporaneo do Poeta, mas por pertencer á ordem de S. Domingos, e por isso ter provavelmente concorrido com elle.

VERSOS DE VARIOS POETAS PORTUGUEZES

(15...)

VERSOS DE VARIOS POETAS PORTUGUESES EM QUE ENTRAM 268 SONETOS, DE QUE A MAIOR PARTE SÃO DE CAMOENS; ALGUNS NÃO ANDÃO IMPRESSOS, E TEM DIVERSAS LIÇOENS E DECLARÃO O ASSUMPTO. MS.

Pertencia ao Conde de Vimieiro. Veja-se a conta do exame dos seus manuscriptos dada á Academia de Historia no anno de 1724, pelo Conde da Ericeira, n.° 100.

OBRAS VARIAS E CARTAS DE LUIZ DE CAMOENS

(15...)

OBRAS VARIAS QUE NÃO SÓ CONTEM MUITOS VERSOS, DISCURSOS E CARTAS EM QUE ENTRÃO MUITAS DE LUIS DE CAMOENS, E TODAS AS DO CELEBRADO FERNÃO CARDOSO. MS.

Existiam na livraria do Conde de Vimieiro.

Veja-se a conta dada á Academia de Historia pelo Conde da Ericeira no anno de 1724, n.° 172. Julgo que Manuel Severim de Faria teve conhecimento d'este manuscripto.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO

(1601)

A PRIMAVERA. LISBOA, POR JORGE RODRIGUES, 1601. — O PASTOR PEREGRINO, SEGUNDA PARTE DA PRIMAVERA. LISBOA, POR ANTONIO ALVARES, 1608

Parece alludir a Camões na Jornada IV do *Pastor Peregrino.* Tem havido quem pretenda que a *Primavera* e o *Pastor Peregrino* fosse o perdido *Parnazo* de Camões; porém comparando as poucas amostras que nos ficaram da prosa do nosso Epico com a das obras de Francisco Rodrigues Lobo, se conhece a pouca consistencia que deve ter esta opinião, e ainda mais sendo os assumptos differentes. Mas se dizemos isto emquanto á prosa, que é mui distincta uma da outra, não o

diremos emquanto ás suas poesias, chegando algumas a deixar duvida da sua procedencia, sendo uma grande parte cheia de locuções de Camões, e tomando por typo as suas poesias. Apontaremos algumas de passagem que muito se assimilham, e em que se dá o caso que apontámos. Seja a primeira a metamorphose de Sileno que começa:

Sileno sou que em fonte convertido, etc.

Indubitavelmente n'esta composição teve em vista a ecloga dos *Faunos*, e é provavel que a visse no manuscripto, porque n'ella pretendeu deixar-nos as oitavas que depois se cortaram n'aquella ecloga, podendo aproveitar-se da sua descripção, por a ter visto, que apropriou ao seu assumpto. Na *Floresta* XI

Reliquias saudosas que em memoria,

o estylo e assumpto é de Camões. O mesmo diremos de outra poesia na mesma *Primavera* a um desterro comprido, a qual começa:

Ó tarde saudosa

a qual sem duvida foi feita tambem com o pensamento na primeira ode do mesmo Camões. Alem d'isto glosou o soneto

Horas breves do meu contentamento,

e o terceto

Amor com falsas mostras aparece,
Tudo possivel faz, tudo assegura
Mas logo no melhor desaparece!

José Maria da Costa e Silva, no seu *Ensaio Biographico dos Poetas Portuguezes*, defende Francisco Rodrigues Lobo do plagiato de Camões de que é accusado por Manuel de Faria e Sousa; nós tambem não nos atrevemos a accusa-lo, e apenas nos limitâmos a asseverar que em algumas das suas poesias achâmos muita analogia com outras do nosso Epico.

Francisco Rodrigues foi natural de Leiria e filho de André Lazaro Lobo e de Joanna de Brito Gavião, pessoas nobres. Não se sabe o anno do seu nascimento, que devia ser pelo meado do seculo XVI, porque no

anno de 1596 publicava os seus *Romances*. Não se sabe particularidades da sua vida, sómente que residia em Leiria, e que em uma digressão a Lisboa, ao descer o Tejo vindo de Santarem, por effeito de uma tempestade, morreu afogado; e sendo arrojado á praia o seu cadaver, foi enterrado na antiga igreja de S. Francisco, na capella denominada das Queimadas. Ignorava-se o anno da sua desastrada morte; o sr. Innocencio mui judiciosamente a colloca posteriormente ao de 1623, em que publicou a *Jornada de Filippe III a Portugal*.

BALTHASAR ESTAÇO

(1604)

SONETOS, CANÇOENS, EGLOGAS E OUTRAS RIMAS COMPOSTAS POR BALTHASAR ESTAÇO CONEGO DA SÉ DE VISEU, NATURAL DE EVORA. DIRIGIDAS AO ILL.MO E R.MO D. JOÃO DE BRAGANÇA BISPO DE VISEO. EM COIMBRA ANNO 1604

Na canção I se refere ao pouco premio que teve Camões pelos seus versos.

Como queres que cante
A gente que não ouve?
Como queres que faça a Musa humana
Que minha voz levante
E que com ella louve
A quem com esperanças vans me engana?
Se a Musa profana
Melhor se premeara
Não era o erro tanto
Abaixar pelo premio d'alto canto,
Mas se eu assim cantara
Tivera o premio humano
Que teve o grão cantor dò Oceano.
Se a mente ás Musas dada
O premio lhe tirou
Do esforçado braço ás armas feito,
Como será estimada
A Musa que cantou
Fundada só no verso mal aceito?

Glosou tambem em oitavas o soneto

Horas breves do meu contentamento.

Balthazar Estaço, irmão do nosso celebre antiquario Gaspar Estaço, nasceu em Evora no anno de 1570 e foi Conego na Sé Cathedral de Viseu; tinha dez annos quando Camões morreu, e assim ainda foi contemporaneo d'elle. Não se sabe ao certo a epocha da sua morte. Póde ver-se no *Diccionario Bibliographico* do sr. Inocencio Francisco da Silva o juizo critico d'este escriptor.

FERNÃO ALVARES DO ORIENTE

(1607)

LUSITANIA TRANSFORMADA COMPOSTA POR FERNÃO ALVARES DO ORIENTE, DIRIGIDA AO ILLUSTRISSIMO E MUI EXCELLENTE SENHOR D. MIGUEL DE MENESES MARQUEZ DE VILLA REAL, CONDE DE ALCOUTIM E DE VALENÇA, SENHOR DE ALMEIDA, CAPITÃO E GOVERNADOR DE CEUTA. COM LICENÇA DO SUPREMO CONSELHO DA SANTA INQUISIÇÃO E DO ORDINARIO. IMPRESSA EM LISBOA POR LUIZ ESTUPINAM. ANNO 1607

Mais de uma vez n'esta obra se refere o auctor a Camões e aos seus *Lusiadas,* especialmente na *Prosa* IV e X; foi grande enthusiasta do Poeta, glosando algumas das poesias, inserindo versos d'elle nas suas e imitando-lhe o estylo, o que deu logar a alguns pretenderem que a *Lusitania Transformada* era o perdido *Parnazo* de Camões, mas sem a menor rasão. A constante e enthusiastica imitação de Camões, de quem devêra ser companheiro d'armas, é muito interessante, pois serve não pouco para discriminar as poesias do nosso Poeta, postas em duvida pela similhança que sempre apresenta.

Fernão Alvares do Oriente nasceu na cidade de Goa, e no anno de 1542, segundo se conjectura; serviu na India alguns annos, e vindo para o reino foi por Capitão de uma companhia de soldados á batalha de Alcacer-Kibir onde ficou captivo, e falleceu entre 14 de Agosto de 1597 e 25 de Março de 1598, em que se passou carta a seu filho Luiz Alvares, das duas viagens da Costa de Coromandel para Malaca, de que seu pae havia mercê, e n'elle nomeára por testamento, como consta da dita carta.

PEDRO MARIZ

(1613)

PROLOGO BIOGRAPHICO DE LUIZ DE CAMÕES: AO ESTUDIOSO DA LIÇÃO POETICA

Este prologo ou biographia precede os *Commentarios aos Lusiadas de Camões* por Manuel Correia, publicados no anno de 1613, e de que Pedro Mariz foi editor.

Parece que já antes havia escripto a vida do Poeta na edição de 1601, hoje inteiramente desconhecida, como affirma Thomás de Aquino no seu discurso preliminar que acompanha a edição das obras do Poeta de 1779-1780.

Pedro Mariz nasceu em Coimbra, e foi filho de Antonio de Mariz, impressor na mesma cidade. Foi Presbytero e Bacharel em Canones, Guarda-mór da livraria da Universidade de Coimbra, Corrector da sua impressão e Provedor perpetuo do hospital da villa da Castanheira. Os seus *Dialogos de Varia Historia* saíram impressos em Coimbra na officina de seu pae Antonio de Mariz, no anno de 1594.

LUIZ DA SILVA BRITO

(16..)

COMMENTO ÁS LUSIADAS DE CAMOENS POR LUIZ DA SILVA BRITO. MS.

Fazem menção d'esta obra: Faria e Sousa, *Vida de Camões,* § 30.º João Soares de Brito, *Theat. Lusit. Litt.,* letra L, n.º 49. Talvez este *Commentario* existisse entre as obras manuscriptas que possuia d'este auctor o professor de Philosophia Bento José de Sousa Farinha.

Deixou tambem o mesmo Luiz da Silva Brito um *Commentario ás Poesias de Francisco de Sá de Miranda, MS.*, que devia ser interessante por ser quasi contemporaneo d'aquelle poeta.

A Bibliotheca Lusitana de Diogo Barbosa Machado poucas noticias dá d'este escriptor, porém na conta dada á Academia de Historia pelo Conde da Ericeira no anno de 1724, dos manuscriptos do Conde de Vimieiro, n.ºs 72 e 77, se faz menção das suas obras poeticas e em prosa, e vem uma noticia biographica.

Foi filho, como consta da dita memoria, de Simão Caldeira e D. Joanna de Brito; recebeu o grau de Bacharel no anno de 1587, e repetiu n'este anno, n'esta Universidade da qual foi Lente, uma oração em louvor das Sciencias. Foi Conego de Evora, e Prior da igreja de Santo Estevão de Santarem de que tomou posse em 1616. Seguiu o partido do Prior do Crato, e se achou na batalha de Alcantara; porém depois parece que reconsiderou, pois, ou por medo ou para se justificar, fez uma oração a Filippe II na sua entrada em Santarem. Foi muito favorecido de D. Theotonio de Bragança. Pertenceu á Academia Sertoria de Evora com o nome de Encyclopedico, e á dos Ambientes no anno de 1615. Falleceu a 2 de Março de 1630, e jaz na capella mór da igreja de Santo Estevão de Santarem onde tem este epitaphio: —*Sepultura do Dr. Luiz da Silva Brito, Prior que foi d'esta Igreja, Protonotario Apostolico, Penitenciario da Sé de Evora, e Vigario Geral e Provisor e Governador muitas vezes no Arcebispado de Evora por espaço de vinte e seis annos* 1630. (Tem escudo de armas.)

FRANCISCO RODRIGUES DA SILVEIRA

(16..)

OBJECÇOENS DO PONTUAL PERSEGUIDO Á LUSIADA DE CAMÕES POR FRANCISCO RODRIGUES DA SILVEIRA. MS.

Esta obra conservava-se na bibliotheca do Cardeal Sousa, hoje do Duque de Lafões; já ali não existe.

Foi natural de Lamego e serviu na India: compoz uma obra sobre este Estado que dedicou em Madrid a Filippe II. Manuel de Faria e Sousa faz menção do auctor na adv. ao tom. I da *Asia Portugueza*, apontando no catalogo dos livros manuscriptos relativos á *Historia da India,* que consultou para escrever a sua *Asia,* a obra do dito Francisco Rodrigues da Silveira *Reformação da Milicia da India,* livro que diz ser escripto com grande juizo e muita elegancia.

Por Carta de 26 de Novembro de 1606 houve mercê de 50$000 réis de tença, em respeito aos seus serviços feitos nas partes da India e ao trabalho que teve no livro que fez *do bom governo do Estado da India,* e a ser pobre, e estar manco de uma perna, e não poder ir servir o cargo de feitor de Ormuz com que foi despachado. Liv. 17 de Filippe II, fl. 181.

MANUEL CORREIA

(1613)

OS LUSIADAS DO GRANDE LUIS DE CAMÕES PRINCIPE DA POESIA HEROICA, COMMENTADOS PELO LICENCEADO MANUEL CORREIA, EXAMINADOR SYNODAL DO ARCEBISPADO DE LISBOA E CURA DA IGREJA DE S. SEBASTIÃO DA MOURARIA, NATURAL DA CIDADE DE ELVAS. DEDICADOS AO DOUTOR D. RODRIGO DA CUNHA, INQUISIDOR APOSTOLICO DO SANTO OFFICIO DE LISBOA, POR DOMINGOS FERNANDES SEU LIVREIRO. EM LISBOA, POR PEDRO CRASBECK, ANNO 1613. 4.º

Depois das licenças vem a dedicatoria a D. Rodrigo da Cunha, e logo depois uma declaração do Commentador ao leitor, em a qual diz que fizera, ha muitos annos, estas annotações sobre os *Cantos* de Luiz de Camões a pedido de um amigo, sem intento de as imprimir, porque se o pretendêra o fizera em vida de Camões, que lh'o pedíra com instancia. Mas agora as dava á luz importunado por alguns para que os imprimisse, e por saír pela honra de Luiz de Camões, que por a sua obra não ser entendida de todos, era calumniada de muitos, e declarada de alguns; os quaes sem lume das letras lhe põem annotações que servem mais de o escurecer e deshonrar, pois são contra o sentido do Poeta e verdades das historias e poesias. Em seguida vem o prologo biographico de Pedro Mariz, e começa depois o commentario. N'este prologo diz Pedro Mariz que arrematára estes *Commentarios* na almoeda a que mandou proceder o Tribunal da Legacia, dos bens do fallecido como espolios da Sé Apostolica.

É pena, ou antes omissão indesculpavel, que Manuel Correia não acompanhasse este seu *Commentario* de uma biographia circumstanciada do Poeta.

Manuel Correia nasceu na cidade de Elvas. Foi Licenceado em Canones, Examinador Synodal do Arcebispado de Lisboa, e Parocho de S. Sebastião da Mouraria. Correspondia-se com Justo Lipsio que lhe escreveu uma carta que é a 96 *da Centuria ad Italos et Hispanos*. Parece que exerceu o magisterio, pois d'esta carta consta que D. Nuno de Mendonça, mancebo tambem da predilecção de Justo Lipsio, fôra seu discipulo. Foi mui versado nas linguas hebraica, grega e latina, e teve particular amisade com Camões, que parece ter sido seu parochiano. Fazem menção do auctor Faria e Sousa na *Vida de Camões*;

Marangoni, *Thesaur. Paroch,* tom. II pag. 251; Nic. Ant., *Bibl. Hisp.*, pag. 204; João Soares de Brito, *Theat. Lus. Litt.*, Let. E n.º 29; Francknau, *Bibl. Hisp. Gen.*, pag. 104; Antonio de Leão, *Bibl. Orient.*, pag. 26.

Na *Arte de Musica* de Duarte Lobo, e nos *Aforismos* de Ambrosio Nunes, impressa a primeira obra no anno de 1602 e a segunda em 1603, ha versos de Manuel Correia em louvor dos dois auctores. Traduziu mais Cornelio Tacito, MS.

D. FRANCISCO ROLIM DE MOURA

(16...)

ADVERTENCIAS A ALGUNS ERROS DE LUIZ DE CAMOENS EM OS LUSIADAS. POR D. FRANCISCO ROLIM DE MOURA. MS.

Foi XIV Senhor da Azambuja e Montargil, do morgado de Marmelar, etc.; nasceu em Lisboa no anno de 1572, e foi filho de D. Antonio Rolim de Moura e D. Guiomar da Silveira, filha de João Rodrigues de Beja, Vedor do Infante D. Luiz; morreu a 12 de Novembro de 1640, dezenove dias antes da restauração de D. João IV, e jaz na capella mór da igreja da Misericordia da villa de Azambuja.

Fazem menção d'este auctor, alem de outros, Manuel de Gallegos no *Templo da Memoria,* liv. IV, est. CLXXXXIV, e D. Francisco Manuel, *Hosp. das Let.* A sua obra não se encontra já em poder do seu actual representante o sr. Marquez de Loulé, o que tivemos occasião de averiguar.

FRANCISCO SOARES TOSCANO

(1619)

NOTICIA QUE PRECEDE A PARODIA DO I CANTO DOS LUSIADAS FEITA PELO DOUTOR MANOEL DO VALLE DE MOURA, BARTHOLOMEU VARELLA, LUIS MENDES DE VASCONSELLOS E O LICENCEADO MANOEL LUIS

N'esta noticia dá informação d'estes auctores, e da maneira como foi composto este poema, que elle trasladou do proprio original e letra de Bartholomeu Varella, que estava em poder do Chantre da Sé da cidade de Evora Manuel Severim de Faria. Esta noticia é assignada com a data de 10 de Janeiro de 1619.

Francisco Soares Toscano era natural de Evora; Barbosa nada nos diz da sua vida e mais circumstancias. Foi auctor da obra *Parallelos de Principes e Varoens Illustres Antigos, a que muitos da nossa portugueza nação se assimilharam em suas obras, ditos e feitos,* etc. Evora, 1623.

GASPAR ESTAÇO

(1622)

VARIAS ANTIGUIDADES DE PORTUGAL, AUTOR GASPAR ESTAÇO. LISBOA, POR PEDRO CRAESBECK IMPRESSOR DE EL-REI. ANNO 1621

No cap. XXIII, n.º 7, alludindo á façanha de Egas Moniz, se refere a Luiz de Camões que a relatou, o qual com seu bom juizo e curiosa eleição recolheu de nossas historias as pedras preciosas de mais estima, para com ellas honrar a obra dos seus *Lusiadas.*

MANUEL SEVERIM DE FARIA

(1624)

DISCURSOS VARIOS POLITICOS, POR MANOEL SEVERIM DE FARIA. EVORA, POR MANOEL DE CARVALHO, 1624

A folhas 87 d'estes *Discursos* vem uma *Vida de Camões;* é depois do prologo biographico escripto por Pedro Mariz, e que acompanha os *Commentarios aos Lusiadas* por Manuel Correia (1613), a mais antiga e bem escripta que possuimos do Poeta; o auctor serviu-se das poesias de Camões para apurar factos biographicos, e defende o seu poema das criticas de alguns censores. Junto a esta vida vem o retrato do Poeta de que já fizemos menção, o qual copiado de um que possuia Manuel Correia, amigo de Camões, mandou gravar Gaspar Severim de Faria.

Notas ás Lusiadas de Luis de Camoens. MS. —N'ellas achou Manuel de Faria e Sousa, como escreve nas addições aos *Commentarios dos Lusiadas,* pag. 647, cento e cincoenta logares de auctores que o Poeta tinha imitado, e entre estes vinte e quatro que lhe foram occultos.

Manuel Severim de Faria nasceu em Lisboa em 1585, foi filho de Gaspar Gil Severim e de D. Julianna de Faria, sua prima, filha de Duarte

Severim e Maria Severim; renunciou n'elle seu tio a Conezia em Maio de 1608, o Chantrado em 1609. Morreu em Evora de idade de setenta e dois annos a 25 de Setembro de 1655.

JOÃO NUNES FREIRE

(1626)

OS CAMPOS ELYSIOS. PORTO, 1626. 4.º

Refuta a asserção de Petrarcha, a quem seguiu o famoso Luiz de Camões, sobre os amores de Anibal, dizendo que os historiadores tal não dizem, e Vellutello, Commentador de Petrarcha, sómente aponta a Plutarcho, pag. 217.

João Nunes Freire era natural do Porto: traduziu tambem a *Thebaida* de Estacio.

MANUEL DE GALLEGOS

(1626)

GIGANTOMACHIA. POEMA. LISBOA, 1626

No preludio a fol. 6, referindo-se a uma passagem de Ovidio, interpreta estes versos do nosso Poeta, que diz que *fue el que solo penetró los reconditos de los poetas latinos*

> e o sol ardente
> Queimava então os Deuses que Typheo
> Com temor grande em peixes converteo.

No fim d'este preludio, alludindo ao Gigante Adamastor, diz que segue a Luiz de Camões na distribuição que faz da batalha dos gigantes em tres esquadrões.

No discurso poetico que precede a edição da *Ulissea* de Gabriel Pereira de Castro, elogiando a este pelo talento que mostrou no exordio da narração que começa no principio da fabula, critica Camões por começar no meio, e mais adiante diz: «E não se entenda que o meu animo é reprovar a Luiz de Camões, que isto, em que elle se não ajustou com a arte, é cousa, em que muitos se enganaram; e não lhe tira a au-

ctoridade, que tem tanta, que não será reprehendido quem o seguir; porque a *Lusiada* merece que a tenhamos por texto, e eu reconheço n'ella toda a grandeza e excellencia que com tão grande erudição observa em seus discursos politicos o Doutor Manuel Severim de Faria, Chantre e Conego da Sé de Evora.»

Na *Gigantomachia* vem uns versos de D. Francisco Manuel em louvor d'este escriptor, e no *Templo da Memoria* um soneto do mesmo. No *Hospital das Letras* o não trata porém do mesmo modo, antes o fustiga como critico de Camões por esta fórma:

«*Lipsio.*—Ha ainda mais Camoistas?

«*Auctor.*—Houve Rolim e um de Gallegos.

«*Lipsio.*—Ambos sabios segundo tenho ouvido.

«*Bocalino.*—Ambos e conforme d'elles se diz, ambos d'aquelles que sempre sabem o que não importa, como ha muita gente n'este tempo.

«*Quevedo.*—Pois de que se queixa d'estes o vosso Poeta?

«*Auctor.*—De que lhe querem pôr a honra em balança.

«*Quevedo.*—Ora va-se embora Gallegos, que Gallegos na vossa terra são melhores para alcaides, que para escrivães.»

Manuel de Gallegos nasceu em Lisboa no anno de 1597; filho de Simão Rodrigues de Gallegos, e de Gracia Mendes Mourado. Assistiu algum tempo em Madrid, onde contrahiu amisade com Lope da Vega. Casou com D. Luiza Freire Pacheco, de quem houve descendencia, e depois de viuvo se ordenou Presbytero. Foi o primeiro proprietario das primeiras *Gazetas* que se começaram a imprimir no anno de 1641, para o que se lhe passou alvará de privilegio a 4 de Novembro do dito anno de 1641. Falleceu em Lisboa a 9 de Junho de 1665.

FR. CHRISTOVÃO OSORIO

(1628)

PANCARPIA, PROSAS HISTORICAS E TITULARES, E VERSOS DIFFERENTES DE VARÕES COLLOCADOS E ILLUSTRES DA ORDEM DA SANTISSIMA TRINDADE E REDEMPÇÃO DE CAPTIVOS, COM ALGUMAS EXCELLENCIAS D'ELLA ANTES. LISBOA, POR PEDRO CRAESBECK, 1628. 8.º

Traz uns versos feitos ao padre Fr. Pedro da Covilhã, que foi na expedição do descobrimento da India com D. Vasco da Gama, imitando a primeira oitava dos *Lusiadas*, pag. 122.

São dez oitavas. «Seus versos (diz o auctor) mereciam outro Camões como teve seu companheiro; porém quem dá o que póde, tudo dá.» Depois seguem-se as oitavas:

> As armas de um varão assignalado
> Que da Occidental praia Lusitana
> Por mar que nunca fôra navegado
> Passou com quem passou á Taprobana.

Fr. Christovão Osorio foi natural de Lisboa, onde nasceu em 1574, filho de Affonso Gomes e Maria Osorio, pessoas de nobreza. Professou a 27 de Março de 1590 na Ordem da Santissima Trindade. Depois dos estudos de Philosophia e Theologia, se applicou á Historia Sagrada e profana e á cultura da poesia, sendo contado entre os mais versados poetas do seu tempo. Apesar de soffrer por vinte e sete annos uma molestia de peito complicada de asthma, não abandonou os seus livros, e tres annos antes de morrer publicou a sua *Pancarpia*, que consta de elogios em verso e prosa aos varões illustres da sua Ordem, que dedicou ao padre Fr. Bernardino de Santo Antonio que então era Provincial. Este livro diz o Chronista da Ordem, que fôra elogiado por uns e criticado por outros conforme a paixão de cada um. Tendo de idade cincoenta e seis annos falleceu a 21 de Setembro de 1630. Nasceu ainda em vida de Camões, e foi elogiado por Lope da Vega.

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO

(1631)

FLORES DE ESPAÑA, EXCELENCIAS DE PORTUGAL, EN QUE BREVEMENTE SE TRATA LO MEJOR DE SUS HISTORIAS Y DE TODAS LAS DEL MUNDO, DESDE SU PRINCIPIO HASTA NUESTROS TIEMPOS, Y SE DESCUBREN MUCHAS COSAS NUEVAS DE PROVECHO Y CURIOSIDAD. LISBOA, POR JORGE RODRIGUES 1631. FOL.

Traz um elogio de Camões, e a proposito da falta de sepultura estes dois versos:

> Sic Ludovice jaces merito sine honore sepulchri;
> Te bene qui posset condere nullus erat.

Cita varios auctores que fazem menção do Poeta.

Eva e Ave ou Maria Triumphante. Theatro de erudição e philoso-

phia christã, em que se representam os dous estados do mundo cahido em Eva, e levantado em Ave, 1.ª e 2.ª parte. Lisboa, por Antonio Craesbeck de Mello 1676, fol. Elogia Camões que compara a Homero, Virgilio e Tasso que, diz, só lhe são comparaveis e termina: «tão louvavel no que disse, como em não dizer mais, até nos peccados veniaes contentou.»

Antonio de Sousa de Macedo, Fidalgo da Casa Real, Commendador das Ordens de Christo e S. Bento de Avis, Doutor em Direito pela Universidade de Coimbra, nasceu no Porto onde foi baptisado a 15 de Setembro de 1606, e foi filho de Gonçalo de Sousa de Macedo. Seguiu a Magistratura e Diplomacia, indo primeiro como Secretario de D. Antonio de Almada a Inglaterra em 1641, e depois Embaixador aos Estados de Hollanda em 1651, e por ultimo Secretario d'Estado d'El-Rei D. Affonso VI, sendo victima da vergonhosa catastrophe que derrubou do throno este infeliz Monarcha. Falleceu em Lisboa no 1.º de Novembro de 1682. O seu retrato anda nas ultimas edições da *Eva e Ave*. Veja-se a sua biographia no jornal o *Panorama*, onde vem com as iniciaes *P. M.*, e o *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva.

DIOGO HENRIQUES DE VILHEGAS VILLA-NOVA

(1632)

Á MEMORIA DE LUIZ DE CAMÕES PRINCIPE DOS POETAS

Elogio a Camões que vem na edição das *Rimas* de 1632. Não sei se o publicou separado; Diogo Barbosa parece assim indica-lo, apontando-o na sua *Bibliotheca Lusitana* por este modo: *Elogio á Memoria de Camões*. 1663, 12.º Se com effeito se publicou devia ser separadamente, porque não vem na edição dos *Lusiadas*, nem nas *Rimas* que se publicaram n'este mesmo anno.

Diogo Henriques de Vilhegas de Villa-Nova nasceu em Lisboa. Foi Cavalleiro da Ordem de Christo e Capitão de Couraças em Hespanha. No anno de 1639 lhe fez mercê Filippe III, attendendo aos seus serviços (pelos quaes já o havia agraciado com uma tença de 40$000 réis), da administração da Capella do Corpo de Deus dos Casados de Extremoz. Ficou em Hespanha por occasião da acclamação, e recolheu á patria depois das pazes feitas. Consta isto de uma apostilha de um juro de tença de 60$000 réis vinculado ao morgado instituido por Jeronymo

Fernandes Villa-Nova e de que foi administrador Luiz de Oliveira Pantoja por ser filho varão legitimo mais velho do Instituidor. Este Luiz de Oliveira desistiu d'este juro em Diogo Henriques de Vilhegas, por ser successor da Capella, e por vir de Castella onde estivera até á paz de 1668.

P.E D. MARCOS DE S. LOURENÇO

(1633)

LUSIADAS DE LUIS DE CAMOENS PRINCIPE DOS POETAS HEROICOS, COMENTADOS POR O P.E D. MARCOS DE S. LOURENÇO, CONEGO REGULAR DA CONGREGAÇÃO DE S.TA CRUZ DE COIMBRA. MS. FOL.

Existe o autographo na Real Bibliotheca das Necessidades: tem o manuscripto trezentas quarenta e sete folhas numeradas de um só lado, com a declaração no fim do segundo e terceiro canto do anno em que foram terminados, por ésta maneira: Fim do segundo canto, 4 de Fevereiro de 1632 na Torre de Paderne, onze horas da noute. Fim do terceiro canto, aos 10 de Março de 1633 ás dez horas da noute, na Torre de Paderne.

Tem uma introducção da qual se vê que o auctor tinha acabado os seus *Commentarios*. «Muitas vezes (diz elle) deixei esta obra imaginando na sua grandeza e considerando quanto se requeria para o conseguir; mas quando vi o aplauso com que foi recebido o commento do Licenceado Manuel Correa, e os muitos e insoffriveis erros que na exposição dos versos de Camoens comettera, tomei animo para acabar estes meus *Commentarios*, tantas vezes interrompidos, não podendo já soffrer as reprehensoens de amigos e de outros que attribuião este meu socego a pusilanimidade e desconfiança.

«Saio pois á praça do mundo com este meu trabalho,» etc.

Segue-se uma traducção em prosa do primeiro canto de Virgilio para melhor se poder confrontar com o primeiro dos *Lusiadas*.

Na explicação e commento segue esta ordem: primeiro põe a paraphrase de cada oitava em prosa, e depois analysa cada verso de per si. O auctor mostra muita erudição, e os seus *Commentarios* estão cheios de citações do hebraico e do grego, e dos auctores latinos e italianos.

Commentando a oitava VI do primeiro canto, diz:

«Pronostica Camoens muita prosperidade a El-Rei D. Sebastião, toca-lhe nas cousas da Africa, ás quaes já de menino era affeiçoado como quem amava a sua sepultura. Mas por seus peccados e nossos saiu Ca-

moens tão bom profeta como João de Mena nos bens que pronosticou a D. Alvaro de Luna, pois a este lhe cortaram a cabeça dahi a breve tempo, e a El-Rei D. Sebastião sempre Portugal chorará sem remedio, pois com sua destruição perdeu a Lusitania a antiga liberdade que Camoens dava por segura com a sua vida. Aqui havia muito que dizer e muito mais que chorar, mas deixaremos de o fazer porque, como diz Tito Livio: «Lacrimæ nec tunc gratæ cum forte sint necessariæ:» (As lagrimas nem então agradam quando não se escusão.)»

Commentando as oitavas XXXVI e XXXVII do canto II da *supplica de Venus a Jupiter, orando a favor dos portuguezes que navegam,* diz: «Taxado foi o nosso Poeta de muitos pela lascivia que n'este divino poema usou, e principalmente n'este logar, nem nós o absolvemos da culpa que na verdade teve.»

E logo mais abaixo allude á alteração e amputação que soffreu esta parte do seu poema. «Sendo eu moço (diz elle) e de bem pouca idade, mas já curioso de livros, achando n'este de Camoens estas oitavas diminuidas, porque em certas impressoens lhe forão tiradas, fiz humas outavas que enxeri aqui no lugar donde as outras forão tiradas, que quero aqui pôr para mostra do zelo que tinha já náquella idade destes *Lusiadas* de Camões se lerem sem se conhecer falta, porque era notavel a que lhe fazião aquellas outavas tiradas:»

Chea de sentimento e de esperança
Apressa o passo lento fervorosa,
Porque nos casos graves a tardança
Costuma ser ás vezes perigosa:
Mil vezes imagina; e na lembrança
Revolve a petição tão piadosa,
Que quem a vê bem crê, sem lhe ouvir nada,
Que vai a bella Deusa magoada.

Mil lagrimas derrama e imagina
Que falla já ao padre soberano,
Já lhe pergunta em vão que determina
Faça daquelle povo Lusitano:
Cuidando vai que o padre se lhe inclina
E que o livre do fraudulento engano,
E não erra, pois tudo lhe concede,
E muito mais ainda do que pede.

Qual em manhãa serena de frescura
Das lagrimas da aurora rociada
A rosa mostrà mais sua formosura
E o colo inclina a parte descansada,
Tal Ericyna vai da sorte dura
Da Lusitana gente magoada,
Os olhos poem no solio transparente
Deixando-o mais formoso e relusente.

E vendo o padre estar no claro assento,
Dos Deoses immortaes acompanhado,
As lagrimas renova e o sentimento
Que procedem de um peito magoado.
Das perolas já fica o firmamento
D'outras novas estrellas esmaltado,
Em fim que falla ao padre desta sorte
Com coração mais femenil que forte.

Na oitava XLII andavam tambem cortados os ultimos quatro versos, e em logar d'elles compoz o commentador os seguintes:

As lagrimas lhe alimpa de incendido
De piedade e amor sincero e puro,
Procura mitigar-lhe a dor que sente
Fallando-lhe suave e brandamente.

Na oitava CXXXV do mesmo canto descreve a *Fonte dos Amores* em Coimbra. «Junto de Coimbra para onde está edificado o Mosteiro de Santa Clara está uma fonte que antigamente era livre e do povo, hoje já é particular e captiva, junto da qual tratava o principe D. Pedro seus amores com a sua querida D. Ignez, pela qual causa a fonte veiu a chamar-se dos amores e ainda aquelle logar se chama o cano dos amores. As filhas do Mondego diz Camões que lóngo tempo fizeram memoria d'esta morte de D. Ignez, o que se entende nas cantigas que logo sáem e se compõem quando algum caso notavel acontece, como quando mataram D. Alvaro de Luna, em Castella. Estas cantigas é romances duram mais na bôca das moças de cantaro e lavandeiras, principalmente onde a gente é alegre e prazenteira como a de Coimbra, onde esta historia aconteceu.»

Relação do padre D. Marcos, importante para muitas antiguidades d'este reino. —Com este titulo encontrámos na mesma Real Bibliotheca das Necessidades uma carta do commentador, a qual nos dá noticia d'estes seus commentarios, e que por isso aqui transcrevemos.

«A curiosidade de V. R.^{ma} junto com as obrigações que tenho de o servir e obedecer em tudo, me fazem sahir a campo com velhices e antiguidades de historia com que eu tinha feito tregoas depois que a exercitei bem no commento dos *Lusiadas* de Luiz de Camões; e por que daqui comece a satisfazer as perguntas e duvidas de V. R.^{ma}, digo que o engenho d'esse famoso poeta me parece semelhante ás linhas que lançavão á porfia aquelles dous celebres pintores Appeles e Protogenes a que Plinio, que os vio, chama *visum fugientes;* que se era argumento de grande subtileza lançar com a mão e pincel linhas que a vista mal enxergava, não será menos escréver cousas tão elevadas que o entendimento muito agudo e perspicaz, quanto mais se quer afirmar no sentido e explicação dellas, as mais das vezes as perde de vista. Confesso que depois de dez ou doze annos de estudo sobre esta escurissima obra, o que posso dizer he que quem mais facilmente a entendeo, menos della alcançou, porque as cousas que parecem ditas a acazo, e por encher verso ou responder a consoante, todas tem mysterio e significação mais do que declarão.

«Homero escreveo o que quiz, Virgilio e Homero inventando tambem como elle, ambos são excellentes, ambos doutissimos; o nosso Camoens imitou a todos os poetas, ainda historiadores, e fallando sempre verdade, tocou mais fabulas que todos, escreveo mais historias que todos em verso tão elegante e polido como os melhores; e se é cousa subtil e maravilhosa em hum pequeno mapa descrever o mundo todo, maior engenho requer, e mais subtileza tem huma obra tão pequena aonde está o mundo, não pintado, mas descripto e as largas historias que nelle succederão tão bem relatadas. Bem fóra estava de tomar tal empresa, mas como entendia pouco della pareceo-me claro ao principio, e a causa que me moveo a emprehendela foi esta: acaso hum dia tomei um livro dos *Lusiadas* na mão, que tinha algumas annotaçoens ou declaraçoens á margem, e ali donde o poeta falla de Cezimbra chama-lhe piscosa por causa do muito pescado que naquelle mar se toma; a notação declarou este passo dizendo, piscosa chama-se por rasão dos muitos piscos que nella se ajuntão; e quando vi tamanho disproposito, senti muito achalo escripto em lingua Portugueza, e daquelle instante tomei á minha conta comentar isto como havia de ser, ou o melhor que eu podesse. Fui co-

meçando os primeiros tres cantos e querendo começar o quarto sahio o Licenceado Manoel Correa; cuidei eu que estava já desobrigado meu trabalho, e satisfeita a divida, que este reino tinha de declarar o seu poeta, mas lendo a obra fui descubrindo erros manifestos, tanto mais insoffriveis quanto do author não erão esperados, mas, como eu lá digo, teve esta disculpa antes de alimpar e emendar o seu livro, e que não teria tenção de o imprimir; as sentenças mais subtis e os bocados mais galantes, e as alegorias mais profundas tudo comentou este author ao lume da agoa, sem mais penetrar os occultos mysterios que ahi se esconderão, e assim fica o poeta daquella maneira entendido de menos estima; a isto não chamo eu comentar, mas enxouvalhar. O principal trabalho que nesta obra tive foi buscar a fonte donde derivou Camoens suas subtilezas: e por isso aprendi lingoas cujo conhecimento me valeo muito, mormente da Italiana na qual o nosso poeta era mui versado, e no IX canto e parte do X, em que o poeta usava de algumas palavras lascivas, comentei em alegorias por fugir e encobrir a lascivia da letra; na geografia segui sempre João de Barros homem famosissimo, e em tudo excellente; para as comparaçoens e praticas me foi necessario estudar quasi de cor todo o Virgilio e Homero, e Petrarcha, porque a estes principalmente seguio Camoens; no principio trago o primeiro livro da *Eneada* traduzido mais curiosamente do que tinha traduzido os outros livros de *Artes,* a causa he porque o poeta imita quasi todo este livro, e em seu lugar ponho os versos em latim remetendo a declaração delles para N.os do livro tradusido; trato tambem das fabulas curiosamente, e da poesia portugueza e origem della. Fiz tambem cartas a modo de mappas onde estava pintada a navegação de Vasco da Gama, notando com letras o lugar onde se soccedeo alguma historia que o poeta conta isto certo he que não se hãode imprimir. Das historias antigas ou duvidosas, principalmente daquellas em que desconcordo com o Licenceado Correa, trago os tractos inteiros para se não dizer que alego falso; mais de meio comento tirei de João de Barros, e sem a sua geografia impossivel he a entendimento algum comentar Luis de Camoens, e com isto satisfiz a primeira questão de V. R.ma acerca do nosso comento, a segunda acho mais dificultosa, » etc.

D. Marcos de S. Lourenço foi filho legitimo de Marcos de Oliveira e de Maria Carvalho, moradores na freguezia de Santa Cruz de Coimbra. Recebeu o acto canonico no Real Mosteiro de S. Vicente de Fóra a 11 de Fevereiro de 1606, sendo Prior d'aquelle Mosteiro o reverendo P.e D. Jorge de Santo Agostinho. Foi geralmente perito nas antiguidades

historicas, como nos preceitos da *Arte Poetica,* como d'elle se lê na *Bibliotheca Lusitana,* a qual aponta alguns escriptos que compoz. No baptismo lhe foi dado o nome de Lourenço que na profissão mudou para o de Marcos com o sobrenome de S. Lourenço. Falleceu no mosteiro de Landim no dia 11 de Fevereiro de 1645.

JOÃO FRANCO BARRETO

(1639)

DISCURSO APOLOGETICO A FAVOR DO INSIGNE POETA CAMOENS
CONTRA O LICENCEADO MANOEL PIRES DE ALMEIDA
POR JOÃO FRANCO BARRETO. FACIEBAT CONIMBRICÆ. ANNO 1639

«Este manuscripto foi copiado do original que descobriu na cidade de Evora o Secretario do Santo Officio José Lopes de Mira que m'o confiou este anno de 1801, cuja copia eu conferi e achei exacta não podendo fazer duvida as faltas que se podem suprir por se achar o dito manuscripto falto, e com muitas letras sumidas da humidade, e do tempo. Acabei e fiz esta copia na quinta da Memoria em Odivellas aos 2 de Outubro de 1801. Fr. Vicente Salgado, ex-Geral, e Chronista da Congregação da terceira ordem,» etc. Acha-se este manuscripto na Bibliotheca de Jesus, hoje da Academia Real das Sciencias. Gav. v, est. IX, n.º 158. Começa:

«Prometemos responder ao juizo, assim lhe chama seu author, que o Licenceado Manoel Pires de Almeida com pouca consideração fez sobre a visão do *Indo e Ganges* habilissimamente representada no IV canto dos *Lusiadas* do nosso Homero tão admirado dos Estrangeiros, quam invejado dos naturaes que

> Tambem com taes obras nos engana
> O desejo de hum nome avantajado, etc.»

Bluteau diz que compozera tambem uma biographia do Poeta, talvez na sua *Bibliotheca.* Assistiu á edição de 1631 dos *Lusiadas,* que emendou e fez pôr no frontespicio uma empreza allusiva ao poeta, de uma espada e uma pena cingidas por uma corôa com o distico: —*Simul in unum.*— Preparou e emendou igualmente a edição que no anno de 1669 saiu em Lisboa, publicada por Antonio Craesbeck de Mello, á

qual ajuntou hum *Diccionario Historico Poetico Geographico,* e os argumentos de cada canto em oitava rima.

João Franco Barreto nasceu em Lisboa no anno de 1600, e foi filho de Bernardo Franco e Maria da Costa Barreto, pessoas nobres. Foi discipulo, no collegio de Santo Antão, do celebre padre Francisco de Macedo. No anno de 1624 foi na armada que saíu para a restauração da Bahia; voltando d'esta expedição foi a Coimbra frequentar esta Universidade, d'onde voltou no anno de 1640 em companhia dos filhos de Francisco de Mello, Monteiro-mór, de quem era mestre, e que vinham beijar a mão a El-Rei D. João IV pela sua exaltação ao throno. No anno de 1641 foi com o dito Francisco de Mello como Secretario, quando foi por Embaixador á Côrte de París. Voltando de França, e ficando viuvo se ordenou de Presbytero e assistiu alguns annos na villa de Redondo, onde tinha obtido um beneficio na igreja de Nossa Senhora da Encarnação, até que se passou para a villa do Barreiro no anno de 1648, onde foi Vigario da vara. João Franco Barreto ainda vivia no anno de 1674, porque no *Compendio Panegyrico* do Marquez de Tavora vem um soneto seu escripto n'este anno.

MANUEL DE FARIA E SOUSA

(1639)

LUSIADAS DE LUIS DE CAMOENS PRINCIPE DE LOS POETAS DE ESPAÑA. AL REY N. SENHOR FELIPE QUARTO EL GRANDE. COMENTADAS POR MANUEL DE FARIA E SOUSA. CAVALLERO DE LA ORDEN DE CHRISTO Y DE LA CASA REAL. PRIMERO Y SEGUNDO TOMO AÑO 1639. CON PRIVILEGIO EN MADRID POR JUAN SANCHES. FOLIO, VOLUME II. TOMO TERCEIRO E QUARTO 1639

No verso da folha do titulo traz differentes epigraphes tiradas do *Livro dos Machabeos, Sidonio Apolinario, Erasmo* e *Marcial.* Segue uma advertencia aos Impressores e Mercadores, aos quaes se alguem quizer fazer nova impressão offerece liberalmente um novo original em o qual se supprimiram algumas cousas que conveiu dizer por ser a primeira vez que se imprimiu, e que no novo serão substituidas por outras de maior utilidade e não desigual gosto que se omittiram pelo muito que crescia o volume.

Apoz a advertencia as licenças do Ordinario e do Santo Officio, sendo esta ultima exarada por D. Thomás Tamayo, Chronista do Reino e In-

dias, com grande elogio ao Poeta e ao Commentador; no verso da folha o extracto do Privilegio por dez annos, Fé de Erratas, e a taxa do livro. Segue a dedicatoria a Filippe IV, em a qual se refere ao sentimento que tivera seu avô Filippe II de não encontrar vivo o Poeta quando deu a sua entrada publica em Lisboa.

Duas dedicatorias, uma ao Conde Duque de Olivares e outra ao Secretario d'Estado D. Geronymo de Villa Franca.

Advertencias para ler com mais luz o livro; elogio ao Commentador pelo celebre Lope da Vega, que comprehende dez paginas, no fim d'este os dois retratos de Camões, e o de Faria e Sousa abertos em madeira pelo gravador Paulo de Villa Franca, e seguidos de varias poesias feitas ao Poeta e ao Commentador: ao primeiro por Torquato Tasso, Diogo Taborda Leitão, Diogo Bernardes, Manuel de Sousa Coutinho (Fr. Luiz de Sousa) e do proprio Faria e Sousa; e ao Commentador este engenhoso epigramma achado nos *Lusiadas* pelo seu amigo Lope da Vega:

> Parece que guardava o claro ceo
> A Manoel e seus merecimentos,
> Esta empreza tam ardua que o moveo
> A subidos e illustres pensamentos.

Alguns epigrammas em latim ao retrato e appellido do Commentador por D. Thomás Tamayo, o Censor dos commentarios, e outro na mesma lingua por D. Pedro da Silva e Mendonça, filho do Marquez de Monte Mayor.

D'aqui por diante começam os *Commentarios* a serem paginados com paginação dobrada, por cima de cada columna.

De pag. 1 a 14 vem o prologo, de pag. 15 a 58 a vida do Poeta, de 59 a 100 o juizo do Poema, de 101 a 136 o commentario e argumento do Poema. De pag. 137 por diante começa o commentario do Poema por esta fórma: Cada canto é precedido de uma gravura em madeira, gravada pelo mesmo gravador dos retratos, Paulo de Villa Franca, allusiva ao canto commentado; e a ordem que segue no *Commentario* é esta: Põe a estancia que traduz em prosa castelhana, e depois commenta. Alem das gravuras que precedem os cantos, se encontram outras com os retratos dos Vice-Reis e homens celebres de que o Poeta faz menção no Poema. Estas estampas nos dá noticia o Commentador d'onde as tirou, a saber: o retrato de Camões de um copiado do original que possuia o amigo e commentador do Poeta o Licenceado Manuel

Correia, tirado depois da sua volta da India; o de Vasco da Gama e os dos Governadores da India, de copias de retratos que ornam a sala do palacio dos Governadores da India em Goa, e as estampas foram delineadas e desenhadas pelo proprio Faria e Sousa.

Começou o Commentador a trabalhar n'estes *Commentarios* pelos annos de 1613, e n'este trabalho consumiu uns vinte e cinco annos da sua idade, e quatrocentos ducados em compra de livros, ajuda de custo para animar o livreiro editor, e no adorno das estampas. Foram primeiro ordenados em portuguez e assim tinha concluido o segundo borrador no anno de 1621, com este titulo:

Lusiadas de Luis de Camões com notas de Manuel de Faria e Sousa, Cavalleiro da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo e Cavalleiro da Casa Real. Segundo borrador, anno de 1621.

Era este trabalho, do qual existe o autographo muito resumido dedicado a Filippe IV, com um prologo e o juizo do Poema em que vem um indice da repetição dos vocabulos mais usados pelo Poeta; não é precedido de biographia. Tendo-se porém o Commentador resolvido a reformar o seu *Commentario* na lingua castelhana, fez o que conhecemos impresso, e saíu, por assim dizer, de novo no anno de 1639; na Bibliotheca Real das Necessidades, antigamente dos Congregados de S. Filippe Nery, existe o autographo que parece serviu para esta edição, com este titulo:

Commentarios de F. e Sousa aos Lusiadas. Lusiada tom. I. —*Es mi original que se imprimio en Madrid i el* 2.° *i el* 3.° *i el* 4.° Año 1638.

Segue um frontispicio que consta de um portico com o retrato de Camões no centro do frontão com o seguinte distico em volta: —*Luis de Camões Principe de los Poetas Aet. XLVIII.*

No alto da folha do lado direito tem esta declaração da propria letra de Faria e Sousa: —*Este retrato de Luis de Camoens es hecho de mano de Manoel de Faria.*

No anno de 1638 no mez de Março saíu á luz o *Commentario,* e logo uma semana depois, sem haver tempo de o ler, como bem adverte o Commentador, foi accusado no tribunal do Santo Officio por inimigos pessoaes, e que o queriam induzir a escrever contra o Poeta. Era entre estes o principal D. Agostinho Manuel de Mello, estimulado porque tendo mostrado as suas obras a Faria e Sousa elle lhe havia apontado differentes plagiatos em que tinha incorrido, e a quem se havia reunido Manuel Pires de Almeida que instigava o Commentador a notar

no seu *Commentario* algumas reflexões criticas que elle havia feito aos *Lusiadas*. Achou porém Faria e Sousa logo a mais decidida protecção em muitos homens doutos de Hespanha, e no Ministro d'Estado D. Jeronymo de Villa Franca. Sendo ouvidos os accusadores, foi o livro visto por theologos, os quaes, apesar de ser isto ao tempo que o Tribunal da Inquisição fazia o *Indice Expurgatorio,* não só não acharam motivo para n'elle o incluirem, mas ainda saíram com elogios ao Commentador. A esta injusta accusação que lhe foi feita respondeu Manuel de Faria e Sousa com uma *Apologia* que não traz data, mas que saíu no anno de 1640, pois a ultima censura é datada de 12 de Novembro d'este anno, e saíu com este titulo:

Informacion en favor de Manuel de Faria i Sousa Cavallero de la Orden de Christo i de la Casa Real, sobre la acusacion que se hizo en el Tribunal del Santo Oficio de Lisboa a los Commentarios que docta i judiciosa i catolicamente escrevio a los Lusiadas del Doctissimo i profundissimo i solidissimo Poeta Christiano Luis de Camoens, unico ornamento de la Academia Española en este genero de letras, etc. Folio.

N'esta *Apologia* que dedicou aos seus dois protectores D. Jeronymo de Villa Franca e D. Alvaro de Castro, tanto o Poeta commentado como o *Commentario* são defendidos com toda a energia, não só pelo accusado, mas pelos proprios censores os padres Miguel de Cardenas, Carmelita, e Jeronymo Pardo dos Clerigos menores, e especialmente na principal accusação do emprego da mythologia pagã no Poema.

Descoroçoados os accusadores que de Lisboa eram apoiados por pessoas poderosas, se passaram a esta cidade e o accusaram na Mesa pequena do Tribunal do Santo Officio; e sem ser ouvido o Commentador, por parecer dos Revedores dos livros, mandaram os Ministros da Mesa que eram Pantaleão Rodrigues Pacheco, D. Alvaro de Athaide e Diogo de Sousa, pôr editos por uma forma insolita, e com uma apparatosa ostentação ordenaram que o livro se recolhesse, para que não houvesse perigo na propagação das suas impias proposições ácerca da religião.

Se o Poeta encontrou em Madrid protectores decididos que se empenhavam na sua defeza, em Lisboa achou a D. Alvaro de Castro, Capellão mór que com outros tomaram a peito o defende-lo; e o *Commentario* saíu com grande applauso e foi avidamente consumido, como se vê da correspondencia do Commentador com o Chronista Fr. Francisco Brandão, sentindo não poder copiar a do Chronista, porque revelaria por

claro toda esta intriga contra o Commentador e o Poeta. A correspondencia é esta:

«Snr. Francisco Brandão. —Não há cousa no mundo por mais perfeita que seja que não tenha seu defeito, e que não ache vontades, que lhes achem mais dos que tem. Com este suposto, digo que eu mesmo me admiro da aceitação do Comento, e que com esperar que a não tivesse pequena, nunca me passou pelo pensamento que fosse tanta; porque os proprios enemigos que o desejão abocanhar o celebrão, e isto é comum. Por ahi se diz que tem hoje o livreiro muito poucos tomos para vender, que é tambem gasto que nunca imaginaria. Tudo são virtudes do Poeta. Seja elle sempre louvado, como sempre será de quem não for tolo. —*Manuel de Faria.* —Madrid, 26 de julho 1639.»

Outra: —«Por vida minha e de V. P. que me deve por amor e respeito o animo com que me diz está e outros amigos á defensa destes escriptos; porem mais o deve a si proprio, porque cuido eu que todo entendimento ainda apaixonado deve acudir por elles, já não porque tem muito que o merece, senão em referencia do altissimo poeta; porque se o que eu sobre elle digo, não é assi, de necessidade se confessará que escrevo insignes disparates e ainda herezias. Porem é assi o que eu digo. E enemigos meus que aqui o acusarão antes de o ler, o tiverão por maravilhoso depois de lido. Dous ou tres me dizem estão escrevendo contra mim, porque raivão pelo que lhes pica. E eu me estou rindo porque os vejo morder pedras. O que disse não se pode desdizer com justificação, he verdade que se podéra melhorar depois de discuberto, se o tratara outro que tivesse mais estudos e mais engenho. E todavia um dos mesmos enemigos me chegou a dizer antehontem, que se eu não dissera certas cousas, ouverão muitos de andar com o *Comento* nas mãos dizendo: *Venite et adoremus eum.* E eu lhe respondi que só por ellas o havia impresso; e que mais queria velos rabiar a elles, que verme adorado a mim. Comunique V. P. este coloquio ao amigo.

«A mim até agora não me passou pelo pensamento responder a cousa que se me diga sobre isto; porque depois de farto de fallar, me meto em casa: vê ouve e calá vivirás vida folgada. Poderá ser que algum estudioso queira mostrar engenho sobre isto e amor ao Poeta. Todavia o de que me arguir me ensinará o que devo fazer, e entretantó me chucho o melzinho de ver andar a rodopio tantas cargas de tontos em toda a Hespanha, só de desatinados com o *Comento,* que se elles não forão tontos ouverão de calar só por não gloriar-me. 24 de agosto, 1639.»

Aos dois perseguidores D. Agostinho Manuel e Manuel Pires de Almeida se reunio mais em Lisboa Manuel de Gallegos, resentido da critica que Faria havia feito ao seu discurso que precede a *Ulissea* de Gabriel Pereira de Castro, discurso em que criticava Camões, pelo que é asperamente fustigado por D. Francisco Manuel no seu *Hospital das Letras*. A este triumvirato se juntaram os sequazes de Gabriel Pereira de Castro que a troco da reputação dos *Lusiadas* queriam levantar a *Ulissea*, levados talvez por um incentivo igual áquelle que em nosso tempo moveu o celebre padre José Agostinho de Macedo, quando publicou o seu *Poema do Oriente*. Levantou-se ainda outra cabala contra Camões, e que parece teve origem em um dos triumviros, Manuel Pires de Almeida, que havia estado na Italia; lançou-se mão de uma nova estrategia para fazer a guerra por meio da comparação oppondo escriptor a escriptor. Assim como n'outro tempo para deprimir o Tasso se serviram da grande reputação de Ariosto, agora a confrontação da *Gerusaleme* do Tasso se oppunha aos *Lusiadas*, para deprimir o seu auctor, levantando-se duas bandeiras, a dos Tassistas e Camoistas. Mas se não appareceu um parente do Tasso, como outr'ora um do Ariosto, que mettendo-se de permeio na disputa desse a cada um o seu devido logar, ahi estava o mesmo Tasso que com os seus encomios ao nosso Poeta respondesse a esses seus pseudo-enthusiastas que, invocando o seu nome, se serviam d'elle para depreciar o Poeta que elle sem duvida, melhor apreciador, tinha admirado em vida e exaltado em seus versos.

Rimas varias de Luis de Camoens Principe de los Poetas Heroycos y Lyricos de España. Al muy illustre Señor D. Juan da Sylva Marquez de Gouvea del Dezembargo del Paço y Mayor de la Casa Real, etc. Comentados por Manoel de Faria e Sousa Cavallero de la Orden de Christo. Tom. I *y* II. *Que contienen la primera, segunda y tercera centuria de los Sonetos. Lisboa con prevelegio Real. En la imprenta de Theotonio Damazo de Mello Impressor de la Casa Real. Año* 1685. *Oferecidas al muy illustre Señor Garcia de Mello Monteiro mor del Reino, Presidente del Dezembargo del Paço, etc. Tom.* III, IV *y* V. *Segunda parte. —El tom.* III *contiene las Canciones, las Odas y las Sextinas. —El tomo* IV *las Elegias y las Otavas. —El tomo* V, *las primeras ocho Eglogas. Lisboa en la Imprenta Craesbeckiana, año* 1689. *Con prevelegio Real.*

O primeiro volume comprehende depois do titulo: a Dedicatoria do editor ao Marquez de Gouvea; approvação assignada em 13 de Março de 1685 por Fr. Manuel de Santo Athanasio, da Ordem dos Capuchos;

as licenças; epigraphes extrahidas dos mesmos auctores que vem nos *Commentarios dos Lusiadas*. Advertencias para que se lean con toda luz estos *Comentarios*. Prologo. Vida del Poeta. Juiso destas Rimas. Discurso acerca de los versos de que constan los Poemas contenidos en los tres tomos primeros de estas Rimas, etc. Segue o *Commentario*. Na parte superior da folha onde começa a *Vida do Poeta* se vê uma vinheta que parece representar o Commentador que offerece uma corôa ao Poeta, que é levado pelo braço por Minerva.

O volume II comprehende a dedicatoria a Garcia de Mello, Presidente do Desembargo do Paço, assignada por Ignacia Maria de Carvalho editora e representante da officina Craesbeckiana. Segue o *Commentario*.

No anno de 1644 tinha Manuel de Faria e Sousa concluido um segundo borrador d'estes *Commentarios* com este titulo: —*Varias Rimas de Luis de Camões, comentadas por Manoel de Faria y Sousa Cavallero de la Orden de Christo y de la Casa Real. Segundo borrador. Madrid,* 1644.

Existe este segundo borrador autographo, com folhas trocadas com muitas entrelinhas e chamadas, e bocados pequenos colados, de sorte que não foi este o que serviu para a impressão, o qual devia ser interessante, porque se este contém alguns ineditos do Poeta, e o commentario de algumas poesias menores, aquelle que fosse feito posteriormente a este, daria logar a novas descobertas. O commentario ás comedias existia em Evora na livraria do Conego Mira; fiz toda a diligencia pelo descobrir, porém não me foi possivel saber para onde passou. Foi pena que o padre Thomás José de Aquino e Francisco Trigoso nos não dessem noticias mais circumstanciadas d'este manuscripto, pois ambos o viram. Na bibliotheca do Duque de Villa-Hermosa em Madrid me consta existirem uns *Commentarios* autographos de Faria e Sousa, e como elle os copiou umas seis ou sete vezes, talvez seja algum jogo completo. Animei-me que na casa do sr. Conde da Figueira encontraria alguns trabalhos litterarios de Faria e Sousa, porque, como é notorio, elle falleceu em Madrid em casa do Marquez de Montebello, ascendente da Ex.^ma^ Sr.^a^ Condessa da Figueira, e talvez ahi ficassem parte dos seus papeis; porém tendo-me o sr. Conde com a maior franqueza, tão propria do seu genio cavalheiresco, permittido percorrer os manuscriptos da sua casa, não encontrei letra de Faria e Sousa, postoque existia um assento interessante de mão do proprio Marquez de Montebello, de que mais adiante faremos menção, relativo á morte de seu hospede o Commentador.

Por morte de Manuel de Faria e Sousa se passou de Castella a este reino, com toda a sua familia, seu filho o Capitão Pedro de Faria e Sousa, onde foi mui bem recebido de El-Rei D. João IV, que, por Alvará de 9 de Março de 1651, lhe fez mercê de um logar de justiça que estivesse em relação com a sua pessoa, attendendo á falta de meios em que se achava, ao ter-se passado de Castella a este reino, e a ser filho de pessoa tão benemerita n'elle pelos escriptos e obras que compoz e deu á impressão, e na mesma data lhe fez mais mercê de uma tença de 50$000 réis no reguengo de Aguiar. Trouxe o Capitão Pedro de Faria e Sousa comsigo as obras de seu pae, que no prologo do tomo II da *Asia Portugueza* nos diz escrevêra uns cem tomos dos quaes deitára ás chammas uns dez, e alguns lhe furtaram, e entre os que trouxe vinham os oito tomos dos *Commentarios* ás obras de Camões. No anno de 1666 começou a impressão das obras de seu pae na officina de Henrique Valente, publicando o primeiro tomo da *Asia Portugueza*, e concedendo-se-lhe a 8 de Maio do anno seguinte de 1667 privilegio para a publicação d'estas obras, e das que lhe furtaram. No intervallo da publicação do segundo tomo da *Asia* achava-se Pedro de Faria e Sousa, por motivo que ignoro, preso na cadeia do Limoeiro e degradado para o Brazil, e tendo elle supplicado a El-Rei D. Pedro, então Principe Regente, o mandasse soltar para continuar com a impressão das *Historias* de seu pae Manuel de Faria e Sousa, por alvará de 13 de Janeiro de 1672 se lhe concedeu a cidade por homenagem, para continuar na publicação das ditas obras. Publicou-se o segundo tomo da *Asia* no anno de 1674, e a *Europa* no de 1678; e na censura d'esta, feita por D. Antonio Alvares da Cunha, e que precede o privilegio, se diz que o impressor Antonio Craesbeck de Mello, alem dos tomos *historiaes*, tem oito dos *Commentarios* ás *Rimas* de Luiz de Camões. Se os *Commentarios aos Lusiadas* soffreram contrariedade na sua publicação por parte do Tribunal do Santo Officio, o mesmo aconteceu com estes *Commentarios* que se intentavam publicar no anno de 1677. Em 28 de Maio d'este anno foram mandados examinar pelos Qualificadores o Dr. Jorge de Carvalho, Fr. Agostinho de S. Thomás e Fr. Duarte da Conceição. O primeiro mostra que era Benedictino approvando, com encarecido elogio, estes *Commentarios;* o mesmo porém não aconteceu aos outros dois companheiros. O segundo, Fr. Francisco de Santo Agostinho, formulou uma censura que abrange umas trinta paginas, assignada em 14 de Julho de 1678, na qual fustiga asperamente o Commentador, não só por elle se atrever a increpar o Tribunal, mas pela materia errada que encon-

trou em varios logares do livro, que especifica e são de todo o interesse porque nos dá noticia de muitos logares emendados. O ultimo Qualificador Fr. Duarte da Conceição foi o echo do seu collega, postoque não tão diffusamente, porque a sua censura, que é assignada em 24 de Abril de 1679, abrange umas cinco paginas. Póde não obstante Pedro de Faria, ou o editor Craesbeck, conseguir que os *Commentarios* voltassem novamente á Inquisição que permittiu, vistas as informações que houve, que estes se podessem imprimir com as emendas notadas; esta censura é assignada em 2 de Junho de 1679 por differentes censores; a saber: Manuel Pimentel de Sousa, Manuel de Moura Manuel e Fr. Valerio de S. Raymundo; o ultimo, pessoa qualificada, que foi Geral dos Dominicos e Bispo de Elvas.

Não sabemos que embaraços e inconvenientes sobrevieram para a publicação d'estes *Commentarios*, que estiveram ainda detidos uns cinco annos com as licenças correntes; suppomos que ou falta de meios do editor, ou excessivo emprego na officina Craesbeckiana. No anno de 1683, El-Rei D. Pedro, por carta passada a 13 de Novembro d'este anno, havendo respeito á satisfação com que Antonio de Craesbeck se tinha havido na arte da imprensa que professava, e haver com sua fazenda impresso a *Asia, Europa* e *Africa* de Manuel de Faria e Sousa, as obras de Mariz, as *Remissões* ás *Ordenações do Reino* de Manuel Barbosa, os *Regimentos do Conselho da Fazenda, Alfandegas, Sizas e artigos d'ellas,* e outras obras de muito credito de escriptores da corôa portugueza, e alem d'isto a ser seu impressor como o havia sido seu pae e avô, e a offerecer-se a imprimir de novo a 1.ª, 2.ª, 3.ª e 7.ª parte da *Monarchia Lusitana,* e a seu filho Theotonio Damazio de Mello ser muito intelligente para o exercicio da mesma arte, lhe fazia mercê, alem de outras que pelos mesmos respeitos lhe havia feito, de 28$000 réis, para seu filho Theotonio Damazio de Mello, para continuar na publicação das obras que se apontavam, os quaes deviam preencher os 40$000 réis que lhe havia concedido para esse fim; e fazia mais mercê ao dito Theotonio Damazio de Mello seu filho do habito da Ordem de S. Thiago que lhe mandou lançar.

Incitado o editor com estas mercês do Soberano, ou porque os *Commentarios* estavam no programma das obras que devia imprimir, saíu á luz com a primeira parte no anno de 1685, dedicada ao Marquez de Gouveia, Presidente do Desembargo do Paço, e a segunda no de 1689, dedicada a Garcia de Mello, Presidente do mesmo Tribunal; por este tempo falleceu Antonio Craesbeck, e por sua morte passou o emprego

de Impressor da casa real, que já exercia seu filho, não sabemos o motivo, para um francez natural de Pat, Miguel Deslandes, como consta do Alvará que lhe concedeu o emprego, mudando já no titulo da segunda parte (1689) a denominação que usára na primeira (1685) de impressor da casa real para imprensa Craesbeckiana. Desgostoso sem duvida por este motivo, ou porque cessasse a ajuda de custo, se limitou a publicar o que já tinha no prelo, ficando assim interrompida esta publicação, que pelos annos de 1733 se tratava de concluir, como nos assegura o Conde da Ericeira, e que devia ser acrescentada com uma terceira comedia e outros versos do Poeta que o Commentador não tinha visto, bem como outras cartas, provavelmente as duas collecções que possuia o Conde de Vimieiro; e outrosim se meditava uma nova impressão do *Commento aos Lusiadas,* com indices e tudo o que podesse contribuir para uma edição.

Manuel de Faria e Sousa nasceu a 18 de Março de 1590, na quinta da Caravella, parochia do Pombeiro, antigo Mosteiro Benedictino, residencia de seus paes, que foram Amador Peres de Eiró e Luiza de Faria. Em 1600 se passou a Braga para seguir os estudos, e no de 1604 entrou ao serviço do Bispo do Porto D. Fr. Gonçalo de Moraes, com quem tinha algumas relações de parentesco, na qualidade de seu Secretario, e durante este tempo escreveu alguns poemas e um livro de cavallaria á imitação do Palmeirim. No anno de 1612 começou a sua inclinação por Albania, e no de 1614, desavindo-se com o Bispo por não querer seguir o estado ecclesiastico em que este o desejava collocar vantajosamente, elegeu o do matrimonio, casando com D. Catharina Machado, filha do Contador-mór D. Pedro Machado, e de D. Catharina Lopes Herrera. De sua mulher, que foi senhora de grande merecimento e o acompanhou sempre nas suas viagens, houve dez filhos. De 1614 a 1618 assistiu no Porto, d'onde se retirou n'este mesmo anno com sua mulher e filhos a viver com seus paes no Pombeiro, e d'aqui partiu em Março do seguinte anno de 1619 para Madrid por Secretario de Pedro Alvares Pereira, senhor de Serra Leoa, designado Conde de Muge, do Conselho d'Estado de Filippe III e IV, e parente do Bispo do Porto, que desejava melhora-lo de fortuna. N'este anno veiu com este senhor a Lisboa acompanhando Filippe III, e no mesmo se passou a Madrid com sua mulher e filhos, mallogrando-se por morte de Pedro Alvares Pereira as esperanças que havia concebido. No anno de 1623 deu principio á impressão dos seus escriptos, e no de 1628 se resolveu a passar-se a Lisboa com a sua familia.

Havia-o proposto o Arcebispo de Braga, pela muita consideração em que o tinha, para Secretario do Estado da India; oppoz-se a este despacho o Marquez de Castello Rodrigo D. Manuel de Moura, que o alentava com esperanças, com o pretexto que o despacho era limitado para pessoa tão benemerita, e a mesma opposição fez ao emprego de Secretario da Camara de Lisboa, em que o mesmo Arcebispo o desejava collocar. Sendo convidado pelo Marquez com instancias para o acompanhar para a sua embaixada a Roma, aceitou Faria e Sousa depois de haver resistido, e estando já em Lisboa se passou no anno de 1631 a despedir de seus paes e terra natal, que não havia tornar a ver, e no seguinte de 1632 se passou a Roma com o embaixador. Em Roma começou a pôr em ordem os seus *Commentarios aos Lusiadas*, que havia começado no anno de 1614 e em que consumiu uns vinte e cinco annos. Sem outra recommendação mais do que a fama do seu nome foi logo procurado pelo Conde de Castel-vilani, Camareiro-mór de Sua Santidade Urbano VIII, dando-lhe Sua Santidade audiencia, em que o distinguiu procurando-lhe noticias do seu amigo o *grande Lope da Vega*, expressões de que usou. Durante o tempo que se demorou n'esta cidade recebeu distincções, não só dos homens illustres de Roma, mas de outras partes da Italia, entrando n'este numero Leão Allacio e Nicolau Serpetro, de Veneza. No anno de 1634 saíu de Roma de volta para Hespanha, e chegando a Madrid foi preso por inconfidencia em casa de D. Pedro do Valle de Lacerda. Indo porém D. Jeronymo de Villanova, cunhado de D. Pedro, a casa d'este, o deu por solto e innocente, dizendo-lhe que Sua Magestade o dava por innocente e de honrado procedimento, e o soltava dando-lhe por prisão a cidade, porque assim convinha ao seu serviço, e para sustento de sua casa sessenta ducados por mez, e logoque saísse podia fallar a Sua Magestade e pedir-lhe mercê, porque lh'a faria como merecia. Passados alguns dias instou para voltar á patria, o que nunca lhe foi concedido, com o pretexto que Sua Magestade queria servir-se d'elle; e instando no anno de 1635 voltar a ella foi detido, já com o pé no estribo, pelo Conde Duque de Olivares. No anno de 1639 publicou os seus *Commentarios aos Lusiadas*, que soffreram a opposição que narrámos; no de 1640, tendo logar a restauração de D. João IV, Manuel de Faria e Sousa ficou em Madrid até o anno de 1649, em que morreu. A sua estada n'esta côrte ao tempo que a sua patria sacudiu o jugo estrangeiro tem sido reputada equivoca. O auctor do *Retrato* D. Francisco Moreno Porcel, rebatendo o auctor do *Portugal Convencido*, que suppoz Faria e Sousa escrevendo em Lisboa a fa-

vor dos direitos de D. João IV, o justifica pela sua fidelidade ao Monarcha castelhano, dizendo que para servir o seu rei vivêra sempre em Madrid cercado de miserias, e que solicitado para passar a Portugal por França, nunca dera ouvidos a essa infame fuga, nem quizera dar as suas *Historias* para se imprimirem em Portugal, receioso que lhe juntassem addições contra a verdade. Pelo contrario o Conde da Ericeira diz que Manuel de Faria e Sousa fôra um fidelissimo confidente do seu Rei verdadeiro D. João IV, e por esse motivo não viera a Portugal, conservando-se d'elle muitas cartas de 1641 a 1649, em que morreu, com as noticias mais seguras, os avisos mais occultos e os conselhos mais prudentes, imitando ao seu intimo amigo o Marquez de Montebello, expondo-se, como ponderou no elogio d'aquelle illustre fidalgo portuguez, a maiores perigos do que os que serviam na guerra.

A maneira distincta com que El-Rei D. João IV recebeu seu filho, agraciando-o, e a denominação de pessoa benemerita que se dá no diploma a Faria e Sousa, faz pender para a asserção do Conde da Ericeira; o seu testamento talvez desse alguma luz a esta materia. No archivo da casa do sr. Conde da Figueira se encontra esta noticia assignada pelo Marquez do Montebello, ascendente da Ex.ma Sr.a Condessa, relatando os ultimos momentos do Commentador de Camões:

«Faleceo Manoel de Faria e Sousa em minha casa nesta villa de Madrid a 3 de junho (1649) ás quatro da tarde dia de Corpo de Deus; depositeio no mosteiro dos Pronostenses na boveda debaxo da capela mayor em entrando no segundo nicho da mão esquerda, sendo Abbade Fr. Ambrosio de Abreu Portuguez.

«Antes de depositállo, sua mulher para desenganar-se de que morrêra, mandou-o abrir, e lhe acharão na bexiga cento e cincoenta pedras pardas todas redondas tamanhas as mais como contas ordinarias, ou ervanços remolhados, e as mais pequenas como sementes de rabãos, tinha na parte inferior da bexiga uma postema tão grande como uma laranja pequena, feita um calo duro, o ril direito mayor que o esquerdo, tambem no meio estava com outra postema pequena. O figado, disse o cirurgião que o abriu, que avendo aberto mais de vinte homens, nenhum achara de tanta grandeza, sendo homem de moderada estatura e pouco corpulento. Morreu com todos os Sacramentos e com pouco desejo de vida, que atravessou sempre com um perpetuo estudo em a escripção de mais de sessenta livros que escreveo, e com dilatar a cura deste mal de que morreo por não mostrar as partes vergonhosas de seu corpo, e quando obrigado das grandes dores que padeceo veio a fazelo

pondo-se em cura, lhe aplicarão leite de burra bebido e não durou quinze dias. Antes de falecer depois de compor seos escriptos, de que mandou rasgar alguns com bem pouca causa, e feito o testamento, e tomados os Sacramentos, deu-lhe um frenesi que o fez cantar, e outras cousas que nunca em vida lhe vi fazer, e em tres dias não comeo nada nem bebeo cousa alguma com desatino e pressa. Pouco a pouco foi espirando sem nenhum movimento, e tendo mais do tempo postos os olhos em um Christo, e com a maior confiança que nenhuma pessoa estava da sua salvação; viveo seis annos na minha casa e nunca o vi colerico, e nos ultimos dias mostrava selo muito, era verdadeiro filosofo, christão em todas as suas acçoens, enemigo de tudo que não fosse verdade e por ella padeceo muitos trabalhos.»

No dia seguinte ao da sua morte, nos diz o seu biographo D. Francisco Moreno Porcel, levaram o seu corpo á sepultura os seus poucos amigos, em que entrava elle, e logo ali lhe pozeram este epitaphio: —*Aqui está Manoel de Faria y Sousa, Cavallero del orden de Christo, y de la Casa Real; murio a tres e fue sepultado a quatro de junio de* 1644.— Depois foi trasladado para o Mosteiro de Santa Maria do Pombeiro, e na sepultura, na qual jaz tambem sua mulher e está na sacristia, tem este epitaphio:

Inclitus hic jacet
Uxore sua sepultus
Scriptor Ille Lusus,
Emmanuel D. Faria e Sousa
Hoc Opido Status
Die Septembris an. Domini 1660.

Demorámo-nos mais com este auctor, não só por ser o principal Commentador do Poeta, mas porque reputâmos que as noticias que dâmos podem servir para esclarecimento da sua biographia e obras.

D. AGOSTINHO MANUEL DE VASCONCELLOS

(16...)

É citado no *Hospital das Letras* a proposito da polemica que houve entre Manuel Pires de Almeida com João Soares de Brito e outros, sobre a critica que fez o dito Manuel Pires aos *Lusiadas*.

D. Agostinho Manuel nasceu em Evora no anno de 1584, filho de Ruy Mendes de Vasconcellos e D. Anna de Noronha; foi degolado no Rocio de Lisboa à 29 de Agosto de 1641, por cumplice na conspiração do Duque de Caminha contra D. João IV.

JOÃO SOARES DE BRITO

(1641)

APOLOGIA EM QUE DEFENDE JOÃO SOARES DE BRITO A POESIA DO PRINCIPE DOS POETAS D'HESPANHA LUIS DE CAMOENS NO CANTO IV DA EST. 67 A 73, &. CANTO II, EST. 24. A JOÃO RODRIGUES DE SÁ CAMAREIRO MÓR D'EL-REI D. JOÃO 4.º N. S. FILHO PRIMOGENITO DO CONDE DE PENAGUIÃO, &. EM LISBOA NA OFFICINA DE LOURENÇO D'ANVERS NO ANNO DE 1641 O PRIMEIRO DA RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL.

No verso da folha do titulo traz tres epigraphes de Cicero, Arnobio e Apuleio. Seguem as licenças, e logo um retrato de Camões de meio corpo, na mesma attitude do que acompanha os *Discursos* de Manuel Severim de Faria, mas com alguma differença no vestuario, e muito melhor gravado. Vem depois o artigo biographico de Camões em latim extrahido do *Theatrum Lusitaniæ Litterarium* do mesmo auctor, e uma carta dedicatoria a João Rodrigues de Sá, filho primogenito do Conde de Penaguião. Segue-se uma folha com as armas dos Condes do mesmo titulo e um panegyrico em versos latinos a João Rodrigues de Sá, feito pelo jesuita Lourenço de Aguillar, e por ultimo duas cartas, uma de Diogo de Paiva de Andrade a João Rodrigues de Sá, e outra d'este a Diogo de Paiva de Andrade.

No fim vem varios sonetos e versos em elogio do apologista, e entre estes um soneto de uma sr.ª D. Serafina de Castello-branco.

Diz o auctor que o critico se convertêra, e de censor se mudára em defensor da poesia do Poeta censurado; porém n'outra advertencia ao leitor dá a entender que reincidíra na culpa saindo com uma replica apologetica.

Theatrum Lusitaniæ Litterarium, sive Bibliotheca Scriptorum omnium Lusitanorum, fol. —Esta obra diz Diogo Barbosa que fôra composta no anno de 1645, e a mandára o auctor em o anno seguinte para se imprimir em París; porém não tendo effeito a sua impressão se conservava o original na Bibliotheca de El-Rei de França, d'onde ex-

trahiu uma copia o Visconde de Villa Nova da Cerveira, Thomás Telles da Silva, quando assistiu n'aquella côrte, a qual communicára a elle Diogo Barbosa, e d'onde tirou as noticias insertas na sua *Bibliotheca Lusitana*. Constava de oitocentos setenta e seis escriptores; seguindo o auctor, como affirma, o estylo do Cardeal Bellarmino de *Scriptoribus Ecclesiasticis*. N'este *Theatrum Lusit. Litt.* vem a biographia de Camões de que fazemos menção, e no titulo se diz que a obra se devia imprimir com brevidade (mox excudendo). Vi uma copia na Bibliotheca de D. Francisco Manuel de Mello, hoje da Bibliotheca Publica.

João Soares de Brito nasceu em Matozinhos, Bispado do Porto, filho de João Monteiro Leão e Beatriz de Brito Soares. Aprendeu Rhetorica em o collegio de Braga dos padres jesuitas, e a Theologia em Coimbra em cuja faculdade se doutorou nas Universidades de Coimbra e Evora, depois de haver dictado Philosophia em Salamanca. Foi provido por João Rodrigues de Sá, que havia sido seu discipulo, primeiro na abbadia de S. Miguel de Rebordosa, e depois na de S. Thiago Dantas no Arcebispado de Braga ambas do seu padroado, e dotadas de copiosa renda que distribuia com os pobres, e falleceu no anno de 1664.

JACINTO CORDEIRO

(1641)

MOTE DO PRINCIPE DOS POETAS LUIS DE CAMOENS TROCADO PELO ALFERES JACINTO CORDEIRO NA FELICE ENTRADA DO REY DE PORTUGAL D. JOÃO IV.

Campos bemaventurados

Vem na obra d'este auctor intitulada: *Silva a El-Rey Nosso Senhor D. João IV que Deus guarde felicissimos annos. Por seu menor vassallo o Alferes Jacinto Cordeiro.* Em Lisboa na officina de Lourenço d'Anvers. Anno 1641. 4.°

Escreveu tambem: —*Elogio de Poetas Lusitanos a Lope da Vega.* Lisboa, 1631. 4.°

Jacinto Cordeiro foi natural de Lisboa e nasceu no anno de 1606. Escreveu para o theatro, e muitas das suas comedias foram representadas em Madrid; foi Alferes de uma companhia de Ordenanças de Lisboa, onde falleceu a 28 de Janeiro de 1646, e jaz sepultado na parochial Igreja da Magdalena.

ANTONIO DE MAGALHÃES E MENEZES

(1645)

Continuou a *parodia* do canto II dos *Lusiadas*, e no anno de 1645 referiu algumas estancias em Madrid a Manuel de Faria e Sousa.

Antonio de Magalhães e Menezes, filho de Constantino de Magalhães e Menezes e de sua mulher D. Izabel Manuel de Aragão, succedeu na casa de seu pae e foi setimo Senhor da Ponte da Barca, e mais terras que lhe confirmou Filippe IV, por carta de 17 de Fevereiro de 1635, e El-Rei D. João IV, por carta de 7 de Fevereiro de 1648; casou com D. Maria da Silveira, filha de Antonio Vaz de Camões e de sua mulher D. Francisca da Silveira.

JOÃO PINTO RIBEIRO

(16...)

COMENTO ÁS RIMAS DE LUIS DE CAMOENS. MS. POR JOÃO PINTO RIBEIRO

Fazem menção d'esta obra: Guerreiro, *Coróa de esforçados Cavalleiros da Companhia de Jesus*, parte II cap. III; Faria e Sousa na primeira *Vida de Camões* e *Fuente de Aganippe*, son. XCII; e Fr. Antonio Brandão no prologo da parte III da *Monarchia Lusitana*, por estas palavras:

«O Licenceado João Pinto Ribeiro Juis de fora que foi de Pinhel e Ponte de Lima, consumado Jurista, o que tem bem mostrado em alguns tratados em materia de sua profissão que dará cedo á luz, mui perito nas lingoas, de cuja condição não vulgar que já apparece nas mãos de seus amigos em discursos e opusculos historicos e politicos, dará total testemunho o excellente comento que tem feito ás obras do nosso Camoens.»

Esta obra diz o padre Niceron que, estando já para se imprimir, derramaram por acaso sobre ella uma pouca de agua forte, o que damnificou algumas folhas; porém o resto que se não perdeu deixava ver que o Commentador era digno do Poeta.

Em quasi todas as outras obras que escreveu, como: *Preferencia das Letras ás Armas* e *Lustre do Desembargo do Paço*, etc., se refere ao Poeta e allega com estancias inteiras dos seus *Lusiadas*.

João Pinto Ribeiro foi, como todos sabem, um dos principaes agen-

tes da acclamação de D. João IV. Nasceu em Lisboa, sendo filho de Manuel Pinto Ribeiro e Hellena Gomes da Silva, pessoas nobres. Foi Juiz de Fóra de Pinhel, e depois de Ponte de Lima, Desembargador do Paço, Fidalgo da Casa Real, Contador-mór da Fazenda e Guarda-mór da Torre do Tombo. Foi casado com D. Maria da Fonseca, de quem não houve geração. Morreu a 11 de Agosto de 1649.

MANUEL PIRES DE ALMEIDA

(16...)

JUISO CRITICO SOBRE O SONHO DE EL-REY D. MANOEL QUE FINGE CAMOENS. MS.

Este MS. conservava-se na livraria do Conde de Vimioso: veja-se a conta da dita livraria, dada pelo Conde da Ericeira á Academia de Historia no anno de 1724, n.º 169.

Postoque não tenhamos por inteiro o *Juizo Critico* d'este detractor de Camões, João Soares de Brito na *Apologia* que deixâmos já citada nos conservou trechos d'esta *Censura* que parece se dividia em cinco capitulos com estes titulos: *Furto; Contradicção de tempo; Confusão em Morpheu; Inconveniencia no logar; Defeito da pintura do Ganges e do Indo.* Alem de Brito e João Franco, responderam outros auctores a esta critica:

Replica Apologetica, etc. João Soares de Brito na advertencia ao leitor que vem na sua apologia diz, que Manuel Pires de Almeida saira com esta *Replica* com que occupou muitas folhas.

Esta *Replica* não podia ser á *Apologia* de Brito que saiu depois, porém provavelmente foi para rebater o *Discurso Apologetico* de João Franco Barreto, que foi escripto em Coimbra no anno de 1639.

Comento ás Lusiadas de Luis de Camoens, 4 *Tomos.* MS. por Manoel Pires de Almeida. —Esta obra deixou no seu testamento para se collocar na livraria de Manuel Severim de Faria, e a conservava Gaspar Severim de Faria, sobrinho do sobredito. No principio dos *Commentarios* trazia uma vida do Poeta; escreveu tambem uma *Arte Poetica.*

Nasceu na cidade de Evora a 6 de Abril de 1597. Duas vezes foi a Roma sendo a segunda já sacerdote; foi prior de uma igreja de Beja, d'onde veiu para Lisboa por convite do Conde de Atouguia, de quem tinha sido mestre, onde falleceu a 19 de Novembro de 1655.

O PADRE FR. MANUEL HOMEM

(1655)

MEMORIA DA DESPOSIÇÃO DAS ARMAS CASTELHANAS QUE INJUSTAMENTE INVADIRÃO O REINO DE PORTUGAL NO ANNO DE 1580, ETC. LISBOA, 1655

É uma obra patriotica na qual o auctor adverte os seus concidadãos dos perigos em que podem caír, e os exhorta á defeza da patria, estimulando-os com os exemplos passados; e trata estrategicamente de varios pontos da milicia, embora alheios da sua profissão; exemplifica com varios logares dos *Lusiadas*, e com elles corrobora as suas asserções.

Foi o auctor Frade dominico, e falleceu em 1662.

FR. FRANCISCO DE MONTE ALVERNE

(16...)

COMENTARIO A CAMÕES POR FR. AYRES CORREIA. MS.

Fr. Francisco de Monte Alverne reduziu este *Commentario* a melhor fórma. Vide *Hospital das Letras* de D. Francisco Manuel.

Chamou-se no seculo Francisco Correia Baharem; nasceu em Lisboa, e foi filho segundo de Simão Correia Baharem, e de D. Paula Rebello. Estudou em Coimbra, e foi Deputado do Santo Officio de que tomou posse a 16 de Maio de 1620.

Recebeu o habito no convento de Santo Antonio dos Capuchos de Lisboa a 16 de Janeiro de 1622, e falleceu em Santo Antonio da Merceana a 5 de Março de 1650.

ANTONIO BARBOSA DE BACELLAR

(1663)

OUTAVA DE LUIS DE CAMÕES GLOSADA PELO DR. ANTONIO BARBOSA DE BACELLAR Á GLORIOSA VICTORIA DO CANAL EM 8 DE JUNHO DE 1663, SENDO GOVERNADOR DAS ARMAS DA PROVINCIA DO ALEMTEJO D. SANCHO MANOEL CONDE DE VILLA FLOR. LISBOA, NA OFFICINA DE HENRIQUE VALENTE DE OLIVEIRA, IMPRESSOR DE S. MAGESTADE. ANNO 1663. 4.º

Antonio Barbosa de Bacellar, Doutor em Direito Civil pela Universidade de Coimbra e oppositor ás Cadeiras da mesma faculdade, seguiu

a vida da Magistratura exercendo varios logares, e foi por ultimo nomeado Desembargador da Casa da Supplicação de Lisboa a 22 de Novembro de 1661; nasceu em Lisboa pelos annos de 1610 e falleceu no hospital das Chagas da mesma cidade aos 13 de Fevereiro de 1663. O sr. Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario Bibliographico* faz uma judiciosa reflexão, e é esta: «Como, tendo Bacellar fallecido a 13 de Fevereiro de 1663 podia fazer esta glosa allusiva a um acontecimento que teve logar a 8 de Junho?»

ANDRÉ RODRIGUES DE MATTOS

(1663)

TRIUMFO DAS ARMAS PORTUGUEZAS DEDUZIDO DE VARIOS VERSOS DO INSIGNE POETA LUIS DE CAMÕES, GLOSADAS E REDUZIDAS AO INTENTO POR ANDRÉ RODRIGUES DE MATTOS. DEDICADO AO EXCELLENTISSIMO SENHOR D. LUIS DE SOUSA E VASCONSELLOS, CONDE DE CASTELLO MELHOR, ESCRIVÃO DA PURIDADE DEL REY NOSSO SENHOR, ETC. LISBOA, NA OFFICINA DE ANTONIO CRAESBECK DE MELLO. ANNO 1663. 4.°

André Rodrigues de Mattos, Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, Bacharel em Canones pela Universidade de Coimbra, Academico dos Generosos e dos Singulares, era natural de Lisboa onde nasceu no anno de 1638, e falleceu, na sua quinta do Campo Grande, a 17 de Agosto de 1698. Traduziu o poema da *Gerusalemme Liberata* do Tasso.

MANUEL GOMES GALHANO DE LOUROSA

(16...)

COMENTO SOBRE O CANTO I DOS LUSIADAS, POR MANOEL GOMES GALHANO DE LOUROSA. MS.

Faz menção d'esta obra o mesmo auctor no seu tratado dos *Cometas. Polymathia, exemplar doctrina de discursos varios. Cometographia metereologica do prodigioso Cometa que apareceo em Novembro de* 1664. Lisboa, por Antonio Craesbeck de Mello 1666.

Foi natural da Villa de Almada, medico e astrologo; jaz sepultado no convento dos Arrabidos de Caparica.

ANTONIO GOMES DE OLIVEIRA

(16...)

COMENTO AOS LUSIADAS DE LUIS DE CAMÕES,
POR ANTONIO GOMES DE OLIVEIRA. MS.

Esta obra começou a imprimir-se conforme assevera Barbosa; vem d'este auctor uns versos a João Soares de Brito, no fim da sua *Apologia* dos *Lusiadas;* vi tambem d'elle uns versos em um manuscripto.

Foi natural da Villa de Torres Novas, filho do Dr. Nicolau Lopes, professor de Medicina, e Brites Gomes. Foi Secretario de Mathias de Albuquerque, Conde de Alegrete; estudou na Universidade de Coimbra, e serviu na guerra da acclamação de D. João IV, achando-se nas batalhas de Montijo e linhas de Elvas. Compoz dois poemas epicos, um intitulado *Poema Historico das Acçoens d'El-Rei D. João I*, e o outro *Herculeida*. Foi elogiado, alem de outros, por Manuel de Gallegos e Manuel de Faria e Sousa. D. Francisco Manuel de Mello nos seus *Apologos Dialogaes* falla d'este auctor referindo-se aos seus *Idilios Maritimos* a pag. 384 e 385, e faz d'elle este conceito: «Elle foi o primeiro que trouxe a Portugal a cultura dos versos aureos. Gongora sendo soberbo e desabrido assás, respeitou notavelmente esta composição de Oliveira, havendo-lha communicado. Oliveira foi homem estudioso, mas padeceo sua indegestão de Musa infelice, procedida da frialdade do genio. As suas obras imperfeitas, se acaso o não forão todas, he hum poema heroico portuguez delRey D. João o I, que deixou quasi no fim e as historias em prosa da Ilha Terceira.»

MANUEL LOPES FRANCO

(16...)

CANTO I E II DA VIDA DO PRINCIPE DOS POETAS O GRANDE LUIS DE CAMOENS,
POR MANOEL LOPES FRANCO. MS.

Tem no principio de cada canto o argumento por esta fórma:

Canto I. —«Expoem-se a materia, falla-se com o heroe que se celebra, implora-se Caliope, mostra-se Camoens vaticinado, faz-se Concilio no Pindo para sahir á luz, descreve-se a determinação, etc.»

Canto II. —«Sahe Camoens á luz e celebra-se o seo nascimento; procura a Universidade de Coimbra, he illuminado das Sciencias, volve para Lisboa; repetem-se os amores que teve com huma dama do Paço, pondera-se a força do amor origem toda do seo desterro.»

É escripta em oitava rima e começa:

Quem com lyra subtil echo suave
As numerosas Tagides implora,
Quer só de hum grande heroe altivo e grave
As acçoens celebrar com voz canora;
Com epico furor metrica clave
Pertende o plectro meu mostrar agora,
Que a impulsos de hum divo entusiasmo
Foi nas armas terror, nas letras pasmo.

Manuel Lopes Franco foi natural da provincia do Alemtejo; diz Barbosa que estes dois cantos que tinha completos entregou ao Dr. Manuel de Oliveira Ferreira, Reitor da igreja de Oliveira de Azemeis, para os rever e emendar, e que por ausencia do auctor se conservavam nas mãos do dito Reitor. Existe hoje uma copia na bibliotheca de Jesus (da Academia Real das Sciencias de Lisboa).

FR. JORGE DE CARVALHO

(1677)

CENSURA AOS COMENTARIOS ÁS RIMAS DE LUIS DE CAMÕES POR MANOEL DE FARIA E SOUSA. MS. 1677

N'elles não encontrou cousa alguma contraria á fé e bons costumes, mostrando bem que era Benedictino, por divergir dos outros dois seus collegas.

Fr. Jorge de Carvalho foi natural de Lisboa e filho de Sebastião de Carvalho, Desembargador do Paço, instituidor do Morgado de Sernacelhe, e de D. Maria de Braga e Figueiredo. Professou, sendo moço, na Ordem Benedictina em o convento de Tibães a 13 de Janeiro de 1623. Foi Doutor em Theologia pela Universidade de Coimbra, Qualificador do Santo Officio, Abbade dos conventos do Porto, Santarem, Refoyos e da Estrella em Lisboa.

FR. AGOSTINHO DE S. THOMÁS

(1678)

CENSURA AOS COMENTARIOS ÁS RIMAS DE LUIS DE CAMÕES POR MANOEL DE FARIA E SOUSA. MS. 1678

Fez uma longa censura ao texto e ao commentario, que occupa umas quinze folhas.

O Censor era Qualificador do Santo Officio e da Ordem dos Dominicanos.

FR. DUARTE DA CONCEIÇÃO

(1679)

CENSURA AOS COMENTARIOS ÁS RIMAS DE LUIS DE CAMÕES POR MANOEL DE FARIA E SOUSA. MS. 1679

Fez varios reparos não só ao texto, mas aos *Commentarios*, reparos que occupam duas folhas e meia.

O Censor foi Qualificador do Santo Officio e pertencia á Ordem dos Franciscanos.

ANDRÉ NUNES DA SILVA

(16...)

LIÇÃO ACADEMICA SOBRE O POEMA DE LUIS DE CAMOENS. MS.

Achava-se esta obra na livraria dos padres Theatinos d'esta côrte, e em poder de alguns curiosos. Vide Thomás de Aquino, edição de Camões.

Nasceu a 30 de Novembro de 1630; vindo do Rio de Janeiro, aonde tinha acompanhado seus paes, foi feito prisioneiro á entrada de Lisboa em um combate com a nossa esquadra, e do general Black, que bloqueava Lisboa por causa do asylo que se deu aos Principes inglezes. Era sacerdote e foi um dos alumnos da Academia dos Singulares. Em 1684 se recolheu á casa de S. Caetano dos Clerigos Regulares da Divina Providencia, e ahi residiu até á sua morte que teve logar a 3 de Maio de 1705, e foi sepultado debaixo do altár da capella de Nossa Se-

nhora da Conceição da igreja das Mercês, que fundou e dotou com renda para uma Missa perpetua. Na Bibliotheca Nacional existe um retrato seu de meio corpo. Sobre este auctor veja-se a sua vida escripta por D. Thomás Caetano do Bem, nas *Mem. Hist. e Chron. dos Clerigos Regulares,* tom. I, pag. 465 e 492; Canaes nos *Estudos Biographicos,* pag. 231; e *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva.

DOMINGOS LOPES COELHO

(1699)

ECCO SAUDOSO QUE NO CORAÇAM DO MAYOR MONARCHA JUSTAMENTE SENTIDO RESPONDE AO RIGOR COM QUE A PARCA A IMPULSOS DA TYRANIA O DESTRUHIO DA POSSE DO SEU MAYOR BEM NA MORTE DA AUGUSTISSIMA SERENISSIMA SENHORA D. MARIA SOFIA ISABEL RAINHA DE PORTUGAL.

«Glosa ao soneto decimo-nono da primeira parte das *Rimas* de Luis de Camões, dedicado ao Excellentissimo Marquez de Alegrete dos Conselhos d'Estado e Guerra do muy Alto e muito Poderoso Rey D. Pedro II, Embaixador extraordinario ao Imperio, Gentil-Homem de sua Camara e Vedór de sua Fazenda. Por Domingos Lopes Coelho. Lisboa, 1699.»

O auctor foi natural de Lisboa; Barbosa e o sr. Innocencio Francisco da Silva fazem menção d'elle, porém não poderam colher particularidades da sua vida.

BERNARDINO BOTELHO DE OLIVEIRA

(1699)

SENTIMENTO LAMENTAVEL QUE A DOR MAIS SENTIMENTAL EM LAGRIMAS TRIBUTA NA INTEMPESTIVA MORTE DA SERENISSIMA RAYNHA DE PORTUGAL NOSSA SENHORA D. MARIA SOFIA IZABEL DE NEOBURG

«Glosa ao vigessimo-segundo soneto da Terceira parte das *Rimas* do Apollo portuguez o grande Luis de Camoens:

«Choray Nymfas os fádos poderosos», etc.

«Offerecida á Excellentissima Senhora D. Mariana Theresa de Hon-

helohe, Biscondessa de Villa nova da Cerveira. Por Bernardino Botelho de Oliveira. Lisboa: na officina de Bernardo da Costa. Anno 1699.»

Era natural da Ilha de S. Miguel: não encontrámos particularidades da vida d'este escriptor.

PADRE FRANCISCO DA CRUZ

(16..)

BIBLIOTECA PORTUGUEZA. MS.

Juntou ás *Memorias* que tinham escripto Jorge Cardoso, João Franco Barreto e João Soares de Brito, para as suas bibliothecas portuguezas, alguns outros escriptores addicionando-lhe muitas noticias alcançadas em Roma quando assistiu como revedor dos livros da Companhia de Jesus; estas *Memorias* escriptas na lingua latina se conservavam na livraria do Conde da Ericeira e de Redondo. A parte que pertencia ao Conde da Ericeira pereceu no incendio do terramoto de 1755 com os outros livros que constituiam a sua livraria; a que pertencia ao Conde de Redondo foi vendida com outros manuscriptos para a bibliotheca d'El-Rei D. José por 192$000 réis, como consta de uma relação que o sr. A. J. Moreira fez ver ao sr. Innocencio Francisco da Silva, e assim talvez existam estas *Memorias* na bibliotheca da Ajuda.

Parece que havia um artigo sobre Camões, por quanto João Baptista de Castro, referindo-se a ellas, nomeia alguns escriptores que parodiaram os *Lusiadas*.

O padre Francisco da Cruz, meio irmão da veneravel Soror Maria do Lado, nasceu no Louriçal no anno de 1639, e entrou na Companhia de Jesus a 9 de Dezembro de 1643. Explicou Rhetorica em Braga, em Coimbra Philosophia, e no collegio de Santo Antão de Lisboa Theologia; e sendo chamado a Roma pela opinião da sua litteratura, pelo Geral, ahi foi nomeado Revedor dos livros da Companhia. Foi Reitor do collegio de Santo Antão; Mestre e Confessor d'El-Rei D. João V, a quem foi muito affecto, e assistiu na perigosa enfermidade de que foi atacado aos dez annos de idade.

Falleceu a 29 de Janeiro de 1706 com setenta e sete annos de idade. El-Rei o mandou retratar, estando já no feretro, e assistiu ao seu enterro quasi toda a nobreza.

FR. MANUEL DE SANTA THEREZA E SOUSA

(17...)

COMENTO ÁS OBRAS DO INSIGNE LUIS DE CAMOENS, 4.º MS.
POR FR. MANOEL DE SANTA THERESA E SOUZA

Chamou-se no seculo Manuel Antonio de Sousa e Torres; nasceu no Porto no 1.º de Janeiro de 1696, e professou na Religião Serafica no Convento de Alemquer a 8 de Setembro de 1700.

MIGUEL DA CUNHA DE MENDONÇA

(1707)

IDEA DO PRINCIPE DOS POETAS LUIS DE CAMOENS APPLICADA AO MONARCHA DOS LUSITANOS EL-REY D. JOÃO V NOSSO SENHOR, POR MIGUEL DA CUNHA DE MENDONÇA. LISBOA, NA OFFICINA DE VALENTIM DA COSTA DESLANDES, IMPRESSOR DE SUA MAGESTADE. ANNO DE 1707

É o soneto XXI que começa:

Os reinos e os imperios poderosos,

glosado em oitava rima.

Miguel da Cunha de Mendonça, filho de Simão de Fontes e D. Catharina Michaela da Silveira, natural de Lisboa, falleceu de idade de trinta e tres annos: Barbosa não declara o anno.

JOSÉ DE MACEDO

(1710)

ANTIDOTO DA LINGOA PORTUGUEZA OFFERECIDO AO MUITO ALTO E MUITO PODEROSO REY D. JOÃO V NOSSO SENHOR, POR ANTONIO DE MELLO DA FONCECA. AMSTERDAM MERCADOR DE LIBROS. 4.º

Não traz data, porém a dedicatoria é do 1.º de Janeiro de 1710. —Capitulo ultimo. —*Avisos sobre a emenda acima inculcada dos versos de Camões, e sobre o grande engano d'aquelles, aos quaes o Tasso parece melhor poeta*. Comprehende de pag. 273 até 416.

É uma apologia de Camões, e rebate a idéa dos Tassistas, isto é, d'aquelles que reputavam o Tasso superior a Camões; analysa o poema confrontando estancias dos *Lusiadas* com as do Tasso, e defende o emprego da mythologia, mostrando que o mesmo Tasso não seguiu sempre á risca a abstenção do usò d'ella no seu poema. É notavel esta obra pela liberdade que o auctor tomou de inventar vocabulos. Foi publicada debaixo do pseudonymo de Antonio de Mello da Fonseca.

José de Macedo, filho de Antonio de Macedo e D. Violante de Castilho, nasceu em Lisboa. Foi muito instruido nas Sciencias e Bellas-letras, e soube com perfeição as linguas grega, latina, italiana e franceza. Falleceu em Lisboa a 28 de Julho de 1717, e foi sepultado no convento do Carmo.

FRANCISCO DE PINA DE SÁ DE MELLO

(17...)

COMBATE APOLOGETICO SOBRE A ALLEGORIA QUE DESCOBRIO MANOEL DE FARIA E SOUSA NOS LUSIADAS DE LUIS DE CAMÕES. MS. —BALANÇA INTELLECTUAL EM QUE SE PEZAVA O MERECIMENTO DO VERDADEIRO METHODO DE ESTUDAR QUE AO EX.^{MO} SR. MARQUEZ DE ABRANTES OFFERECE FRANCISCO DE PINA E MELLO. LISBOA, 1752

Defende n'esta obra Camões contra a critica que lhe fez Luiz Antonio Verney no seu *Verdadeiro methodo de estudar*, pretendendo que o critico trasladou as reflexões do padre Rapin.

Francisco de Pina e Mello, Moço Fidalgo da Casa Real, nasceu em Montemór o Velho a 7 de Agosto de 1695. Cursou na Universidade de Coimbra Philosophia e Canones, porém não chegou a formar-se em alguma d'estas faculdades. Foi um dos homens mais eruditos entre os portuguezes do seu tempo. Passou a maior parte da vida na sua terra natal, entregue á cultura das letras e trato das Musas; porém no fim da vida, tornando-se suspeito ao Marquez de Pombal, foi preso na cadeia da Portagem de Coimbra por inconfidencia. Não se sabe ao certo o anno da sua morte, porém no de 1765 ainda vivia como adverte o sr. Innocencio Francisco da Silva, referindo-se á censura que fez como Censor do Desembargo do Paço aos *Elementos de Poetica* de Pedro José da Fonseca. Foi Academico da Academia Real de Historia, e da dos Occultos, etc. Para a sua biographia veja-se o *Dic. Bibl.* do sr. Innocencio Francisco da Silva, e o *Ramalhete*, tomo v, pag. 151.

FRANCISCO LEITÃO FERREIRA

(1718)

NOVA ARTE DE CONCEITOS QUE COM O TITULO DE LIÇOENS ACADEMICAS NA PUBLICA ACADEMIA DE ANONYMOS DE LISBOA DITAVA, E EXPLICAVA O BENEFICIADO FRANCISCO LEITÃO FERREIRA, ACADEMICO ANONYMO, ETC. LISBOA OCCIDENTAL, NA OFFICINA DE ANTONIO PEDROSO GALRAM. ANNO 1718-1721

É dedicada a D. Carlos de Noronha, filho primogenito do Conde de Valladares D. Miguel de Noronha. Aponta muitos logares do Poeta adequados para comprovar e exemplificar as suas asserções em toda a sorte de conceito, ou, como se expressa, em todo o *caracter de dizer*.

Faz varias reflexões sobre muitos logares do *Poema* e rythmas, especialmente na lição XXX, § 2.º n.º 16, pag. 144.

Francisco Leitão Ferreira, Presbytero secular, nasceu em Lisboa a 16 de Maio de 1667, foi Parocho de Nossa Senhora do Loreto de Lisboa da nação italiana, pelo espaço de trinta annos. Foi Academico da Academia Real de Historia, da dos Arcades de Roma, e de outras Academias do seu tempo. Foi homem tido em conta de muito erudito e bom Poeta. Escreveu varias obras, e entre estas as *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra*. Sobre a *Arte de Conceitos* veja-se no *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva o juizo que apresenta de Francisco José Freire, do sr. Luiz Augusto Rebello, e o do proprio auctor do Diccionario. Para a sua biographia, veja-se o seu *Elogio funebre* por Diogo Barbosa, no tomo XV na *Collecção de Memorias da Academia de Historia*.

FR. CHRISTOVÃO DA RESURREIÇÃO

(17...)

EXPLICAÇÃO POR MODO DE COMENTO A CAMOENS.
FOL. MS. POR FR. CHRISTOVÃO DA RESURREIÇÃO

Foi filho de Domingos Gonçalves e Pascoa de Aguiar, natural do Porto. Professou na Ordem de Christo no Convento de Thómar a 10 de Abril de 1681; morreu a 14 de Outubro de 1726.

IGNACIO GARCEZ FERREIRA

(1731-32)

LUSIADA POEMA EPICO DE LUIZ DE CAMÕES, PRINCIPE DOS POETAS DE ESPANHA, COM OS ARGUMENTOS DE JOÃO FRANCO BARRETO, ILLUSTRADO COM VARIAS E BREVES NOTAS, E COM HUM PRECEDENTE APPARATO DO QUE LHE PERTENCE, POR IGNACIO GARCEZ FERREIRA, ENTRE OS ARCADES GILMEDO, A ELREY D. JOÃO V NOSSO SENHOR. TOMO I, NAPOLES NA OFFICINA PARRINIANA 1731. TOMO II, EM ROMA NA OFFICINA DE ANTONIO ROSSI, 1732

Depois da dedicatoria a El-Rei D. João V, datada de Napoles a 21 de Dezèmbro de 1730, vem um catalogo dos auctores citados na obra.

Segue um *Apparato Preliminar* á *Lusiada,* em que se expõe quanto pertence á condição do Poeta, e á qualidade e particularidades do *Poema,* dividido em quatro livros.

O primeiro trata do que pertence ao Poeta, a saber: a sua vida; elogios dirigidos ao mesmo; catalogo das suas obras e principaes edições; traducções impressas e manuscriptas; expositores e juizo dos seus *Commentos.* Os outros tres livros contêem o que pertence ao *Poema.*

Acompanha este primeiro volume uma boa estampa allegorica com o retrato do Poeta, gravado por João Carlos Allet, e um mappa da derrota de Vasco da Gama.

No segundo tomo se desculpa de alguma imperfeição na desigualdade do caracter da letra e pelas erratas, o que procedeu de ser este impresso em Roma, tendo sido o primeiro em Napoles, e da involuntaria mudança de domicilio do auctor, que deu logar á falta de socego de animo que é preciso para a correcção de um livro.

Cada canto é precedido dos argumentos de João Franco Barreto, e em baixo do texto tem as notas em duas columnas.

O Commentador mostra alguma severidade na critica, apresenta comtudo erudição; o padre José Agostinho de Macedo se serviu muito do trabalho de Garcez para a censura dos *Lusiadas.*

Ignacio Garcez Ferreira nasceu na Villa de Almeida a 18 de Setembro de 1680, e foi filho de Antonio Cardoso, Vedor Geral da Provincia da Beira, e de sua mulher Maria de Carvalho. Tomou a murça de Conego de S. João Evangelista, no Convento de S. Bento de Xabregas, a 19 de Março de 1710. Deixando a Congregação, partiu para Roma a 25 de Dezembro de 1712, onde assistiu até 1728, e ahi foi admittido na

Academia dos Arcades com o nome de Gilmedo. De Roma passou a Napoles, onde se demorou tres annos, e restituido á patria foi provido em uma conezia na Sé de Lamego.

ANTONIO JOSÉ DA SILVA

(1736)

GLOSA AO SONETO DE CAMOENS «ALMA MINHA GENTIL QUE TE PARTISTE» NA QUAL EXPRIME PORTUGAL O SEU SENTIMENTO NA MORTE DE SUA BELLISSIMA INFANTA A SENHORA D. FRANCISCA

São quatorze oitavas e saíram nos *Accentos Saudosos das Musas Portuguezas* ao mesmo assumpto. Parte I. Lisboa, 1736.

Antonio José da Silva, Bacharel formado pela Universidade de Coimbra na faculdade de Canones, foi advogado em Lisboa e celebre poeta comico. Nasceu no Rio de Janeiro a 8 de Maio de 1705, sendo filho de João Mendes da Silva, que exercia a advocacia n'aquella cidade, e de sua mulher Lourença Coutinho. Regressou a Portugal em 1712 ou 1713, por occasião, ao que parece, em que sua mãe vinha presa, por ordem da Inquisição, por culpas de judaismo. Tendo sido elle mesmo preso e saído do carcere a 13 de Outubro de 1726, foi de novo, passados onze annos, preso, e soffreu todo o rigor do Tribunal com a pena imposta de ser queimado vivo, o que desgraçadamente teve execução no Auto da Fé de 1739. Póde ver-se na obra do sr. Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico,* o bem trabalhado artigo sobre este infeliz auctor, onde vem apontadas as differentes biographias que sobre elle publicaram alguns escriptores, e o catalogo das suas obras.

DIOGO BARBOSA MACHADO

(1741)

BIBLIOTECA LUSITANA, HISTORICA, CRITICA E CHRONOLOGICA, NA QUAL SE COMPREHENDE A NOTICIA DOS AUCTORES PORTUGUEZES E DAS OBRAS QUE COMPUZERAM DESDE O TEMPO DA PROMULGAÇÃO DA LEI DA GRAÇA ATÉ O TEMPO PRESENTE. OFFERECIDA Á AUGUSTA MAGESTADE DE D. JOÃO V NOSSO SENHOR. 1741-1759. FOL. GR. 4 TOMOS

No logar competente da *Bibliotheca* vem um longo artigo sobre Camões, acompanhado de uma *Biographia* onde se enumeram as diffe-

rentes edições, traducções e escriptores que escreveram sobre elle e as suas obras, ou se referiram a elle com elogio; nos artigos d'estes escriptores se trata esta materia com mais individuação. Sentimos porém que nos não desse noticias mais circumstanciadas dos dois manuscriptos que se achavam na livraria do Conde de Vimieiro, os quaes continham poesias ineditas do nosso Poeta, e dos autographos de Faria e Sousa.

Diogo Barbosa Machado, filho do Capitão Ignacio Barbosa Machado e de D. Catharina Barbosa, nasceu em Lisboa a 31 de Março de 1682, e fallèceu na mesma cidade a 9 de Agosto de 1772. Seguiu a vida ecclesiastica e foi Abbade de Santo Adrião de Sever, e um dos primeiros cincoenta Academicos da Academia Real de Historia Portugueza. Foi um dos homens de letras mais incansaveis nos seus estudos, e dotou a litteratura patria com o importantissimo trabalho bibliographico da sua *Bibliotheca Lusitana,* sem o qual a mesma litteratura jazeria no chaos. Sobre a sua vida e escriptos veja-se o bem elaborado artigo no *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva.

PADRE FRANCISCO DE SANTA MARIA

(1714)

ANNO HISTORICO, DIARIO PORTUGUEZ, NOTICIA ABBREVIADA DE PESSOAS GRANDES E COUSAS NOTAVEIS DE PORTUGAL. TOMO I. LISBOA, POR JOSÉ LOPES FERREIRA 1714

Reimprimiu-se posthumo 1744. Tomo II e III no mesmo anno. No dia 17 de Julho em que faz fallecido Camões, traz a sua biographia.

Fr. Francisco de Santa Maria nasceu em Lisboa a 11 de Dezembro de 1653. Foi Conego secular de S. João Evangelista, Doutor em Theologia pela Universidade de Coimbra, Reitor da Casa de Santo Eloy, Geral da mesma Congregação e Provedor do hospital das Caldas da Rainha. Diz-se que rejeitára a mitra de Macau, para a qual D. Pedro II quiz nomea-lo em 1692. Falleceu em Lisboa a 13 de Novembro de 1713. Veja-se para a sua biographia o *Elogio* que á sua memoria dedicou Manuel da Cunha de Andrade, impresso em 1739, os *Estudos Biographicos* de Barbosa Canaes, e o *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva. Ha dois retratos do auctor na Bibliotheca Nacional.

MATHEUS DA COSTA BARROS

(1745)

NOVISSIMO COMENTO APOLOGETICO AO POEMA DOS LUSIADAS DE LUIS DE CAMOENS. FOL. 3 TOM. MS.

Diogo Barbosa examinou o tomo II por ordem do Desembargo do Paço, a 16 de Novembro de 1750.

O proprio auctor faz menção d'esta sua obra no *Discurso Apologetico e Critico* que escreveu em defeza da ave Fenix, sua creação e metamorphose, etc. (Lisboa, 1745) por esta fórma:

«Tendo concluido sobre a estancia do canto II do mayor poema com todas as auctoridades e rasoens do meu discurso, a existencia da ave Fenix, e peregrinando pelas licenças o meu primeiro tomo que incluia a referida exposição, apareceo em publico.»

Na mesma obra vem um epigramma latino, e á margem esta nota de Francisco José Freire, auctor do dito epigramma em louvor da obra: «*Est auctor in arte poetica versatissimus, ut Camonis comentaria quæ sub prœlo sunt doctissime testantur.*»

Matheus da Costa Barros nasceu em Lisboa a 21 de Setembro de 1693, filho de João da Costa Rousado e de Marianna Josepha. Casou no anno de 1722 com D. Francisca da Fonseca Coutinho e Azinhaga, filha legitimada de Antonio de Sousa Coutinho, e de Maria da Silva de Figueiredo, de quem teve Antonio de Sousa Coutinho, successor dos Morgados dos Cinco Outeiros e da Arrifana; falleceu a 18 de Agosto de 1746 na villa da Castanheira, e ahi jaz sepultado com sua mulher, na igreja de S. Bartholomeu.

LUIZ ANTONIO VERNEY

(1746)

VERDADEIRO METODO DE ESTUDAR PARA SER UTIL Á REPUBLICA E Á IGREJA, PROPORCIONADO AO ESTILO E NECESSIDADE DE PORTUGAL, EXPOSTO EM VARIAS CARTAS ESCRITAS PELO R. P. ... BARBADINHO DA CONGREGAÇÃO DE ITALIA, AO R. P. ... DOUTOR NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. VALENSA, ANNO 1746

Na carta VII critica Camões em quem reconhece engenho, imaginação fecunda e grande, mas a quem reputa falto de erudição, juizo e dis-

cernimento. Faz os mesmos reparos de Garcez, mas com mais severidade. É objecto da sua critica não só a disposição do Poema, mas ainda acha os seus versos languidos e frouxos. Comtudo tirando os defeitos que aponta, diz que não deixa de ser um dos melhores poetas portuguezes. Que taes serão os outros?

Luiz Antonio Verney nasceu a 23 de Julho de 1713, foi filho de Dyonizio Verney e Maria da Conceição Arnaut. Ouviu philosophia com o padre Estacio de Almeida, e tendo continuado os mesmos estudos em Evora, foi Mestre em artes. Frequentou dois annos na mesma Universidade a Theologia, e passando a Roma em 1736, recebeu o grau de Doutor, sendo provido na dignidade de Arcediago de Evora.

FRANCISCO JOSÉ FREIRE

(1759)

ARTE POETICA OU REGRAS DA VERDADEIRA POESIA EM GERAL E TODAS AS SUAS ESPECIES PRINCIPAES, TRACTADAS COM JUIZO CRITICO. DEDICADA AO SR. FILIPPE DE BARROS E ALMEIDA, CAVALLEIRO DA INSIGNE ORDEM MILITAR DE S. JOÃO DE MALTA. LISBOA, NA OFFICINA DE FRANCISCO LUIZ AMENO 1748. 4.º SEGUNDA EDIÇÃO NA MESMA OFFICINA, 1759. 8.º 2 TOM.

Tomo I (edição de 1759), Camões arguido pag. 53, 204 e 205; Allegado com louvor, 67 e 77; insigne pintor de imagens phantasticas, 98 e 116; admiravel nas comparações, 141 e 142; segue os vestigios de Virgilio, ibid.; louvado nas similhanças, 146; na poesia bucolica, 161 e seguintes; louvado, 197.

Tomo II: arguido, pag. 55, 188, 235 e 236; louvado, 191; não tem allegoria universal o seu poema, 214; defendido mal por Faria, 197; merece uma fama distincta, 228; suas virtudes poeticas, ibid.; é admiravel nas pinturas e comparações, 229; seus defeitos, 236; apontam-se causas para ser desculpado, 233; criticado a respeito dos costumes, ibid.; descuidos a respeito do seu heroe, 233; sua excellente hypotiposi, 234; foi inimitavel na pintura dos costumes de um Mouro, ibid.; inverosimilhança do canto VII, 235; a sentença foi pouco observada no seu poema, ibid.; defeituoso na pratica com El-Rei de Melinde, 236.

Entre os seus Epigrammas latinos *(Epigrammatum Centuria*, etc. 1742) o LXXXVII é dedicado a Camões; n'este o compara a Homero, Virgilio, Tasso, Zarate, Milton e Voltaire.

Francisco José Freire, mais conhecido pelo nome de Candido Lusitano que tomou na Arcadia, foi natural de Lisboa e nasceu em 1719. Cursou Humanidades no collegio de Santo Antão dos padres jesuitas, e na casa dos Clerigos Theatinos; e em 1751 vestiu a roupeta dos Congregados de S. Filippe Nery na casa do Espirito Santo de Lisboa. Falleceu em Mafra a 5 de Julho de 1770, sendo atacado de paralysia, e está enterrado no claustro do convento da mesma villa. Veja-se o *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva.

FRANCISCO BERNARDO DE LIMA

(1761)

GAZETA LITTERARIA OU NOTICIA EXACTA DOS PRINCIPAES ESCRIPTOS MODERNOS CONFORME A ANALYSE QUE DELLES FAZEM OS MELHÓRES CRITICOS, E DIARISTAS DA EUROPA. OBRA PERIODICA PARA O ANNO DE 1761. DE QUE HE PROTECTOR O EXCELLENTISSIMO SENHOR D. JOÃO DE ALMADA E MELLO, POR FRANCISCO BERNARDO DE LIMA. PORTO, NA OFFICINA DE FRANCISCO MENDES LIMA 1761. 4.º —TOMO II, LISBOA, NA OFFICINA DE MIGUEL RODRIGUES 1762. 4.º

Obras de Luiz de Camões. Nova edição á custa de Pedro Gendron. Paris. Vende-se em Lisboa em casa de Bornardel e Dubeux, 1759. Na officina de Didot. Tres tomos em 12.º

O auctor faz a analyse d'esta edição que elogia, e critica o auctor do *Verdadeiro Methodo de Estudar* pela critica que faz a Camões. Tomo I, pag. 131.

Francisco Bernardo de Lima: do *Dic. Bibl.* do sr. Innocencio Francisco da Silva, copiâmos a seguinte noticia d'este auctor: «Nasceu na cidade do Porto em 1727, foi Conego de S. João Evangelista, e morreu em 1764 conforme a *Bibliographia Cirurgica,* ou em 1770 segundo a *Descripção do Porto* de Agostinho Rebello da Costa. Para a sua biographia veja-se a referida *Bibliographia Cirurgica* de Manuel de Sá de Mattos, a pag. 145, na qual se encontram especies aproveitaveis.»

MEMORIA DOS CONVENTOS DE LISBOA

(1704)

Existe este manuscripto na Bibliotheca Publica de Lisboa com esta numeração: A 4, II. Descreve o mosteiro de Sant'Anna, e no fim traz

uma biographia de Camões com este titulo: *Memoria do Grande Luiz de Camões.* É escripto no seculo passado, não adianta cousa alguma, só diz que as letras do epitaphio latino estavam em parte gastas.

MANUEL PACHECO DE SAMPAIO

(17...)

EXPOSIÇOENS DE VARIAS OBRAS DE LUIS DE CAMOENS, RECITADAS NA ACADEMIA DOS ANONYMOS POR MANUEL PACHECO DE SAMPAIO, SOCIO DA DITA ACADEMIA

Foi natural de Benavente; nasceu no anno de 1673, e falleceu no de 1737.

THOMÁS JOSÉ DE AQUINO

(1779)

Foi editor da edição de 1779, que se publicou por conta da casa dos srs. Bertrands; no logar competente damos noticia d'ella. Sobre esta edição appareceu uma censura, a que o auctor respondeu com estes opusculos:

Discurso critico em que se defende a nova edição da Lusiada do Grande Luis de Camoens feita no anno de 1779, das accusaçoens que contra elle publicou o auctor da Carta de um amigo a outro, etc. Lisboa, na officina de Simão Thadeo Ferreira. Anno de 1784.

Carta em resposta a hum amigo, na qual se mostra que pela figura synalepha assim como na lingoa latina se podem ilidir os Dithongos na versificação vulgar. Lisboa, na officina de Simão Thadeo Ferreira. Anno de 1785. Vide padre José Valerio.

JOAQUIM JOSÉ DA COSTA E SÁ

(1781)

MEMORIA SOBRE A ORIGEM DAS ACADEMIAS E ACERCA DE UM COMMENTARIO DAS POESIAS DE CAMÕES. MS.

Foi recitada esta *Memoria* na Academia das Sciencias de Lisboa a 18 de Julho de 1781; o sr. Innocencio Francisco da Silva, que nos dá noticia d'ella, diz que se ignora o destino que teve.

Joaquim José da Costa e Sá nasceu por meiado do seculo passado, e casou com D. Anna do Nascimento Rosa de Oliveira Villas-boas, prima do sabio Arcebispo de Evora D. Fr. Manuel do Cenaculo, da qual houve oito filhos, e entre estes o erudito Manuel José Maria da Costa e Sá que foi Secretario da Academia.

Foi Joaquim José da Costa e Sá Professor Regio de grammatica latina e por ultimo Official da Secretaria d'Estado da Marinha. Publicou muitas obras e outras deixou manuscriptas. Veja-se o catalogo d'ellas no *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva.

PADRE JOSÉ CLEMENTE

(1783)

CARTA DE HUM AMIGO A OUTRO NA QUAL SE FORMA JUIZO DA EDIÇÃO NOVISSIMA DO POEMA DA LUSIADA DO GRANDE LUIS DE CAMOENS QUE SAHIU Á LUZ NO ANNO DE 1779. LISBOA, NA OFFICINA PATR. DE FRANCISCO LUIS AMENO 1783

É uma critica á edição dos *Lusiadas* de Thomás José d'Aquino; n'esta carta se faz menção de um manuscripto correctissimo dos *Lusiadas*, que emprestára ao auctor um amigo, dizendo que lh'o fiára em muito segredo um cavalheiro portuguez. Não era este o MS. de D. Marcos de S. Lourenço, não só porque o auctor faz citações relativas a todos os cantos não citando aquelle MS. completo, mas porque no *Juizo do Juizo imparcial*, obra do mesmo auctor, menciona juntamente os dois exemplares.

Juizo do juizo imparcial do moderno anonymo, o qual em vão pertende defender os erros da novissima edição, etc. Lisboa, 1784.

O padre José Clemente foi congregado de S. Filippe Nery.

PADRE JOSÉ VALERIO

(1784)

CAMOENS DEFENDIDO E O EDITOR DA EDIÇÃO DE 1779, E O CENSOR DESTE JULGADO SEM PAIXÃO EM HUMA CARTA DADA Á LUZ POR PATRICIO ALETHOPHILO MISALAZÃO. LISBOA, NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA. ANNO 1784

Foi congregado e depois Bispo de Portalegre.

FRANCISCO DIAS GOMES

(1793)

ANALYSE E COMBINAÇOENS FILOSOFICAS SOBRE A LOCUÇÃO E ESTILO DE SÁ DE MIRANDA, FERREIRA, BERNARDES, CAMINHA E CAMOENS, SEGUNDO O ESPIRITO DO SABIO PROGRAMMA DA ACADEMIA REAL DÁS SCIENCIAS, PUBLICADO EM 17 DE JANEIRO DE 1790. POR FRANCISCO DIAS GOMES.

A fol. 108 do tomo IV das *Memorias de Litteratura* da Academia Real das Sciencias (1793), começa o artigo que trata de Camões.

Esta *Memoria* foi coroada pela Academia na sessão publica de Maio de 1792.

Francisco Dias Gomes foi natural de Lisboa, e nasceu em Março de 1745, sendo filho de Fructuoso Dias, commerciante de mercearia. Destinado a seguir a Universidade de Coimbra, e tendo estudado humanidades, parte nas aulas dos Congregados, e parte com o distincto Professor Pedro José da Fonseca, passou a Coimbra onde se matriculou no primeiro anno Juridico. Sendo porém removido por suggestões de um tio que persuadiu a seu pae que era para elle mais lucrativo um estabelecimento que lhe queria pôr de uma loja de mercearia, veiu Francisco Dias tomar conta do estabelecimento e nas horas que lhe restavam se entregava aos seus estudos, tornando-se um dos homens mais eruditos entre os seus contemporaneos. Morreu em Setembro de 1795, deixando em desamparo a viuva, dois filhos e uma filha. O Barão de Villa da Praia (Stockler) seu intimo amigo, foi o que promoveu publicarem-se as suas obras, e escreveu á frente d'ellas a sua biographia. Veja-se o *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva.

DOMINGOS CALDAS BARBOSA

(1793)

CARTA DE LERENO A ARMIDA EM QUE SE DÃO AS NECESSARIAS REGRAS DOS VERSOS DE ARTE MENOR, ENSINANDO A CONHECER O QUE SEJÃO CONSOANTES, E TOANTES; E O QUE SÃO PALAVRAS AGUDAS, GRAVES E EXDRUXULAS, ETC.

Vem no *Almanack das Musas*. Lisboa, na officina de Antonio Gomes. Anno de 1793, pag. XLVIII.

Domingos Caldas Barbosa nasceu, segundo a opinião mais provavel, no Rio de Janeiro no seculo passado, e morreu a 9 de Novembro de 1800 em Lisboa no palacio do sr. Conde de Pombeiro, de quem foi hospede por muitos annos, cuja amisade possuia, e de quem foi sempre favorecido. Foi Beneficiado e Capellão da Casa da Supplicação de Lisboa, Socio da Arcadia de Roma, á qual foi admittido no anno de 1777, com o nome de Lereno Selimentino; foi mais um dos fundadores e presidente da Academia de Bellas Letras de Lisboa (mais conhecida com o nome de nova Arcadia) cujas conferencias se celebravam no palacio do seu protector e amigo o Marquez de Bellas. Para a sua Biographia veja-se a *Revista Trimensal do Instituto do Brazil,* tomo IV, pag. 210 e tomo XIV, pag. 449, onde vem duas biographias: a primeira pelo Conego Januario da Cunha Barbosa, e outra do sr. F. Warnhagen. Ha outra MS. de José Maria da Costa e Silva, auctor do *Ensaio Biographico Critico,* e o artigo do sr. Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario Bibliographico* d'onde extrahimos esta noticia.

ANTONIO DAS NEVES PEREIRA

(1793)

ENSAIO SOBRE A FILOLOGIA PORTUGUEZA POR MEIO DO EXAME E COMPARAÇÃO DA LOCUÇÃO DOS NOSSOS INSIGNES POETAS QUE FLORECERAM NO SECULO XVI. POR ANTONIO DAS NEVES PEREIRA. TOM. V DAS MEMORIAS DE LITTERATURA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS. ANNO 1793.

A maior parte d'esta *Memoria* é destinada á analyse das obras de Camões. Parte II cap. I § III, do estylo comico de Camões. Exame do estylo heroico epico do nosso insigne Luiz de Camões. Artigo I. Locução symbolica ou do systema. Art. II. Da innovação das palavras, e primeiramente do idioma. Art. III. Vozes derivadas. Art. IV. Palavras antigas. Art. V. Termos technicos. Art. VI. Outra fórma de expressões poeticas. Art. VII. Poesia de verso ou harmonia. Art. VIII. Frazes poeticas. Art. IX. Construcções extraordinarias, pag. 63 a 99. Cap. IV § III. Do estylo pastoril de Camões, pag. 119 a 122. Cap. V. Exame do estylo lyrico de Camões, pag. 142 a 147. Foi premiada esta *Memoria* na sessão publica de 12 de Maio de 1792.

Antonio das Neves Pereira, Presbytero Secular, natural da cidade do Porto, levado pela amisade que havia contrahido com o padre Theo-

doro de Almeida, vestiu a roupeta de Congregado aos 9 de Fevereiro de 1793, sendo já Sacerdote e Professor de Rhetorica em Penafiel. Foi Socio da Academia Real das Sciencias, e morreu na casa do Espirito Santo a 24 de Março de 1818, outros dizem a 2 de Abril.

ANTONIO DE ARAUJO DE AZEVEDO, CONDE DA BARCA

(1806)

MEMORIA EM DEFEZA DE CAMOENS CONTRA MONSIEUR DE LA HARPE, POR ANTONIO DE ARAUJO DE AZEVEDO, CONDE DA BARCA. TOMO VII DAS MEMORIAS DE LITTERATURA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS. ANNO DE 1803

Foi recitada na Assembléa publica da Academia Real das Sciencias de 7 de Maio de 1805, e inserta a pag. 5 do tomo VII das *Memorias de Litteratura* da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Termina esta refutação dizendo que o Poeta é digno, como os heroes que celebrou, de um monumento dedicado á sua memoria; mas sem longos epitaphios, e sómente com a simples inscripção: —*Ao auctor da Lusiada.*

Antonio de Araujo de Azevedo, primeiro Conde da Barca, nasceu na Villa de Ponte de Lima a 14 de Maio de 1754, e morreu a 21 de Junho de 1817 no Rio de Janeiro, para onde havia acompanhado a côrte por occasião da entrada em Lisboa do exercito francez em 1807. Foi Grão Cruz das Ordens portuguezas de Christo e Torre-Espada, e das estrangeiras de Izabel a Catholica, em Hespanha, e da Legião de Honra em França; Enviado extraordinario ás côrtes da Haya e S. Petersburgo, e Ministro plenipotenciario junto á Republica Franceza, em 1795, 1797 e 1801; Conselheiro d'Estado, e ultimamente Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha no Rio de Janeiro em 1814, e primeiro Ministro em 1817; Socio da Academia Real das Sciencias e de outras Associações scientificas e litterarias. Veja-se para a sua Biographia o *Elogio Historico* por Francisco de Mendo Trigoso, impresso no tom. VIII, parte II das *Memorias da Academia Real das Sciencias*, e *Resenha das Familias Titulares de Portugal* por João Carlos Feo Cardoso de Castello Branco, e o sr. Manuel de Castro Pereira; o juizo critico-politico que, ácerca dos actos do seu Ministerio, escreveu no *Portuguez* J. B. da Rocha, tom. VII, pag. 957, e o *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva.

ANTONIO LUIZ DA VEIGA CABRAL DA CAMARA BISPO DE BRAGANÇA

(18...)

COMENTARIO OU DISSERTAÇÃO SOBRE OS LUSIADAS DE CAMOENS. MS. 4.°

Este *Commentario* me disse o sr. Visconde de Balsemão tê-lo visto, e que n'elle demonstrava, á vista do poema dos *Lusiadas*, os variados conhecimentos do Poeta, especialmente na Astronomia e outras Sciencias.

Foi o Bispo homem muito douto, e que em Lisboa teve grande nomeada pelos seus pretendidos milagres. Eu tive occasião de ver uma denuncia de um hospede do Bispo feita á Inquisição, pela qual se vê que o Bispo era dotado de grandes conhecimentos, e que n'aquelle tempo parece que já tirava partido do magnetismo.

PADRE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

(1811)

REFLEXOENS CRITICAS SOBRE O EPISODIO DO ADAMASTOR NAS LUSIADAS CANTO V, OUT. 39. EM FÓRMA DE CARTA, AUTHOR JOZE AGOSTINHO DE MACEDO. LISBOA, NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1811

Escreveu mais: —*O Exame examinado ou resposta a João Bernardo da Rocha e Pato Moniz, por José Agostinho de Macedo.* Lisboa, 1812. —*O Oriente, Poema de José Agostinho de Macedo.* Lisboa, na Impressão Regia. Anno 1820. —*Censura dos Lusiadas, por José Agostinho de Macedo.* Lisboa, na Impressão Regia. Anno 1820. 2 tom. Tem no rosto esta epigraphe tirada de Claudiano:

Tolluntur in altum
Ut lapsu graviore ruant.

Não só na *Censura dos Lusiadas*, obra que conforme uma noticia da sua letra, se ufanava de ter escripto em dez dias, mas nas outras obras aqui citadas, bem como em outras producções periodicas, o auctor procurou desfazer a alta e indisputavel reputação de Camões, com

quem ousou atrevidamente entrar em liça, tomando para assumpto do seu poema o mesmo sujeito. Não admira este arrojo sabendo-se a vaidade de que este auctor, áliás de vastissimos conhecimentos e de superior talento, era possuido. Eu conservo o exemplar do *Oriente* de seu proprio uso, muito emendado pela sua letra, com estancias substituidas, o qual julgo que destinava para uma nova edição; e mais em separado umas quinze estancias com uma dedicatoria ao Papa Leão XII. Acompanha este exemplar uma prefação escripta de letra do auctor, que não sei se deveria apparecer em nome do editor, pela qual não nos devem causar a mais pequena estranheza as suas vaidosas pretenções, pelo excessivo amor proprio que apresenta. Fallando dos *Lusiadas,* diz: «He verdade que este apreço tem sido até agora invariavelmente dado pela mesma Europa ao poema dos *Lusiadas:* A Inglaterra, a França, a Italia e a Hespanha, tanto o conhecem e applaudem, que mais de huma vez o tem vertido em seos naturaes idiomas; mas se ambos os Poemas tivessem a mesma data de nascimento, isto he fossem coevos, a qual delles darião a preferencia estas naçoens illustradas? Eis-aqui o problema, que só poderá ser cabalmente resolvido á vista de hum imparcial exame do livro composto por este malfadado homem que se intitula: *A Censura dos Lusiadas.* Neste livro volumoso, e que foi obra de dez unicos dias, estão aniquilados todos os prestigios, destruidas todas as illusoens.» E mais adiante: «Emquanto ao author, a posteridade se lembrará delle, e lhe fará justiça quando discobrir nelle dous talentos reunidos em um gráo de perfeição, quais se não virão em Marco Tulio, acabado Orador, e acabado Poeta, e se se quiserem lembrar do Author da *Henriade,* será este Historiador, e escritor Filosofo, mas não foi Orador. Neste homem podemos considerar uma aberração da Natureza, na reunião de todos os talentos, porque sendo infinitamente varios seos escritos sem aliança alguma entre si; quando para cada um delles parece que tinha um talento particular, mostrando que só para aquelle nascera, em quanto não trata outro. Não parece o mesmo homem o que sustenta a magestade da Epopéa, e o que conserva a profundidade Filosofica da *Meditação* e vastidão de conhecimentos em o *Newton.* Não parece a mesma penna a que se embrenha nos labyrintos Methafisicos das provas á *priori* da Existencia de Deos, e a que traça ligeiramente as scenas de uma verdadeira Comedia. A alma que he capaz das vastas concepçoens, e das terriveis idéas da Ode pathetica *Kotososof,* remontando-se parallela a Pindaro, não se póde julgar a mesma que tão docemente se recosta em um leito de rosas com *Anacreonte* em

hum centenar de Odes delicadissimas. A severidade filosofica dos dois gravissimos Tratados *O Homem* e *A Verdade*, e o verdadeiro Sal Attico do *Espectador*, do *Desapprovador* não parecem producções do mesmo genio, nem se póde crer que sejão da mesma mão a *Censura dos Lusiadas*, e os *Soliloquios*, nem que seja o mesmo author o que escreveo as cartas a *Attico* e o *Juvenal*, e que nos deo o originalissimo tratado *As Pateadas*. Este homem facundissimo, e igual em tão contrapostos estyllos, teve a vida mais occupada, e trabalhosa, falando todos os dias extemporaneamente a numerosissimos Auditorios sobre as mais graves materias de Religião, e o que delle existe na parte oratoria, sempre foi escrito depois de o haver recitado, circumstancia esta que nunca se vira nem nos mais acreditados Oradores do seculo de Luis XIV, nem entre nós se observou no incomparavel e inimitavel *Vieira*. E deste homem podemos dizer, o que se disse de *Genovesi* em Napoles, e de *Pyron* em França: «Não foi nada, nem Academico, e só adquiriu o que elle mesmo disse que tinha —*Hum lençol para a mortalha.*»

Julgo que isto se escrevia pelo anno de 1822, pois a capa do livro tem escripto: 16 de Junho de 1822. No entanto vi uma carta autographa do Padre ao Morgado de Matheus D. José Maria de Sousa, em que parece que modificava as suas opiniões, incitando o dito Morgado para que publicasse a traducção latina dos *Lusiadas* do padre Francisco de Santo Agostinho de Macedo, e offerecendo-se para a rever. Ha tambem do mesmo padre Macedo uma ode a Camões, publicada no seu poema o *Gama*.

José Agostinho de Macedo foi natural da cidade de Beja e filho de Francisco José Tegueira. Seria longo o artigo que teriamos a dedicar a este escriptor se o comportasse a natureza d'este trabalho. Era alem d'isto inutil faze-lo, porque em breve o publico será sufficientemente informado do auctor e das suas obras pelo sr. Innocencio Francisco da Silva, no artigo que lhe dedica no seu *Diccionario Bibliographico*, e mais especificadamente em uma monographia que prepara d'este celebre escriptor.

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

(1812)

GAMA POEMA NARRATIVO POR JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO, IMPRESSO EM LISBOA, 1811

Uma analyse do poema na qual se trata por esta occasião dos *Lusiadas:* não dá rasão á critica de Racine (Luiz), que diz pretendeu com

ella parodiar os *Lusiadas,* e remata aconselhando o auctor a empregar o seu talento nos heroes modernos, para evitar que fiquem sem os applausos que os antigos obtiveram do immortal auctor dos *Lusiadas. Investigador* n.º 8 (Fevereiro 12 de 1812), pag. 509.

O Gigante Adamastor vingado ou o Gama convertido em Gamelada. —É uma critica a José Agostinho de Macedo, e uma *Apologia* do *Episodio do Adamastor,* cuja originalidade e belleza o auctor prova, dizendo que excede não só no sublime, mas até na grandeza de estylo e na energia da pintura ao *Polyphemo* de Homero e ao *Caco* de Virgilio: esta *Apologia* foi feita contra a censura d'este episodio por José Agostinho de Macedo. *Investigador* n.º 12 (Junho de 1812), pag. 34.

JOÃO BERNARDO DA ROCHA LOUREIRO

(1812)

EXAME CRÍTICO DO NOVO POEMA EPICO O GAMA QUE ÁS CINZAS E MANES DE LUIZ DE CAMÕES, PRINCIPE DOS POETAS, DEDICÃO, COMO EM DESAGRAVO, OS REDACTORES DO CORREIO DA PENINSULA JOÃO BERNARDO DA ROCHA LOUREIRO E NUNO ALVARES PEREIRA PATO MONIZ. LISBOA, 1812. NA OFFICINA DE JOAQUIM RODRIGUES DE ANDRADE.

João Bernardo da Rocha Loureiro nasceu na cidade da Guarda no anno de 1778, e foi Bacharel formado em Leis pela Universidade de Coimbra. Escreveu varios jornaes durante as suas emigrações, e entre estes o *Portuguez;* foi Chronista-mór do Reino e Deputado ás Côrtes. José Agostinho de Macedo, que fôra seu inimigo irreconciliavel, fez d'elle o protagonista do seu poema *Os Burros:* falleceu em Lisboa no anno de 1853.

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(1812)

POESIAS DE ELPINO DURIENSE. LISBOA, IMPRENSA REGIA, 1812-17. 3 VOL.

Tomo I a pag. 136. *A Fileno sobre os Epicos portuguezes:* descreve as bellezas dos *Lusiadas.* Pag. 280. *A um amigo que pedia conselho sobre quaes poetas devia ler;* aconselha Camões como Poeta epico e lyrico.

Tomo II pag. 43. *Á memoria do grande Luiz de Camões*. É uma ode: invectiva a ingratidão dos contemporaneos do Poeta que o deixaram viver na miseria; louva o escravo Jau que lhe mendigava o sustento, e a D. Gonçalo Coutinho, por lhe ter dado sepultura. Pag. 300. *Á memoria do immortal Luiz de Camões*. Soneto.

Tomo III. *As Pandectas e Camões*, pag. 136. É um epigramma. *A Camões salvando-se de um naufragio com o seu Poema, e com a sua espada*. É um soneto.

Antonio Ribeiro dos Santos foi um dos mais eruditos e fecundos escriptores do seculo passado. Nasceu em Massarellos, nos suburbios do Porto, a 30 de Março de 1745; aos onze annos de idade se passou ao Rio de Janeiro e ahi, no Seminario de Nossa Senhora da Lapa, e sob o magisterio de Jesuitas doutos que ali floreciam, fez um curso de Philosophia e Humanidades. Aos dezenove annos regressou a Portugal, e se matriculou na Universidade de Coimbra, onde recebeu o grau de Doutor em Canones, ficando substituto ás Cadeiras d'aquella faculdade. Seguiu o Magisterio na mesma Universidade, e alguns logares na Magistratura, e foi o primeiro Bibliothecario-mór da Bibliotheca Publica de Lisboa, quando esta se organisou em 1796. Foi dos primeiros Socios da Academia das Sciencias. Falleceu a 16 de Janeiro de 1818, na sua casa da rua do Sacramento a Buenos-Ayres. Veja-se sobre este auctor e suas obras o *Dic. Bibl.* do sr. Innocencio Francisco da Silva.

ANTONIO MARIA DO COUTO

(1815)

BREVE ANALYSE DO POEMA ORIENTE, POR ANTONIO MARIA DO COUTO. LISBOA, 1815

Começa por uma dedicatoria: «Ao Excelso Principe dos verdadeiros Poetas portuguezes sempre illustre, e nunca assás decantado Luis de Camões.»

Escreveu mais: —*Manifesto critico, analytico e apologetico em que se defende o insigne vate Camões, da mordacidade do discurso preliminar do Poema Oriente, e se demonstram os infinitos erros do mesmo poema*. Lisboa, na imprensa de J. F. de Campos 1815. —*Analyse do façanhudo Poema Oriente, dada á luz por Antonio Maria do Couto. Producção* XXXVII. Lisboa, 1815.

Antonio Maria do Couto nasceu, segundo se julga, em Lisboa no anno de 1778, e foi filho de Verissimo José do Couto, Commissario de trigos; foi Professor regio de lingua grega, primeiro no estabelecimento do Bairro de Belem e depois no do Rocio. Falleceu no anno de 1843 sendo Reitor do Lyceu Nacional de Lisboa.

JOAQUIM JOSÉ PEDRO LOPES

(1815)

CARTA AO SR. ANTONIO MARIA DO COUTO, NA QUAL SE DÁ BREVE, SÉRIA E TERMINANTE RESPOSTA AO MANIFESTO, EM QUE PERTENDE MOSTRAR OS ERROS DO POEMA ORIENTE E DEFENDER OS DÓS LUSIADAS. POR JOAQUIM JOSÉ PEDRO LOPES. LISBOA, NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1815. COM LICENÇA.

Alem d'esta obra cita o sr. Innocencio as seguintes por occasião da disputa sobre o *Oriente* de José Agostinho de Macedo e a censura do padre aos *Lusiadas*.

Appendix em que se transcrevem e apontam algumas passagens de auctores celebres, que tiveram o arrojo de censurar os Lusiadas de Camões. Na carta de Manuel Mendes Fogaça, de pag. 39 a 56.

Carta ao sr. Antonio Maria do Couto, professor que ensina grego aos seus discipulos. No livro *O Couto* por José Agostinho de Macedo, de pag. 111 a 157.

Joaquim José Pedro Lopes, redactor da Gazeta de Lisboa, ao sr. Antonio Maria do Couto. S. D. No opusculo *Analyse analysada*, de paginas 31 a 54.

Noticia. Lisboa, na Impressão Regia 1815, com as iniciaes J. J. P. L. Uma forte invectiva contra Couto, que publicára a sua *Breve analyse do poema Oriente.*

Joaquim José Pedro Lopes foi Official da Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros, Deputado da Junta dos Reaes Emprestimos, Correspondente da Academia Real das Sciencias e Redactor da *Gazeta de Lisboa*. O sr. Innocencio presume que nascêra no anno de 1778. Contrahiu amisade com o padre José Agostinho de Macedo, a qual conservou até á morte do Padre; tendo sido demittido de todos os seus empregos em Julho de 1833, falleceu em penuria e cego, em 11 de Novembro de 1840.

NUNO ALVARES PEREIRA PATO MONIZ

(1815)

EXAME ANALYTICO E PARALLELO DO POEMA ORIENTE DO PADRE
JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO COM A LUSIADA DE CAMÕES.
LISBOA, TYP. LACERDINA 1815. 8.º 1 VOL.

Nuno Alvares Pereira Pato Moniz nasceu em Lisboa a 18 de Setembro de 1781, e morreu desterrado em Cabo Verde, na ilha do Fogo, em 1827, dizem que no proprio dia em que partia de S. Thomé uma sumaca, em que o Governador o mandou buscar para traze-lo comsigo para Lisboa.

Seu pae possuia em Alcochete um pequeno morgado, cujos bens o filho empenhou ou alienou por modo que pouco ou nada percebia dos rendimentos, vivendo de escrever para o theatro, e do producto das obras e periodicos que imprimia.

Alem do muito que deixou publicado, ficaram por sua morte muitas poesias ineditas em todos os generos; entre ellas algumas tragedias originaes, e uma collecção de fabulas em numero de cento e cincoenta. Estas obras existem hoje, autographas, em poder de seu irmão. Devo esta noticia ao sr. Innocencio Francisco da Silva.

D. JOSÉ MARIA DE SOUSA BOTELHO

(1817)

OS LUSIADAS POEMA EPICO DE LUIS DE CAMÕES.
PARIS, NA OFFICINA TYPOGRAFICA DE FIRMIN DIDOT 1817. 4.º

Persuadido o illustre editor de que não é só no bronze e na pedra que se talham os monumentos aos homens eminentes, mas que nenhum póde ser mais duradoiro do que a reproducção pelos prélos das suas obras, tratou de preencher este vacuo, com espirito verdadeiramente patriotico, dotando a sua patria com a primorosa e nitida edição do *Poema Nacional,* tornando-se benemerito por este facto dos seus concidadãos e dos homens de letras.

A Academia Real das Sciencias, a quem foi apresentada, elogiou logo o editor, e em seguida nomeou uma commissão para lhe dar conta

d'esta nova e nitida edição, da qual foram membros: Antonio Caetano do Amaral, Matheus Valente do Couto e Sebastião Francisco Mendo Trigoso, sendo o ultimo o relator.

Repartiu a Commissão a sua analyse em duas partes, artistica e litteraria; emquanto á primeira damos aqui o seu juizo: «O *Poema dos Lusiadas,* impresso em París no anno proximo passado, na officina de Firmin Didot, é em quarto atlantico, e occupa com as notas quatrocentas e treze paginas, alem da dedicatoria a Sua Magestade, que não é numerada, e de uma advertencia, que juntamente com a *Vida do Poeta* enchem cento e trinta paginas. O papel é o velino mais bello e mais igual; os typos, fundidos de proposito, são os mais nitidos e perfeitos que se podem ver, e mostram que n'este ponto e genero de impressão tem a arte chegado ao maior auge a que podia aspirar; a tinta é de uma optima côr; a tiragem, tanto das folhas como das estampas, é a mais limpa possivel: n'uma palavra esta edição é igual, n'estes differentes artigos, ás que se tem feito de maior luxo, e ainda mesmo excede a maior parte d'ellas.

«As estampas que a acompanham, postóque não tenham todas o mesmo grau de perfeição, são executadas em geral sobre um desenho, e por um buril, que faz honra aos Mestres que as desempenharam, e ao grande pintor Mr. Gerard que as dirigiu. O busto de Camões, que se póde olhar como uma obra prima d'este celebre e illustre artista, é cheio de expressão e vida, e dá bem a conhecer a grande alma do Poeta; não é só no semblante que elle está vivo, é tambem no resto do corpo, e o seu braço direito sobre tudo chega a illudir os sentidos, e parece animado. Os ornatos d'esta estampa, de uma extraordinaria riqueza, e que contrastam com a nobre simplicidade das outras, são como um tributo pago ao gosto do seculo; e ainda que variados, e optimamente desempenhados, não distrahem a attenção do objecto principal. A este retrato segue-se outro de vulto inteiro, em que o mesmo Camões apparece na gruta de Macau em um momento de extasi e de contemplação, animado pelo estro, e trasbordando-lhe no semblante o divino fogo da poesia. As outras estampas, em numero de dez, correspondem aos dez cantos da *Epopéa,* e apresentam os passos mais notaveis de cada um d'elles: O conselho dos Deuses; a visita do Rei de Melinde ao Gama; o assassinio de D. Ignez de Castro; o sonho de El-Rei D. Manuel, em que lhe fallam os rios Indo e Ganges; a apparição do gigante Adamastor na passagem do Cabo da Boa-Esperança; a imagem de Venus e das Nereidas, quando no canto VI applacam os ventos; o

desembarque do Gama em Calecut; a sua segunda entrevista com o Samorim; Thetis coroando o heroe na ilha de Venus; e finalmente a audiencia que lhe dá o Monarcha portuguez na volta da sua expedição: taes são os assumptos que n'estas gravuras se representám, e nos quaes tanto a escolha como a execução são dignas de todo o elogio; é pois com sentimento, que deixâmos o seu exame para chegarmos mais depressa ao artigo, que revela principalmente o merecimento litterario do sr. Morgado de Matheus, e que é talvez o mais proprio a grangear-lhe o reconhecimento da Academia e do publico illustrado.»

Concordando perfeitamente com a Academia no merecido elogio que faz ao illustre editor, não posso deixar de expressar um pequeno sentimento, e este é, que não tivesse antes dado o retrato que vem na biographia de Manuel Severim de Faria, que se diz ser copiado de um tirado do original, e que possuia o amigo do Poeta Manuel Correia, devendo assim reputar-se o mais genuino; outrosim, seria para desejar que na edição se juntasse um retrato de Vasco da Gama. Lamberto Gil, descrevendo esta primorosa edição que havia saido ao mesmo tempo da sua traducção hespanhola dos *Lusiadas*, e a cuja execução artistica faz o mais exaltado elogio, lhe nota dois descuidos; o primeiro, ter esquecido o representar o Poeta cego na gruta de Macau; e o segundo, as Nymphas que baixam ao mar por ordem de Venus, para applacar os ventos (canto VI, est. 87.), não levarem as corôas na cabeça que Venus lhe mandou pôr, «e (diz o traductor hespanhol) no debieron olvidar-se tan bellas guirnaldas, a no ser que el pintor no se atreviese a copiar la delicada pintura que hace de ellas el Poeta.» O mesmo auctor nos diz que o Instituto Real de França nomeára uma Commissão para examinar o merito d'esta edição. Quando em uma obra da magnitude d'esta se notam tão raras e pequenas imperfeições é prova do grande merecimento d'ella. Emquanto á parte litteraria, elogiando a Commissão a biographia do Poeta composta pelo editor, a qual se torna recommendavel pela sensibilidade com que é escripta, e a judiciosa apreciação que faz da *Epopéa*, é de parecer que deveria seguir a reputada segunda edição de 1572, pela julgar mais correcta, e deveria conservar a antiga orthographia.

A este relatorio respondeu o editor com uma apologia que se publicou com este titulo nas *Memorias* da mesma Academia: —*Carta do sr. D. José Maria de Sousa á Academia Real das Sciencias de Lisboa.* Tomo V, Parte I, pag. CVIII. Por esta occasião appareceu tambem uma critica nos *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras*, escripta por

Francisco Solano Constancio. Tomo IV, pag. 3, Parte I; e Tomo V, pag. 47, Parte I, á qual respondeu Bento Luiz Vianna com um opusculo intitulado: —*Breve resposta á critica da nova edição dos Lusiadas publicada em* 8.º *n'este anno por Firmino Didot, a qual critica appareceu no volume* IV *dos Annaes. Por Bento Luiz Vianna.* París, na officina de P. N. Rougeron 1819. 8.º[1]

Na casa dos srs. Condes de Villa Real existe um muito rico e unico exemplar d'esta edição, impresso em pergaminho; ao obsequio e benevola franqueza do fallecido Conde, que teve a bondade de o franquear para o meu exame, devo a opportunidade de poder fazer conhecer ao publico este precioso monumento typographico e artistico. O mesmo Conde teve a delicadeza e bondade de formular sobre os apontamentos de seu avô, a nota que em seguida junto, onde vae lançada a despeza que se fez com a edição, numero de exemplares que se tiraram, e pessoas a quem se distribuiram, prestando-se igualmente a confiar-me para meu exame duas pastas da correspondencia de seu avô com homens notaveis nas sciencias, quando trabalhava na sua edição, exame que não pude levar a cabo pela inesperada morte do mesmo Conde.

Consta o exemplar, impresso em bello pergaminho, de dois volumes riçamente encadernados em marroquim roxo com as armas do Conde de Villa Real D. José, no centro da capa, por quem foi mandada fazer a encadernação em Inglaterra. Titulo da lombada do livro: *Os Lusiadas de Luiz de Camões. Illustrados por D. José Maria de Sousa, com os desenhos originaes.* Vol. I e II. Antes do titulo vem o retrato de Camões; tanto esta como as outras estampas estão por esta ordem: Primeiro o desenho original, depois a primeira prova, e a final a gravura. Primeira estampa, Gerard Del.[t] Effig. L. Visconti Del.[t] Pluteum. F. Lignon Sculp.[t] Por baixo d'estas subscripções, e ao meio da folha, Durand imprimiu as estampas. Depois do titulo ha uma folha em branco, e segue-se o retrato de D. José Maria de Sousa em uma elliptica que se acha como encaixilhada em um parallelogramo. Está retratado a meio corpo de capa, e tendo na mão uns papeis que representam o seu manuscripto. Por cima do retrato: —*Ob illustratos Lusiadas*—, e na parte inferior por baixo do retrato as armas da familia e o nome D. José Maria de Sousa Botelho, Morgado de Matheus. O desenho original, e depois a gravura com estas subscripções: *Gerard del. Lerux sc.* Esta gravura foi mandada fazer pelo Conde de Villa Real.

Foi este exemplar vinculado em morgado, como consta d'esta verba do testamento olographo do Morgado de Matheus, feito em París aos 24

de Setembro de 1820. «Vinculo em morgado o exemplar da minha Edição dos *Lusiadas*, em pelle vellina, e as chapas em cobre das gravuras della para que andem sempre juntas ao Morgado de Matheus, sem que o futuro possuidor ou administrador possa largalos da sua mão, dar ou vender, porque fazendo-o, a Bibliotheca Publica de Lisboa os poderá reclamar e revendicar como propriedade sua, pois n'esse caso lhos lego ordenando, quanto ás chapas, que antes de um seculo não possam tirar-se mais estampas, nem fazer-se uma reimpressão.»

D. José Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos, Moço Fidalgo, Segundo Senhor de Ovelha do Marão, Morgado de Matheus e administrador de outros vinculos, Alcaide-mór de Bragança, Commendador da Ordem de Christo, Conselheiro da Fazenda, Enviado e Ministro Plenipotenciario a Stockolmo, Copenhagüe e París, nasceu a 7 de Maio de 1778, e morreu em París em o 1.º de Junho de 1825. Casou duas vezes: a primeira com D. Thereza de Noronha, filha de D. José de Noronha e D. Maria Izabel das Montanhas Ribeiro Soares; e a segunda com Adelaide Maria Fileul de la Belharderie, viuva do Conde de Flahaut, auctora de romances, conhecida por M.me de Sousa, que nasceu a 14 de Maio de 1761 e morreu a 16 de Abril de 1836. Alem da sua edição dos *Lusiadas* e trabalho biographico sobre o Poeta, deixou, conforme me asseverou seu neto o Conde de Villa Real, algumas outras memorias manuscriptas, as quaes me convidava, com toda a bondade, para juntamente as percorrermos, o que não teve effeito pela sua prematura morte.

CONTA DA DESPEZA QUE FEZ COM A EDIÇÃO DE CAMÕES
D. JOSÉ MARIA DE SOUSA

(A primeira despeza é de Março de 1815, e a ultima de Outubro de 1817.)

DESENHADORES

	francos	
Gerard (um presente de)	5:000	
Fragenard	2:400	
Visconti	300	
Desenne	1:200	8:900

GRAVADORES

Lignon	2:700	
Orstman	3:800	
Lacour	720	
Visconti J.or	26,40	
Fossell	1:200	
Pigeot	1:200	
Terchi	1:800	
Richomme	1:800	
Laurent	1:500	
Bonivet	1:500	
Mussard	1:500	
Forster	1:500	19:246,40
Retoque das gravuras a varios		2:320
Firmin Didot a S/c	11:427	
Dito impressão do Supplemento	254	11:681
Papel para as estampas		471
Durand impressor		1:165
Encadernadores		2:571
Meniá, revisor por 17 mezes a 100 e gratificações		2:445
Despezas avulsas		2:580
Baclan *Satinage* e a Plon		273
Somma francos		51:152,40

LISTA DAS PESSOAS A QUEM D. JOSÉ MARIA DE SOUSA DEU EXEMPLARES DO CAMÕES

Para o Brazil 11; a saber:

El-Rei.
Rainha.
Principe Real.
Princeza viuva.
Condessa de Linhares.
João Paulo Bezerra.
D. Francisco de Sousa.
José Joaquim Carneiro.
Manuel Jacinto, Escrivão do Erario.
Sr.ª Infanta D. Izabel.
Antonio de Saldanha da Gama.

Para Portugal 66; a saber:

Principal Sousa.
Marquez de Olhão.
Marquez de Borba.
Ricardo Raymundo.
D. Miguel Forjaz.
João Antonio Salter.
Marquez de Campo-maior.
Freires de S. Thiago.
» de Aviz.
» de Christo.
Bibliotheca dos Carmelitas descalços.
» dos Agostinhos descalços.
» dos Eremitas de Santo Agostinho.
» dos Capuchos de Mafra.
» dos Prégadores.
» de S. Bernardo.
Bibliotheca dos Conegos Regrantes de S. João Evangelista.
D. Prior de Guimarães, para a igreja.
Bibliotheca do Collegio de S. Jeronymo.
» da Ordem de S. Jeronymo.
» de S. Paulo Eremita.
» dos Benedictinos.
» dos Padres das Necessidades.
» da Primeira Ordem de S. Francisco.
» da Terceira Ordem de S. Francisco.
» dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho.
Real Mosteiro de S. Vicente de fóra.
» Mosteiro de Brancanes.
Bibliotheca particular d'El-Rei.
Real Bibliotheca publica.
Academia Real das Sciencias.
Real Collegio dos Nobres.
Domingos Monteiro do Amaral.
Antonio Ribeiro dos Santos.
José Bonifacio de Andrade.
Anastacio Joaquim Rodrigues.
Visconde da Lapa.
Viscondessa da Lapa.
Desembargador da Costa Falcão.
Francisco José de Brito.
Mad.me de Sousa.
Dr. João Antonio Monteiro.
Conde de Palmella.

Conde de Funchal.
Condessa de Alva.
Conde de Villa Real D. José.
Joaquim Severino, Secretario de Madrid.
Thomé Barbosa.
Dr. Bernardino Antonio Gomes.
Conde de Lumiares D. José.
Des.or Antonio José Guião.
Des.or José Firmino da Silva Geraldes.
Joaquim José de Sousa.
José Bento de Araujo.
Sebastião Francisco Trigoso.
Bispo de Portalegre.
Bispo do Porto.
Rilháfoles, Clerigos sec. das Missões.
Mosteiro de S. Bento de Lisboa.
Espirito Santo, Congregados.
Missionarios do Varatojo.
Monsenhor Ferreira Gordo.
Marquez de Marialva.
Convento de Xabregas.
Conde de Oeiras.
Academia Real de Marinha.

Para França 22; a saber:

El-Rei.
Duque de Orleans.
Bibliotheca Real.
Instituto.
Duque de Richelieu.
Mr. de Cases.
» Gerard.
» Didot.
» Visconte Pai.
» Gallois.
M.me de Rumfort.
Mr. Gabriel Delessert.
» Moreau de la Sarthe.
» Mirbel.
Bibliotheca de Strasbourg.
Mr. Lemercier.
Bibliotheca de Leão.
» da Camara dos deputados.
Mr. Raynouard.
» Lainé.
» Firmin & Hyacinte Didot.
Bibliotheca Mazarine.

Para Inglaterra 28; a saber:

Principe Regente.
Duque de Sussex.
Bibliotheca da Rainha.
Museu Britannico.
Sociedade Real de Londres.
» de Cambridge.
» de Edinbourg.
Academia Real de Irlanda.
Bibl. dos Advogados de Edinbourg.
Lord Grey.
Lord Spencer.
Duque de Bedford.
Carlos de Flahault.
Coronel Stanhope.
Lord Holland.
Lord Glombervie.
Sir Charles Stuart.
Alexandre Baring.
Mr. Labouchere.
Lord Landsdowne.
Mr. Hamilton.
Lord Landerdale.
Lord Castlereagh.
Duque de Devonshire.

D. Hume.
Sir Henry Wellesley.
Duqueza de Hamilton.

Para Italia 13; a saber:

O Papa.
Bibliotheca do Vaticano.
» de Minerva.
Grão Duque de Toscana.
Bibliotheca de Breza.
» Ricardina.
» Ambrosiana de Milão.
Condessa d'Albany.
Bibliotheca de Roma.
» de Turim.
Archiduque de Parma.
Conde Cicognara de Veneza.
Bibliotheca de Bolonha.

Para Hespanha 5; a saber:

Rainha.
Infanta.
D. José de Noronha.
Bibliotheca Real publica.
» de lingua hespanhola.

Para o Norte 30; a saber:

Imperador da Russia.
Academia de S. Petersburgo.
Conde de Nesselrode.
Universidade de Upsal.
Bibliotheca Real de Stockolmo.
Conde d'Engestrem.
Imperador de Austria.
Principe de Metternich.
Bibliotheca Imperial de Vienna.
Conde de Fries.
Bibliotheca de Gottingen.
» de Berlim.
Mr. Alexandre Humboldt.
Bibliotheca de Darmstadt.
» de Munich.
Principe Eugenio.
Sua irmã (Rainha Hortencia).
João Shubach.
Bibliotheca de Genebra.
Mr. Sismonde.
Rei de Baviera.
Rei de Dinamarca.
Bibliotheca de Dinamarca.
» de Dresde.
El-Rei de Saxonia.
Bibliotheca de Christiania.
» de Jena.
» de Laussane.
Conde de Chatel.
Bibliotheca de Bruxellas.

Para a America 2; a saber:

Bibliotheca publica de Philadelphia.
Universidade de Cambridge, Nova Inglaterra.

Para a Asia 2; a saber:

Sociedade Asiatica de Calcuttá.
Á dita para Sir J. Banhes.

1 para Mr. Millié, traductor dos *Lusiadas*.

N. B. Segundo os apontamentos do Ex.^mo Sr. D. José Maria, tiraram-se duzentos e dez exemplares, dos quaes S. Ex.ª deu cento oitenta e dois exemplares, e por sua morte havia vinte e oito exemplares dos quaes meu pae deu alguns, conforme uma lista que tenho.

A medalha foi principiada em 1818 e acabada em Novembro de 1819. Foram cunhadas dez em prata e cento e oito em cobre, das quaes oito ficam na casa da moeda. Custou por muito favor 2:000 francos e 100 de gratificação, e as medalhas 480,75 francos. Avaliaram os cunhos em 3:000 francos. Tambem existe uma lista das pessoas a quem meu avô deu esta medalha. —Charneca 17 de Março de 1856. =*Conde de Villa Real.*

PEDRO ALEXANDRE CAVROÉ

(1817)

MNEMOSINE LUSITANA

Tomo I, pag. 398. Soneto a Camões salvando-se a nado com o seu *Poema* na bôca e a espada na mão, que começa:

«Só faltava essa acção esclarecida, etc.»

Pedro Alexandre Cavroé, filho de Agostinho Alexandre Cavroé, marceneiro francez, seguiu a profissão do pae, e foi ultimamente Demonstrador do Conservatorio das Artes e Officios, creado em Lisboa em 1836. Nasceu em Lisboa em 1776, e morreu em 20 de Abril de 1844.

Devo esta noticia ao sr. Innocencio Francisco da Silva.

PEDRO JOSÉ DE FIGUEIREDO

(1817)

RETRATOS E ELOGIOS DE VAROENS E DONAS QUE ILLUSTRARÃO A NAÇÃO PORTUGUEZA, ETC. LISBOA, 1817

Vem uma biographia do Poeta, acompanhada do seu retrato.

Pedro José de Figueiredo, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa e Professor que tinha sido de Rhetorica no Real Seminario do

Patriarchado, nasceu no anno de 1762 e falleceu a 27 de Fevereiro de 1826.

FRANCISCO MANUEL TRIGOSO DE ARAGÃO MORATO

(1817)

MEMORIA SOBRE O THEATRO PORTUGUEZ, LIDA NA SESSÃO PUBLICA DE 24 DE JUNHO DE 1817. POR FRANCISCO MANUEL TRIGOSO DE ARAGÃO MORATO. HISTORIA E MEMORIAS DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA. TOMO V, PARTE II. ANNO DE 1817

Analysa as tres peças dramaticas de Camões: não acha dignas da reputação do auctor as duas de *Filodemo* e *Seleuco*, porém julga a dos *Amphitriões* escripta com graça e elegancia, e a catastrophe da peça portugueza mais bem desenvolvida do que a do poeta imitado.

Francisco Manuel Trigoso, Doutor pela Universidade de Coimbra e Lente de Direito Canonico na mesma Universidade, foi Deputado ás Côrtes de 1821, das quaes foi Presidente, e ás Ordinarias, e em 1826 Ministro e Secretario d'Estado, Vice-Presidente da Camara de 1834, da qual foi Presidente, Conselheiro d'Estado e Par do Reino. Foi Socio e Vice-Presidente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em cujas *Memorias* publicou varios trabalhos litterarios de merecimento. Nasceu na cidade de Lisboa a 17 de Setembro de 1777, e morreu na mesma cidade a 11 de Dezembro de 1838. Escreveu a sua vida o sr. Conde de Lavradio, com este titulo: *Apontamentos para o Elogio historico do Ill.mo e Ex.mo Sr. Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato, do Conselho d'Estado, Ministro e Secretario d'Estado honorario*, etc. Lisboa, 1840. Fol.

MATHEUS VALENTE DO COUTO

(1818)

Membro da Commissão nomeada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa para dar o seu parecer sobre a nova edição dos *Lusiadas*, do Morgado de Matheus D. José Maria de Sousa Botelho. Vide o *Relatorio da Commissão*, inserto no Tomo v, Parte II da *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*.

Matheus Valente do Couto foi filho de Antonio Diniz do Couto e D. Margarida Josefa da Fonseca; nasceu na praça de Macapá no Brazil, aos 19 de Novembro de 1770. Veiu á Europa e frequentou a Universidade de Coimbra como alumno da Casa Pia, formando-se na faculdade de Mathematica. Passou da Marinha para o Corpo de Engenheiros, de que foi Coronel. Foi Lente da Academia Real de Marinha, Director do Real observatorio da Marinha e Socio da Academia Real das Sciencias. Falleceu a 3 de Dezembro de 1848. Veja-se o *Elogio Necrologico de Matheus Valente do Couto,* recitado em sessão litteraria da Academia por Francisco Recreio.

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

(1818)

RELATORIO DA COMMISSÃO NOMEADA PELA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA, PARA LHE DAR CONTA DA NOVA EDIÇÃO DOS LUSIADAS, IMPRESSA EM PARÍS NO ANNO DE 1817

Esta Commissão foi composta dos tres membros que assignam o relatorio, Antonio Caetano do Amaral, Matheus Valente do Couto e Sebastião Francisco Mendo Trigoso. Em varios volumes das *Memorias da Academia* se encontram artigos sobre Camões, que aqui se não mencionam por irem debaixo dos nomes de seus auctores.

OVIDIO SARAIVA DE CARVALHO E SILVA

(1818)

Fez varios Epitaphios que enviou á Junta do Monte pio Litterario, para que esta escolhesse o que lhe parecesse para pôr no mausoleu que a dita Junta, reunida com outros subscriptores, tencionava consagrar ás cinzas do Poeta.

Não sei particularidades d'este auctor, e sómente que foi Juiz de fóra do bairro de Santa Catharina em Lisboa. Os versos me pareceram bastante frouxos; comtudo o padre José Fernandes de Oliveira lhe dirige nas suas *Poesias*, publicadas em Coimbra (1836), uma *Ode* alludindo a uma descripção do inferno, que fez em seus versos, e lhe faz o mais encarecido elogio.

ANTONIO CAETANO DO AMARAL

(1818)

Membro da Commissão nomeada pela Academia Real das Sciencias, para dar o seu parecer sobre a nova edição dos *Lusiadas* do Morgado de Matheus D. José Maria de Sousa Botelho. Vide o *Relatorio* d'esta Commissão, no Tomo v, Parte ii da *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.*

Antonio Caetano do Amaral, Bacharel formado em Canones pela Universidade de Coimbra, Deputado do Santo Officio, Conego da Sé de Evora e Inquisidor da Inquisição de Lisboa, nomeado em 31 de Agosto de 1816, nasceu em Lisboa a 13 de Junho de 1747, e falleceu na mesma cidade aos 13 de Janeiro de 1819. Foi um dos primeiros Socios da Academia Real das Sciencias em 1780, enriquecendo as suas *Memorias* com preciosos estudos, principalmente sobre a *Historia Civil do Reino* desde os mais remotos tempos da Monarchia. Veja-se para a sua biographia o *Elogio Historico* que escreveu o Academico Sebastião Francisco de Mendo Trigoso, nas *Memorias da Academia Real das Sciencias,* Tomo viii, Parte ii; e o *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva.

JOAQUIM IGNACIO DE FREITAS

(18...)

CONCORDANCIA DE TODOS OS VOCABULOS DOS LUSIADAS DE LUIZ DE CAMÕES. MS.

Contém, por ordem alphabetica, os termos que se encontram no *Poema;* e cita os logares em que se acham; no fim, tambem por ordem alphabetica, apresenta os termos que, segundo Faria e Sousa, foram introduzidos no poema, e a que n'aquelle tempo se podiam chamar peregrinos.

Um quaderno escripto pelo mesmo e Joaquim Urbano de Sampaio, que parece ser a *Prefação* á edição dos *Lusiadas* que nos consta tentavam levar a effeito sob sua escrupulosa revisão, e em que tratam das diversas edições dos *Lusiadas,* que até então haviam apparecido. Um masso contendo diversos *apontamentos* relativos aos *Lusiadas,* e que tambem parece teriam de servir á premeditada edição dos mesmos.

A noticia d'estes manuscriptos, que foram legados á Universidade de Coimbra pelo auctor e existem na bibliotheca da mesma, é dada pelo sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, em um folheto que publicou com o titulo: *Appenso á analyse dos Lusiadas de Camões.*

Estes trabalhos de Joaquim Ignacio de Freitas devem ser importantes, porquanto era um philologo instruido e muito consciencioso, como tive occasião de verificar pelo cuidado que empregou na copia para a edição que se meditava fazer das obras de André Falcão de Resende, e que hoje, debaixo da inspecção do sr. Vicente Ferrer Neto Paiva, e com não menos disvelo, se publica em Coimbra; a S. Ex.ª devo o obsequio de um exemplar da parte impressa que comprehende as poesias em portuguez, o que me facilitou, não só poder publicar a *Satyra* dirigida pelo dito André Falcão a Camões, mas desenganar-me e levar a mesma convicção ao publico de que o *Poema da Creação do Homem* não é do nosso Epico, mas sim d'aquelle auctor.

Joaquim Ignacio de Freitas, Bacharel em Canones pela Universidade de Coimbra, matriculou-se no primeiro annó do Curso Juridico a 30 de Outubro de 1788. Exerceu o magisterio no Real Collegio das Artes, como Professor de Rhetorica, Philosophia e lingua latina, e foi nomeado Revisor da officina typographica da Universidade, logar que desempenhou com muita probidade e prestimo até á epocha do seu fallecimento, occorrido em Fevereiro de 1831. Veja-se o artigo que lhe diz respeito no *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva.

PADRE FRANCISCO MANUEL DO NASCIMENTO

(1842)

CAMÕES. ODE DO CAVALHEIRÓ RAYNOUARD, TRADUZIDA EM VERSO PORTUGUEZ POR FRANCISCO MANUEL DO NASCIMENTO (FILINTO ELYSIO)

Vem no Tomo V, Parte II, pag. 2 dos *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras,* e publicada tambem por Heliodoro Jacinto de Araujo Carneiro. Esta ode foi traduzida por Filinto Elysio, na provecta idade de oitenta e cinco annos, e em poucos dias. Julgo que tem o autographo o sr. João José Barbosa Marreca, Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa. É com pezar que tenho a denunciar ao publico a fraude litteraria de um dos nossos primeiros poetas contemporaneos;

porém a necessidade de pôr a salvo, de futuro, a reputação do nosso immortal Poeta a isso me obriga. Francisco Manuel, compellido talvez pelas suas más circumstancias, a exemplo de Montenegro, ideou uns *Lusiadas* emendados, que pretendeu vender ao Conde de Villa Verde, sabendo a propensão que este fidalgo tinha para os bons livros e para as sciencias. Já o Morgado de Matheus, na sua segunda edição dos *Lusiadas* de 1819, previne o publico contra ésta tentativa de especulação, pelo conhecimento que ha muitos annos tinha do fingido manuscripto, clamando que a nação devia pôr debaixo da sua *salvaguarda* este monumento nacional, para defende-lo de similhantes attentados.

O acaso trouxe ás minhas mãos o fio d'este trama litterario contra a reputação do nosso Poeta, por m'o haver proporcionado o sr. Dr. Manuel da Silva Beirão, dando-me conhecimento da carta autographa que possue de Francisco Manuel para o Conde, em que lhe faz a offerta, e o ter-me, alem d'isto, encontrado n'esta cidade com a pessoa que comprou, em 1834, o famoso manuscripto, o sr. Manuel de Araujo Portalegre, o qual de tudo me deu uma nota. Tanto esta como a carta de Filinto Elysio porei aqui para que fique registada, para prevenir para o futuro qualquer nova tentativa fraudulenta:

«Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. D. Diogo de Noronha. —É muito do meu agradecido dever o procurar noticias da sua boa disposição, e desejar-lhe continua prosperidade.

«O Senhor Ligeret, Deputado que foi da Convenção, e com quem tive bastante conhecimento, sabendo que eu era Portuguez, e que amava as boas letras, me convidou um dia para ver a livraria da Duqueza de B... cujo advogado seu Páe fôra, e me inculcou que havia nella varios manuscriptos Hespanhóes e Portuguezes. Considére V. Ex.ª qual foi minha alegria quando puz os olhos em Camões, e logo n'uma nota, que o dava por traslado dos *Lusiadas* emendados pelo Auctor! Corro á primeira Outava e leio assim:

As armas, e o Barão assinalado
Que da Occidental praya Lusitana
O pego nunca de outrem navegado
Cortou affouto a ver a plaga Indiana;
E o berço Oriental tendo avistado
Ao reino trouxe a nova soberana,
Cantando espalharei por toda a parte
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

«O meu primeiro impulso foi pedir licença de o ler alli na Livraria, quando levasse comigo outro Camões impresso, para melhor cotejar as variantes. Mas o Senhor Ligeret acudio logo, dizendo-me, que com tanto que o restituisse em pouco tempo á Livraria, me era dado conferi-lo em minha casa a meu prazer, sem que necessario fosse pedir á Duqueza essa faculdade.

«Conferi-o todo; e vendo que ião alem de 2:000 as variantes o copiei de minha mão com a mais fiel pontualidade.

«Morreu no em tanto o Senhor Ligeret; e a Livraria da Duqueza, no desarranjo das familias nobres de França, foi de tal modo desbaratada, que é de presumir que taes manuscritos in-intelligiveis para Vandalos (que estragavão quanto cahia em seu poder), ou fossem rasgados para embrulhos, ou tam desencaminhados e perdidos, que valha hoje a minha copia, o referido manuscripto.

«Esta Copia, Ex.mo Snr., quiz eu imprimir em Paris para satisfazer o desejo de alguns amigos que sabiam que eu a possuia, e a quem era mais facil contentar com exemplares impressos, que com multiplicadas copias de amánuenses muito dispendiosas, e provavelmente não izentas de erros. Mas a mesquinhez das minhas pósses me atalhou pôr por obra os meus desejos.

«Soube um homem de bastantes cabedaes, que eu por falta destes o não imprimia, e mandou-me commetter por uma terceira pessoa, que no caso que eu me resolvesse a vendelo, nenhuma duvida teria de mo comprar. Mas eu que amo a Patria, apesar do descuido que ella de mim tem, não quizera que o manuscrito correcto do Poeta (que tanta honra nos dá entre os homens Litteratos) parasse em mãos estrangeiras.

«V. Ex.a que herdou de seu dignissimo Pae o gosto das boas lettras, e o desejo de augmentar a sua livraria com ediçoens e manuscritos raros, me levaria muito a mal, que eu (obrigado da necessidade) entregasse a outras mãos, que não as de V. Ex.a, tão precioso deposito. A V. Ex.a pois o offereço, antes que dê resposta a quem mo quer comprar, e V. Ex.a me dará a saber a sua vontade e o preço que lhe parecer mais proporcionado, não digo á raridade, e intrinseca valia do manuscrito, mas sómente á desgraçada circumstancia que me obriga a desfazer-me delle.

«Como me vali do sr. Cavalheiro Azara para remetter a V. Ex.a esta noticia, pela mesma via me póde V. Ex.a dar a mais breve resposta. — Ill.mo e Ex.mo Snr. D. Diogo de Noronha. — De V. Ex.a muito obrigado Capellão e Creado = *Francisco Manoel.*»

Até aqui a carta de Francisco Manuel, agora a nota do sr. Portalegre: «Em 1834, por inculcas do Dr. Manoel Ribeiro Dinis, que morreo bibliotecario da Escola de Medecina da Bahia, comprei para o Secretario da legação brazileira em París, Sergio Teixeira de Macedo, actual ministro do Imperio, uns manuscriptos de Francisco Manoel do Nascimento, que estavam no poder de umas Senhoras, em casa das quaes viveo o poeta muitos annos, e ali morreo, e onde era conhecido pelo nome de Mr. Manuel.

«Estes manuscriptos estavam dentro de uma carteira ingleza, e eram: Os *Lusiadas*. Duas *Memorias cynicas* offerecidas á Academia das Sciencias de Lisboa, com um prologo faceto. Varios versos traduzidos e originaes.

«As memorias e os outros versos eram da propria escripta do poeta; porem o *Camões,* não; porque era de outra mão, e com emendas da sua.

«Ouvi dizer, e não me recordo se por Silvestre Pinheiro Ferreira, ou pelo Visconde de Santarem, porque isto passou-se em 1834, que aquelle manuscripto era suspeito; e que Francisco Manuel não encontrára o original na Haya, mas sim um exemplar da primeira edição.

«Que a copia em questão era de mão alhea, é certo, porque a tive em mão, e lembra-me bem de que as emendas de Francisco Manuel, defferiam salientemente no caracter e tinta.

«O Ex.mo Sr. Sergio tinha tenção de mandar imprimir a obra, e creio que o não fez por lhe constar o mesmo que a mim posteriormente. Não sei da sorte destes manuscriptos.»

Não é esta a copia dos *Lusiadas* que se propunha publicar o Conde da Barca, de que se faz menção nas memorias do Duque de Chatelet.

Francisco Manuel do Nascimento, conhecido tambem pelo nome poetico de Filinto Elysio, nasceu em Lisboa a 23 de Dezembro de 1734. Seguiu a vida ecclesiastica, e era Thesoureiro das Chagas, quando em 22 de Junho de 1778 foi denunciado ao Santo Officio por opiniões heterodoxas. Conseguindo evadir-se, emigrou para fóra do reino, vivendo o resto da vida em França onde morreu a 25 de Fevereiro de 1819. Fizeram-se-lhe decentes exequias na igreja de S. Filippe, correndo a despeza toda por conta do Marquez de Marialva, que o soccorreu abundantemente durante a doença, e os seus ossos foram trasladados á patria no anno de 1842, conduzidos pelo Conselheiro Filippe Ferreira de Araujo e Castro, e depositados em uma capella da Sé de Lisboa. Por Portaria do Ministerio do Reino de 5 de Março de 1845, foram manda-

dos pôr á disposição da Camara Municipal de Lisboa que se dispunha a levantar-lhe um monumento, o que por fim levou a effeito, trasladando as suas reliquias em o dia 19 de Junho de 1856 para o cemiterio do alto de S. João, fazendo-se o acto com a devida solemnidade. Os jornaes d'aquella epocha registaram estas honras posthumas dedicadas ao poeta, e disse a oração funebre o R.do P.e Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo.

Para mais longa noticia sobre este poeta, remetto o leitor para o bem elaborado e noticioso artigo do sr. Innocencio Francisco da Silva, que vem no seu *Diccionario Bibliographico*.

SEBASTIÃO FRANCISCO MENDO TRIGOSO

(18..)

EXAME CRITICO DAS PRIMEIRAS CINCO EDIÇOENS DOS LUSIADAS POR SEBASTIÃO FRANCISCO MENDO TRIGOSO

Vem no tomo VIII das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Parte I, pag. 167.

Sebastião Francisco de Mendo Trigoso, Fidalgo da Casa Real, formado em Philosophia pela Universidade de Coimbra, Tenente Coronel dos voluntarios Reaes de Milicias, Censor Regio, Socio e Secretario da Academia, foi filho de Francisco Mendo Trigoso e de Antonia Joaquina Thereza de Sousa Morato. Nasceu em Lisboa a 18 de Maio de 1773. Morreu a 18 de Maio de 1821. Vide o seu *Elogio Historico* recitado na sessão da Academia de 24 de Junho de 1822, por M. M. da Costa e Sá. Tomo IX, pag. LXVII.

FRANCISCO SOLANO CONSTANCIO

(1819)

OS LUSIADAS. POEMA EPICO DE CAMOENS. NOVA EDIÇÃO CORRECTA E DADA Á LUZ CONFORME A DE 1817 IN 4.º POR D. JOSÉ MARIA DE SOUSA BOTELHO, MORGADO DE MATHEUS, SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA. PARÍS, NA OFFICINA TYPOGRAPHICA DE FIRMINO DIDOT, IMPRESSOR DO REI E DO INSTITUTO, 1819. HUM TOMO EM 8.º

Nos *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras*. Tomo IV, pag. 2. Abril 1819, París, vem na *Resenha analytica* uma critica á edição dos

Lusiadas do Morgado de Matheus. Diz que já no tomo II dera uma breve noticia da esplendida edição de Camões em 4.º, que o sr. D. José Maria de Sousa publicára em París no anno de 1817, e que crê que fôra a elle a quem se deve a primeira idéa do monumento sepulchral que se projectava n'aquelle tempo em Lisboa á memoria de Camões, no mosteiro de Belem.

Que a inevitavel extensão d'aquelle artigo o obriga a deixar para o tomo seguinte o exame da ortographia adaptada pelo novo editor e dos erros da presente edição, dos quaes prometteu uma lista ao sr. F. Didot, o qual projectava imprimir terceira edição (stereotypica) dos *Lusiadas*, conforme a que acaba de publicar.

Francisco Solano Constancio, Doutor em Medicina pela Universidade de Edimburgo, Encarregado de Negocios de Portugal nos Estados Unidos da America em 1822 e eleito Deputado ás Côrtes Constituintes de 1837, nas quaes não tomou assento, nasceu, ao que se julga, pelos annos de 1772, e foi filho de Manuel Constancio, professor de Anatomia. Tendo-se mostrado acerrimo partidario dos francezes, para evitar a perseguição que receiava emigrou para París no anno de 1808, e ahi casou com Maria Julia Baulie, e falleceu a 21 de Dezembro de 1846. Veja-se o *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva.

EMINENTISSIMO CARDEAL SARAIVA PATRIARCHA DE LISBOA

(1819)

APOLOGIA DE CAMOENS CONTRA AS REFLEXOENS CRITICAS DO PADRE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO, SOBRE O EPISODIO DE ADAMASTOR NO CANTO V DOS LUSIADAS. EM SAMTIAGO, NA OFFICINA DE D. JOÃO MOLDES. ANNO 1819. —SEGUNDA EDIÇÃO, LISBOA, 1840 8.º

É precedida de um prefacio com algumas notas.

Camões, Alexandre Gusmão, Condestavel. MS. —No catalogo das obras do Em.mo Cardeal no Tomo I das suas obras, publicado pelo seu sobrinho o sr. Conselheiro Antonio Correia Caldeira, vem indicado este *Apontamento* ou *Memoria* sobre Camões.

D. Fr. Francisco de S. Luiz, filho de Manuel José Saraiva e D. Leonor Maria Correia de Sá, nasceu a 26 de Janeiro de 1766, e a 27 do mesmo mez de 1782 professou na Ordem de S. Bento no Mosteiro de Santa Maria de Tibães. Doutorou-se na Faculdade de Theologia na Uni-

versidade de Coimbra no anno de 1791, e no de 1794 foi aceito Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e no de 1807 nomeado Professor de Philosophia do Real Collegio das Artes. Tendo tomado parte no movimento de 24 de Agosto, e sendo nomeado Membro da Junta Provisional do Governo Supremo do Reino que por esta occasião se instaurou no Porto, foi successivamente elevado aos cargos mais eminentes do Estado. Foi Membro da Regencia do Reino, eleita pelas Côrtes de 1821; Reformador e Reitor da Universidade de Coimbra; Bispo de Coimbra e Conde de Arganil; Deputado ás Côrtes ordinarias de 1823, e Presidente da Camara dos Deputados em 1826 e 1834; Guarda-mór do Archivo Nacional; Ministro d'Estado; Par do Reino; Grão-Cruz da Ordem de Christo; Patriarcha de Lisboa e Conselheiro d'Estado. Morreu no Palacio da Mitra em Marvilla, a 7 de Maio de 1845.

No tomo I já publicado das suas obras, e hoje exhausto, vem um catalogo, elaborado methodicamente, de todos os importantes e valiosos trabalhos do Em.^mo^ Prelado. Para se imprimir a continuação d'esta importante collecção, votou o Governo uma verba, e o publico espera com impaciencia ver satisfeita a sua justa curiosidade. Sua Em.ª, filho de uma Ordem a quem as letras devem tantos serviços, foi um dos mais incansaveis indagadores da nossa historia patria.

Para a sua biographia póde ver-se o *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva, d'onde extrahimos esta *Memoria*, e os escriptores que ali aponta que escreveram o seu necrologio. *Revista Universal Lisbonense*, Tomo IV, pag. 519. *A Restauração*, n.º 786. *Revolução de Setembro*, n.º 1:283. *A Illustração* de 24 de Setembro de 1845, e o *Diario do Governo*, n.º 8 de 9 de Janeiro de 1840.

BENTO LUIZ VIANNA

(1819)

BREVE RESPOSTA Á CRITICA DA NOVA EDIÇÃO DOS LUSIADAS, PUBLICADA EM 8.º NESTE ANNO, POR FIRMINO DIDOT, E CONFORME EM TUDO Á QUE EM 4.º DEO Á LUZ EM 1817 O ILL.^MO^ E EX.^MO^ SNR. D. J. M. DE SOUSA BOTELHO. A QUAL CRITICA APPARECEO NO IV VOLUME DOS ANNAES DAS ARTES, DAS SCIENCIAS E DAS LETRAS PUBLICADO EM PARÍS. PARÍS, NA OFFICINA DE P. N. ROUGERON, 1819

A critica a que deu logar esta resposta foi escripta pelo Medico Francisco Solano Constancio.

Bento Luiz Vianna foi natural da ilha de S. Miguel, e tendo vindo a Paris com o designio de se formar na Faculdade de Medicina, contrahiu amizade com Filinto Elisio, pouco tempo antes da morte d'aquelle poeta de quem se prezava de se chamar discipulo; falleceu em 1822 ou 1823. O sr. José Torres, seu patricio, tem composto um *Estudo biographico-critico* sobre este escriptor, que deverá apparecer no *Archivo Pittoresco.*

D. FRANCISCO ALEXANDRE LOBO, BISPO DE VIZEU

(1820)

MEMORIA HISTORICA E CRITICA ACERCA DE LUIS DE CAMOENS E DAS SUAS OBRAS POR FRANCISCO ALEXANDRE LOBO, IMPRESSO NO TOMO VII, PARTE I DAS MEMORIAS DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA. LISBOA, NA TYPOGRAPHIA DA MESMA ACADEMIA, 1820

Publicou-se tambem no Tomo I das suas obras, 1848.

Breves Reflexoens sobre a Vida de Luis de Camoens, escripta por Mr. Charles Magnin, Membro do Instituto, no principio da sua traducção dos Lusiadas por Francisco Alexandre Lobo. Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias.

É uma resposta apologetica a algumas censuras que lhe fez o Academico francez.

D. Francisco Alexandre Lobo, Doutor em Theologia e Lente da mesma faculdade na Universidade de Coimbra, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, foi nomeado Bispo de Vizeu em 1819, sagrado em 1820. Ministro e Secretario d'Estado na Regencia de Sua Alteza a Senhora Infanta D. Izabel, e Conselheiro d'Estado e Reformador Geral dos estudos pelo Senhor D. Miguel. Tendo emigrado para França, voltou á patria depois de dez annos, e falleceu poucos dias depois do seu desembarque a 9 de Setembro de 1845.

O Bispo D. Francisco Alexandre Lobo foi homem respeitavel, e um dos nossos mais conspicuos escriptores, distinguindo-se por uma elocução amena e delicada, e correcção de estylo que o colloca a par dos nossos classicos. O sr. Alexandre Herculano, no prologo dos *Annaes de D. João III,* o qualifica de modelo de consciencia litteraria, de erudição e estylo. Para a sua biographia veja-se a *Memoria sobre a Vida de D. Francisco Alexandre Lobo,* etc., por seu intimo amigo Francisco Eleuterio de Faria e Mello, 1845.

VICENTE PEDRO NOLASCO

(18...)

ODE A CAMÕES DE MR. RAYNOUARD, TRADUZIDA PELO DR. VICENTE PEDRO NOLASCO

No Tomo VII, pag. 3 dos *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras.* Foi tambem publicada por Heliodoro Jacinto de Araujo Carneiro (1825).

Vicente Pedro Nolasco da Cunha, Bacharel em Philosophia e Medicina pela Universidade de Coimbra, nasceu na villa das Caldas da Rainha pelos annos de 1773. Foram seus paes Antonio José Ferreira da Cunha e D. Anna Xavier de Carvalho. Morreu a 18 de Junho de 1844.

O *Catalogo* das suas obras impressas e manuscriptas é àssás extenso. Devo esta noticia ao sr. Innocencio Francisco da Silva.

JUSTICOLA

(1821)

REFLEXOENS SOBRE A MARINHA OU DISCURSO DEMONSTRATIVO DO ESBOÇO DA ORGANISAÇÃO E REGIMEN DA REPARTIÇÃO NAVAL PORTUGUEZA, POR JUSTICOLA. LISBOA, NA IMPRENSA NACIONAL, ANNO DE 1821

Prova o auctor, com versos do nosso Poeta, que nos tempos das nossas conquistas existia incumbida a manobra do navio ao Mestre, a derrota ao Piloto e o governo militar e economico ao Commandante, que tambem o era da tropa.

HELIODORO JACINTO DE ARAUJO CARNEIRO

(1825)

CAMOENS, ODE DO CAVALHEIRO RAYNOUARD, ETC., TRADUZIDA EM VERSO PORTUGUEZ POR FRANCISCO MANOEL (FILINTO ELYSIO), VICENTE PEDRO NOLASCO, T. L. VERDIER. DEDICADO A S. MAGESTADE EL-REI O SENHOR D. JOÃO VI, PELO SEO HUMILDE E FIEL VASSALLO HELIODORO JACINTO DE ARAUJO CARNEIRO. LISBOA, NA IMPRESSÃO REGIA, 1825. 4.º

É precedida de uma dedicatoria e um prologo, e seguida de notas no fim de cada uma das traducções.

«Na opinião do sr. Conselheiro José Silvestre Ribeiro (diz o sr. Innocencio Francisco da Silva) que inteiramente coincide com a opinião que eu formava ácerca d'este opusculo, desde que tive occasião de o ler, póde considerar-se esta obra como um bom trabalho philologico, de que os estudiosos que o consultarem tirarão grande proveito para adiantar os seus conhecimentos na lingua materna. Veja-se o artigo a que se allude do sr. José Silvestre Ribeiro, na sua obra intitulada: *Primeiros Traços de uma Resenha de Litteratura Portugueza.* Tomo I, pag. 315.»

Heliodoro Jacinto de Araujo Carneiro nasceu em 1776 em Coimbra, e foi formado em Medicina na Universidade. Passou a maior parte da vida fóra de Portugal, empregado em Commissões scientificas e diplomaticas, e falleceu em 1849.

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

(1825)

CAMOENS, POEMA. PARIS, 1825

Saíram mais tres edições d'este *Poema,* a primeira na typographia de J. B. Morando, Lisboa 1839; e as outras duas em 1844 e 1853, na Imprensa Nacional. Ha tambem algumas edições contrafeitas no Brazil.

Aindaque este nosso tão celebre Poeta não tivesse escripto mais que este poema, e o seu drama *Fr. Luiz de Sousa,* estas duas obras eram sómente sufficientes para o collocar no numero d'aquelles homens exceptuados a quem a natureza dotou da mais rasgada inspiração e da mais viva imaginação.

Em uma nota da segunda edição vem o documento da pensão do Poeta, que descobrimos no Real Archivo, que foi o primeiro movel d'esta nossa tentativa litteraria sobre o Epico portuguez, e que logo participámos ao illustre finado poeta, nosso contemporaneo. Mais de uma vez nos entretemos nas mais agradaveis palestras sobre o merecimento e bellezas inimitaveis do nosso Poeta valido, e sinto que a sua prematura morte me privasse da sua importante cooperação, porquanto me havia proposto o tentarmos mutuamente uma edição critica, pensamento que gostosamente aceitava, e me fez variar o meu primeiro projecto que consistia em publicar, tão sómente, a biographia do auctor acompanhada dos ineditos.

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, primeiro Visconde de Almeida Garrett, Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, foi Par do Reino, Ministro d'Estado, Juiz do Tribunal Superior do Commercio, Ministro Plenipotenciario em disponibilidade, Commendador e Grão-Cruz de varias Ordens portuguezas e estrangeiras, Socio da Academia Real das Sciencias, e de varias Academias estrangeiras. Nasceu no Porto a 4 de Fevereiro de 1799, e morreu em Lisboa a 10 de Dezembro de 1854. Foi filho de Antonio Bernardo da Silva Garrett, Fidalgo da Casa Real e Guarda-mór da Alfandega da mesma cidade, natural dos Açores, e descendente de uma familia irlandeza, que emigrando, por motivos de religião, para a Hespanha, viera para Portugal no sequito da Rainha D. Marianna, mulher d'El-Rei D. José; e de D. Anna Augusta de Almeida Leitão. Muitos têem sido os escriptores que têem escripto biographias d'este tão conspicuo poeta, analyse das suas obras e poesias por occasião da sua morte. Remetto o leitor ao artigo que lhe diz respeito no *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva, onde vem enumeradas, bem como um circumstanciado catalogo das obras do fallecido poeta.

ANTONIO JOSÉ DE LIMA LEITÃO

(1834)

A ESTANTE DO CORO POR NICOLÁO BOILEAU DESPREAUX. E TRADUSIDO EM PORTUGUEZ, VERSO A VERSO, PELO DR. ANTONIO JOSÉ DE LIMA LEITÃO. SEGUIDO DA ODE A CAMÕES FEITA EM FRANCEZ PELO SR. RAYNOUARD, E POSTA EM PORTUGUEZ PELO MESMO TRADUCTOR. LISBOA, 1834

A pag. 49 vem a traducção d'esta Ode, precedida de uma Dedicatoria, em quintilhas, *A huma Menina Lisbonense dotada de muito estro poetico, e de muita sizudeza:* a dedicatoria traz á margem a data de 1834.

Antonio José de Lima Leitão, Lente de Clinica Medica da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, exerceu varios cargos da sua profissão, sendo Presidente do Conselho de Saude Publica desde 1844 a 1846. Foi Deputado ás Côrtes de 1822, e Membro da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, e de varias Academias estrangeiras. Nasceu na cidade de Lagos, do Reino do Algarve, a 17 de Novembro de 1787, e falleceu em Lisboa a 8 de Novembro de 1856.

ANONYMO

(1834)

A VOZ DA GRATIDÃO E O ECHO DA VERDADE. VERSOS CENTONICOS EXTRAHIDOS DAS OBRAS DE LUIZ DE CAMÕES, E INTERMEDIADOS COM OUTROS TANTOS VERSOS DO AUTHOR DA PRESENTE OBRA QUE AO IMMORTAL HEROE, AO MAGNANIMO DEFENSOR E RESTAURADOR DA PATRIA, SUA MAGESTADE IMPERIAL O SENHOR D. PEDRO DUQUE DE BRAGANÇA REGENTE D'ESTES REINOS, POR SUA AUGUSTA FILHA A SENHORA D. MARIA II, O. D. C. HUM SUBDITO LEAL E AMANTE DA CARTA. — LISBOA, NA IMPRENSA NEVESIANA 1834. 4.º

No fim traz uma tabella dos versos de Camões, inclusos na obra, para se poderem facilmente procurar nos logares proprios do original ou originaes a que pertencem.

RAYMUNDO MANUEL DA SILVA ESTRADA

(1834)

CONFRONTAÇÃO MINUCIOSA DOS DOIS POEMAS, LUSIADAS E ORIENTE, OU DEFENSA IMPARCIAL DO GRANDE LUIZ DE CAMÕES, CONTRA AS INVECTIVAS E EMBUSTES DO DISCURSO PRELIMINAR DO ORIENTE, COMPOSTO PELO PADRE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO, EM QUE SE PROVA AS SUAS FALSAS ORIGINALIDADES: OBRA ESCRITA EM VIDA DESTE REVERENDO AUTHOR, E ATÉ AGORA NÃO IMPRESSA. SEU AUTHOR RAYMUNDO MANUEL DA SILVA ESTRADA. LISBOA, NA IMPRENSA NEVESIANA 1834. 4.º

Ignoro particularidades d'este escriptor, bem como se é vivo ou fallecido.

JOSÉ GOMES MONTEIRO

(1834)

OBRAS COMPLETAS DE LUIZ DE CAMÕES, CORRECTAS E EMENDADAS PELO CUIDADO E DILIGENCIA DE J. V. BARRETO FEIO E J. G. MONTEIRO. HAMBURGO, NA OFFICINA TYPOGRAPHICA DE LANGHOFF, 1834. 3 VOL. 8.º

Tomo I. —Um prologo no qual analysa o merecimento dos *Lusiadas*, critica a edição dos *Lusiadas* do Morgado de Matheus, refuta as cen-

suras dos *Lusiadas* por Voltaire, e termina com o Soneto do Tasso, a Ode de Filinto Elysio a Camões, e a resenha de algumas traducções do *Poema*. Segue-se o *Poema*, e no fim algumas notas.

Tomo II. —Uma prefação, e logo depois a *Vida do Poeta*. Comprehende os Sonetos, Canções e Odes, e no fim notas.

Tomo III. —O resto das Poesias e as Comedias, e no fim notas.

É esta edição talvez a mais correcta: para diante teremos occasião de fallar n'ella.

Publicou mais: —*Echos da Lyra Teutonica*, 1848. Porto. N'esta traducção de alguns poetas de Allemanha, a pag. 103, vem a versão do poema dinamarquez intitulado *Camões*. Nas notas ajuntou uma resenha de traducções e obras de imaginação, que dizem respeito a Camões.

Carta ao Ill.mo Sr. Thomaz Northon, sobre a situação da Ilha de Venus, e em defeza de Camoens, contra huma arguição que na sua obra intitulada Cosmos, lhe faz o Snr. Alexandre Humboldt. Porto, 1849. —É um trabalho muito bem escripto.

O sr. José Gomes Monteiro, filho de Francisco Gomes Monteiro, nasceu no Porto proximamente ao anno de 1810; frequentou os estudos da Universidade de Coimbra até 1828, em que emigrou, e foi por esta occasião que conjuntamente com José Victorino Barreto Feio preparou a edição das obras de Camões. Tem emprehendido um trabalho importante sobre o Amadis da Gaula. É um dos mais decididos admiradores do nosso Poeta nacional, e possue uma muito rica e numerosa collecção Camoniana. Conserva apontamentos e correcções sobre as obras do nosso Poeta, que teve a generosa lembrança de me offerecer para o meu exame.

ALEXANDRE HERCULANO DE CARVALHO E ARAUJO

(1835)

POESIA, IMITAÇÃO, UNIDADE, BELLO

Com este titulo vem no *Repositorio Litterario da Sociedade das Sciencias Medicas e de Litteratura do Porto*, uns artigos do sr. Alexandre Herculano, e em um d'estes trata do nosso Poeta, a quem faz o merecido elogio.

A reputação europea do sr. Alexandre Herculano, e as noticias biograghicas que têem saído a publico e lhe dizem respeito me dispensam

de me deter, porque seria gastar palavras ociosas, limitando-me a applicar ao sr. Alexandre Herculano o que do nosso Camões disse um critico allemão: «Le Camoens c'est une litterature.» Occupa-se actualmente na importantissima publicação dos *Monumentos Historicos de Portugal,* que serão para elle um verdadeiro *Monumento* mais duradouro que o bronze; elle póde com rasão referir a si o bem conhecido verso de Horacio:

Exegi monumentum ære perennius, etc.

Ha mais de vinte annos que me prezo de me contar no numero dos seus amigos, e durante este longo periodo tenho sido testemunha das importantissimas indagações historicas que (alem de outras) tem feito no Archivo Nacional, onde nos encontrâmos. Possuo com a maior estimação um quarto de papel onde, a rogo meu para enviar para fóra do reino, lançou algumas noticias biographicas que lhe dizem respeito.

O sr. Alexandre Herculano nasceu a 28 de Março de 1810, é Bibliothecario das duas Bibliothecas Reaes da Ajuda e Necessidades, Vice-Presidente da Academia Real das Sciencias de Lisboa e Socio de varias Academias estrangeiras.

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

(1840)

LUIZ DE CAMÕES

Com este titulo vem nos n.os 29, 30, 31 e 32 do *Cosmorama Litterario* uma vida romanceada de Camões, escripta pelo sr. Rebello, dividida em quatro artigos numerados e precedidos, cada um, de uma epigraphe extrahida das poesias de Camões. Começa apresentando o Poeta na occasião de partir para a India, estando já no navio onde encontra um antigo condiscipulo de Coimbra, a quem narra a sua vida desde a saída da Universidade. Esta tão precoce producção litteraria do sr. Rebello, pois tinha apenas dezoito annos de idade, revela já o grande talento com que a natureza o dotou, e a somma de conhecimentos que havia adquirido em idade tão tenra.

Juizo critico sobre a Carta ao Ill.mo Sr. Thomaz Northon, sobre a situação da Ilha de Venus, e em defeza de Camões contra uma ar-

guição que, na sua obra intitulada Cosmos, lhe faz o Sr. Alexandre Humboldt. Porto, 1849, por José Gomes Monteiro. —Este *Juizo critico* saiu em um dos numeros do jornal a *Epocha*, do mesmo anno. Ha tambem do sr. Rebello um parallelo de Camões e Garrett.

Nasceu no anno de 1822 e é um dos nossos mais conspicuos escriptores como dão testemunho as muitas obras que tem publicado. Occupa-se actualmente na continuação da obra do fallecido Visconde de Santarem *Quadro Elementar Diplomatico*, e na *Historia de Portugal nos Seculos* XVII *e* XVIII. É Socio da Academia Real das Sciencias, Deputado em differentes legislaturas, e Vogal do Conselho de Instrucção Publica.

PAULO MIDOSI

(1843)

EPITOME DA VIDA DE LUIZ DE CAMÕES

Vem no *Panorama*, serie II, vol. II, n.os 54, 55 e 57; é acompanhado de um retrato gravado em madeira.

Paulo Midosi, Official maior graduado da Secretaria dos Negocios Estrangeiros, foi Deputado ás Côrtes em 1836 e 1838, Encarregado dos Negocios ás Côrtes de Bruxellas e Coburgo, e transferido na qualidade de Encarregado de Negocios para Athenas, logar que não exerceu por ser mandado á Côrte de Londres. Veja-se *Annuario Portuguez, Historico, Biographico e Diplomatico,* por Antonio Valdez. 1855.

ANONYMO

(1844)

Epitome da Vida de Luis de Camoens, impresso na typographia de D. T. L. Sousa Monteiro, rua da Palmeira n.º 36. Anno 1844.

FRANCISCO LUIZ LOPES

(1841)

LUIZ DE CAMÕES, DRAMA. MS.

Eis o que o sr. Innocencio Francisco da Silva nos diz relativamente a este Drama: «Por occasião da inauguração do Theatro de D. Maria II.

em 1844, concorreu com um Drama intitulado *Luiz de Camões,* o qual sendo previamente mostrado pelo auctor ao (depois) Visconde de Almeida Garrett, este o animou a que o levasse ao Conservatorio, servindo-se para isso de phrases tão lisonjeiras, como foram: *que poucos lá iriam tão bons e nenhum melhor.* Todavia o Conservatorio entendeu outra cousa, e a peça foi rejeitada.

FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO

(1843)

OS LUSIADAS DE LUIZ DE CAMÕES, NOVA EDIÇÃO FEITA DEBAIXO DAS VISTAS DA MAIS ACCURADA CRITICA EM PRESENÇA DAS DUAS EDIÇÕES PRIMORDIAES E DAS POSTERIORES DE MAIOR CREDITO E REPUTAÇÃO, SEGUIDA DE ANNOTAÇÕES CRITICAS, HISTORICAS E MYTHOLOGICAS, POR FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO. LISBOA, NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA 1843

Vem no principio da edição esta dedicatoria a Mr. Ferdinand Diniz: «Entre os sabios estrangeiros um dos mais distinctos cultores e apreciadores da litteratura portugueza, e com mais particularidade das obras do insigne Poeta Luiz de Camões.» É precedida de uma *Advertencia* ou prologo, e seguida, no fim do *Poema,* de annotações e cinco tabellas com variantes e correcções, parte extrahidas das duas primeiras edições de 1572. A terceira porém comprehende cento e cincoenta correcções proprias d'elle editor, e a quinta de correcções que conviria ainda fazer.

Veja-se mais sobre Camões a obra do mesmo auctor: *Primeiro Ensaio sobre a Historia Litteraria de Portugal desde a sua mais remota origem até o presente tempo,* etc. Lisboa, 1845, a pag. 105, 113, 136 e 340. Consta que apresentára tambem á Academia uma *Analyse critica do Poema os Lusiadas.*

Francisco Freire de Carvalho nasceu a 25 de Outubro de 1779. Foi alguns annos Religioso da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho; foi Professor de Historia e Antiguidades no Collegio das Artes da Universidade de Coimbra, e depois de secularisado exerceu o Magisterio em Lisboa. Era ultimamente Conego da Sé Patriarchal de Lisboa, Reitor do Lyceu Nacional, Commissario dos Estudos e Socio da Academia Real das Sciencias; morreu a 20 de Abril de 1854. No *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva póde ver-se o catalogo das suas obras.

D. MARIA EMILIA DE MACEDO

(1844)

OS AMORES DE CAMÕES E D. CATHARINA DE ATHAIDE, POR M.ME GAUTHIER TRADUZIDO DO FRANCEZ POR D. MARIA EMILIA DE MACEDO. LISBOA, 1844. 2 VOL.

A traductora é casada com o sr. João Augusto Dias de Carvalho, Administrador do Concelho de Oeiras, filho primogenito de Jacinto Dias de Carvalho.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

(1844)

SACRIFICIO A CAMÕES: VEM NAS SUAS ESCAVAÇÕES POETICAS. LISBOA, 1844

Camões, Drama: vem no n.º 25 do *Iris* um fragmento d'este drama, então inedito; é precedido de uma advertencia do redactor d'aquelle jornal litterario. Publicou-se depois com este titulo:

Camões, Estudo Historico Poetico, liberrimamente fundado sobre um drama francez dos Senhores Victor Perrot e Armand Dumesnil, por Antonio Feliciano de Castilho. Ponta Delgada, typographia da rua das Artes, n.º 63. 1849. —Prepara-se uma segunda edição.

O sr. Antonio Feliciano de Castilho foi o primeiro que propoz, sendo Socio da Sociedade intitulada *Amigos das Lettras,* a exploração para se encontrarem os restos mortaes de Camões. Propoz á Camara Municipal de Lisboa um plano para um cemiterio privilegiado, onde se recolhessem os ossos dos homens illustres, com o titulo de *Campo Elysio,* em o qual se deviam recolher logo os de Camões e os de Filinto Elysio; dirigiu, sobre este assumpto, ao Presidente da Camara duas cartas, e houve por bem entreter comigo uma mui interessante correspondencia.

Antonio Feliciano de Castilho, Cavalleiro da Ordem da Torre Espada e Official da da Rosa no Brazil, Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, Commissario Geral de Instrucção Primaria pelo methodo portuguez, que elle creou, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Membro do Conservatorio Dramatico, Socio da Sociedade Juridica de Lisboa, e da Litteraria Portuense, do Instituto Historico de

París, da Academia das Sciencias e Bellas Lettras de Ruão, da dos Arcades de Viterbo, e da Arcadia Romana com o nome de *Memnide Eginense*, etc.; nasceu em Lisboa a 26 de Janeiro de 1800. No *Archivo Pittoresco*, pag. 9, vol. I, começou a publicar-se uma noticia biographica d'este distincto escriptor pelo seu discipulo e amigo Luiz Filippe Leite, que ainda se não completou, e em Cadiz, no anno de 1837, saíu na lingua castelhana um opusculo onde se encontra a sua biographia e um catalogo das suas obras mais principaes; ultimamente na *Revista Contemporanea* escreveu o sr. Latino Coelho uma bem elaborada *Biographia*.

O sr. Antonio Feliciano de Castilho é um dos nossos mais illustres poetas contemporaneos, que mais profundamente conhece a nossa lingua, e um dos ornamentos da litteratura patria. Occupa-se actualmente na publicação da sua excellente traducção de *Ovidio*, que o publico espera com impaciencia. Veja-se no *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva, d'onde tirámos o mais importante d'este artigo, o Catalogo das suas obras.

VISCONDE DE GOUVEIA

(1845)

A ESCRAVA DE CAMOENS

É uma refutação á *Opera Comica* de Mr. de Saint-Georges. Vem na *Revista Academica*, jornal litterario de Coimbra, n.º 6, pag. 92, 1.º de Junho de 1845.

José Freire de Serpa Pimentel, segundo Visconde de Gouveia, nasceu a 21 de Novembro de 1814. É bacharel formado pela Universidade de Coimbra na faculdade de Direito, Governador Civil do Porto e Par do Reino.

FRANCISCO MANUEL RAPOSO DE ALMEIDA

(1847)

LEITURA ACADEMICA DE CAMÕES, DRAMA ORIGINAL PORTUGUEZ.
RIO DE JANEIRO, 1847. 8.º — CAMÕES, DRAMA.
SANTOS, IMPRENSA IMPERIAL 1851

Veja-se o *Iris*, jornal litterario, n.º 25. Rio de Janeiro.

Francisco Manuel Raposo d'Almeida é natural da ilha de S. Miguel,

onde nasceu em 1817. O nosso insigne Poeta, o Visconde de Almeida Garrett, me disse que fôra seu amanuense, e se transferíra ao Brazil, onde, segundo diz o sr. Innocencio, se estabeleceu na cidade de Santos com uma typographia.

BURGAIN

(1848)

CAMÕES, DRAMA. CAMÕES, EPISTOLA A ELVIRA POR BURGAIN

Esta dedicatoria vem no *Iris* (jornal litterario do Rio de Janeiro), Tomo II, pag. 293, anno de 1848. É em verso, e n'ella se encontra a seguinte nota que dá noticia do drama: «Esta epistola, dirigida a minha cunhada, é destinada a apparecer em frente do meu drama *Camões*, representado ha annos e com diverso titulo em varios theatros; depois levado a cinco actos e refundido e tornado a representar com successo.» Diz mais que é francez, e fôra obrigado a dar-se ás fadigas do mar, deixando o seu patrio Senna; mas que por fim, longe da patria, encontrára esposa, irmão e amigos. Não tenho mais noticias d'este escriptor; tenho uma nota do nosso Poeta Garrett, em que me diz que era impressor ou filho de impressor estabelecido no Rio de Janeiro.

ALEXANDRE MONTEIRO

(1848)

CAMÕES, DRAMA EM QUATRO ACTOS. PORTO, 1848

O auctor é natural e residente na cidade do Porto: veja-se sobre o dito o *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva, e as obras ali apontadas: *Revista Peninsular*, tomo II, pag. 277, e a *Revista Universal*, tomo VII, pag. 536.

THOMÁS NORTHON

(18...)

EDIÇÕES DAS OBRAS DE CAMÕES QUE TENHO NA MINHA LIVRARIA

Com este titulo devo ao seu obsequio um catalogo da sua preciosa, ou antes mais completa collecção das obras do nosso Poeta. É acompa-

nhado de algumas notas interessantes, apresentando a noticia de variantes em edições que possue com a mesma data. N'elle se encontra esta nota: «Tenho nota de que em 1845 apparecêra em Lisboa o autographo dos *Lusiadas*, e se offerecia por elle 2:000$000 réis. Achei grande novidade tanto no apparecimento, como na offerta.»

Thomás Northon foi Deputado ás Côrtes em varias legislaturas, e era Juiz da Relação do Porto: falleceu ultimamente.

FREDERICO LEÃO CABREIRA

(1849)

DESCRIPÇÃO DA GRUTA DE MACAU

É d'elle a descripção da Gruta que vem nas notas do drama *Camões*, do nosso insigne poeta o sr. Antonio Feliciano de Castilho, a pag. 291. Esta descripção que é entremeada de alguns versos, não deixa de ter bastante interesse. Descreve não só com miudeza o local, mas as suas vistosas e encantadoras adjacencias, a saber: vista do Porto, Pagodes, Povoação chineza e sepulturas, Patane e a ilha Verde, onde os respeitaveis Padres directores do Collegio das Missões da China foram, permitta-se-me a expressão, collocar o seu *ninho* de civilisação. Dá-nos tambem as dimensões da Gruta, que se reduzem a quatro varas de alto e sete pés na entrada.

Frederico Leão Cabreira, do Conselho de Sua Magestade, Commendador das Ordens de S. Bento de Avis e de Izabel a Catholica, Brigadeiro do Exercito pertencente á arma de artilheria, nasceu no principio d'este seculo, e julgo que é natural do Algarve.

EUGENIO GARAY DE MONGLAVE

(1849)

CAMÕES, DRAMA. MS.

Tinha emprehendido um drama, no qual era Camões o protogonista, e devia fallar pela sua propria bôca, isto é, applicando o auctor os versos de Camões ás situações que produzisse. Vide *Iris*, n.º 25. Anno 1849. É auctor tambem de um esboço historico sobre o sr. D. Pedro I, Imperador do Brazil, e editor da sua correspondencia com seu pae El-Rei D. João VI, publicada em París. 1827.

ANTONIO DE SERPA PIMENTEL

(18...)

BIOGRAPHIA QUE ACOMPANHA A LITHOGRAPHIA
DO RETRATO DE CAMÕES, NO JORNAL ARTISTICO DE QUE FOI EDITOR
DIOGO JOSÉ DE OLIVEIRA DA CUNHA. FOL. GR.

Esta *Biographia* foi traduzida em francez por Mr. Fournier, Consul da Republica franceza em Portugal.

O auctor nasceu em Coimbra a 20 de Novembro de 1825, e na Universidade da mesma cidade seguiu o curso de Mathematica, recebendo o grau de Bacharel. É Capitão de Infanteria, Lente de Algebra superior e calculo, na Escola Polytechnica de Lisboa; tem sido Deputado ás Côrtes em varias legislaturas, e é actualmente Ministro das Obras Publicas. Tem publicado varias poesias, algumas peças de theatro, e tomado parte na redacção de alguns jornaes politicos. Veja-se a seu respeito as *Memorias de Litteratura Contemporanea,* do sr. Lopes de Mendonça, e a *Revista Contemporanea,* onde vem a sua Biographia acompanhada de um retrato.

JOÃO CORREIA MANUEL DE ABOIM

(18...)

QUEIXUMES DO JAU

Veiu nos jornaes a *Esperança* e no *Braz Tisana;* ignoro se foi impresso em separado. O auctor tem publicado outras poesias, tanto em Lisboa como no Rio de Janeiro, onde esteve algum tempo.

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO

(18...)

MEMORIA SOBRE A EDIÇÃO DE 1572, QUE PERTENCEU AO CONVENTO
DE S. BENTO DA SAUDE DE LISBOA, E HOJE ESTÁ EM PODER
DE SUA MAGESTADE O IMPERADOR DO BRAZIL. MS.

Tenho lembrança de ter visto esta *Memoria* na Bibliotheca Nacional. José Feliciano de Castilho é irmão do nosso poeta Antonio Feliciano

de Castilho. Foi Deputado ás Côrtes em varias legislaturas, e Bibliothecario-mór da Bibliotheca Publica de Lisboa, e Socio de varias Associações litterarias.

MIGUEL RIBEIRO DE ALMEIDA VASCONSELLOS

(1851)

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS SOBRE O NOSSO INSIGNE POETA LUIZ DE CAMÕES

Uma *Memoria* que abrange os n.os 11, 12 e 13 do volume III do *Instituto,* jornal scientifico e litterario, publicado em Coimbra. N'esta *Memoria* attribue o auctor ao Poeta differente naturalidade e ascendencia, dando ao Poeta uma madrasta; porém esta opinião não póde sustentar-se á vista dos Documentos J, K e L, que deixâmos lançados na *Vida do Poeta,* dos quaes consta officialmente que sua mãe Anna de Sá de Macedo lhe sobrevivêra. O que deu motivo ao equivoco do illustre auctor da *Memoria,* foi o tomar um Simão Vás de Camões pelo pae do nosso Poeta que tinha o mesmo nome e naturalidade do outro. Não apresentâmos isto como uma critica ou censura, mas simplesmente para restabelecer a verdade historica; bem pelo contrario só temos a louvar o auctor pelo trabalho a que se deu para examinar um facto, onde reputava que estava a verdade.

Miguel Ribeiro de Almeida e Vasconsellos é Bacharel formado em Canones pela Universidade de Coimbra, Conego da Sé da mesma cidade e Socio da Academia Real das Sciencias.

ANTONIO DA SILVA TULLIO

(1851)

EPILOGO DELLA LUSIADA, POR CARLOS ANTONIO PAGGI TRADUZIDO PELO VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

Escreveu a introducção a este *Epilogo,* que o Visconde de Almeida Garrett traduziu expressamente para o jornal litterario de Lisboa, a *Semana,* de que o sr. Tullio era director: vem no Tomo II, n.º 2.

O sr. Antonio da Silva Tullio, Official da Secção de manuscriptos e

de jornaes politicos e litterarios da Bibliotheca Nacional de Lisboa, Socio da Academia Real das Sciencias, nasceu em Lisboa a 15 de Agosto de 1818. Tem sido collaborador de varios jornaes litterarios e politicos da capital, e correspondente dos do Brazil. Occupa-se em uma obra longa, a *Historia do Jornalismo em Portugal* desde 1641 a 1860, e em uma interessante *Memoria* para a Academia, sobre as negociações secretas do padre Antonio Vieira com o Cardeal Mazarino, para casar o Principe D. Theodosio em França, e transferir-se D. João IV para a America, e ahi fundar o *quinto imperio* que foi o sonho constante do celebre jesuita.

CARLOS JOSÉ CALDEIRA

(1851)

APONTAMENTOS DE UMA VIAGEM DE PORTUGAL Á CHINA ATRAVÉS DO EGYPTO EM 1850, E DESCRIPÇÃO DA GRUTA DE CAMÕES EM MACAU. MACAU (CHINA) TYP. ALBION DE INNOCENCIO SMITH 1851. 8.º

Esta obra foi refundida e acrescentada depois da sua chegada a Portugal, debaixo d'este titulo:

Apontamentos de uma viagem de Lisboa á China e da China a Lisboa. Tomo I. Lisboa, na Typ. de G. M. Martins, 1852. 8.º Tomo II, na Typ. de Castro & Irmãos, 1853. O cap. IV d'esta obra com o titulo: *Gruta de Camões e despedida de Macau,* é todo destinado a fazer a descripção d'esta celebrada estancia. Nos n.os 43, 45 e 46 do jornal o *Paiz,* do anno 1851, vem tambem a descripção da Gruta, bem como em um dos numeros do *Archivo Pittoresco* de 1859, outra descripção da mesma Gruta.

Carlos José Caldeira, filho do Desembargador José Vicente do Casal Ribeiro, nasceu em Lisboa a 23 de Janeiro de 1811; frequentou, com muita distincção, as aulas da Academia Real da Marinha, obtendo todos os premios, e igualmente a Aula do Commercio.

Tambem redigiu, durante um anno, em Macau o *Boletim Official,* publicação que comprehende um volume de 181 pag., e na sua volta para o Reino tem sido collaborador de varios jornaes politicos e litterarios, taes como a *Revista Peninsular, Illustração Luso-Brazileira, Archivo Pittoresco, Correio da Europa* e *Progresso.* Sou devedor ao sr. Caldeira de informações para o meu trabalho, tanto durante a sua estada em Macau, como em Madrid.

JOSÉ MARIA DA COSTA E SILVA

(1852)

ENSAIO BIOGRAPHICO CRITICO SOBRE OS MELHORES POETAS PORTUGUEZES.
LISBOA, 1852

Tomo III, cap. IV, pag. 83, *Luis de Camoens.* —Cap. IV, pag. 106, *Algumas observaçoens sobre a Vida de Luis de Camoens.* —Liv. V, cap. I, pag. 137, *Rhythmas de Luis de Camoens.* —Cap. II, pag. 235, *Os Lusiadas de Luis de Camoens.*

José Maria da Costa e Silva compoz varios poemas; foi Secretario da Camara Municipal de Lisboa, e falleceu ha poucos annos.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

(1853)

OS LUSIADAS E O COSMOS, OU CAMÕES CONSIDERADO POR HUMBOLDT COMO ADMIRAVEL PINTOR DA NATUREZA, POR JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO. LISBOA, IMPRENSA NACIONAL 1853. —2.ª EDIÇÃO

Esta obra é dedicada a Sua Magestade a Imperatriz do Brazil, viuva e Duqueza de Bragança.

Estudo moral e politico sobre os Lusiadas, por José Silvestre Ribeiro. Lisboa, 1853. —É outro trabalho estimavel do mesmo auctor, que saíu dos prélos da Imprensa Nacional.

J. H. DA CUNHA RIVARA

(1853)

EDUARDO QUILLINAN, E A SUA TRADUCÇÃO INGLEZA DOS LUSIADAS DE CAMÕES. PANORAMA, VOL. II, SERIE III, N.º 23

É este artigo dividido em duas partes: na primeira trata da biographia do traductor, fallecido no anno de 1851; na segunda, referindo-se ao jornal inglez o *Athæneum* de 23 de Abril de 1853, trata da apreciação da traducção, e do Poeta portuguez mal avaliado pelo jornalista

inglez, bem como da critica mal merecida, feita pelo mesmo jornalista, a Mr. Adamson, editor da traducção de Mr. Quillinan, e a quem o poeta portuguez deve tanto pelo seu bello trabalho das *Memorias sobre a vida e escriptos de Camões.*

O sr. Rivara é formado em Medicina pela Universidade de Coimbra; tem sido Deputado ás Côrtes, e é actualmente Secretario do Governo da India, onde tem exercitado a sua actividade em explorar as Conquistas e o Archivo de Goa. Tem escripto varios artigos nos jornaes litterarios, e sendo Bibliothecario da Bibliotheca de Evora começou a publicar um excellente catalogo dos manuscriptos d'aquella Bibliotheca.

LUIZ AUGUSTO PALMEIRIM

(1851)

POESIAS POR LUIZ AUGUSTO PALMEIRIM. SEGUNDA EDIÇÃO AUGMENTADA DE NOVAS POESIAS. LISBOA, 1851

A pag. 134 vem uma bonita poesia intitulada *Luiz de Camões,* precedida de uma epigraphe do Poeta. Esta poesia foi recitada com applauso nos theatros, e a pag. 340, nota F, se diz que esta poesia fôra acremente censurada no jornal o *Farol,* e que o sr. Palmeirim aceitára a critica, e saia hoje correcta em tudo o que alludia o jornal. N'esta mesma nota se diz tambem ter sido posta em musica esta composição poetica pelo Maestro o sr. Angelo Frondoni, e se cantára em varias Philarmonicas e salões de Lisboa; e igualmente se transcreve um artigo da *Revista Universal Lisbonense,* em que se relata o effeito que produziu esta composição recitada pelo sr. Rosa no theatro de D. Maria II.

Luiz Augusto Palmeirim é filho do Tenente General Palmeirim, e Segundo Official no Ministerio das Obras Publicas.

ANTONIO AUGUSTO SOARES DE PASSOS

(1856)

POESIAS DE ANTONIO AUGUSTO SOARES DE PASSOS. PORTO, 1856

Uma Ode a Camões, a pag. 21 d'estas Poesias.

Antonio Augusto Soares de Passos nasceu na cidade do Porto a 17

de Novembro de 1826; era Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, e exercia a profissão de Advogado na cidade do Porto, sua patria; falleceu ultimamente na mesma cidade.

FRANCISCO GONÇALVES BRAGA

(1855)

CAMÕES, POEMA DE FRANCISCO GONÇALVES BRAGA, DEDICADO AO SR. ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

Veja-se a carta d'este, noticiando ao sr. Castilho a representação do seu Drama no theatro do Rio de Janeiro, que vem no *Diario do Governo de Lisboa*, n.º 10, de 11 de Janeiro de 1856.

CASIMIRO DE ABREU

(1856)

CAMÕES E O JAU, SCENA DRAMATICA ORIGINAL DE CASIMIRO DE ABREU, REPRESENTADA NO THEATRO DE DOM FERNANDO EM 18 DE JANEIRO DE 1856. LISBOA, TYPOGRAPHIA DO PANORAMA 1856

O auctor é natural do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1839. Esta poesia foi representada na noite de 18 de Janeiro de 1856, no theatro de D. Fernando pelos actores Braz Martins e Santos, e dedicada ao seu antigo lente Christovão Vieira de Freitas e ao seu collega Christovão Correia de Castro.

JOSÉ TAVARES DE MACEDO

(1856)

RELATORIO DA COMMISSÃO NOMEADA PARA PROCURAR NO CONVENTO DE SANT'ANNA OS OSSOS DE CAMÕES. MS.

Redigiu, como Secretario da Commissão, o Relatorio da mesma, expondo o resultado das indagações a que procedêra. Este documento está elaborado com toda a miudeza e critica; n'elle se demonstra, á vista

do exame de obras impressas, manuscriptas e da tradição, qual era o verdadeiro local da sepultura do Poeta, e o fundamento que ha para acreditar que no mesmo logar repousavam os ossos de Camões.

José Tavares de Macedo, Official Maior e Chefe da Secção do Ultramar na Secretaria dos Negocios da Marinha, é Socio da Academia Real das Sciencias, e tem sido Deputado differentes vezes ás Côrtes.

JOSÉ RAMOS COELHO

(1857)

PRELUDIOS POETICOS DE JOSÉ RAMOS COELHO. LISBOA, 1857

É uma collecção de affectuosas e interessantes poesias; possuo um exemplar que devo ao obsequio do auctor. A pag. 205 d'esta collecção se encontram dezoito bellas oitavas com este titulo: *Camões e a Patria,* dedicadas á memoria do grande Poeta. A pedido meu teve tambem o auctor a bondade de traduzir da lingua italiana, que conhece com toda a perfeição, o celebre soneto do Tasso feito á Camões, o qual, postoque traduzido em diversas linguas, comtudo o não estava na portugueza.

O sr. José Ramos Coelho terminou ha pouco um trabalho muito importante, a traducção em oitava rima da *Gerusalemme* do Tasso; fazemos votos para que esta traducção sáia a publico, para possuirmos o Poeta italiano dignamente interpretado em linguagem portugueza. Um specimen d'esta fiel e elegante versão, o *Concilio Infernal,* se póde ver na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil,* n.º 12: já antes se havia publicado, no jornal o *Futuro* o *Retrato de Armida.*

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

(1858)

CANTOS MATUTINOS, POR FRANCISCO GOMES DE AMORIM,
SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.
LISBOA, 1858

A pag. 15 uma poesia com o titulo o *Jau.* Francisco Gomes de Amorim nasceu a 13 de Agosto de 1827, no logar de Avelomar, provincia do

Minho. É empregado na Pagadoria geral da Marinha, com a graduação de Segundo Tenente da Armada, e Socio correspondente da Academia Real das Sciencias. Dedicou-se a acompanhar e assistir na ultima molestia de que falleceu o nosso insigne Poeta Visconde de Almeida Garrett, a quem era obrigado.

JOÃO DE LEMOS DE SEIXAS CASTELLO BRANCO

(1858)

CANCIONEIRO DE JOÃO DE LEMOS. LISBOA, 1858

No volume II d'esta collecção, debaixo do titulo *Portugal,* vem uma energica e sublime concepção poetica do auctor, em que se refere a Camões. Havia já anteriormente, no jornal legitimista a *Nação,* de que tem sido redactor desde a sua fundação, escripto em o dia 10 de Junho de 1857, um bello artigo convidando os portuguezes a celebrarem o anniversario da morte do nosso Poeta, e isto por occasião de uma carta que lhe dirigi, enviando-lhe o documento comprovativo do dia e anno certo da morte de Camões. João de Lemos está na categoria dos nossos primeiros poetas, e reune tambem o ser um excellente prosador, como tem demonstrado no jornal de que é redactor, distinguindo-se o seu estylo pela belleza, e mais de uma vez originalidade das imagens. Sou seu parente, amigo e, como agora se diz, correligionario politico, e assim receio ser parcial, por isso d'elle *dicant Paduani.*

João de Lemos de Seixas Castello Branco é filho do Visconde do Real Agrado, titulo que veiu a seu pae pela dedicação de sua tia a Viscondessa do mesmo titulo, no serviço da Rainha D. Maria I, durante a prolongada doença mental de que esta senhora foi affectada. Nasceu no anno de 1819, e é Bacharel formado em Leis pela Universidade de Coimbra.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR

(1859)

ULTIMAS HORAS DE CAMÕES, POEMA DRAMATICO DO VENEZIANO
LEONE FORTIS, VERTIDO EM VERSO PORTUGUEZ.
IMPRENSA DE AGUIAR VIANNA. LISBOA, 1859

Tem o texto ao lado, e está a imprimir-se em separado para saír brevemente. Escreveu mais: *Juizo Critico da Analyse dos Lusiadas, por*

Jeronymo Soares Barbosa, publicado no *Jornal do Commercio* (1859), e depois separadamente (1860) n'um opusculo dado á luz em Coimbra.

Redigiu tambem a *Circular* da Commissão para promover o monumento a Camões.

José da Silva Mendes Leal Junior é um dos nossos mais notaveis escriptores; tem sido redactor de varios jornaes politicos e litterarios e Deputado ás Côrtes varias vezes; é Socio da Academia Real das Sciencias e Bibliothecario-mór da Bibliotheca Nacional. Para a sua biographia veja-se a *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil.*

JERONYMO SOARES BARBOSA

(1859)

ANALYSE DOS LUSIADAS DE LUIZ DE CAMÕES, DIVIDIDA POR SEUS CANTOS COM OBSERVAÇÕES CRITICAS SOBRE CADA UM

É uma critica severa e escholastica dos *Lusiadas*, em que o auctor analysa o *Poema* immortal do nosso Camões, com toda a frieza de um grammatico. Labora desde o principio em um erro, e é este, que o assumpto do *Poema dos Lusiadas* é a simples navegação de Vasco da Gama em descobrimento da India, e por isso acha vicioso o titulo que pretende devêra mudar em *Vasqueida* ou *Gama*, quando o mesmo titulo de *Lusiadas* e a verdadeira proposição

> Que eu canto o peito illustre lusitano
> A quem Neptuno e Marte obedeceram.

indicam bem que o pensamento do Poeta era differente, e elle se destinava a cantar a gloria dos portuguezes por terra e mar.

Jeronymo Soares Barbosa, Presbytero secular, Bacharel em Canones pela Universidade de Coimbra, Professor de Rhetorica e Eloquencia no Collegio das Artes em Coimbra, nasceu na villa de Ancião, Bispado de Coimbra, a 24 de Janeiro de 1737, e foi educado no Seminario Episcopal da mesma Diocese onde se ordenou presbytero. Exerceu o magisterio no exercicio de Mestre de Rhetorica e Eloquencia. Foi Socio da Academia Real das Sciencias e occupou mais alguns logares de Inspecção litteraria, sendo encarregado de dirigir as edições dos auctores classicos para o uso das escolas. Morreu a 5 de Janeiro de 1616.

Alem dos Escriptores aqui apontados, nos devem ter escapado alguns. O celebre sabio allemão Mr. A. Humboldt, na sua obra o *Cosmos*, e de quem julgo que ha uma carta relativa a Camões, dirigida ao Morgado de Matheus; o Conde Caylus, João Baptista Say, Edgard Quinet, etc. Quando haviamos já impresso o catalogo dos Escriptores estrangeiros me mandou o sr. Ferdinand Dinis a noticia de mais este escriptor italiano. *Elogio Storico di Luigi di Camoens, Bolonha*, 1848. — Devem-se tambem encontrar poesias traduzidas do nosso Poeta n'esta collecção: *Laura or an Anthology of Sonnets (on the Petrarchian model) and Eligiac Quatuorzain, English, Italian, Spanish, Portuguese, French and German original, and translated with Preface critical and Biographical notes and Index by Capel Lifft*, 5 *vol.* 1814.

Dos nacionaes são tantos os Escriptores que fazem menção do Poeta que muitos nos devem ter esquecido. Nas Academias, Obras de litteratura, até no pulpito tem sido o nosso Poeta citado como auctoridade.

ARTISTAS

VICTORIO BOSSO

Gravou a estampa que vem junto ao frontispicio da traducção anonyma italiana de Turim, 1772, que representa a saída da esquadra de Vasco da Gama.

BLANCHARD (FILS)

Gravou o retrato de Camões, da edição de París de 1815, e a estampa do Canto III, *Morte de D. Ignez de Castro*.

AMBROISE TARDIEU

Delineou e gravou as estampas da edição de París de 1815.

Delineou e gravou: Canto I, D. Manuel vendo saír a frota. —Canto II, Recebimento do Rei de Melinde aos Portuguezes. —Canto IV, Prisão do Infante D. Fernando. —Canto VI, A tempestade applacada por Venus e pelas Nymphas do mar. Gravou: Canto V, Naufragio de Manuel de Sepulveda. —Canto VIII, O feito de Giraldo sem pavor.

L. W. HARDING

Delineou as estampas da edição de París de 1815: Canto V, naufragio de Sepulveda. —Canto VIII, O feito de Giraldo.

F. GERARD

Delineou o bello retrato que vem na edição dos *Lusiadas* (do Morgado de Matheus), 1817; e dirigiu a gravura das estampas que ornam esta sumptuosa edição.

BY. ROGER

Gravou o retrato delineado por Gerard que vem na edição do Morgado de Matheus de 1819.

HORACE VERNET

Este celebre pintor contemporaneo pintou um quadro de Camões salvando-se a nado do naufragio com os *Lusiadas;* o Poeta está representado sobre o mastro do navio com o Poema em uma mão, e a espada na outra. Juntarei aqui a informação que me dá o sr. Ferdinand Denis, a quem pedi quizesse fazer-me o obsequio de me dizer o que sabia sobre esta questão:

«Je suis allé à la Biblioteque Impériale, afin d'examiner la grande gravure, qui reproduit le grand tableau d'Horace Vernet, que j'avais vu jadis au musée (vers 1836), et dont l'éffet général est un peu melodramatique. On ne vous a pas donné un renseignement exact, en vous disant que cette pièce de grande demension était gravée à *l'aquatinta;* c'est un mélange de roulatte et de manière noire. Le naufrage de Camoens a été gravé par Paul le Grand, et a paru dans le temps chez Ostervald l'ainé (37, quai des Grands Augustins). Cette maison n'existe plus, mais il ne serait pas impossible de retrouver la gravure. Le poète y est representé porté sur un mat, environnée des flots et tenant d'une main qu'il élève au-dessus des eaux, son épée et son poème immortel. L'auteur de ce tableau est encore plein de verve malgré les ans; il s'est dernièrement remarié et a acheté dans le delicieux pays qu'habite mon frère à Hyeres, une terre où il vit non sans donner carrière à son activité.»

O sr. Manuel de Araujo Portalegre me disse que um lithographo tinha ultimamente (1859) reproduzido esta gravura no Rio de Janeiro.

DAVID D'ANGERS

O famoso esculptor David fez um medalhão de Camões. É ao sr. Ferdinand Denis a quem devo a noticia d'esta obra do celebre artista francez; citarei aqui o paragrapho da sua carta: «Il ne faut pas oublier dans vos mentions, le médaillon de Camoens donné par notre fameux statuaire David, mort récemment; ce n'est pas un merveille, tant s'en faut, mais c'est toujours un hommage au grand homme. David se rappelant que c'était moi qui lui avais instamment recommandé de ne pas oublier

le poète parmi les effigies commémoratives, que devaient illustrer son monument de Guttenberg, alla lui-même avec beaucoup de peine tirer une épreuve de ce médaillon.» O sr. Ferdinand Denis me menciona ainda um quadro de *Camões na prisão,* de um pintor de merito, que foi lithographado, e de que tem uma lithographia que com a sua costumada amabilidade me offerece. Possue mais uma *Sépia* executada por um dos melhores capitães da marinha franceza, representando a Gruta de Macau.

MR. LEGRAND

Collecção de Retratos e Biographias dos Personagens illustres de Portugal. Lisboa, Imprensa Nacional. Fol. gr. —Traz o retrato de Camões. Esta collecção é feita pelo artista Mr. Le Grand.

MR. JULES DROZ

Executou um busto em bronze que Mr. de Chalaye, antigo Vice-Consul de França em Macau, enviava para aquella cidade, para o proprietario da gruta de Macau.

Tenho um molde em gesso, que devo á obsequiosa amabilidade de Mr. Ferdinand Denis, que m'o remetteu de París. Tem uma pequena base quadrada onde se lêem as seguintes inscripções: Na frente, 1825, *Camoens,* 1579. —Na parte opposta, *D'après un portrait du* XVI *siècle, communiqué par Mr. Ferdinand Denis,* 1844. *Jules Droz.* —Do lado esquerdo, *Os Lusiadas. Lisboa,* 1572. *Rythmas,* 1595. —Do direito: *Patria, ao menos morro com ella.*

ERNEST SLINGENEYER

Camões e o Jàu. —Está Camões sentado ao pé de uma columna, pensativo, e junto d'elle o Jau erguido em pé, pede esmola no chapéu para o Poeta; duas figuras, a certa distancia, de um cavalheiro e uma senhora vão retirando-se, e do lado direito do quadro, no topo, se vê um edificio. A cara do Poeta é bem pintada, tem dignidade, e representa uma cabeça não vulgar, e cheia de inspiração e tristeza, as mãos e os braços mirrados representam a pobreza; é pena que não seja o retrato do Poeta. O resto do quadro me pareceu anachronico, tanto no que diz respeito ao edificio, como ás duas personagens, que estão vestidas com um vestuario muito mais moderno. Estas são as impressões que me

inspirou este quadro nos poucos momentos que tive para o examinar. Pertence a Sua Magestade o Sr. D. Fernando.

GUALTIERO SANELLI

Compoz: *Camões*. Opera italiana.

Sanelli, mestre compositor de musica, foi para o Maranhão em 1858 em uma companhia de canto escripturada por Giuseppe Macinangeli.

CASTELLI

Um retrato de Camões, gravado em madeira. O Poeta descansa a mão esquerda sobre os *Lusiadas*, que estão pousados em uma banca coberta com um pano, e na mesma banca, perto do livro, está igualmente collocado o capacete.

Camões salvando-se do naufragio juntamente com o Jau. Vê-se Camões agarrado ao rochedo com o *Poema* na mão esquerda, tendo o braço alçado; átraz vê-se o Jau que o vae seguindo, tambem agarrando-se a uma ponta do rochedo. —Journal pour tous, *La Vieillesse du Poète*.

PAULUS

É d'este artista o primeiro retrato que possuimos do Poeta, gravado por ordem de Gaspar Severim de Faria; tem esta subscripção: *Paulus sculp*. Vem nos *Discursos* de Manuel Severim de Faria, biographia de Camões (1624).

CYRILLO WOLKMAR MACHADO

Pintou em um dos tectos da casa de Joaquim Ignacio de Quintella (Barão de Quintella), pae do actual Conde de Farrobo, o Concilio dos Deuses de Camões. Eis-aqui como o dito Machado descreve este seu trabalho na sua autobiographia:

«Em hum dos tectos de Quintella figurei, entre muitas e varias composiçoens, o Concilio dos Deoses de Camoens sobre o Imperio dos Portuguezes na Azia: o instante foi o do fim do Concilio. Em quanto os outros Deoses se vão retirando, Venus, de joelhos, agradeçe ao seu Omnipotente o favor que quer fazer aos Lusitanos, e recebe delle hum beijo tão expressivo, como o que o mesmo Jove deo no Cupido, pin-

tado pelo insigne Rafael, no Palacio de Farnese. Bacho cheo de furor apertando a barba com a mão, faz huma despedida ameaçadora, e o travesso filho da Deosa, para mais o irritar, movendo circularmente a mãosinha direita lhe diz que hade moer.»

Cyrillo Wolkmar Machado nasceu em Lisboa a 9 de Julho de 1748, e ficando orphão, seu tio Pedro Wolkmar lhe deu lições da Arte, e com isto conseguiu ganhar a vida, empregando-se em pintar em igrejas, palacios, edificios publicos em Lisboa e na provincia, principalmente no Alemtejo, conservando-se em Evora uns quinze mezes. D'esta cidade se passou a Sevilha, onde estudou a geometria com D. Pedro Miguel, na Academia de desenho, e debuxou do nú pela primeira vez, e desejoso de passar a Roma, embarcou-se em Cadiz, com este destino, com um monje de Alcobaça e o Brancanista Fr. Alexandre da Sacra Familia, que depois foi Bispo d'Angra, tio e perceptor do nosso grande Poeta o Visconde de Almeida Garrett. Voltando ao reino para solicitar uma pensão, n'elle se conservou no emprego da sua arte. Falleceu em Lisboa a 12 de Abril de 1823. Veja-se a sua autobiographia na sua obra: *Collecção de Memorias relativas ás vidas dos Pintores e Esculptores*, etc. 1823.

FRANCISCO BARTOLOZZI

Tendo D. Rodrigo de Sousa Coutinho a inspecção da Imprensa Regia de Lisboa, quiz fazer uma edição nitida dos *Lusiadas* de Camões, e para gravar as estampas que a deviam acompanhar, veiu de Londres Francisco Bartolozzi no anno de 1802, attrahido por seu amigo o pintor Francisco Vieira (portuense) e com a pensão de 600$000 réis, obras pagas e casa.

Este famoso gravador florentino nasceu no anno de 1727, e foi discipulo de Wagner. Depois de haver exercido a sua arte em Veneza e em outros logares da Italia, em França e em Inglaterra, se fixou entre nós e falleceu em Lisboa no anno de 1815.

FRANCISCO VIEIRA PORTUENSE

Estava encarregado das estampas para a edição dos *Lusiadas*, projectada por D. Rodrigo de Sousa Coutinho; chegou a executar os esbocetos que deviam ser gravados por Bartolozzi, e hoje pertencem ao sr. Duque de Palmella. Taborda, *Regras de Pintura*, etc., diz que o pensamento d'esta edição era do pintor.

Pintou mais dois quadros allusivos aos *Lusiadas*: *O desembarque de Vasco da Gama na India;* n'este painel vê-se Venus protegendo os portuguezes, e Bacho animando os indios. *D. Ignez de Castro ajoelhada com os filhos diante do Rei.* Cyrillo e Taborda fazem menção d'este painel, e o ultimo o descreve e lhe faz os maiores elogios. Pertencem estes dois quadros a Sua Magestade o sr. D. Pedro II, e estão no Palacio de S. Christovão em uma das salas do torreão de Prata. O sr. Manuel de Araujo Portalegre, que os conhece, e mui competente avaliador pelos seus conhecimentos scientificos e artisticos, me segurou que eram de um acabado maravilhoso.

Francisco Vieira nasceu no Porto pelos annos de 1766, e tendo mostrado disposição para a arte, foi pensionado da Companhia das vinhas do Douro, para estudar em Roma, onde foi discipulo de Domingos Corvi e ganhou um premio; e tendo percorrido a Italia, Allemanha e Inglaterra, voltou á patria onde pintou alguns quadros, e d'estes alguns gravou o seu amigo Francisco Bartolozzi. Sobre a sua vida romantica veja-se Cyrillo, Taborda, *Dictionnaire Artistique,* etc. do Conde de Rackzynski, e a sua autobiographia com o titulo de *Vida do Insigne e Leal esposo*, etc.

MANUEL DA COSTA

Pintou na casa de jantar e na do banho, no Real Paço de Queluz, umas allegorias relativas aos *Lusiadas* de Camões. Vide *Descripção das Alegorias pintadas nos tectos do Real Paço de Queluz novamente reformado á ordem do General em Chefe do Exercito Francez, na occasião em que esperava em Portugal o seu Imperador, por Manoel da Costa.* Lisboa, 1808. Veja-se a *Descripção* VII e VIII.

Manuel da Costa era natural de Abrantes, e nasceu proximamente ao terremoto de 1755; pintou muito para os theatros.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

Compoz um quadro de que é assumpto a morte de Camões, o qual começou no anno de 1822, e expoz no Louvre no de 1824. Offereceu este quadro ao Imperador do Brazil o Sr. D. Pedro I, o qual por esta occasião o condecorou com a insignia de Cavalleiro da Ordem do Cruzeiro. Por fallecimento de Sua Magestade, ficou este painel a sua filha a Sr.ª Infanta D. Francisca, hoje Princeza de Joinville, que o levou para França. No jornal intitulado a *Carta,* n.º 13 (1826), vem uma descri-

pção traduzida do *Courier* francez de 20 de Setembro de 1824, acompanhada de um communicado do traductor que se assigna com as iniciaes J. C. S. A descripção è feita por Mr. Serrurs, com este titulo: — «*Bellas Artes. —O Cavalheiro Siqueira, Mr. Serrurs. —Á morte de Camões. —O Camões.*» Não a copio por ser um pouco longa, porém extractarei o que diz respeito ao quadro: Diz que estava collocado á esquerda do Salão e com a numeração 1564, e que tinha por terriveis visinhos, á direita, o retrato do Conde de Chaptal, por Mr. Gros, e que á esquerda absorviam a attenção muitos paineis de Mr. Gerard.

«O espectaculo geral do quadro (diz fallando do nosso pintor) perfeitamente de accordo com o espirito do objecto, é pouco proprio para attrahir as attenções. Observa-se uma camara fracamente allumiada pela luz de uma candeia, a cuja claridade um habitante de Lisboa lê a Camões a fatal noticia da perda da batalha de Alcacer-quibir, na qual falleceu o Rei de Portugal D. Sebastião, com a flor de sua cavallaria. O illustre velho sustem-se a custo, junta suas escarnadas mãos, e fita suas vistas moribundas para o céu. O tom do quadro é horroroso e obscuro; os accessórios são o que devem ser, isto é, proprios para darem a idéa de um completo desenvolvimento... A figura do velho Poeta n'este quadro é com effeito mui bella, considerando-se poeticamente. Em seus membros devorados pela velhice, através das suas barbas emaranhadas, descobrem-se-lhe ainda vestigios d'essa organisação superior que o constituiram ao mesmo tempo um poeta consummado e um soldado aguerrido. Este quadro, despojado de todas as seducções da arte e dos prestigios da palheta, me arrebatou todavia a um grau pouco ordinario; o motivo d'isto é ser o objecto escripto com uma energica simplicidade; e finalmente porque esta tela encerra o que todos os pintores deveriam observar, assim em grande como em pequeno, e vem a ser o pathetico e verosimil.» Até aqui Mr. Serrurs.

O sr. Manuel de Araujo Portalegre me disse ser pintado em madeira, e que rivalisava com as melhores obras de Gerard Dow. O mesmo sr. Portalegre viu em París em 1834, em casa de um pintor napolitano chamado Gianai, os cartões e estudos parciaes d'este painel, dados por Sequeira ao dito pintor. Julgo que os possue o sr. Marquez de Vianna. Tenho idéa de ver este quadro reproduzido pela gravura em um jornal litterario inglez.

Domingos Antonio de Sequeira nasceu em Lisboa no bairro de Belem, a 10 de Março de 1768. Foi um dos primeiros discipulos que teve a Aula Regia do Desenho aberta em 1781, e no decurso de cinco annos

ganhou alguns premios. Foi protegido dos srs. Marialvas, por intervenção dos quaes obteve uma pensão de 300$000 réis, para estudar em Roma, para onde se dirigiu, e chegou no anno de 1788, escolhendo para seu Mestre Cavalluci e Picola. Em 1794 foi recebido Academico de merito, e em Abril de 1796 regressou á sua patria. Chegando a Lisboa, tratou com os seus collegas, Pedro Alexandrino e Cyrillo, darem mais estimação e valor ás suas obras, e tendo pedido ao Conde de Valle de Reis mil moedas por dez batalhas, para uma das suas ante-Camaras, e tendo-lhe este recusado o preço, caíu em melancholia e quiz ir fazer vida eremitica na Serra do Bussaco, e por fim foi ser monge da Cartuxa. D'este estado o arrancou D. Rodrigo de Sousa Coutinho, que fallou n'elle ao Principe Regente; e Sua Alteza, por Decreto de 28 de Junho de 1802, o nomeou seu primeiro pintor da Camara e da Côrte, com 2:000$000 réis sobre os ordenados que já tinha, com obrigação de dirigir e executar, com o seu collega Francisco Vieira, a melhor parte das pinturas do novo palacio de Nossa Senhora da Ajuda. Em 1803 foi aceito para Mestre da Serenissima Sr.ª D. Maria Thereza, e deram-lhe sege e habito de Christo. Dirigiu tambem os trabalhos da baixella de que se fez presente ao Duque de Wellington, e recebeu novas pensões para si e sua filha. Em 1820, diz o Duque de Palmella, enthusiasmou-se um pouco pela revolução, no sentido patriotico e liberal, e receiando, com rasão ou sem ella, ser perseguido ou mal visto do governo, depois da reacção de 1823, pediu os seus passaportes, e foi o proprio Duque que lh'os fez passar. Dirigiu-se a Paris, onde pintou o bello quadro da morte de Camões de que fizemos menção, e ahi se demorou até o anno de 1826. No 1.º de Novembro d'este anno chegou novamente a Roma, onde residiu o resto da sua vida, que teve fim no dia 7 de Março de 1837.

Durante sua ultima residencia em Roma pintou quatorze quadros, e entre estes, infelizmente, só conhecemos os quatro soberbos quadros (não completos) que possue a casa de Palmella. É para sentir que um pintor como Sequeira, de uma esphera tão elevada, fizesse tão tarde a judiciosa correcção do seu estylo de pintar; teria multiplicado mais padrões para a sua gloria; mas o que nos ficou é sufficiente para justificar a bem merecida celebridade do seu nome, como artista, e de quem podemos dizer afoutamente, que honra a terra que lhe deu o nascimento. Sobre a sua vida e obras, veja-se Cyrillo Wolkmar Machado, *Collecção de memorias relativas ás vidas dos Pintores*, etc., pag. 148. O Conde de Rackzynski, *Les Arts en Portugal*, pag. 264, 267, 269,

270, 278, 279, 283, 284, 286, 287, 394, 405 e 445, e *Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal,* pag. 261.

DOMINGOS BOMTEMPO

Piannista e compositor bem conhecido entre nós; tinha-se encarregado da Missa de defuntos que devia ser executada nas exequias do Poeta: não sei se chegou a fazer esta composição musical.

ANTONIO MANUEL DA FONSECA

Tem pintado dois quadros extrahidos dos *Lusiadas:* o *desembarque de Vasco da Gama na ilha dos amores* e o *desembarque* do mesmo em Calicut, este ultimo em esboço; pintou tambem o retrato de *Camões,* que se acha collocado na galleria dos Almirantes em Londres.

Antonio Manuel da Fonseca, filho de João Thomás da Fonseca, tambem pintor de Historia, nasceu a 27 de Setembro de 1796. Aprendeu com seu pae os primeiros rudimentos de desenho e pintura. Tem feito muitos e diversos trabalhos da sua composição e execução em todos os generos de pintura a oleo, a bom fresco e a tempera ou a cola. No theatro de S. Carlos, um pano de bôca e alguns outros trabalhos; no palacio do Conde de Farrobo, a bom fresco, a sala romana, e a oleo a grega; na freguezia da Conceição Nova, o quadro do tecto do corpo da igreja, e diversos outros pequenos quadros e retratos que existem em Lisboa. Partiu para Roma, onde esteve dez annos consecutivos, e ali foi seu primeiro mestre André Pozzi, e o segundo, o Barão Camoncini. Ali fez varios quadros da sua composição e execução, os quaes existem em Londres, e um em París, o qual possue Vernet. Regressou á patria, e no extincto Convento do Espirito Santo fez a exposição dos seus quadros que fizera em Roma, e de que publicou um catalogo. Tem mais em esboço um quadro, cujo assumpto é o presente d'El-Rei D. Manuel ao Papa Leão X. Alem do *Catalogo* dos seus quadros feitos em Roma, escreveu o sr. Fonseca, por occasião de uma polemica sobre o seu quadro de Eneas, uma carta apologetica com este titulo: *O quadro de Eneas.— Carta dirigida aos Redactores da imprensa portugueza,* etc. Lisboa, 1855. Sobre o auctor e as suas obras veja-se o que diz o Conde de Rackzynski, *Les Arts en Portugal;* e o nosso poeta Visconde de Almeida Garrett, sobre este seu quadro, e o da morte de Affonso de Albuquerque. O sr. Fonseca é Professor proprietario de pintura historica na Aca-

demia de Bellas Artes, e Academico de Merito da Congregação de Artistas e Amadores, no Pantheon em Roma.

FRANCISCO DE ASSIS RODRIGUES

Em 1835 modelou e fundiu em gesso um busto de Camões, em ponto maior que o natural. Em 1843 apresentou na exposição da Academia de Bellas Artes um pequeno grupo representando o Genio da Nação portugueza coroando o mesmo Poeta. Em 1855 expoz uma estatua do dito Epico, tambem em gesso, com a seguinte inscripção: —*Ao principe dos Poetas portuguezes. D. um estatuario portuguez:* 1855.

O sr. Francisco de Assis Rodrigues tem executado varias outras obras de merecimento: a *Nayade* collocada na cascata do passeio publico; o *Gil Vicente* no angulo culminante do frontão do theatro de D. Maria II; e são igualmente do mesmo professor os modelos e a direcção em pedra de toda a esculptura que orna o tympano do mesmo frontão, sendo os desenhos do professor proprietario de pintura historica Antonio Manuel da Fonseca. Esculpiu tambem em marmore de Italia dois *genios* por encommenda de Sua Magestade o Sr. D. Fernando, *o amor dormindo,* copia de um modelo de Mr. Fraikin estatuario belga; o segundo da sua composição, a *musica.* Tem feito mais varios retratos em gesso, cera e marmore, de alguns amigos, e entre estes o do sr. Antonio Feliciano de Castilho, e o do gravador Mr. Comte.

O sr. Assis accumula a qualidade de escriptor, tendo escripto sobre a arte os dois seguintes tratados: *Memoria sobre o methodo e processo dos trabalhos na pedra. Impressão Regia,* 1829. —*Methodo das proporções e anatomia do corpo humano, dedicado á mocidade estudiosa, que se applica ás artes do Desenho. Impressão Regia,* 1837.

Francisco de Assis Rodrigues nasceu em Lisboa a 12 de Outubro de 1801, e foram seus paes Faustino José Rodrigues e D. Febronia Rosa do Carmo. Matriculou-se na aula de esculptura em 15 de Fevereiro de 1813, tendo 11 annos de idade, e sendo professor proprietario d'ella o insigne auctor da estatua equestre, Joaquim Machado de Castro, e substituto o pae do alumno. Com os estudos de desenho e esculptura, cursou tambem os de Grammatica Latina, Logica, Rhetorica e linguas franceza e italiana. Completos os dez annos de estudo que prescreve o regulamento, e feito exame, passou a Ajudante da mesma aula e laboratorio de esculptura, em Aviso de 30 de Dezembro de 1823. Por concurso foi promovido ao logar de Substituto, por Decreto de 25 de Maio

de 1829; passou a proprietario na fundação da Academia, por Decreto de 25 de Outubro de 1837, e a Director Geral, sem o requerer, por Decreto de 7 de Março de 1845.

J. M. GAGGIANI

Estatua de Camões, de tres palmos de alto, modelada em barro pelo alumno da escola de esculptura J. M. Gaggiani, apresentada na exposição da Academia das Bellas Artes de 1843: mereceu o *accessit*.

MANUEL MARIA BORDALLO PINHEIRO

Expoz na exposição da Academia das Bellas Artes de Lisboa de 1849 um esboceto de esculptura feito em barro, que representa Camões afagando o escravo.

Manuel Maria Bordallo Pinheiro é Amanuense de primeira classe da Secretaria da Camara dos Pares do Reino.

DYONISIO DA VEGA

Compoz: *Lagrimas de Camões. Musica dedicada ao sr. Antonio Feliciano de Castilho, por Dyonisio da Vega.* —Rompeu a orchestra do Rio de Janeiro com esta musica, por occasião de ali se representar o drama do sr. Castilho, intitulado *Camões*.

FRANCISCO AUGUSTO METRASS

Nasceu a 7 de Fevereiro de 1826. Fez os seus primeiros estudos de desenho na Academia das Bellas Artes de Lisboa. Foi depois para Italia, onde esteve tres annos estudando a pintura, e de lá passou a París, proseguindo sempre nos seus estudos. N'esta cidade executou elle, póde dizer-se, o seu primeiro quadro representando *Camões na gruta de Macau acompanhado do Jau seu escravo.* Este quadro foi offerecido a Sua Magestade o Sr. D. Fernando, que o conserva dando-lhe o maior apreço, figurando n'uma das suas principaes salas.

Mais tarde, este artista, lembrando-se sempre do infeliz Poeta, fez um pequeno esboceto representando os *ultimos momentos de Camões*, e depois executou uma grande composição: *Camões lendo o Poema a El-Rei D. Sebastião, na Serra de Cintra*. No *Archivo Universal*, pa-

gina 237 do volume i, se lê, sobre este quadro, uma apreciação feita pelo sr. Joaquim Pedro de Sousa.

JOAQUIM PEDRO DE SOUSA

Nasceu a 6 de Setembro de 1822. Estudou desenho na Academia de Bellas Artes de Lisboa, e foi em 1845 para Paris começar o estudo da gravura, como discipulo de Henriquel Dupont. Executou, sendo já professor da Academia de Lisboa, um desenho para ser gravado, copiado do quadro original do sr. Metrass, representando *Camões na gruta de Macau;* este trabalho é de um acabado perfeito e uma obra primorosa. Fez mais outro desenho para ser gravado, copiado do esboceto do sr. Metrass, a *morte de Camões;* e ultimamente quiz ter a bondade de se encarregar de gravar o retrato de Camões, copiado do mais antigo que se encontrou (1624), que orna a presente edição das obras do Poeta, e que o sr. Sousa executou primorosamente. O sr. Sousa tem gravado differentes obras em madeira e em cobre, e ultimamente os retratos da publicação periodica *Revista Contemporanea.*

VICTOR BASTOS

Nasceu a 25 de Janeiro de 1829. Começou os estudos de desenho na Academia de Bellas Artes de Lisboa, e estando já professor de desenho na Universidade de Coimbra em 1846, tentou dedicar-se á arte da esculptura, para a qual a propensão natural o chamava, e com tão boa fortuna que no corrente anno de 1860 projectou um monumento para ser erigido a Camões, que tão apreciado foi, que deu origem a crear-se uma Commissão, com o intuito de promover uma subscripção para o fazer executar em uma praça publica da capital.

O sr. Bastos tem executado outras obras, e entre estas, um bello baixo relevo, *os effeitos da Cholera morbus;* é obra de bastante merito. Sentimos que o sr. Bastos não tenha podido ir, a expensas do Estado, inspirar-se dos grandes modelos que se observam nos paizes estrangeiros; porque, sejamos francos, só ali se podem encontrar. A esculptura entre nós tem sido quasi sempre um accessorio da architectura; porquanto, se exceptuarmos as figuras que ornam os porticos e atrios dos nossos templos goticos, e essas tão poeticas sepulturas, especialmente dos seculos xiv e xv, as não encontraremos em outras partes. O que dissemos da esculptura em pedra, o não dizemos da mesma

arte em madeira e obra de talha, e mesmo em *terra-cota;* encontram-se imagens nas igrejas e lojas dos santeiros de uma belleza admiravel.

FRANCISCO PINTO DA COSTA

Este artista é natural do Porto. Pintou um quadro representando a *morte de Camões.* Julgo que fez exposição d'elle no Instituto Industrial, e que o quadro pertence ao Sr. D. Fernando.

MEDALHAS

EM HONRA

DE LUIZ DE CAMÕES

BARÃO DE DILLON

A obra intitulada: *Retratos e elogios de Varões e Donas que illustrarão a nação Portuguesa,* faz menção d'esta medalha por esta fórma: «O Barão de Dillon, pela muita estima que fazia do grande Luiz de Camões, a quem intentou traduzir na sua lingua ingleza, mandou fundir em Inglaterra, e lhe dedicou uma medalha de bronze com o seu busto em uma face, e o nome de Luiz de Camões, e da outra, no meio da corôa de louro, a letra portugueza: —*Apollo Portuguez, Honra de Hespanha, nasceo* 1524, *morreo* 1579. *Optimo Poetæ, J. T. Baro de Dillon dedicavit,* 1782. Ha d'este mesmo Fidalgo inglez uma viagem a Hespanha, com este titulo: —*Dillon (John Talbot) travels throug Spain, the second edition, London,* 1782, *gr. in* 4.° *fig.*

Esta medalha foi aberta pelo pae de Mr. Young, gravador residente em Holborn, o qual examinou, a pedido de Mr. Adamson, os papeis de seu pae para noticias relativas a esta medalha. Veiu gravada no *Gentleman's Magazine,* Abril 1784, e ahi se diz que o retrato da medalha tinha sido reproduzido de um quadro de que era possuidor o Marquez de Niza, nono descendente de Vasco da Gama, o descobridor da India e o heroe do *Poema.* Foi tambem gravada na obra de Clarke: *Progress*

of maritime Discovery; e na obra de Mr. Adamson. Vide ***Memoirs of Camoens***, pag. 229 e 230.

Sir John Talbot Dillon, Baronet, foi Barão do Sacro Imperio, e falleceu em 1805; o seu actual representante é Sir John Dillon, Baronet, de Lismullen, co. Meall, que herdou tambem o titulo estrangeiro. Não tivemos occasião de nos dirigirmos a este cavalheiro pedindo-lhe noticias do seu illustre ascendente, tão enthusiasta do nosso Epico.

THOMÁS JOSÉ DE AQUINO

Reproduziu a medalha do Barão de Dillon; é mais grossa e feita em Lisboa no anno de 1793, como se póde ver na obra intitulada: ***Retratos e elogios dos Varoens e Donas Portuguesas***. Lisboa, 1817, por Pedro José de Figueiredo, ***Vida de Camões***. Esta medalha tem por baixo: ***Thomás Josephus Aquinius, Clariss. Baronis Memor, Olisipone, Iterum Œre Incidi C.*** 1793.

D. JOSÉ MARIA DE SOUSA, MORGADO DE MATHEUS

Esta medalha foi mandada gravar por D. José Maria de Sousa, no anno de 1819. No anverso tem a cabeça do Poeta em perfil, e em volta: ***Lud. Camoes. Ob.*** MDLXXIX. Æt. LIV. No reverso a prôa de um navio romano entre uma espada e uma trombeta; por cima do navio lê-se a palavra —***Lusiadas,***— e por baixo: ***D. J. M. de Sousa. Excudi. Jussit.*** A. MDCCCXIX. Esta medalha vem gravada na obra de Mr. Adamson.

DURAND

Em París no anno de 1821, para ensaios da casa da moeda, se fez uma medalha com o retrato de Camões; legenda: —***Luduvicus Camoens. Natus Olysipone in Lusitania. A.*** M.DXVII. ***Obiit, A.*** MDLXXIX. ***Series Numismatica Universalis Virorum Illustrium.*** MDCCCXXI. —***Durand edidit.***

FRANCISCO DE BORJA FREIRE

Abriu, para concurso de primeiro abridor da Casa da Moeda em 1830, por ordem do governo, uma medalha igual áquella que se cunhou em París no anno de 1821; abriu depois outro reverso com a data de 1830, eliminando o nome de Durand.

CAETANO ALBERTO NUNES DE ALMEIDA

Abriu para concurso em 1830, para primeiro abridor da Casa da Moeda, uma igual áquella que se cunhou em París no anno de 1821, mudando-lhe a data de 1821 para 1830, e obteve em concorrencia este logar.

MONUMENTOS

A CAMÕES

Póde o estatuario abrir na pedra os olhos, fazer sobresaír o nariz, rasgar a bôca, mas não póde dar vida aonde a não ha; esforcem-se os Miguel Angelos, os Canovas, os Davids,os Thorwaldsens; por mais que se cansem não podem mentir na pedra, se o typo d'onde copiaram era negativo, o seu trabalho será sempre a —*Statua statuæ*— e a gloria só caberá ao artista pela belleza material e artistica da fórma. Porém se a estatua é o reflexo do individuo que havia já passado pela canonisação, embora profana, do consenso universal, a pedra espontaneamente recebe a vida, e nos transmitte as feições moraes do individuo a quem na nossa idéa já antecipadamente haviamos erguido o monumento.

Devemos pois ser sobrios n'estas honras, que nem sempre se prestam ao verdadeiro merecimento; nossos maiores o foram talvez em demazia. De tantos Reis illustres que se sentaram no throno portuguez, sómente um gosou das honras de ser reproduzido no bronze, e ainda assim o publico, com rasão ou sem ella, quer ver n'esta memoria representada a fama do Ministro que geriu os negocios no seu reinado; e Principe houve entre nós, que recusou o monumento que a gratidão publica lhe queria erigir, receioso, como quem lia no futuro, que a inconstancia popular derrubasse não só a copia, mas o typo: exemplo de igual versatilidade vimos já em nossos dias; em horas vimos a mesma geração rasgar uma pagina, que na vespera havia escripto na pedra.

Acresce a difficuldade e o embaraço da escolha, porque pullulam os Heroes desde o berço da Monarchia até á fatal epocha em que baqueámos, mas com gloria, em Alcacer-kibir; e desde então apenas nos limitámos, por duas vezes, a quebrar cadeias que nos algemavam, e tirando uma ou outra excepção, os grandes vultos dos primeiros tempos da monarchia decrescem na primeira epocha que seguiu a catastrophe politica, e na segunda o individuo foi a nação, pois os Capitães que nos levaram á victoria não haviam nascido entre nós.

D'este honroso embaraço nos tira Camões; Camões não é o individuo, é o symbolo que representa o patriotismo encarnado no Poeta nacional, e a gloria do povo heroico, que não foi imitada nem o poderá ser pelos outros povos, porque não ha já mais mundos novos para descobrir, conquistar e civilisar. Tratando-se da falta de uma sepultura honrosa para o Poeta, disse um escriptor que a escusava, porque a sua sepultura era o mundo, só este o poderia conter; concordo, mas isto não tira que essa sua fama, ou antes da nação, tão largamente espalhada, se não prisme e concentre em um ponto fixo, onde possamos admirar reunidos os raios de tanta gloria. Ergue-te pois monumento nacional, e sympathico, querido de todos, de todos desejado, que representas a fraternidade na gloria, no brio nacional e independencia da patria.

Tyrios e Troyanos te applaudem; o mancebo poderá ao teu lado vir inspirar-se de patriotismo, e o forasteiro parando, saudar-te-ha, e invejando o teu passado, Nação outr'ora famosa, dirá comsigo: — Foste um povo de heroes.

Ergue-te pois monumento nacional, e realise-se por uma vez este desejo ha tempo latente no coração de todos, e para que se veja que se a Nação tem peccado por *obra,* não tem peccado por *pensamento*, lançarei aqui os differentes alvitres e programmas que têem lembrado, para se levar a effeito a realisação d'este projecto.

Os primeiros que se lembraram de pôr uma pequena memoria na sepultura do Poeta, foram, como deixámos já dito, o seu amigo D. Gonçalo Coutinho e Miguel Leitão de Andrade, ambos contemporaneos; após estes, Manuel de Faria e Sousa havia encommendado um busto em Roma, para collocar na sua sepultura, porém á sua volta se não achava concluido. Desde esta ultima epocha passaram uns duzentos annos até que acordasse novamente o pensamento de lhe levantar um monumento. Duzentos annos! Não vos admireis, não vos envergonheis que esta é a sorte, e será sempre, dos grandes homens. O Ariosto deveu as honras funebres a um amigo; muito tempo depois da morte de

Milton, no côro da Igreja de Saint-Gilles se lia uma inscripção, gasta pelos pés dos transeuntes que a pisavam, que indicava que ali repousava o Cantor do *Paraizo Perdido;* e sua filha, para ter que comer, casou com um tecelão; e a sua geração, tendo passado pelas differentes phases da indigencia, se extinguiu, sem que se lhe conheça a pista, na India Ingleza. Ainda hoje na sepultura de Shakespeare, se lê esta inscripção:

Guillelmo Shakspeare
Anno post mortem CXXIV
Amor publicus posuit

Já vêdes que o *amor publico* foi tardio!

Ao Tasso é agora que se levanta um mausoleu por disposição de Sua Santidade o Papa Gregorio XVI; e ainda ha pouco vimos appellar para a caridade publica uma neta do grande Racine.

A primeira vez que entre nós se tratou, com mais seriedade, de levantar uma memoria monumental ao nosso grande Epico, foi pelos annos de 1817 ou 1818. Por esta epocha Joaquim de Lemos de Seixas Castello-branco, sendo Provedor da Junta do Monte pio Litterario, e o Procurador Geral Antonio Maria do Couto, Professor de lingua grega, propozeram em mesa que se promovesse uma subscripção, com o pensamento de levantar um mausoleu a Camões. Approvado o projecto, escreveram para Paris, onde então se achava D. José Maria de Sousa Botelho, Morgado de Matheus, para serem coadjuvados na sua empreza. O Marquez de Marialva, que tão dignamente representava Portugal n'aquella côrte, reuniu logo na casa da Embaixada os portuguezes: Conde de Palmella, Francisco José Maria de Brito, Conde de Funchal e D. José Maria de Sousa Botelho, para lhes ser apresentado o projecto, os quaes accordaram em votar á Mesa os justos e devidos elogios, e em propor-lhe uns artigos, que em substancia são os seguintes: Que se rogasse a El-Rei lhe concedesse o seu beneplacito, e tomasse a obra debaixo da sua protecção; que as duas Commissões escolhessem mutuamente dois membros para se corresponderem, nomeando por sua parte o Marquez de Marialva e D. José Maria de Sousa Botelho; que se convocassem a concurso nacionaes e estrangeiros; que não se descobrindo os ossos na Igreja de Sant'Anna, se collocasse na parede junto á sua sepultura o epitaphio que lhe pozera D. Gonçalo Coutinho, e se declarasse que esta lapida e inscripção fôra restituida pelo voto nacional; que o mausoleu ou monumento fosse erigido na Igreja do Real

Mosteiro de Belem, obtida a licença regia, por ser aquelle monumento fundado por D. Manuel para perpetuar a memoria da navegação de Vasco da Gama, que o Poeta cantou no seu *Poema;* não podendo ter logar a trasladação dos ossos de Camões, convinha celebrar religiosamente o dia em que se descobrisse o monumento, com o apparato que propõe a Mesa, parecendo conveniente que fosse o anniversario da saída da expedição de Vasco da Gama, e que se fixasse um dia para se lhe fazerem as exequias annuaes; que se convidassem, não só os portuguezes residentes em todas as partes da Europa, mas os estrangeiros que quizessem voluntariamente subscrever, e se abrisse em casa dos Banqueiros Bagenault & Comp.ª uma subscripção filial da de Lisboa.

Esta resposta, assignada na casa da Embaixada pelos cinco signatarios, é datada de 16 de Novembro de 1818, e acompanhada de uma subscripção de 10:270 francos dos seguintes subscriptores:

	FRANCOS
Marquez de Marialva	3:000
Conde do Funchal	2:000
Conde de Palmella	2:000
Ex.ma Condessa de Palmella	2:000
D. José Maria de Sousa	1:000
Manuel Rodrigues Gameiro Pessoa	150
Antonio José de Carvalho e Mello	100
José Ignacio da Cunha Candido	20
Somma francos	10:270

Por esta occasião se affixava no jornal dos annuncios *L'Étoile du Matin* um declarando que na casa de Bagenault & Comp.ª, em Paris, e na de Pedro F. e Comp.ª, em Londres, se aceitavam as subscripções.

A este parecer da Commissão de París respondeu a de Lisboa (12 de Março de 1819) conformando-se, apresentando comtudo duas objecções em que a Mesa reparava, pedindo-lhe a sua ultima decisão: a primeira sobre a concorrencia dos artistas estrangeiros, sendo da opinião que o programma sobre esta materia devia limitar-se aos nacionaes, sem que todavia se tolhesse a concorrencia aos estrangeiros, mas não os convidando nunca, nem fazendo d'elles expressa menção, por isso que este monumento devia ser antes nacional que europeu; e emquanto ao local reformava a Commissão o seu primeiro juizo, julgando que a Igreja de S. Domingos, pelas relações de amizade e protecção que devêra o Poeta áquelles religiosos, devia ser preferida ao Mosteiro de S. Vicente, indi-

cado no primeiro plano da Commissão, e ao de Belem, lembrado pela de París. Por esta occasião nomeou a Commissão dois membros para a correspondencia, que foram: o Provedor auctor da moção, e o Visconde da Lapa.

Ás duas objecções da Commissão de Lisboa respondeu a de París (30 de Junho de 1819) observando que, sendo sem duvida o desejo de todos que o monumento fosse um primor da arte, não via a duvida de serem convocados a concurso tambem os estrangeiros, exemplo praticado por outros povos antigos e modernos que nos eram superiores nas artes, e por nós mesmos sem desdouro, porquanto ninguem diria que a Batalha por ter sido mestre d'ella um irlandez, David Huguet, e da igreja de Belem outro estrangeiro, que deixem de ser monumentos nacionaes. Que todos os esforços deviam dirigir-se a obter um desenho inspirado pelo engenho, apurado pelo gosto e executado pelo mais habil esculptor. Que na esculptura existia um artista italiano, cuja superioridade não era disputada, Canova, e assim seria muito desejavel que elle se encarregasse, assim como se encarregou, havia poucos annos, de outra similhante para Vienna d'Austria, do famoso mausoleu da Archiduqueza Christina, que se acha erigido na Capella Real, e que assás restava aos nacionaes no bom desempenho do desenho e architectura.

Que parecia á Commissão que o local de Belem era o mais bem adequado, mas no caso de algum embaraço ou duvida, pensava que o Mosteiro de S. Vicente, ou a Sé, deviam ser preferidos ao Convento de S. Domingos pela inferioridade da sua architectura, e porque o titulo allegado era inadmissivel, poisque os contemporaneos de Camões, que o deixaram morrer ao desampàro, não mereciam indulgencia e sómente o esquecimento da posteridade.

Que emquanto ao requerimento que se devia dirigir a Sua Magestade, para que se dignasse conceder a esta empreza a sua alta protecção, o sr. Embaixador de París estava prompto a dirigi-lo á sua real presença. Terminava recommendando a maior actividade para o proseguimento da obra, porque seria grande desdouro se acaso se malograsse e desvanecesse.

No entanto havia a Commissão em Lisboa (5 de Maio de 1819) organisado um programma para a subscripção em seis artigos, onde se expunham as condições d'ella e fim; a saber: recolherem-se os ossos de Camões a um dos principaes Templos da cidade, no caso de se encontrarem, com a maior pompa e apparato, destinando-se o dia 8 de Julho para este funebre prestito e exequias, por ser o anniversario da

saída de Vasco da Gama do porto de Lisboa para o descobrimento da India, applicando-se desde logo quantia certa para a renovação annual das exequias.

Este programma de subscripção foi entregue aos Governadores, com todos os documentos, pedindo-lhe a sua sancção e subscripção.

Em carta dos Commissarios de Lisboa (18 de Setembro de 1819) se narra o resultado dos passos e diligencias da Commissão, perante os Governadores; extractarei aqui a parte d'ella que diz respeito a estas diligencias.

«Fizemos presente em Meza o parecer dos srs. Subscriptores de París, que por V. Ex.ª nos foi communicado em data de 30 de Junho, e com o qual ella conformando-se inteiramente, nos incumbiu pois de pôr em pratica as medidas que n'elle se apontavam, e pareciam as mais adequadas para dar a este negocio aquelle grau de publicidade e auctoridade que pretendiamos.

«Formalizou-se o requerimento que remettemos incluso, e que pareceu á Meza que devia ser em seu nome, e não dos Directores abaixo assignados, por isso que ainda se não tinha principiado a abrir publicamente a subscripção n'esta capital, e que para pôr em effeito a sobredita, se dirigiu o infra escripto actual Provedor da Meza, e com seu representante a cada um dos Governadores do Reino em particular, para pedir-lhes em primeiro logar a sua assignatura, assegurando-os de que a Meza, juntamente com os srs. Subscriptores de París, se dirigiriam a Sua Magestade El-Rei Nosso Senhor, pelo seu Embaixador em París, a solicitar a sua Regia Protecção. Fizeram-se-lhes patentes n'esta occasião todos os Documentos relativos a esta gloriosa empreza, e que constavam: do Projecto da subscripção; Consulta dos srs. Subscriptores de París; Resposta a ella, e ultima decisão em que conviemos; os meios que se tinham imaginado para consegui-la, e a honra emfim que d'ella devia provir á Nação e Patria; temos porém o triste desprazer de annunciarmos que, depois de tantas diligencias, demora e esperas, a final foi a resposta de cada um, que nos dirigissemos a Elles no Governo para ahi decidirem em conferencia sobre isso, e o que cumprimos da maneira que insinuárão, e se vê do Documento que remetto por copia para V. Ex.as verem, sendo o resultado: que os Governadores do Reino estavam promptos a subscreverem, logoque a Meza ou os Directores de Lisboa lhe apresentarem o diploma da approvação de Sua Magestade; mas que antes d'isso julgavam este acto contradictorio á sua auctoridade e representação.»

Tal foi o resultado d'esta tentativa, que extractâmos dos proprios documentos autographos das duas Commissões, com que com toda a amabilidade fomos espontaneamente brindado pelo sr. Francisco Xavier Rodrigues, da Villa de Torres Novas, sabendo que nos occupavamos de indagações sobre o nosso Epico.

Parece que por esta occasião se havia encommendado uma Missa de *Requiem* ao compositor Domingos Bomtempo, que não sei se chegou a ser composta.

No anno de 1836 fez o sr. Antonio Feliciano de Castilho a proposta que atraz deixâmos dita na *Vida do Poeta*, como no artigo que diz respeito a este escriptor, proposta que mais de uma vez renovou. A estreiteza a que somos obrigados a cingir-nos, por ir longo este nosso trabalho, não nos permitte trasladar a noticia minuciosa d'estas suas propostas; porém o publico as poderá ler na nota do seu *Camões, Estudo Historico Poetico*, e que corre desde pag. 224 com o titulo de *Honras Posthumas*.

Em 1854 propoz o sr. Ayres de Sá Nogueira na Camara Municipal, sendo Vereador, que na praça de Belem, outr'ora Rastello, se erigisse uma estatua a Camões. Appareceram logo depois alguns alvitres sobre o mesmo assumpto pela imprensa. No jornal intitulado *Imprensa e Lei*, n.º 85, de 23 de Novembro, appareceu esta lembrança: «Que na parte do Passeio publico que está por arranjar (cujo passeio passaria a chamar-se passeio de Camões) se fizesse um grande lago onde se collocasse a estatua de Camões no acto de salvar a nado o seu *Poema dos Lusiadas*. Outro alvitre apresentou o jornal intitulado *Bibliotheca Lusitana, Archivo Administrativo e Industrial*, n.º 3, de 5 de Fevereiro de 1855, e consistia este em collocar-se o monumento no local da sua sepultura, e sendo este á imitação da gruta de Macau, devendo no Convento estabelecer-se, com o titulo de *Parnazo Lusitano*, uma bibliotheca de Poetas nacionaes e estrangeiros, com um gabinete reservado onde se recolhessem todas as edições dos *Lusiadas*.

Tornou-se tambem a nomear uma Commissão, por Portaria de 30 de Dezembro de 1854, de que tive a honra de fazer parte, presidida pelo sr. Visconde de Monção, para renovar a exploração dos restos mortaes do Poeta; dos resultados que pôde obter a Commissão será o publico informado pelo Relatorio que se deve imprimir.

Em vereação da Camara Municipal de 20 de Setembro de 1858, o sr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel reiterou a proposta para que no Cemiterio dos Prazeres se reservasse um espaço conveniente, para n'elle

se collocarem exclusivamente os jazigos dos homens celebres em letras e sciencias, e que tivessem feito serviços assignalados á humanidade. Esta proposta se póde ler no *Jornal do Municipio de Lisboa.*

Em 2 de Agosto de 1857 se propoz no *Gremio Litterario Portuguez* do Rio de Janeiro, que se levantasse uma estatua a Camões em Lisboa; nomeou-se logo uma Commissão para apresentar o seu projectó para se levar á execução, a qual apresentou o seu programma em 8 do mesmo mez, e foi communicado ao *Jornal do Commercio* pelo Presidente e Secretario do mesmo Gremio, os srs. Francisco Gonçalves Braga e Antonio Xavier Rodrigues Pinto; este programma e conta foram inseridos no mesmo jornal n.º 1:221 (14 de Outubro de 1857).

Ultimamente está nomeada uma Commissão para levar a effeito este tantas vezes meditado pensamento nacional, e que parece vae ser auxiliada pela vontade *omnipotente* do bello sexo: é de esperar que ajudada a Commissão de tão poderoso e benefico auxilio, e animada da mais efficaz vontade e solicitude, encontre na sympathia nacional de todos os seus concidadãos tão constantemente manifestada, para o Cantor das nossas glorias, os elementos necessarios para ver coroado o resultado do nobre empenho que pesa sobre a sua responsabilidade.

EDIÇÕES

1572

OS LUSIADAS DE LUIS DE CAMÕES. COM PRIVILEGIO REAL. IMPRESSOS EM LISBOA, COM LICENÇA DA SANCTA INQUISIÇÃO, & DO ORDINARIO: EM CASA DE ANTONIO GÕÇALVEZ IMPRESSOR. 1572. 1 VOL. 4.º —1572. SEGUNDA EDIÇÃO. 1 VOL. 4.º

Ignora-se se Camões imprimiu por sua conta o seu *Poema*, ou cedeu os direitos de auctor ao editor; comtudo no privilegio para a impressão salva-se esta eventualidade, prohibindo-se a contrafacção feita em dominios estrangeiros, e o introduzi-la no reino, a sua impressão ou venda em Portugal e o levar-se á India sem licença do Poeta, ou da pessoa que para isso seu poder tivesse. Os poucos meios pecuniarios do Poeta dão todo o logar a conjecturar, que elle fizesse tal ou qual concerto com o impressor que foi Antonio Gonçalves, em cuja officina se imprimiu em um volume de 4.º de 186 pag. numeradas de um só lado, menos as duas primeiras que o não são.

O titulo está mettido em uma tarja que representa um portico, e na parte superior ao centro tem um pelicano. Na segunda pagina vem o Privilegio dado ao Poeta pelo espaço de dez annos, e datado de 24 de Setembro de 1571, o qual deixámos publicado na *Vida do Poeta*, Documento D, e no reverso d'esta pagina a informação do Censor e Qualificador do Santo Officio, o padre Fr. Bartholomeu Ferreira. Na pagina em frente principiam os *Lusiadas;* os titulos dos Cantos, a primeira regra de cada um d'elles, e a inscripção do alto das paginas são em letra romana, e o resto em italico.

Aindaque á primeira vista estas duas edições pareçam identicas, com-

tudo encontram-se differenças sensiveis quando se examinam, e consistem estas principalmente, em que na segunda edição, que assim chamaremos áquella aonde abundam menos erros, a tarja do rosto está collocada em sentido contrario á da primeira, com o pelicano voltado para o lado esquerdo; os caracteres do titulo, o privilegio, são menos grossos; a letra da informação do Qualificador é irmã da do texto, e a da assignatura é mais pequena, o que succede pelo contrario na outra edição.

Alem d'isto a orthographia das duas edições é differente uma da outra, postoque nenhuma siga um systema constante. Emquanto ao texto ha mudança de palavras, e emendas no exemplar que viu o Academico Sebastião Trigoso, ao qual se póde consultar mais largamente sobre esta edição, e as quatro subsequentes; encontrou a pag. 40 a transposição de seis oitavas, a saber: em logar das estancias 21, 22, 23, 24, 25 e 26, a estancia 57 e as cinco seguintes e *vice versa*, estando comtudo os reclamos dos fins das paginas, exactos; no exemplar que temos á vista da primeira edição que pertence ao sr. J. F. Minhava, não se dá esta alteração.

Sobre estas duas edições tem-se suscitado uma questão, isto é, se a segunda foi realmente uma nova edição que saiu no mesmo anno, ou contrafacção da primeira. Eu estou persuadido que foi uma contrafacção d'esta, porém ordenada pelo mesmo auctor ou editor, retratada quanto foi possivel da edição *Princeps*, com os mesmos typos para se não distinguirem d'aquella, que saiu no mesmo anno de 1572; podia tambem saír em epocha differente á da data marcada no frontispicio. O que deu logar a esta subtileza foi porventura a necessidade de evitar as delongas das licenças e censuras, ou alguma caballa que se levantasse contra a integral reimpressão do *Poema* sem as amputações que soffreu na edição seguinte (1584). Exemplos d'estas edições do mesmo anno, parecendo identicas no typo, mas com variantes no texto, se encontram de outros auctores, e os motivos podiam ser os mesmos.

Na edição das *Rimas* do nosso Poeta, de 1607, se encontra a mesma circumstancia de apparente identidade typographica, porém variantes como faremos observar quando tratarmos d'esta edição.

Faremos aqui menção de tres exemplares d'esta edição, que offerecem alguma curiosidade: O primeiro, o que pertenceu ao Mosteiro de S. Bento da Saude, e que hoje está em poder de Sua Magestade o Imperador do Brazil, e que tem por baixo do privilegio escripto em letra antiga: —*Luiz de Camões seu Dono*— este livro está cheio de notas,

mas conforme a opinião do sr. Trigoso, que o viu, não pertencem a Camões. O segundo, o que pertence a Lord Holland, e tem a nota de Frei José Indio relativa aos ultimos momentos de Camões. O terceiro, o que pertencia ao Conde de Vimioso, o qual, segundo a asserção de Thimoteo Lecussan Verdier, que d'elle tirou copia, estava cheio de emendas da propria letra de Camões.

1584

OS LUSIADAS DE LUIS DE CAMÕES, AGORA DE NOVO IMPRESSO, COM ALGŨAS ANNOTAÇOENS DE DIVERSOS AUTORES. COM LICENÇA DO SUPREMO CONSELHO DA SANCTA & GERAL INQUISIÇÃO, POR MANOEL DE LYRA. EM LISBOA, ANNO DE 1584

Na pagina do rosto, entre o titulo e a declaração das licenças, está uma vinheta representando Apollo tocando em uma rabeca, e aos seus pés um leão e uma corça, que parecem domados pela musica; e em torno da figura de Apollo esta inscripção: —*Non vi sed ingenio et arte.*

Na pagina em seguimento ao titulo se lê esta licença: «Vi por mandado do Illustrissimo e Reverendissimo Senhor Arcebispo de Lisboa, Inquisidor Geral destes Reynos, os *Lusiadas* de Luis de Camões, com algumas glosas, o qual livro asi emmendado como agora vay não tem cousa contra a fee & bons costumes, e póde-se imprimir. E o autor mostrou nelle muito engenho & erudição. —*Fr Bertholameu Ferreira.*» Logo abaixo na mesma pagina, a licença para a impressão assignada (15 de Maio de 1584) por Manuel de Quadros, Paulo Affonso e Jorge Serrão. Segue-se no verso da pagina: «Tavoada pella ordem A, B e C de todas as cousas que o autor tocou neste livro, sobre que se fez annotação.»

No fim d'esta Tavoada repete-se a mesma vinheta, mas mais ricamente ornada. Em cima tem uma Diana reclinada, com um brazeiro com chammas, e uma inscripção que não pude ler; por baixo da Diana: —*Musis sacrum*— aos lados duas figuras de guerreiros, um que monta uma aguia, e outro tem aos pés uma figura; em baixo as duas iniciaes do livreiro M. L.

Começa o *Poema* depois em caracteres romanos, e as notas, as quaes estam juntas á oitava a que se referem, são em italico; cada canto é precedido de um argumento em prosa, e comprehende o *Poema* todo 280 pag.

Acabado o *Poema*, vem umas novas annotações com este titulo: «Seguem-se algumas annotaçoens, tocantes á Mathematica, & Geographia, importantes para os que navegão nas partes da India. As quaes se deixarão para este logar, pera melhor entendimento de tudo.»

Estas notas são especialmente tocantes ao canto x, e n'ellas se explica a allegoria do Poeta, á vista do systema astronomico seguido no seu tempo, e se faz a descripção de algumas terras de que no dito canto se faz menção.

Termina: «Impresso com licença do Supremo Conselho da Sancta Inquisição, por Manoel de Lyra. Anno de 1584.» Postoque pareça em 12.°, é em 8.° tendo as paginas numeradas de um só lado. Em uma nota á oitava 97 do canto III, se faz allusão ao soneto de Camões, que começa:

Apollo e as nove Musas descantando, etc.

Em outra á oitava 135 do canto III descreve a *Fonte dos Amores* em Coimbra: «Ha em Coimbra uma fonte que nasce ao pé do Vale de Inferno, que vem debaixo de uma lapa muito fresca e suave, e rega a horta de Santa Clara, e d'ahi passa pelos Paços da Rainha, onde esteve D. Ignez de Castro, e porque costumava D. Pedro ir recrear-se com D. Ignez, aonde nascia esta fonte, chamou-se fonte dos amores, o qual nome ainda hoje dura.»

É o primeiro que faz menção do naufragio do Poeta, mas de uma maneira muito laconica, commentando a oitava 80 do canto VII; e na annotação á oitava 81 do canto x, se esforça em desculpar o Poeta, explicando o motivo por que deu o nome de Deuses aos Deuses mythologicos.

Esta edição tem sido geralmente attribuida aos padres Jesuitas; Faria e Sousa é o primeiro que o diz em uma nota ao canto x, pag. 546. Por muito tempo estive persuadido que esta edição não fôra preparada pelos Padres; porém a imparcialidade que tenho procurado conservar durante este trabalho, me fez vacillar e ficar perplexo na opinião que formava á vista de um exame maduro que fiz sobre a mesma edição, e que deu em resultado encontrar na Mesa geral do Conselho do Santo Officio, como Deputado, o padre Jorge Serrão, Provincial dos jesuitas, que assigna a licença.

N'esta edição se fizeram mutilações e alterações consideraveis, tanto politicas como religiosas, parte das quaes o leitor poderá ver na *Memoria Academica. Exame critico das cinco primeiras edições dos Lusia-*

das de S. F. M. Trigoso, inserta nas *Memorias* da Academia Real das Sciencias de Lisboa e mais circumstanciadamente na mesma edição.

É notavel que o Censor d'esta edição é o mesmo Fr. Bartholomeu Ferreira, que o fôra da de 1572, e a quem a litteratura portugueza deve possuir hoje os *Lusiadas* sem deturpações. Não me quero persuadir que as absurdas alterações que se fizeram ao *Poema* fossem obra d'este religioso, e bem pelo contrario que sobre elle actuava força superior, que o constrangeu a subscrever a estas emendas de mão estranha, pois n'esta censura usa de termos differentes dos que usára na primeira edição, dizendo que vira esta por *ordem* do Arcebispo Inquisidor, o qual espontaneamente, ou influenciado, obrigou a estas emendas.

Não sabemos quem fosse o auctor das notas ou commentario, o qual consta que servíra na India, e devia ter sido camarada e conhecido de Camões, pois em uma nota diz que se achára no cêrco de Chaul, e em outra que conhecêra o padre Gonçalo da Silveira, amigo do nosso Poeta, e o qual falleceu martyrisado na Africa no anno de 1560.

O auctor mostra conhecimentos, não só das linguas, entrando a grega, em Humanidades, Cosmographia e Astronomia; se o texto foi ridiculamente alterado e mutilado, as notas não são tão más como se tem pretendido, apesar da celebre nota dos Piscos, que deu nome a esta edição. A descripção das terras d'Africa e da Asia, quando commenta os logares onde Camões se refere a ellas, é feita com miudeza e com a côr de verdade do viajante que as visitou. Esta edição é mui rara; talvez depois da de 1591, a menos vulgar. O exemplar de que me sirvo pertence ao sr. João Felix Alves de Minhava, grande admirador do nosso Poeta, e o qual com a mais generosa amabilidade poz á minha disposição os exemplares que possue das obras de Camões.

1587

PRIMEIRA PARTE DOS AUTOS E COMEDIAS PORTUGUEZAS, POR ANTONIO PRESTES E POR LUIS DE CAMOENS, E POR OUTROS AUTHORES PORTUGUEZES CUJOS NOMES VÃO NO PRINCIPIO DE SUAS OBRAS. AGORA NOVAMENTE JUNTOS E EMENDADOS NESTA 1.ª IMPRESSÃO POR AFFONSO LOPES, MOÇO DA CAPELA DE S. MAG.ᵉ E Á SUA CUSTA, IMPRESSOS COM LICENÇA E PREVILEGIO REAL. POR ANDRE LOBATO IMPRESSOR DE LIVROS. ANNO 1587 4.º

Os dois Autos de Camões que vem n'esta collecção são o de *Filodemo* e o dos *Amphitrioens*, o primeiro a pag. 14, e o segundo a pag. 86.

Consta de doze autos dos quaes, alem dos dois do nosso Poeta, sete são de Antonio Prestes, e os outros tres, um de Henrique Lopes, outro de Jorge Pinto, e outro de Jeronymo Ribeiro. D'este rarissimo livro vem uma descripção na *Revista Litteraria* que se publicava no Porto: Antonio Maria de Sousa Lobo, auctor do *Emparedado,* teve um exemplar, que hoje possue seu filho. No catalogo de livros do livreiro Orcel vem apontado um exemplar; D. Francisco da Camara Manuel de Mello possuia outro; porém não se deve encontrar nos seus livros, porque me disse tê-lo emprestado ao Arcebispo de Lacedemonia: soube depois que o reclamára, por morte d'este, o Doutor Loureiro.

1591

OS LUSIADAS DE LUIS DE CAMÕES. AGORA DE NOVO IMPRESSOS COM ALGUMAS ANNOTAÇOENS DE DIVERSOS AUTORES. POR MANOEL DE LYRA, EM LISBOA ANNO 1591

É uma copia da edição de 1584, com a unica differença que as notas se cortaram consideravelmente, e foram postas depois do *Poema,* o que não acontece áquella edição. É mui rara: o sr. Conselheiro Joaquim José da Costa de Macedo possue um exemplar. A nota dos Piscos foi cortada n'esta edição.

1595

RHYTMAS DE LUIS DE CAMÕES DIVIDIDAS EM CINCO PARTES, DIRIGIDAS AO MUITO ILLUSTRE SR. D. GONÇALO COUTINHO. IMPRESSAS COM LICENÇA DO SUPREMO CONCELHO DA GERAL INQUISIÇÃO E ORDINARIO, EM LISBOA POR MANOEL DE LYRA. ANNO DE 1595. Á CUSTA DE ESTEVÃO LOPES MERCADOR DE LIBROS. 1 VOL. 4.º

É esta a edição *Princeps* das *Rimas* do Poeta. Na pagina do rosto tem uma vinheta com uma arvore com esta legenda: *Mihi Taxus,* empreza de D. Gonçalo Coutinho, e duas figuras de mulher ao lado, sustentando uma um ramo, e a outra um espelho. No verso d'esta pagina as licenças: a de Fr. Manuel Coelho, seguida pela do Bispo de Elvas, de Diogo de Sousa e de Marcos Teixeira, datada de Lisboa em 17 de Novembro de 1594, e ultimamente de João de Lucena Homem, em 3 de Dezembro de 1594.

Logo em seguida vem o Privilegio concedido por Filippe II, por

dez annos, para imprimir, não só as *Varias Rimas poeticas de Luiz de Camões*, que nunca tinham sido impressas, mas tambem o livro dos seus *Lusiadas*, attendendo ao grande trabalho que houvera em ajuntar as ditas obras, e á despeza que fizera para as imprimir. Continua a *Dedicatoria* a D. Gonçalo Coutinho, na qual allude ao melhoramento da sepultura do Poeta, feito por este fidalgo. Vem depois os dois epigrammas latinos de Manuel de Sousa Coutinho (Fr. Luiz de Sousa) ao Poeta e a D. Gonçalo Coutinho. Em seguida alguns sonetos em louvor do Poeta; de Luiz Franco em italiano:

Sopra la polve, & l'ossa regnar morte.

o de Bernardes:

Quem louvará a Camões que elle não seja.

e o de Diogo Taborda:

Spirito que ao Empyreo ceo voaste.

Depois o *Prologo aos Leitores* de Surrupita, que se reimprimiu nas edições de 1779 e 1782.

Começam depois as *Rimas* com este titulo: *Rythmas de Luis de Camões repartidas em cinco partes.* A primeira, até pag. 22, contém os sonetos; a segunda, de pag. 22 a 51, comprehende Canções, Sextinas e Odes; a terceira, de pag. 51 a 71, as Elegias e algumas Oitavas; a quarta, de pag. 71 a 135, as Eglogas; e a quinta, de pag. 135 a 168, as Redondilhas, Motes, Esparças e Grosas. Segue-se a Taboa, e antes d'ella uns versos com este titulo: —*Sentenças do autor por fim do livro:*

Vai o bem fugindo, etc.

Postoque Surrupita fosse um homem de letras, e poeta como tive occasião de ver em uma poesia sua manuscripta, esta edição não está muito correcta, o que se deve attribuir ao escrupulo, como confessa, de emendar estas poesias, apesar de as achar viciadas pelos copistas. Esta edição é mui rara.

Vi um exemplar que me franqueou, ha annos, o fallecido D. Francisco Manuel da Camara.

1597

OS LUSIADAS DE LUIS DE CAMÕES, PELO ORIGINAL ANTIGO, AGORA NOVAMENTE IMPRESSOS. EM LISBOA, COM LICENÇA DO SANTO OFFICIO E PREVILEGIO REAL. POR MANOEL DE LYRA, 1597. Á CUSTA DE ESTEVÃO LOPES MERCADOR DE LIVROS. 1 VOL. 4.º

No verso da pagina do titulo vem a licença para a impressão, datada de 15 de Novembro de 1594, e a informação do Censor Fr. Manuel Coelho. N'esta diz que viu estas obras de Luiz de Camões, as quaes foram já muitas vezes impressas e emendadas. Que não lhe riscou certos vocabulos de que o auctor ás vezes usa, e que alguns lhe notaram: como é, fallar em Deuses e fado, não só porque se encontram na Sagrada Escriptura, entendendo-se os Deuses falsos dos gentios, mas porque o mesmo Poeta assim o entende, e declara no canto x, estancia 82.

Segue-se o privilegio, datado de 30 de Novembro de 1595, ao livreiro Estevão Lopes, por dez annos, para reimprimir os *Lusiadas,* por haver já poucos, e para poder imprimir as *Rimas,* attendendo ao trabalho que tivera para as ajuntar, e despeza que fizera com a impressão.

As amputações das duas edições anteriores deviam desagradar aos leitores, e fazer com que a primeira edição fosse avidamente procurada; assim o editor para armar ao consummo, estampou no frontispicio que ía conforme o original antigo: mas esta promessa não foi executada por que, não só se continuaram algumas das emendas já feitas, mas se fizeram ainda algumas novas. Estas se podem ver no já citado *Exame critico das cinco primeiras edições dos Lusiadas,* por S. F. M. Trigoso. N'esta edição apparece uma cousa que este Academico que a cotejou não adverte, isto é, a restituição da estancia CIX do canto x, na qual se pretende que o Poeta alludia aos padres Jesuitas.

1598

RIMAS DE LUIS DE CAMOENS ACRESCENTADAS NESTA SEGUNDA IMPRESSÃO. DIRIGIDAS A D. GONÇALO COUTINHO. IMPRESSAS COM LICENÇA DA SANTA INQUISIÇÃO. EM LISBOA, POR PEDRO CRAESBECK. ANNO M.DXCVIII. Á CUSTA DE ESTEVÃO LOPES MERCADOR DE LIBROS. COM PRIVILEGIO. 4.º

No reverso da pagina do titulo, vem a licença datada de 8 de Maio de 1597.

Segue-se o Privilegio, e depois a dedicatoria a D. Gonçalo Coutinho por Estevão Lopes, datada de 16 de Janeiro de 1598.

Vem os dois *Epigrammas* de Manuel de Sousa Coutinho (Fr. Luiz de Sousa); o soneto italiano de Leonardo Turricano a Camões; o do Tasso (Parte VI, pag. 47); do Licenceado Gaspar Gomes Pontino; Diogo Bernardes; Francisco Lopes; Diogo Taborda, e o soneto de um amigo, que começa:

Quem he este que na harpa Lusitana, etc.

Segue-se um prologo ao leitor em o qual diz, que tendo-se gastado a primeira edição das *Rimas*, e determinando dar segunda, procurára expurga-la dos erros que se haviam introduzido na primeira, por culpa das más copias, e para isso a conferíra com pessoas que o entendiam, examinando ao mesmo tempo varios originaes. Mas não só este beneficio recebeu do editor a memoria de Camões, mas a addição de outros tantos sonetos, cinco odes, alguns tercetos e tres cartas. Esta edição é a reproducção da primeira de 1595, á qual ajuntaram mais trinta e seis sonetos, quatro odes, uns tercetos e as tres cartas. É quasi toda impressa em italico, exceptuam-se as informações, privilegio, dedicatoria, quatro dos sonetos em louvor de Camões, o prologo e todos os sonetos, menos o primeiro. O Academico Sebastião Francisco Mendo Trigoso não a descreve, apesar de possuir um exemplar.

1601

RIMAS DE LUIS DE CAMOENS. 1601?

Esta edição não é conhecida, porém é citada por Manuel de Faria e Sousa como sendo a quinta. O sr. Adamson a dá como de Lisboa, em 4.º; porém a julga duvidosa. Alem de Faria e Sousa, faz tambem menção d'esta edição, como tendo-a visto, Thomás de Aquino no discurso preliminar que precede a edição de 1779 a 1780, por esta fórma: «Afirma Pedro de Mariz, na vida que escrevêo e imprimio com algumas Rhythmas do Poeta, em 1601.» Thomás Northon encontrou duas paginas com parte do prologo de Pedro de Mariz, que eram inteiramente differentes de todas quantas viu nas edições onde elle apparece. Será este prologo o d'esta edição desconhecida? Por certo que seria muito curioso apparecer um exemplar d'ella, por ser a primeira noticia biographica que teriamos do Poeta.

1607

RIMAS DE LUIS DE CAMÕES, ACRESCENTADAS NESTA TERCEYRA IMPRESSÃO. DERIGIDAS Á INCLYTA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. IMPRESSAS COM LICENÇA DA SANTA INQUISIÇÃO. EM LISBOA, POR PEDRO CRAÉSBECK. ANNO 1607. Á CUSTA DE DOMINGOS FERNANDEZ MERCADOR DE LIBROS. COM PRIVILEGIO. 4.º

Tem no frontispicio a esphera de D. Manuel, e são dirigidas á *inclyta* Universidade de Coimbra. Na primeira pagina da segunda folha vem as licenças datadas do anno antecedente (1606), e no verso a continuação do privilegio concedido por Alvará de 7 de Setembro de 1605, a Vicencia Lopes, viuva de Estevão Lopes, por espaço de vinte annos, attendendo a ficarem-lhe cinco filhos, e ao seu estado de indigencia.

Segue-se a Dedicatoria á Universidade, feita por Domingos Fernandes, por ter sido na mesma seu livreiro; e occupado em feitorisar, por muitos annos, a sua livraria publica. N'esta dedicatoria faz grandes elogios á Universidade e ao Poeta, o qual põe acima dos reis, imperadores e conquistadores, pois d'estes tem havido muitos, mas collocados no mais alto logar da poesia, só Homero, Virgilio, Tasso e Camões. Não sei com que fundamento o faz natural de Coimbra. «O vosso Luiz de Camões: pois nascendo elle nessa vossa cidade de Coimbra, a vosso peyto, como Mãy natural o criastes tantos annos: Co' vossa doutrina, como Mestra o creastes algũs: & com vossos louvores, como fiel Amiga o honrastes tantas vezes.» No verso da ultima pagina da dedicatoria, começam os sonetos feitos em louvor do Poeta, de Leonardo Turricano, Torcato Tasso, Diogo Taborda Leitão, e o soneto dirigido ao mesmo Camões por um amigo, que começa:

Quem he este que na harpa Lusitana, etc.

Vem depois um prologo ao leitor do mesmo Domingos Fernandes, em o qual promette a segunda parte das *Rimas*, que só depois se imprimiu no anno de 1616. Em seguida a este prologo lê-se o soneto de Bernardes, e depois começam as *Rimas*, que são em italico, exceptuando os sonetos, que são em letra romana, menos o primeiro. Termina com uma Taboada e indice das poesias. Esta edição bem como as de 1614 e 1621 são a reproducção da segunda de 1598. Thomás Northon tinha um exemplar com um frontispicio differente: em logar da

esphera tem as armas reaes, e as *Rimas* dirigidas a *la inclyta* Universidade.

1607

OS LUSIADAS DE LUIS DE CAMÕES. DEDICADO Á UNIVERSIDADE DE COIMBRA. ANNO 1607. NA OFFICINA DE PEDRO CRAESBECK

Barbosa Machado cita esta edição que não é conhecida.

1608

RIMAS DE LUIS DE CAMOENS. 1608?

Esta edição não é conhecida, nem tem sido citada nos catalogos das edições: Faria e Sousa, que a cita, diz que fôra a setima.

1609

OS LUSIADAS DE LUIS DE CAMÕES PRINCIPE DA POESIA HEROICA, DEDICADOS AO D. DOM RODRIGO DA CUNHA, DEPUTADO DO SANTO OFFICIO. IMPRESSOS COM LICENÇA DA SANTA INQUISIÇÃO & ORDINARIO. EM LISBOA, POR PEDRO CRAESBECK. ANNO 1609. COM PREVELEGIO Á CUSTA DE DOMINGOS FERNANDES, LIVREIRO

No meio da pagina do rosto as armas dos Cunhas. Segue uma dedicatoria de Domingos Fernandes, datada de 22 de Maio de 1609, a D. Rodrigo da Cunha, Doutor em Canones e Deputado do Santo Officio. No verso d'esta pagina vem as licenças, a primeira datada do 1.º de Junho, e a ultima de 10 de Julho de 1606.

É para advertir que na licença se comprehendem as *Rimas*, o que indica que esta edição deveria talvez fazer parte da edição das *Rimas* de 1607. O *Poema* começa logo depois das licenças, e em italico; comprehende 186 paginas numeradas de um só lado.

1611

RIMAS DE LUIS DE CAMOENS. 1611?

Não é conhecida: é citada por Faria e Sousa, que diz ser a oitava.

1612

OS LUSIADAS DE LUIS DE CAMÕES PRINCIPE DA POESIA HEROICA, DEDICADO AO D. DOM RODRIGO DA CUNHA, DEPUTADO DO S. OFFICIO. IMPRESSOS COM LICENÇA DA SANCTA INQUISIÇÃO E ORDINARIO E PAÇO. EM LISBOA, POR VICENTE ALVAREZ. ANNO 1612. COM PREVELEGIO Á CUSTA DE DOMINGOS FERNANDES, LIVREYRO. 1 VOL. 4.º

O rosto é o mesmo da edição de 1609, com as mesmas armas dos Cunhas, só com a differença de ser impressa na officina de Vicente Alvarez; o mesmo acontece ás licenças, que têem a mesma data, e são as mesmas d'aquella edição, bem como a dedicatoria, e até o typo é igual. Ha só a differença, que a dedicatoria na de 1609 precede as licenças, sendo o inverso n'esta.

1613

OS LUSIADAS DO GRANDE LUIS DE CAMOENS PRINCIPE DA POESIA HEROICA. COMMENTADOS PELO LICENCEADO MANOEL CORREA, EXAMINADOR SYNODAL DO ARCEBISPADO DE LISBOA E CURA DA IGREJA DE S. SEBASTIÃO DA MOURARIA, NATURAL DA CIDADE DE ELVAS. DEDICADOS AO DOCTOR D. RODRIGO DA CUNHA, INQUISIDOR APOSTOLICO DO SANTO OFFICIO DE LISBOA. POR DOMINGOS FERNANDES SEU LIVREYRO. EM LISBOA, POR PEDRO CRAESBECK. ANNO 1613. 4.º

Thomás Northon tinha dois exemplares d'esta mesma edição, com differentes vinhetas no frontispicio: serão duas edições? Encontrou tambem duas paginas com parte do prologo de Pedro de Mariz, inteiramente differente de quantas tinha visto. Seria o prologo da desconhecida edição de 1601?

1614

RIMAS DE LUIS DE CAMÕES, ETC. Á CUSTA DE DOMINGOS FERNANDES. 1614, 1 VOL. 4.º

Não podémos examinar senão um exemplar truncado, que pertence á Bibliotheca do extincto Convento de Jesus, hoje da Academia Real das Sciencias, o mesmo que viu o Academico Sebastião Francisco Mendo Trigoso. Falta-lhe a pagina do rosto, e os tres sonetos que vem nas edições anteriores; começa no quarto.

Depois d'este soneto vem um prologo ao leitor, em que diz que depois de gastas a primeira, segunda, terceira e quarta impressão das *Rimas*, determinando dá-la *quinta* vez á estampa, procurára que os erros que ñas outras por culpa dos originaes se commetteram, se emendassem n'esta; que as suas poesias andavam adulteradas por culpa dos copistas, e que para evitar isto, e para que n'esta edição ficassem na realidade da sua primeira composição, communicára com pessoas que o entendiam, conferindo originaes e escolhendo d'elles o que vinha mais proprio ao que o Poeta queria dizer, sem lhe violar a graça e termo particular seu.

Que cavára muitas poesias do esquecimento em que estavam sepultadas, acrescentando na segunda impressão quasi outros tantos sonetos, cinco odes, alguns tercetos e tres cartas em prosa. E n'esta *quinta* impressão não acrescenta as muitas obras, que por sua diligencia tem alcançado e junto, dos mais certos originaes, nunca impressos, porque na segunda parte que fica imprimindo sairão todas á luz em breve tempo. Esta promessa cumpriu na edição de 1616.

O Academico Sebastião Trigoso observa que, dizendo ser a *quinta* impressão, entre a de 1607, que se diz *terceira*, e esta, se deveria ter estampado outra. Seria outra desconhecida, ou isto erro do editor? talvez seja erro d'este, pois sobre este assumpto se encontra confusão e duvida mais de uma vez, como na edição de 1629. Ha mysterios, occasionados talvez pelas difficuldades, e demoras de licenças para a repetição das edições, que hoje os mais habeis bibliographos não têem podido decifrar.

1615

OBRA DO GRANDE LUIS DE CAMÕES, PRINCIPE DA POESIA HEROICA. DA CREAÇÃO E COMPOSIÇÃO DO HOMEM. COM TODAS AS LICENÇAS NECESSARIAS. EM LISBOA, POR PEDRO CRAESBECK. ANNO 1615

Esta obra que não é de Camões, como em seu logar mostraremos evidentemente, porém sim de André Falcão de Resende, sobrinho do nosso antiquario André de Resende, foi impressa bem como as duas comedias dos *Amphitrioens* e a de *Filodemo*, para se juntar á edição de 1616; porém um anno antes, como se vê na pagina primeira que segue á do rosto onde se repete o titulo, e antes do canto I se lê: *Segunda parte*. Este *Poema* foi impresso em differente typographia da das *Comedias*: aquellas se imprimiram na de Vicente Alvares, e o poe-

ma na de Pedro Craesbeck, em cuja officina se imprimiu a edição de 1616. Estava prompto com as licenças desde 4 de Setembro de 1608. A separação das comedias se explica pelo lado especulativo, isto é, para as tornar accommodadas para um mais largo consummo popular.

1615

COMEDIA DOS ENFITRIOENS. COMPOSTA POR LUIS DE CAMÕES. EM A QUAL ENTRÃO AS FIGURAS SEGUINTES, ETC. EM LISBOA. IMPRESSA COM TODAS AS LICENÇAS NECESSARIAS. POR VICENTE ALVARES, 1615 4.º

Em duas columnas.

1615

COMEDIA DE FILODEMO. COMPOSTA POR LUIS DE CAMÕES. EM A QUAL ENTRÃO AS FIGURAS SEGUINTES, ETC. EM LISBOA. IMPRESSA COM TODAS AS LICENÇAS NECESSARIAS. POR VICENTE ALVARES. 4.º

Em duas columnas.

1616

RIMAS DE LUIS DE CAMÕES, SEGUNDA PARTE AGORA NOVAMENTE IMPRESSAS COM DUAS COMEDIAS DO AUTOR. COM DOUS EPITAFIOS FEITOS Á SUA SEPULTURA, QUE MANDARÃO FAZER DOM GONÇALO COUTINHO, E MARTIM GONSALVES DA CAMARA, E HUM PROLOGO EM QUE CONTA A VIDA DO AUTHOR. DEDICADO AO ILLUSTRISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR D. RODRIGO D'ACUNHA BISPO DE PORTALEGRE E DO CONSELHO DE SUA MAGESTADE. COM TODAS AS LICENÇAS NECESSARIAS. EM LISBOA, NA OFFICINA DE PEDRO CRAESBECK, 1616. Á CUSTA DE DOMINGOS FERNANDEZ, MERCADOR DE LIVROS. COM PREVILEGIO REAL.

Na pagina do rosto tem as armas dos Cunhas, com as insignias do Bispo, e em torno: — *D. Rodrigo. da Cunha, Bispo de Portalegre.* — No verso d'esta pagina as licenças, a primeira datada de 30 de Janeiro de 1615: Parece ao censor, que é o padre Frei Vicente Pereira, da Ordem de S. Domingos, que mudado e riscado o que em seus logares aponta, se possa imprimir. A ultima licença é de 12 de Fevereiro de 1615.

Segue a dedicatoria a D. Rodrigo da Cunha, em que o auctor se mos-

tra agradecido ao Bispo por ter apadrinhado a restauração da sua honra e vida, alem de outras mercês. E para agradecer os beneficios que recebêra do Bispo, juntára para lhe offerecer esta collecção de *Rimas*, as quaes, a maior parte, lhe certificou elle Bispo serem do auctor, outras lhe deram varias pessoas, e nas mãos de muitos senhores illustres achára os tres cantos da *Creação do Homem*, que o Bispo lhe certificára não serem de Camões, mas que estando a obra já começada, os deixára ir; que o Bispo, alem d'isto, lhe dera ajuda de custo para esta impressão de *mil e quinhentos exemplares:* é datada de 19 de Março de 1616.

Em seguimento a esta dedicatoria vem um prologo ao leitor. Diz que na primeira parte promettêra sair á luz com esta segunda, que offerece, em que gastou sete annos em juntar estas *Rimas*, por estarem espalhadas em mãos de diversas pessoas, e inda agora promette para a segunda impressão outras, porque da India lhe têem escripto e lhe mandaram muitas curiosidades, e n'este Reino ha de haver mais; d'esta maneira se juntou a primeira parte, mandando-as buscar á India e pedindo-as aqui a senhores illustres e varias pessoas curiosas. Offerece o livro aos curiosos da lição poetica, estudiosos, cortezãos e senhores illustres, recommendando-lhes que o comprem; e diz que se alguns erros encontrarem, que não os julguem de Camões, não o taxem a elle editor porque o seu fim é acertar. Que julgou conveniente juntar os dois prologos de Fernão Rodrigues Lobo Surrupita, e o de Pedro de Mariz, o qual folgára que fosse vivo, para tecer o elogio dos dois fidalgos D. Gonçalo Coutinho e Martim Gonçalves da Camara, pelos epitaphios que mandaram pôr na sepultura do Poeta, dos quaes não trata, porque de um não tem licença, e do outro já o fez por occasião de outro epitaphio que mandou collocar na sepultura de Francisco de Sá de Miranda. Segue o epitaphio latino de Camões:

Naso elegis, Flacus lyricis, Epigrammate Marcus.

Vem depois a taboada das *Rimas*, e em seguida o prologo de Surrupita da edição de 1595, e a biographia feita por Pedro Mariz.

As *Rimas* são impressas em italico, e as *Comedias* em caracteres romanos e em duas columnas. Postoque no titulo se diga com duas comedias, estas tinham sido anteriormente impressas no anno de 1615, bem como o *Canto da Creação do Homem*, e em outra officina, na de Vicente Alvares, e cada uma d'estas composições com o seu rosto sepa-

rado, postoque a numeração segue de uma para outra obra. N'esta edição se juntou á segunda (1598), trinta e tres sonetos, duas odes, duas elegias, duas canções, duas sextinas e varias redondilhas, cantigas e vilancetes. Thomás Northon tinha na sua collecção dois exemplares que apresentavam differença: em um, as licenças estão no verso do frontispicio, e no outro na pagina seguinte.

1621

RIMAS DE LUIS DE CAMÕES, NOVAMENTE ACRESCENTADAS E EMENDADAS NESTA IMPRESSÁO. DIRIGIDAS A D. GONÇALO COUTINHO, COM DOUS EPITHAFIOS Á SUA SEPULTURA QUE ESTÁ EM SANTA ANNA, QUE MANDARAM FAZER DOM GONÇALO ÇOUTINHO E MARTIM GONÇALVEZ DA CAMARA. ANNO 1621. EM LISBOA, COM TODAS AS LICENÇAS NECESSARIAS. POR ANTONIO ALVARES. Á CUSTA DE DOMINGOS FERNANDEZ, MERCADOR DE LIVROS. COM PREVILEGIO REAL. TAXADAS A 160 RÉIS EM PAPEL

Na pagina do rosto o emblema de D. Gonçalo Coutinho, e uma arvore com o distico: *Mihi Taxus.* Na immediata começam as licenças, a primeira datada de 11 de Julho de 1614. N'ella declara o Censor Antonio Freire, da Ordem de Santo Agostinho, que viu estas *Rimas* impressas no anno de 1598, e que n'ellas emendou quatro ou cinco logares que julgou indecentes. O ultimo despacho que é da taxa, é de 20 de Dezembro de 1614. Segue-se a dedicatoria a D. Gonçalo, em que diz ser esta a quinta edição, e que a dá na mais pura e apurada impressão que pôde haver. Espraia-se em elogios sobre a ascendencia d'este fidalgo, o acerto da empreza que tomou da Oliveira, e as suas qualidades pessoaes, louvando-o especialmente por ter melhorado a sepultura do Poeta em Sant'Anna. Depois d'esta dedicatoria lêem-se os dois epigrammas latinos de Manuel de Sousa Coutinho (Fr. Luiz de Sousa) feitos ao Poeta e a D. Gonçalo Coutinho; e em seguimento os sonetos em louvor do Poeta, por Leonardo Turricano, Torcato Tasso, Gaspar Gomes Pontino, Diogo Bernardes e Francisco Lopes. Acabados estes sonetos, estão os dois epitaphios da sepultura de Camões, ali collocados por D. Gonçalo e Martim Gonçalves da Camara, e no verso da pagina, onde está o soneto a Camões, o de Diogo Taborda Leitão. Em seguida o prologo ao leitor de Domingos Fernandes, em que declara, que depois de gastas a primeira, segunda, terceira e quarta impressões d'estas *Rimas*, intentára dá-las n'esta quinta impressão limpas dos er-

ros que nas outras se commetteram, e que para isso communicou com pessoas que o entendiam, e conferiu varios originaes. Que na segunda impressão juntára outros tantos sonetos, cinco odes, alguns tercetos e tres cartas em prosa; que n'esta quinta impressão, não acrescentava as muitas obras do Poeta que por sua diligencia tinha alcançado e junto, dos mais certos originaes, porque na segunda parte que ficava imprimindo saíriam brevemente todas á luz. O Academico Sebastião Trigoso adverte que esta deverá ser a sexta edição, porque na de 1614 se diz ser aquella a quinta, devendo entre a de 1607 e a de 1614 fazer-se outra que é desconhecida.

1626

OS LUSIADAS DE LUYS DE CAMÕES. COM TODAS AS LICENÇAS NECESSARIAS. EM LISBOA. POR PEDRO CRAESBECK, IMPRESSOR D'ELREY. ANNO 1626. 24.º

Depois do titulo vem as licenças, e logo depois a dedicatoria a D. João de Almeida, e em seguimento dois sonetos, o do Tasso e outro de D. João de Almeida. A dedicatoria, que é assignada por Lourenço Craesbeck, e é datada de Abril de 1626, offerece curiosidade por trazer algumas noticias anecdoticas e biographicas sobre Camões. Refere o dito do terceiro Conde de Vimioso, d'esse typo de verdadeiro cavalheirismo, o qual dizia que os *Lusiadas*, que era a primeira obra que em oitava rima se imprimíra em Hespanha, e seria a derradeira; e a resposta do Conde da Idanha, Pedro de Alcaçova Carneiro, a Camões perguntando-lhe este se achára muitas faltas no seu livro; as quaes atraz já deixámos exaradas na *Vida* do Poeta. A anecdota dos açoutes, que pedíra a El-Rei mandasse dar nos almoxarifes que lhe pagavam mal, o sentimento que os mesmos fidalgos tiveram pela sua morte, e a offerta de um estrangeiro que pedia os seus ossos para lhe dar sepultura magnifica, é aqui consignada. Fallando do livro que offerece, diz o editor:

«Satisfaça V. M. em favorece-lo não só com a opinião da sua curiosidade, mas com as obrigaçoens do senhor D. Francisco de Almeida, pay de V. M. de quem o autor foi tão afeiçoado servidor, que embarcando-se em uma náo para este reino, dezia que se vinha da India porque não estava nella D. Francisco de Almeida, e depois continuou de modo nesta afeição, que adoecendo no tempo das alteraçoens nesta cidade de Lisboa, e estando o senhor D. Francisco por Capitão General da Comarca de Lamego, se despedio delle por uma Carta (que é ultima que sabemos sua) da qual acabarei esta com trasladar algumas regras,

para que veja este reyno o muito que deve á sua memoria, queixa-se pois de estar oprimido de doença, de necessidades e de tristeza de ver a Portugal dividido em tantos bandos, e depois de particularizar cada cousa destas, diz as palavras seguintes: etc.» Repete o trecho bem conhecido d'esta carta, que por isso não trasladâmos. Faria e Sousa, em um commentario manuscripto a esta carta, diz que tinha a original da propria letra do Poeta em Madrid D. Francisco de Almeida, da qual extractou parte seu filho D. João de Almeida, quando fez imprimir esta edição das *Rimas*, fazendo a dedicatoria para si em nome do editor; e que pela carta lhe davam em Madrid muitos dobrões.

No mesmo anno d'esta edição (1626) se imprimiram em Lisboa, e na mesma officina, no mesmo formato e typo, as obras de Garcilasso da Vega, Francisco de Figueira e a Sylvia de Lisardo. O typo veiu expressamente de fóra para n'elle se imprimirem os *Lusiadas*, e se tornarem portateis, e não era conhecido em toda a Hespanha, como consta d'esta passagem da dedicatoria da edição de Garcilasso a D. Vicente Nogueira: «E andando aora en esto, llegaron de ahi a mis manos, unas *Lusiadas* del famoso Camões, en forma mui pequeña, mas de letra tan lexible y linda, que luego la codicié para mi libro; y me resolvi (aun que fuesse con mucho mayor coste) a hazer-le imprimir en essa ciudad de Lisboa; porque no sea que en ninguna otra de España se hallen semejantes caracteres,» etc. Estas quatro edições vimos reunidas em um só volume, que pertence a meu primo João de Lemos de Seixas Castello-branco.

1629

RIMAS DE LUIZ DE CAMÕES, EMENDADAS NESTA DUODECIMA IMPRESSÃO DE MUITOS ERROS DAS PASSADAS. OFFERECIDAS AO SNR. D. MANOEL DE MOURA CORTE-REAL MARQUEZ DE CASTEL RODRIGO. EM LISBOA, COM TODAS AS LICENÇAS NECESSARIAS, POR PEDRO CRAESBECK, IMPRESSOR D'ELREY, 1629. 24.°

N'esta edição se diz ser a duodecima, o que não coincide com a noticia que temos das anteriores, vindo a faltar algumas para que esta represente aquelle numero, o qual comtudo vem a approximar-se, juntando-lhe as de que faz menção Faria e Sousa.

Na pagina seguinte ao rosto do livro vem as licenças, a primeira datada do 1.° de Setembro de 1626, que é do padre Frei Thomás de S. Domingos, e n'ella se diz que o auctor merece ser celebrado pelo seu en-

genho e galantaria; a ultima é de 11 de Julho de 1629. Ás licenças seguem-se os sonetos de Bernardes, Diogo Taborda Leitão, de um amigo do auctor e o soneto Centonico, com a remissão das paginas das obras do Poeta, onde se encontram os versos. Logo depois vem uma dedicatoria a D. Manuel de Moura Côrte Real, Marquez de Castello Rodrigo.

1631

OS LUSIADAS DE LUYS DE CAMÕES. COM TODAS AS LICENÇAS NECESSARIAS. EM LISBOA, POR PEDRO CRAESBECK IMPRESSOR D'ELREY. ANNO 1631. 24.º

Na pagina do rosto ao meio tem o emblema escolhido por João Franco Barreto, uma espada e uma penna cruzadas e ligadas por uma corôa de louro, com este moto: *Simul in unum.*

Na pagina immediata á primeira: revisão e licença datada de 15 de Fevereiro de 1630, e a taxa do livro que se taxou a 70 réis, em 30 de Abril de 1631. Segue-se a dedicatoria de Paulo Craesbeck ao sr. D. Duarte, filho segundo do Duque de Bragança D. Theodosio II, e logo na pagina immediata um prologo ao leitor de João Franco Barreto, em que diz: que sabendo que os *Lusiadas* estavam para se dar segunda vez á impressão na letra pequena, a qual expressamente viera para publicar as obras do Poeta, movido da affeição que tinha aos seus versos, e vendo os vicios com que tão corrupto andava, que ainda homens praticos tinham e sustentavam serem de seu auctor, assistira a esta edição emendando-a, e juntára a empreza, tirada da sua vida, da espada e da penna. No verso da pagina d'este prologo se lêem dois sonetos: o primeiro do Tasso com este titulo: *Do Excellente Torquato Tasso ao grande Luis de Camões*—; e por baixo d'este, outro de D. João de Almeida, tambem feito ao Poeta, imitando o do Tasso. Apesar d'esta edição ter sido revista por João Franco Barreto, não traz os argumentos que se attribuem a este escriptor. É pois sem fundamento que se lhe attribuem, porquanto tendo-se composto no anno de 1589 a *Parodia dos Lusiadas,* contrafeita á *Bebedice,* de que já fizemos menção n'esta obra, como consta de uma copia tirada do original, por Francisco Soares Toscano, em 1619, ali vem tambem parodiados os argumentos dos *Lusiadas;* e tendo João Franco Barreto nascido no anno de 1600, não podia compor os argumentos que já estavam escriptos no anno de 1589. Ao obsequio do sr. João José Barbosa Marreca devi o poder examinar esta edição, bem como a das *Rimas* de 1629 e 1632.

1632

RIMAS DE LUIZ DE CAMÕES. PRIMEIRA PARTE AGORA NOVAMENTE EMENDADAS NESTA ULTIMA IMPRESSÃO, 1632. COM TODAS AS LICENÇAS NECESSARIAS. EM LISBOA, POR LOURENÇO CRAESBECK. 1632. 24.°

No frontispicio o mesmo emblema, ideado por João Franco Barreto, da espada e da penna, que vem na edição dos *Lusiadas* de 1631, e aos lados d'este emblema a data errada de 1623, erro que tem dado logar a alguns julgarem que existiu uma edição d'este anno. Não teriam caído n'este engano se tivessem examinado as licenças, das quaes a primeira é de 13 de Julho de 1632. A segunda, que é datada de 27 de Julho do mesmo anno, e assignada por Fr. Ayres Correia Dominicano, traz este elogio a Camões: «Imprimirem-se as obras de Camões Poeta insigne, hũa e muitas veses, é divida que como agradecido se deve ao lustre que com ellas deu ao nome portuguez, e estas *Rimas* não desmerecem de que sayão outra vez á luz, para luzeiro dos Poetas, que agora lhe querem succeder. E assi me parece que dignamente se podem imprimir.» Não admira este elogio se nos lembrarmos que este mesmo Frei Ayres Correia foi um dos Commentadores de Camões. A ultima licença é de Novembro do mesmo anno.

Seguem-se os sonetos, em louvor do Poeta, de Diogo Bernardes, de Diogo Taborda Leitão, de um amigo do auctor, e o soneto centonico de João Gomes do Pego, com a indicação das paginas das obras do Poeta onde se encontram os versos; em seguimento, a dedicatoria de Lourenço Craesbeck, ao Marquez de Castello Rodrigo.

1632

RIMAS DE LUIS DE CAMÕES. SEGUNDA PARTE AGORA NOVAMENTE EMENDADAS NESTA ULTIMA IMPRESSÃO, COM TODAS AS LICENÇAS NECESSARIAS. EM LISBÓA, POR LOURENÇO CRAESBECK. 1623. 24.°

Traz o emblema da espada e da penna, e a data com o mesmo erro de 1623, em logar de 1632. As licenças são as mesmas da primeira parte. Depois das licenças, um panegyrico de Camões com este titulo: *Diogo Henriques de Vilhegas, á Memoria de Luis de Camões Principe dos Poetas.* N'este elogio se allude a uma correspondencia do Conde de Villa Mediana com o Tasso, em que se fazia menção de Camões. Esta

segunda parte comprehende tambem o poema da *Creação do Homem*, e termina com os dois epitaphios do Poeta.

1633

OS LUSIADAS DE LUYS DE CAMÕES, POR LOURENÇO CRAESBECK. EM LISBOA, 1633

Trigoso cita esta edição, referindo-se a Barbosa Machado, e a reputa uma reimpressão da de 1631. Não posso duvidar da sua existencia, não só porque vem no catalogo das edições de Thomás Northon, mas porque o sr. Gomes Monteiro a cita na relação das edições do nosso Poeta, que vem no fim da sua *Carta ao Ill.^mo Sr. Thomás Northon*. Porto, 1849.

1639

LUSIADA DE LUIS DE ÇAMOENS PRINCIPE DE LOS POETAS DE ESPAÑA. AL REY N. SENHOR FELIPE QUARTO, POR EL GRANDE COMENTADOR MANUEL DE FARIA E SOUSA, CAVALLERO DE LA ORDEN DE CHRISTO, Y DE LA CASA REAL, ETC. AÑO 1639. EN MADRID, POR JUAN SANCHEZ. 2 VOL. FOL.

Vide Manuel de Faria e Sousa.

1644

OS LUSIADAS DE LUIS DE CAMÕES. CO' TODAS AS LICENÇAS NECESSARIAS. EM LISBOA. POR PAULO CRAESBECK, IMPRESSOR E LIVREIRO DAS TRES ORDENS MILITARES, E Á SUA CUSTA. ANNO 1644. 24.°

Na pagina immediata á do rosto vem uma dedicatoria a João Rodrigues de Sá de Menezes, Conde de Penaguião; segue o *Poema* com os argumentos, e no fim o indice dos nomes proprios ordenado por João Franco Barreto. N'esta edição se saltou a estancia do Canto III:

Para o ceo cristalino alevantando, etc.

As licenças vêem na ultima pagina, datadas de 10 e 13 de Maio de 1644, para se imprimirem os *Lusiadas* e *notações*. Não sei que annotações sejam estas, a não ser o Index dos nomes proprios.

1645

RIMAS DE LUIS DE CAMÕES, PRIMEIRA PARTE AGORA NOVAMENTE EMENDADA NESTA ULTIMA IMPRESSÃO, E ACRECENTADA HUA COMEDIA NUNCA ATE-AGORA IMPRESSA. LISBOA, COM TODAS AS LICENÇAS. NA OFFICINA DE PAULO CRAESBECK, IMPRESSOR E LIVREIRO DAS TRES ORDENS MILITARES E Á SUA CUSTA. ANNO DE 1645

Na pagina immediata á do frontispicio vem as licenças: a primeira datada de 11 de Dezembro de 1643, e a ultima de 27 de Janeiro de 1645. Depois os sonetos, em louvor de Camões, de Diogo Bernardes, Diogo Taborda Leitão, o soneto que começa:

Quem é este, que na harpa lusitana, etc.

terminando com o soneto centonico de João Gomes, com uma remissão em baixo das paginas onde se devem procurar os versos das obras do Poeta, de que se compõe o soneto. Em seguida vem a oitava 125 do canto III que se omittiu na edição dos *Lusiadas* de 1644. Em continuação vem uma dedicatoria a João Rodrigues de Sá, Conde de Penaguião, fidalgo assás instruido e protector dos homens de letras. Foi n'esta edição que se publicou pela primeira vez a comedia *d'ElRei Seleuco*, tirada de um manuscripto que deu o pae do Conde.

Esta edição é a continuação das *Lusiadas* de 1644, mas pela data das licenças se vê que estava para se imprimir primeiro, demorando-se a impressão dois annos, intervallo em que se imprimiram os *Lusiadas* no mesmo formato, typo e officina.

1651

OS LUSIADAS DE LUIS DE CAMÕES, CO' TODAS AS LICENÇAS NECESSARIAS. EM LISBOA, POR PAULO CRAESBECK IMPRESSOR DAS ORDENS MILITARES E Á SUA CUSTA. ANNO 1651, COM PRIVILEGIO REAL

Na pagina immediata á do rosto uma dedicatoria a João Rodrigues de Sá, Conde de Penaguião. Seguem-se as licenças: a primeira datada do 1.º de Janeiro de 1651, e a ultima de 10 de Julho do mesmo anno. Logo depois os quatro sonetos em elogio do Poeta, que vem nas edições d'este formato pequeno, e depois dos sonetos o *Poema*.

1651

RIMAS DE LUIS DE CAMÕES, PRIMEIRA PARTE A DOM JOÃO RODRIGUEZ DE SÁ DE MENEZES, CONDE DE PENAGUIÃO, ETC. EM LISBOA, COM TODAS AS LICENÇAS. NA OFFICINA DE PAULO CRAESBECK, IMPRESSOR DAS ORDENS MILITARES, E Á SUA CUSTA. ANNO 1651

Na pagina immediata á do frontispicio vem uma dedicatoria assignada por Paulo Craesbeck em 10 de Setembro de 1651 ao Conde Camareiro-mór, e logo em seguida começam as poesias.

1663

OS LUSIADAS DE LUIS DE CAMÕES, COM OS ARGUMENTOS DO LICENCEADO JOÃO FRANCO BARRETO, COM HUM EPITOME DE SUA VIDA, DEDICADOS AO ILLUSTRISSIMO SENHOR ANDRÉ FURTADO DE MENDONÇA, DEÃO & CONEGO DIGNISSIMO DA S. SÉ DE LISBOA, DOUTOR EM A SAGRADA THEOLOGIA, DEPUTADO DA JUNTA DOS TRES ESTADOS DO REYNO, & IMPRESSAS EM LISBOA Á CUSTA DE ANTONIO CRAESBECK DE MELLO, E NA SUA OFFICINA. ANNO 1663. 1 VOL.. 12.º

Ao titulo seguem-se as licenças: a do Conselho do Santo Officio é datada de 6 de Julho de 1656, a do Ordinario de 21 de Julho de 1658, e a do Desembargo do Paço de 8 de Agosto de 1659. Depois das licenças segue-se uma dedicatoria em oitava rima, feita pelo editor; depois do *Poema* vem uma *vida* resumida do Poeta.

1663

RIMAS DE LUIS DE CAMOENS, PRINCIPE DOS POETAS DE SEU TEMPO, DEDICADAS AO ILLUSTRISSIMO SENHOR ANDRÉ FURTADO DE MENDONÇA, DEÃO E CONEGO DIGNISSIMO DA S. SÉ DE LISBOA, DOUTOR EM A SAGRADA THEOLOGIA, DEPUTADO DA JUNTA DOS TRES ESTADOS DO REYNO, ETC. EM LISBOA, IMPRESSAS COM AS LICENÇAS NECESSARIAS. NA OFFICINA DE ANTONIO CRAESBECK DE MELLO, E Á SUA CUSTA. ANNO 1663

Depois da dedicatoria começam as *Rimas*, que terminam com o epitaphio da sepultura em latim, e depois d'este a comedia *d'ElRei Seleuco*.

1666

RIMAS DE LUIS DE CAMÕES, PRINCIPE DOS POETAS PORTUGUEZES; PRIMEIRA, SEGUNDA E TERCEIRA PARTE. NESTA NOVA IMPRESSAM EMENDADAS E ACRESCENTADAS PELO LICENCEADO JOÃO FRANCO BARRETO. LISBOA, NA OFFICINA DE ANTONIO CRAESBECK DE MELLO, IMPRESSOR DA CASA REAL. ANNO 1666

Os dois sonetos:

> Quem he este que na harpa lusitana, etc.

e

> Debaixo desta pedra está metido, etc.

Seguem-se as *Rimas*, que terminam com o epitaphio latino que estava na sua sepultura.

A segunda parte imprimiu-se em 1669, e a terceira em 1668. Andam juntas com os *Lusiadas* que se imprimiram em 1669, com o titulo: *Obras de Luiz de Camões*, etc.

1668

TERCEIRA PARTE DAS RIMAS DO PRINCIPE DOS POETAS PORTUGUEZES LUIS DE CAMOENS, TIRADAS DE VARIOS MANUSCRIPTOS, MUITOS DA LETRA DO MESMO AUTOR. POR D. ANTONIO ALVARES DA CUNHA. OFFERECIDAS Á SOBERANA ALTEZA DO PRINCIPE DOM PEDRO. POR ANTONIO CRAESBECK DE MELLO, IMPRESSOR DE SUA ALTEZA E Á SUA CUSTA IMPRESSAS. ANNO DE 1668. 4.º

Depois das licenças e da dedicatoria vem um pequeno prologo ao leitor, em que lhe offerece estes ineditos, que os trabalhos dos estudos lhe trouxeram ás mãos, muitos copiados da propria letra do auctor; depois seguem-se as poesias.

Ignoro o fundamento com que D. Antonio Alvares diz na dedicatoria a El-Rei D. Pedro II, então Principe Regente, que não havia lingua em que os *Lusiadas* não estivessem traduzidos, quando por aquella epocha não me consta que o estivessem n'outras linguas que não fossem a latina, hespanhola, italiana e ingleza. Se fosse hoje que o affirmasse, a sua asserção seria mais que verdadeira.

1669

RIMAS DE LUIS DE CAMÕES, PRINCIPE DOS POETAS PORTUGUEZES. SEGUNDA PARTE. EMENDADAS E ACRESCENTADAS PELO LICENCEADO JOÃO FRANCO BARRETO. LISBOA, POR ANTONIO CRAESBECK DE MELLO, IMPRESSOR DA CASA REAL. ANNO DE 1669

Depois do titulo vem o soneto de Diogo Taborda Leitão, feito ao auctor; seguem-se as *Rimas,* em que entram as duas comedias de *Seleuco* e *Amphitrioens,* terminando com a *Protestação de Fé.*

1669

OBRAS DE LUIS DE CAMÕES, PRINCIPE DOS POETAS PORTUGUEZES, COM OS ARGUMENTOS DO LICENCEADO JOÃO FRANCO BARRETO; E POR ELLE EMENDADAS EM ESTA NOVA IMPRESSÃO, QUE COMPREHENDE TODAS AS OBRAS QUE DESTE INSIGNE AUTOR SE ACHARÃO IMPRESSAS E MANUSCRITAS COM O INDEX DOS NOMES PROPRIOS OFFERECIDOS A D. FRANCISCO DE SOUSA, CAPITÃO DA GUARDA DO PRINCIPE N. S. POR ANTONIO CRAESBECK DE MELLO, IMPRESSOR DA CASA REAL. ANNO DE 1669. LISBOA. 4.°

Segue-se á dedicatoria um resumo da vida do Poeta e o soneto de Diogo Bernardes em seu louvor, e o privilegio por tempo de dez annos para poder imprimir á sua custa as obras de Luiz de Camões: *Lusiadas* e *Rimas* com seus acrescentamentos. Os *Lusiadas* trazem os argumentos de João Franco Barreto, e o seu indice dos nomes proprios no fim do *Poema.*

Esta edição foi sem duvida feita debaixo da protecção de Antonio Alvares da Cunha, decimo quinto Senhor de Taboa, e Guarda-mór da Torre do Tombo, fidalgo pertencente a uma familia que á nobreza do sangue juntava a illustração do talento e das armas. A terceira parte, como já dissemos, foi feita sobre originaes, alguns de letra de Camões, que elle franqueou; sentimos que a doença do actual sr. Conde da Cunha, seu representante, nos não permitta indagar se entre os papeis da sua casa existiriam estes autographos de Camões, de que se faz menção n'esta edição, que se torna apreciavel para consultar, por ter sido revista e emendada por João Franco Barrèto, que reunia a dupla qualidade de grammatico e poeta, como mostrou na sua traducção da *Eneida* de Virgilio.

1670

RIMAS DO GRANDE LUIS DE CAMOENS PRINCIPE DOS POETAS DE HESPANHA, OFFERECIDAS AO SENHOR AFFONSO FURTADO DE CASTRO DO RIO E MENDONÇA, POR ANTONIO CRAESBECK DE MELLO, IMPRESSOR DA CASA REAL. LISBOA, ANNO 1670. 1 VOL. 24.°

Depois da dedicatoria seguem-se as *Rimas,* e termina com o epitaphio latino de Martim Gonçalves da Camara.

1670

OS LUSIADAS DO GRANDE LUIS DE CAMOENS PRINCIPE DOS POETAS DE HESPANHA, COM OS ARGUMENTOS DO LICENCEADO JOÃO FRANCO BARRETO, E INDEX DE TODOS OS NOMES PROPRIOS. OFFERECIDOS AO ILL.MO SENHOR ANDRÉ FURTADO DE MENDONÇA. POR ANTONIO CRAESBECK DE MELLO, IMPRESSOR DA CASA REAL. LISBOA, 1670. 1 VOL. 24.°

Depois do titulo a dedicatoria, e no fim o diccionario dos nomes proprios.

1685-1689

RIMAS VARIAS DE LUIS DE CAMOENS PRINCIPE DE LOS POETAS HEROYCOS Y LYRICOS DE ESPAÑA Y COMENTADAS POR MANUEL DE FARIA Y SOUSA, CAVALLERO DE LA ORDEN DE CHRISTO. LISBOA, EN LA IMPRENTA DE THEOTONIO DAMASO DE MELLO, IMPRESSOR DE LA CASA REAL. ANNO 1685. 1 VOL. QUE COMPREHENDE TOM. I E II. —TOMO III, IV E V, 1689

Vide Manuel de Faria e Sousa.

1702

OS LUSIADAS DO GRANDE LUIS DE CAMOENS PRINCIPE DOS POETAS DE HESPANHA, COM OS ARGUMENTOS DO LICENCEADO JOÃO FRANCO BARRETO, E INDEX DE TODOS OS NOMES PROPRIOS EMENDADOS NESTA ULTIMA IMPRESSÃO. LISBOA, NA OFFICINA DE MANOEL LOPES FERREIRA, & Á SUA CUSTA, MDCCII. COM TODAS AS LICENÇAS NECESSARIAS. 1 VOL. 24.°

Depois do titulo: *Vida do Grande Luiz de Camões:* é a mesma que se reproduziu na edição de 1749. Em seguimento ao *Poema* o indice dos nomes proprios.

1720

OBRAS DO GRANDE LUIS DE CAMÕES, PRINCIPE DOS POETAS HEROICOS E LYRICOS DE HESPANHA, NOVAMENTE DADAS Á LUZ COM OS SEUS LUSIADAS COMENTADOS PELO LICENCEADO MANOEL CORREA, EXAMINADOR SYNODAL DO ARCEBISPADO DE LISBOA, E CURA DA IGREJA DE S. SEBASTIÃO DA MOURARIA, E NATURAL DA CIDADE DE ELVAS, COM OS ARGUMENTOS DE JOÃO FRANCO BARRETO. E AGORA NESTA ULTIMA IMPRESSÃO CORRECTA E ACRESCENTADA COM A SUA VIDA, ESCRIPTA POR MANOEL SEVERIM DE FARIA, OFFERECIDO AO SENHOR ANTONIO DE BASTO PEREIRA, DO CONSELHO DE SUA MAGESTADE, ETC. LISBOA OCCIDENTAL. NA OFFICINA DE JOSEPH LOPES FERREIRA, IMPRESSOR DA SERENISSIMA RAYNHA NOSSA SENHORA, E Á SUA CUSTA. 1720. 1 VOL. FOLIO

Uma dedicatoria ao dito Antonio Basto Pereira, e um prologo ao leitor: n'esta edição se juntaram trinta e sete sonetos novos, que não traz Faria e Sousa.

A vida do Poeta que traz é a do Chantre Manuel Severim de Faria, e os *Lusiadas* são acompanhados do *Commentario* de Manuel Correia, que se imprimiu no anno de 1613. Costuma vir junto um retrato do Poeta em corpo inteiro e sentado, que parece tirado de algum original antigo.

1721

OS LUSIADAS DO GRANDE LUIS DE CAMÕES, PRINCIPE DOS POETAS DE HESPANHA, COM OS ARGUMENTOS DO LICENCEADO JOÃO FRANCO BARRETO E INDEX DE TODOS OS NOMES PROPRIOS, AGORA NESTA ULTIMA IMPRESSÃO NOVAMENTE CORRECTA. OFFERECIDO AO SENHOR MANOEL GALVÃO DE CASTELLO BRANCO, ETC. LISBOA OCCIDENTAL, OFFICINA FERREYRIANA, 1721. 1 VOL. 24.º

Antes do frontispicio um retrato de Camões em um ovado, e em torno a letra: *Luiz de Camões, Principe dos Poetas das Hespanhas;* e por baixo, em uma base onde assenta este retrato, as armas do Poeta entre uma penna e uma espada. Ao titulo segue-se a dedicatoria e logo depois uma resumida biographia. Postoque no titulo faça menção sómente dos *Lusiadas,* comprehende tambem as *Rimas* que começam a pag. 480. Não traz as comedias, e termina com o epitaphio latino da sepultura, e as licenças para a impressão das *Rimas*.

1731-1732

LUSIADA, POEMA EPICO DE LUIS DE CAMÕES PRINCIPE DOS POETAS DE HESPANHA, COM OS ARGUMENTOS DE JOÃO FRANCO BARRETO, ILLUSTRADO COM VARIAS E BREVES NOTAS, E COM HUM PRECEDENTE APPARATO DO QUE LHE PERTENCE, POR IGNACIO GARCEZ FERREIRA, ENTRE OS ARCADES GILMEDO. A ELREY D. JOÃO V NOSSO SENHOR. EM NAPOLES, NA OFFICINA PARRINIANA, 1731. 2 TOMOS. —TOMO II, EM ROMA, NA OFFICINA DE ANTONIO ROSSI, 1732

Vide Ignacio Garcez Ferreira.

1749

OS LUSIADAS DO GRANDE LUIS DE CAMÕES, PRINCIPE DOS POETAS DE HESPANHA, COM OS ARGUMENTOS DO LICENCEADO JOÃO FRANCO BARRETO, E INDEX DE TODOS OS NOMES PROPRIOS AGORA NESTA ULTIMA IMPRESSÃO NOVAMENTE CORRECTOS. OFFERECIDOS ÁO SENHOR JOSÉ EUGENIO VERGOLINO, CAVALLEIRO PROFESSO NA ORDEM DE CHRISTO, ETC. LISBOA, NA OFFICINA DE MANOEL COELHO AMADO, E Á SUA CUSTA IMPRESSO. ANNO MDCCXLIX. COM TODAS AS LICENÇAS NECESSARIAS. 1 VOL. 24.º

Depois da pagina do frontispicio, a dedicatoria do editor a José Eugenio Virgolino; logo o *Poema* com os argumentos, e no fim d'este o indice dos nomes proprios. Segue uma vida resumida de Camões, acompanhada do soneto centonico em seu louvor, por João Gomes do Pego; outro anonymo de um amigo do Poeta, um de Diogo Taborda Leitão, e o ultimo de Diogo Bernardes. As licenças vem na ultima pagina, sendo a derradeira assignada em 29 de Abril de 1749. É em muito mau papel, quasi pardo.

1759

OBRAS DE LUIS DE CAMOENS. NOVA EDIÇÃO. PARÍS, Á CUSTA DE PEDRO GENDRON, 1759. 3 VOL. 12.º

Ao lado da pagina do titulo tem uma allegoria que consiste no Parnaso, onde se vê Caliope amamentando um menino que é o Poeta. Esta edição é dedicada a Pedro da Costa de Almeida Salema, Prelado da Pa-

triarchal e Ministro portuguez na côrte de París. Depois da dedicatoria traz um prologo ao leitor, no qual dá noticia da sua edição; tem o retrato do Poeta copiado do de Gaspar Severim de Faria com a inscripção em latim, estampas no principio de cada canto, e um mappa da derrota de Vasco da Gama. A biographia é de Garcez; os argumentos e o indice dos nomes proprios de João Franco Barreto.

1772

OBRAS DE LUIS DE CAMOENS PRINCIPE DOS POETAS PORTUGUEZES, NOVAMENTE REIMPRESSAS E DEDICADAS AO ILL.MO E EX.MO SR. MARQUEZ DE POMBAL CONDE DE OEYRAS, MINISTRO E SECRETARIO DE ESTADO, E DO CONSELHO DE SUA MAGESTADE, ETC., ETC. POR MIGUEL RODRIGUES. LISBOA, NA OFFICINA DE MIGUEL RODRIGUES, IMPRESSOR DO EMINENTISSIMO CARDEAL PATRIARCHA. 1772. 3 VOL. 24.º

O primeiro volume comprehende os *Lusiadas,* precedidos de uma dedicatoria ao marquez, uma biographia do Poeta e um argumento historico; é acompanhada de estampas, e entre estas se comprehende o retrato do Poeta, e um mappa com a derrota de Vasco da Gama; no fim vem o indice dos nomes proprios de João Franco Barreto. Os outros dois volumes comprehendem as *Rimas* e as tres *Comedias*.

1779-1780

OBRAS DE LUIS DE CAMÕES PRINCIPE DOS POETAS DE HESPANHA. NOVA EDIÇÃO A MAIS COMPLETA E EMENDADA DE QUANTAS SE TEM FEITO ATÉ O PRESENTE. TUDO POR DILIGENCIA E INDUSTRIA DE LUIS FRANCISCO XAVIER COELHO. LISBOA, NA OFFICINA LUSIANA, ANNO 1779. COM LICENÇA DA REAL MEZA CÊNSORIA. 8.º 4 VOL.

Um retrato de Camões, e em torno este distico: *Ludovicus Camonius Lusitanus Epicorum in Hispania Princeps Vixit. An.* LV *Obiit. An.* MDLXXIX. Por baixo do retrato os versos de Horacio:

Me colchus, & qui dissimulat metum, etc.

Traz um discurso preliminar apologetico e critico, sobre a edição; uma vida do Poeta; varias poesias em elogio de Camões; o *Poema* sem

os argumentos, e no fim o indice de João Franco Barreto, as estancias omittidas e as lições varias.

Os outros tres volumes comprehendem as poesias lyricas, e cada volume tem a sua prefação ou prologo. N'esta edição se juntaram as que se suppõem usurpadas por Bernardes, e as obras attribuidas: é a mais completa das obras do Poeta.

1782-1783

OBRAS DE LUIS DE CAMOENS, PRINCIPE DOS POETAS DE HESPANHA. SEGUNDA EDIÇÃO DA QUE NA OFFICINA LUISIANA SE FEZ EM LISBOA NOS ANNOS DE 1779 E 1780. 4 TOMOS 8.º

O primeiro tomo, que comprehende os *Lusiadas,* é dividido em duas partes e saiu no anno de 1782, e as *Rimas* no seguinte.

1800

LUSIADAS DE LUIS DE CAMOENS. COIMBRA, NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE, 1800. 2 VOL.

Contém um compendio da vida do Poeta, e o argumento historico dos *Lusiadas,* extrahido da edição de Ignacio Garcez Ferreira; os argumentos de João Franco Barreto, e no fim o seu indice dos nomes proprios, e as estancias omittidas e lições varias; achadas por Faria e Sousa.

1805.

LUSIADAS DE LUIS DE CAMOENS. LISBOA, NA TYPOGRAFIA LACERDINA. 1805. 2 VOL. 12.º

É a reproducção da de Coimbra de 1800, com a differença que os cantos do *Poema* são precedidos de estampas.

1808

LUSIADAS DE LUIS DE CAMOENS. ACRESCENTAM-SE AS ESTANCIAS DESPRESADAS POR O POETA, AS LICENÇAS VARIAS E BREVES NOTAS PARA ILLUSTRAÇÃO DO POEMA. EDIÇÃO DE J. E. HETZIG. 1 VOL. 16.º

No principio tem: *Obras de Camoens,* Tomo I. São só os *Lusiadas;* não sei se imprimiu o resto das poesias.

É dedicada ao sr. W. de Humboldt, em testemunho de obsequio e reverencia, pelos Editores. Tem um prologo aos leitores assignado por C. Winterfeld em portuguez, curioso pela sua dicção estrangeirada. Traz no principio a vida e argumento historico de Garcez, e no fim as estancias omittidas e lições varias.

Esta edição é feita em Berlim. Não traz anno de impressão; Thomás Northon no seu catalogo lhe assigna a data de 1808; o livreiro Theophile Barrois, no seu catalogo traz uma edição de Berlim com data de 1820, e em 24.°, que provavelmente é esta mesma; porém n'esse caso enganou-se no formato que é em 16.°, como verifiquei em um exemplar que possuo.

1815

OBRAS DO GRANDE LUIS DE CAMOENS, PRINCIPE DOS POETAS DE HESPANHA. TERCEIRA EDIÇÃO, DA QUE NA OFFICINA LUISIANA SE FEZ, EM LISBOA, NOS ANNOS DE 1779 E 1780. PARÍS, NA OFFICINA DE F. DIDOT SENIOR, 1815 5 TOMOS.

Bonita edição saída dos typos de Didot, a mais elegante das obras completas do Poeta; bom typo e papel e boas gravuras, e entre estas um retrato do Poeta e outro de Vasco da Gama.

1817

OS LUSIADAS, POEMA EPICO DE LUIS DE CAMÕES. NOVA EDIÇÃO CORRECTA, E DADA Á LUZ POR DOM JOSÉ MARIA DE SOUSA BOTELHO, MORGADO DE MATTHEUS, SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA. PARÍS, NA OFFICINA TYPOGRAPHICA DE FIRMIN DIDOT, IMPRESSOR DO REI, E DO INSTITUTO. M.D.CCC.XVII. 4.° ATLANTICO.

Vide D. José Maria de Sousa Botelho.

1818

OS LUSIADAS, POEMA DO GRANDE LUIS DE CAMÕES.
SEGUNDO O LEGITIMO TEXTO.
AVINHÃO, NA OFFICINA DE FRANCISCO SEGUIN. 1818. 2 VOL.

O discurso preliminar e a vida do Poeta são extrahidos da edição de Thomás de Aquino; emquanto ao texto, diz que seguiu o de Manuel

de Faria e Sousa: traz tambem os argumentos de João Franco Barreto, e o seu diccionario de nomes proprios.

1819

OS LUSIADAS, POEMA EPICO DE LUIS DE CAMÕES. NOVA EDIÇÃO CORRECTA E DADA Á LUZ CONFORME A DE 1817 IN 4.º POR DOM JOSÉ MARIA DE SOUSA BOTELHO, MORGADO DE MATTHEUS, SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA. PARÍS, NA OFFICINA TYPOGRAPHICA DE FIRMINO DIDOT, IMPRESSOR DO REI E DO INSTITUTO. 1819. 8.º

Em um aviso ao leitor, feito pelo editor Firmino Didot, diz que não se destinando para a venda a edição em 4.º, de 1817, do Morgado de Matheus, julgára fazer um serviço á nação portugueza, reproduzindo aquella edição, obtendo licença do dito Morgado, a qual não só outorgou, mas quiz que o seu ultimo trabalho n'aquelle anno (1819) depois de conferidas as duas edições de 1572, fosse reunido n'esta edição; e para dar maior realce á sua empreza, lhe permittiu brindar o publico com o retrato de Camões, ajudando-o até elle a corregir e rever as provas typographicas da sua edição. No fim vem uma advertencia denunciando o annuncio de um manuscripto dos *Lusiadas* com muitas variantes, que pertendeu o auctor ter descoberto em París, e tencionava dar ao publico, prevenido contra esta fraude litteraria, esperando que o aviso que fazia, fundado no conhecimento que ha muitos annos tinha d'aquelle fingido MS., fosse sufficiente para evitar o escandalo que occasionaria a sua publicação com tanto desdouro do grande Poeta como da nação portugueza. Que o manuscripto de que se diz copia, jámais existira, e que as suppostas variantes eram indignas de Camões, de tudo o que tinha exuberantes provas. Termina dizendo que a nação devia pôr debaixo da sua *salvaguarda* este monumento nacional para defende-lo de similhantes attentados. Não sei se este manuscripto é o mesmo de que já fizemos menção quando tratámos do padre Francisco Manuel.

1820

OS LUSIADAS DE LUIS DE CAMÕES, ETC. PARÍS, 1820

É citada no catalogo de Thomás Northon; não vi esta edição, por isso não posso dar noticia d'ella.

1821

OS LUSIADAS DE LUIS DE CAMÕES, ETC. RIO DE JANEIRO, 1821. 18 ° 2 VOL.

Não vi esta edição; é comtudo citada no catalogo que possuo da collecção de Thomás Northon. No catalogo do livreiro Theophile Barrois é citada, e se declara ser em dois volumes, e com o retrato do Poeta.

1823

OS LUSIADAS, POEMA EPICO DE LUIS DE CAMÕES. NOVA EDIÇÃO CORRECTA E DADA Á LUZ CONFORME A DE 1817 IN 4.° POR DOM JOSÉ MARIA DE SOUSA BOTELHO, MORGADO DE MATTHEUS, SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA. PARÍS, 1823. 16.°

É uma bonita edição precedida da copia do retrato do Poeta, por Gerard, que vem na edição rica; não tem biographia ou notas, traz simplesmente o texto do *Poema*.

1827

OS LUSIADAS, POEMA EPICO DE LUIS DE CAMÕES. NOVA EDIÇÃO.
LISBOA, TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA, 1827

É a primeira edição publicada n'esta typographia: traz o texto unicamente.

1827

OS LUSIADAS, POEMA EPICO DE LUIS DE CAMÕES.
NOVA EDIÇÃO MAIS CORRECTA.
LISBOA, NA IMPRESSÃO REGIA, 1827. 1 VOL. 16.°

O texto unicamente.

1834

OBRAS COMPLETAS DE LUIS DE CAMÕES, CORRECTAS E EMENDADAS
PELO CUIDADO E DILIGENCIA DE J. V. BARRETO FEYO
E J. GOMES MONTEIRO. HAMBURGO, 1834

Vide José Gomes Monteiro.

1835

O ADAMASTOR, EPISODIO EXTRAHIDO DO V CANTO DE CAMÕES.
LISBOA, IMP. DE J. N. ESTEVES, 1835. 32.º

É um folheto de poucas paginas, de que vi um exemplar na Bibliotheca Publica.

1835

A ILHA DE VENUS. EXTRAHIDO DO NONO CANTO DE CAMÕES.
LISBOA, IMP. DE J. N. ESTEVES & FILHOS, 1835. 24.º

É igualmente um pequeno folheto, de que tambem existe um exemplar na Bibliotheca Publica.

1836

OS LUSIADAS, POEMA EPICO DE LUIS DE CAMÕES. NOVA EDIÇÃO CORRECTA
E DADA Á LUZ POR DOM JOSÉ MARIA DE SOUSA BOTELHO.
PARÍS, 1836. 8.º GR. COM RETRATO.

Não vi esta edição; julgo que é reproducção da do Morgado de Matheus.

1836

OS LUSIADAS, POEMA EPICO DE LUIS DE CAMÕES. LISBOA,
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA, 1836. 1 VOL. 16.º

É a segunda edição da typographia Rollandiana.

1841

OS LUSIADAS DE LUIS DE CAMÕES. RIO DE JANEIRO, 1841

Não vi esta edição, porém existe na collecção do fallecido Thomás Northon.

1842

OS LUSIADAS, POEMA EPICO DE LUIS DE CAMÕES. NOVA EDIÇÃO.
LISBOA, NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA, 1842. 1 VOL. 16.º

É a terceira edição da typographia Rollandiana.

1843

OS LUSIADAS DE LUIS DE CAMÕES. NOVA EDIÇÃO FEITA DEBAIXO DAS VISTAS DA MAIS ACCURADA CRITICA EM PRESENÇA DAS DUAS EDIÇÕES PRIMORDIAES, E DAS POSTERIORES DE MAIOR CREDITO E REPUTAÇÃO: SEGUIDA DE ANNOTAÇOENS CRITICAS, HISTORICAS E MYTHOLOGICAS, POR FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO. LISBOA, NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA, 1843

É precedida esta edição de uma dedicatoria a Mr. Ferdinand Denis: seguem-se alguns testemunhos de modernos escriptores estrangeiros a favor do poema dos *Lusiadas:* são estes; Chateaubriand, John Adamson, Mr. Charles Magnin e Mr. Ferdinand Denis.

Uma advertencia, e depois segue o *Poema,* no fim do qual se juntam umas annotações criticas, historicas e mythologicas, terminando com cinco tabellas de correcções e lições varias do *Poema,* sendo a ultima de algumas correcções que talvez conviria fazerem-se ainda nos *Lusiadas.*

1846

OS LUSIADAS, POEMA EPICO DE LUIS DE CAMÕES. NOVA EDIÇÃO. LISBOA, NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA 1846. 1 VOL. 16.°

É a quinta edição da typographia Rollandiana.

1846

OS LUSIADAS, POEMA EPICO DE LUIS DE CAMOENS. RESTITUIDO Á SUA PRIMITIVA LINGUAGEM AUTHORISADA COM EXEMPLOS EXTRAHIDOS DOS ESCRIPTORES CONTEMPORANEOS A CAMÕES, AUGMENTADO COM A VIDA DESTE POETA, UMA NOTICIA ACERCA DE VASCO DA GAMA, AS ESTANCIAS E LIÇÕES ACHADAS POR MANOEL DE FARIA E SOUSA, AS VARIANTES COLHIDAS NAS MELHORES EDIÇÕES, E MUITAS NOTAS PHILOLOGICAS, HISTORICAS, GEOGRAPHICAS E MYTHOLOGICAS, POR JOSÉ DA FONSECA. PARÍS, 1846. 8.° 1 VOL.

Traz o retrato do Poeta, de Gerard, gravado por Roger; e no fim da noticia sobre Vasco da Gama, o retrato do descobridor da India em vinheta. Bella edição, não só pelo lado typographico, mas pela correcção e pelas notas eruditas de que é acompanhada.

1847

OS LUSIADAS DE LUIZ DE CAMÕES. NOVA EDIÇÃO, SEGUNDO A DO MORGADO DE MATTHEUS, COM AS NOTAS E VIDA DO AUTOR PELO MESMO, CORRIGIDA SEGUNDO AS EDIÇÕES DE HAMBURGO E DE LISBOA, E ENRIQUECIDA DE NOVAS NOTAS E D'HUMA PREFAÇÃO PELO DR. CAETANO LOPES DE MOURA. PARÍS, NA OFFICINA TYPOGRAPHICA DE FIRMIN DIDOT, IMPRESSOR DO REI E DO INSTITUTO. 1847. 1 VOL.

É precedida de uma prefação, na qual se diz, que se emendam alguns erros, em que incorreu o Morgado de Matheus, na sua edição. Termina com umas notas em que o editor justifica as correcções que fez.

1849

OS LUSIADAS, POEMA EPICO DE LUIS DE CAMÕES. NOVA EDIÇÃO CORRECTA. RIO DE JANEIRO, NA TYP. DE AGOSTINHO DE FREITAS GUIMARÃES, ETC. 1849. 12.° DE 397 PAG.

Sem notas nem mais esclarecimentos; tiraram-se tres mil exemplares.

1850

OS LUSIADAS, POEMA EPICO DE LUIS DE CAMÕES. NOVA EDIÇÃO. LISBOA, NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA. 1850

É a sexta edição da typographia Rollandiana.

1854

OS LUSIADAS, POEMA EPICO DE LUIS DE CAMÕES. NOVA EDIÇÃO. LISBOA, NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA. 1854

É a setima edição da typographia Rollandiana.

1855

OS LUSIADAS, POEMA EPICO DE LUIS DE CAMÕES, EDIÇÃO PUBLICADA POR DOMINGOS JOSÉ GOMES BRANDÃO. RIO DE JANEIRO, TYP. BRASILIENSE DE M. G. RIBEIRO. 1855. 12.° DE 397 PAG.

Não tem notas, nem prefacios. É destituida de elegancia: d'ella se tiraram dois mil exemplares.

1856

OS LUSIADAS, POEMA EPICO DE LUIS DE CAMÕES. NOVA EDIÇÃO, FEITA DEBAIXO DAS VISTAS DA MAIS ACCURADA CRITICA EM PRESENÇA DAS DUAS EDIÇÕES PRIMORDIAES, E DAS POSTERIORES DE MAIOR CREDITO E REPUTAÇÃO: SEGUIDA DE ANNOTAÇÕES CRITICAS, HISTORICAS E MYTHOLOGICAS. RIO DE JANEIRO, TYP. UNIVERSAL DE E. & H. LAEMMERT, 1856. 8.º GR. 2 TOMOS, O PRIMEIRO DE XV-234 PAG., E O SEGUNDO DE II-287 PAG.

É uma reproducção da edição de Francisco Freire de Carvalho, na qual porém se omittiu a epigraphe de pag. 4, a dedicatoria, os extractos de pag. 7, o *N. B.* da advertencia, e as cinco tabellas finaes. É adornada de onze estampas coloridas, em cujos desenhos se imitou tosca e inhabilmente o das estampas da edição grande do Morgado de Matheus. Ajuntaram-lhe porém os editores um bom retrato de Camões, gravado em Leipzig; e tambem lhe addicionaram o *Diccionario dos nomes proprios* de João Franco Barreto.

Nada mais recommenda tal edição, feita em papel inferior, e sem maior esmero typographico, alem do commum nos livros impressos no Brazil.

Os mesmos editores fizeram no proprio anno de 1856 outra em 8.º pequeno, de 395 pag. com um retrato colorido: diz no frontispicio: *Nova edição para uso das escholas,* e prosegue como na outra acima descripta, *feita debaixo das vistas,* etc.; porém é notavel que promettendo annotações, estas não apparecem, e só tem o texto simples, sem advertencia preliminar, e sem os argumentos. Não vi esta edição: devo a presente nota ao sr. Innocencio Francisco da Silva.

1857

OS LUSIADAS DE LUIS DE CAMÕES. NOVA EDIÇÃO. LISBOA, NA OFFICINA ROLLANDIANA, 1857. 1 VOL. 16.º

É a oitava edição da typographia Rollandiana.

1857

OS LUSIADAS, POEMA EPICO DE LUIS DE CAMÕES. PARÍS. TYP. DE VANDULL, RUE DE S.T HONORÉ, N.º 490. 1857

Formato inqualificavel, pois tem a altura do *quarto* portuguez, e largura igual á do *oitavo* assim chamado: em cada pagina comprehende

cinco estancias! Contém ao todo 252 pag. Traz os argumentos em prosa e verso no começo dos cantos, sem mais notas, advertencias ou explicações algumas. Não tem a menor sombra de elegancia ou esmero typographico e abunda em erros, dos quaes o ultimo é no verso ultimo da estancia final do canto x, onde se imprimiu *trazendo* em logar de *fazendo*. A indicação do logar da impressão é suppositicia. Sabe-se que foi impressa em Nictheroy, na typographia de Querino & Irmão, por conta de Antonio José Ferreira da Silva, portuguez, estabelecido no Rio com loja de livros, estampas e bijouterias, e editor que foi de um *Universo Illustrado*, de uma *Galeria Lusitana*, e de outras taes obras.

1860

OS LUSIADAS, POEMA EPICO DE LUIS DE CAMÕES. NOVA EDIÇÃO. LISBOA, NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA, 1851

É a nona edição da typographia Rollandiana.

D'este catalogo das edições de Camões se colhe que tendo-se concedido ao Poeta privilegio para imprimir o *Poema* por espaço de dez annos, datado do anno de 1571, quando falleceu, que foi no de 1580, lhe faltava um anno para completar o privilegio.

No anno de 1584, sendo ainda viva sua mãe, se fez uma edição dos *Lusiadas* impressa por Manuel de Lyra. Desde esse anno até o de 1597 se imprimiram constantemente n'esta officina as *Obras de Camões*, á custa do livreiro Estevão Lopes, a quem se havia concedido privilegio para imprimir os *Lusiadas, por já haverem poucos*, e para as *Rimas* que com muito trabalho reunira, e se imprimiram n'este anno de 1595. As edições que imprimiu Manuel de Lyra foram as tres amputadas de 1584, 1591 e 1597.

No anno de 1598, estando estabelecidos n'esta cidade os Craesbecks, se reimprimiu a edição das *Rimas* de 1595, por se ter esgotado, expurgada dos erros que se tinham introduzido na primeira, por causa das copias, addicionada com mais algumas poesias, e á custa de Estevão Lopes, e no anno de 1607 se imprimiram novamente as *Rimas*, á custa do livreiro Domingos Fernandes, tendo-se continuado o privilegio a Vi-

cencia Lopes, viuva de Estevão Lopes, por Alvará de 7 de Setembro de 1605, por espaço de mais dez annos, alem dos concedidos a seu marido, attendendo a ficarem-lhe cinco filhos e ao seu estado de indigencia. Desde esse tempo, se exceptuarmos a edição dos *Lusiadas* de 1612, e a das *Comedias* de 1615, impressas por Vicente Alvares, e a das *Rimas* de 1621, por Antonio Alvares, esteve a imprensa Craesbeckiana por espaço de um seculo na posse de imprimir as obras do nosso Poeta, até o anno de 1689; começando em 1702 a imprimi-las a typographia Ferreiriana, e isto por espaço de dezenove annos. Desde esse tempo se tem impresso varias e mui repetidas vezes em differentes officinas, tanto em Portugal como fóra d'elle; sendo os sitios, nos paizes estrangeiros, onde se deram á estampa: Madrid, Napoles, Roma, París, Avinhão, Hamburgo e Berlim. Comprehende este nosso catalogo, até hoje o mais completo, umas setenta e tres edições, e calculando cada edição, termo medio, a mil e quinhentos exemplares, o que não é muito, attendendo a que as edições antigas eram mais copiosas, e especialmente o deviam ser da primeira obra litteraria do paiz, se póde calcular que se tem gasto mais de um exemplar diariamente desde a publicação d'este *Poema* immortal. Vê-se mais que nos seculos XVI e XVII as edições foram muito repetidas, succedendo-se umas ás outras com pequeno intervallo; o mesmo não aconteceu no seculo seguinte XVIII em que apparecem intervallos consideraveis de edição a edição, chegando até dois de dezoito annos, e tirando-se em todo o seculo apenas nove edições, o que admira durante um governo tão protector das letras, como foi o de D. João V. Ou o mercado estava sufficientemente provido ou o partido Tassista, que D. Francisco Manuel já havia rebatido no seu *Hospital das Letras,* e por ultimo José de Macedo no seu *Antidoto da Lingua,* provocavam este transitorio resfriamento. Com o principio do seculo XIX renasce a procura, e as edições se multiplicam, tanto no paiz, como fóra d'elle, havendo anno de se repetirem como no de 1827, 1836, 1846, 1857 e 1860, o que dá um resultado approximativo a uma edição em dois annos.

Que o reconhecimento nacional se traduza por esta fórma, fazendo gemer os prélos para reproduzir o *Poema* immortal, nada admira, porque por mais que se faça, por esta ou por outra qualquer via, sempre se ficará em divida para com o Cantor das nossas glorias; mas que elle por tal fórma captive a sympathia dos estranhos, que de dia para dia se torne mais valido, como provam as repetidas e recentes traducções, é que é maravilhoso. Não podemos deparar outra causa senão, que o

Poeta do Tejo é o Poeta da gloria, do amor, do commercio e da civilisação, e que se o assumpto que elle cantou pertence exclusivamente a uma nação grandiosa as consequencias foram de uma utilidade universal. Por isso elle sôa já em treze linguas diversas, tantas foram aquellas que a minha diligencia pôde até agora descobrir, e setenta e um foram os interpretes, que por integra ou em fragmentos, a verteram para as suas respectivas linguas, a saber: Na hebraica, 1; grega, 1; latina, 7; hespanhola, 9; franceza, 17; italiana, 10; ingleza, 9; allemã, 9; hollandeza, 2; polaca, 1; dinamarqueza, 1; sueca, 2; russa, 2.

E ainda ha campo para novas explorações, pois nem na Suissa e Principados Allemães, bem como na America, nos Estados da União e Republicas Hespanholas, podémos ainda penetrar, o que mais tarde esperâmos fazer, e o não julgâmos indifferente, pois nos consta que até na Occeania acaba o nosso *Poema* de ser vertido para a lingua ingleza.

Quando esta folha já estava composta, me chegou a noticia de uma nova traducção na lingua bohemia revelada pelo sr. Ferdinand Deniz, em carta sua, da qual extracto o periodo em que faz menção d'ella:

«Vous pouvez Monsieur le Vicomte joindre à vos listes déjà si nombreuses de traducteurs un nom que vous est probablement inconnu, c'est celui d'un hongrois. Mr. Pichl a traduit en langue bohème qu'il ne faut pas confondre, vous le savez, avec l'argot des bohémiens *l'épisode d'Inez de Castro,* et il l'a fait imprimer dans le *Casopis Ceskeho Museum* ou journal du Musée de Bohème publié il y a un vingtaine d'années à Prague et qui après avoir été dirigé par Mr. Palacky, historiographe des états du royaume, eût pour redacteur en chef Mr. Safarik, savant bien connu. Où n'a pas penetré la gloire de Camoens?»

NOTAS Á BIOGRAPHIA

Nota 1.ª — pag. 2

O extraordinario acontecimento da descoberta da India foi exaltado pelos estrangeiros contemporaneos: póde ver-se em Damião de Goes como estes affluiam a Lisboa mandados pelas suas côrtes ou espontaneamente para saberem noticias d'esta espantosa viagem. Alguns se empregaram em a descrever, como Maffei; formaram-se collecções de viagens, e as nossas obras que sairam sobre este assumpto foram promptamente traduzidas. Castanheda foi logo vertido em varias linguas, na franceza por Nicolau Grouchy apenas um anno depois de ter apparecido o primeiro livro (1552); em italiano por Affonso de Ulloa no anno de 1578, e na lingua ingleza por Nicolau Linchtfield no de 1582. No anno de 1587 traduziu Simão Goulard a continuação de Castanheda na lingua franceza, addicionando-lhe a traducção da Vida de D. Manuel pelo Bispo de Silves Jeronymo Osorio. Alem dos exaltados encomios prodigalisados por esta occasião a El-Rei D. Manuel pelo Papa Leão X, póde ver-se uma carta, dirigida sobre este assumpto, do Arcebispo de Toledo ao mesmo Rei.

Nota 2.ª — pag. 2

Estes são os versos onde Frascator allude a esta navegação dos portuguezes:

Hæc eadem tamen, hæc ætas (quod fata negarunt
Antiquis) totum potuit sulcare carinis
Id pelagi, immensum quod circuit Amphitrite.
Nec visum satis extremo ex Atlante repostos
Hesperidum penetrare sinus, Prassumque sub Arcto
Inspectare alia, præruptaque litora Rhapti,
Atque Arabo advehere, et Carmano ex æquore merces.
Auroræ sed itum in populos Titanidis usque est
Supra Induin, Gangemque supra, quà terminus olim
Catygare noti orbis erat: superata Cyambe.
Et dites ebeno, et felices macere sylvæ.
Denique et à nostro diversum gentibus orbem.
Diversum cœlo, et clarum majoribus astris
Remigio audaci attigimus ducentibus et Diis.

Nota 3.ª — pag. 2

Foi este Francisco Bianchini na obra que publicou em 1728, intitulada: *Hesperi et Phospori nova stenomena sive observationes in Planetam Veneris*. Foi grande astronomo; nasceu em Verona no anno de 1662, e morreu em 1729.

Nota 4.ª – pag. 6

Esta carta de mercê póde ver-se por integra no interessante Roteiro contemporaneo da Viagem de Vasco da Gama, que com este titulo *Roteiro da Viagem que em descobrimento da India pelo Cabo da Boa Esperança fez Dom Vasco da Gama em* 1497 publicára no Porto no anno de 1838 o Lente de Mathematica Diogo Kopke e o Doutor Antonio da Costa Paiva, para cuja publicação, a pedido do meu amigo Consul francez n'aquella cidade, Theodoro Pichon, hoje Ministro na Persia, enviei aos editores uma copia extrahida do Archivo da Torre do Tombo, onde encontrei aquelle interessante documento.

Nota 5.ª — pag. 6

Estes riquissimos panos existiam no tempo d'El-Rei D. Sebastião, e d'elles se faz menção na viagem e entrada n'esta cidade do Cardeal Alexandrino: a minuta para esta encommenda e a sua descripção existe no Real Archivo da Torre do Tombo.

Nota 6.ª — pag. 6

A descripção d'esta solemnissima embaixada póde ver-se na interessante obra da vida e pontificado de Leão X, onde vem a carta de El-Rei D. Manuel e outros documentos relativos á embaixada, e poesias latinas de varios italianos feitas em louvor do Rei, do Embaixador e da nação portugueza: podem tambem ver-se no Archivo Real da Torre do Tombo os documentos que existem sobre o mesmo objecto.

Nota 7.ª — pag. 7

Alludimos a um interessante manuscripto que existe na Torre do Tombo intitulado *Lendas da India, de Gaspar Correia,* que hoje está publicando a Academia Real das Sciencias de Lisboa; consta de quatro volumes em folio, com os retratos dos Governadores e as plantas das fortalezas da India. É para sentir que falte o autographo do 1.º volume, que aliás foi supprido por uma copia antiga que póde obter o zeloso Official Maior do Archivo, ficando assim a obra completa. O auctor esteve muito tempo na India, para onde foi logo no principio da descoberta, e a sua obra, alem do interesse historico, é muito anecdotica.

Nota 8.ª — pag. 7

Nas peças de Gil Vicente respira mais de uma vez o espirito patriotico e nacional; mas é principalmente no *Auto da exhortação da guerra* que este se revela com mais fogo, e que o auctor por vezes chega a attingir a sublimidade da ode pindarica em algumas das suas redondilhas.

Nota 9.ª — pag. 8

De Homero a Virgilio medearam, segundo se julga, cerca de uns oito seculos; e de Virgilio a Camões, que resuscitou novamente a epopéa na Europa, mil quinhentos noventa e quatro annos. Tal é a rotação lenta d'estes astros luminosos da poesia!

Nota 10.ª — pag. 8

Foi este poeta Pedro de Ronsard, que nasceu no anno em que nasceu Camões, isto é, no de 1524, e falleceu no de 1585, cinco annos depois da morte do nosso Poeta. Foi reputado o legislador do Parnaso na sua patria, onde lhe deram o titulo de principe dos poetas do seu tempo, e foi mui apreciado dos Reis seus contemporaneos, Henrique II, Francisco II, Carlos IX e Henrique III; a municipalidade de Toulouse lhe fez presente de uma Minerva de prata massiça, e a infeliz Rainha de Escocia Maria Stuart de um bufete do valor de 2:000 escudos, em o

qual havia um vaso onde se via representado o Parnaso, e n'elle se lia esta inscripção em verso:

A Ronsard l'Apollon de la source des Muses.

Communicou com Torquato Tasso quando este esteve em França acompanhando o Cardeal d'Este: contrahiram ambos os poetas amisade e mutuamente se elogiaram. Compoz um poema intitulado a *Franciada,* que hoje não é lido, bem como tem decaido o poeta da exagerada elevação onde o haviam collocado os seus contemporaneos. De todos os seus admiradores um dos mais enthusiasticos foi Carlos IX, que chegou a compor versos em seu louvor. No Real Archivo da Torre do Tombo existe uma carta assignada do proprio punho do Rei para o Cardeal Regente, em que lhe pede queira mandar lançar o habito de Christo ao poeta seu valido.

Nota 11.ª — pag. 9

É este a carta de perdão pelo ferimento feito na pessoa de Gonçalo Borges em defeza de uns amigos.

Nota 12.ª — pag. 9

Camões, descrevendo nos Lusiadas no canto III esta villa, parece fazê-lo com certa predilecção e conhecimento do local:

Obidos, Alemquer, por onde soa
O tom das frescas aguas entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres Vedras.

Quem esteve já em Alemquer não póde deixar de reconhecer a exactidão da descripção: no seu termo existia uma quinta, propriedade dos Marquezes de Sabugosa, conhecida com o nome de *Quinta de Camões.*

Nota 13.ª — pag. 11

Para a genealogia do Poeta seguimos a Fernão Lopes (Chronica); *Armas e triunfos, hechos heroicos de los hijos de Galicia, por Fr. Felipe de la Gandara* (1672); os documentos do Archivo, onde se acham lançadas na Chancellaria de El-Rei D. Fernando as mercês feitas a Vasco Péres de Camões, e alguns titulos genealogicos d'esta familia, e entre estes um do seculo XVII, porém todos mui imperfeitos e copiando-se uns aos outros.

Nota 14.ª — pag. 11

É o porphyrion dos antigos, de que trata Alciato no Emblema 47:

Porphirio domini, si incestent in ædibus uxor.
Despondetque animum præque dolore perit
Abdita in arcanis naturæ est causa: sit index
Sincera hæc volucris certa pudicitiæ.

Eliano, liv. XIV cap. 35.º, trata d'esta ave dizendo ser mui formosa, ter á cabeça côr de oiro, e que se enforca presenceando em casa de seu senhor um tal crime. Não nos diz a região onde habita, que deve ser a mesma onde existe a ave Phænix.

Nota 15.ª — pag. 13

São os dois sonetos CCXC e CCXCI:

Alá en Monte Rei en Bal de Laça, etc.
Porque me fas amor inda aca torto, etc.

Não nos consta que o nosso Poeta estivesse na Galliza; como podia pois ver esta Violante, de que trata o soneto, e que residia em Monte Rei, em Valle de Laça?

Nota 16.ª — pag. 13

Simão Vaz de Camões foi natural de Cabeço de Vide, na provincia do Alemtejo, e foi filho de Antonio Vaz de Camões e Isabel Figueira do Couto. Nasceu no anno de 1531, e no de 1548, em o 1.º de fevereiro, recebeu a roupeta de jesuita em o noviciado de Evora. Compoz: *Vida do glorioso S. Paulo, primeiro Eremita*. Poema sacro, 4.º, ms.

Nota 17.ª — pag. 13

A descripção do tumulo do avô do Poeta se encontra em Severim de Faria. Estava este mausoleu em uma capella do claustro da Sé velha de Coimbra, cuja capella o dito João Vaz mandou fazer, e ahi, á parte do Evangelho, se via o tumulo de marmore lavrado com figuras de meio relevo, e nos cantos duas maiores com escudos nas mãos, e em cima do tumulo a figura do mesmo João Vaz armado ao modo antigo com uma espada na mão, e aos pés um rafeiro deitado. Esta capella no tempo de Severim de Faria tinha o arco quasi tapado por uma parede de tijolo, e se achava devoluta e abandonada por faltarem os descendentes do instituidor. Pela descripção do tumulo se vê que a sua descoberta seria interessante não só pelo lado biographico do individuo, mas ainda pelo lado artistico. No Archivo da Torre do Tombo não encontrámos um só documento relativo a João Vaz de Camões.

Nota 18.ª — pag. 18

Foi o Bispo de Bragança D. Antonio Luiz da Veiga Cabral da Camara que escreveu uns Commentarios ou Dissertação mostrando, á vista do Poema, os grandes conhecimentos do Poeta, especialmente na geographia e astronomia.

Nota 19.ª — pag. 19

D. Bento de Camões nasceu na cidade de Coimbra, e foi filho de Antonio Vaz de Camões e de Guiomar Vaz da Gama, pessoas nobres e distinctas, e tio do nosso Luiz de Camões. Nos primeiros annos applicou-se ao estudo das letras para seguir o estado ecclesiastico; abraçou porém o religioso como mais seguro no Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, o qual, sendo reformado por ordem de El-Rei D. João III, elle sujeitou á nova reforma e ás regras da observancia e penosa vida que na clausura e no silencio competiam com a dos religiosos Cartuxos.

No primeiro capitulo que se celebrou no Mosteiro de Santa Cruz a 3 de maio de 1539 saiu eleito por Primeiro Geral da Congregação, sendo nomeado por El-Rei D. João III, que muito o estimava, Cancelario da Universidade de Coimbra por Carta passada a 15 de dezembro de 1539. Falleceu a 2 de janeiro, como se lê nos livros dos Obitos de Moreira de S. Jorge e no de S. Vicente: *Quarto nonas Januarii obiit Benedictus Presbyter S. Crucis qui fuit primus Generalis nostræ Congregationis*. Anno 1547. Cardoso, no *Agiologio Lusitano,* faz menção d'elle a 4 de janeiro, dizendo que n'este dia fallecêra; n'isto porém seguimos os referidos Livros de Obitos que vimos como mais certo: «Diario Historico dos Varoens illustres que florecerão em letras, virtudes e santidade na Congregação dos Conegos Regulares de Santa Cruz de Coimbra pelo P.ᵉ D. Ignacio de N. Senhora da Boa Morte Conego Regular da mesma Congregação. Anno 1786.» Veja-se tambem a Chronica dos Conegos Regrantes por D. Nicolau de Santa Maria.

Nota 20.ª — pag. 21

O 1.º, 2.º e 3.º livro de Castanheda saíram entre os annos de 1551 e 1552 e a 1.ª Decada de Barros n'este mesmo anno de 1552, de maneira que o Poeta

devia ler estes livros na cadeia onde se achava n'este anno, e onde provavelmente começou a delinear o seu Poema. A 2.ª Decada de Barros appareceu no mesmo dia e mez em que o Poeta saia a barra de Lisboa para a India, e n'este mesmo anno, durante a sua viagem, o 4.º e 5.º livro de Castanheda: o ultimo livro de Castanheda e a 3.ª Decada de Barros entre os annos de 1561 e 1563, de sorte que as datas d'estas ultimas obras dos dois escriptores nos podem servir para estabelecer uma tal ou qual chronologia no Poema relativa a retoques e additamentos feitos pelo Poeta quando seguiu aquelles auctores O Poeta provavelmente não teve conhecimento das Lendas da India de Gaspar Correia, o que muito sentimos, e que devêra ser o auctor preferido pelo interessante da sua narrativa, muito anecdotica e poetica.

Nota 21.ª—pag. 22

Eis o que diz Lord Strangford a este respeito:

«When he wrote, the Italian model was in fashion, and as Camoens was intimately acquainted with that language, he too frequently sacrified his better judgment to the vitiated opinion of the public. Hence the extravagant hyperboles and laborious allusions, which he as sometimes, though rarely, employed. But his own taste was formed on purer principles. He had studied and admired the poems of Provence. He had wandered through those wast catacombs of buried genius, and treasure rewarded his search. Even the humble knowledge of Provençal litterature wich the present writer possesses, has enabled him to discover many passages wich the Portuguese poet has rendered his own. But we must be careful not to defraud Camoens of the merit of the originality. To that character he has, perhaps, a juster claim than any of the moderns, Dante only excepted. *Remarks on the life and writing of Camoens.*»

Nota 22.ª—pag. 22

Antes da reforma da Universidade de Coimbra era a de París uma das mais concorridas pelos mancebos estudiosos da nossa terra; se a minha memoria me não falha, recordo-me de ter lido em alguma parte que El-Rei pagava constantemente a cincoenta pensionistas em Paris: no anno de 1560 ordenou a Rainha Regente (D. Catharina) que os estudantes que estudavam nas Academias estrangeiras se recolhessem ao reino. Vieram exercer o magisterio não só muitos portuguezes graduados n'esta Universidade, mas igualmente muitos francezes convidados por El-Rei D. João III, entre outros Nicolau Grouchy, que verteu a Castro do nosso Ferreira. Para ensinar latim, grego e hebraico, diz Pedro de Mariz que viera de París um collegio inteiro, e era tão grande a sua affluencia, que em uma carta de Fernão Cardoso a Affonso Vaz de Caminha lhe diz «por uma gramatica ...., empocada (ita) em terra de alem tejo no labyrinto de Lisboa antre bando de clerigos franceses.» Um tão grande numero de estudantes portuguezes, que regressavam d'aquella Universidade á sua patria, não podia deixar de tornar mui vulgar o conhecimento da lingua franceza entre nós: a principal influencia que teve nas bellas letras entre nós foi principalmente, a meu ver, no theatro, dando nascimento a um Gil Vicente, e nos romances de cavallaria.

Nota 23.ª—pag. 22

Talvez o logar a que allude não fosse imitado do poeta francez, e Faria e Sousa assim o pretende, mas o Poeta tivesse em vista a Virgilio, a quem podia tambem imitar Ronsard. O logar é este:

Puis comme un trait roidement s'élance
Dedans Buttrote ou sa forme laissa
Et presse le corps, l'alleure et le visage
D'un viel Troyen aux affaires très sage,
Lequel suivait dans sa jeunesse Hector, etc.

Or ce vieillard avait toujours ésté
Par les Troyens en grande auctorité.
En se semblant ce Dieu guerrier se change
Autours du front des cheveux blancs arrange:
Se labourà de rides tout le front, etc.

Ha comtudo um logar do poeta francez que me parece que o nosso teve em vista na sua Egloga II, isto é, se este não foi imitado por Ronsard, pois como ambos foram contemporaneos, é difficil saber qual dos dois imitou o outro. O logar a que alludimos é o principio de uma das canções de Ronsard:

Quand j'étois jeune ains qu'une amour nouvelle
Ne se fut prise en ma tendre moelle
Je vivois bien heureux;
Comme à l'envy les plus accortes filles
Se travaillaient par leurs flancs gentilles
De me rendre amoureux.

. . . .

Ainsi j'allois desdeignant les pucelles
Qu'on estimoit en beautés les plus belles
Sans répondre à leur vueil:
Lors je vivois amoureux de moi même,
Content et gai, sans porter feu blème
Ni les larmes à l'œil.

J'avois éscrite au plus haute de la face
Avecq' l'honeur une agréable audace
Plein d'un franc désir.
Avec q' le pied marchait ma phantasie
Où je veulois, sans peur ni jalousie
Seigneur de mon plaisir, etc.

Nota 24.ª — pag. 22

Mickle pretende que o nosso Poeta teve em vista na sua ilha de Venus um logar de Chaucer; eis como o traductor inglez dos Lusiadas se exprime citando o logar alludido:

«If Ariosto however seem to resemble any eastern fiction, the Island of Venus in Camoens bears a more striking resemblance to a passage in Chaucer. The following beautiful piece of poetical painting occurs in the Assembly of Fowles:

The bildir Oak, and eke the hardie Ashe.
The pillir Elme, the coffir unto caraine,
The Boxe pipetre, the Holme to whippis lashe.
The sailing Firre, the Cypres deth to plaine,
The shortir Ewe, the Aspe for shaftis plaine,
The Olive of pece, and eke the dronkin Vine,
The victor Palme, the Laurir to Divine.

A gardein sawe I full of blosomed bowis,
Upon a River, in a grene Mede, etc.

Here we have Cupid forging is arrows, the wodland, the streams, the music of instruments and birds, the froliks of deer and other animals; and *women inow*. In a word, the island of Venus is here sketched out, yet Chaucer was never translated into latin or any language of the Continent, nor did Camoens under-

stand a line of English. The subject was common, and the same poetical feelings in Chaucer and Camoens, pointed out to each what were the beauties of landscapes and of bowers devoted to pleasure.»

Chaucer nasceu no anno de 1328 e falleceu no de 1400, e postoque tivesse muita leitura dos poetas italianos, não podia imitar ao Ariosto que viveu depois d'elle. O logar que apresentâmos do poeta inglez na verdade tem alguma similhança com o do nosso Poeta.

Nota 25.ª—pag. 23

Faria e Sousa mostra que antes de Sá de Miranda já existia o hendecasyllabo: ha quem attribua a sua introducção a D. Manuel de Portugal; se isto fôra assim, não se atreveria o proprio Sá de Miranda a escrever a D. Manuel de Portugal

                                são dignos
De perdão os começos, já que fiz
Aberta aos bons cantares peregrinos.
. . . .
Ora provemos já a nova linguagem, etc.

Ferreira confirma o mesmo:

Este deu gloria á italiana gente,
N'este primeiro ardeu cá o bom Miranda.

Persuado-me pois que foi primeiro introduzido o hendecasyllabo por Sá de Miranda, e que D. Manuel de Portugal o auctorisou com o seu uso.

Nota 26.ª—pag. 24

A paraphrase do psalmo =*Super flumina Babylonis*, etc.= que foi muito elogiada: Sá de Miranda empregou a prosa nas comedias; porém Camões seguiu o exemplo de Gil Vicente que empregou a redondilha, fórma de verso que por muito tempo foi usada nas peças do nosso theatro, e que ainda ha pouco tempo se abandonou. Ferreira desprezou de todo a antiga redondilha:

Chamou o povo a sua invenção trova
   Por ser achado consoante novo,
   Em que Hespanha té qui deu alta prova.
Eu por cego costume não me movo;
   Vejo vir claro lume de Toscana,
   N'este arço, a antiga Hespanha deixo ao povo.

Nota 27.ª—pag. 25

Veja-se a epistola em verso (inedita) que começa

Por usar costume antigo
Saude mandar quizera, etc.

Nota 28.ª—pag. 25

Se foi consagrado e attrahiu a attenção dos visitadores o louro de Virgilio, a amoreira de Shakespeare, o choupo de Klopstock, por que não o será o freixo de Camões?

Veja-se a elegia (inedita) que começa:

Divo Delio pastor, Delio dourado, etc.

Recebe pão da vida este pequeno
Sacrificio de mim á sombra escripto
D'um alto freixo d'este valle ameno, etc.

Nota 29.ª — pag. 30

O Poeta visivelmente imitou a Bernardim Ribeiro na estancia XVIII da egloga V e na estancia XVII da egloga VII. Estas duas imitações são tiradas de uma canção que se perdeu, feita por Bernardim Ribeiro á Princeza D. Beatriz, Duqueza de Saboia: Faria e Sousa nos conservou os fragmentos imitados pelo nosso Poeta, que aqui damos juntamente com as imitações do Poeta:

Este lugar de ti desemparado
Com cujas sombras frias ja folgaste;
Agora triste, escuro he ja tornado,
Que todo o bem comtigo nos levaste.
Eras tu nosso sol mais desejado:
Nam temos luz despoys que nos deixaste.
Torna meu claro sol; torna meu bem:
Qual he o Josué que te detem?

Camões, estancia XVIII, egloga V.

Vos senhora que soys esta luz minha.
Descuidada estareis onde ora estays
De aquella grave dor, que por vos tem
Quem não tem mais que o ser que vos lhe days.
Por que tardais meu sol? Ah vinde asinha!
Qual he o Josué que vos detem?

Bernardim Ribeiro, Canção inedita

O ultimo verso é o mesmo em ambos os poetas.

Ah! Ninfas fugitivas,
Que so por nam usar humanidade
Os perigos dos matos não temeis!
Para que sois esquivas?
Que ainda de nós nam peço piedade,
Mas dessas alvas carnes que offendeis.
Ah! Ninfas nam vereys
Que Euridice fugindo dessa sorte
Fugio do amante, e nam da fera morte?
Tambem assim Eperie foy mordida
Da vibora escondida.
Olhay a serpe oculta na herva verde:
Quem o rigor nam perde, perde a vida.

Camões, estancia XVII, egloga VII

Porque foges, o vida desdenhosa!
De quem te segue e ama e te deseja?
Volve esse rosto a mim tão desejado;
Vê que o fugir mil males tem causado:
Exemplos te diram do tempo antiguos,
Quanto lhe sam naturaes os perigos.

Podes de huma ma bicha ser mordida,
Que estará entre essas hervas escondida.
Euridice fugindo temerosa
De Aristéo Pastor quando a seguia,
De huma bicha mordida venenosa
Foi no pé delicado, etc.

Bernardim Ribeiro, Canção inedita.

A imitação n'esta estancia ainda é mais saliente.

Nota 30.ª — pag. 33

Esta memoria copiámos de uma carta dirigida em data de 2 de Agosto de 1852, da cidade de Aveiro ao sr. Alexandre Herculano, pelo sr. Bento José Rodrigues Xavier de Magalhães, consultando se a D. Catharina de Athaide, de quem existe uma sepultura no extincto Convento de S. Domingos de Aveiro, era a amante do Poeta, e cuja carta o sr. Alexandre Herculano teve a bondade de me mostrar.

Nota 31.ª — pag. 35

Veja-se a elegia (inedita) que começa:

Eu só perdi o verdadeiro amigo
Eu só heide viver nesta saudade
Sabe Deos a dor com que o digo, etc.

Nota 32.ª — pag. 41

Alguns teem reputado que fosse a villa de Santarem o logar destinado para o degredo do Poeta, mas pela descripção que elle faz na elegia II e na egloga II se vê que foi mais acima do Tejo, e sem duvida Constancia, outr'ora Punhete, povoação pertencente ao termo de Abrantes, que fôra doada a seu ascendente Vasco Pires de Camões. Por ella vemos que o rio ali se estreitava:

De tanta voz o acento temeroso
Na outra parte do rio retumbava.

A perspectiva que se descobre é de montanhas, e parece mesmo que á vista dos dois rios que se reunem n'este ponto, o Tejo e o Zezere, o Poeta traduziu o pensamento dos outros rios que misturavam as suas aguas, o rio das suas lagrimas com o Tejo. Se a canção XII é do Poeta alguma vez dirigiu as suas excursões até o Pedrogão, pois n'esta canção nos descreve uma visita ao Convento que os Dominicanos tinham n'aquelle sitio junto ás margens do Zezere, e talvez fizesse a visita instado por Miguel Leitão de Andrade, fidalgo illustre e rico proprietario d'este sitio, aquelle mesmo que depois lhe poz um epitaphio junto á sua sepultura; póde tambem ser que d'aqui contrahisse amisade com o seu grande amigo João Lopes Leitão. Na primavera do anno de 1855, recolhendo de uma visita que havia feito a meu primo e intimo amigo João Antonio de Azevedo Coutinho e sua estimavel mulher minha prima a Ex.ma Sr.a D. Helena Antonia Caldeira de Mendanha Fragoso, residentes na sua bella propriedade de Alvega, duas leguas acima de Abrantes, descia o Tejo em um albringel, gosando da deliciosa perspectiva das suas margens encantadoras, e levava comigo expressamente uma edição manual das obras do nosso Poeta, para á sua vista fazer uma inspecção ocular ao sitio onde se reputa que o Poeta, estando desterrado, escreveu algumas das suas composições; desembarquei em Constancia, e subi ao monte elevado que é banhado pelos dois rios que ali confluem, o Tejo e o Zezere, e á vista da leitura que fiz no proprio local, fiquei inteiramente inclinado a pensar que este fôra o sitio destinado para o exilio do nosso Poeta.

Nota 33.ª—pag. 41

Esta é a verba do legado da Rainha D. Catharina.

«A D. Maria Bocanegra, havendo respeito ao muito tempo que seus paes e ella me serviram, e a que tem necessidade, mando que se dêem cincoenta mil réis de tença em cada anno, em sua vida, e principalmente respeitando ao tempo que D. Catharina sua filha me serviu.» *Testamento da Rainha D. Catharina.*

Nota 34.ª—pag. 53

Naufragio da Nau S. Bento, etc. Coimbra, 1564. 8.º Vem tambem na *Historia Tragico-maritima*. Tomo I.

Nota 35.ª -pag. 60

Este lamentavel naufragio teve logar quasi ao mesmo tempo da partida do nosso Poeta para a India. Os que escaparam, que seriam ao todo uns oito portuguezes, em que entrava Pantaleão de Sá, quatorze escravos e tres escravas de D. Leonor de Sousa que a acompanharam nos seus ultimos momentos, foram resgatados por um parente de Diogo de Mesquita, que estava por Capitão em Moçambique, o qual indo em um pangaio ao Cabo das Correntes e rio de Inhambane, ao negocio do marfim, e sabendo dos cafres que vinham do sertão como pela terra dentro andavam portuguezes, os mandou resgatar, e chegando estes ao rio de Inhambane, foram vestidos e agasalhados pelo dito Capitão do pangaio que se chamava F. Salgado, e d'ali levados a Moçambique onde chegaram a 25 de Maio de 1553, e foram tratados na sua chegada com muita caridade pelo Governador e sua mulher, o qual os foi esperar á praia, e levou comsigo a Pantaleão de Sá e Tristão Vaz, e os mais repartiu por casas de casados ricos, e d'ali foram á India, e provavelmente os recebeu a mesma armada em que ia o nosso Poeta. A historia d'este triste naufragio foi escripta por um Alvaro Fernandes, guardião do navio, e um dos que escapou, e impressa em Lisboa no anno de 1554. Alem d'esta relação deu assumpto esta catastrophe maritima ao *Episodio dos Lusiadas,* e ao poema intitulado *Naufragio de Sepulveda,* de Jeronymo Cortereal, contemporaneo de Camões.

Nota 36.ª—pag. 67

D. Antonio de Noronha foi filho de D. Francisco de Noronha, segundo Conde de Linhares e sobrinho de D. Pedro de Menezes, Capitão de Ceuta, irmão de seu pae. Foi com o tio militar a Ceuta, mandado pelo pae para o desviar de certos amores que trazia em Lisboa com D. Margarida da Silva, filha de Garcia de Almeida, filho de D. João de Almeida, segundo Conde de Abrantes.

Foi victima da traição que os mouros armaram a seu tio D. Pedro de Menezes, junto ao monte chamado da Condeça, a uma legua de Ceuta, onde com o seu imprudente capitão morreram pelejando valorosamente uns trezentos portuguezes, e entre estes um filho de Francisco de Sá de Miranda. Era mancebo dotado das mais bellas qualidades de espirito, e de um animo esforçado, como mostrou com a desgraçada morte que teve; foi parceiro do Principe D. João, pae d'El-Rei D. Sebastião, no celebre torneio de Xabregas, onde o Principe, em 1552, tomou as primeiras armas. Faria e Sousa diz que no livro intitulado *Memorial das Proezas da segunda Tavola redonda,* que sem nome de auctor se imprimiu em Coimbra no anno de 1567, e onde desde o capitulo XLVII se descrevem estas festas, se faz menção, á margem do livro, da morte d'este fidalgo por esta fórma: *Morreu em Ceuta a lançadas mui moço e gentil cavaleiro.* Conhecemos uma descripção interessante d'este torneio feita pelo auctor do *Palmeirim de Inglaterra,* que em occasião opportuna publicaremos.

Era o nosso Poeta muito affeiçoado a este infeliz mancebo, bem como a toda a familia dos Menezes e Noronhas. Os ossos de D. Antonio foram trasladados de Ceuta por sua irmã D. Joanna de Noronha, e jaziam na capella mór do Mosteiro de Xabregas com esta honrosa inscripção, padrão glorioso para aquella familia.

para a classe que servia tão esforçadamente a sua patria, e para a terra que creava tão nobres filhos:

SEPULTURA DE D. ANTONIO DE NORONHA,
FILHO DO SEGUNDO CONDE DE LINHARES D. FRANCISCO,
E DA CONDESSA D. VIOLANTE
QUE OS MOUROS MATARAM EM CEUTA EM 18 DE ABRIL DE 1553 ANNOS,
SENDO ELLE DE DESASETE.
D. JOANNA DE NORONHA SUA IRMÃA,
QUE NUNCA CASOU, E FEZ ESTA CAPELLA Á SUA CUSTA,
QUANDO A ACABOU, QUE FOI NO ANNO DE 1622,
TRASLADOU SEUS OSSOS DA SÉ DE CEUTA A ESTA SEPULTURA
E NÃO A DEU AOS MAIS IRMÃOS SEUS,
PORQUE DOUS DELLES MORRERAM EM AFRICA COM ELREI D. SEBASTIÃO,
E OS OUTROS DOUS NAS PARTES DA INDIA

Nota 37.ª—pag. 72

Quasi todos os biographos do nosso Poeta têem descarregado as suas iras contra o Conde da Castanheira, Ministro de El-Rei D. João III, pela imaginada perseguição que fez ao nosso Poeta, pela offensa recebida dos seus amores com uma senhora d'esta casa; porém julgâmos que fica provado n'este nosso trabalho até á evidencia, que não pertencia a esta familia. Sebastião Francisco de Mendo Trigoso traz mesmo, no seu exame critico sobre as primeiras cinco edições dos *Lusiadas*, uma arvore genealogica onde inclue os suppostos inimigos como descendentes proximos e alliados por parentesco de D. João de Athaide, filho do segundo Conde de Atouguia; a saber: Francisco Barreto, casado com sua neta D. Brites de Athaide, Luiz e Martim Gonçalves da Camara, bisnetos, e Ruy Dias da Camara, sobrinho dos dois.

Nota 38.ª—pag. 73

Póde ver-se em uma carta d'este Leonel de Sousa ao Infante D. Luiz a habilissima composição feita pelo mesmo (que era homem muito experimentado nos negocios da India, onde militava havia trinta annos) com os chinas: é notavel uma circumstancia que se encontra n'esta carta, isto é, que foi por esta occasião (1554) que fomos pela primeira vez conhecidos dos chinas com nome de portuguezes de Portugal e de Malaca, que nos trocaram no que nos davam de frangues.

Nota 39.ª—pag. 73

Diogo do Couto não faz menção d'esta armada, mas Fernão Mendes Pinto sim; este celebre viajante devia encontrar-se com o nosso Poeta, que este anno ia occupar o seu logar de Provedor dos defuntos e ausentes da China.

Nota 40.ª—pag. 74

Esta deliciosa estancia onde o Poeta se recolhia para compor o seu *Poema*, e desafogar a mais pungente saudade da patria e da amante, tem sido visitada e descripta pelos mais celebres viajantes. Servimo-nos, entre outras, da descripção do sr. Frederico Leão Cabreira, inserida em uma nota do drama do sr. A. F. de Castilho, intitulado *Camões*, da descripção que vem no vol. VIII, Março, 1840, n.º II, do *Chinese Repository*, Canton, China, e da mui circumstanciada e interessante do sr. Carlos José Caldeira, que se incontra desde o n.º 43 a 46 do jornal o *Paiz*.

Nota 41.ª—pag. 76

Camões foi preso, governando ainda a India o Governador Francisco Barreto; os biographos do Poeta têem tratado com bastante confusão esta parte da sua

vida, mesmo o Bispo de Viseu, que parece acreditar no degredo para a China. O Morgado de Matheus, como outros, attribuem o despacho da Provedoria da China a D. Constantino de Bragança, e seguindo a Manuel Severim de Faria dá a chegada do Poeta a Goa, pelos annos de 1560, governando já este Vice-Rei; Manuel Severim refuta indevidamente a Pedro de Mariz, que dá, e com rasão, a chegada de Camões no governo de Francisco Barreto, o que é evidente das duas notas do amigo e commentador do Poeta Manuel Correia, a estancia LXXXI e CXXVIII do canto VII dos *Lusiadas*, e a do canto X; as notas são estas:

«Nota o nosso Camões os portuguezes de gente ingrata, pois cantando elle e celebrando seus feitos, em lugar de lhos agradecerem e servirem: os mayores amigos que tinha o mexericaram com o Viso Rei da India, como elle me disse contando os enfadamentos que na India tivera, que foi causa de o prenderem e enfadarem.» Não faça duvida aqui o Commentador dizer o Viso Rei da India, quando Francisco Barreto foi governador, porque o Commentador, commentando a estancia CXXVIII, nos tira toda a duvida:

«Mostra o Poeta como veio a este reino de Cambaya (ita) vindo da China, onde esteve alguns dias tomando algum alento dos grandes trabalhos, que naquella viagem da China passára, e dos naufragios e baxos de que escapára, de que naquelles mares ha muytos, pela qual rasão se não póde chegar a algumas partes daquella região. Chegando á India foi preso por mandado do Governador Francisco Barreto, pela fazenda dos defuntos, que elle trazia a seu cargo, porque foi á China por Provedor mór dos defuntos: e isto lhe fizerão mexericado por alguns amigos, donde elle esperava favor.»

A estada do Poeta nas Molucas não podia ser n'esta occasião, como já deixámos mostrado. Camões devia ter partido de Goa para Macau, pouco mais ou menos, em Março de 1556, para chegar antes de Agosto e Setembro, que são os mezes dos tufões, gasta-se ordinariamente de trinta a quarenta dias; e de Macau para Goa, em Janeiro ou Fevereiro, devendo chegar antes de Setembro de 1558, tempo em que findou o governo de Francisco Barreto.

Nota 42.ª — pag. 77

Póde ver-se no Archivo da Torre do Tómo (gav. 15.ª, masso 15.º, n.º 33) uma Carta de Francisco de Sousa a El-Rei, sobre a má arrecadação e descaminhos dos bens das pessoas que morriam na India, mostrando as providencias que se deviam tomar, para estes serem entregues no reino a seus herdeiros. Em 2 de Janeiro de 1556, justamente epocha em que o Poeta serviu o seu cargo, se expedia o Regimento do thesoureiro dos defuntos que se conserva no mesmo Archivo, Corpo Chronologico, Parte II, masso 246, documento 4. E no Livro X da *Collecção de S. Vicente*, a pag. 121, as instrucções dadas ao Vice-Rei D. Constantino de Bragança, nas quaes se recommenda esta parte da administração d'aquelle estado, por estas palavras: «Assy mesmo vos recomendo muito o bom recado das fazendas dos finados. E de mandardes ao Provedor mór e Provedores delles que tenhão grande cuidado de se fazerem os inventarios com toda a fidelidade em tudo o que tenho mandado por meus regimentos. Porque alem de nisto comprirdes com a obrigação que tendes por bem de vosso carreguo, me fareis nisto muito serviço.» A estas instancias e recommendações com que eram esporeados os Vice-Reis, acompanhadas das intrigas que lhe teceram, se deve attribuir a perseguição do Poeta.

Nota 43.ª — pag. 78

Assim vem citadas estas redondilhas em uma nota da edição dos *Lusiadas* de 1584: «Isto diz, porque o Camões andando na India começando a fortuna a favorecello, e tendo algum fato de seu perdeu-se na viagem que fez para a China, donde elle compoz aquelle Cancioneiro que diz:

Sobre os rios que vão
Por Babylonia, me achei, etc.

Nota 44.ª — pag. 81

Que o Poeta se esperançava com a amizade e protecção de D. Alvaro da Silveira se vê da elegia feita á morte d'este fidalgo, que começa:

Eu só perdi o verdadeiro amigo, etc.
. . . .

O meu Silveira era huma vontade,
Hum amor, hum desejo, hum querer,
Ambos um coração huma amisade
Não tenho ja razão de vos fazer
Meus castellos de vento sobre o mar,
Que cousa ha ja ahi no Gange para ver, etc.

Nota 45.ª — pag. 83

Em uma carta do Conde Vice-Rei a El-Rei, na qual responde, entre outras cousas, ao capitulo VIII, em que El-Rei lhe recommenda a justiça, e que esta se não faz com promptidão, responde: «Tenho sómente Gonçalo Lourenço Chanceler em que ha dias que não pode ajudar por seu cargo, e tem que fazer. Tenho mais Francisco Alvares; se hum delles he intentado por suspeito fico com as mãos atadas. Remeto-me a S. Domingos e mando tirar os preguadores do pulpito, para que venham despachar comigo os feitos: aguora me valho algum tanto do *Provedor mor dos defuntos,* e tambem passei provisão para o Licenceado Fernão Peres, Procurador de Vossa Alteza, nos feitos que não forem seus me poderá ajudar,» etc. Corpo Chronologico, Parte I, masso 105, documento 79, no Archivo da Torre do Tombo.

Nota 46.ª — pag. 83

Este Miguel Rodrigues Coutinho era um casado de Goa que serviu na India com distincção. Esteve no segundo cerco de Diu, onde foi dos primeiros que subiram á trincheira do inimigo, e se houve com grande valor: tenho uma carta de D. João de Castro, relatando este cerco, na qual é recommendado a El-Rei D. João III, como entrando no numero d'aquelles que mais serviços fizeram n'aquelle memoravel cerco. Á vista do memorial de Camões dirigido ao Vice-Rei não podemos duvidar que elle hostilisasse o nosso Poeta, e custa a ver que um homem tão esforçado fosse o perseguidor do Homero portuguez.

Nota 47.ª — pag. 89

D. Leoniz não foi entrar na sua capitania de Malaca, pela recusa que lhe fez Antonio Moniz Barreto de lhe entregar os dois mil homens que El-Rei D. Sebastião mandava entregar ao Governador de Malaca, quando quiz dividir a India em dois governos, e que o mesmo Antonio Moniz Barreto, sendo despachado com aquella capitania exigira do Vice-Rei D. Antonio de Noronha, dando motivo com as suas queixas e intrigas para o reino a ser desapossado aquelle Vice-Rei do governo da India. Foi em seu logar D. Diogo de Menezes, de uma familia a quem o Poeta consagrava amizade, e aquelle mesmo que foi degolado em Cascaes pela entrada dos Filippes em Portugal.

Nota 48.ª — pag. 89

D. Antão de Noronha era sobrinho de D. Affonso de Noronha, que foi Capitão de Ceuta e depois Vice-Rei da India, e o era quando o Poeta chegou á India: D. Antão tinha servido com seu tio, e conjuntamente com o nosso Poeta. Era tão afeiçoado aos homens da Africa, que deixou em seu testamento, que vimos, legados aos soldados pobres que tinham servido n'aquellas partes; assim não ad-

mira que patrocinasse o nosso Poeta, de quem havia sido camarada n'aquella praça de Africa, ao que elle allude na ode (inedita) que lhe dirigiu:

A vos cuja alta fama
Vi entre os Garmatas conhecida, etc.

Nota 49.ª—pag. 90

Camões foi necessariamente agraciado pelo Vice-Rei D. Antão de Noronha com esta sobrevivencia, porque foi o ultimo Vice-Rei com quem o Poeta serviu, e não consta que elle exercesse o logar, o que teria talvez acontecido se tivesse recebido esta graça de algum dos outros Vice-Reis. Esta é a verba do ordenado que tinha este emprego, e que estava lançada no Livro da Fazenda da India:

Feitor e alcaide mór, tem de ordenado cem mil réis por anno... 100$000
E assim se lhe paga aposentadoria de dez pardáos por provisão do Vice-Rei D. Antam, que fora do Regimento.
Tem mais o dito Feitor hum naique que serve de lingua e quatro piaes e huma tocha e o azeite para ella, importa esta despeza por anno vinte e nove mil quinhentos e vinte réis........... 29$520

«Orçamento do Estado da India, do que rende, etc. por mandado de Diogo Velho Vedor da Fazenda da India. E foi feito por mim Antonio de Abreu, Contador d'ElRei nosso Senhor n'estas partes da India, e se acabou em 7 de Novembro de 1574.» Existe na Torre do Tombo.

Andavam annexos a esta Feitoria os cargos de Alcaide mór, Provedor dos defuntos e Vedor das obras. Veja-se a carta passada a Francisco de Azevedo Mesurado, de 4 de Setembro de 1582, d'onde consta isto. Liv. 6.º de Filippe I, fl. 212 verso.

Estas cartas, bem como as de outros officios, se passavam para serem preenchidos nas vagantes, e havia d'estas sobrevivencias dadas a differentes individuos. A de Camões não se encontra nas Chancelarias dos Reis D. João III ou D. Sebastião.

Nota 50.ª—pag. 93

Não é liquido que Pedro Barreto levasse comsigo Camões, e depois o embargasse pelos duzentos cruzados; pelo menos Diogo do Couto nada diz. Isto não tira que Pedro não fosse desaffeiçoado a Camões, o que é presumivel pelas relações de parentesco com Francisco Barreto, com quem o Poeta estava em desharmonia; o abandono do Poeta em epocha em que elle trazia quasi o seu *Poema* acabado parece desabonar de alguma maneira a reputação de Pedro Barreto, a quem talvez a offensa do parente desviasse de ser util n'esta occasião; mas se o facto é verdadeiro como o contam, elle lhe foi prestavel em outra, pois lhe tinha emprestado os duzentos cruzados de que se trata. Sentimos encontrar nos Capitães mais esforçados da India estes indigitados inimigos do Poeta, como foi tambem este que vinha apontado em uma das successões para governar a India.

Nota 51.ª—pag. 94

Faria e Sousa nos conta uma historia de um manuscripto de prosas e versos que pertencêra a seu pae, e que por sua morte ficára a sua mãe, o qual, sendo elle menino, inutilisára, e quando teve mais idade reconheceu pelo estylo que era talvez o *Parnaso* de Luiz de Camões que era amigo de seu pae. Muitos têem querido reconhecer na *Lusitania transformada* este *Poema* perdido, mas sem o mais pequeno fundamento; outros na *Primavera* de Francisco Rodrigues Lobo. O que de tudo isto é certo é que perdemos este interessante livro, e que poucas ou nenhumas esperanças haverá de apparecer, porque já no tempo de Diogo do Couto, apesar das suas indagações, se não póde encontrar.

Nota 52.ª — pag. 94

Heitor da Silveira era filho do Coudel-mór, e foi casado com uma irmã de André Falcão de Resende, sobrinha de André de Resende; militou na India em tempo de Camões, de quem foi particular amigo, e como elle poeta e pobre. Não conhecemos d'elle mais que o memorial dirigido ao Conde de Redondo D. Francisco, mas agora nas obras de seu cunhado André Falcão de Resende, de que é editor o Ex.ᵐᵒ Sr. Vicente Ferrer Neto Paiva, a quem devemos o obsequio de um exemplar ainda não completo d'estas obras, se encontram mais algumas poesias que revelam que era não só um bom poeta, mas um excellente homem. N'estas poesias que comprehendem um soneto e duas epistolas em tercetos, em resposta a outras duas de André Falcão, faz a pintura dos vaivens em que eram agitados aquelles que como elle impellidos pela honra, e outros pela cubiça se lançavam a expor a vida aos perigos da guerra e do mar, a tão longa distancia da patria, e revela a saudade que o atormentava longe da sua esposa a quem amava ternamente, e de quem não teve animo de se despedir na sua ida para a India. Citaremos o mesmo Heitor da Silveira, para dar uma amostra da sua poesia, e mostrar a maneira como patenteia estes sentimentos:

Cruel Gama, cruel, que tantos damnos
Ó Lusitano dás! Que se desfaça
Em pó tanto varão por bens mundanos!
. . . .
— Ó certo norte meu, luz clara e guia,
Beliza da minha alma — em vão chamava:
Jurara amigo André ora que a via.
Beliza, amor, Beliza, mal cuidava.
Quando de vós fugi quasi voando
Que vinha o mal voando, e cá o achava!
Parti-me sem vos ver, assi enganando
A dura saudade bem guardada
Que inda ora, mais que então, estou chorando.
Mas não será fortuna tão ousada,
Se a doce liberdade me ora nega
Que muito tempo assi m'a tenha atada.
Esta confiança André, só me socega,
E me desvia de mil máos extremos
A que a vãa phantasia se me apega.
Amor me diz á orelha, que nos vimos
Cedo já sem fortuna, mas bonança,
Em quanto tarda, assi nos vesitamos,
Se dar me queres vida ou esperança.

Estes mesmos sentimentos de saudade expressa na outra quintilha em resposta á satyra VIII, que lhe dirigiu para a India o seu cunhado André Falcão. Mas o pobre soldado da India, que nutria um tão puro amor pela esposa ausente, nem ao menos pôde morrer nos seus braços, quando já enxergava a terra da patria: morreu ao entrar a barra de Lisboa.

Nota 53.ª — pag. 95

A mãe de Camões D. Anna de Sá de Macedo sobreviveu-lhe ainda mais de quatro annos, pois no anno de 1584 ainda era viva, muito velha e pobre.

Nota 54.ª — pag. 95

Havia trinta e nove annos que a peste não dava em Portugal, quando no anno de 1569 appareceu com tanto impeto e violencia, que ficou conhecida pela deno-

minação da peste grande; morriam ás quinhentas pessoas por dia, e para maior confusão e horror, espalhou-se que a cidade se subverteria, e que o Castello se juntaria com o Carmo e Almada: e foi esta abusão tão acreditada que se despejou a cidade no dia assignalado, ficando as familias fugitivas debaixo das arvores por esses campos, e sendo victimas da fome e do contagio. Eis como em algumas cartas contemporaneas dos Padres da Companhia de Jesus é descripta esta peste.

«No anno de 1569 se ateou a peste, a que chamaram a peste grande; n'esta afflição obraram os Padres de S. Roque com o maior zelo, como em ninguem se viu.»

Em 25 de Agosto d'este presente anno, escreveu uma carta o padre Cypriano Soares ao Provincial Leão Henriques, em Coimbra, na qual dizia: «Morrem nesta cidade todos os dias duzentas pessoas, pouco mais ou menos, e quinta feira passada nos morreram trezentas e tantas, e á minha parte e de meu companheiro, tenho passante de dez mil enfermos; está esta cidade hum deserto, não se vê ninguem pelas ruas.»

Em outra carta do padre Antonio de Monserrate, diz que na rua nova dos Ferros andavam uns ociosos jogando a bolla; pois ainda nas maiores tribulações sempre ha d'esta casta de gente. Em 3 de Agosto d'este presente anno, quando se declarou a peste, se ausentou toda a casa real para Almeirim.

Havia muito profeta falso, tudo eram horrores, não se ouviam mais que mentiras, como se vê de uma carta que escreveu ó irmão Diogo de Carvalho, em 12 de Julho do mesmo anno de 1569, a qual diz assim: «Entrou outro medo na gente dizendo que ámanhãa, que he quarta feira 13 deste mez, se havia Lisboa de subverter. Fez tanto medo esta nova, e dava-se tanta pressá a despejar a cidade, que não encareço o modo que nisto houve, porque as ruas, caes e barcos, tudo era fato, e não havia na cidade mais do que gritos, desmaios, e andar a gente douda e sem sizo. Occupou a gente que desta cidade sahia, sete ou outo legoas ao redor de Lisboa, e porque não havião casas se punhão pelos campos ao pé das oliveiras; e como não havia agoa, nem hião providos de comer bastante, nos dão por novas, que morrem lá com fome, sede, com muitos outros damnos que ha nesta cidade.

«As ruas estão desertas, a rua nova dos Ferros quasi toda fechada, e alguma loja que está aberta, anda-se entrouchando: cavallos e mulas desaparecem, não sei encarecer a Vossa Reverencia o que se passa. Dizem que em todo o mundo, nunca aconteceo cousa tão horrenda como esta, e tudo isto naceo do grande medo que lhe puserão de se subverter a cidade; se estranhais isto aos que vão fogindo, elles dizem que não sabem porque fogem; e que fogem porque tambem vêem fogir. Não ha razão nem prudencia que os faça aquietar; mas parece que isto he juizo de Deos, que quiz meter nos corações dos homens hum medo maior que o dia de juizo.

«A mim me veio desejo de prégar pelas ruas por donde ando, aonde toda a diversidade de povoação me cerca, pedindo-me pelas chagas de Christo, que os desengane, e queira hir morrer com elles, e não basta mostrar-lhes que tudo isto he imaginação, para os socegar.

«Neste trabalho não se vião se não os padres da Companhia de S. Roque, ajudando a bem morrer e confessando; e os doentes Religiosos forão para Santo Antam para as Classes, aonde se fizerão enfermarias, e aonde se estão curando. Acabado este mal veio o da fome; os officiaes não tiverão que fazer por alguns meses, porque todos cuidavão unicamente em conservar a vida.»

Apresentámos a descripção d'esta horrorosa calamidade, feita por testemunha ocular, para que se veja em que epocha tão contraria chegava o Poeta á patria, e se preparava para publicar os seus *Lusiadas!*

Nota 55.ª — pag. 98

O Poeta alem do soneto XIX e da egloga XV chorou a morte da sua amante em algumas outras das suas poesias. Alem das impressas nas ineditas que acrescentámos, se encontram outras compostas ao mesmo assumpto.

Nota 56.ª — pag. 101

Vespera do dia de S. Francisco do anno de 1566 uma armada de francezes e lutheranos, composta de uns oito galeões em que vinham perto de dez mil homens, deu na Ilha da Madeira, a qual foi por elles saqueada, praticando toda a qualidade de horrores nos habitantes e desacatos nas imagens; demoraram-se uns onze dias, levando comsigo as mais ricas preciosidades dos particulares e das igrejas.

Nota 57.ª — pag. 101

No anno de 1559 appareceram na costa do Algarve umas vinte e tantas galés de mouros argelinos, que desembarcaram gente em terra; porém foram repellidos pelo Dr. Lopo Estaço, que appellidando a gente da terra, estorvou que estes saqueassem o logar de Alcantarilha, e os fez embarcar.

Nota 58.ª — pag 101

Quando se resolveu a funesta expedição de Africa já Martim Gonçalves não estava no agrado real, a que deu logar, não a carta que deram a El-Rei no Cabo de S. Vicente, em que se lhes mostrava a tutela em que o valido o trazia, mas sim um facto que faz honra ao joven Rei. Havia D. Maria de Noronha, viuva do irmão do valido, passado a segundas nupcias com um homem de menos nobreza por nome Marçal Nunes, pelo que, indignado o cunhado, a mandou prender, e com algemas nas mãos leva-la pelo meio da cidade para a Torre de Belem; e foi tal o apparato com que foi presa que julgou esta que a levavam a morrer, e ao passar pela Igreja de Santo Antonio se lançou da mulla abaixo para se valer do sagrado, e como ia com as mãos presas, caiu com descompostura e maltratada, o que a Rainha sentiu em extremo fazendo, conjuntamente com os parentes, queixa a El-Rei, o qual vindo-lhe Martim Gonçalves fallar, lhe fez carranca, e recolhendo-se para dentro, lhe não quiz fallar, mandando-lhe perguntar com que auctoridade fizera tal exorbitancia; e desde essa epocha começou a decair.

D. Alvaro de Castro teve muito a privança do Rei, mas falleceu antes da batalha; Christovão de Tavora e Luiz da Silva Brito a conservavam nos ultimos tempos da vida do Rei; e Pedro de Alcaçova Carneiro, com a sua consummada prudencia, não póde nunca ter mão no imprudente fogo de um mancebo aconselhado por outros mancebos. O que é verdade é que n'esta catastrophe ninguem podia atirar a pedra ao visinho; não havia poeta, não havia orador, não havia conselheiro que não instigasse o infeliz mancebo, e poucos diziam a verdade crua. É notavel a resposta a uns itens, a que o Cardeal depois de Rei mandou responder Luiz da Silva Brito, como instigador d'aquella calamidade, em a qual se desculpa dizendo como não cairia n'aquelle erro, se Sua Alteza, quando seu fallecido sobrinho lhe dera parte d'aquella funesta resolução, lhe beijára a mão e lhe dera para ajuda da expedição dez mil cruzados da sua algibeira.

Nota 59.ª — pag. 102

Este interessante sermão vem em um manuscripto que possuo com este titulo: *Chronica do muy alto e esclarecido Rey D. Sebastião de saudosa memoria. Decimo sexto dos Reys de Portugal, e o primeiro deste nome.* É a *Chronica* do padre Amador Rebello, á qual se seguem noticias curiosas sobre aquella epocha.

Nota 60.ª — pag. 104

A ode VII do Poeta dirigida a este fidalgo dá bem a entender que elle veiu em seu auxilio n'esta occasião; esta poesia provavelmente foi dirigida acompanhando algum exemplar dos *Lusiadas*.

Talvez fosse o exemplar qué possuia o Conde de Vimioso, annotado por Camões, que Thimoteo Verdier asseverava ter visto.

Nota 61.ª — pag. 106

É a satyra II, em que reprehende os que desprezando os doutos gastam o seu com truães: esta satyra é dirigida a Luiz de Camões, e começa:

Quantos annos ha já que a policia, etc.

Já a reproduzimos em logar opportuno, como documento biographico interessante, relativo á vida do Poeta.

Nota 62.ª — pag. 111

O Poeta tinha estreita amisade com os religiosos da Ordem de S. Domingos, de quem seu pae tratou os negocios no Convento de S. Thomás de Coimbra; e assim foi a rogos d'elles e em muito boa harmonia que emendou alguns logares do Poema, e mesmo no sentido litterario. O seu amigo e commentador Manuel Correia nos dá noticia d'isto, commentando a estancia 71.ª do canto IX. «Este é o sentido litteral d'estas oitavas, e n'este sentido ficam ellas sem nenhuma especie de deshonestidade que alguns lhe queriam attribuir, entendendo-as contra a intenção do Poeta, como me consta que elle o dizia; e assim como aqui estão impressas, as tinha emendadas por conselho dos religiosos de S. Domingos d'esta cidade, com quem tinha grande familiaridade.»

Nota 63.ª — pag. 111

Este padre Bartholomeu Ferreira era um religioso de muita instrucção a quem os escriptores do seu tempo commettiam as suas obras para o exame, pela vasta instrucção que possuia. Era possuidor de uma rica livraria, da qual se deveria ter servido Camões: a esta livraria fez André Falcão um soneto que termina com este terceto:

Regado só das puras fontes vivas,
E ornados da mão sua, douta e inteira
Que livros tem, e que obras tão altivas!

Longe pois das immerecidas criticas com que têem atacado este Religioso, pelos imaginados córtes nos *Lusiadas*, eu o julgo credor da estima nacional, pela assisada censura dos *Lusiadas*, a qual se devia limitar a bagatellas, nas quaes certamente conveiu muito espontaneamente o proprio Poeta, e que se tornavam necessarias: se examinarmos outras censuras feitas em outros livros por este mesmo Censor, então avaliaremos devidamente, qual era o respeito e enthusiasmo que elle tinha pelo Poema e pelo Poeta.

Nota 64.ª — pag. 112

Foi este o veneravel Beda: eis o que nos diz a este respeito o auctor do *Commentario ao sonho de Scipião de Cicero*, que julgo que é obra do Cosmographo Manuel Pimentel, e foi lido na Academia dos Singulares:

«Intentou já antigamente Beda reformar o globo celeste, pintando nelle, em lugar das figuras profanas dos gentios, outros nomes christãos e figuras sagradas, começando pelo Zodiaco, sobre a qual materia fez uns elegantes versos trochaicos, os quaes refere Stoeclero no *Commento* de Proclo, pag. 86, e começão desta sorte:

Mira prorsus et sæva dementia
Qui in cœlum transtulerunt tam diversas bestias,
Cum Olympo esse constet Angelorum agmina.

«Intentou o mesmo, não ha muitos annos, Julio Schillero, natural de Augusta em Allemanha, com animo pio e louvavel, mas sem successo. Louvarão todos o

intento e a piedade, não receberão o conselho. Porque, ainda que em lugar das figuras gentilicas se pintassem no globo outras figuras sagradas, sempre era necessario conservar a memoria das primeiras para se entenderem os livros, que de toda a antiguidade estão escritos, sendo necessario aos Astronomos a cada passo folhear os Autores antigos, com que o trabalho se dobraria, sendo forçoso andar combinando os nomes christãos com os nomes gentilicos, e não se conseguiria o fim pertendido conservando-se juntamente a memoria dos nomes profanos com a dos sagrados: se a sciencia das cousas celestes agora começasse, e os estudos dos seculos passados não forão de nenhum uso, podera-se excellentemente segundo o voto de Schillero, em lugar do Carneiro, do Touro, dos Geminos e dos mais signos do Zodiaco, accomodar os Santos doze Apostolos com suas insignias; em lugar das constellaçoens boreaes, da ursa menor, da ursa mayor, de Bootes, etc. accomodar-se S. Miguel, a barca de S. Pedro, os Santos Innocentes, etc.; em lugar de Cassiopea, S. Maria Magdalena; da Aguia, S. Catherina; da náo Argos, a Arca de Noé, e todas as mais do ditto Schillero. Mas ja hoje não ha perigo de impiedade: ninguem ha que crea, que o carneiro voou da Grecia a Colcho; que o touro nadou de Phinicia até Candia; que os Geminos forão procreados de dous ovos: são nomes indiferentes que tanto significão como quaesquer outros, e não se podem mudar sem grande confusão.» *Exposição ao Sonho de Scipião*. (MS.)

Nota 65.ª — pag. 113.

A edição publicada na officina de Manuel de Lyra no anno de 1597, uma das amputadas, saiu com este titulo: *Os Lusiadas de Luis de Camões, pelo original antigo, agora novamente impressos.*

Nota 66.ª — pag. 117

Faria e Sousa nos dá noticia d'este Poema por esta fórma, commentando o ultimo verso do *Poemeto* que o nosso Poeta dirigiu a El-Rei D. Sebastião, quando o Papa lhe enviou a setta do Santo do seu nome:

E os premios vos dará que mereceis, etc.

«Corresponde à lo ultimo de la .e. antecedente, en que dize, que Ascanio por aquella hazaña fue luego premiado de Apolo con divinas alabanças: y si el premio que Dios avia de dar al Rey, fuesse de semejantes loores, venian a ser poeticos, e nuestro P. quiso ser el Apolo deste Ascanio; porque me consta de buenas informaciones, que apenas salio el Rey del puerto de Lisboa para Africa, quando el P. no dudoso que bolveria con vitoria, empeçó a cantar-le en un *Poema;* e quando vino la nueva de su perdida, tenia ya escritas muchas estancias. Assi lo affirmo Bernardo Rodrigues su amigo, y hombre de grande ingenio como se ve de sus versos, e de mucha verdad, e limpieza: assegurando-se de que en este *Poema* sobrepujava a la *Lusiada*. Fue tal el sentimiento del P. con la nueva de aquel sucesso, que luego quemò lo que tenia escrito: y andava como assombrado. Referian-lo despues sus amigos Bernardo Rodrigues de quien ya dixe, e Manuel Ribeiro, e Alvaro de Mesquita, hombres tanbien de juizio, y estudios buenos; añadiendo que por aver perdido el furor poetico, no avia tomado mas la pluma.»

Nota 67.ª — pag. 120

Em um manuscripto que possuo, intitulado: *Memorias particulares da jornada que fez o Serenissimo Senhor Rey D. Sebastião de gloriosa memoria, e outras que justificão a sempre lamentavel perda da sua pessoa e Exercito nos campos de Africa:* manuscripto que se compõe de memorias de pessoas auctorisadas, e colleccionadas pela mesma fórma dos *Annaes de D. João III*, de Luiz de Sousa, e que por isso tenho alguma suspeita que seja d'aquelle auctor, vem narrados estes amores:

«Andava neste tempo no Paço da Rainha, D. Joana de Castro sua dama, filha do Conde da Feira, com quem El-Rey por sua graça folgava de falar mais, ou fosse isto, ou a grande sua formosura, que parecia digna de obrigar o animo de hum Rey, de que alguns tomárão occasião para julgarem, sem outro mayor fundamento, e começarem a dizer que El-Rey lhe tinha afeição, e como a de El-Rey naquelle tempo era tão desejada, houve quem para alcançar a verdade deste segredo, fingio recados d'El-Rey, e ainda bilhete para ella, com tanto risco, que o saber El-Rey lhe podera cortar a cabeça. Quis a Raynha inteirar-se disto, e ao fim veio a saber que não tinha fundamento solido, e o mesmo alcançou D. Martinho Pereira, que nisto fez diligencias; e estando El-Rey merendando com a Raynha, olhou por vezes e com atenção notavel para D. Joana, e vendo isto a Raynha acenou para D. Francisca de Aragão, a quem ella depois de hido El-Rey disse que entendia que não havia ali afeição, senão que como El-Rey sabia o que falavão, olhava para a causa por ver se era tal que merecesse a fama que corria. Outra vez sucedeo que comendo El-Rey e a Raynha, servia á mesa D. Joana de Castro, e de alguma indisposição lhe deu hum vagado de que teve hum desmayo, que deu causa a se falarem grandes cousas, e animo a D. João da Silva, Embaixador de Castella, para em forma do Paço perguntar a El-Rey se era a causa daquelles accidentes? Ao que El-Rey respondeo que certificava em sua verdade, que não havia naquelle negocio mais fundamento que quererem-no dizer assim. E como neste tempo sucedesse casar El-Rey de França com huma senhora filha de hum Principe seu vassallo, houve muitos curiosos, que por especularem o animo d'El-Rey lho contárão encarecendo-lhe o acerto e confiança do Francez, que attendendo a casar a seu gosto, não reparara em ser a Raynha filha de vassallo seu. Todas as quaes traças forjava a inveja de cuidarem que poderia isto suceder a Dona Joana, a qual não tinha menos lugar em seus mesmos parentes: mas como cousa sem fundamento acabou com a mesma facilidade com que começou. Por relação de D. Francisca de Aragão.»

Parece que se lhe conheceram mais duas inclinações amorosas, segundo encontro em um fragmento de um manuscripto do seculo XVII que possuo. D. Juliana, filha do Duque de Aveiro, parece que o dominou por algum tempo, desgostando-o com o tio e com a avó, e concebeu a esperança de casar com o Rei. Esta inclinação tinha esfriado no anno de 1576, postoque El-Rei conservasse pelo Duque a mesma estimação, o qual perdidas as suas altivas esperanças, antes da partida para Africa fez testamento em Setubal, em que dispunha que D. Juliana sua filha casasse com D. Jorge de Lencastre seu primo, o qual morreu com o Duque na infeliz batalha. D. Juliana, como era uma das principaes herdeiras, em qualidade e fortuna, foi pretendida em casamento por seu tio o Duque de Ossuna, e o Duque d'Alva, a quem resistiu sempre com repugnancia, até que passados dez annos, desenganada que eram falsas as vozes que corriam de que era vivo El-Rei, cedeu ás ordens e ameaças de Filippe II, casando com D. Alvaro de Lencastre, irmão do dito D. Jorge, que foi terceiro Duque de Aveiro pelo seu casamento.

A outra inclinação foi por uma Princeza moura, e data da estada em Tanger quando foi a primeira expedição, julgo que a filha do proprio Xerife; o manuscripto é um fragmento onde falta a parte que diz respeito ao começo d'estes amores, e apenas se refere ao recado que a Princeza lhe mandou, e a maneira excentrica com que eram recebidas pelo Rei as suas cartas. «De todos estes successos e preparos sabia a Princeza moura, por hum captivo confidente do Xerife, que continuamente hia a Tanger e vinha a Lisboa, o qual falava a ElRey todas as vezes que voltava, por hum modo celebre e extravagante. Tanto que sabia da sua chegada, dando-lhe a hora para se verem, que sempre era de noute, recolhendo-se mais cedo levantava-se só da cama entre as dez e ás onze, tendo antecipadamente determinado a Sancho de Tovar, seu copeiro mór, que sem mais companhia o esperasse com hum batel, junto ao caes da Pedra; e metendo-se nelle remava hum e outro athé á banda d'alem, donde saltando em terra se apartava de Sancho de Tovar, esperando por outro barco, que vinha das partes de Bellem, do qual desembarcava o mensageiro, com quem ElRey se demorava huma e duas horas, e depois tornando a buscar o seu conductor, voltava para o caes da Pedra,

hindo Sancho de Tovar para sua casa, e ElRey para o Paço da Ribeira, honde se tornava a meter na cama, sem confiar de outra pessoa estas nocturnas viages.»

Nota 68.ª — pag. 124

Quando morreu o Cardeal Rei se espalharam estes versos por onde passava o cortejo funebre:

Viva El-Rei Dom Henrique
Nos infernos muitos annos,
Que deixou no testamento
Portugal aos Castelhanos.

Nota 69.ª — pag. 125

O Conde de Vimioso D. Francisco de Portugal foi o principal caudilho das forças patrioticas que seguiram a voz do Prior do Crato, a quem seguiu por ser a bandeira que se hasteava em defeza da patria; o seu caracter era nobre, e morreu das feridas recebidas no combate naval havido nas aguas das Ilhas dos Açores com o Marquez de Santa Cruz. Transcreveremos aqui a traducção de uma carta sua (por a não termos na lingua original) dirigida a um amigo seu D. Pedro d'Ocem captivo na Barberia, por occasião da batalha de Alcacer-Kibir, não só porque é importante para descrever o caracter do Conde, bem como a epocha das alterações:

«Deste reyno no se puede bien hablar sin lagrimas, no les pareceo a los governadores bien defender-lo e ansi dejaron Almeirin e vieronse aqui a Setubar a hazer Cortes con las personas que tenian la parcialidad de Castella. Estavan las mismas Cortes para entregar-se, costome atajar esto aventurar la vida muchas vesés, e poner algunas la mano al espada. Quisierón defender-me la entrada con compañias de arcabuceros, levanto-se el pueblo por mi e despues quisieron prender-me porque fui con gente armada a palacio e tan poco pudieron. En fin las Cortes pararon que todas estavan castellanas. ElRey de Castilla esta en Badaxos con pequeno exercito que no pasaran de 17.000 infantes e los mas dellos vizoños e rotos, e 2.100 Cav.os en que no ay 300 hutiles e aun que esto'es ansi sin començar a pelear, tomaron su voz algunos lugares de alemtejo, el pueblo impaciente levanto por su Rey al sr. Don Antonio con grande aplauso avra ocho dias, está en Lisbona espera-se manāna aqui y que los governadores se pondran en salvo esta noche, el duque de Vergança se fue esta manāna, dice el que a morir honradamente en la defensa del Reyno, el qual sin duda parece que se defendera honradamente. Lisbona esta fortissima, e em saver que se esperan por horas grandés soccorros de los principes christianos, el Sr. Don Antonio dicen que esta ya obdécido de tejo ariba en todos los lugares, y todo el pueblo le desea aqui y he mui temido de los que no temen a Dios, yo estoy indiferente e solo en lo que fuere defender he de estar y seguir lo que fuere derecho e Christandad e honra e cunpleme conservala porque todos los grandes deste reino lo dejaron passar seguiendo parcialidades.

«Villa Real, Castilla, Tentubal e Vergança e otras asi yo solo he quedado nestas Cortes en que afirmo a V. m. que Portugal me deve estar hoy libre, yo lo he defendido mas con mi persona, que las armas como hizo aquel santo Condestable de quien bengo, e lo bispo de la Guardia mi tio y el Sr. don Juan Tello e el Sr. don Manuel lebantaron y sustentaron al Sr. don Antonio, no por parecer-le sino porque no ubo otro modo de defender-nos, confio que se hara con effeito y que hallará V. m. todo quieto, ahora no puedo dicir mas, a essos SS. todos beso las manos; de Setubal y de Junio 27, 1580.»

Nota 70.ª — pag. 126

Camões conservou sempre até o fim da vida as antigas relações de amisade do tempo de seus paes com os Religiosos de S. Domingos, e devia ter tratado o ce-

lebre Fr. Luiz de Granada, o padre Foreiro e outros homens illustres d'esta Ordem. D'estas relações nos dá noticia o seu amigo e commentador Manuel Correia, commentando a oitava 28.ª do canto IV. «Como fica notado atraz, o nosso poeta não diz mal dos Religiosos, antes em suas obras mostra-se-lhes muito afeiçoado, e eu lh'o ouvi muitas vezes. E em tanto é isto assim, que no tempo, que eu com elle tratava, nunca saía do Mosteiro do bemaventurado S. Domingos, e me dizia muitas vezes que não havia mais honrada conversação e amisade, que a d'estes religiosos,» etc.

Nota 71.ª — pag. 126

Esta interessantissima carta, por que n'ella fazia a descripção das parcialidades que se seguiram no reino pela morte do Cardeal Rei, não existe, como me asseverou o sr. Conde de Lavradio, descendente do fidalgo a quem era dirigida. Faria e Sousa em uma nota MS. a esta carta nos dá noticia d'ella por esta fórma:

«Escrebiola D. Francisco de Almeida General en la comarca de Lamego, al tiempo que el Reyno de Portugal se preparava para resistir a la succession de Castella el año 1579. Esto no es mas que un troço della; porque D. Juan d'Almeida quando hizo imprimir el año de 1627 la *Lusiada* del Poeta, haziendo para si uma dedicatoria en nombre del impressor, incluyo en ella este pedaço porque hazia a su preposito, devendo copiarla toda para que todos lo lograssen. Tenia la original de la propria mano del Poeta; i en Madrid le davan por ella una copia de doblones; tan preciosa viene a ser la letra de semejantes hombres!»

Nota 72.ª — pag. 137

A ode VII é apologetica, e em resposta a criticas que se faziam ao Poeta por este seu desvario; talvez á elegia satyrica feita por este mesmo assumpto que começa:

Ao som d'hum biribáo Luis cantava
As queixas que huma gralha repetia,
E da outra banda hum corvo lhe entoava

e acaba

Luis, retrato negro dos amores
Negros seus, aqui jaz, a endurecida
Luiza negra o fez com negras dores
Mudar em negra morte a negra vida.

Nota 73.ª — pag. 143

Arrancando aos arabes a influencia e o monopolio do commercio da Asia, debellando as suas forças e esgotando as suas alfandegas, e em consequencia o seu thesouro, fizemos uma importante diversão ao poder colossal do imperio ottomano, privando-o especialmente de recursos pecuniarios para a guerra; ainda assim que mal não soffreu a christandade, por não terem os principes catholicos seguido o nobre exemplo que lhe davamos!

Para se fazer uma idéa justa de quanto incommodavamos e embaraçavamos o Grão-turco nas suas conquistas com as nossas na India, póde ver-se em Damião de Goes a carta que o Sultão escreveu ao Papa Julio III, e enviou por Fr. Marcos Hispano, Guardião do Mosteiro de Monte Sinai, para que o Papa obrigasse El-Rei D. Manuel a desistir das suas conquistas na Asia. N'esta carta se queixa ao Papa das guerras que lhe movia o Rei de Castella (dos catalães) tomando Granada, captivando muitos mouros e obrigando-os á força a entrarem na religião catholica, e fallando de Portugal, diz: «E o que vos dizemos do Rei dos catalaens, isso mesmo vos dizemos do Rei de Portugal, de quem recebemos outro tamanho dano e ofença, o qual vos peço que façaes que totalmente desista da navegação da India, de que recebemos muito damno, em nossas rendas, etc. muita mingua e quebra de nossa fé, e de tudo vos peço que nos façaes certos segundo vossa intenção, e Deos desporá d'estas cousas em melhor. Escripta aos 22 dias de Se-

tembro.» Acompanhava esta carta a ameaça de destruir o Santo Sepulchro de Jerusalem, e o Mosteiro do Monte Sion, e as Igrejas que estavam debaixo do seu senhorio. O Papa mandou esta mesma carta pelo mesmo emissario Guardião de Monte Sion a El-Rei D. Manuel, pedindo-lhe que lhe dissesse o que responderia. A resposta d'El-Rei D. Manuel foi digna de um rei portuguez, e em substancia era: «Que muito sentia não lhe poder fazer maiores estragos, e que então teria o Turco rasão de se queixar, quando os seus exercitos victoriosos chegassem a Meca, o que esperava com a misericordia de Deus, e de ameaçar com a destruição do Santo Sepulchro de Christo, e que a rasão d'elle se mostrar tão soberbo, era a desunião dos Principes catholicos, os quaes estava na mão de Sua Santidade compor e encaminhar para tão santa empreza, a qual se não teve effeito na vida de seu antecessor o Papa Alexandre, que n'isso muito trabalhou, é porque Deus a guardava para o seu tempo. Que emquanto á resposta Sua Santidade se saberia aconselhar com o Sacro Collegio dos Cardeaes, onde residia tanta prudencia e santidade.» Não eram bravatas as palavras que El-Rei D. Manuel dirigia ao Papa, que elle tinha um Affonso de Albuquerque para desempenhar as suas promessas; e que faria um Affonso de Albuquerque se tivesse os braços desatados para obrar, elle cujo pensamento era arvorar as quinas em Suez, e que até queria fazer servir os rios como agentes aos seus planos estrategicos. Que homens creou esta nossa terra de Portugal!

Nota 74.ª — pag. 143

Os protestantes se oppozeram com a maior vehemencia á guerra contra os turcos; emquanto o Papa Leão X, seguindo o exemplo de seus antecessores, adverte a Europa do perigo que a ameaça, do abysmo em que póde ser sepultada a civilisação com as victorias do mahometismo, dois inimigos tentam contrariar por todos os modos as vistas politicas do Pontifice. O primeiro, Poeta e soldado libertino, Hulric Hultem senta-se no leito de dor onde jazia e pede uma penna, e á oração do legado do Papa, recitada na Dieta do imperio, responde com uma diatribe contra a pessoa de Leão X e familia dos Medicis, concitando o povo a recusar o seu obulo para a Santa Cruzada, isto quando os proprios judeus concorriam com a vintena. Emquanto o Poeta com um estylo de fogo esbraveja do seu leito, sobe ao pulpito o frade apostata, esse Martinho Luthero, para declamar contra a Cruzada da civilisação, que em nome da Religião se intentava armar contra as trevas da ignorancia. Ouçâmo-lo:

«Não, não (exclama o frade saxonio) não ouçaes a voz de Leão X... Eu Martin me dirijo a vós, meus caros irmãos em Christo; eu vos conjuro para orar pelos nossos pobres Principes allemães; não nos alistemos por caso algum n'esta cruzada contra o turco, e não demos a mais pequena moeda ao Papa. Antes mil vezes o turco ou o tartaro do que a Missa! Sim, digo-vos em voz bem alta e intelligivel, não sei que differença existe em fazer a guerra a um turco ou a um christão...

«De maneira alguma a guerra contra o turco, meus caros amigos. O turco povoou o céu de bemaventurados, e o Papa o inferno de christãos. Os claustros, as universidades do reino do Papa, são mil vezes peiores que o turco! Quereis fazer a guerra ao turco? embora, mas começae pelo Papado: sim, aqui vo-lo juro, se o turco se lembrasse de tomar a estrada de Roma, seguro-vos que não chorava.

....

Fazer guerra aos turcos é fazer guerra a Deus.

«Nunca olhei Mahomet como o Ante-Christo; não direi o mesmo do Papa: é elle, é elle que é o Ante-Christo.

«Quem tem ouvidos ouça-me: de maneira alguma se aliste contra os turcos emquanto existir um Papa debaixo da abobada celeste!»

Assim trovejava do pulpito, d'onde n'outro tempo mais de uma vez havia invocado o Espirito Santo, agora inspirado do espirito satanico, o frade renegado; persuadimo-nos que a mudança de dominio lhe seria indifferente, e talvez com a mesma facilidade com que havia largado o habito de frade, infiaria na cabeça o barrete turco. Comtudo os desejos que proclamava iam-se cumprindo; poucos

annos depois a Hungria é invadida, Rhodes cáe, Vienna cercada, as Costas da Italia invadidas e saqueadas, lá estão em caminho para Roma, ei-los na foz do Tibre, mas antes *o turco do que a Missa,* antes a barbaridade e a ignorancia do que a civilisação. Terrivel cegueira, ou antes implacavel inveja, que se explica em ver o successor de S. Pedro completar a empreza a mais sublime, e com o seu complemento roubar á reforma a sua importancia que se devia despedaçar na presença de um facto que dava ao Pontifice tanto credito, quanto era o interesse politico que d'ali resultava á communidade dos povos e ao progresso da civilisação.

Nota 75.ª—pag. 144

A quéda de Constantinopla daria em resultado a conquista facil das possessões mauritanas na costa da Barberia; a malograda empreza de Carlos V, intentada para conquistar Argel, tão impoliticamente emprehendida, e que deu em resultado a perda da Hungria, não teria tido logar, se as apparatosas forças dispersadas pela tempestade e empregadas para esta expedição houveram sido melhor empregadas em soccorrer o Archi-duque seu irmão; era no coração e não nas pernas que o imperio ottomano devia ser atacado, porque ferido parcialmente, só poderia dar em resultado afrouxar a marcha rapida dos seus triumphos, quando de outro modo tudo o mais seria consequencia. Emquanto a nós os portuguezes, senhores de oito praças na Africa, que nos abriam as portas para a sua conquista, seriamos forçosamente ajudados, como outr'ora, pelos mesmos cruzados, que, tomada a séde do imperio ottomano, viriam gostosos debaixo das nossas bandeiras e do commando dos nossos Principes e ousados Capitães, terminar o aniquilamento dos sectarios do Koran, os quaes sem apoio, mais tarde ou mais cedo, abririam os olhos á verdadeira luz do Evangelho. É inutil demonstrar as conveniencias de ter entrado a civilisação ha tres seculos na Africa.

Nota 76.ª—pag. 144

Todos sabem que no Concilio de Florença (1439) onde se reuniram o Imperador João Paleologo e os Prelados gregos, se discutiram entre os ditos prelados e os latinos os pontos theologicos que desuniam as duas Igrejas, e que removidos estes obstaculos, depois de assignadas as actas do Concilio pelo Papa, Cardeaes e outros Prelados latinos, e pelo Imperador João Paleologo e os Prelados gregos, todos beijaram a mão do Papa e abraçaram-se mutuamente uns aos outros, em signal de concordia e como um testemunho de boa intelligencia que d'ali em diante passava a reinar entre as duas Igrejas. Desgraçadamente um energumeno que em Constantinopla gosava de grande reputação, e era reputado como o primeiro defensor da Religião, Marcos de Epheso, e que no Concilio fôra o unico que recusára assentir á união, pôde tanto com os seus discursos sediciosos, que provocou um scisma declarado com os que persistiam na união. Isto junto á frouxidão do Imperador João Paleologo que teve a condescendencia de consentir em uma disputa entre este mesmo Marcos de Epheso e o sabio theologo dominicano Bartholomeu de Florença, fallecendo em consequencia de se haver exaltado muito na argumentação este declarado inimigo da união, deu em resultado a reincidencia do scisma, e quatro annos depois do Concilio (1443) a publicação de uma carta synodal dos Patriarchas de Alexandria, Antiochia e Jerusalem, pela qual pronunciavam sentença de deposição contra aquelles que fossem ordenados por Metrophanes, successor de José em Constantinopla, e apegados com elle ao scisma: a estas causas se deve ajuntar a pouca esperança que os gregos concebiam do auxilio dos latinos, e ao condemnavel indifferentismo dos Principes Catholicos em auxiliarem os seus irmãos em crença, fechando os ouvidos ás clamorosas vozes que do alto do Vaticano os chamavam a salvarem a civilisação que começava a ser ameaçada com a perda da segunda Roma. Mais tarde, no anno de 1451, o Imperador Constantino, ameaçado por Mahomet II, envia embaixadores ao Papa pedindo-lhe soccorros e um legado para trabalhar efficazmente na reducção dos scismaticos; o Papa não foi surdo ás vozes do Imperador e enviou-lhe o Car-

deal Isidro Grego e Arcebispo de Kiovia na Russia, que apparentemente foi feliz nas suas négociações; os gregos aceitaram o decreto da união, mas estavam traiçoeiramente tratando com os hussistas da Bohemia, e no anno seguinte revoltam-se abertamente contra a união, instigados pelo frade Genadius, digno successor de Marcos de Epheso, pelo odio que professava pela Igreja Romana, tomando parte mui pronunciada na revolta as religiosas e beatas, que estavam debaixo da sua direcção, proclamando estas anathema contra aquelles que tinham approvado a união ou a approvassem de futuro. Coitados! tinha-lhes Deus cegado a vista; um anno depois eram victimas da insolencia do soldado musulmano; e o frade energumeno talvez tivesse trocado o capuz do frade pelo barrete turco: um anno depois o imperio grego cessava de existir!

Nota 77.ª — pag. 145

Não se julgue que a minha politica era adversa á alliança ingleza, pelo contrario, estou que a alliança franca e leal, baseada sobre mutuos interesses commerciaes e de nacionalidade, seria proficua aos dois paizes, mas nunca a tutelagem pesada e imperiosa de uma nação, impondo a lei ao seu alliado que acabava de derramar o seu sangue tão generosa e lealmente ao lado dos seus exercitos em uma causa commum. Era principalmente depois da paz que esta alliança se deveria ter formado sobre bases solidas e não mesquinhas; n'esta epocha que podéra ser de uma verdadeira resurreição nacional para Portugal, o que se podéra ter feito, se o Rei que presidia aos seus destinos tivesse conselheiros em cujo peito batesse com mais violencia o amor da patria. Portugal com uma divida insignificantissima, com um exercito aguerrido, uma marinha n'aquelle tempo importante, um ancoradouro como o Tejo, com colonias nas differentes partes do globo, incluindo o Brazil, que posição podia tomar no mundo politico se tivera um governo illustrado, principalmente se a Inglaterra se prestasse, como devia mesmo pelo seu interesse, a apoiar o desenvolvimento da politica do gabinete portuguez. Mas dado o caso negativo, isto é, que a Inglaterra seguisse a falsa politica que depois seguiu de nos enfraquecer, apoiando a desmembração da monarchia portugueza, e semeando entre nós a discordia civil; contra tudo isto nos poderamos ter prevenido, mostrando mais vontade e decisão, por que tivessem a certeza que até á quéda dos Bourbons nunca a Inglaterra queimaria uma escorva contra nós; todos viram o ciume pela expedição do Duque de Angouleme, a contramina á sua influencia n'esta Côrte, intentada em 1823 pelo Embaixador francez, mas mais que tudo os devia preoccupar a alliança continental que se preparava nos ultimos tempos de Carlos X; e assim podiamos estar seguros, porque o *ponto de apoio* para a alavanca podia novamente ser necessario. É verdade que somos tributarios á Inglaterra em perto de cinco milhões annuaes; mas que é isto para a Inglaterra? é nada em comparação da alliança segura e leal de uma nação com colonias nos mesmos pontos do globo, onde simultaneamente se podiam auxiliar e repartir os lucros de um vantajoso commercio. A mesma influencia na Asia, que conservâmos pelo echo do nosso antigo nome e pelo Padroado, poderia ter servido, temperando a Inglaterra ao mesmo tempo o rigor do mando para resignar ao seu imperio os colonos que hoje vimos insurgidos. Estou certo que esta politica leal teria sido seguida, se fossem ouvidos aquelles inglezes que comnosco misturaram o seu sangue, viveram entre nós, nos apertaram lealmente a mão, os quaes, sem perderem a condição de inglezes, por assim dizer se tornavam meios portuguezes, a quem podemos chamar anglo-lusos. Alem dos principaes Cabos que nos levaram á victoria, a memoria se apraz em consignar mais de um: os nomes de Archbald Campbel, Sir John Wilson, um Durban, Sir John Campbel, um Ricardo Amstrong e outros sempre serão caros aos seus amigos verdadeiros. Assim se algum dia precisasse do seu alliado, o que encontrava? o aniquilamento, os odios de uma grande parte de seus habitantes, ou pelo menos o burro da fabula; o mais perfeito indifferentismo, mas nem isso, um cadaver, e um cadaver não peleja.

Quando fallo do poder da Inglaterra, quero dizer que, senhora dos mares e

pela sua posição geographica, está sempre no caso de aggredir sem ser aggredida; e como para sustentar a sua posição commercial e o senhorio dos mares, lhe é necessario recorrer a meios artificiaes, não póde deixar de ser pesada ao resto do mundo, que muitas vezes, pelo instincto da sua conservação e opulencia, se vê obrigada a revolver.

Nota 78.ª — pag. 145

A Russia com a existencia do Imperio grego, da Polonia e Hungria nunca podia dar o menor susto á Europa, e seria obrigada a lançar-se na Asia. Pela sua adherencia á união da Igreja latina mais cedo lhe entraria a civilisação. Em materia religiosa os russos estavam no costume de seguir os exemplos dos gregos de Constantinopla; o metropolitano da Russia, o Arcebispo de Kiovia Isidoro, tinha estado conjuntamente com os Prelados gregos no Concilio de Florença. Os soberanos da Russia por mais de uma vez mostraram, por vistas politicas, querer abandonar o scisma, prestando obediencia á Igreja latina.

Nota 79.ª — pag. 149

Por muito tempo se viu uma casa em ruinas junto á Ermida do Senhor da Salvação e Paz, que está pegada á casa das Commendadeiras da Encarnação, que tinha o numero de policia de 52 a 54, e com uma das frentes para o beco de S. Luiz, cuja casa era foreira a D. Aleixo de Menezes, e foi ultimamente reedificada; este predio, pela descripção da biographia do padre Fr. Francisco de Santo Agostinho, parece ter sido a habitação do nosso Poeta.

Nota 80.ª — pag. 150

Este fidalgo, que era sobrinho do celebre Martim Gonçalves da Camara, tem sido censurado pelas instancias que fazia ao nosso Poeta pela traducção que lhe tinha encomendado dos Psalmos penitenciaes; mas estas mesmas instancias provam o apreço que fazia d'elle, ao qual sem duvida não deixaria de gratificar, e estamos persuadidos que não seria surdo á exposição que o mesmo lhe fazia das suas difficeis circumstancias pecuniarias. André Falcão de Resende amigo do nosso Poeta, em um dos seus sonetos nos descreve este fidalgo como mancebo gentil, douto e dado ás Musas e ás armas, liberal e favorecedor dos necessitados:

Ornado de virtudes infinitas,
  Nobreza e sangue e liberalidade,
  Com tanta temperança as exercitas,
Que em todas resplandece a humildade,
  Com que animas ao pobre e ao rico incitas
  A seguir o caminho da verdade.

Nota 81.ª — pag. 150

Foi filho D. Gonçalo Coutinho de D. Gastão Coutinho e D. Filippa de Sousa; foi Commendador das Commendas de Vaqueiros e Santa Luzia de Trancoso, da Ordem de Christo. Era grande amigo do nosso Poeta, que dizem que muitas vezes tinha por hospede na sua quinta de Vaqueiros. A amisade d'este fidalgo a Luiz de Camões, consta do verso de Fr. Luiz de Sousa:

Ac velut Orphæo revocasti munere amicum.

Militou em Africa, foi Governador do Reino do Algarve, e do Conselho d'Estado de Filippe III. Escreveu varias obras em prosa e verso, e entre estas a vida de Francisco de Sá de Miranda, que saíu na edição de 1614. A collecção das suas poesias se conservava na livraria do Duque de Lafões, como affirma Diogo Barbosa Machado na sua *Bibliotheca Lusitana*.

Nota 82.ª pag. 150

No prologo que compoz Pedro de Mariz, e anda no principio dos *Commentarios* (diz o padre Fr. Fernando da Soledade, auctor da *Chronica Serafica*, referindo-se ao epitaphio) feitos pelo Licenceado Manuel Correia aos *Lusiadas* d'este famoso poeta, se acrescentam ao sobredito estas palavras: «*Viveo pobre e miseravelmente e assim morreo*. O mesmo achámos em a ultima impressão das suas obras que saiu á luz no anno de 1702, e taes clausulas não apparecem na pedra da sepultura,» etc.

Nota 83.ª — pag. 151

Tem por titulo este MS.: *Livro de Diogo de Mouro de Sousa, o qual elle escreveu de suas curiosidades, de muitas e diversas poesias de differentes sujeitos, e de alguns epitaphios de differentes sepulturas dignos de se notarem; e de outros muito applaudidos os quaes vão misturados, importa a quem quer que passar o não communique, porque vão n'elle cousas que importam reputação alheia, feito no anno de* 1638. N'este MS. o local da sepultura é descripto por esta fórma: «Á entrada da porta principal de Sant'Anna, á mão esquerda, está a sepultura do famoso poeta Luis de Camoens, a qual mandou fazer D. Gonçalo Coutinho, na qual estão postos estes epitafios,» etc.

Nota 84.ª — pag. 154

Eis o que diz este auctor no seu *Ensaio biographico-critico sobre os melhores Poetas portuguezes*, tomo III, livro IV, capitulo III.

«Já em outra parte dei a rasão d'esta falta procurando destruir esta prova negativa, referindo o que muitas vezes ouvi dizer a José Agostinho de Macedo, testemunha insuspeita de que pretendesse accudir pela gloria de Camões, de quem era detractor figadal; e é que fazendo-se, a pedido de alguns estrangeiros, no Convento de Sant'Anna, exactas pesquizas para descobrir a sepultura do Poeta, depois de muitos trabalhos e diligencias baldadas, de modo que estavam já perdidas todas as esperanças de bom exito, disse uma freira velha que tendo algumas vezes espreitado por uma fenda do altar, que estava junto á grade do côro de baixo, lhe parecêra ter ali visto uma lapida sepulchral.

«Tirado o altar achou-se com effeito uma sepultura que não podia ser senão a do Poeta, pois ainda se conservava a inscripção, que lhe mandára pôr D. Gonçalo Coutinho, e os versos latinos que andam impressos nas suas obras: porém a lapida estava toda quebrada e fendida, sem duvida com a quéda das abobadas na occasião do terremoto. Para abrir a sepultura foi a lapida tirada a pedaços, e para a tapar substituida por outra; mas aqui mesmo se mostra a pouca attenção que entre nós se dá a estes objectos, pois nem a nova campa se fez igual á primeira, nem ao menos se lembrou ninguem de gravar na nova alguma inscripção, que informasse á posteridade do motivo por que ali faltava o epitaphio.»

Pelo conhecimento que temos do local podemos assegurar que esta noticia não tem fundamento algum, porque tal altar não existe n'aquelle sitio, porém sómente os que estão encostados ás paredes lateraes do côro.

Nota 85.ª — pag. 155

A reedificação d'este Mosteiro esteve muito tempo suspensa por ordem do Marquez de Pombal que intentou reuni-las com as religiosas da Esperança, durando esta crise até o anno de 1771 em que se nomeou abbadessa, e foi só depois do anno de 1778 que se começaram as obras, reinando já a Sr.ª D. Maria I; assim, se no anno de 1818, em que houve o pensamento de se fazer a trasladação dos ossos do nosso Poeta, se tivesse começado pelo essencial que era fazer indagações no proprio local, teriam encontrado não só freiras do tempo do terremoto, mas muitos officiaes que tivessem trabalhado nas ditas obras que podessem informar com exactidão do estado anterior da sepultura.

Nota 86.ª -- pag. 156

D. Constantino de Bragança foi nomeado por El-Rei D. Sebastião para fazer o recebimento do Cardeal Alexandrino, sobrinho do Papa, quando veiu a Portugal no anno de 1572; o Cardeal pertencêra á Ordem de S. Domingos.

Por D. Constantino, a quem o Poeta era muito aceito, ou pelos padres de S. Domingos da intimidade do Poeta, seria sem duvida apresentado ao Cardeal, principalmente no momento em que publicava o seu Poema, e era o Poeta um dos brazões de maior gloria nacional que se podia apresentar com ufania a um estrangeiro.

Nota 87.ª — pag. 156

Esta noticia vem narrada na Academia dos Singulares de Lisboa por esta fórma: «Por essas reliquias, cinzas ou ossos que temos em Sant'Anna, davam os venezianos ao Senado de Lisboa vinte e quatro mil crusados para ajuntarem ao seu este maior thesouro. Mas elles como divinos não fizeram caso de bens caducos.» Academia dos Singulares de Lisboa. Academia nona: em 23 de Dezembro de 1663 Tomo I, pag. 142 (edição de 1692).

Nota 88.ª — pag. 156

Não póde duvidar-se que a elegia de Fernando Herrera, que termina:

El rico Tejo vuestro conocido
Será por vos, adonde riega el Indo
I el collado de Cintra, esclarecido
Com tal onra, será otro nuevo Pindo.

a qual parece uma resposta a versos de Camões, em que se queixava dos seus infortunios, é dirigida ao nosso Poeta; a comparação que faz com Homero, Virgilio, Petrarcha e Garcilasso, só póde dar-se ao poeta que em outra occasião chamou *Divino:* de mais não consta que o Poeta hespanhol elogiasse outro portuguez; parece ser escripta proxima á partida de Camões para a India, porque se refere a esta parte das possessões portuguezas como theatro da sua fama. Vejam-se algumas obras de Fernando Herrera, etc. Sevilha em casa de André Piscioni. Anno 1582.

Será a esta elegia que o Poeta allude n'aquelle seu verso

O Bethys me oiça, etc.

pois parece-me que não póde referir-se á traducção de Bento Caldeira, que saiu no anno da sua morte, embora o Poeta tivesse conhecimento d'ella; pois a poesia onde se encontra este verso do nosso Poeta foi escripta antes da sua partida para a India e em vida da amante.

Nota 89.ª — pag. 157

Allude-se a esta correspondencia na Biographia de Vilhegas que acompanha a edição das obras do nosso Poeta de 1632. Nas obras impressas do auctor hespanhol não encontrámos cousa alguma relativa a Camões; fizemos indagar em Madrid se existiriam algumas obras manuscriptas do Conde, mas não se encontraram. A noticia da interessante carta onde o Tasso se dirigia ao nosso Poeta a devemos ao escriptor portuguez, nosso contemporaneo, Pato Moniz, tão celebre pelas suas polemicas com o padre José Agostinho de Macedo.

Nota 90.ª — pag. 158

Representava-se uma farça com este titulo: *Arlequin Defenseur d'Homere.* N'esta farça tirava com todo o respeito a Iliada de uma caixa, pegava pela barba

aos actores e actrizes, e fazia-lh'a beijar em reparação de todas as injurias vomitadas contra Homero. Appareceu tambem uma estampa, na qual se via um burro roendo a Iliada, e por baixo este verso satyrico contra a traducção de La Mothe que tinha refundido a Iliada em doze cantos:

Douze livres mangés et douze estropiés, etc.

Nota 91.ª — pag. 158

O resentimento que a Academia da Crusca nutriu contra o Tasso, por causa de uma memoria que appareceu na edição das suas obras, na qual o Poeta, por bôca de seu pae, fazia dizer cousas injuriosas contra os florentinos, rompeu de uma maneira tempestuosa na injusta critica contra o seu Poema: todavia quando o Tasso, depois de resgatada a sua liberdade, foi attrahido a Florença pelo Grão Duque Fernando, empregando para isso mesmo a auctoridade do Papa; pôr occasião d'esta jornada os Academicos da Crusca para repararem a injustiça que lhe haviam feito, lhe fizeram tão grandes honras e o exaltaram com tantos louvores, quanto n'outro tempo o tinham insultado com vituperios. Entre as muitas criticas que appareceram no momento da publicação da Gerusalemme, publicadas pelos apaixonados do Ariosto, torna-se notavel a do celebre Galiléo, que saiu á luz (posthuma) no anno de 1793 com este titulo: *Considerazioni al Tasso de Galileo Galilei*, etc. Venetia, 1793, in-12.º Ao mesmo tempo que estes fogosos partidarios do Ariosto derramavam tanto fel nas suas diatribes e criticas contra o pobre Tasso, era elle o primeiro admirador do Poeta de Ferrara, como com as expressões mais modestas elle se expressava em uma carta dirigida ao sobrinho do mesmo Ariosto, Horacio Ariosto, recusando a corôa com que este o queria coroar como primeiro Poeta da Italia, em prejuizo da fama de seu tio, corôa que tão bem assentava sobre a cabeça do Homero de Ferrara, e que jamais se lembrou de despojar das suas folhas e flores, não obstante confessar que o desejo de ganhar uma que se approximasse, ou que ao menos conservasse por muito tempo a sua verdura, sem receiar os gelos da morte, lhe houvera feito passar muitas vigilias.

Nota 92.ª — pag. 158

Milton teve criticos ao seu Poema, entre os quaes se distinguiu Guilherme Lauder, que pretendeu mostrar que elle era um composto de plagiatos. Os ultimos dias de Milton foram passados em indigencia, ao ponto de não ter para pagar a um copista que copiasse o seu Poema, o qual foi copiado por amigos que alternadamente se prestaram a este serviço. Quando saiu pela primeira vez á luz, não lhe deram o menor apreço, e foi só então que os seus compatriotas o souberam avaliar, quando Lord Somers e o Bispo de Rochester, pela nitida edição que publicaram do seu Poema, e o celebre Adisson pela interessante Dissertação sobre o dito, lhes fizeram ver que a Inglaterra possuia um dos mais bellos Poemas Epicos.

Nota 93.ª — pag. 159

Quando saiu o Cid de Corneille o accusaram de plagiario, e o celebre Cardeal de Richelieu capitaneava esta vergonhosa caballa. Corneille respondeu como se deve sempre responder a estes zangãos da republica das lettras, com o Pompeu, Horacio, Cinna e Polyeucte.

Nota 94.ª — pag. 159

Faria e Sousa diz que Sá de Miranda mofava do Poeta com palavras e *acções*; não sei onde o Commentador achou esta noticia. Sá de Miranda, lisonjeado por todos os poetas do seu tempo, devia-lhe necessariamente custar descer do alto logar onde o tinham enthronisado, para ceder o passo a um poeta mancebo, que eclypsava os seus contemporaneos, e o mesmo devia acontecer aos outros poetas: porém nas obras de Sá de Miranda, é forçoso confessar, não se encontra refe-

rencia alguma hostil ao nosso Poeta, o que me parece que não aconteceu nas dos outros seus collegas.

Bernardes é verdade que escreveu o soneto que começa:

Quem louvará a Camões que elle não seja, etc.

mas pelo primeiro verso d'este mesmo soneto parece que elle foi convidado a escreve-lo, provavelmente por D. Gonçalo Coutinho, pois no mesmo soneto é elogiado este fidalgo. A opinião ou antes a accusação que se fazia ao poeta do Lima de usurpar algumas poesias ao nosso Poeta, não o devia tornar muito seu amigo; nas oitavas a Santa Ursula, no soneto dedicado á Infanta D. Maria, se compara com Virgilio a quem furtaram os versos, dizendo que lhe roubára um vil engano a honra de fazer estas oitavas, e se roubadas e mal limadas foram tão aceitas, agora melhoradas mereçam a protecção de tão alta Princeza. É notavel que este soneto, sendo escripto no anno de 1594, não appareça em nenhuma collecção das suas poesias. A rivalidade que pretendem havia entre os dois poetas pela preferencia que se fez d'este, com prejuizo de Camões, para acompanhar El-Rei D. Sebastião á Africa, não tem logar como já mostrámos; mesmo a nomeação de Bernardes para pagem da toalha, foi muito anterior á expedição. Ha comtudo quem queira que os dois poetas eram amigos, e que o do Lima quizera ser enterrado ou o enterraram junto ao seu amigo Luiz de Camões, e o fôra no anno de 1596, em que pretendem fallecêra; se o foi, não foi certamente n'este anno, porque ainda era vivo, como mostraremos na sua Biographia, e a verdade é que o seu nome não apparece nos livros de obitos da freguezia da Pena que percorremos.

É desagradavel confessar, porém não podemos deixar de o fazer, que encontrámos nas obras d'este Poeta referencias a Camões pouco lisonjeiras e repassadas de pouca affeição. Na Carta IV escripta a D. João de Castello-branco, estando fronteiro em Ceuta, ha uma carapuça adrede talhada para Camões:

Trate quem mais quizer feitos alheios.
Diga mal, diga bem, falle á vontade.
Use palavras novas, novos meios.
Não cure de razão, nem de verdade
Em tudo contentando a vulgar gente,
Enchendo peitos vãos de vaidade.
Ey-lo Poeta logo, ey-lo excellente,
Idolo do pequeno e mais do grande,
Sofrei se chamo grande a quem mal sente.

Na carta VIII, escripta a Pero de Lemos, em que propõe ao dito que cante os engenhos poeticos mais illustres das Musas portuguezas, o nome de Camões não é nomeado. Esta carta devia ser escripta entre o anno de 1558, em que falleceu Sá de Miranda, a cuja morte se allude n'esta composição, e antes de 1569 em que falleceu Ferreira de quem se faz menção. Os Poetas que se nomeiam n'esta carta são: Sá de Menezes, Ferreira, Castilho, os dois Andrades (Pedro e Francisco), Silva, Silveira (Miguel da) e D. Manuel de Portugal, e entre todos estes *lumes das letras portuguezas,* não coube um pequeno cantinho para aquelle, que apesar de não ter ainda publicado o seu immortal Poema epico, já era o rival de Petrarcha na poesia lyrica; muito póde a inveja!

Na carta XXVII ao Conde de Monsanto, em que faz menção dos principaes auctores antigos e italianos, Petrarcha, Sanasaro e Torquato Tasso, preferiu não fazer menção dos Poetas nacionaes, por conhecer que seria cousa reprehensivel, escrevendo esta carta depois do anno de 1581 e da publicação dos *Lusiadas,* o omittir o nome de Camões.

Dos nossos deixo alguns dignos de gloria, etc.

Na carta XXX dirigida a Gaspar de Sousa, sobrinho do celebre D. Christovão

de Moura, promette fazer um Cancioneiro dos poetas portuguezes mais insignes: era curioso ver se excluia o nosso Poeta.

Passemos agora a Ferreira; na egloga III, cujo theatro é Coimbra, louva elle um novo poeta, cujos versos são lidos por Sá de Miranda, e deprime outro que, pela descripção, é o mesmo a quem se refere Bernardes, e que todos louvavam.

Pastores' coroay, que vai crescendo,
Este novo poeta de hera e flores,
E Magalio de inveja estê morrendo
Que a todos para si rouba os louvores.

Será este Magalio o nosso Camões? Esta egloga é escripta antes do anno de 1557. Vide a carta VIII a Pedro de Andrade.

Nota 95.ª—pag. 160

São nem mais nem menos uma novena de epigrammas desde 140 até 148 inclusivè. Ou eu me engano muito, ou estes epigrammas têem allusão a versos de Camões, por exemplo o epigramma 145:

Dizes que o bom Poeta hade ter furia, etc.

Não terá isto relação com estes versos de Camões:

Dai-me huma furia grande e sonorosa, etc.

Que na doudice só consiste o siso, etc.

Epigramma 141:

De não serem teus versos caballinos
E parecerem versos de cavallo.

Não terá isto alguma analogia com este verso de Camões:

Posso escusar a fonte caballina, etc.

As outras arguições são nem mais nem menos, de não saber a medida do verso, não se sujeitar ás leis dos outros Poetas, emfim não lhe concede que seja, nem Poeta, nem douto, e o que é mais, nem *mancebo*. Tal era a censura severa que o archi-poeta Pedro de Andrade Caminha fazia ao poetastro Luiz de Camões. A pouca affeição de Caminha pelo Poeta póde explicar-se com alguma probabilidade; elle era creado da casa do Infante D. Duarte, de quem era muito valido, e onde exercia o logar de Mordomo mór D. Antonio de Lima, pae de D. Catharina de Athaide; a amisade para com este faria com que elle partilhasse o resentimento do pae da dama. Estas relações existiam, e elle fez o epitaphio d'esta senhora, que é um dos seus mais felizes, e no qual ha a singularidade da analogia de um verso de um soneto de Camões ao mesmo assumpto:

De cuja vista a terra foi indina.
Caminha, epitaphio.

Mas o mundo não era digno della.
Camões, soneto 284.

Nota 96.ª—pag. 160

É evidente que existia uma caballa contra o Poeta; alem do silencio dos poetas contemporaneos, alguns escreveram expressamente criticas, como foi D. Francisco Rolim, Senhor da Azambuja, Manuel do Valle de Moura e outros. D'estes criticos nos dá noticia Fernão Alvares do Oriente na Prosa x da *Lusitania Trans-*

formada, por esta fórma? «Muitas estatuas estavam pelas columnas do templo alevantadas, mas consumidas de maneira que quasi se não deixavam conhecer, nem ainda ler os letreiros que declaravam cujas fossem. Mas entre todas a estatua do Principe da nossa idade, que cantou a larga navegação dos Lusitanos, a qual se devisava das outras com este letreiro: *Principe dos Poetas*, titulo que d'aqui parece trasladou á sua sepultura um peito illustre e generoso; estava só com toda a sua perfeição com que seu esculptor ali a posera de principio; comquanto um esquadrão de Bavios e Zoilos, que lhes ficavam aos pés, com muitos tiros pretendiam damnifica-la.» Fernão Alvares do Oriente era amigo do Poeta e seu camarada nas expedições militares. Diogo do Couto repetidas vezes faz menção d'elle nas suas Decadas, de uma maneira sempre honrosa.

Da sua amisade e admiração por Camões apparecem muitos logares na obra do poeta do Oriente:

Ao Tejo em quanto teve o brando Almeno,
No que claro parece que Sireno
E o *meu amado* Almeno já morrerão
Com quem os tempos erão diversos, etc.

Os Lusiadas lia ou os Eneidas, etc.

Desta mudança de que já cantarão
Frondelio la no Tejo Umbrano outr'ora
Quando de seu Thionio celebrarão
Exequias que ainda entoa o echo agora, etc.

Nunca despresará por certo a rima
Quem vê quanto enriquece *Almeno* o Tejo,
Lusitano o Mondego, Alcino o Lima.

Glosou alem d'isto algumas composições do Poeta, e o imitou de tal arte que mostrava bem que desejava que apparecesse saliente a imitação.

ERRATAS

PAG.	LIN.	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
89	3.ª	....	(Nota 47.ª)
146	20.ª	Os miseros	Ó miseros.
148	10.ª	1790	1793
192	2.ª	Turrano	Turricano.
267	16.ª	Idem	Idem.
269	1.ª	Tortes	Fortes.

Esta edição de obras de Camões constará de cinco a sete volumes conforme der o texto. Preço 1$440 réis o volume, por assignatura, pagos á entrega, e 1$600 réis avulso.

Assigna-se em Lisboa nas lojas dos srs. João Paulo Martins Lavado, rua Augusta n.º 8, Livraria Central de José Melchiades & Companhia, rua do Oiro n.º 155.—Coimbra, José de Mesquita.—Porto, Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho.—Paris, Rey et Belhate, Quai des Augustins n.º 45, N. Moré, 2 bis, rue d'Arcole.

Vende-se nas lojas acima mencionadas, nas dos commissarios da Imprensa Nacional, na dos srs. Bertrands aos Martyres n.º 73, e nas mais do costume.

Está no prelo o 2.º volume.

OBRA DO MESMO AUCTOR

Cintra Pinturesca ou Memoria Descriptiva da Villa de Cintra, Collares e seus arredores

Vende-se nas mesmas lojas.